



Joaquim Filipe Peres de Castro

O contexto da aculturação português através do modelo de Rudmin: do encontro
intercultural com o Japão até ao Luso-Tropicalismo

Vol. I

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2014



Joaquim Filipe Peres de Castro

O contexto da aculturação português através do modelo de Rudmin: do encontro
intercultural com o Japão até ao Luso-Tropicalismo

Vol. I

Universidade Fernando Pessoa
Porto, 2014



© 2014
Joaquim Filipe Peres de Castro
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Joaquim Filipe Peres de Castro

O contexto da aculturação português através do modelo de Rudmin: do encontro
intercultural com o Japão até ao Luso-Tropicalismo

Vol. I

Mestre Joaquim Filipe Peres de Castro

Tese apresentada à Universidade Fernando
Pessoa como parte dos requisitos para
obtenção do grau de Doutor em Ciências
Sociais, sob a orientação do Prof. Doutor
Milton Madeira e do Prof. Doutor Floyd
Webster Rudmin.

Resumo

JOAQUIM FILIPE PERES DE CASTRO: O contexto da aculturação português através do modelo de Rudmin: do encontro intercultural com o Japão até ao Luso-Tropicalismo (Sob orientação do Prof. Dr. Milton Madeira e do Prof. Dr. Rudmin Floyd)

A investigação propôs dois objetivos: explorar e contextualizar a cultura portuguesa da aculturação e deslocar a abordagem da aculturação para a aprendizagem recíproca, tendo em conta o modelo de Rudmin (2009). Aplicou-se o método misto: análise de conteúdo, trabalho quantitativo e etnográfico, mediante uma análise diacrónica e sincrónica, através de fontes primárias e secundárias. A análise de conteúdo às obras de Fernão Mendes Pinto e de Luís de Fróis demonstrou que o discurso histórico português acerca da aculturação reporta aprendizagem recíproca, sendo diferente da cultura anglo-saxónica. Porém, este discurso é também caracterizado pelas relações assimétricas, sendo contradito pela e/imigração portuguesas. Portanto, a tentativa de contextualizar a cultura portuguesa da aculturação foi alargada aos referidos fenómenos. Tornou-se ainda necessário verificar qual a reação da maioria portuguesa às suas mudanças culturais, tendo ainda em conta as apreensões dos emigrantes portugueses e dos imigrantes cabo-verdianos, usando-se três amostras distintas (maioria portuguesa, imigrantes cabo-verdianos e emigrantes portugueses). Assim dispondo, a cultura portuguesa da aculturação foi definida como funcionando através de duas avaliações, simultâneas, uma “ideal”, a qual corresponde ao modelo de fusão e ao luso-tropicalismo, tal como ocorreu na aculturação jesuítica no Japão do século XVI; e uma outra avaliação, a “real”, correspondendo às apreensões desencadeadas pelas motivações das três amostras. A cultura luso-tropical funciona na cultura portuguesa como uma ideologia consensual, preferindo as misturas culturais próprias do modelo da fusão; no entanto, as atitudes culturais mudam consoante o estatuto social das amostras, tornando-as relativas e seletivas, assistindo-se à existência de diferenças inter/intragrupais, sendo que as culturas interagem de forma diferenciada. A cultura portuguesa da aculturação é distinta da anglo-saxónica, levantando a problemática da falta de equivalência e apontando para a necessidade de se contextualizar as investigações provenientes da cultura anglo-saxónica mediante as decisões de utilidade, o *background* português e a evolução do construto da aculturação. Investigações posteriores deverão abordar a aculturação como um fenómeno interativo e dinâmico, no qual a aprendizagem recíproca é regulada pelas motivações aculturativas; sugeriu-se assim o conceito de *saudade*, pois este permite verificar as misturas culturais e a manutenção cultural, em simultâneo.

Palavras-Chave: Aculturação, luso-tropicalismo, modelo de fusão, modelo de Rudmin, aprendizagem, e/imigração.

Abstract

JOAQUIM FILIPE PERES DE CASTRO: The Portuguese acculturative context through the Rudmin Model: From the Japanese encounter towards Luso-Tropicalism (Under the orientation of Prof. Dr. Milton Madeira and Prof. Dr. Rudmin Floyd)

The research proposed two goals: to explore and contextualize the Portuguese acculturative culture, and to displace the approach to acculturation as a reciprocal learning phenomenon, according to the Rudmin Model (2009). It applied the mixed method employing content analysis, quantitative, and ethnographic approaches through a diachronic and synchronic analysis, and employed primary, and secondary sources. The content analysis applied in the Fernão Mendes Pinto, and in the Luís de Fróis historical books emphasized that the Portuguese historical speech reported reciprocal learning, being different regarding the Anglo-Saxon culture. However, the historical speech is also characterized by asymmetric relationships, being also in contradiction with the Portuguese e/immigration phenomena. Therefore, the attempt to contextualize the Portuguese acculturative culture was enlarged to both phenomena. It was still necessary to verify what was the Portuguese majority reaction regarding their own cultural changes, taking still in account the Portuguese emigrants, and cape-Verdeans immigrants concerns; thus applying three samples. The Portuguese acculturative culture was characterized as functioning through two simultaneous appraisals; an “ideal” one, which corresponds to the fusion model, and to the Luso-Tropical theory, as it occurred in the Jesuitical acculturation in Japan, during the XVI century. And another appraisal, the “real” one, corresponding to the concerns triggered by the three samples motivations. The Luso-Tropical culture works in the Portuguese culture as a consensus ideology, preferring the cultural mixtures feature from the fusion model. However, the cultural attitudes changed according the samples social status. Therefore, the cultural attitudes are relative, selective, and are displaying inter/intragrupal differences because cultures are interacting in a differentiated way. The Portuguese acculturative culture is different regarding the Anglo-Saxon one, leading the research to the lack of equivalence, and reporting the need to contextualize the researches, which are coming from the Anglo-Saxon culture taking in account the utility decisions, the Portuguese background, and the acculturation construct evolution. Further researches would approach acculturation as an interactive and dynamic phenomenon, in which the reciprocal learning is regulated by the acculturative motivations. It was suggested the *Saudade* as an emic concept because it allows to verify the cultural mixtures, and the cultural maintenance, simultaneously.

Key words: Acculturation, Luso-Tropicalism, Fusion Model, Rudmin Model, Learning, E/Immigration.

JOAQUIM FILIPE PERES DE CASTRO: Le contexte d'acculturation portugais
à travers le modèle de Rudmin: de la rencontre interculturelle avec le Japon jusqu'au
luso-tropicalisme
(Sous la supervision du Prof. Dr. Milton Madeira et du Prof. Dr. Rudmin Floyd)

Résumé

Cette recherche a deux objectifs: explorer et contextualiser le processus d'acculturation tel qu'il prend place dans la culture portugaise et déplacer cette approche de l'acculturation vers un phénomène d'apprentissage réciproque, selon le modèle de Rudmin (2009). Elle met en pratique la méthode mixte en employant l'analyse de contenu ainsi qu'un travail quantitatif et ethnographique par une analyse diachronique et synchrone et en utilisant des sources primaires et secondaires. L'analyse de contenu appliquée aux livres historiques de Fernão Mendes Pinto et Fróis a souligné que le discours historique rapportait un apprentissage réciproque différent de la culture anglo-saxonne. Cependant, le discours historique est aussi caractérisé par des relations asymétriques qui sont en contradiction avec l'immigration portugaise. Donc, la tentative de contextualiser a été élargie à ces deux phénomènes. Il était toujours nécessaire de vérifier la réaction de la majorité portugaise quant à ses propres changements culturels, en prenant en compte constamment les émigrants portugais et les préoccupations des immigrants du Cap-Vert, donc en utilisant trois échantillons. L'acculturation telle qu'elle se développe dans la culture portugaise a été caractérisée comme fonctionnant à travers deux évaluations simultanées: l'une «idéale» qui correspond au modèle de fusion et à la théorie luso-tropicale; et l'autre «réelle», qui correspond aux inquiétudes déclenchées par les trois échantillons. La culture luso-tropicale fonctionne dans la culture portugaise comme une idéologie, préférant la fonction des mélanges culturels provenant du modèle de fusion. Cependant, les attitudes culturelles ont changé selon les échantillons du statut social, donc, les attitudes culturelles sont relatives, sélectives et montrent des différences inter/intragroupes car les cultures interagissent de manière différenciée. Le processus est différent quant à celui de la culture anglo-saxonne, conduisant les recherches à un manque d'équivalence, et rapportant le besoin de contextualiser celles provenant de la culture anglo-saxonne en prenant en compte les décisions utilitaires, le contexte portugais et l'évolution du concept de l'acculturation. De nouvelles recherches approcheraient l'acculturation comme un phénomène interactif et dynamique dans lequel l'apprentissage réciproque est régulé par des motivations. Il a été suggéré que la *Saudade* était un concept car il permet de vérifier simultanément les mélanges culturels et la maintenance culturelle.

Mots-clés: Acculturation, Luso-Tropicalisme, Modèle de Fusion, Modèle de Rudmin, Apprentissage, E/Immigration.

Agradecimentos:

Os meus agradecimentos dirigem-se para a Nathalie de Oliveira, para a Emmanuelle Lelievre e ainda para a Rosinda Freitas Lopes de Metz. Gostaria também de agradecer o fraterno acolhimento junto da comunidade cabo-verdiana no Porto, especialmente, para a minha amiga e colega Luísa Correia, à Daisy Correia E. Silva, à Iva Costa Almeida, ao Nelson Carvalho e ao Helton Barros. Agradeço ainda a Elizabeth Silva, a Kyungmi Lee, e ao Doutor João Casqueira as suas colaborações. Ao longo da elaboração da tese de doutoramento foram contactados especialistas de diversas áreas científicas. Tendo em conta o pano de fundo histórico da tese, agradeço ao Prof. Doutor Teutónio de Sousa, ao Doutor Manuel Ollé, à Doutora Margaret Sarkissian, à Doutora Irene Pimentel, ao Doutor Antoni Ucerler e ao Doutor Robert Bernasconi. No que diz respeito à emigração portuguesa agradeço os esclarecimentos do Doutor Albano Cordeiro, do Doutor Albertino Gonçalves, da Doutora Dulce Maria Soares Scott e da Doutora Irene do Amaral. No que diz respeito à temática da imigração agradeço ao Doutor Pedro Góis e ainda ao Mestre Manuel Solla. Agradeço aos antropólogos Doutor Miguel Vale de Almeida, Doutor Omar Ribeiro de Thomaz e Doutora Fabienne Wateau. Agradeço também aos psicólogos Doutora Marta Araújo, Doutora Marisol Navas, Doutor René Mokounkolo, Doutor Daniel Geschke, Doutor Hirohisa Takeno, e ainda ao Doutor Walter Lonner e ao Doutor Dan Landis. Agradeço ao meu co-orientador Prof. Doutor Rudmin Floyd os seus ensinamentos, exigência e inovação científica, finalmente, ao meu orientador principal, isto é, ao Prof. Doutor Milton Madeira agradeço os seus pequenos e grandes ensinamentos e o me ter dado uma lição de persistência científica e de vida perante as adversidades.

Índice

Resumo	VI
Abstract	VII
Résumé	VIII
Agradecimentos	IX
Introdução geral	1

I. Enquadramento teórico

1. Razões para se iniciar a investigação e a problemática	13
1.1 A cultura histórica portuguesa	13
1.2 A experiência do doutorando	15
1.3 As influências culturais da globalização	16
1.4 O viés ideológico do modelo multicultural	18
1.5 A aculturação é um processo de aprendizagem	19
1.6 Notas finais	19
2. Apreensões na cultura portuguesa da aculturação	21
2.1 Apreensões na literatura histórica	23
2.2 As contradições face à emigração portuguesa	24
2.3 As contradições face à imigração portuguesa	26
2.4 Notas finais	27
3. Do conceito de cultura até à aculturação	29
3.1 A cultura como seletiva e normativa	29
3.2 A cultura como uma temática relacional	30
3.3 Implicações para a investigação	31
3.4 Alguns modelos e abordagens da aculturação	33
3.4.1 A difusão	33
3.4.2 Modelo da assimilação	34
3.4.2.1 A assimilação e a discriminação	35

3.4.3 Modelo multicultural.....	37
3.4.3.1 Modelo de Berry.....	37
3.4.3.2 Modelo Interativo da Aculturação (MIA)....	46
3.4.3.3 Modelo Alargado da Aculturação Relativa (MAAR).....	49
3.4.4 Modelo de fusão	50
3.4.5 Modelo intercultural	54
3.5 Os modelos da aculturação cruzados pelas dimensões.....	55
 4. Modelo da aculturação em três estádios de Rudmin.....	70
4.1 Motivações aculturativas.....	73
4.1.1 Atitudes culturais.....	73
4.1.2 Decisão de utilidade aculturativa.....	74
4.1.2.1 Escolha aculturativa.....	75
4.1.2.2 As motivações e as intenções aculturativas...	75
4.1.2.3 Fronteiras culturais.....	77
4.1.3 Identidade étnica.....	79
4.1.4 O <i>Distress</i> versus o <i>eustress</i> aculturativos.....	81
4.2 Aprendizagem aculturativa.....	83
4.2.1 Obter informação.....	83
4.2.2 Imitação	84
4.2.3 Instrução	86
4.2.4 <i>Mentoring</i>	86
4.3 As mudanças aculturativas nos indivíduos	87
4.4 Variáveis de controlo.....	88
4.4.1 Discriminação.....	88
4.4.2 Estatuto socioeconómico	90

II. Abordagem metodológica

5. Objetivos gerais e secundários.....	92
--	----

6. Hipóteses.....	95
7. Metateorias.....	100
8. Método misto.....	102
9. Abordagens <i>emic</i> , <i>etic</i> e a Psicologia Indígena.....	104
10. A influência francesa na literatura acerca da emigração portuguesa.....	107
10.1 Duas consequências metodológicas.....	109
10.1.1 Nenhum modelo de aculturação é adequado.....	109
10.1.2 A aprendizagem na manutenção cultural.....	112
11. O viés de construto e a equivalência.....	113
12. Análise de conteúdo.....	118
12.1 <i>Grounded Theory</i> como uma ferramenta analítica.....	118
12.2 Psicologia Narrativa como uma ferramenta analítica.....	118
12.2.1 Os livros históricos como artefactos culturais.....	119
12.3 Análise de conteúdo nos livros históricos portugueses.....	122
13. Trabalho etnográfico de campo.....	126
13.1 A comunidade cabo-verdiana do Porto.....	127
13.2 Os emigrantes portugueses em Metz, França.....	128
14. Trabalho quantitativo.....	130

III. Componente empírica

15. Aculturação em Fernão Mendes Pinto

15.1 Aculturação portuguesa no além-mar.....	135
15.2 A relação portuguesa com o Japão.....	137
15.3 <i>Peregrinação</i> de Fernão Mendes Pinto	141
15.4 O significado da <i>Peregrinação</i> para a literatura da aculturação.....	142
15.5 O significado da <i>Peregrinação</i> ao longo do tempo	143
15.6 Fernão Mendes Pinto nos modelos de Rudmin e de Berry.....	144
15.7 Notas finais.....	158

16. Aculturação em Luís de Fróis

16.1 Introdução.....	159
16.2 Aculturação enquanto inculturação.....	159
16.3 Vida de Luís Fróis.....	163
16.4 <i>Historia do Japam</i>	164
16.5 <i>História do Japam</i> nos modelos de Rudmin e de Berry	165
16.6 Notas finais.....	181

17. Gilberto Freyre e o luso-tropicalismo

17.1 A plasticidade cultural como uma característica central	186
17.2 Gilberto Freyre nos modelos de Rudmin e de Berry	188
17.3 Roger Bastide e a aculturação no Brasil.....	193
17.4 A globalização como uma ideia teleológica.....	194
17.5 A presumível plasticidade portuguesa confrontada no questionário.....	195
17.5.1 Caracterização sociodemográfica das amostras.....	196
17.5.2 Os dilemas do luso-tropicalismo.....	200
17.6 O Luso-tropicalismo, a emigração e a imigração.....	203
17.7 Notas finais.....	210

18. Emigração portuguesa

18.1 Breve descrição histórica da emigração portuguesa	214
18.1.1 Fase precursora.....	214
18.1.2 Fase intercontinental e o Brasil.....	216
18.1.3 Fase continental e a França.....	217
18.1.4 Fase de “declínio” e a União Europeia.....	217
18.2 A análise estatística e as apreensões acerca da emigração.....	217
18.3 A biculturalidade como um problema na literatura da emigração.....	222
18.4 A literatura da emigração através dos modelos da aculturação.....	225
18.5 A mudança transnacional e a importância do estatuto social.....	227

18.6 Resultados do questionário.....	231
18.6.1 Conclusões dos resultados do questionário.....	242
18.7 A imitação e a manutenção cultural na “casa francesa”.....	243
18.8 A linguagem e a aculturação.....	247
18.9 O que foi relevante no trabalho de campo em Metz?.....	251

19. Imigração em Portugal

19.1 Uma breve descrição histórica da imigração portuguesa.....	253
19.2 Apreensões aculturativas na literatura da imigração.....	256
19.3 Breve descrição de Cabo Verde.....	257
19.4 Breve descrição dos fluxos emigratórios cabo-verdianos.....	258
19.5 O contexto cabo-verdiano e os modelos da aculturação.....	259
19.6 Resultados da aplicação do questionário.....	263
19.7 Notas finais.....	273
19.8 O que foi importante na aculturação cabo-verdiana?.....	275

20. Avalia Portugal de forma positiva o multiculturalismo?

20.1 Introdução.....	277
20.2 Existirá uma cultura da identidade étnica, em Portugal?.....	278
20.3 O que significa o multiculturalismo no contexto português?.....	289
20.4 Os modelos multicultural e de fusão no contexto português.....	295
20.5 Notas finais.....	303

21. A aculturação

21.1 Breve olhar sobre a temática da aculturação.....	305
21.2 A ambiguidade da aprendizagem na aculturação.....	310
21.3 O contexto português da aculturação	313
21.4 Resultados estatísticos da questão acerca da aculturação	315

21.5 Notas finais.....	324
------------------------	-----

IV. Conclusões

22. Discussão, limitações, sugestões e conclusões.....	327
22.1 <i>Saudade</i> como um construto <i>emic</i>	355
22.2 Uma tentativa para definir a aculturação	257
22.3 Conclusões finais.....	358

V. Referências bibliográficas

Referências bibliográficas.....	366
---------------------------------	-----

Índice de figuras

Figura 1. As estratégias aculturativas da minoria.....	39-146-166
Figura 2. As expetativas da aculturativas da maioria.....	39-146-166
Figura 3. As atitudes da maioria e da minoria no modelo de Berry.....	40
Figura 4. O Modelo Interativo da Aculturação (MIA).....	47
Figura 5. A dimensão da interação, posição da maioria.....	56
Figura 5.1. A dimensão da interação, posição da minoria.....	57
Figura 6. A dimensão da direção.....	58
Figura 7. A dimensão da aprendizagem, posição da maioria	59
Figura 7.1. A dimensão da aprendizagem, posição da minoria.....	59
Figura 8. A dimensão da manutenção, posição da maioria.....	61
Figura 8.1. A dimensão da manutenção, posição da minoria	61
Figura 9. A mudança cultural, em ambas as culturas.....	61
Figura 9.1. A mudança cultural, posição da maioria.....	61
Figura 9.2. A dimensão da mudança, posição da minoria	62
Figura 10. A dimensão da mistura, posição da maioria	63
Figura 10.1. A dimensão da mistura, posição da minoria.....	63
Figura 11. A dimensão da apreensão, posição da maioria.....	64
Figura 11.1. A dimensão da apreensão, posição da minoria	64
Figura 12. A dimensão dos domínios, posição da maioria.....	66
Figura 12.1. A dimensão dos domínios, posição da minoria.....	66
Figura 13. A dimensão da diversidade, posição da maioria	67
Figura 13.1. A dimensão da diversidade, posição da minoria	67
Figura 14. A dimensão do dinamismo.....	68
Figura 15. A dimensão das apreensões éticas, posição da maioria	69
Figura 16. O modelo de Rudmin.....	70-145-176
Figura 17. As componentes da investigação da aculturação	72-144

Índice de tabelas

Tabela 1: O número de sujeitos por amostra.....	196
Tabela 2: A nacionalidade dos sujeitos.....	197
Tabela 3: A “raça”.....	197
Tabela 4: As faixas etárias.....	198
Tabela 5: A educação.....	198
Tabela 6: O género.....	199
Tabela 7: A experiência emigratória.....	199
Tabela 8: item 2.1 (Os portugueses causam empatia em todos os povos).....	201
Tabela 9: item 2.5 (Os portugueses adaptam-se a todas as culturas).....	202
Tabela 10: item 8.11 (Eu sou racista).....	205
Tabela 11: item 8.12 (Em Portugal, há racismo).....	205
Tabela 12: item 2.3 (Ao misturarem-se os portugueses perdem a sua própria cultura).....	207
Tabela 13: item 2.4 (Ao misturarem-se os portugueses mantêm a sua própria cultura).....	207
Tabela 14: item 2.7 (A cultura portuguesa predomina sobre as outras nas relações interculturais).....	209
Tabela 15: item 2.8 (A cultura portuguesa não predomina sobre as outras nas relações interculturais).....	209
Tabela 16: item 4.1 (Deve adaptar-se à nova cultura).....	233
Tabela 17: item 4.2 (Deve manter a sua própria cultura).....	233
Tabela 18: Q1 e Q4 resultados no item 4.1, na amostra da maioria.....	234
Tabela 19: Q1 e Q4 resultados no item 4.2, na amostra da maioria.....	234
Tabela 20: Q1 e Q4 resultados no item 4.2, na amostra de emigrantes.....	235
Tabela 21: item 4.3 (Deve misturar a sua cultura com a do país de acolhimento).....	236
Tabela 22: item 4.4 (Deve mudar a cultura do país de acolhimento).....	236
Tabela 23: item 4.5 (Deve mudar a sua própria cultura).....	236

Tabela 24: Q1 e Q4 resultados no item 4.3, na amostra da maioria.....	237
Tabela 25: Q1 e Q4 resultados no item 4.3, na amostra de emigrantes.....	238
Tabela 26: item 4.6 (Deve manter a sua cultura em casa ou em privado)....	239
Tabela 27: item 4.7 (Deve adaptar-se à nova cultura no trabalho ou na escola).....	239
Tabela 28: Q1 e Q4 resultados no item 4.6, na amostra de emigrantes.....	240
Tabela 29: item 4.8 (Deve abandonar a sua própria cultura).....	241
Tabela 30: Q1 e Q4 resultados no item 4.8, na amostra da maioria.....	241
Tabela 31: item 1.1 (Deve adaptar-se à nova cultura).....	264
Tabela 32: item 1.2 (Deve manter a sua própria cultura).....	264
Tabela 33: Q1 e Q4 resultados no item 1.2, amostra de imigrantes.....	265
Tabela 34: Q1 e Q4 resultados no item 1.1, na amostra de imigrantes.....	266
Tabela 35: item 1.3 (Deve misturar a sua cultura com a do país)	267
Tabela 36: item 1.4 (Deve mudar a cultura do país de acolhimento).....	267
Tabela 37: item 1.5 (Deve mudar a sua própria cultura).....	267
Tabela 38: Q1 e Q4 resultados no item 1.5, na amostra de imigrantes.....	269
Tabela 39: item 1.6 (Deve manter a sua cultura em casa ou em privado)....	271
Tabela 40: item 1.7 (Deve adaptar-se à nova cultura no trabalho ou na escola).....	271
Tabela 41: item 1.8 (Deve abandonar a sua própria cultura).....	273
Tabela 42: item 7.1 (Um grupo de pessoas com traços físicos comuns).....	281
Tabela 43: item 7.2 (Um grupo de pessoas com a mesma cultura).....	281
Tabela 44: item 7.3 (Um grupo cultural com traços físicos comuns).....	281
Tabela 45: item 7.8 (Um grupo de pessoas com os mesmos hábitos e costumes).....	283
Tabela 46: item 7.9 (Um grupo de pessoas da mesma origem geográfica)...	283
Tabela 47: item 7.10 (Um grupo de pessoas com a mesma religião).....	283
Tabela 48: item 7.4 (Um grupo minoritário).....	284
Tabela 49: item 7.5 (Um grupo de pessoas que não são consideradas iguais pela maioria).....	284
Tabela 50: item 7.6 (Um grupo social que alega ser diferente da maioria)...	285
Tabela 51: item 7.7 (Um grupo de pessoas que aprendeu a ser diferente da maioria).....	287

Tabela 52: item 5.1 (Diferentes culturas a conviverem no mesmo espaço)...	290
Tabela 53: item 5.2 (A tolerância).....	290
Tabela 54: item 5.3 (Viver e fazer coisas juntos).....	291
Tabela 55: item 5.4 (A adaptação à cultura majoritária).....	291
Tabela 56: item 5.7 (A manutenção das culturas minoritárias).....	291
Tabela 57: item 5.8 (O financiamento das atividades culturais das minorias pelo Estado).....	292
Tabela 58: item 5.9 (Dar direitos legais às minorias).....	293
Tabela 59: item 5.6 (A igualdade entre todas as culturas).....	294
Tabela 60: item 5.5 (A aprendizagem mútua entre as culturas).....	294
Tabela 61: item 3.1 (A manutenção de todas as culturas).....	295
Tabela 62: item 3.8 (A mudança cultural de todas as culturas).....	296
Tabela 63: item 3.2 (A não mudança da cultura minoritária).....	296
Tabela 64: item 3.9 (A mudança da cultura minoritária).....	296
Tabela 65: item 3.7 (A não mudança da cultura majoritária).....	297
Tabela 66: item 3.14 (A mudança da cultura majoritária).....	297
Tabela 67: item 3.5 (A adaptação à nova cultura).....	299
Tabela 68: item 3.12 (A não adaptação à nova cultura).....	299
Tabela 69: item 3.3 (A interação de todas as culturas apenas na sociedade alargada).....	299
Tabela 70: item 3.10 (Uma nova cultura que nasce da interação entre todas as culturas).....	300
Tabela 71: item 3.4 (A não interação entre as culturas).....	301
Tabela 72: item 3.11 (A interação entre as culturas).....	301
Tabela 73: item 3.6 (A não mistura entre culturas).....	302
Tabela 74: item 3.13 (A mistura das culturas).....	302
Tabela 75: item 6.1 item (Ser-se assimilado por outra cultura).....	316
Tabela 76: item 6.2 (O fim da cultura minoritária).....	316
Tabela 77: item 6.3 item (A manutenção de todas as culturas).....	317
Tabela 78: Item 6.4 (A não interação entre as culturas).....	317
Tabela 79: item 6.5 (A mistura entre as culturas).....	318
Tabela 80: item 6.6 (A interação entre todas as culturas).....	318
Tabela 81: item 6.7 (A adaptação ao local de trabalho).....	319

Tabela 82: item 6.8 (Ser funcional na nova cultura).....	319
Tabela 83: item 6.9 (Que todas as culturas são iguais).....	320
Tabela 84: item 6.10 (Que há culturas que estão a influenciar outras).....	320
Tabela 85: item 6.11 (A aprendizagem entre as culturas).....	322
Tabela 86: item 6.12 (A não aprendizagem entre as culturas).....	322
Tabela 87: item 6.13 (O não progresso cultural).....	323
Tabela 88: item 6.14 (O progresso cultural).....	324

Vol II
Índice de anexos

1. Questionário (<i>Portuguese Elementary Acculturation Questionnaire</i>).....	1
2. Tabelas dos resultados do questionário.....	10
Tabela 1: item 2.2 (Os portugueses não causam simpatia em todos os povos).....	10
Tabela 2: item 2.6 (Os portugueses não se adaptam a todas as culturas).....	10
Tabela 3: item 8.1 (Os imigrantes estão a aumentar o desemprego).....	10
Tabela 4: item 8.2 (Os imigrantes estão a diminuir o desemprego).....	10
Tabela 5: item 8.3 (Os imigrantes estão a explorar a segurança social portuguesa).....	11
Tabela 6: item 8.4 (Os imigrantes não estão a explorar a segurança social portuguesa)	11
Tabela 7: item 8.5 (Os imigrantes não estão a trazer nada de bom para Portugal).....	11
Tabela 8: item 8.6 (Os imigrantes estão a trazer muito de bom para Portugal).....	11
Tabela 9: item 8. 7 (Os imigrantes estão a estragar a cultura portuguesa).....	12
Tabela 10: item 8.8 (Os imigrantes estão a melhorar a cultura portuguesa).....	12
Tabela 11: item 8.9 (Os imigrantes são perigosos).....	12
Tabela 12: item 8.10 (Os imigrantes são pacíficos).....	12
3. Testes paramétricos e não paramétricos	
Tabela 13: Questão número 1, acha que, em Portugal, um imigrante.....	13
Tabela 14: Questão número 2, responda às seguintes afirmações.....	14
Tabela 15: Question número 3, o multiculturalismo implica.....	15
Tabela 16: Questão número 4, acha que um emigrante português?.....	16
Tabela 17: Questão número 5, a palavra multicultural significa?.....	17
Tabela 18: Questão número 6, aculturação significa?.....	18
Tabela 19: Questão número 7, um grupo étnico é...?.....	19
Tabela 20: Questão número 8, responda às seguintes afirmações?.....	20
4. Testes ANOVA e Bonferroni Post-Hoc Multiple Comparisons	
Tabela 21: Questão número 1, acha que, em Portugal, um imigrante?.....	21
Tabela 22: Questão número 2, responda às seguintes afirmações.....	22

Tabela 23: Questão número 3, o multiculturalismo implica.....	23
Tabela 24: Questão número 4, acha que um emigrante português?.....	24
Tabela 25: Questão número 5, a palavra multicultural significa?.....	25
Tabela 26: Questão número 6, a aculturação significa?.....	26
Tabela 27: Questão número 7, um grupo étnico é?.....	27
Tabela 28: Questão número 8, responda às seguintes afirmações?.....	28

5. Tabelas dos resultados da base de dados do Observatório da Emigração

Tabela 29: código temas.....	29
Tabela 30: código temas e anos da publicações.....	30
Tabela 31: código temas e a língua das publicações.....	31
Tabela 32: código temas e o país de “acolhimento”.....	32
Tabela 33: código anos das publicações.....	33
Tabela 34: código língua das publicações.....	33
Tabela 35: código língua e anos da publicação.....	33
Tabela 36: código país de acolhimento.....	34
Tabela 37: código país de acolhimento e anos das publicações.....	35

6. Códigos da análise de conteúdo.....36

7. Análise de conteúdo a Fernão Mendes Pinto, parte de Tanegashima.....39

8. As dimensões do construto da aculturação enquanto processo.....55

Figura 1, a dimensão da interação, posição da maioria.....55

Figura 1.1, a dimensão da interação, posição da minoria.....56

Figura 2, a dimensão da direção como processo.....57

Figura 2.1, a dimensão da direção como processo, posição da maioria.....58

Figura 2.2, a dimensão da direção como processo, posição da minoria.....59

Figura 3, a dimensão da aprendizagem como processo, posição da maioria.....60

Figura 3.1, a dimensão da aprendizagem como processo, posição da minoria.....61

Figura 4, a dimensão da manutenção como processo, posição da maioria.....63

Figura 4.1, a dimensão da manutenção como processo, posição da minoria.....64

Figura 4.2, a manutenção cultural como processo em ambas as culturas.....64

Figura 4.3, a mudança cultural como processo em ambas as culturas.....65

Figura 4.4, a mudança cultural como processo, posição da maioria.....	66
Figura 4.5, a mudança cultural como processo, posição da minoria.....	66
Figura 5, a dimensão da mistura como processo, posição da maioria.....	67
Figura 5.1, a dimensão da mistura como processo, posição da minoria.....	68
Figura 6, a dimensão dos domínios como processo, posição da maioria.....	69
Figura, 6.1, a dimensão dos domínios como processo, posição da minoria.....	70
Figura 7, a dimensão da diversidade como processo, posição da maioria.....	71
Figura 7.1, a dimensão da diversidade como processo, posição da minoria.....	72
Figura 8, a dimensão do dinamismo como processo.....	73
Figura 9, a dimensão das apreensões éticas como processo, posição da maioria.....	73

Introdução geral

Portugal iniciou os “descobrimentos”, os quais foram percebidos como sendo o mais importante evento do último milénio em sete países europeus, nos Estados Unidos da América e no Japão (Pennebaker, Páez & Deschamps, 2006). A cultura portuguesa está interligada com as relações interculturais, constituindo-se como uma cultura privilegiada para o desenvolvimento da Psicologia Intercultural. Assim dispendo, a cultura portuguesa ou lusófona constitui-se como a principal fonte de conhecimento para a presente investigação.

Esta investigação formulou dois objetivos gerais: o primeiro consiste em explorar e contextualizar a cultura portuguesa da aculturação. O segundo objetivo geral consiste em voltar à definição da aculturação fornecida por Redfield, Linton e Herskovits (1936) e para os legados de Powell (1880) e de Simons (1901a), ou seja, para a aculturação como um fenómeno de aprendizagem recíproco, tal como foi conceptualizado por Rudmin (2009). Na presente investigação, o explorar e o contextualizar a cultura portuguesa da aculturação levou-se a cabo, mormente, através da comparação com a cultura anglo-saxónica, pois esta última é a predominante na temática da aculturação. A Psicologia Intercultural, tal como o conhecimento científico (Popper, 2002; Vygotsky, 2002), fazem-se no encontro (ou no confronto) com uma cultura distinta. A Psicologia Intercultural funciona através de comparações interculturais, pressupondo que ao conhecer uma cultura distinta irá acrescentar e aprimorar a sua restrita perceção da “realidade” (Campbell, D. T., 1987; Ember & Ember, 2009; Triandis, 2002). A Psicologia Intercultural, quando estabelece comparações interculturais, revela os limites do conhecimento duma determinada cultura ou de si mesma, mas, em simultâneo, é nessa atitude empática que se conhece (Rogers, 1957, 1975), acrescentando-se conhecimento e alargando a capacidade de compreender a cultura distinta e a si própria. Enfim, a Psicologia Intercultural pretende, deste modo, acrescentar um sentido de tolerância às diferentes culturas (Rudmin, 1991) em contato intercultural.

Na presente investigação, a tentativa de contextualizar a cultura portuguesa da aculturação pressupõe que a cultura lusófona é distinta face à abordagem praticada na cultura anglo-saxónica; pressupõe também que ao se estabelecer (ou apenas se explorar) a

cultura portuguesa da aculturação, esta última irá complementar a cultura anglo-saxónica, alargando o campo da ação da Psicologia Intercultural, aumentando o seu poder descritivo e explicativo perante a extrema complexidade da “realidade” cultural envolvente, situando ainda a cultura portuguesa da aculturação no ponto de vista da literatura anglo-saxónica predominante.

Esta investigação elaborou-se ao longo de quatro momentos fundamentais, o primeiro dos momentos é desencadeado pela mera curiosidade. Um segundo momento emergiu na forma de perplexidade intelectual e de obstáculo metodológico, pois a revisão da literatura acerca da Psicologia Intercultural revelou que o contexto histórico português não se adequava à investigação dominante anglo-saxónica acerca da aculturação, sendo, que, pelo contrário, o contexto português da aculturação é próximo das definições fundamentais acerca do fenómeno da aculturação (Powell, 1880; Redfield, *et al.*, 1936; Simons, 1901a), pois o discurso histórico português reporta aprendizagem recíproca e a literatura anglo-saxónica dominante apenas enfatiza a aprendizagem da minoria face à cultura maioritária. Tratava-se, pois, neste segundo momento, de contextualizar o contexto português da aculturação à luz dessas teorizações inaugurais e basilares acerca do fenómeno da aprendizagem numa segunda cultura (Powell, 1880; Redfield, *et al.*, 1936; Simons, 1901a), aplicando o modelo de Rudmin (2009), na medida em que este se centra na aculturação enquanto um fenómeno de aprendizagem recíproco e motivado. Ao longo da presente investigação, no entanto, uma segunda perplexidade e um terceiro momento surgiram, uma vez que as definições iniciais do fenómeno (Powell, 1880; Redfield, *et al.*, 1936; Simons, 1901a) e a característica luso-tropical (Freyre, 1986) de fusão da cultura portuguesa estão em contradição com a “realidade” social portuguesa e, inclusivamente, em contradição face à investigação prévia acerca da emigração portuguesa levada a cabo pelo doutorando (Castro, J. F. P., 2008, 2011, 2012; Castro & Marques, 2003), e ainda face à revisão da literatura realizada aos fenómenos da imigração e da emigração portuguesas. Portanto, o contexto português foi contextualizado como sendo marcado pela cultura de misturas e de fusão (Simons, 1901a), isto é, pelo luso-tropicalismo (Freyre, 1986), no qual a aprendizagem com dois sentidos emerge, mas também foi marcado pelas fortes motivações e relações interculturais assimétricas, as quais se estendem até aos fenómenos da emigração e da imigração, revelando que, para além da cultura luso-tropical (Freyre, 1986), conceptualizada em 1933, o contexto da aculturação portuguesa é caracterizado, em simultâneo, mediante dois níveis avaliativos, isto é, uma avaliação

“ideal” e outra “real” (Navas, García, Sánchez, Rojas, Pumares & Fernández, 2005), correspondendo a avaliação “realista” aos atuais fenómenos da emigração e da imigração portuguesas e a “idealista” ao luso-tropicalismo (Freyre, 1986) e ao passado histórico português, terminando este por ser o quarto e derradeiro momento da tese, ou seja, que a cultura portuguesa da aculturação funciona por misturas, tal como é reportado na teoria luso-tropical (Freyre, 1986) e na literatura histórica portuguesa, sendo próxima das definições iniciais do fenómeno da aculturação (Powell, 1880; Redfield, *et al.*, 1936; Simons, 1901a) e do modelo de fusão (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006a), mas que também funciona mediante as dimensões doutros modelos, por exemplo, através da manutenção cultural, a qual é característica do modelo multicultural (Berry, 1974, 1997). Eis que ambos os objetivos gerais terminaram por conferir a forma dum estudo exploratório à presente investigação, unindo, no entanto, ambos os objetivos gerais, isto é, o explorar e o contextualizar a cultura portuguesa da aculturação e abordar a aculturação como um fenómeno de aprendizagem recíproco. A cultura portuguesa da aculturação poderá ser contextualizada como funcionando através das misturas culturais, as quais foram idealizadas devido ao passado histórico português e porque a cultura e a aculturação são processos dinâmicos de criação cultural em todas as culturas em contato, no entanto a cultura portuguesa da aculturação funciona também através da imposição cultural típica do modelo da assimilação, sobretudo, no que diz respeito aos imigrantes a residirem em Portugal, e através do desejo da manutenção cultural do modelo multicultural junto, sobretudo, dos emigrantes portugueses e da cultura portuguesa. A aprendizagem intercultural opera em todos os modelos da aculturação, sendo que a aculturação muda as culturas maioritárias e as minoritárias, em simultâneo. Os quatro momentos da investigação de doutoramento são descritos com mais detalhe, de seguida.

No primeiro momento, a investigação desencadeou-se, quiçá, a partir duma conversa num café de Shinjuku, Tóquio, pois duas pessoas de diferentes culturas tinham acabado de se conhecerem de forma fortuita, sendo que a inicial curiosidade mútua acerca das diferenças e das semelhanças entre as suas culturas deu lugar a uma acesa discussão, uma vez que as comparações culturais implicam avaliações positivas ou negativas acerca das diversas culturas (Barth, 1969; Bartlett, 1923), ou seja, acerca desses mesmos indivíduos. O “encontro do Japão” não apenas estimulava a curiosidade acerca da cultura nipónica, senão que também colocava em causa a cultura e as conceções do mundo deste doutorando, desencadeando nele uma curiosidade acrescida acerca da sua cultura em

confronto comparativo com outras culturas. Neste primeiro momento, levou-se a cabo uma revisão da literatura intercultural acerca da relação intercultural entre o Japão e Portugal, abarcando as obras de Morães (1993a, 1993b, 2006), de Janeira (1956, 1966, 1970a, 1970b, 1981), de Fernão Mendes Pinto (1989a, 1989b) e de Luís de Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984), e ainda foi revista a literatura acerca da Psicologia Intercultural do *Journal of Cross-Cultural Psychology*, nomeadamente, acerca da temática da aculturação.

No segundo momento da presente investigação, a curiosidade inicial deparou-se com um obstáculo metodológico, pois a palavra aculturação foi cunhada por Powell (1880) como uma temática restrita à aprendizagem duma segunda cultura. No entanto, o fenómeno da aculturação, usualmente, não é abordado em relação com a aprendizagem intercultural. Em finais do século XIX, o conhecimento acerca das culturas estranhas (ou ditas primitivas) era considerado essencial para se compreender a cultura ocidental através dum elemento cultural comum aos seres humanos, isto é, a linguagem (oral). A aculturação aborda, pois uma temática tão importante como a aprendizagem entre diferentes grupos culturais, ou seja, aborda o tema da formação da cultura e da sua inovação mediante a aprendizagem. Contudo, a investigação psicológica acerca da aculturação, usualmente, não aborda a aculturação como um mero fenómeno de aprendizagem intercultural, senão que através das apreensões socioculturais da dominação ou da discriminação social (Rudmin, 2009), ou seja, este doutorando observou uma contradição, pois as definições e as conceções de Powell (1880), de Simons, (1901a) ou de Redfield, *et al.* (1936) apontam para a aculturação como aprendizagem com dois sentidos, no entanto, o fenómeno é, raramente, abordado como tal na Psicologia Intercultural. A revisão da literatura deparou-se, entretanto, com o artigo de Rudmin (2003b) acerca das cento e vinte e seis taxonomias e descrições do construto da aculturação e, mais tarde, com o modelo de Rudmin (2009), no qual se definiu o construto da aculturação como sendo a aprendizagem duma segunda cultura, independentemente, da direção da aprendizagem, isto é, no referido modelo a maioria e a minoria aprendem mutuamente uma com a outra.

Assim dispondo, numa segunda fase da investigação de doutoramento, após a curiosidade inicial e a primeira revisão da literatura, tratou-se de demonstrar que, na cultura portuguesa, a aprendizagem recíproca é reportada, sendo, inclusivamente, que ela é

parte da identidade histórica portuguesa (Lourenço, E., 1978, 1988, 1989a, 1989b, 1994; Martins, 1956; Mattoso, 1998; Saraiva, 1995, 1996; Silva, A. 2009). A investigação de doutoramento, neste segundo momento, levou a cabo uma análise de conteúdo (Bardin, 1979; Krippendorff, 2004) a algumas obras literárias portuguesas de valor histórico, isto é, às obras de Fernão Mendes Pinto (1989a, 1989b) e de Luís de Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984), empregando o modelo de Rudmin (2009), e ainda a *Grounded Theory* (Glaser & Strauss, 1999, 2009; Strauss & Corbin, 1998) e a análise narrativista (Bruner, 1990; Liu & Hilton, 2005; Moscovici, 1981, 1986) enquanto técnicas metodológicas.

No contexto português estudado, isto é, na relação intercultural entre o Japão e Portugal do século XVI, uma minoria europeia (a portuguesa) aprendia uma cultura estranha (a japonesa), na intenção de mudar a referida cultura e, possivelmente, de a assimilar ou de a misturar com a cultura europeia, sendo que, por sua vez, a cultura japonesa aprendia a cultura e a religião europeias, mudando, até à perseguição e expulsão trágica dos católicos do Japão, do século XVII. A presente investigação de doutoramento teria assim a vantagem de oferecer um ponto de vista oposto ao anglo-saxónico (Popper, 2002), ao desenvolver a cultura portuguesa da aculturação, situando-a no contexto da Psicologia Intercultural, complementando a cultura anglo-saxónica. Contudo, o doutorando estaria a fazer aquilo que McGuire (1973) alertou como sendo uma das maiores ameaças à Psicologia Social, ou seja, procurar até encontrar aquilo que, previamente, se desejava ver. Portanto, o doutorando estaria a revelar os seus preconceitos culturais (Bachelard, 1967) ou a sua conceção do mundo (Matsumoto, 2006). A aculturação como aprendizagem recíproca emerge na cultura portuguesa “naturalmente”, uma vez que ela se constitui, presumivelmente, como uma ideologia consensual¹, sendo parte da identidade portuguesa, e tendo sido conceptualizada pelo brasileiro Gilberto Freyre (1986), em 1933, designando-a, mais tarde, de luso-tropicalismo. Contudo, a ideologia consensual do luso-tropicalismo tem, aparentemente, como contraditório a própria “realidade” sociológica portuguesa e as literaturas referentes aos fenómenos da emigração e da imigração portuguesas, as quais são, maioritariamente, abordadas através do modelo da assimilação e não através das misturas culturais, ou seja, através do modelo de fusão (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006a), sendo ainda que a literatura acerca da

¹ No contexto da presente tese de doutoramento, a ideologia consensual deve ser entendida como sendo constituída por perceções e avaliações culturais partilhadas, mas não como uma ideologia formalmente concetualizada. Para além do mais, as últimas são também fenómenos culturais.

emigração portuguesa é distinta da literatura anglo-saxónica, uma vez que esta última utiliza, usualmente, o modelo multicultural.

No terceiro momento, o primeiro objetivo geral da investigação de doutoramento não se encontrava coberto, uma vez que a cultura da aculturação portuguesa não poderia ser caracterizada como sendo uma cultura de misturas, pois a cultura luso-tropical, em Portugal, entra em contradição com a “realidade” social e com as literaturas da emigração e da imigração portuguesas. A aplicação do modelo da aculturação de Rudmin (2009), na análise de conteúdo, revelou ainda que a aprendizagem duma segunda cultura, apesar de ter dois sentidos recíprocos, se realiza mediante fortes motivações e, não raramente, através de relações antagónicas. O modelo de Rudmin (2009) abarca as principais temáticas da aculturação, colocando como variáveis de controlo o estatuto socioeconómico e a perceção da discriminação, isto é, o modelo de Rudmin (2009) regressa às enunciações iniciais de Powell (1880), de Simons (1901a) ou de Redfield, *et al.* (1936), pois coloca a ênfase numa matéria inerentemente psicológica, isto é, a aprendizagem. Contudo, o modelo de Rudmin (2009) também coloca a ênfase nas motivações e nas intenções aculturativas, as quais foram descritas por Malinowski (1958) como sendo fundamentais para se abordar o fenómeno da aculturação.

Eis que, no início do terceiro momento, a ênfase da investigação de doutoramento se deslocou até às apreensões socioculturais acerca da dominação social ou das relações antagónicas, ganhando a investigação acerca da aculturação e o próprio construto da aculturação conotações ambíguas, as quais se relacionam com o período colonial português e com as relações assimétricas de poder. Esta investigação de doutoramento deparou-se, deste modo, com um segundo obstáculo e perplexidade metodológicas, ganhando a investigação o seu terceiro momento, pois a cultura histórica portuguesa era parcialmente contraditória face à atual “realidade” sociológica e, inclusivamente, perante a investigação prévia do doutorando acerca da emigração portuguesa (Castro, J. F. P, 2008, 2012; Castro & Marques, 2003). Assim dispondo, a cultura portuguesa da aculturação e o luso-tropicalismo (Freyre, 1986), o qual serve de paradigma da primeira, ganham contornos ambíguos, tal como o construto da aculturação em si mesmo, sendo que essa ambiguidade já se encontrava, por exemplo, presente nos trabalhos pioneiros da Antropologia portuguesa (Leal, J., 2000b) acerca do fenómeno. O construto da aculturação

revela um significado ambíguo, uma vez que, por um lado, emerge dos pontos de vista humanista e universalista, os quais estão presentes na postura ética da Antropologia (Malinowski, 1932), isto é, preservar os legados culturais e, ao mesmo tempo, abarcar as diferentes culturas no conhecimento ocidental, contudo, por outro lado, a aculturação emergiu sob fortes conflitos culturais e interculturais, sob o domínio ocidental (Boas, 1962; Malinowski, 1958).

No que diz respeito ao primeiro objetivo geral da presente tese se, por um lado, a cultura histórica portuguesa da aculturação se revelou distinta da anglo-saxónica, por outro lado, restava saber se as presentes reações à temática da aculturação o eram também. Assim sendo, no sentido de explorar e de contextualizar a cultura portuguesa da aculturação, deveria ser necessário acrescentar as atuais reações à aculturação, isto é, a emigração e a imigração portuguesas, isto porque a “realidade” sociológica, a revisão da literatura às temáticas da emigração e da imigração estavam a assinalar que a cultura portuguesa da aculturação não preferia o modelo de fusão (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006a) e as suas misturas culturais. O terceiro momento encontrou-se, pois, fundado em razões de natureza sociológica e ética, mas também em motivos metodológicos devido à diferença entre o discurso histórico e a “realidade” atual, conduzindo a investigação de doutoramento ao problema da falta de equivalência (Ember & Ember, 2009; Poortinga, 1997), pois as diferentes “realidades” culturais remetem para diferentes abordagens e modelos da aculturação, não permitindo estabelecer comparações interculturais entre os modelos da aculturação e não permitindo ou dificultando cumprir o primeiro objetivo geral, isto é, o explorar e o contextualizar a cultura portuguesa da aculturação. Assim dispondo, assistiu-se à necessidade de definir o próprio construto da aculturação no sentido de aprofundar o contexto português da aculturação.

A inclusão das temáticas da emigração e da imigração portuguesas conduziram a investigação de doutoramento até ao método misto (Clark & Creswell, 2011), incluindo, para além da análise de conteúdo (Allport, 1942a; Krippendorff, 2004), o trabalho etnográfico de campo e o quantitativo (Pasquali & Primi, 2003). Assim dispondo, no trabalho quantitativo foram incluídas uma amostra de imigrantes cabo-verdianos a residirem em Portugal e outra amostra de emigrantes portugueses a residirem em Metz, França, para além da amostra da maioria portuguesa. No que diz respeito ao trabalho

quantitativo, a diferença entre a cultura anglo-saxónica e a cultura portuguesa da aculturação foi suposta assentar num viés de construto e uma falta de equivalência (Ember & Ember, 2009). Portanto, o trabalho quantitativo tinha como missão explorar as reações das diferentes amostras aos modelos de aculturação (a assimilação, o multicultural, a fusão e o intercultural), tentando perceber qual era o modelo preferido na cultura portuguesa e lusófona (cabo-verdiana). Tentou-se também observar como alguns construtos essenciais à temática da aculturação eram reportados na cultura portuguesa e lusófona; assim, por exemplo, o construto do multiculturalismo, em Portugal, por vezes, é apresentado como contendo interação, quando ele presume, na cultura anglo-saxónica, separação cultural, no sentido de fomentar a manutenção cultural da cultura minoritária (Machado, I. J. R., 2006; Rocha-Trindade, 2010a; Vala, Lopes & Lima, 2008). Para além da diferença entre os modelos de fusão e do multicultural, outros construtos estudados foram o da identidade étnica, do multiculturalismo e da própria aculturação. Os modelos da aculturação foram revisitados e divididos pelas suas dimensões (Pasquali & Primi, 2003), tendo em conta as posições aculturativas da maioria e da minoria, no sentido de elaborar dum questionário exploratório, ou seja, o *Portuguese Elementary Acculturation Questionnaire* (PEAQ).

A “realidade” sociológica e a revisão da literatura remetiam não apenas para um viés de construto, senão que também para a existência duma ideologia consensual presente na cultura portuguesa da aculturação, conduzindo à existência de dois níveis de avaliação, isto é, uma avaliação “ideal” e outra “real”, as quais eram presumidas mudarem consoante a posição social das amostras e das apreensões acerca das suas mudanças sociais. O nível “ideal” corresponde ao luso-tropicalismo (Freyre, 1986) e ao modelo de fusão (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006a) e o “real” varia consoante a posição social ou o estatuto social² das amostras face às respectivas mudanças aculturativas. A inclusão dos imigrantes cabo-verdianos e dos emigrantes portugueses no estudo, tanto no trabalho quantitativo como no etnográfico de campo, visava abarcar tanto quanto possível a aculturação como tendo dois sentidos, isto é, facultando importância ao segundo objetivo geral, sendo que a aprendizagem é condicionada pelas diferentes motivações que cada grupo cultural assume face às mudanças provenientes do processo aculturativo. Deste modo, os dois objetivos gerais encontravam-se conectados, sendo que a inclusão das motivações mediante o estatuto social, tentou resolver o dilema entre o luso-tropicalismo como ideologia

² No presente trabalho o estatuto social remete para a posição ou reação face às mudanças culturais próprias ou alheias, as quais são o efeito da aculturação. O estatuto social decorre da posição face a essas mesmas mudanças culturais, encontrando-se próximo da conceção de Pierre Bourdieu (1992, 1997, 2001).

consensual e a “realidade” social portuguesa que aponta para a assimilação ou para o modelo intercultural face ao fenómeno da imigração.

No quarto momento, se concluiu que nenhum modelo da aculturação se adequa por completo ao contexto português da aculturação e que as preferências ou as atitudes culturais (Berry, 1997) variam consoante as posições ou os estatutos sociais das amostras (Navas, *et al.*, 2005), revelando como as motivações, nomeadamente, a apreensão com a mudança cultural própria (Bourhis, Moise, Perreault & Senécal, 1997), modelam a reação ao processo da aculturação. A adaptação cultural e a aprendizagem apareceram nas respostas ao questionário altamente motivadas, tal como, de resto, a análise de conteúdo reportou, revelando diferenciação entre as amostras e as culturas, mas também uma diferenciação intragrupal entre a amostra da maioria portuguesa e a dos emigrantes portugueses, pois a perceção acerca das mudanças culturais das duas amostras foi distinta. Portanto, as preferências aculturativas são complexas e relativas (Navas, *et al.*, 2005), sendo que o processo de aculturação se revelou ainda seletivo, multidimensional e negociado. Assim dispendo, as mesmas estratégias aculturativas não são sempre aplicadas ou as mesmas opções não são preferidas quando a interação com outras culturas tem lugar em diferentes domínios aculturativos e entre diferentes classes sociais, ou seja, o processo aculturativo foi seletivo em ambas as culturas, sendo negociado pelos diferentes grupos culturais, os quais reportaram diferenças intergrupais e intrgrupais. A cultura portuguesa da aculturação parece, desta forma, funcionar, em simultâneo, através duma avaliação “ideal”, a qual corresponde ao luso-tropicalismo (Freyre, 1986) e uma avaliação “real”, a qual corresponde aos fenómenos aculturativos da imigração e da emigração portuguesas.

Conclui-se também que o próprio construto da aculturação tem sido, muitas vezes, escassamente utilizado na cultura portuguesa devido ao passado das colonizações portuguesas. Os resultados do questionário poderão verter luz para futuras investigações, nomeadamente, no uso das dimensões do construto da aculturação no sentido de estudar o fenómeno, tendo em consideração as especificidades da cultura portuguesa, a qual preferiu as misturas culturais, a dimensão sociodemográfica do modelo multicultural (Inglis, 1996), ou seja, diferentes culturas a viverem no mesmo espaço, contudo preferiu apenas a adaptação pública dos imigrantes (Navas, *et al.*, 2005) e também a manutenção cultural dos emigrantes portugueses.

O trabalho etnográfico de campo também mostrou que nenhum modelo de aculturação se adequa em ambas as culturas ou grupos sociais abordados, isto é, os caboverdianos a viverem na região do Porto, Portugal, e os emigrantes portugueses a viverem em Metz, França, sendo que ambas as culturas revelaram misturas culturais no seu quotidiano, apreensões com as suas mudanças e manutenção culturais, e ainda uma decisão de utilidade no processo de adaptação às segundas culturas. Assim dispondo, os modelos de fusão, o multicultural e o intercultural se realizam, em simultâneo, reportando a cultura e a aculturação como processos dinâmicos de criação, de recriação e de aprendizagem interculturais. Finalmente, no sentido de explorar e contextualizar a cultura portuguesa da aculturação, foi delineado e sugerido um possível construto que não apenas reflete a cultura portuguesa e luso-tropical, senão que é capaz de mostrar, em simultâneo, as misturas e a manutenção culturais, isto é, a *saudade*. Na presente investigação enfatizou-se também a importância de se ter em consideração os contextos culturais próprios em referência com os predominantes, assim como da importância da própria origem e evolução do construto da aculturação na investigação da mesma.

No primeiro capítulo da tese aborda-se o enquadramento teórico da mesma, isto é, as razões que conduziram à investigação de doutoramento. O segundo capítulo versa acerca das apreensões com as mudanças culturais, pois para além da aculturação ser compreendida como um fenómeno de aprendizagem, muitas vezes, é um processo antagónico de interação e de trocas interculturais, as quais conduzem às mudanças sociais e às apreensões e reações motivacionais acerca das mesmas. No terceiro capítulo é enfatizado a importância do construto da cultura e a sua relação e implicações para o estudo da aculturação. Após isto, são descritos os principais modelos da aculturação, isto é, o da assimilação, o multicultural, o da fusão e o intercultural, sendo que os modelos foram divididos pelas suas dimensões em eixos e comparados, no sentido de construir um questionário exploratório, isto é, o (PEAQ). No capítulo número quatro o modelo de Rudmin (2009) foi também descrito, alargado e adaptado ao contexto português, pois foi utilizado na análise de conteúdo (Allport, 1942a; Allport & Odbert, 1936; Krippendorff, 2004), na forma de códigos de análise de conteúdo. Na presente investigação segue-se a descrição da abordagem metodológica, isto é, das metateorias empregues, dos objetivos, das hipóteses do estudo e da razão do emprego do método misto, assim como as

descrições da análise de conteúdo e do trabalho quantitativo, e do etnográfico de campo, abarcando os capítulos cinco até ao quatorze.

Após a descrição da metodologia aplicada, segue-se a descrição do trabalho empírico, o qual se inicia com a análise de conteúdo, e que emprega o modelo de Rudmin (2009), nas obras literárias de Fernão Mendes Pinto (1989a, 1989b) do capítulo quinze, e na obra maior de Luís de Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984) no capítulo dezasseis. A obra maior de Gilberto Freyre (1986) é incluída no sentido de contextualizar a cultura portuguesa da aculturação, sendo que no capítulo referente a este autor, ou seja, no dezassete, a técnica da análise de conteúdo é complementada pelo trabalho quantitativo, no sentido de confrontar a teoria luso-tropical com as dimensões dos modelos da aculturação, nomeadamente com o modelo de fusão. O capítulo quinze acerca de Fernão Mendes Pinto, o capítulo dezasseis acerca da obra maior de Luís de Fróis e o dezassete acerca de Gilberto Freyre abarcam, grosso modo, o segundo momento da investigação de doutoramento, pois tentam reportar e contextualizar a cultura portuguesa da aculturação como sendo caracterizada pela aprendizagem recíproca e pelas misturas culturais, unindo ambos os objetivos gerais da presente investigação. No entanto, no capítulo dezassete dedicado a Freyre, o terceiro momento da presente investigação emerge, pois a suposta característica portuguesa de reportar aprendizagem intercultural mútua necessita de ser confrontada com os fenómenos da emigração e da imigração portuguesas, e ainda face às reações à mudança da cultura portuguesa. Para além das escolhas aculturativas serem distintas consoante o grupo cultural alvo de mudança social, a presumível cultura portuguesa de fusão levanta questões éticas, uma vez que as misturas culturais são feitas apenas nas culturas em contato com a cultura portuguesa, e porque as relações interculturais pressupõem uma relação assimétrica de poder, na qual a cultura portuguesa detinha uma posição de domínio cultural.

Assim dispondo, o trabalho quantitativo e o terceiro momento da investigação de doutoramento têm continuação na temática da emigração do capítulo dezoito. A teoria luso-tropical (Freyre, 1959, 1986) é confrontada com a “realidade” atual mediante o uso do trabalho quantitativo, pois é pressuposto que a amostra de emigrantes portugueses expresse elevadas apreensões com as suas mudanças culturais, não preferindo o modelo de fusão. O trabalho etnográfico de campo é, aqui, incluído, tendo sido realizado junto da

comunidade portuguesa em Metz, França. No capítulo dezanove, a temática da imigração prossegue a tentativa de verificar as contradições da teoria luso-tropical (Freyre, 1959, 1986), desta feita face aos imigrantes cabo-verdianos a viverem na cidade do Porto, com os quais foi também levado a cabo trabalho etnográfico de campo, sendo que era esperado que os imigrantes cabo-verdianos reportassem elevadas apreensões acerca da sua mudança social, apesar de preferirem as misturas culturais do modelo de fusão e da teoria luso-tropical (Freyre, 1986). No capítulo vinte, a tentativa de definir a cultura portuguesa da aculturação prossegue, desta feita, não apenas em confronto com o teoria luso-tropical, senão que com o modelo multicultural e com a cultura anglo-saxónica, tentando verificar como os construtos do multiculturalismo e da identidade étnica funcionam no contexto português, tentando ainda verificar se as amostras preferem os modelos de fusão ou o multicultural ou ainda ambos os modelos. O contexto da aculturação português revela-se diferente face ao anglo-saxónico, pois os construtos ganham um sentido distinto ao proposto pelo modelo multicultural, sendo que a cultura portuguesa avalia de forma positiva a interação, as misturas interculturais, em simultâneo, com a manutenção cultural. No capítulo vinte e um é o construto de aculturação que é dividido em algumas das suas dimensões e confrontado com as respostas das três amostras, isto é, a maioria portuguesa, os emigrantes portugueses e os imigrantes cabo-verdianos. A cultura portuguesa da aculturação revela as dificuldades e os desafios de abordar a aculturação como um processo de aprendizagem recíproco, permanecendo a exploração das formas de aprendizagem recíproca (Rudmin, 2009), talvez, como a principal limitação do estudo e desafio futuro no âmbito da cultura portuguesa ou lusófona. Na presente investigação, finalmente, seguem-se a discussão e a conclusão gerais, no qual é proposto que a aculturação seja abordada pelas suas características interativas e dinâmicas.

I. Enquadramento teórico

1. Razões para se iniciar a investigação e a problemática

A investigação de doutoramento propôs dois objetivos principais. No primeiro objetivo geral tratou-se de contextualizar e explorar a cultura portuguesa da aculturação. No segundo objetivo geral pretendeu-se abordar a aculturação como um fenómeno de aprendizagem intercultural (Rudmin, 2009). O primeiro objetivo geral implicava estabelecer uma comparação com a cultura anglo-saxónica. Contudo, a presente investigação deparou-se com um obstáculo metodológico e epistemológico porque a cultura histórica portuguesa, a experiência do doutorando e o processo de globalização não se adequavam à literatura predominante, ou seja, à literatura multicultural da cultura anglo-saxónica. Portanto, os dois objetivos gerais encontravam-se ameaçados devido à falta de equivalência e ao viés de construto (Ember & Ember, 2009; Poortinga, 1997), na medida em que os diferentes quadros teóricos da cultura anglo-saxónica e da portuguesa não permitiram estabelecer comparações interculturais robustas. Para além do mais, a literatura multicultural aborda o fenómeno da aculturação através duma ideologia, colocando questões éticas. As razões para se iniciar a investigação e a problemática estão expostas no presente capítulo, o qual corresponde, grosso modo, ao segundo momento da investigação de doutoramento.

1.1 A cultura histórica portuguesa

A presente investigação tem subjacente a cultura portuguesa, a qual está interligada com as relações interculturais, moldando a identidade lusa. Portugal iniciou os “descobrimentos”, os quais foram percebidos como sendo o mais importante evento do último milénio³ em sete países europeus, nos Estados Unidos da América e no Japão (Pennebaker, *et al.*, 2006). Para além do mais, Portugal foi o primeiro e o último império colonial europeu, uma vez que o império português terá começado, em 1415, com a

³ A partir dum ponto de vista ético, é necessário afirmar que estas representações sociais da história são eurocêtricas porque a maior parte das respostas são acerca de eventos ocidentais (Liu, Goldstein-Hawes, Hilton, Huang, Gastardo-Conaco, Dresler-Hawke, Pittolo, Hong, Ward, Abraham, Kashima, Kashima, Ohashi, Yuki, & Hidaka, 2005).

conquista de Ceuta (hoje, Ceuta é um enclave espanhol no norte de África) e terminou apenas, em 1999, com a devolução da administração de Macau à República Popular da China ou, em 2002, devido à independência de Timor-Leste. Os portugueses começaram a deslocaram-se para o ultramar nas primeiras décadas do século XV (Serrão, 1985), colonizando, conquistando e estabelecendo relações comerciais em África, na Ásia e nas Américas. O Brasil tornou-se independente, em 1822. Em consequência, na cultura portuguesa é possível falar no fenómeno da emigração⁴, desde a independência do Brasil. Após a revolução democrática portuguesa de 1974, e após o processo de descolonização, Portugal começou a constituir-se como sendo um destino de imigrantes, aumentando a sua diversidade interna, para além da presença de minorias⁵ mais antigas (Bastos, J. G. P., 2007; Machado, F. L., 1992, 2003).

A cultura portuguesa presume que os portugueses são capazes e propensos a se adaptarem culturalmente a todas as culturas. No contexto cultural português a interação mútua é reportada e encontra-se também reportado que os portugueses aprenderam no contato com culturas distintas, inclusivamente, quando se constituíram como sendo o grupo cultural maioritário (Lowndes, 2009; Marques, R. M. P., 2003; Souza, 2012). Braga (1985), Dias, A. J. (1986) e, mais recentemente, Santos, B. S., (1991) enfatizam o espírito aventureiro dos portugueses, a capacidade para fazerem misturas culturais (Dias, A. J., 1986) e, ainda, a capacidade de aprenderem com outras culturas (Dias, 1986; Santos, B. S., 1991). Em consequência, perceber o fenómeno da aculturação como dispendo de dois sentidos seria “intrínseco” à cultura portuguesa. Contudo, não raramente, a adaptação portuguesa foi levada a cabo através de relações interculturais assimétricas e antagónicas (Sabaratnam, 2001). Por exemplo, as classes sociais mais elevadas do Sri Lanka estavam aculturadas à cultura portuguesa e os portugueses aprendiam a língua nativa e os seus costumes (Sabaratnam, 2001), contudo a relação foi estabelecida mediante o uso da violência por parte dos portugueses. Assim dispendo, o contato intercultural foi um processo com dois sentidos, porém foi antagónico. Na cultura portuguesa o fenómeno da

⁴ Os imigrantes podem ser definidos como indivíduos não residentes que entraram em Portugal com a intenção de estabelecerem residência e os emigrantes como os portugueses que, presentemente, não residem, em Portugal. Para além da dimensão residencial e dos propósitos da estadia, a imigração pode ser definida através do tempo da estadia, pela nacionalidade e pelo local de nascimento (Bilborough, Hugo, Oberai, & Zlotnik, 1997).

⁵ As palavras maioria e minoria são aplicadas na investigação. Contudo, as palavras mais corretas seriam a cultura dominante e a dominada porque a questão gira em torno duma relação de poder assimétrica. Para além do mais, muitas vezes, a maioria é menos numerosa do que a minoria (Simons, 1901a, 1901b).

aculturação ainda se relaciona como a apreensão acerca da evolução da identidade portuguesa (Arenas, 2005; Lourenço, 1988).

Na presente investigação enfatizou-se, deste modo, o discurso histórico acerca do fenómeno da aculturação, fornecendo importância não apenas ao discurso histórico português, senão que também à evolução histórica do construto da aculturação. Segundo Coenders, Lubbers, Scheepers e Verkuyten (2008), no estudo da aculturação abordar o discurso histórico é tão essencial como ter em conta o discurso político (Jackson, Brown & Kirby, 1998; Pettigrew, 1998a) ou tão útil como abordar as condições económicas no sentido de contextualizar a investigação. Kramer (2000), Leal, J. (2011) e Rudmin (2003b, 2003c) também chamam a atenção para a presente “amnésia” face à história do construto da aculturação.

De resto, a literatura dominante (multicultural e anglo-saxónica) apenas foca o esforço da minoria para se adaptar culturalmente face à maioria (Bhatia, 2007a; Geschke, Mummendey, Kessler & Funke, 2010; Montreuil & Bourhis, 2001; Piontkowski, Rohmann & Florack, 2002; Schönplflug, 2002). No entanto, no campo da Psicologia Social, Moscovici (1996) estudou como uma minoria influencia uma maioria. No presente desenho da investigação, a cultura portuguesa oferece um contexto cultural, no qual é possível abordar a aculturação como dispondo de dois sentidos devido à existência de imigrantes e de emigrantes portugueses, pois Portugal ocupa uma posição periférica ou intermédia no cenário internacional (Santos, B. S., 1991). Em resumo, o contexto histórico português acerca da aculturação não se adequa à literatura dominante, uma vez que a última apenas enfatiza o processo de aprendizagem da minoria (não europeia ou ocidental) e evita abordar a aculturação como um processo antagónico com dois sentidos.

1.2 A experiência do doutorando

O doutorando é proveniente do noroeste de Portugal, região de fronteira com a Galiza. Ele cresceu a ouvir e a falar português, galego, castelhano e, em menor grau, francês (falado pelos emigrantes portugueses) e inglês (através dos meios de comunicação

social). O doutorando vivenciou que os habitantes de Melgaço não eram conscientes de que alguns dos seus problemas eram devidos aos efeitos da aculturação (Castro, J. F. P., 2011; Castro & Marques, 2003). A aculturação dos emigrantes portugueses realizada mormente, em França, provocou conflitos intragrupais em Melgaço (Castro, J. F. P., 2011, 2012; Castro & Marques, 2003; Gonçalves, A., 1996; Nunes, A., 2000; Nunes, J., 1997; Wateau, 1992, 2000). Como Wieviorka (2011) escreveu: ” . . . immigrants might very well act as mediators . . . and influence the culture of their society of origin . . .”. (pp. 52-53). O doutorando viveu fora do seu país e experienciou diferentes tipos de aculturação, segundo a cultura de destino e conforme o seu estatuto legal de turista, de imigrante ou de cidadão europeu. Ele reportou-se a si próprio através de diferentes etiquetas identitárias (português, galego, europeu ou latino), no entanto nunca experienciou a aculturação como um choque cultural (Oberg, 1960), pois, muitas vezes, a aprendizagem duma segunda cultura não implica sofrer um choque cultural (Rudmin, 2009; Vieira & Trindade, 2008) ou mudar a identidade étnica (Taft, R., 1981, 2007). Contudo, ele percebeu discriminação subtil (Pettigrew & Meertens, 1995). Para além disso, o doutorando tem desenvolvido estudos acerca da emigração portuguesa continental (Castro, J. F. P., 2008, 2011, 2012; Castro & Marques, 2003) e a literatura dominante da aculturação não se coaduna com a literatura acerca da emigração portuguesa, pois esta última emprega, usualmente, o modelo da assimilação e a literatura anglo-saxónica emprega, mormente, o modelo multicultural (Berry, 1974, 1997), ou seja, a comparação entre ambas as literaturas e culturas parece complexa e ameaçada devido à falta de equivalência (Leung & Van de Vijver, 2008), no sentido de explorar e contextualizar a cultura portuguesa da aculturação em comparação com a anglo-saxónica.

1.3 As influências culturais da globalização

As atuais relações interculturais são feitas através de múltiplas adaptações culturais num mundo em crescente globalização, a qual se caracteriza pela interdependência, pela descentralização, pelas influências múltiplas (Kramer & Kim, 2009) e pela celeridade das mudanças culturais. Contudo, as relações interculturais não são abordadas como sendo um processo no qual as pessoas de diferentes culturas aprendem umas com as outras. A

aculturação é abordada sob o ponto de vista da dominação social, isto é, no qual o grupo minoritário aprende, imita características culturais da maioria, perdendo a sua cultura.

Presentemente, o mundo encontra-se cada vez mais globalizado e o fenómeno da aculturação poderia ser facilmente percebido como um processo com dois sentidos, uma vez que alguns países anteriormente colonizados estão a adquirir um papel relevante no cenário internacional, o qual abrange a Psicologia (Liu, 2011; Liu & Ng, 2007; Sinha, 1996). Contudo, numa ciência social tão importante como é a História, reportar as influências mútuas não é comum (Lowndes, 2009; Sokolow, 2003; Souza, 2012; Weatherford, 1988). O processo de globalização tem incrementado a transmissão cultural entre as culturas e também a capacidade dos imigrantes para manterem os seus legados culturais devido à enculturação realizada através dos meios de comunicação social e à maior facilidade dos movimentos entre os países e as culturas. Bhatia e Ram (2001) escreveram que as identidades globalizadas são negociadas e que é possível partilhar características culturais e ainda construir novas culturas através das misturas culturais. Para além do mais, os fenómenos da emigração e da imigração estão também a afetar os países europeus (Almeida, J. C. P., 2003, 2004, 2006; Levine, 2004), levantando apreensões acerca das mudanças culturais devidas aos referidos fenómenos (Wieviorka, 2011). Contudo, na literatura dominante as apreensões da maioria acerca da sua mudança cultural não são, usualmente, abordadas (Geschke, *et al.*, 2010). No sentido de ilustrar o acima afirmado, a presente investigação recorre-se do estudo de Montreuil, Bourhis e Vanbeselaere (2004), os quais relatam que a maioria flamenga da Bélgica se encontra mais propensa para receber imigrantes do que a maioria francófona do Quebec porque a maioria flamenga da Bélgica não percebe ameaça à sua manutenção cultural. A comparação entre os dois países “recetores” de imigrantes revela como as maiorias são influenciadas pelos contextos políticos e históricos e que as maiorias revelam apreensões acerca das mudanças culturais nas suas culturas, condicionando as suas atitudes face aos imigrantes. Assim sendo, a globalização estabelece a aculturação como sendo um processo com dois (ou mais) sentidos, no qual a apreensão da maioria deve ser abordada (Almeida, J. C. P., 2006), para além da apreensão da minoria.

1.4 O viés ideológico do modelo multicultural

A aculturação é estudada como sendo fruto duma decisão individual (Berry, Poortinga, Segall & Dasen, 2002; Berry & Sam, 1997) na literatura multicultural dominante, conquanto que o discurso acerca da aculturação esteja imbuído num contexto histórico repleto de conflitos interculturais. Em consequência, a investigação dominante, ou seja, a multicultural não é contextualizada e não tem em atenção a diversidade e a complexidade das culturas (Bowskill, Lyons & Coyle, 2007; Kramer, 2000; Redding, 2001). O modelo multicultural apareceu para resolver os conflitos étnicos nas sociedades norte americanas⁶. Contudo, o modelo multicultural evita abordar a aculturação como um processo antagónico. Para além disso, como Redding (2001) escreveu, o ponto de vista liberal é o dominante no campo da Psicologia, resultando numa contradição porque aclama a diversidade cultural, sendo, no entanto, o ponto de vista dominante. A Psicologia Intercultural opera através de comparações entre as diferentes culturas, tentando alcançar um nível mais “elevado” de conhecimento (Ember & Ember, 2009), mas torna-se, por vezes, numa abordagem *etic*⁷ imposta.

Para além do mais, o modelo multicultural opera segundo uma ideologia partilhada ou consensual (Bourhis, Montreuil, Barrette & Montaruli, 2009), percebendo a atitude da integração como sendo a opção ideal. No modelo multicultural a integração da minoria significa contato cultural com uma segunda cultura e, ao mesmo tempo, a manutenção da primeira cultura. Contudo, a aculturação é, ao mesmo tempo, percebida como problemática, pois é presumida de colocar em perigo a saúde mental dos imigrantes ou das minorias, estabelecendo um paradoxo (Rudmin, 2009). A ideologia multicultural não tem em consideração que a aculturação é mais do que uma preferência ou uma atitude cultural; e que a aculturação é essencialmente um processo de aprendizagem, o qual assenta em contextos sociais (Kramer, 2000; Rudmin, 2009; Taft, R., 1957, 1963, 1981, 2007; Ward, 2010; Zagefka, Brown, Broquard & Martin, 2007). Por fim, a investigação acerca da

⁶ Na presente investigação, as culturas norte americanas abarcam a canadiana e a dos Estados Unidos da América, excluindo, portanto, a cultura mexicana.

⁷ A definição da palavra *etic* é fornecida pela distinção entre as abordagens *etic* e a *emic*, as quais foram cunhadas por Pike: “. . . the *ETIC* . . ., an author is primarily concerned with generalized statements about the data . . . classifies systematically all comparable data, . . . of all cultures in the world, into a single system . . . an *EMIC* one is in essence valid for only one language (or one culture) at a time or . . . it is an attempt to discover, and to describe the pattern of that particular language or culture . . . rather than an attempt to describe them in reference to a generalized classification . . .” (Pike, 1954, p. 8).

aculturação deverá ser cultural e socialmente inclusiva, sendo que, para alcançar este desígnio, deve ter em atenção os contextos históricos e não estar centrada num ideal, tal como sucede no modelo multicultural (Berry, 2001; Schalk-Soekar & Van de Vijver, 2008), ou ainda através dum resultado esperado tal como sucede nos modelos da assimilação e também da fusão (Simons, 1901a; Teske & Nelson, 1974), senão que deverá, sobretudo, abordar o fenómeno da aculturação como um processo dinâmico, interativo e antagónico de aprendizagem, o qual está assente em contextos culturais.

1.5 A aculturação é um processo de aprendizagem

Aculturação é um processo de aprendizagem (Powell, 1880; Redfield, *et al.*, 1936; Rudmin, 2009). Contudo, na investigação predominante a aculturação é confundida com outras variáveis como a discriminação ou o estatuto socioeconómico (Rudmin, 2009). O biculturalismo ou a atitude de integração é tida como sendo a opção ideal (Berry, Kim, Minde & Mok, 1987; LaFromboise, Coleman & Gerton, 1993; Nguyen & Benet-Martínez, 2007; Phinney, Horenczyk, Liebkind & Vedder, 2001) e a saúde mental é tida como estando ameaçada (Neto, 1985, 1994; Pussetti, 2010). Contudo, existe pouca evidência de que a aculturação cause apenas *distress* ou outro tipo de disfunção mental (International Organization for Migration, 2003). A relação entre a saúde mental e o poder está bem descrita por Foucault (1972, 1991). Assim sendo, os investigadores poderão centrar-se na remediação das disfunções psicológicas, sendo que a sua causa poderá assentar em relações de poder assimétricas. Não raras vezes, o contexto aculturativo conduz ao *distress* devido ao baixo estatuto socioeconómico ou devido à discriminação, mas aqueles últimos não são aprendizagem por si próprios (Rudmin, 2009).

1.6 Notas finais

Segundo Arends-Tóth e Van de Vijver (2006a, 2006b), Cresswell (2009), Matsudaira (2006), Rudmin (2003b, 2009), Rudmin e Ahmadzadeh (2001) e ainda Ward (2008), a investigação acerca da aculturação está carenciada de teorias aplicáveis e de

trabalhos empíricos robustos. Na ausência dum paradigma (Jahoda, 2002), a Psicologia Intercultural deve esforçar-se para acrescentar informação distintiva. A aculturação varia consoante os contextos históricos, tal como Tsuda (2001) reporta acerca dos brasileiros de origem japonesa, os quais vivem no Brasil. Liu (2008) referindo-se a ele próprio, escreveu que não existe uma única orientação cultural e que a preferência aculturativa mudou consoante o seu percurso de vida. Simons (1901a) escreveu que a aculturação é um fenómeno psicológico de aprendizagem mais do que um fenómeno biológico de misturas ou apenas uma questão de poder. A inconsistência entre a literatura dominante e as razões expostas acima guiaram a presente investigação no sentido de analisar a literatura acerca da aculturação, sendo que o presente estudo considera que as apreensões acerca das mudanças culturais introduzidas pela aculturação são comuns a todas as culturas.

2. Apreensões na cultura portuguesa da aculturação

A cultura é um fenómeno dinâmico e é construído através das inovações dentro duma única cultura e através da aculturação entre culturas distintas. No entanto, as mudanças culturais introduzidas pela inovação e pela aculturação levantam apreensões acerca da manutenção cultural das culturas. No caso da aculturação, as apreensões culturais são estendidas até à relação entre as diferentes culturas, sendo que os efeitos da aculturação poderão ainda criar conflitos internos dentro duma única cultura (Castro, J. F. P., 2008, 2011, 2012; Gonçalves, A., 1996). Bourhis, Moise, Perreault e Senécal (1997) têm afirmado que dois grupos culturais em contato podem revelar baixo, médio ou um elevado nível de apreensão e acerca das suas mudanças culturais. A interceção das atitudes culturais da minoria e da maioria poderão ser concordantes ou discordantes (Piontkowski, *et al.*, 2002), podendo, em consequência, o resultado da interceção das atitudes dos dois grupos ser consensual, problemático ou conflituoso (Bourhis, *et al.*, 1997).

Na literatura anglo-saxónica dominante, a aculturação é, muitas vezes, apenas abordada como uma escolha realizada pela minoria e a posição da maioria é negligenciada (Bourhis, *et al.*, 1997; Geschke, *et al.*, 2010; Machado I. J. R., 2006; Rocha-Trindade, 2010a; Rudmin, 2009). A apreensão da maioria acerca da sua mudança social não é explicitamente reportada, uma vez que, por exemplo, Ward (2010) emprega a expressão coesão social para se referir à mudança social da maioria Nova Zelandesa. No entanto, Malinowski (1958) escreveu que, para se compreender o fenómeno da aculturação, a investigação deveria verificar as intenções da maioria. Alguns países europeus foram colonizadores, impondo as suas culturas, contudo, hoje, recebem milhões de imigrantes e influências culturais vindas de culturas distintas. Assim dispendo, a apreensão da maioria deve ser verificada não apenas porque os europeus foram colonizadores, senão que também porque as suas culturas estão a mudar devido à imigração, em alguns casos, à emigração, às influências culturais das minorias étnicas e ao processo da globalização. Em Portugal, segundo Machado, I. J. R. (2006), as políticas governativas propõem mudar as culturas dos imigrantes, contudo pouco é dito acerca da mudança da cultura portuguesa, revelando que Portugal se encontra próximo do modelo da assimilação, em termos de políticas governativas, face ao fenómeno da imigração. A cultura portuguesa, deste modo, caracteriza-se por intervir nas culturas minoritárias, sendo próxima do modelo da

assimilação ou do intercultural. No entanto, nas sociedades norte americanas, a posição neutra do modelo multicultural é também problemática, pois não presume a mudança cultural da maioria (Machado, I. J. R., 2006; Rocha-Trindade, 2010a). Para além do mais, a maioria poderá apenas aceitar as diferenças culturais se os imigrantes mantiverem as suas culturas, não alterando também, em consequência, a cultura maioritária. Assim dispondo, o modelo multicultural aceita as diferenças culturais e funciona através da separação cultural.

A cultura portuguesa é rica em relações interculturais: o passado colonial e imperial, a emigração portuguesa, a imigração, a globalização e a União Europeia, para além das influências culturais vindas dos países lusófonos, por exemplo, a teoria luso-tropical (Freyre, 1986) é proveniente do Brasil. Na tentativa de explorar a cultura portuguesa da aculturação e de inverter o fenómeno da aculturação para um processo de aprendizagem com dois sentidos, a investigação de doutoramento realizou análise de conteúdo em obras literárias portuguesas de valor histórico, ou seja, às obras de Fernão Mendes Pinto (1989a, 1989b) e de Luís Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984). A vantagem de aplicar o contexto histórico português, nomeadamente, a relação intercultural entre o Japão e Portugal do século XVI, assentou no facto de permitir descrever um processo de aprendizagem com dois sentidos realizado por uma cultura europeia em tempos coloniais. Em consequência, pretendeu-se reportar que uma cultura europeia aprende uma segunda cultura devido as decisões de utilidade (Rudmin, 2009), revelando fortes motivações, tais como as religiosas e as económicas. Assim sendo, a relação portuguesa e japonesa do século XVI permitiu ir além da abordagem centrada no estudo das atitudes culturais, as quais estão a abordar o esforço da minoria em alcançar adaptação cultural face à maioria, negligenciando as motivações e as mudanças culturais da maioria. Para além do mais, a cultura histórica portuguesa foi capaz de fornecer novos pontos de vista à literatura da aculturação e poderá ser empregue com um caso negativo⁸ (McGuire, 1997, 1999), no sentido em que a literatura anglo-saxónica dominante deseja a manutenção das culturas e que, no entanto, a cultura portuguesa reporta misturas e aprendizagem em todas as culturas em contato intercultural. Contudo, confirmar e reportar que a cultura portuguesa foi feita através dum processo de aculturação com dois sentidos e no qual foi reportada a aprendizagem seria cientificamente pouco robusto. A presente investigação estaria a fazer

⁸ Um caso negativo constitui-se como uma formulação teórica ou ponto de vista distinto ou oposto ao dominante. Trata-se de falsear um anunciado que se pretende universal, tal como é proposto por Popper (2002).

aquilo que McGuire (1973) descreveu como uma ameaça à investigação psicológica: ver o que o investigador queria, previamente, ver. Assim sendo, na tentativa de explorar e de contextualizar a cultura portuguesa da aculturação, a presente investigação verificou como a cultura portuguesa funciona em diferentes contextos aculturativos, empregando diferentes técnicas metodológicas. Para além disso, a investigação utilizou a análise sincrónica e a diacrónica, e ainda fontes primárias e secundárias. Para se atingir esse objetivo foi ainda necessário estabelecer as contradições internas da cultura portuguesa, ou seja, as diferenças entre o discurso histórico e as atuais reações aos fenómenos da emigração e da imigração, comparando ainda as dimensões dos modelos da aculturação e empregando diferentes amostras (a maioria portuguesa, os imigrantes cabo-verdianos e os emigrantes portugueses).

A palavra aculturação foi cunhada por Powell (1880) e foi definida por Redfield, *et al.* (1936) como sendo um processo interativo de aprendizagem com dois sentidos. No século XVI, na relação intercultural portuguesa com o Japão (Fróis, 1976, 1981, 1982, 1983, 1984; Pinto, 1989a, 1989b), as apreensões acerca da mudança cultural aparecem não apenas na cultura minoritária (a portuguesa), senão que também na maioritária (a japonesa). No presente capítulo, as apreensões acerca da mudança cultural portuguesa foram divididas em três tipos. Em primeiro lugar, a histórica, a qual se relaciona com o passado colonial português e que foi conceptualizado através da teoria luso-tropical (Freyre, 1986). Em segundo lugar, outra apreensão surge através da emigração portuguesa e, em terceiro lugar, uma outra apreensão através do fenómeno da imigração.

2.1 Apreensões na literatura histórica

A teoria luso-tropical⁹ é suposta (Almeida, M. V., 2004, 2007; Freyre, 1986; Vala, *et al.*, 2008) revelar uma forma de aculturação próxima do modelo de fusão (Leal, J., 2011), uma vez que reporta misturas culturais e aprendizagem mútuas entre as culturas. Contudo, muitas vezes, ao longo da história portuguesa as misturas culturais foram realizadas através da violência (Freyre, 1986; Souza, 1997), e a aprendizagem da segunda

⁹ A teoria luso-tropical foi conceptualizada, em 1933, pelo brasileiro Gilberto Freyre. Freyre (1986) afirmou que os portugueses eram mais propensos para se misturarem do que outros impérios coloniais europeus.

cultura foi condicionada por fortes decisões utilitárias (Malinowski, 1958; Rudmin, 2009). Assim dispondo, a presente investigação afirma que a cultura luso-tropical implica contradições, questões éticas e, por último, uma ideologia consensual na sociedade portuguesa. As apreensões acerca das mudanças culturais estão presentes na presumível cultura portuguesa de fusão ou no luso-tropicalismo, tal como Fernão Mendes Pinto (Pinto, 1989a, 1989b) revela no final da sua obra. Fernão Mendes Pinto estava apreensivo acerca dos efeitos violentos das relações interculturais, sendo que ele desejava voltar ao Portugal intocado pela aculturação. Fernão Mendes Pinto foi admirado pelo próprio Freyre como sendo o paradigma duma pessoa luso-tropical (Freyre, 1959; Souza, 2000, 2001). As apreensões de Fernão Mendes Pinto constituem-se como uma hétero avaliação acerca da aculturação, uma vez que ele levanta apreensões acerca da mudança cultural noutras culturas, mas não acerca da cultura portuguesa. Assim dispondo, a primeira contradição do luso-tropicalismo (Freyre, 1986) aparece porque a cultura portuguesa se afigura inalterada, conquanto reporte adaptação e misturas com outras culturas. Lourenço E. (1989a) notou a contradição que se estabelece entre a presumível plasticidade da adaptação portuguesa e o processo de aculturação português face a culturas distintas, isto é, o português é propenso para se misturar com todos, mas sem abandonar as suas características culturais. Feldman-Bianco (2007) conceptualiza o luso-tropicalismo e ela afirma que a cultura de fusão portuguesa é deterritorializada, uma vez que se afigura não estar ligada a qualquer cultura ou território específico. Assim dispondo, a produção da diversidade na homogeneidade poderá se constituir como um paradoxo porque a cultura é dinâmica, sendo ainda que o não expressar qualquer apreensão acerca da sua mudança cultural (Vala, *et al.*, 2008) é inverosímil de se afigurar. Em súpula, a cultura luso-tropical (Freyre, 1986) deve ser comparada face às presentes reações perante a aculturação, ou seja, a imigração e a emigração.

2.2 As contradições face à emigração portuguesa

A emigração e a imigração portuguesas poderão se constituir como casos negativos perante a teoria luso-tropical (Arenas, 2005; Lourenço, 1989a). No fenómeno da emigração a minoria portuguesa deverá adquirir adaptação cultural face às culturas distintas do grupo cultural português. Tendo em conta a teoria luso-tropical (Freyre,

1986), o emigrante português deveria misturar-se e, portanto, mudar a sua cultura. Contudo, as comunidades emigrantes portuguesas continuam a manter a cultura portuguesa mesmo no Brasil, país onde o fluxo da emigração portuguesa acontece há mais de dois séculos. Por exemplo, no Brasil, os padrões de intercuro sexual fora da comunidade portuguesa demoraram mais tempo do que outras comunidades europeias (Florentino & Machado, 2002; Peixoto, J., 2009; Raposo & Togni, 2009). Na presente investigação, o trabalho de campo de carácter etnográfico de campo levado a cabo junto da comunidade portuguesa de Metz, França, notou uma clara separação entre os grupos étnicos. Em França, a percentagem de casamentos mistos é mais baixa do que em outras comunidades europeias (Lucassen & Laarman, 2009; Munoz & Tribalat, 1984; Tribalat, 1997), mostrando que o mesmo grupo cultural pode alterar o seu ponto de vista acerca das relações interculturais consoante o seu estatuto social (imigrantes em França). Apesar da cultura luso-tropical (Freyre, 1986) e do modelo francês da assimilação, o Estado português deseja manter os laços “emocionais” entre os portugueses emigrantes e o Estado português, na tentativa de os “integrar” nas sociedades de “acolhimento” sem, no entanto, atingirem a assimilação nas segundas culturas (Aguiar, 1986; Rocha-Trindade, 2008). Lourenço E. (1988), ele próprio emigrante, em França, escreveu que a emigração é um fenómeno complexo que ameaça a apresentação do Eu português (Goffman, 1959). Quando a emigração portuguesa se voltou para a Europa, em meados do século XX, a emigração continental mudou uma continuidade cultural com cerca de 500 anos (Lourenço, E., 1988), pois os emigrantes continentais não se deslocaram para as colónias portuguesas, senão que para a Europa, revelando a falta de relevância portuguesa no cenário internacional. A emigração portuguesa para a Europa era avaliada dum modo duplo e ambíguo. Por um lado, era percebida como uma extensão da capacidade portuguesa de adaptação cultural, relacionando a emigração com os “descobrimientos” (Gervásio, 1980; Monteiro, P., 1994), sendo esta a sua vertente positiva. Por outro lado, era percebida como uma perda, uma vez que enfraquecia o estatuto português no cenário internacional (Castro, J. F. P., 2008, 2012; Feldman-Bianco, 2007; Ramos, R., 1997), sendo esta a sua avaliação negativa. Assim dispondo, a emigração portuguesa oferece a oportunidade de mudar o ponto de vista acerca da aculturação, uma vez que Portugal se encontra numa situação intermédia ou periférica no cenário internacional (Santos, B. S., 1991), tendo emigrantes e imigrantes, em simultâneo.

2.3 As contradições face à imigração portuguesa

As contradições do luso-tropicalismo não aparecem apenas perante a literatura da emigração, senão que também face à literatura do fenómeno da imigração portuguesa. Feldman-Bianco (1992b, 1995, 2007) tem revelado algumas contradições no discurso português acerca da emigração e da imigração. Feldman-Bianco (2007) reporta que a relação diplomática entre Portugal e o Brasil tem sido difícil, nas derradeiras décadas, porque a adesão de Portugal à União Europeia mudou a política portuguesa e as relações com os países lusófonos, ao não respeitar os acordos bilaterais, por exemplo, com o Brasil. Vala, *et al.* (2008) têm escrito que a teoria luso-tropical (Freyre, 1986) como que enfraquece o sentido de coesão comunitária portuguesa. Assim sendo, a apreensão portuguesa acerca da sua mudança cultural seria menor do que em outros países europeus, permitindo a influência cultural dos imigrantes e fazendo misturas culturais. Assim dispondo, a questão fundamental será a de saber se a teoria luso-tropical (Freyre, 1986) e a presumível capacidade dos portugueses para aprenderem uma segunda cultura se poderá voltar para os imigrantes a residirem em Portugal, mudando a cultura portuguesa. Contudo, conquanto, a presença da teoria luso-tropical, Almeida, J. C. P. (2006) e Rocha-Trindade (2010a) têm escrito que as políticas portuguesas face aos imigrantes apenas têm em consideração o ponto de vista da maioria, implicando que a maioria portuguesa não deseja mudar a sua cultura. A diferença entre o “ideal” e a “realidade social” ou política revela que a teoria luso-tropical poderá ser uma ideologia consensual. A teoria luso-tropical poderá ser uma “realidade” no sentido em que a cultura portuguesa prefere as misturas culturais, mas não será uma “realidade” ao nível das políticas empregues pelo Estado português face aos imigrantes. De modo semelhante e paradigmático, Myrdal (1944) afirmou que o problema principal da cultura norte americana era o dilema entre os valores americanos da igualdade e a “realidade” social que discriminava as minorias. No caso português, as culturas imigrantes revelam as limitações da teoria luso-tropical (Freyre, 1986). Assim dispondo, a investigação de doutoramento pretende verificar como os imigrantes percebem a sua mudança social e como percebem as mudanças culturais portuguesas.

2.4 Notas finais

Rudmin (2009) argumenta que as motivações aculturativas devem ser incluídas para compreender o fenómeno da aculturação, para além das atitudes culturais. Bourhis, *et al.* (1997) têm escrito que os grupos culturais podem mostrar baixa, média e elevadas apreensões acerca das suas mudanças culturais. Durante a análise de conteúdo, as apreensões acerca das mudanças culturais foram reportadas a fazerem parte das relações interculturais em ambas as culturas (a japonesa e a portuguesa), as quais expressam ainda diferenças intragrupais, por exemplo, na controvérsia dos ritos chineses¹⁰ (Minamiki, 1985). No trabalho etnográfico de campo realizado, em Portugal, na cidade do Porto, os cabo-verdianos mostraram permanentes apreensões acerca da sua mudança social, apesar das misturas culturais serem inerentes à cultura de Cabo Verde. No trabalho de campo levado a cabo em Metz, França, notou-se que a comunidade emigrante portuguesa é considerada “bem integrada”, mantendo as suas peculiares características, mas misturando também outras características culturais. Em consequência, as atitudes culturais diferenciadas aparecem porque as motivações e os contextos são diferentes entre os grupos culturais (Bhatia & Ram 2001; Liu, 2008), e ainda através do mesmo grupo cultural, revelando diversidade interna. Portanto, a presente investigação afirma que nenhum modelo da aculturação se adequa inteiramente ao contexto português e que o modelo preferido muda consoante o estatuto social (Castro, J. F. P., 2012), isto é, dos imigrantes, dos emigrantes portugueses e da maioria portuguesa. Os diferentes grupos culturais estabelecem diferentes apreensões acerca da auto ou da hétero mudança cultural. O estatuto social implica diferentes processos de socialização¹¹, de enculturação e ainda de diferentes motivações ou decisões de utilidade acerca da relação intercultural. O elemento comum entre as diferentes avaliações através do estatuto social é a apreensão com a auto ou a hétero mudança cultural, sendo suposto que todos os grupos sociais expressem apreensões acerca das suas mudanças culturais (Bourhis, *et al.*, 1997). Assim sendo, o estatuto social implica que as amostras irão atribuir discordância perante as suas próprias mudanças culturais, mas que irão atribuir níveis de discordância menos elevadas com a

¹⁰ A controvérsia dos ritos chineses relaciona-se com a manutenção cultural chinesa e ainda com a adaptação cultural dos jesuítas à mesma, sendo que os padres dominicanos consideram excessiva a aprendizagem da cultura chinesa pelos jesuítas, pois poderia mudar a cultura católica (Minamiki, 1985).

¹¹ A socialização e a enculturação são construtos semelhantes, pois, remetem para a aprendizagem duma determinada cultura, no entanto, na socialização a aprendizagem é mais intencional, consciente e deliberada, sendo feita, usualmente, através das instituições.

mudança dos outros grupos culturais. No que diz respeito ao desenho da presente investigação, a vantagem fundamental do estatuto social é de permitir ver a aculturação como um processo antagonístico e interativo, além do proposto pelo modelo de Bourhis (Bourhis, *et al.*, 1997) porque a amostra da maioria portuguesa poderá expressar a apreensão acerca da própria cultura. O estatuto social também permite verificar as contradições internas dos modelos de aculturação, tal como eles são formulados no racional teórico do questionário empregue. Assim sendo, a inclusão das motivações devidas aos diferentes estatutos sociais permitiu observar a cultura portuguesa da aculturação a funcionar a diferentes níveis, ou seja, uma dimensão “ideal” e outra “real”, relevando que a aculturação é um processo dinâmico, interativo e seletivo. Contudo, o fenómeno da aculturação encontra-se intrinsecamente relacionado com o construto da cultura, ou seja, antes de explicitar os modelos da aculturação, deverá ser feita um aparte acerca do construto da cultura.

3. Do conceito de cultura até à aculturação

Este capítulo contém uma breve descrição da temática da aculturação. O objetivo principal deste capítulo é o de descrever a temática da aculturação e a evolução da mesma, comparando alguns modelos e abordagens da aculturação. Usualmente, as pessoas não estão conscientes da influência da cultura nas suas vidas diárias (Bock, 2003; Rogoff, 2005). Em consequência, um primeiro olhar poderia antever a cultura como sendo fácil de definir. Contudo, a definição da cultura é muito complexa e plural (Hermans, 2001). A cultura é ainda dinâmica (Kroeber, 1952), multidimensional (Triandis, 2002), seletiva (Kroeber & Kluckhohm, 1952) e normativa (Matsumoto, 2006). A cultura é a principal fonte e recurso da Psicologia Cultural e da Psicologia Intercultural (Kim, Park & Park, 2000; Matsumoto, 2006). A cultura é um metaconceito e é comumente definida através da definição antropológica de Kroeber e Kluckhohm¹² (1952). Os referidos autores consideraram que as definições de cultura poderiam ser divididas em seis categorias: a descritiva, a histórica, a normativa, a psicológica, a genética e a estrutural. Contudo, a complexidade da cultura não é abordada por inteiro, inclusivamente, numa definição tão ampla como a de Kroeber e Kluckhohm (1952). A presente investigação não tentou elaborar uma definição do construto da cultura, para além da fornecida por Kroeber e Kluckhohm. A presente tese de doutoramento apenas fornece algumas características fundamentais do construto.

3.1 A cultura como seletiva e normativa

Uma importante especificidade do conceito de cultura é a sua característica seletiva (Kroeber & Kluckhohm, 1952; Samovar & Porter, 1994a, 1994b), a qual é devida à transmissão e aprendizagens culturais, sendo que as pessoas apenas percebem uma pequena parte da “infinidade” das formas culturais. Assim sendo, a transmissão cultural reduz o olhar sobre a “realidade”, no qual se deve incluir a linguagem científica (McGuire,

¹² “Culture consists of patterns, explicit and implicit, of and for behaviour, acquired and transmitted by symbols, constituting the distinctive achievements of human groups, including their embodiments in artifacts; the essential core of culture consists of traditional (i.e., historically, derived and selected) ideas and especially their attached values: cultural systems may on the one hand be considered as products of action, on the other as conditioning elements of further action. (Kroeber, & Kluckhohm, 1952, p. 181).”

1983; Triandis, 2002). A característica seletiva da cultura revela a importância da transmissão cultural e também a importância das relações humanas para a construção da cultura. Por um lado, a cultura reduz a percepção¹³ da “realidade”, contudo é através da relação social que as pessoas podem aprender, nomeadamente, mediante a socialização, a enculturação ou a aculturação. Na vida diária, a cultura não estimula apenas o comportamento, senão que também estabelece uma grelha para interpretar a interação social (Shaules, 2007b) e para normalizar o uso desse mesmo comportamento (Matsumoto, 2006). Assim sendo, a cultura é um conceito interpretativo (Bhatia, 2007b; Cole, M., 1996; Poortinga, 1997).

As características seletiva e normativa da cultura são muito importantes porque a Psicologia Intercultural estabelece comparações por entre as culturas, lidando com os limites do conhecimento duma determinada cultura, incluindo a científica (Ember & Ember, 2009). Portanto, as características seletiva e normativa da cultura poderão enviesar as comparações interculturais, pois estas poderão carecer de equivalência de construto (Leung & Van de Vijver, 2008). Segundo Kim, *et al.* (2000): “Culture represents the collective utilization of natural and human resources to achieve desired outcomes” (p. 67). Assim sendo, a cultura, bem como as crenças pessoais do doutorando e as suas escolhas têm implicações no resultado final da presente investigação (Cronbach, 1957; McGuire, 1983; Myrdal, 1969; Triandis, 2002).

3.2 A cultura como uma temática relacional

Na tradição cultural ocidental, desde Aristóteles que os seres humanos são pensados como animais sociais. Na Ásia as palavras chinesa, japonesa e coreana para representar o ser humano podem ser traduzidas como “humano por entre” (Kim, *et al.*, 2000). De modo semelhante, segundo Vygotsky (2001, 2002; Vygotsky & Luria, 1996), o comportamento fundamental é a atividade social mediada (Bruner, 1999; Vala, 2000), a qual cria diferentes características culturais (Berry, Poortinga, Breugelmans, Chasiotis & Sam, 2011; Castro, J. F. P, 2005; Robbins, 2003), fornecendo uma complexa e rica

¹³ McGuire fala da tragédia do conhecimento: “. . . One cannot survive without doing it, but one cannot do it well.” (McGuire, 1983, p. 2).

estrutura, isto é, as culturas humanas (Hall, 1994a, 1994b; Yum, 1994). Assim sendo, este trabalho afirma que a atividade humana e as relações sociais (incluindo a aculturação) são instrumentos da construção cultural (Leal, M., 1993, 1999, 2001, 2004; Segall, Lonner & Berry, 1998; Vygotsky, 1996, 1998, 2001, 2002; Vygotsky & Luria, 1996). A cultura é uma construção social (Berger, 2004; Berger & Luckmann, 2004) e os seres humanos são caracterizados pela plasticidade da aprendizagem. Finalmente, a investigação de doutoramento também aponta para o ponto de vista da agência, o qual não divide as atividades individuais das coletivas (Bandura, 2008).

Segundo Herskovits (1938), uma das principais características da aculturação, para além da influência mútua, é o contato cultural. Kramer (2011) afirma que o que caracteriza a comunicação intercultural é a mera relação. A comunicação intercultural e a aculturação são fenómenos relacionais, os quais influenciam e mudam todas as culturas em contato intercultural (Kramer, 2000). A adaptação humana ao meio social e natural e o contato intercultural conduzem à diversidade cultural (Cathcart & Cathcart, 1994; Jahoda, 2002; Werner, Brown & Altman, 1997), uma vez que todos os grupos humanos partilham fronteiras culturais através do tempo e do espaço (Barth, 1969; Hermans & Kempen, 1998; Hermans, Kempen & Van Loon, 1992; Hoerder, 2002; Manning, 2005).

3.3 Implicações para a investigação

As dimensões do construto da cultura apresentadas, anteriormente, implicam assumir algumas presunções e consequências para a presente investigação (Matsumoto, 2007; Matsumoto & Yoo, 2007). As características da cultura são partilhadas pelo construto da aculturação, o que enfatiza as dificuldades do estudo da aculturação. O conceito de cultura é também importante para definir as direções causais, sendo que na presente investigação é afirmado que a cultura e a vida psicológica estão articuladas porque ambas implicam transmissão cultural, dificultando a delimitação das relações causais. Hermans, *et al.* (1992) concebem o Eu e a cultura através duma multiplicidade de posições (Bhatia, 2002a; Hermans, 2001). A definição da cultura é ainda importante porque a Psicologia Intercultural trabalha com grupos sociais como sucedâneos de variáveis culturais duma

forma comparativa (Matsumoto & Yoo, 2006). Deste modo, as inferências culturais devem ser cuidadosamente interpretadas, evitando a falácia da atribuição cultural¹⁴.

No campo da ética a investigação poderá legitimar estereótipos acerca dos grupos culturais, assim como das minorias (Hunt, Schneider & Comer, 2004; Matsumoto & Jones, 2009). As principais temáticas da aculturação, ou seja, a saúde, a identidade étnica, o *coping* (Ward, 2001, 2004), a discriminação e o estatuto socioeconómico devem ser cuidadosamente desenhados, revelando as motivações de todas as partes envolvidas, assim como os ganhos e as perdas obtidas através da relação intercultural. Na presente investigação é dito que não existe uma “melhor” cultura, nem tampouco uma “melhor” forma de pensar (Bartlett, 1923; Lévi-Strauss, 1962) ou um “melhor” modelo de aculturação (Rudmin, 2003b). A investigação deve também estar consciente de que, muitas vezes, os grupos sociais dispõem de diversidades internas. Em consequência, a investigação deve evitar generalizações excessivas e estar aberta a novas informações e técnicas de investigação. Weisskirch (2005) clarifica como os investigadores juntam diversos grupos culturais em categorias extensas como os “*Asian Americans*” ou os “*Latinos*”. De acordo com Matsumoto (2002b), o Japão é, usualmente, empregue para estabelecer comparações interculturais. Contudo, o Japão é e foi culturalmente diverso (Matsumoto, 2002b; Matsumoto & Yoo, 2006). Assim dispondo, a cultura é dinâmica (Kroeber, 1952) e é aprendida, não existindo um único conteúdo cultural, sendo que também não é um mero resultado, senão que um processo dinâmico, o qual é constantemente aprendido e construído. Tarde (1903) escreveu que a inovação cultural surge da imitação, que o novo aparece do antigo e que a cultura é constantemente reinventada.

Em conclusão, a nível metodológico a cultura é tão complexa que necessita de ser tratada como “uma cebola”, ou seja, camada por camada (Matsumoto & Yoo, 2006; Poortinga, Van de Vijver, Joe & Van de Koppel, 1987), conferindo um carácter exploratório à presente investigação. Após a tentativa de delinear a definição do construto da cultura e algumas das suas características, a investigação de doutoramento deve dirigir-se em direção ao fenómeno da aculturação. A aculturação tem sido conceptualizada como

¹⁴ A falácia da atribuição cultural consiste em: “. . . the inference that something “cultural” about the groups being compared produced the observed differences when there is no empirical justification for this inference. (Matsumoto, & Jones, 2009, p. 326). ”

sendo linear ou como tendo duas dimensões (Ryder, Alden & Paulhus, 2000). De acordo com Arends-Tóth e Van de Vijver (2006a, 2006b), a aculturação dispõe de três modelos: a assimilação, o multicultural e o modelo de fusão. A presente investigação abarcou ainda o modelo intercultural. A ideia de difusão pode ser tratada como sendo o precursor dos referidos modelos. O propósito dos subcapítulos seguintes não é apenas o de expor os modelos de aculturação, mas também de mostrar as suas limitações e as suas contradições internas.

3.4 Alguns modelos e abordagens da aculturação

3.4.1 A difusão

Conforme as implicações do conceito e das dimensões da cultura para a presente investigação, abordadas no subcapítulo anterior, seguem-se os principais modelos e abordagens da aculturação, no sentido de melhor compreender a investigação e o modelo de Rudmin (2009), assim como de melhor compreender a metodologia usada. De acordo com Herskovits (1938), a difusão ocorre quando uma característica cultural duma cultura se espalha para outras culturas. Em consequência, a difusão é um processo linear de transmissão cultural, não implicando qualquer influência mútua. Outra característica da difusão é o facto de não envolver um contacto contínuo entre as culturas (Herskovits, 1938). Para além do mais, segundo Herskovits (1938), a palavra difusão é comumente utilizada para explicar a inovação da cultura e não implica qualquer intenção da parte de quem pede “emprestado” ou de quem “empresta” traços culturais. A ideia da difusão encontra-se presente no problema de Galton (Naroll, 1970), uma vez que a difusão, supostamente, reduz a diversidade cultural, fazendo com que as inferências estatísticas sejam difíceis de serem levadas a cabo, pois as diferenças culturais são supostas diminuir.

3.4.2 Modelo da assimilação

A ideia de difusão foi o ponto de vista dominante até ao modelo da assimilação (Leal, J., 2011) e o último foi o modelo predominante até meados dos anos 60 do século passado, uma vez que foi substituído, então, pelo modelo multicultural (Scott, 2009; Vijver, 2006a). O modelo da assimilação é conceptualizado como unidirecional ou linear porque as culturas são mutualmente exclusivas (Park & Miller, 1921) e presume apenas uma direção, ou seja, a minoria é absorvida na cultura dita maioritária. O modelo da assimilação vai desde a não adaptação até à completa adaptação (ou assimilação) e, numa fase intermédia, encontra-se a bicultural do modelo multicultural (Bourhis, *et al.*, 1997), uma vez que o indivíduo bicultural partilha características culturais de ambas as culturas. A biculturalidade foi percebida pelo modelo da assimilação (Park, 1928) como uma forma ambígua e prejudicial da aculturação. A assimilação é pensada como um processo de absorção da cultura minoritária face à segunda cultura, implicando uma perda de preferência cultural e um “esquecimento” do legado cultural por parte da cultura dita minoritária (Castro, V. S., 2003).

A preferência por uma cultura homogénea e a rejeição da diversidade podem ser explicadas devido às raízes históricas do modelo da assimilação. O modelo da assimilação apareceu como uma temática académica nos Estados Unidos da América, nos inícios do século XX, no entanto era uma ideia e uma política europeia do século XIX. Segundo as ideias europeias da assimilação, o Estado devia apresentar-se política e culturalmente uniforme, sendo que para atingir esse propósito, por exemplo, a instrução em massa foi aplicada (Almeida, J. C. P., 2006; Gellner, 1983). O modelo da assimilação de Gordon é comumente atribuído como sendo o melhor exemplo do modelo da assimilação (Castro, V. S., 2003; Flannery, Reise & Yu, 2001; Gordon, 1964; Sam, 2006a; Scott, 2009). Gordon (1964) propõe sete tipos ou domínios de assimilação: o cultural, o estrutural, o marital, a identificação, a atitude de receção (preconceito), o comportamento de receção (discriminação) e o cívico. Gordon afirma que alguns domínios podem ser alcançados mais rapidamente do que outros (Gans, 1979; Taylor, 1991). Contudo, no modelo da assimilação atingir a absorção cultural é uma questão de tempo porque o processo é suposto terminar com a absorção da cultura minoritária. Uma vez que o modelo da assimilação funciona através dum resultado esperado, o fosso entre as gerações é uma

importante variável no modelo de assimilação (Gans, 1997; Hirschman, 1983) porque permite, ao longo do tempo, mostrar a evolução da minoria. Contudo, o estudo entre as gerações tem revelado o paradoxo da imigração¹⁵ (Rumbaut, 1997). No modelo da assimilação a preocupação gira em torno dum resultado, ou seja, é esperada a assimilação da cultura minoritária (Gans, 1979), sendo que os aspetos dinâmicos e criativos da aculturação são colocados de lado pela dedução de que o resultado será, irremediavelmente, o fim da cultura minoritária.

3.4.2.1 A assimilação e a discriminação

Em França, Pereira e Tavares (2000) abordaram a comunidade portuguesa através do modelo de assimilação, ou seja, abordam o fenómeno através dum resultado esperado no futuro: "Whether the assimilation of young Portuguese in France is a success story or not is an open question." (Pereira & Tavares 2000, p. 455). Segundo a literatura da aculturação segmentada (Portes, Fernández-Kelly & Haller, 2005), os principais problemas da assimilação estão relacionados com a falta de mobilidade social ascendente e com a discriminação. Assim sendo, no modelo da assimilação a aculturação é um problema de integração social, tal como foi conceptualizado por Durkheim (Wieviorka, 2011), e não uma questão de aprendizagem. O primeiro domínio do modelo de Gordon (1964), isto é, o cultural, implica aprender uma segunda cultura, contudo a aprendizagem é tratada como uma condição para alcançar a assimilação, isto é, para “esquecer” a cultura original.

Para além da desigualdade económica, nas sociedades norte americanas, a “raça” é uma temática relevante: “Multiculturalism is the price that America is paying for its inability or unwillingness to incorporate into its society African Americans . . .” (Glazer, 1997, p. 147). De acordo com Glazer (1993, 1997, 2000), a questão racial e as desigualdades económicas resultaram nos movimentos dos direitos civis, decorridos entre a década de cinquenta até aos anos oitenta. De resto, um dos primeiros discursos da

¹⁵ O paradoxo da imigração surge porque as segundas gerações de imigrantes têm “pior” saúde do que as primeiras. Contudo, o modelo da assimilação presume o oposto. Rudmin (2009) notou que o paradoxo está também presente no modelo multicultural, uma vez que a manutenção cultural é presumida de ser a melhor opção aculturativa, mas é também afigurada como sendo uma fonte de problemas para a saúde dos indivíduos.

assimilação focalizou a comunidade portuguesa de Nova Inglaterra. Taft, D. R. (1969) surpreendeu-se com a “escuridão” dos emigrantes portugueses, uma vez que os portugueses habitavam com africanos e mestiços, sobretudo, cabo-verdianos na mesma área residencial. Hoje, a temática racial acerca da comunidade portuguesa ainda não desapareceu, sendo ainda alvo de estudos em Nova Inglaterra (Azevedo, 2010; Harney, 1990; Moniz, 2009).

Segundo Alba (2009), os casamentos mistos são tidos como uma das melhores soluções para resolver os problemas da separação racial e da discriminação. Contudo, nos Estados Unidos da América a percentagem de casamentos mistos é baixa (Batson, Qian & Lichter, 2006; Qian & Lichter, 2001, 2007). Como Myrdal (1944) escreveu, a cultura norte americana do “*separate but equal*”¹⁶ implica dilemas morais. Como conceber uniformidade numa sociedade separada é ainda o problema principal do modelo da assimilação (e também do modelo multicultural). No entanto, segundo Alba e Nee (2005), Brubaker (2001) e Scott (2009), a teoria da assimilação tem assumido mais complexidade interna. Taylor (1991) afirmou que a abordagem da assimilação precisa de incluir as variáveis económicas e políticas (Gans, 1979), não atribuindo importância à manutenção cultural das minorias étnicas. Em consequência, as novas ou as antigas culturas e as identidades (dos nativos americanos ou dos afro-americanos, por exemplo) poderão ser tratadas apenas como um problema económico ou político. Gans (1997) argumenta que o aparecimento das identidades étnicas não se constitui no âmbito de novas formulações culturais, designando-as de “culturas imaginárias” ou de “identidades simbólicas”. A questão da recriação cultural e do dinamismo da cultura tinha sido, anteriormente, abordado por Herskovits (1938), por Freyre, (1986) e por Bastide (1971), contudo a importância destes trabalhos foi “esquecida”, assim como entender a aculturação como um processo dinâmico pelos autores que defendem o modelo da assimilação. Assim sendo, no modelo de Rudmin (2009), como se verá no capítulo número quatro, a discriminação e o estatuto socioeconómico são tratados como variáveis de controlo, evitando confundir aculturação com a discriminação, pois a primeira é apenas aprendizagem, podendo, no entanto, a discriminação dificultar a aprendizagem intercultural.

¹⁶ O “separados, mas iguais” foi uma doutrina legal nos Estados Unidos da América, a qual conduziu à separação e à segregação étnica.

Em resumo, o modelo da assimilação implica uma abordagem não robusta a nível cultural, psicológico e social, uma vez que acaba por reconhecer a diversidade cultural e contextos de aculturação ou resultados distintos da assimilação, tal como Scott (2009) o fez, referindo-se à comunidade portuguesa nos Estados Unidos da América: "Assimilation and pluralism are processes that may occur simultaneously not only in societies, but also within a single ethnic group, or even in the life of an individual". (Scott, 2009, p. 61). Nos Estados Unidos da América, por seu turno, Glazer (2000) aponta para a diversidade interna, a qual é feita através das misturas de todas as culturas e afirma ainda que todas as culturas estão a mudar de modo dinâmico, incluindo a anglo-saxónica. Apesar dos seus pontos fracos, o modelo de assimilação dispõe duma interessante abordagem: a transnacional, a qual será útil para os capítulos acerca da emigração e da imigração, isto é, os capítulos dezoito e dezanove, respetivamente.

3.4.3 Modelo multicultural

3.4.3.1 Modelo de Berry

Em finais dos anos 60 do século passado, o modelo da assimilação perde a sua força e dá lugar ao modelo multicultural, o qual é formulado e aplicado pela primeira vez no Canadá, em 1971, na pretensão de fomentar a justiça social e a manutenção cultural das minorias. Um exemplo dum modelo com duas direções ou multicultural é o de Berry (1974, 1988a, 1988b; 1997, 2001, 2006a, 2006b, 2007), o qual foi formulado no contexto canadiano. Como na descrição do modelo da assimilação, o presente subcapítulo pretende descrever as características principais do modelo de Berry (1974, 1997) e, ao mesmo tempo, estabelecer um ponto de vista crítico acerca do mesmo. As principais diferenças face ao modelo da assimilação são que a ideologia multicultural permite a manutenção da cultura minoritária e, ao mesmo tempo, a participação da minoria na sociedade alargada (LaFromboise, *et al.*, 1993), permitindo a não absorção da cultura minoritária na maioritária. Contudo, o modelo multicultural está também estabelecido como uma ideologia (Berry, 2001; Schalk-Soekar & Van de Vijver, 2008), a qual implica, segunda a presente investigação, questões éticas e metodológicas. Segundo Berry, *et al.* (2011), a ideologia multicultural assenta na aceitação da convivência entre grupos culturais distintos

no mesmo espaço residencial (Inglis, 1996). Assim dispondo, uma das principais questões seria a de saber como a maioria lida com as suas próprias mudanças culturais (Geschke, *et al.*, 2010), uma vez que a convivência com outras culturas deveria mudar a sua cultura. Contudo, as mudanças da maioria foram “esquecidas” e não são abordadas no modelo de Berry. Apesar de ser designado de modelo bidirecional, as influências culturais apenas ocorrem na minoria (Berry, 1988a, 1988b, 1993) porque a apreensão gira em torno de como a minoria obtém adaptação cultural à cultura dita maioritária. Na presente investigação, torna-se necessário salvaguardar que a aprendizagem intercultural deverá apenas ser atribuída aos imigrantes, pois estes últimos são recém-chegados e pertencem a uma outra cultura. Por seu turno, no que diz respeito às minorias étnicas a adaptação poderá não incluir aprendizagem, senão que adaptação sociocultural e a não discriminação da maioria. Assim dispondo, a confusão entre imigrantes e minorias étnicas ou entre a aprendizagem e a discriminação presentes no modelo da assimilação persistem no modelo multicultural. Nesta investigação é necessário também salvaguardar que os emigrantes são definidos como sendo temporários (Bilsborrow, *et al.*, 1997). Quando a estadia dos imigrantes se prolonga, por exemplo, através das segundas gerações, a situação dos imigrantes poderá ser semelhante à das minorias étnicas, uma vez que as segundas gerações de imigrantes poderão ter aprendido a segunda cultura por completo, estando aculturados, mas poderão também não ser aceites pela cultura maioritária, ou seja, poderão ser discriminados.

A investigação geral acerca da aculturação dispõe de três temáticas principais (Ward, 2004): o *coping*, a identidade étnica e a aprendizagem cultural. A conceptualização de Berry (1988a, 1988b, 1997, 2001, 2004c, 2006b, 2007) tornou-se o modelo dominante para abordar o *coping* e a identidade étnica, sendo estudada empregando as atitudes culturais, “esquecendo”, no entanto, a aculturação como um processo de aprendizagem e as motivações aculturativas (Rudmin, 2009). O modelo de Berry envolve duas dimensões tidas como independentes¹⁷, as quais são formuladas como questões e através das quais a tipologia da aculturação de Berry (1997) emerge. As duas dimensões ou questões são as seguintes: é considerado de valor manter a identidade e as características culturais? E a seguinte questão consiste em: é considerado de valor manter relações com outros grupos? A preferência ou escolha intercultural da minoria fornece quatro estratégias de

¹⁷ O modelo de Berry (1974, 1997) implica que ambas as culturas não têm nada em comum (Bowskill, *et al.*, 2007). O modelo implica também que apenas existem duas culturas em contato e que essas culturas são homogêneas, por fim, o modelo não permite expressar as preferências culturais em negação (Rudmin, 2003a).

aculturação: a integração, a assimilação, a separação e a marginalização, conforme se pode observar na figura número um.

Dimensão 1. É considerado de valor manter a identidade cultural e as características culturais?		
Dimensão 2: É considerado de valor manter relações com outros grupos?		SIM
		NÃO
	SIM	INTEGRAÇÃO
		ASSIMILAÇÃO
	NÃO	SEPARAÇÃO
		MARGINALIZAÇÃO

Figura 1, as estratégias aculturativas da minoria. Fonte: Berry (1997)

Como é observável na figura um, a integração implica estar aberto à relação intercultural, manter o legado cultural e aprender uma segunda cultura. A assimilação envolve manter relações com a cultura da maioria, acabando por “esquecer” a cultura original. A separação envolve não manter contato com a segunda cultura e manter o legado cultural da cultura original. Segundo Berry, Phinney, Sam e Vedder (2006), a separação conduz a um menor grau de prejuízo para a minoria. A marginalização envolve o abandono de ambas as culturas e não implica qualquer tipo de relação com as duas culturas. Contudo, não existe nenhum grupo humano sem cultura (Jahoda, 2002) ou sem fronteiras culturais (Barth, 1969). Portanto, a existência da estratégia minoritária da marginalização é considerada, hoje, problemática. Para além da estratégia ou escolha da minoria, Berry (2001) elaborou também as expectativas da maioria face à adaptação cultural da minoria, tal como é observável na figura dois.

Manutenção cultural e identidade Minoria		
Contacto Intercultural		Gosto
		Não gosto
	Gosto	Multicultural
Maioria		Melting pot
	Não gosto	Segregação
		Exclusão

Figura 2, as expetativas aculturativas da maioria. Fonte: Berry (2001)

De acordo com a figura dois, Berry (1974, 1997, 2001, 2006b, 2006c, 2006d, 2007) complementou as estratégias culturais (isto é, a preferência ou escolha da minoria) com as expectativas da aculturação¹⁸, as quais são as expectativas do grupo maioritário acerca de como um grupo minoritário se deve aculturar (e não a apreensão com a sua própria cultura). Segundo o modelo de Berry (2001), as expectativas da maioria correspondem à estratégia da minoria, ou seja, à estratégia minoritária da integração corresponde à expectativa multicultural da maioria. A estratégia da assimilação da minoria corresponde à expectativa maioritária do *melting pot*¹⁹. À estratégia minoritária da separação corresponde a expectativa da segregação. E à estratégia da marginalização corresponde a expectativa maioritária da exclusão. No entanto, segundo Bourhis *et al.*, (1997), as atitudes culturais de ambos os grupos culturais poderão não ser concordantes, uma vez que os diferentes grupos sociais podem revelar diferentes apreensões acerca das suas mudanças culturais.

Na seguinte figura, isto é, na número três, Berry elabora uma nova tipologia tendo em conta ambos os grupos culturais em contato, completando a tipologia com os constrangimentos sociais colocados pela maioria, isto é, à maioria poderá ser atribuída não apenas a posição neutra da ideologia multicultural, no entanto, esta tipologia é raramente utilizada na análise do fenómeno da aculturação.

		Manutenção cultural e identidade	
		Minoria	
Contacto Intercultural	Maioria		
		Gosto	Não gosto
	Gosto	Multiculturalismo Pluralismo	Pressure cooker Melting pot
	Não gosto	Segregação Retirada	Etnocídio Marginalidade

Figura 3, as atitudes da maioria e da minoria do modelo de Berry. Fonte, Berry (2006c)

¹⁸ Em 2011, Berry, *et al.* (2011) designaram as atitudes culturais de ambos os grupos de estratégias. Assim dispondo, a palavra expectativa desapareceu. Na mesma obra, a minoria é designada de grupo etno-cultural e a maioria é designada de sociedade alargada.

¹⁹ Na presente investigação o *melting pot* foi conceptualizado como pertencendo ao modelo de fusão, tal como foi descrito por Simons (1901a), por Freyre (1986) ou ainda, em termos cronológicos, por Herskovits (1938).

Como é observável na figura três, Berry (2006c) acrescentou à escolha da minoria os constrangimentos sociais colocados pela maioria, acrescentando complexidade ao seu modelo. Na atitude de integração se a diversidade for uma característica da sociedade será pluralismo e se for desejada por todos os grupos será multiculturalismo. Na atitude da assimilação se ela for produzida pela maioria será um *pressure cooker* e se for seguida pela minoria será um *melting pot*. Na presente investigação, tendo em conta o trabalho pioneiro de Simons (1901a), é importante sublinhar que o *melting pot* é atribuído ao modelo de fusão e não ao multicultural. Na atitude de separação quando a separação é uma escolha da minoria trata-se de retirada, mas se for uma escolha da maioria será segregação. Por último, tendo em conta a tipologia da figura três, na atitude da marginalização se esta for procurada pela minoria será marginalidade e se for imposta pela maioria será etnocídio. A formulação teórica exposta na figura número três revela a necessidade de observar ambos os grupos culturais no processo de aculturação (Bowskill, *et al.*, 2007) e de verificar as relações de poder entre os grupos culturais e as intenções em ambas as culturas. Contudo, a abordagem de Berry (2006d) não é, usualmente, interativa, não tendo em consideração as motivações e as intenções, uma vez que apenas percebe a aculturação como uma preferência cultural e como sendo uma matéria da livre escolha da minoria, a qual é permitida através da posição neutra da maioria.

Como a presente investigação irá observar mais adiante, ou seja, na sua discussão final do capítulo vinte e dois, a aculturação é um processo dinâmico, no qual todas as partes são ativas, sendo que o resultado da aculturação deve ser percebido através das suas mudanças culturais nos diferentes domínios, tal como Taft, R. (1981) apontou, algumas décadas antes do modelo de Berry. No modelo de Berry as expectativas da maioria apenas funcionam como uma condição (liberal) porque ao multiculturalismo corresponde diretamente a estratégia de integração, contudo o grupo minoritário pode escolher outra opção, tal como a separação ou a assimilação. A maioria é suposta ser neutra, passiva e apenas a minoria é suposta ser ativa no processo de adaptação. O modelo de Berry (1974, 1997) está ainda baseado na teoria da assimilação porque qualquer aumento no contato cultural (isto é, da segunda questão da tipologia de Berry presente na figura um) irá significar uma diminuição da manutenção cultural (isto é, da primeira questão ou dimensão da tipologia de Berry). Em consequência, a cultura minoritária e a maioritária, supostamente, não partilham ou misturam características culturais e aprender uma segunda cultura implica “esquecer” o legado cultural (Kramer, 2000; Teske & Nelson, 1974). A

formulação liberal implica a livre escolha, contudo a forma como as questões estão formuladas envolvem a “obrigação” ou escolha forçada de se escolher entre as duas culturas.

Um olhar crítico sobre o modelo de Berry (1997) nota que a livre escolha da minoria não explica o modelo, pois Berry termina por afirmar que para se alcançar uma sociedade multicultural é necessário a adaptação institucional, níveis reduzidos de preconceito e de discriminação, atitudes mútuas positivas e, por último, um sentido de pertença à sociedade alargada (Berry, 1997). A noção de sociedade alargada, de resto, relewa o dilema que Myrdal (1944) descobriu, na sociedade norte americana, entre os valores da liberdade e da igualdade e a discriminação das minorias étnicas, pois os diferentes grupos culturais estão separados, ou seja, a noção de sociedade alargada implica uma separação cultural (Machado, I. J. R., 2006; Rocha-Trindade, 2010a), sendo que as diferentes culturas apenas se encontram na sociedade alargada do “*separate but equal*”, mas não se misturam ou partilham caraterísticas culturais (Bowskill, *et al.*, 2007; Rudmin, 2003a).

Em resumo, de acordo com o modelo de Berry (2001), a aceitação da diversidade cultural permite a manutenção da cultura minoritária. O modelo de Berry advoga pela ideologia multicultural (Berry, 2001). Contudo, tal como Berry escreveu (1988a, 1988b, 1993), muitas vezes, a investigação da aculturação apenas implica abordar um único sentido de influências interculturais, isto é, a adaptação cultural da minoria à cultura maioritária. Para além do mais, a ideologia multicultural é recente, uma vez que foi adotada pela primeira vez, em 1971, no Canadá (Sabatier & Berry, 1994). Porém, na Europa, alguns governos têm desistido dessa ideologia (Coenders, *et al.*, 2008). Na presente investigação deve-se acrescentar que o modelo de Berry (Berry & Sam, 1997) apenas funciona sob condições multiculturais: livre escolha, relativa tolerância, manutenção cultural de ambas as culturas e preferência pelo biculturalismo. Contudo, essas condições são raras (Berry, 1997), sendo que a maioria dos países têm políticas de assimilação (Nguyen & Benet-Martínez, 2007). Por exemplo, as narrativas históricas da China enfatizam a capacidade de assimilar outras culturas (Hilton & Liu, 2008). Num estudo qualitativo acerca da identidade aborígene canadiana, Berry escreveu “. . . replacing the old notion of domination from sea to sea, by the new vision of diversity as a

fundamental characteristic of Canada.” (Berry, 1999a, p. 33), revelando que o modelo de Berry assenta num ideal²⁰.

De acordo com Arnett (2002), o processo de globalização tende a produzir identidades biculturais e algumas investigações têm reportado que o biculturalismo tem subcategorias (Bhatia, 2002a; Hermans, 2001; Schwartz & Zamboanga, 2008; Taft, R., 1981), o que acrescenta complexidade ao modelo de Berry, estendendo a necessidade de mais investigações, tendo em consideração novos contextos sociais e outras culturas (Benet-Martínez & Haritatos, 2005; Nguyen & Benet-Martínez, 2007), para além da cultura anglo-saxónica. LaFromboise, Coleman e Gerton (1998) acrescentaram outro tipo de biculturalismo: a alternância. A alternância envolve ser culturalmente competente em diferentes culturas e também implica a manutenção do legado cultural porque o indivíduo não tem que escolher entre as diferentes culturas. Outra característica da alternância é fornecida por Benet-Martínez, Leu, Lee e Morris (2002) porque o indivíduo pode mudar de cultura segundo o contexto ou a situação (Coleman, 1995; Coleman, Casali & Wampold, 2001). Tal como a presente investigação irá verificar mais tarde, a alternância poderá ser semelhante ao comportamento de aculturação histórico português, uma vez que os portugueses presumem que são capazes de adquirirem adaptação cultural a todas as culturas (Freyre, 1959; Souza, 2000, 2001), sem abandonarem a cultura portuguesa. Por seu turno, a abordagem transnacional (Bhatia, 2007b) confere um sentido de alternância aos imigrantes com elevado estatuto socioeconómico. Contudo, a característica cultural e psicológica onde assentam as abordagens transnacional e a atitude da alternância é na capacidade de adaptação, sem o abandono do legado cultural.

Outro tipo de biculturalismo é designado de “aculturação” (LaFromboise, *et al.*, 1998). Um indivíduo pode ser culturalmente competente na cultura maioritária, mas essa pessoa irá, de qualquer modo, ser identificada como sendo membro duma cultura minoritária (Coleman, 1995; Coleman, *et al.*, 2001; LaFromboise, *et al.*, 1998). Como na atitude de marginalização do modelo de Berry (1997) e no modelo da assimilação, a “aculturação” tem as suas raízes numa hétero avaliação acerca da identidade étnica dos indivíduos minoritários, uma vez que depende da aceitação grupal da maioria. Consequentemente, a “aculturação” poderá encontrar-se relacionada com a discriminação

²⁰ A partir dum ponto de vista ético, na presente investigação é necessário revelar que o doutorando partilha as ideias liberais e ainda que é agnóstico.

e não com a aprendizagem. A atitude da “aculturação” é próxima da teoria da assimilação segmentada, tendo em conta a discriminação e as desigualdades no estatuto socioeconómico (Portes, *et al.*, 2005). O que interessa para o presente subcapítulo é que o biculturalismo pode ter várias expressões, para além da tipologia de Berry (1997).

O modelo de Berry afirma que a atitude de integração causa menos dano ou *distress* do que as outras atitudes culturais (Berry, 2006b). Contudo, o paradoxo da imigração ou também designado de paradoxo hispânico (Chin, 2004; Nguyen, 2006; Sam, 2006b) revela que a saúde é “maior” nos grupos minoritários com baixos rendimentos (Berry, *et al.*, 2006). A saúde é também “maior” nas primeiras gerações de imigrantes e torna-se “menor” nas segundas gerações com rendimentos mais elevados do que na primeira geração de imigrantes. Em consequência, um nível mais profundo de adaptação cultural é suposto ser problemático, mas, ao mesmo tempo, é considerado como sendo a opção ideal que menos dano ou *distress* provoca. De acordo com Rudmin (2009), desde Thomas e Znaniecki (1918) que o fenómeno da aculturação é abordado salientando a adaptação da minoria à cultura majoritária, supondo que o processo é prejudicial e implicando *distress*, mas, ao mesmo tempo, a atitude de integração é tida como sendo a melhor opção. A investigação dominante está ainda assente neste paradoxo (Rudmin, 2009). Para além do mais, Sue e Shue (Sue, 2003) têm mostrado que o biculturalismo pode aumentar os conflitos sociais, os quais podem atingir as segundas gerações de imigrantes (Lalonde & Giguère, 2008).

A nível cognitivo, a integração é também a atitude preferida (Nguyen & Benet-Martínez, 2007) porque a integração, supostamente, causa flexibilidade e complexidade cognitivas e ainda porque conduz a competências culturais mais elevadas (Tadmor & Tetlock, 2006; Tadmor, Tetlock & Peng, 2009). Contudo, os resultados podem explicar-se porque as amostras dos estudos são provenientes de sociedades multiculturais (Berry, 1997; Nguyen & Benet-Martínez, 2007) ou porque as amostras são constituídas por estudantes universitários (Bourhis, *et al.*, 2009).

O modelo de Berry (1997) tem sido criticado, pois, por exemplo, não percebe as duas dimensões do modelo (Berry, 1997) como independentes (ver figura 1) e as duas questões perguntam por coisas distintas (Lasry & Sayegh, 1992; Sayegh & Lasry, 1993a;

1993b), ou seja, a questão da manutenção cultural está relacionada com as atitudes culturais e a questão acerca do contato cultural está relacionada com os comportamentos (Hutnik, 1991; Lasry & Sayegh, 1992; Sayegh & Lasry, 1993a; 1993b). Na abordagem da identidade étnica, Hutnik mudou a questão de Berry acerca do contato cultural (ver figura 1) para uma acerca da identificação (Hutnik, 1986, 1991), isto porque um indivíduo pode adotar as características culturais da sociedade de “acolhimento”, mas não mudar a sua identificação étnica (Hutnik, 1986, 1991).

A nível intercultural, as políticas anglo-saxónicas acerca da imigração têm mudado ao longo do tempo e do espaço, isto é, a cultura anglo-saxónica nem sempre foi liberal ou favoreceu o pluralismo (Waddell, 1998). Em consequência, a mesma palavra pode ganhar diferentes conteúdos e significados dentro da mesma cultura (ideologias de esquerda, de direita, classe socioeconómica, por exemplo) e por entre os países ocidentais (Phalet & Kasic, 2006). Assim dispondo, um questionário formulado nos Estados Unidos da América e aplicado em França poderá obter a atitude de integração como resultado, o qual poderá ser interpretado segundo a cultura e o fundo cultural anglo-saxónico. No entanto, os sujeitos estarão a responder a algo diferente do fundo cultural do questionário porque a “integração”, em França, não significa manutenção dos legados culturais (Phalet & Kasic, 2006). Para além de que os sujeitos poderão escolher duas opções ou estratégias, em simultâneo, ou partilhar e misturar características culturais de ambas as culturas ou apenas preferirem a adaptação cultural por razões de utilidade (Rudmin, 2009) ou individualistas. O problema central da aplicação de instrumentos provenientes duma determinada cultura em outra parece estar centrado nas inferências estatísticas, as quais conduzem à falta de equivalência (Ember & Ember, 2009) ou ainda à falácia da atribuição cultural (Matsumoto & Jones, 2009).

Berry (2004a) afirma que a preferência cultural da integração é a melhor opção. Contudo, no Brasil, a integração significa misturas culturais num *melting pot*. Em França, a integração significa ser-se assimilado na cultura francesa (Carbonell & Rescalvo, 1995; Favell, 1998; Kastoryano, 2002; Michalowski, 2010; Sabatier & Berry, 1994) ou estar “integrado” a nível sociocultural (Wieviorka, 2011). Em França, as diferenças culturais são permitidas, mas apenas a nível privado e individual, uma vez que a nível colectivo a manutenção das culturas é pensada como um obstáculo aos valores republicanos

(Hollifield, 1990; Sabatier & Boutry, 2006). Nos Estados Unidos da América, tenta-se manter uma uniformidade cultural e a integração poderá ser problemática também face à sua diversidade interna (Kimura, 1988; Ogawa, 1978; Tamura, 1994). Em consequência, explicações alternativas devem ser tidas em conta, no sentido de alargar o conhecimento (Paranjpe, 1998) com novos estudos assentes em outras culturas, para além da cultura anglo-saxónica (Paranjpe, 1996). A investigação da aculturação deve estar adaptada ao contexto cultural da sua aplicação (Navas, *et al.*, 2005; Sabatier & Berry, 1994). Na Europa, é necessário consolidar a abordagem *emic*, no sentido de compreender a especificidade cultural de cada cultura. Após a abordagem *emic* é necessário realizar estudos *etic* derivados (Phalet & Kasic, 2006), ou seja, é necessário, em primeiro lugar conhecer os contextos culturais peculiares para, em segundo lugar, aplicar as formulações provenientes da cultura anglo-saxónica nessas culturas peculiares. Em resumo, o modelo de Berry (1974, 1997, 2001) não é a abordagem mais robusta acerca da aculturação porque esta última é um fenómeno complexo, relativo, dinâmico e multidimensional. Para além disso, o modelo não tem em consideração o fenómeno da aculturação como um processo de aprendizagem com dois sentidos, tendo apenas em consideração as preferências ou as atitudes culturais da minoria e não sendo também inclusivo com as motivações (Rudmin, 2009), com os contextos culturais e com a própria evolução do construto da aculturação.

3.4.3.2 Modelo Interativo da Aculturação (MIA)

Bourhis *et al.* (1997) formularam o Modelo Interativo da Aculturação (MIA), o qual, tal como o modelo de Berry, emerge no contexto canadiano. O modelo presume que a aculturação depende da interação entre os grupos culturais distintos. Assim sendo, a aculturação é suposta ser um processo de influências culturais com dois sentidos. Liebkind (2001) escreveu que a principal contribuição do MIA foi a ênfase na natureza intergrupar do fenómeno da aculturação e, segundo Gezentsvey e Ward (2008) e ainda Ward (2008), o modelo estabelece uma ponte entre os fatores individuais e os grupais. Outra contribuição fundamental foi o de contextualizar a investigação porque a aculturação é, supostamente, condicionada pelas condições políticas nacionais. Taft, R. (2007) já tinha afirmado, algumas décadas antes, que a aculturação poderia ser condicionada pelas ideologias nacionais.

		Dimensão 1. É considerado de valor manter a identidade cultural dos imigrantes?	
		SIM	NÃO
Dimensão 2. É considerado de valor adotar a identidade cultural da comunidade de acolhimento?	SIM	INTEGRAÇÃO	ASSIMILAÇÃO
	NÃO	SEPARAÇÃO	ANOMIA/ INDIVIDUALISMO

Figura 4, o Modelo Interativo da Aculturação. Fonte: Bourhis, *et al.* (1997)

Como é observável na figura número quatro, Bourhis mudou a questão de Berry acerca do contato cultural com a cultura de “acolhimento” (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006a; Van de Vijver & Tanaka-Matsumi, 2008), ou seja, a segunda dimensão de Berry para a adoção da identidade da cultura de “acolhimento”. No Modelo Interativo da Aculturação (Bourhis, *et al.*, 1997) o grupo minoritário toma as seguintes orientações: a integração, a assimilação, a separação e a anomia ou o individualismo. O modelo fornece à maioria a orientação face aos grupos minoritários (e não a apreensão acerca da sua própria cultura), uma vez que o modelo pressupõe dois grupos culturais em interação. As orientações da minoria e da maioria podem ser concordantes ou discordantes, resultando em relações consensuais, problemáticas ou conflituosas.

A escala *Host Community Acculturation Scale* (HCAS) foi desenvolvida para monitorizar a atribuição das orientações da aculturação (Bourhis & Bougie, 1998), empregando o Modelo Interativo da Aculturação. Estudos continuados têm verificado a validade da HCAS no Québec (Montreuil & Bourhis, 2001; 2004), no Québec e na Bélgica (Montreuil, *et al.*, 2004), na Califórnia (Bourhis, Barrette, El-Geledi & Schmidt, 2009), em Israel (Bourhis & Dayan, 2004), em Itália (Barrette, Bourhis, Capozza & Hichy, 2005) e em França (Barrette, Bourhis, Personnaz & Personnaz, 2004; Personnaz, Bourhis, Barrette & Personnaz, 2002).

O MIA tem em consideração as condições políticas e a interação da minoria e da maioria, acrescentando complexidade ao fenómeno da aculturação. Este modelo implica, por exemplo, ter em consideração as motivações e as intenções de ambas as culturas. O

MIA também implica que as motivações e as fronteiras culturais²¹ são importantes no processo de aculturação (Suanet & Van de Vijver, 2009). O Modelo Interativo da Aculturação abre a investigação para novos pontos de vista e para a possibilidade de acrescentar novas variáveis como a perceção das ameaças económica, simbólica e de segurança (Coenders, *et al.*, 2008; Montreuil, *et al.*, 2004; Zagefka, *et al.*, 2007). O MIA possibilita verificar ainda a concordância e a discordância das atitudes culturais de ambos os grupos culturais, a importância da origem dos grupos minoritários (Cabecinhas, 2003), ou se o grupo minoritário é valorizado ou é desvalorizado pela maioria (Bourhis & Dayan 2004; Montreuil & Bourhis 2001; Montreuil, *et al.*, 2004; Piontkowski, *et al.*, 2002). Estas novas variáveis podem ser úteis na definição da discriminação (Zick & Pettigrew, 2008) e para o estatuto socioeconómico, e ainda para a definição das motivações aculturativas em ambos as culturas (Zagefka, *et al.*, 2007). De resto, a sociedade de “acolhimento” trata os recém-chegados de acordo com as circunstâncias políticas, demográficas e socioeconómicas dum determinado período histórico (Coenders, *et al.*, 2008).

No contexto europeu, Piontkowski e Florack (1995) combinaram os modelos de Berry e de Bourhis, dando importância às relações interativas e dependentes entre os grupos. Piontkowski e Florack (1995) mantiveram ambas as questões de Berry (1997), sendo que a discordância das atitudes de ambos os grupos poderá prever a perceção de ameaça intergrupar (Piontkowski, *et al.*, 2002; Rohmann, Florack & Piontkowski, 2006). Assim sendo, Piontkowski e Florack (1995) acrescentaram variáveis psicológicas, as quais poderão ter um papel importante no processo da aculturação, isto é, a perceção da semelhança entre os grupos, a perceção de enriquecimento e a permeabilidade das fronteiras grupais (Piontkowski, *et al.*, 2002). Segundo Piontkowski, Florack, Hoelker e Obdržálek (2000), a atitude de integração não resolve os conflitos psicológicos e os imigrantes poderão adotar várias estratégias cognitivas e comportamentais. Por fim, as atitudes culturais podem mudar de acordo com os domínios e com as circunstâncias.

A decisão de utilidade, as motivações e as fronteiras culturais são cada vez mais relevantes para a literatura da aculturação. No trabalho de Rohmann, Piontkowski e Van Randenborgh (2008), as atitudes são pensadas como antecedentes da aculturação no

²¹ A expressão fronteiras culturais apareceu a partir da expressão da distância cultural, sendo que a derradeira foi empregue, no dealbar do século vinte, por Bartlett (1923). A diferença cultural entre duas culturas é designada de distância cultural (Triandis, 2007, 2008).

sentido em que a discordância das atitudes dos diferentes grupos conduz à percepções de ameaça intergrupar. Contudo, o MIA não presta atenção às apreensões da maioria acerca da sua mudança cultural, ainda emprega a discriminação e o estatuto socioeconómico como variáveis antecedentes ou condições aculturativas, e, por fim, não considera a aculturação como um processo de aprendizagem. Porém, o Modelo Interativo da Aculturação parece estar mais próximo da cultura portuguesa, e ainda face à definição da aculturação fornecida por Redfield, *et al.* (1936) do que o modelo de Berry (1974, 1997, 2001), pois a referida definição, tal como a cultura portuguesa, implicam interação intercultural.

3.4.3.3 O Modelo Alargado da Aculturação Relativa (MAAR)

Um outro modelo útil é o Modelo Alargado da Aculturação Relativa (MAAR), uma vez que se encontra próximo da cultura portuguesa, pois o MAAR foi formulado em Espanha (Navas, *et al.*, 2005). O MAAR também emprega duas amostras como sucedâneos ou *proxys* das culturas em estudo. Assim sendo, o modelo (MAAR) emprega as quatro preferências ou atitudes culturais do modelo de Berry (1997), combinando-as com o MIA (Bourhis, *et al.*, 1997). Outra característica fundamental do MAAR é a diferença entre as estratégias adotadas (situação real) e as preferidas (situação ideal). Para além disso, o MAAR divide a aculturação em sete domínios: o político, o laboral, o económico, o familiar, o social, o religioso e os modos de pensar (Navas, Rojas, García & Pumares, 2007). A divisão da aculturação através de domínios não introduz uma inovação, uma vez que, por exemplo, a aculturação é dividida em domínios também no modelo da assimilação de Gordon (1964), até porque, tal como Taft, R. (1957, 1963) afirmou, a aculturação é um processo seletivo. Na literatura antropológica abordar a aculturação através dos diferentes domínios é algo de comum (Herskovits, 1938; Spicer, 1954). O modelo espanhol do MAAR é próximo da conceptualização de Arends-Tóth e Van de Vijver (2003, 2006a, 2006b), os quais têm dividido o fenómeno da aculturação entre o domínio público (o qual é funcional e utilitário) e o domínio privado (o qual é sócio-emocional). O MAAR prediz que os sujeitos pertencentes à maioria e à minoria preferem a assimilação nos domínios periféricos como o económico ou o trabalho, portanto a minoria e a maioria são concordantes quanto ao domínio público. Contudo, os grupos são

diferentes em domínios fundamentais como a família, a religião ou os modos de pensar, uma vez que os imigrantes preferem a separação cultural e o grupo cultural da maioria prefere a atitude da assimilação no domínio privado. As hipóteses e os resultados do MAAR não são também originais porque as primeiras abordagens antropológicas dividiam a aculturação como sendo fácil de alcançar no domínio da aculturação material, mas sendo problemática ao nível subjetivo porque o derradeiro domínio implica formas de vida e de valores fundamentais (Bastide, 1968, 1971; Herskovits & Herskovits, 1934). Segundo Marín e Gamba (2003), as mudanças nos valores fundamentais são escassamente abordados na Psicologia Intercultural, usualmente, a investigação gira em torno das preferências culturais ou das atitudes e não em volta dos valores fundamentais. Apesar dos seus pontos fracos, o MAAR presume novas suposições e consequências para a temática da aculturação, acrescentando-lhe complexidade, uma vez que:

The adaptation process is complex (different options can be preferred and adopted at the same time) and relative, since the same strategies are not always used or the same options preferred when interaction with other cultures takes place in different domains . . . (Navas, *et al.*, 2005, p. 27).

Para além disso, de acordo com o MAAR, a aculturação é um processo seletivo e individual: "where each individual devises his own cultural synthesis accepting or rejecting elements from both cultures" (Navas, *et al.*, 2005, p. 29) e é dinâmico no sentido em que muda ao longo do tempo (Bhatia, 2002a). Liu (2008), referindo-se à sua própria experiência de vida, afirma que não existe uma única orientação e que as preferências aculturativas mudam consoante o contexto, ao longo do seu percurso de vida.

3.4.4 Modelo de fusão

Um terceiro modelo é proposto: o da fusão (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006a, 2006b; Hermans & Kempen, 1998). A raiz histórica dos modelos de fusão e da assimilação são comuns (Simons, 1901a). O modelo de fusão pode ser definido como a mistura de culturas (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006a), a qual dá origem a uma nova cultura de síntese (Coleman, 1995; Kagitçibaşın, 2007; Padilla, A. M., 1995), ou seja, tal como a assimilação, o modelo de fusão regula-se mediante um resultado esperado no

futuro. Contudo, ao contrário do modelo da assimilação, segundo LaFromboise, *et al.* (1998), o modelo de fusão não supõe uma superioridade cultural da maioria e as trocas culturais fluem em todas as direções e não apenas em direção à cultura majoritária. Em consequência, o modelo de fusão é um processo com dois sentidos aculturativos e as influências mútuas são reportadas. Uma outra característica é que as diferentes culturas ou subculturas podem emergir da mistura, conduzindo à diversidade cultural, tal como ocorre, por exemplo, no Brasil.

Segundo LaFromboise, *et al.* (1998), o modelo de fusão emergiu a partir da ideia do *melting pot*. Simons (1901a, 1901b, 1901c, 1901d, 1902) separou as ideias da assimilação e do *melting pot*, dizendo que o último pertence ao modelo de fusão (Rudmin, 2003c). Antes de Simons, Tocqueville (2002), em 1835, anunciou os Estados Unidos da América como um caso de fusão cultural. Assim sendo, historicamente, tal como já foi afirmado, o modelo de fusão encontra-se próximo da teoria da assimilação, uma vez que se afigura que partilhar o mesmo espaço político, geográfico e económico conduz à fusão das diferentes culturas. A assimilação é a imposição cultural realizada pela força sem misturas culturais. Contudo, Simons concebe o modelo de fusão também como um processo antagónico feito através da violência, conduzindo ao *melting pot*. De acordo com Simons (1901c), a instrução ou a educação têm um papel importante no modelo de fusão, assim com uma religião em comum, os casamentos mistos e, sobretudo, um sentido grupal comum. Simons (1901a) percebe a aculturação como um processo de acomodações recíprocas²² e não apenas como um resultado esperado. Contudo, a principal diferença entre os modelos da assimilação e da fusão reside no facto das misturas culturais serem reportadas, isto é, a influência cultural da minoria é reportada, tal como sucede em Freyre (1986), o que requer que durante o processo de aculturação o grau de imposição cultural seja menor do que na assimilação, sendo que a cultura da minoria não desaparece, senão que se mistura e essa mistura é reportada. Um outro autor fusionista importante é o cubano Fernando Ortiz (1995), o qual queria substituir a palavra aculturação pela palavra transculturação porque o último implica, segundo o autor, aprender uma segunda cultura e também misturar as culturas. Freyre (1986) foi outro autor fusionista do continente americano, o qual pertence ao contexto lusófono. A presente tese dedica um capítulo a

²² “It may, perhaps, be defined as that process of adjustment or accommodation which occurs between the members of two different races, if their contact is prolonged and if the necessary psychic conditions are present . . . Figuratively speaking, it is the process by which the aggregation of peoples is changed from a mere mechanical mixture into a chemical compound.” (Simons, 1901a, pp. 791-792).

Freyre (1986), ou seja, o capítulo número dezassete, pois ele conceptualizou a teoria luso-tropical.

De acordo com Arends-Tóth e Van de Vijver (2006a), não existe qualquer evidência empírica do modelo da fusão. Contudo, o Brasil ou Cabo Verde se constituem como “realidades” históricas e sociológicas de fusão e, muitas vezes, as investigações apenas abordam a adaptação cultural da minoria, sendo que, no entanto, uma premissa fundamental para se abordar a aculturação seria a de verificar as duas culturas diferentes em relação (Sam, 2006a), tal como Geschke, *et al.* (2010) o têm feito. Na literatura acerca da emigração portuguesa, as influências mútuas são também reportadas, uma vez que a cultura alemã tem mudado devido às influências da cultura portuguesa (Klimt, 2005).

De acordo com Kramer (2000), a assimilação e o modelo multicultural não se encontram abertos à diversidade cultural, uma vez que os referidos modelos funcionam como um termóstato, no qual nada é acrescentado, aos conteúdos culturais prévios. Kramer (2000) afirma que o modelo multicultural “esquece” que a cultura, a aculturação e a comunicação intercultural são processos dinâmicos, sendo que a nova informação altera toda a cultura anterior. Para além do mais, segundo este último autor, não existe necessidade de “esquecer” ou de desaprender algo para se aprender outro elemento cultural. A cultura é partilhada e novas estruturas culturais aparecem através da interação (Barth, 1969). Tal como o trabalho etnográfico de campo reportou, o fenómeno de fusão é, particularmente, visível enquanto processo (e não como resultado) através dos fluxos de emigração e da imigração porque todas as culturas em contato se encontram em mudança, conquanto que essas mudanças não sejam reportadas a nível político. Portanto, as misturas culturais ocorrem em simultâneo com a manutenção cultural.

Ao nível sociológico, no contexto português, Vieira R. (1999a, 1999b, 2009), Vieira e Mendes (2010) e Vieira e Trindade (2008) tem proposto uma tipologia da aculturação fusionista, a qual assenta no trabalho de Pierre Bourdieu (1992, 1997, 2001). Segundo Vieira R. (1999a, 1999b, 2009) a atitude de oblato corresponde à assimilação porque o legado cultural é recusado. A atitude monocultural corresponde à da separação cultural porque a segunda cultura é recusada. O *self* multicultural corresponde à posição bicultural, uma vez que implica viver de modo ambivalente em ambas as culturas. Por

derradeiro, o intercultural transfuga corresponde à fusão porque: “. . . an attitude of including the cultural differences through which one crosses during his or her life history in an intercultural self . . .” (Vieira & Mendes, 2010, p. 962).

No discurso antropológico, o modelo de fusão encontra-se sobejamente reportado. Segundo Powell (1880, 1891), a aculturação junto dos nativos americanos não se devia apenas à influência dos europeus colonizadores, senão que também se devia à aculturação realizada entre as tribos nativas. Por seu turno, Herskovits (1938) abordou as culturas afro-americanas e ele recusava o ponto de vista da assimilação porque os afro-americanos não abandonaram todos os seus traços culturais. Quando os afro-americanos foram levados e escravizados para o continente americano, não mantiveram as suas culturas intactas, senão que fizeram sincretismo, reinterpretação das suas anteriores culturas perante as culturas europeias (Herskovits & Herskovits, 1934). Segundo Herskovits, a aculturação funciona mediante a retenção, a reinterpretação e o sincretismo (Bourguignon, 1952; 1954). A retenção refere-se à manutenção integral do legado cultural. A reinterpretação refere-se à manutenção da cultura com a mudança no uso, no significado, na forma ou na função. O sincretismo refere-se à fusão da primeira cultura com uma segunda cultura, a qual formula novos elementos culturais. Em consequência, Herskovits concebe a aculturação como um processo de trocas culturais e fornece uma posição ativa à cultura minoritária, uma vez que a sua contribuição cultural é reportada. Para além do mais, Spicer (1954) reportou um processo de aculturação com dois sentidos numa relação intercultural consensual e, por seu turno, Lesser A. (1933) reporta outra mediante uma relação antagónica, ou seja, a aprendizagem recíproca poderá acontecer mediante relações assimétricas, parecendo ser independente das relações de poder.

O modelo de fusão ou a atitude de alternância parecem adequar-se ao discurso histórico português acerca da aculturação, à cultura cabo-verdiana e à brasileira, enfim à cultura luso-tropical (Almeida, M. V., 2007; Bastide, 1971; Freyre, 1986; Vala, *et al.*, 2008). A cultura portuguesa também poderá ser concebida como uma diáspora. O conceito de diáspora (Bhatia, 2007a) pode ser aplicado aos emigrantes portugueses porque eles se encontram em países múltiplos. Para além disso, os emigrantes portugueses encontram-se em contato com a cultura portuguesa e estão a transformar a sociedade de “acolhimento”, a cultura original e o legado cultural português.

3.4.5 Modelo intercultural

Na presente investigação, o modelo intercultural foi acrescentado aos restantes três modelos (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006a, 2006b) porque é suposto que esteja presente na cultura portuguesa. O modelo intercultural afigura-se o mais ambíguo dos quatro modelos. No questionário exploratório (PEAQ), o modelo intercultural envolve as diferenças entre a adaptação pública e a manutenção cultural a nível privado da minoria. Contudo, a mudança ao nível público e a manutenção a nível privado também podem ser concebidos como uma orientação bicultural, pois ambas estão a permitir a manutenção da cultura original e, em simultâneo, a adaptação cultural face a uma nova cultura. Assim dispondo, o modelo intercultural é semelhante ao multicultural, no sentido em que suspende a interação entre as culturas e evita conflitos interculturais a nível público. No modelo multicultural a expectativa é de que as minorias irão participar na sociedade alargada, mas no modelo intercultural as políticas do Estado não esperam quaisquer interações ao nível institucional, pois o processo de aculturação apenas tem lugar ao nível individual ou privado. O modelo intercultural é também ambíguo porque a preferência por este modelo pode mostrar uma preferência pelo modelo de assimilação, sendo que este último modelo funciona também por domínios e através dum resultado esperado no futuro. O modelo intercultural ainda poderá ser próximo da fusão, pois este último é concebido mais como um processo do que como um resultado e permite diversidade interna e diversos resultados aculturativos, o que poderá parecer paradoxal, mas diferentes resultados são reportados na teoria luso-tropical e no contexto histórico português (diferentes territórios coloniais com diferentes misturas e culturas, enquanto Portugal se mantinha - ou era reportado - como inalterado pelas influências de culturas estranhas). Em consequência, a preferência pelo modelo intercultural poderá ser explicada pela teoria luso-tropical (Freyre, 1986), isto é, pelo pano de fundo cultural português, até porque no contexto cultural português a palavra intercultural aparece como sinónimo de interação social, contraposto ao modelo multicultural (Rocha-Trindade, 2010a). De modo semelhante, o modelo intercultural é referenciado na cultura francófona do Québec, contraposto ao multiculturalismo, sendo que a principal diferença entre os modelos multicultural e o intercultural assenta na interação cultural do modelo intercultural. Portanto, na presente tese de investigação a definição do modelo intercultural emerge em contraposição face ao modelo multicultural, sendo, no entanto, que posteriores investigações poderão refinar as dimensões deste modelo da aculturação.

3.5 Os modelos da aculturação cruzados pelas dimensões

A presente investigação de doutoramento encontrou problemas metodológicos e epistemológicos relacionados com o viés de construto e com a falta de equivalência entre as culturas portuguesa e a anglo-saxónica (Ember & Ember, 2009; Poortinga, 1997). Em primeiro lugar, a falta de equivalência emergiu porque a presente investigação presume que a cultura portuguesa funciona através das misturas culturais (Freyre, 1986) e a literatura dominante, isto é, a multicultural, presume a manutenção cultural de todas as culturas em contato intercultural. A cultura portuguesa caracteriza-se pela interação com diferentes culturas e o reportar essas interações e misturas culturais. Na cultura anglo-saxónica, a presente investigação, pressupõe que subjacente à manutenção das culturas se encontre a separação das culturas (Myrdal, 1944; Tocqueville, 2002), sendo ainda que o não reportar as possíveis misturas culturais é consequência da preferência pela separação cultural. Esta diferença entre a cultura portuguesa e a anglo-saxónica revelou-se fundamental na construção dos eixos do questionário (PEAQ), ou seja, na elaboração das dimensões do construto da aculturação. Em segundo lugar, a falta de equivalência revelou-se também porque a análise da literatura acerca da emigração e da imigração portuguesas notou que as palavras e os construtos empregues no mundo anglo-saxónico não têm os mesmos significados na cultura portuguesa. No contexto português, palavras relevantes como a integração, a aculturação, o multiculturalismo ou a identidade étnica são supostas conterem diferentes significados, partilhando algumas dimensões com a cultura anglo-saxónica, mas sendo diferente em outras dimensões.

No sentido de construir um questionário²³ exploratório, isto é, o PEAQ, foi necessário definir os principais modelos da aculturação (a assimilação, o multicultural, a fusão e o intercultural) através das suas dimensões. As dimensões da aculturação e os seus eixos foram construídos tendo em conta os resultados preliminares da análise de conteúdo, da revisão da literatura acerca da aculturação e através das literaturas acerca da emigração e da imigração portuguesas. Os eixos foram divididos, tendo em conta os pontos de vista da minoria e da maioria porque a aculturação: “... has a dual character - is more or less reciprocal in its action - a process of give and take to a greater or less degree.” (Simons,

²³ Esta parte da investigação pertence ao trabalho quantitativo, uma vez que se constituiu como sendo o seu racional teórico. Contudo, foi incluída na parte teórica, na tentativa de se evitar repetições acerca dos modelos da aculturação e porque a investigação foi conduzida através da relação entre a recolha dos dados e a análise dos mesmos, ou seja, numa forma não linear (Glaser, & Strauss, 2009; Strauss, & Corbin, 1998).

1901a, p. 803). Os eixos permitem comparar os resultados observados com os esperados, de acordo com a teoria de resposta ao item (Pasquali & Primi, 2003). Por outro lado, evitam o uso exclusivo de sucedâneos no estudo da aculturação, tais como a discriminação, o estatuto socioeconómico ou o bem-estar. A investigação de doutoramento elaborou onze dimensões referentes ao construto da aculturação, os quais aparecem representados em eixos de forma dicotómica. As dimensões são as seguintes: a interação, a direção, a aprendizagem, a dimensão consensual, problemático e conflituoso, o qual não dispõe de representação gráfica. Outras dimensões são: a dimensão da manutenção cultural *versus* da mudança cultural, a dimensão da mistura e da não mistura, a dimensão da apreensão acerca das mudanças culturais, a dimensão dos domínios, a dimensão dos resultados diversos, a dimensão dinâmica *versus* não dinâmica e a derradeira dimensão, isto é, as apreensões éticas.

O elemento comum dos eixos é abordar a aculturação através da dimensão da interação (Redfield, *et al.*, 1936; Simons, 1901a, 1901b, 1901c, 1901d, 1902; Teske & Nelson, 1974) mais do que através da manutenção cultural, a qual é característica do modelo multicultural (Berry, 1974, 1997). A dimensão da interação apareceu devido à comparação estabelecida entre o modelo multicultural e o modelo de fusão, juntamente com a teoria luso-tropical (Freyre, 1986), pois que na análise de conteúdo o pano de fundo histórico português é reportado como sendo interativo e como sendo um processo de aprendizagem com duas direções de influências aculturativas (Almeida, M. V., 2004; Freyre, 1986; Vala, *et al.*, 2008). A comunidade de emigrantes portugueses, em França, e a comunidade de imigrantes cabo-verdianos, em Portugal, poderão exemplificar a posição minoritária na descrição dos modelos através das suas dimensões. A escolha das dimensões será ainda discutida na descrição do trabalho quantitativo do capítulo quatorze. As dimensões e os respetivos eixos são descritos tendo em conta os quatro modelos da aculturação.

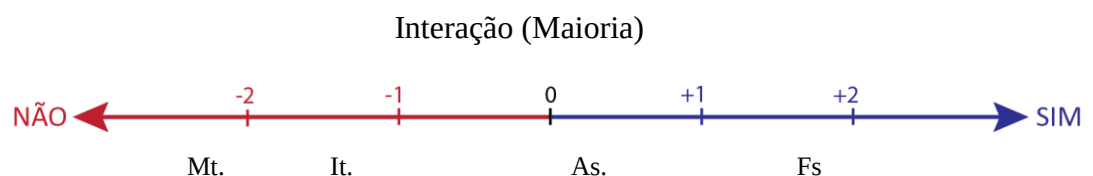


Figura 5, a dimensão da interação, posição da maioria

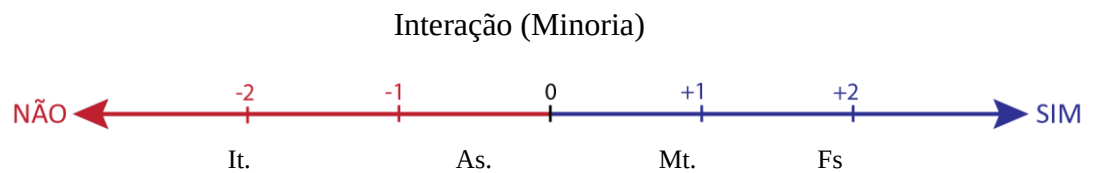


Figura 5.1, a dimensão da interação, posição da minoria

1, a dimensão da interação. O modelo da assimilação²⁴ funciona através da interação cultural. Contudo, existe apenas um único resultado, pois é pressuposto que a cultura dos emigrantes portugueses irá desaparecer e que nenhuma mistura ou influência na cultura francesa será reportada. Na cultura maioritária o nível de interação aparece junto do zero no eixo. No entanto, a assimilação detém uma interação positiva (ver figura 5). Na cultura minoritária o modelo de assimilação mostra uma interação negativa (ver figura 5.1).

Modelo multicultural: o modelo funciona mediante níveis baixos de interação entre as diferentes culturas étnicas. A interação apenas funciona através da participação na sociedade alargada. Rocha-Trindade (2010a), uma experiente e proeminente académica das literaturas da imigração e da emigração portuguesas, observou uma contradição do modelo multicultural porque a manutenção da cultura minoritária poderá conduzir à separação cultural e à não interação entre as culturas. O modelo multicultural obtém os níveis mais baixos de interação na cultura maioritária (ver figura 5). A cultura minoritária obtém níveis mais elevados de interação do que a maioria devido aos esforços para adquirir adaptação cultural à maioria (ver figura 5.1).

Modelo de fusão: o modelo de fusão funciona mediante interação intercultural, obtendo o nível mais elevado de interação dos quatro modelos em ambas as culturas (ver figuras 5 e 5.1).

Modelo intercultural: de acordo com Rocha-Trindade (2010a) e Almeida, J. C. P. (2006), o modelo intercultural não implica separação cultural, mas relação intercultural. Contudo, a interação tem lugar a nível individual ou privado, mas não a nível institucional.

²⁴ Os modelos da aculturação são descritos nos eixos com as seguintes legendas: assimilação como As, multicultural como Mt, fusão como Fs e, por fim, o modelo intercultural como It.

Assim sendo, o modelo aparece no eixo com uma interação negativa na cultura majoritária (ver figura 5). No modelo intercultural existe interação entre as culturas diferentes apenas a nível privado ou individual, sendo que a nível público não existe interação intercultural da minoria face à cultura da maioria (ver figura 5.1).

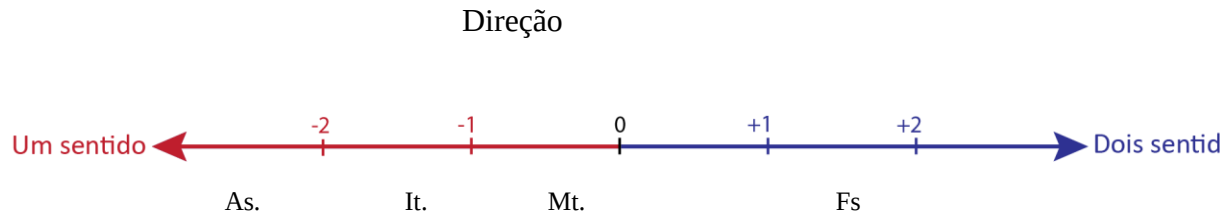


Figura 6, a dimensão da direção

2, A dimensão da direção. Assimilação: no modelo a direção as influências aculturativas toma apenas um sentido, pois o processo pressupõe um único resultado e, por exemplo, a influências culturais dos emigrantes portugueses, em França, não irão ser reportados na cultura da república francesa, o modelo aparece no eixo com um resultado negativo (ver figura 6).

Modelo multicultural: a direção do modelo assenta na ideologia liberal da não intervenção cultural. A maioria é suposta ser neutra e a direção encontra-se perto do zero no eixo, porém é negativa, uma vez que a minoria irá adaptar-se à cultura majoritária, no entanto as influências culturais da minoria não serão reportadas na sociedade alargada, sendo que o conteúdo da sociedade alargada pertence à cultura majoritária. O processo de aculturação tem dois sentidos, contudo, muitas vezes, apenas é reportado como tendo um sentido de influências culturais (Van de Vijver, Schalk-Soekar, Arends-Tóth & Breugelmans, 2006), como é observável na figura número seis.

Modelo de fusão: o processo é reportado como sendo recíproco ou como tendo dois sentidos, sendo o único modelo em que isso ocorre (ver figura 6). A cultura da minoria irá ser reportada na nova cultura emergente, a qual resulta nas misturas de, pelo menos, duas culturas.

Modelo intercultural: a direção do modelo aparece no eixo com valores negativos (ver figura 6), uma vez que a interação intercultural apenas tem lugar ao nível privado. No

nível público ou institucional as influências culturais da minoria não são reportadas, ou seja, a adaptação dispõe apenas dum sentido, por exemplo, a cultura portuguesa dos emigrantes portugueses não irá ser reportada nos valores da república francesa.

Aprendizagem (Maioria)

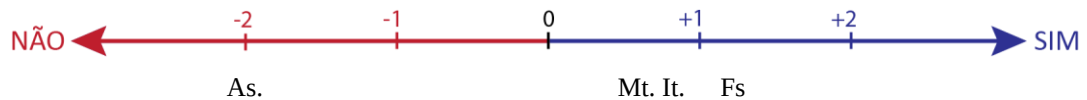


Figura 7, a dimensão da aprendizagem, posição da maioria

Aprendizagem (Minoria)



Figura 7.1, a dimensão da aprendizagem, posição da minoria

3, a dimensão da aprendizagem. No modelo da assimilação a cultura maioritária, neste caso, a francesa, não aprende qualquer traço cultural da cultura minoritária, isto é, da cultura portuguesa ou o processo de aprendizagem não irá ser reportado no futuro, aparecendo com um valor negativo no eixo (ver figura 7). O processo de aprendizagem apenas ocorre na cultura minoritária, por exemplo, os emigrantes portugueses aprendem a cultura francesa, os portugueses “esquecem” a cultura portuguesa, sendo absorvidos na cultura francesa (ver figura 7.1), sendo o valor mais positivo do eixo.

Modelo multicultural: a maioria mostra baixos níveis de aprendizagem, pois apenas permite a livre escolha da minoria. O nível de atividade da maioria aparece perto do zero no eixo (ver figura 7), ainda que positivo. No entanto, o modelo mostra níveis mais elevados do que o modelo intercultural (ver figuras 7 e 7.1) devido às apreensões grupais acerca da cultura étnica, as quais estão ausentes no modelo intercultural. No referido modelo é esperado que a minoria aprenda a cultura maioritária e, ao mesmo tempo, mantenha a sua cultura (Berry, 1974, 1986). Assim dispondo, a minoria é reportada como ativa no processo da aprendizagem. A minoria no modelo multicultural aparece perto do zero no eixo (ver figura 7.1), no entanto a sua posição é positiva. Contudo, o

modelo aparece num nível mais baixo do que a assimilação ou o modelo de fusão porque a minoria mantém a sua cultura.

Modelo de fusão: no processo de aprendizagem todos os grupos são reportados como sendo ativos. Contudo, a maioria é reportada como mais ativa do que nos restantes modelos (ver figura 7). Por seu turno, a minoria é mais ativa no modelo da assimilação (ver figura 7.1), pois a aprendizagem no modelo da assimilação implica “esquecer” a cultura original e ser absorvido na cultura da maioria.

Modelo intercultural: Na cultura da maioria apenas o modelo de assimilação obtém valores mais baixos e o modelo multicultural obtém os valores mais elevados devido à sua ênfase grupal ou étnica (ver figura 7). A aprendizagem da minoria não é reportada. O modelo obtém os níveis mais baixos de aprendizagem devido à sua ênfase exclusiva na relação intercultural a nível individual ou privado na cultura minoritária (ver figura 7.1).

4, a dimensão consensual, problemático e conflituoso (Bourhis, *et al*, 1997). No modelo da assimilação a aculturação é, muitas vezes, um processo antagonístico, terminando num *pressure cooker*. As elevadas apreensões da maioria acerca da sua mudança cultural são descritas através dum resultado a longo prazo (assimilação), no qual a cultura maioritária irá prevalecer por completo, isto é, no caso da emigração portuguesa, em França, apenas a cultura da república francesa irá ser reportada. No entanto, a assimilação poderá ser consensual se a assimilação for a preferência da minoria. O resultado final do processo da aculturação depende da confluência das preferências e das motivações de ambas as culturas.

Modelo multicultural: a aculturação é neutra devido aos baixos níveis de interação e de misturas entre os diferentes grupos. Contudo, se a minoria mostrar também níveis elevados de apreensão acerca da sua mudança cultural, o processo poderá ser problemático.

Modelo de fusão: muitas vezes, o processo é antagonístico. A relação poderá ser consensual se ambas as partes mostrarem baixas apreensões com as suas mudanças culturais.

Modelo intercultural: o modelo evita os conflitos sociais e interculturais, funcionando apenas a nível individual ou privado. Na cultura da maioria os grupos étnicos não são conceptualizados, nem promovidos. O modelo poderá ser problemático ou até conflituoso se a minoria atuar como um grupo étnico com elevadas apreensões acerca da sua mudança cultural.

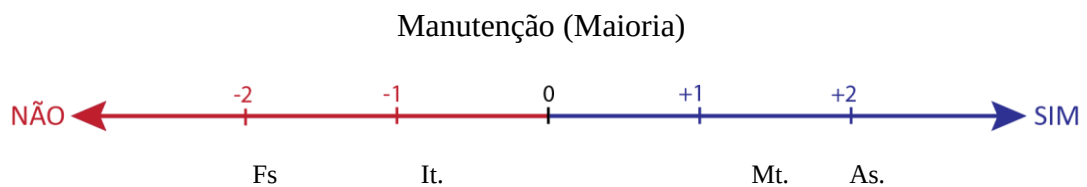


Figura 8, a dimensão da manutenção, posição da maioria

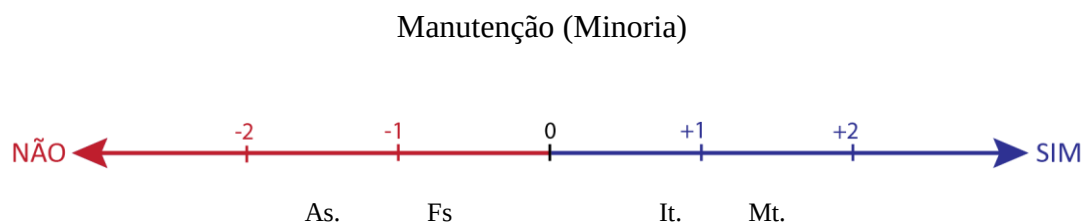


Figura 8.1, a dimensão da manutenção, posição da minoria

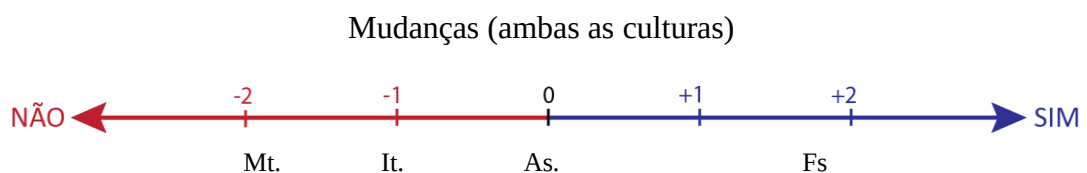


Figura 9, a mudança cultural, em ambas as culturas

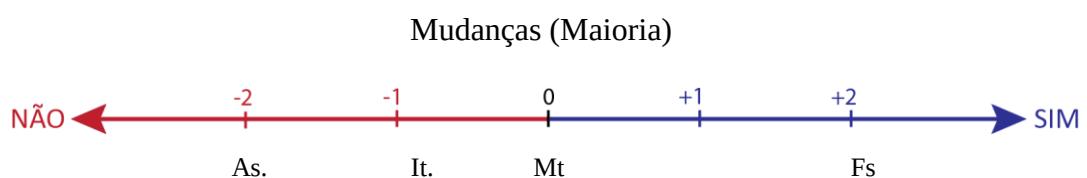


Figura 9.1, a mudança cultural, posição da maioria

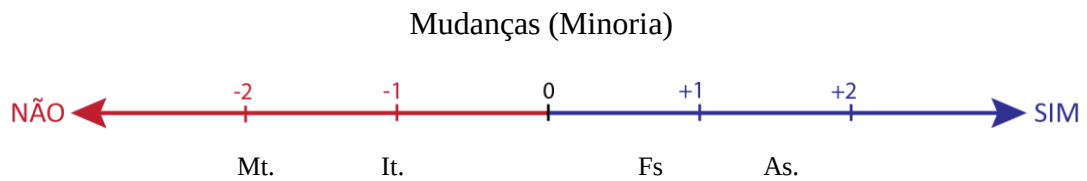


Figura 9.2, a mudança cultural, posição da minoria

5, a dimensão da manutenção cultural *versus* da mudança cultural. No modelo da assimilação a dimensão da manutenção da cultura abrange o seu reverso, isto é, a mudança cultural. A manutenção da cultura é a característica fundamental do modelo multicultural (Berry, 1974, 1997). Porém, pelo contrário, o modelo da assimilação não implica a manutenção cultural da cultura minoritária (ver figura 8.1). A cultura da maioria irá prevalecer por completo (ver figuras 8 e 9.1) ou o processo de aculturação irá ser reportado como tal, não implicando qualquer mudança cultural mediante a influência da minoria (ver figuras 9.1 e 9.2). Assim dispondo, as mudanças culturais apenas ocorrem na cultura minoritária, a qual é esperada mudar por completo. Na figura 9.1 a maioria aparece junto do ponto mais negativo, pois não muda. Na figura 9.2 ocorre o oposto, pois a cultura da minoria muda por completo, aparecendo no ponto mais positivo do eixo.

Modelo multicultural: o modelo deseja a manutenção cultural de todas as culturas em contato, embora apenas reporte apreensões com a manutenção cultural da minoria devido à sua posição liberal. Na cultura da maioria o modelo obtém níveis elevados de manutenção cultural, sem qualquer mudança cultural (ver figura 8, 9.1). A mudança da maioria aparece junto ao zero no eixo (ver figura 9.1). A diferença entre a maioria e a minoria poderá revelar a contradição do modelo multicultural. A posição neutra da maioria apenas poderá existir para manter a própria cultura inalterada, ou seja, a manutenção da cultura minoritária poderá ser desencadeada devido às apreensões da maioria com as suas mudanças culturais. Na cultura minoritária é o modelo que permite o nível mais elevado de manutenção cultural (ver figura 8.1), sendo positivo no eixo, no sentido oposto as mudanças na minoria aparecem no eixo no extremo negativo (ver figura 9.2), não implicando mudanças culturais.

Modelo de fusão: não existe manutenção cultural em todas as culturas, senão que mudanças nas culturas em contato intercultural. O modelo aparece no extremo positivo das mudanças de todas as culturas no eixo (ver figura 9). O nível de mudança cultural é o mais elevado na cultura majoritária (ver figura 9.1) e na cultura minoritária apenas o modelo de assimilação implica níveis mais elevados de mudanças culturais (ver figura 9.2).

Modelo intercultural: o modelo implica a manutenção cultural de todas as culturas. Nesta dimensão, o modelo é semelhante ao multicultural, tendo em conta a minoria. Contudo, a manutenção da cultura é menor do que no modelo multicultural e o modelo funciona mediante baixos níveis de interação a nível institucional (ver figura 8.1). Na cultura majoritária a posição intercultural preserva a cultura, mas num grau menor do que no modelo multicultural e mais do que no de fusão (ver figura 8).

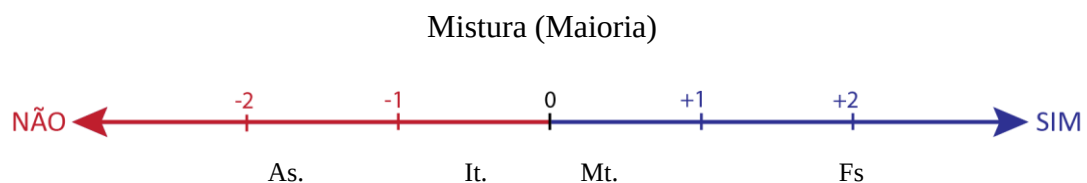


Figura 10, A dimensão da mistura, posição da maioria

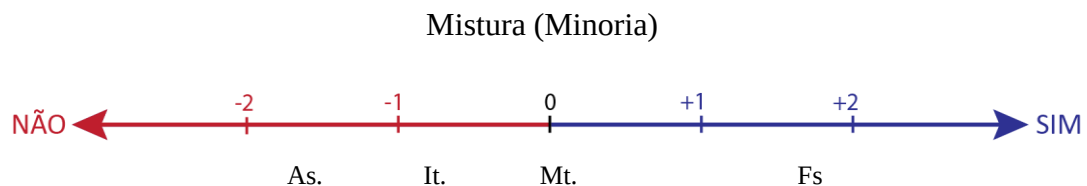


Figura 10.1, a dimensão da mistura, posição da minoria

6, A dimensão da mistura *versus* da não mistura. Assimilação: não existe qualquer mistura ou ela não será reportada, apesar da interação cultural. O resultado cultural do processo de aculturação é único, ou seja, a assimilação da cultura minoritária na majoritária. Se alguma influência da minoria for aprendida pela maioria ela irá ser reportada como pertencendo à maioria (ver figura 10 e 10.1). Portanto, ambas as culturas aparecem nos eixos com valores negativos.

Modelo multicultural: o modelo evita a mudança cultural. Em consequência, o modelo evita também as interações e as misturas culturais. O nível das misturas aparece junto ao zero nos eixos de ambas as culturas. Contudo, é o modelo que obtém os mais elevados níveis de misturas depois do modelo de fusão, na cultura da maioria (ver figuras 10 e 10.1), pois permite a criação dum terceiro espaço cultural, isto é, a sociedade alargada. No entanto, esta última coincide com a cultura da maioria.

Modelo de fusão: o processo conduz às misturas culturais, a um *melting pot*. No final da relação intercultural uma nova cultura poderá emergir ou, inclusivamente, diferentes culturas. O modelo de fusão foi aquele que obteve níveis mais elevados de misturas em ambas as culturas em contato intercultural (ver figuras 10 e 10.1).

Modelo intercultural: a mistura é reportada a nível individual, mas não ao nível institucional. Na cultura da maioria o modelo aparece junto ao ponto zero (ver figura 10). Na cultura da minoria as misturas poderão ocorrer com mais intensidade do que no modelo multicultural, mas apenas a nível individual (ver figura 10.1).

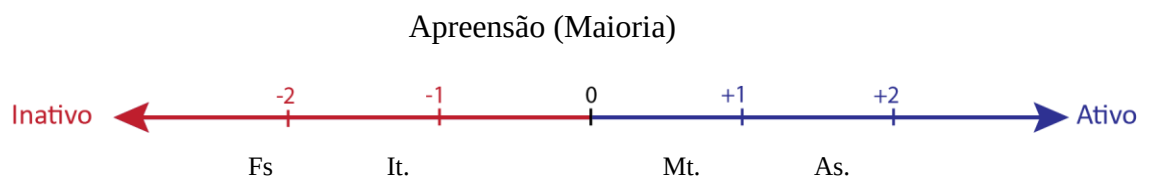


Figura 11, a dimensão da apreensão, posição da maioria

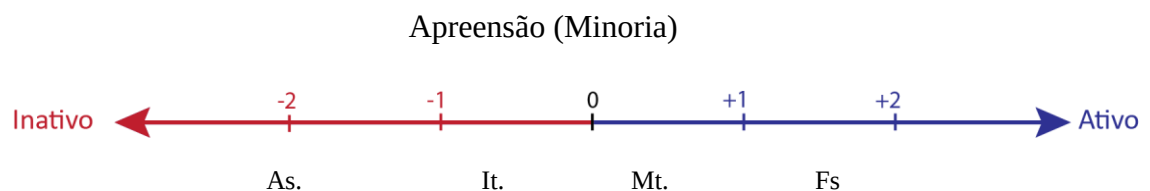


Figura 11.1, a dimensão da apreensão, posição da minoria

7, A dimensão das apreensões acerca das mudanças culturais. Assimilação: a mais importante característica do modelo da assimilação não é a preferência ou a escolha da minoria para ser assimilada pela maioria, mas a absorção da cultura minoritária na maioritária, isto é, por exemplo, a cultura dos emigrantes portugueses é suposta

desaparecer no interior da cultura francesa. Assim sendo, nenhuma apreensão irá ser reportada na cultura minoritária acerca das suas mudanças culturais. A minoria irá ser reportada como sendo passiva (ver figura 11) e a maioria é ativa (ver figura 11 e 11.1), aparecendo nos eixos, respetivamente, com valores negativo e positivo. É importante notar que o modelo da assimilação funciona mediante um resultado esperado no futuro, no qual a maioria não irá reportar qualquer influência cultural da minoria, uma vez que esta irá ser absorvida. Em consequência, para a presente investigação a cultura de misturas (*melting pot*) é atribuída para o modelo de fusão.

Modelo multicultural: na cultura maioritária a apreensão com as mudanças culturais é mais baixa do que no modelo da assimilação. Porém, é mais elevado do que no modelo intercultural ou no modelo de fusão. A apreensão acerca das mudanças culturais aparece junto do zero no eixo, contudo é positiva (ver figura 11), no entanto, é positiva. A minoria é reportada como sendo ativa, mas a um nível reduzido porque a interação não implica mudar a própria cultura ou a cultura maioritária, ou seja, aparece junto ao zero no eixo, mas é positivo (ver figura 11.1), pois a separação cultural entre a maioria e a minoria conduz ao surgimento de identidades étnicas e de apreensões acerca das suas mudanças culturais. No entanto, a minoria é menos ativa do que no modelo de fusão. O processo de aculturação apenas toma um sentido de mudanças culturais, ou seja, a minoria aprende a segunda cultura, porém mantém a própria cultura (ver figura 11.1).

Modelo de fusão: a maioria expressa o nível mais baixo de apreensão com as suas mudanças culturais dos modelos (ver figura 11), aparecendo com um valor negativo. As minorias estão, muitas vezes, a fazer resistência cultural, reinterpretação e substituição, mostrando um nível mais elevado de apreensão acerca da sua mudança cultural (ver figura 11.1). Se a cultura maioritária expressar uma elevada apreensão acerca da sua mudança cultural, o processo poderá ser um *pressure cooker*, tal como na assimilação, ou seja, poderá ser conflituoso.

Modelo intercultural: as apreensões da maioria são baixas porque a maioria não tem em conta as culturas minoritárias, a adaptação cultural dos imigrantes apenas tem lugar no nível público, por exemplo, a nível laboral, sendo que a nível institucional não está previsto qualquer interação com a cultura minoritária, pois todas as culturas são

consideradas iguais, tendo em conta os valores republicanos. Na cultura minoritária, o modelo aparece como sendo negativo pelas mesmas razões expostas acima (ver figura 11.1), sendo que a nível privado a cultura minoritária mantém a sua cultura. Por exemplo, os portugueses, em França, percebem-se como iguais a nível institucional, portanto não são esperados expressarem elevadas apreensões acerca da sua mudança cultural.

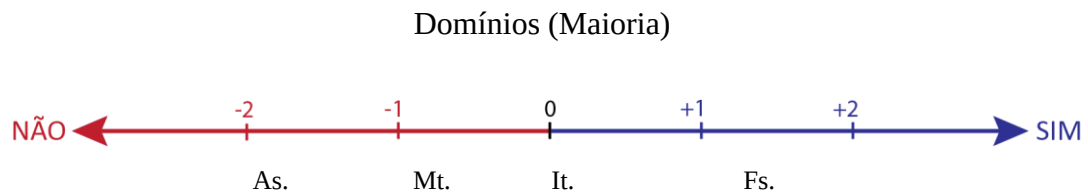


Figura 12, a dimensão dos domínios, posição da maioria

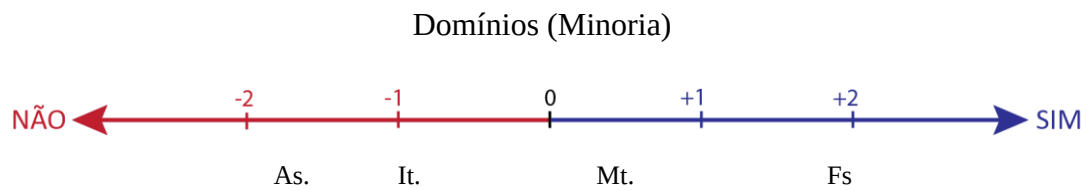


Figura 12.1, a dimensão dos domínios, posição da minoria

8, A dimensão dos domínios aculturativos. Assimilação: no modelo da assimilação a aculturação é linear, tendo apenas uma direção e a cultura não é partilhada. No entanto, a assimilação ocorre mediante diferentes domínios (Gordon, 1964; Portes, *et al.*, 2005) até se atingir a assimilação (ver figura 12). A cultura minoritária é esperada desaparecer dentro da cultura maioritária, não partilhando qualquer domínio cultural (ver figura 12.1).

Modelo multicultural: a interação entre ambas as culturas apenas tem lugar na sociedade alargada. Na cultura maioritária a aculturação não é feita por domínios (ver figura 12). Assim sendo, as mudanças estão a ocorrer em alguns domínios, mas apenas são reportadas na minoria (ver figura 12.1). Na cultura minoritária o modelo aparece próximo do zero porque o modelo implica manter a sua cultura (ver figura 12.1).

Modelo de fusão: todas as dimensões estão implicadas, mas o modelo de fusão permite diferentes resultados em diferentes domínios, a cultura brasileira é um exemplo disso, quer na cultura majoritária, quer na minoritária (ver figura 12 e 12.1).

Modelo intercultural: na cultura da maioria existe uma separação entre o domínio privado e o público ou institucional. O processo de adaptação tem lugar no nível público. Contudo, a maioria não muda ou partilha características culturais e apenas a minoria está aprendendo e adaptando-se. Ao nível privado, a minoria mantém a sua própria cultura. Na cultura minoritária o modelo encontra-se perto do ponto zero do eixo, tal como o modelo multicultural (ver figura 12).

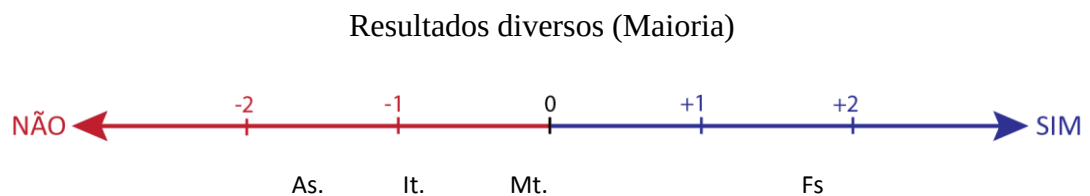


Figura 13, a dimensão da diversidade, posição da maioria

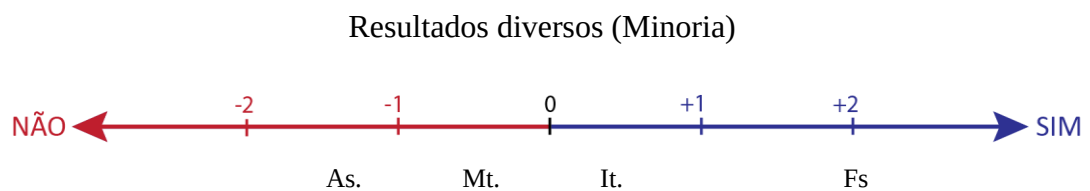


Figura 13.1, a dimensão da diversidade, posição da minoria

9, a dimensão dos resultados diversos. Assimilação: apenas um resultado é suposto ocorrer, ou seja, a cultura da maioria prevalece por completo e a minoria desaparece. A assimilação mostra níveis mais baixos de diversidade cultural em ambas as culturas, as suas posições são negativas nos eixos (ver figuras 13 e 13.1).

Modelo multicultural: a diversidade interna é preservada, mas não se trata dum processo dinâmico com diversos resultados em ambas as culturas. O modelo encontra-se perto do zero em ambos os grupos culturais (ver figuras 13 e 13.1).

Modelo de fusão: o modelo de fusão permite diferentes e diversos resultados em ambas as culturas (ver figura 13 e 13.1). A cultura brasileira e a forma como lida com as manifestações religiosas é um exemplo disso.

Modelo intercultural: ocorre o mesmo do que no modelo multicultural, ou seja, o modelo encontra-se perto do zero, pois a interação apenas tem lugar a nível privado, prevendo a adaptação a certos domínios públicos (escolar, laboral), mas não ao nível institucional.

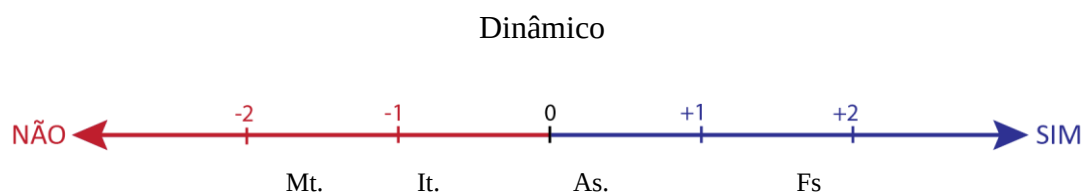


Figura 14, a dimensão do dinamismo

10, a dimensão dinâmico *versus* não dinâmico. Assimilação: a cultura e a aculturação são processos dinâmicos, no entanto no modelo da assimilação apenas existe um único resultado esperado, o qual não conduz à diversidade cultural. A assimilação aparece como sendo positiva, mas está próxima do zero no eixo (ver figura 14).

Modelo multicultural: não existe qualquer mudança cultural, os níveis de interação são reduzidos e não existe mistura cultural ou esta não é reportada na sociedade alargada. Assim sendo, o ponto de vista não é dinâmico (ver figura 14).

Modelo de fusão: o processo de aculturação é expresso numa forma dinâmica, aparecendo com um valor positivo no eixo (ver figura 14). A nova cultura e as manifestações culturais fazem-se pela interação cultural, tornando o processo dinâmico.

Modelo intercultural: o processo de aculturação é estático, pois a mudança cultural da maioria está suspensa ou é reportada como sendo não dinâmica, senão estática, aparecendo no eixo com valor negativo (ver figura 14).

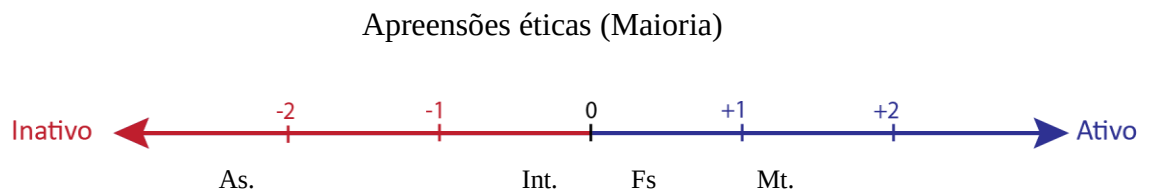


Figura 15, a dimensão das apreensões éticas, posição da maioria

11, a dimensão das apreensões éticas. Assimilação: a cultura maioritária prevalece por completo. A assimilação poderá funcionar através de baixos níveis de tolerância, pois o modelo aparece no eixo como sendo aquele que mostra menores apreensões éticas da parte da maioria (ver figura 15).

Modelo multicultural: o modelo multicultural preserva as mudanças e as diferenças sociais devido aos reduzidos níveis de interação social ou porque a influência da minoria não é reportada. Na sociedade alargada, a cultura maioritária não muda. Assim sendo, o processo poderá ser problemático (ver figura 15). O modelo surge para evitar conflitos interculturais.

Modelo de fusão: a cultura maioritária poderá prevalecer. Porém, a cultura minoritária é reportada como sendo ativa no processo da aprendizagem. Porém, o ideal do *melting pot* poderá implicar um *pressure cooker* (assimilação), o qual poderá funcionar através de níveis baixos de tolerância.

Modelo intercultural: o modelo evita as misturas, tal como no modelo multicultural e a maioria não muda ao nível público ou institucional, contudo muda ao nível individual, se a minoria se constituir como minoria étnica poderão surgir problemas, caso a minoria não se sinta incluída ou se reveja na cultura institucional. Portanto, o modelo expressa interação a nível individual, por essa razão o modelo mostra menores apreensões éticas do que no modelo multicultural.

4. Modelo da aculturação em três estádios de Rudmin

A descrição dos modelos da aculturação é útil para compreender a investigação de doutoramento posterior, contudo ainda é necessário descrever o modelo de Rudmin (2009), pois o referido modelo não foi apenas utilizado na análise de conteúdo, senão que foi fundamental para abordar a aculturação como um fenómeno de aprendizagem com dois sentidos e regido por fortes motivações entre as culturas em contato intercultural. Este capítulo pretendeu apresentar o modelo da aculturação em três estádios de Rudmin (2009) e, em simultâneo, levar a cabo uma revisão da literatura, na tentativa de definir as variáveis e os códigos empregues na análise de conteúdo. Portanto, a temática da aculturação e as variáveis ou os códigos não foram exaustivamente descritos porque irão aparecer nos capítulos referentes à análise de conteúdo, isto é, no capítulo número quinze, o qual é dedicado à obra de Fernão Mendes Pinto (Pinto, 1989a, 1989b), e no capítulo dezasseis, o qual é dedicado à obra literária *Historia do Japam* de Luís de Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984).

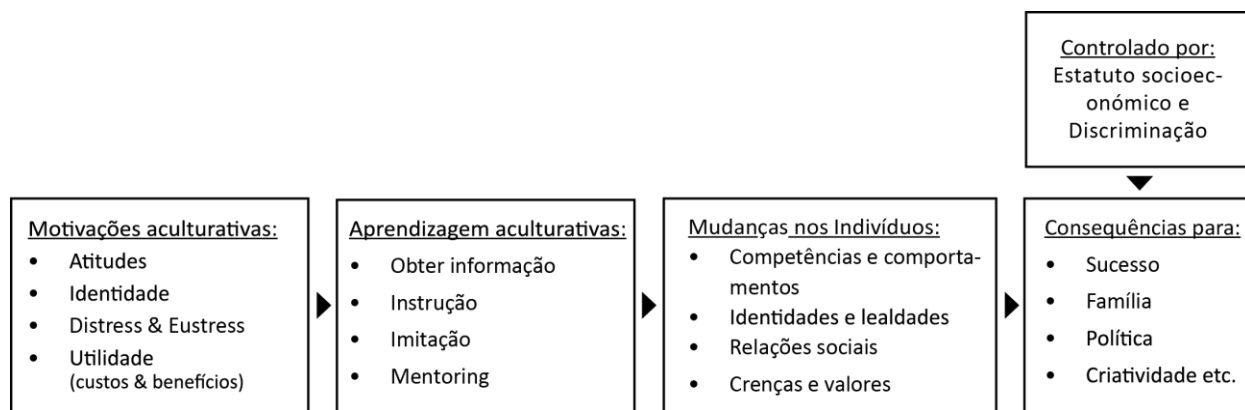


Figura 16, o modelo de Rudmin. Fonte: Rudmin (2009)

Como é observável na figura dezasseis, no modelo de Rudmin (2009), o primeiro estádio do processo da aculturação está assente nas motivações aculturativas, o segundo estádio consiste na aprendizagem aculturativa e no terceiro estádio encontram-se as mudanças nos indivíduos e as suas consequências no sucesso, na família, etc. A discriminação e o estatuto socioeconómico (ESE) estão separados do processo aculturativo expresso nos três estádios, a discriminação e o estatuto socioeconómico constituem-se como variáveis de controlo, pois pretende-se evitar a contaminação nas motivações

aculturativas e na aprendizagem aculturativa, uma vez que não são aculturação por si próprias, porém podem condicionar a aprendizagem aculturativa.

As motivações aculturativas, isto é, o primeiro estágio do modelo de Rudmin (2009) envolve as principais temáticas da aculturação (Ward, 2001, 2004), isto é, as atitudes culturais (Berry, 1997, 2001, 2006b, 2007), a identidade étnica (Phinney & Ong, 2007) e o modelo de *coping* - *distress versus eustress* - (Lazarus & Folkman, 1984). Rudmin (2009) acrescentou a decisão de utilidade, isto é, a decisão entre os custos e os benéficos no sentido de estabelecer uma relação intercultural. Todos os itens são tratados como antecedentes ou condições aculturativas porque estão a condicionar a aprendizagem intercultural. Portanto, as motivações aculturativas estão a preceder a aprendizagem aculturativa, o qual é o segundo estágio do modelo de Rudmin (2009), atuando como condicionantes da aprendizagem intercultural.

No estágio da aprendizagem aculturativa, Rudmin propõe a imitação (Bandura, Ross & Ross, 1961; Hallowell, 2002), o obter informação, a instrução e o *mentoring* como formas de aprendizagem intercultural entre culturas diferentes. As relações entre as motivações aculturativas e a aprendizagem aculturativa conduzem às mudanças a nível individual, isto é, até ao terceiro estágio do modelo. A presente investigação acrescentou ao modelo de Rudmin (2009) a curiosidade e a argumentação como formas de aprender uma segunda cultura. Na presente investigação, o estatuto social foi também acrescentado e poderá ser concebido como uma decisão de utilidade ou como uma variável de controlo. O estatuto social pode desencadear avaliações acerca da mudança social própria, isto é, autoavaliações ou ainda hétero avaliações, esta última quando se trata da mudança cultural alheia (Castro, J. F. P., 2012). A palavra aculturação foi cunhada por Powell (1880) como sendo um fenómeno da aprendizagem, o qual ocorria entre os nativos norte americanos e entre os nativos e os europeus colonizadores. Na Psicologia Intercultural a importância da aprendizagem intercultural foi reportada por Taft, R. (1957, 1963), pelas abordagens do choque cultural (Ward, Bochner & Furnham, 2001) e pela abordagem da aprendizagem cultural (Ward, 2001, 2004).

A seguinte figura, isto é, a número dezassete, é da autoria de Arends-Tóth e Van de Vijver (2006a; 2006b), a qual permite diferenciar e destacar as diferenças entre o modelo

de Rudmin (2009) e o modelo dominante de Berry (1974, 1997). Segundo Rudmin (2003b, 2009) e Rudmin e Ahmadzadeh (2001), a investigação na temática da aculturação carece de teorias aplicáveis e de trabalhos empíricos robustos. Assim dispondo, na tentativa de deslocar o estudo da aculturação para a aprendizagem intercultural, Rudmin (2009) formulou um modelo da aculturação em três estádios, o qual implica afigurar o fenómeno da aculturação como um processo dinâmico, sendo que tal conceção está ausente no modelo de Berry (1974, 1997, 2001).

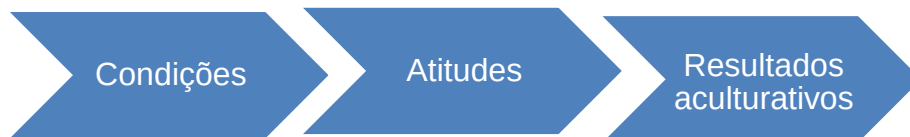


Figura 17, as componentes da investigação da aculturação. Fonte: adaptado de Arends-Tóth & Van de Vijver (2006)

Tal como é observável na figura dezassete, de acordo com Arends-Tóth e Van de Vijver (2006a; 2006b), a investigação geral acerca da aculturação dispõe de três componentes: as condições, as atitudes culturais e, por fim, os seus resultados aculturativos. As condições ou os antecedentes são as variáveis que influenciam o processo de aculturação (Manaster, Rhodes, Marcus & Chan, 1998). No modelo da assimilação, os antecedentes da aculturação como a mobilidade social ascendente ou o fosso geracional são variáveis típicas (Gordon, 1964; Scott, 2009). No modelo multicultural de Berry (1997, 2001, 2006b, 2007) as atitudes culturais estão a mediar os resultados na identidade étnica e nas temáticas da saúde, não atribuindo importância às condições aculturativas, pois o modelo de Berry não afigura o processo da aculturação como sendo dinâmico e contextualizado, senão que a aculturação é apenas considerada como uma questão da livre escolha das minorias. Pelo contrário, no modelo de Rudmin (2009), as atitudes culturais (Berry, 1997, 2001, 2006b, 2007) são condições ou antecedentes, ou seja, são motivações aculturativas no sentido em que estão a influenciar as formas como as pessoas aprendem e porque as atitudes culturais estão em relação com outras variáveis. Comparando o modelo de Rudmin (2009) com o modelo multicultural dominante, ou seja, o de Berry (1974, 1997), uma outra diferença é que, no modelo de Rudmin (2009), a aprendizagem aparece como um mediador e não como um resultado (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006a; 2006b). Assim sendo, a aprendizagem, tal como é observável na figura dezassete, está a ocupar o lugar que é atribuído às atitudes culturais

de Berry (1974, 1997). No presente capítulo segue-se a descrição do primeiro item das motivações aculturativas, isto é, das atitudes culturais, as quais remetem para o modelo de Berry (1974, 1997).

4.1 Motivações aculturativas

4.1.1 Atitudes culturais

No modelo de Rudmin (2009), o primeiro item das motivações aculturativas conduz às atitudes culturais e ao modelo de Berry (Berry, *et al.*, 2002; Berry & Sam, 1997), uma vez que este último é o mais representativo da abordagem da aculturação através das atitudes culturais. A presente investigação, na análise de conteúdo pretendeu verificar quais foram as atitudes culturais (estratégias da minoria e expectativas da maioria) em ambas as culturas, isto é, a japonesa e a portuguesa do século XVI. Seguidamente, para acrescentar complexidade, à análise de conteúdo foi incluído o Modelo Interativo da Aculturação (Bourhis, *et al.*, 1997).

O modelo de Berry (Berry, *et al.*, 2002) concebe o processo de aculturação como um resultado da livre escolha²⁵ da minoria, contudo, segundo a presente investigação, a livre escolha deve ser contextualizada, sendo ainda que a aculturação poderá ser fortuita. O encontro fortuito é definido por Bandura (1982, 2008) como uma mudança introduzida através do encontro não intencional com uma pessoa não conhecida. Para além do mais, a relação intercultural poderá estar baseada em crenças idiossincráticas ou apenas na decisão de utilidade entre os custos e os benefícios (Bandura, 2002b, 2002c, 2003; Fróis, 1976a), ou seja, nos lucros económicos, a qual é uma motivação extrínseca, sendo que a livre escolha é uma motivação intrínseca, tal como a aventura ou a curiosidade são motivações intrínsecas (Pinto, 1989a; Vieira, A. [Alberto], 2007). Por seu turno, a aventura é uma variável tida em conta no ajustamento intercultural (Matsumoto, Hirayama & LeRoux, 2006). A aventura aparece na primeira tipologia da aculturação, a qual é da autoria de

²⁵ A livre escolha é conceptualizada como em Adam Smith. Contudo, a livre escolha deve ser contextualizada, por exemplo, os constrangimentos económicos e políticos podem reduzir a livre escolha, sendo ainda que a escolha económica racional deve ser abordada como limitada (Kahneman, 1994, 2003; Tarde, 1902; Veblen, 2001).

Thomas e Znaniecki (1918). A aventura ou a curiosidade estão reportadas no contexto histórico português e a motivação cultural para se iniciar uma relação intercultural está reportada na literatura portuguesa acerca da emigração (Antunes, M., 1981; Namora, 1997; Sanchis, 1983; Torga, 2003b). Portanto, as atitudes culturais devem ser contextualizadas, sendo complementadas pelas intenções ou motivações aculturativas e ainda pelo facto da aculturação poder ter como precursor o acaso, ou seja, uma relação fortuita.

4.1.2 Decisão de utilidade aculturativa

As atitudes culturais não são suficientes para definir o processo de aculturação. Assim dispondo, Rudmin (2009) vem propondo a decisão de utilidade, a qual implica a escolha entre os custos e os benefícios no sentido de estabelecer uma relação intercultural. A presente investigação presume que a decisão de utilidade é mais realista do que as atitudes culturais porque a ênfase é colocada nas motivações aculturativas e não apenas nas atitudes ou nas preferências culturais.

As motivações poderão não se adequar às preferências culturais, por exemplo, a atividade económica do comércio (Pinto, 1989a) não precisa de qualquer preferência cultural, senão que da decisão de utilidade entre os custos e os benefícios. No presente trabalho, a decisão de utilidade foi dividida em três tópicos, os quais foram aplicados na análise de conteúdo: a escolha entre os custos e os benefícios, as motivações com os seus conteúdos (objetivos e intenções) e a importância das fronteiras culturais para a decisão de utilidade. As fronteiras culturais fornecem informação para tomar a decisão de utilidade, revelando que a aculturação não é apenas uma livre escolha ou uma preferência cultural baseada na escolha racional, senão que também é inerente aos contextos culturais e às motivações extrínsecas. A cultura é feita através de fortes motivações como Bandura ponderou (Kim, *et al.*, 2000). As fronteiras culturais estabelecem uma complexidade adicional na investigação porque elas poderão estar relacionadas como o modelo MIA (Bourhis, *et al.*, 1997).

4.1.2.1 Escolha aculturativa

As diferentes motivações com os seus objetivos e intenções moldam a relação intercultural e a reação de ambas as culturas ao contato intercultural. Colocando de parte o encontro fortuito, o contato intercultural necessita de motivações para começar e para sustentar a relação intercultural, sendo que as fronteiras culturais estão a oferecer informação acerca dos custos e dos benefícios para estabelecer uma potencial relação intercultural (Cabecinhas, 2003; Yijälä & Jasinskaja-Lahti, 2010). Por exemplo, o Japão era percebido pelos europeus Marco Polo e Cristóvão Colombo como sendo a ilha da prata ou *Cipango* (Akbari & Iannucci, 2008). No entanto, o primeiro contato intercultural com o Japão estabelecido pelos europeus foi levado a cabo pelos portugueses, tendo sido fortuito. Porém, após o primeiro contato com o Japão, os portugueses foram conduzidos por outras motivações, isto é, a atividade económica ou a motivação religiosa para converter os japoneses (Lacouture, 1995). Estas motivações foram desencadeadas a partir das fronteiras culturais europeias, nomeadamente, as portuguesas. Posteriormente, as navegações portuguesas forneceram novas fronteiras culturais acerca da Ásia (Borges & Feldmann, 1997), fornecendo também o início de novas relações interculturais como a que existe entre o Brasil e o Japão (Yamashiro, 1989), pois, no Brasil existe a maior comunidade japonesa fora desse país e no Japão existe uma importante comunidade de imigrantes brasileiros. Portanto, a escolha entre os custos e os benefícios assenta em motivações e nas intenções de ambos os grupos culturais em contato intercultural.

4.1.2.2 As motivações e as intenções aculturativas

Malinowski (1958) escreveu que a investigação acerca da aculturação deveria ter em consideração os interesses e as intenções ocidentais. Para além disso, Cresswell (2009) argumenta que os investigadores devem procurar pelas intenções inscritas nas práticas sociais dos grupos culturais. Na literatura da imigração a motivação é percebida através dos fatores económicos do *push* e *pull*. A literatura sociológica tem em consideração razões estruturais, políticas e as motivações sociais no sentido de se iniciar o processo migratório (Chirkov, Vansteenkiste, Tao & Lynch, 2007). No entanto, na Psicologia Intercultural existe uma carência de teorias e literatura acerca das motivações

interculturais (Chirkov, *et al.*, 2007). A aculturação tem vindo a ser estudada apenas através das preferências ou das atitudes culturais, longe das motivações, dos contextos sociais e históricos, nos quais as atitudes ou as preferências são baseadas e condicionadas.

Conquanto a escassez da literatura, a motivação individual pode ser abordada através da intensidade e também através da orientação (Ryan & Deci, 2000a). No último é comum dividir a motivação em intrínseca e em extrínseca, tendo em conta se a ação é autodeterminada ou se é desencadeada por um resultado externo, respetivamente (Deci & Ryan, 2008). A literatura presume que a motivação intrínseca implica a satisfação básica das necessidades psicológicas, por exemplo, as relações significativas, o crescimento pessoal e a contribuição social, favorecendo o bem-estar (Deci & Ryan, 2008). Os objetivos extrínsecos tais como o dinheiro ou o poder social são percebidos como prejudiciais (Chirkov, *et al.*, 2007). A motivação extrínseca tem um valor instrumental, pois a ação é, supostamente, motivada por um resultado externo ou separado, e a autodeterminação é, supostamente, baixa. Porém, existem diferentes tipos de motivações extrínsecas consoante o grau de autonomia sobre a ação e a internalização do resultado externo, isto é, a regulação externa, a introjeção, a identificação e a motivação extrínseca integrada. A derradeira, isto é, a motivação extrínseca integrada implica a completa internalização e integração das identificações externas no Eu, mostrando uma completa congruência, mas ainda se refere a um resultado separado.

A motivação é também uma variável na aquisição ou aprendizagem duma segunda língua (Culhane, 2004; Gardner, 2000). Quando a motivação gira em torno apenas da aquisição duma segunda língua é designada de motivação instrumental. A aquisição duma segunda língua é designada de integrativa quando a aprendizagem abrange interagir e adquirir laços com a cultura da segunda língua. A motivação integrativa, supostamente, alcança níveis mais baixos de dificuldades (Culhane, 2004), desempenhando um papel de suporte no processo de aprendizagem (Gardner, 2000; Gardner, Tremblay & Masgoret, 1997; Masgoret & Gardner, 2003). A revisão da literatura também notou outro tipo de motivação relacionado com o ajustamento cultural, ou seja, a orientação da aprendizagem por objetivos, a qual é suposta ter um impacto positivo nos resultados escolares e no ajustamento intercultural (Gong, 2003). Porém, estes tipos de abordagens não se adequam ao presente trabalho devido à sua ênfase exclusiva na preferência multicultural.

Curiosamente, as motivações e as intenções são variáveis antecedentes na formação intercultural (Bhawuk, Landis & Lo, 2006) porque a derradeira forma de aculturação é, supostamente, atribuída a uma população com estatuto socioeconómico mais elevado do que os imigrantes. Em consequência, a aculturação não é percebida como um problema social se for remetida a pessoas com um estatuto socioeconómico elevado. Contudo, o que muda na avaliação não é o processo de aculturação, mas apenas a avaliação acerca do estatuto social de quem aprende uma segunda cultura. Assim dispondo, o estatuto socioeconómico deve ser tratado como uma variável de controlo, tal como Rudmin propõe (Rudmin, 2009), pois não é aprendizagem duma segunda cultura por si próprio.

A evolução da cultura surge a partir da socialização, da enculturação, da inovação numa mesma cultura e da aculturação, sendo que esta última, ocorre entre culturas diferentes (Tarde, 1903), conduzindo à diversidade global e, ao mesmo tempo, à partilha de semelhanças e de diferenças culturais (Barth, 1969) entre as diversas culturas. Como Boas (1962) afirmou, nenhuma cultura se encontra sozinha. A motivação está presente no processo aculturativo porque o grupo que imita, não imita tudo, senão que apenas imita aquilo para o qual está motivado (Hallowell, 2002). Em consequência, o processo de aculturação é seletivo, negociado, motivado e é uma questão de aprendizagem (Bourguignon, 1954; Hallowell, 2002). De acordo com Pires, R., (2003), no processo migratório existe uma relação entre a decisão racional do imigrante e os constrangimentos e as oportunidades sociais criadas pelas estruturas sociais de ambos os espaços culturais. Neste sentido, o fluxo migratório encontra-se altamente contextualizado e motivado em ambas as culturas. De resto, Berry (1986) escreveu que as atitudes culturais estão dependentes das características do grupo minoritário e do maioritário. As decisões dos migrantes são, deste modo, condicionadas pelas fronteiras culturais de ambos os espaços aculturativos.

4.1.2.3 Fronteiras culturais

Uma característica comum entre os seres humanos consiste na necessidade da diferenciação cultural (Amâncio, 2004; Aronson, Wilson & Akert, 1997; Neto, 1997; Samovar & Porter, 1994a), de categorizar e de atribuir características culturais, comparando

esses elementos culturais com as características doutros grupos, no sentido de se distinguirem uns dos outros e de construírem uma identidade intragrupal (Berger, 2004; Berger & Luckmann, 2004; Elias & Scotson, 1994), mas, ao mesmo tempo, de perceberem semelhanças (Ember & Ember, 2009; Hall, 1994b; Kim, Y., 1994). As diferenças culturais entre as duas culturas são designadas de distância cultural (Triandis, 2008). O grau de semelhança ou de diferença poderá influenciar a relação intercultural e a adaptação a uma segunda cultura (Berry, 1997) e, em consequência, o processo da aprendizagem. A expressão fronteira cultural apareceu a partir da expressão da distância cultural, sendo que a derradeira foi empregue no dealbar do século vinte por Bartlett (1923, 1932; Saito, 2000). Assim dispoño, as relações interculturais funcionam em ambas as culturas em contato mediante as suas fronteiras culturais, sendo que estas últimas desencadeiam avaliações cognitivas, por exemplo, a decisão de viajar para o Japão foi feita através das fronteiras culturais portuguesas e europeias, as quais compararam Portugal e a Europa com o Japão ou a Índia, sendo que o Japão foi percebido pelos portugueses como sendo a sua imagem refletida ao espelho, ou seja, igual, mas invertida (Lévi-Strauss, 1998) e ideal para levar a cabo a missão dos jesuítas.

Na investigação acerca da imigração, as semelhanças culturais são percebidas como facilitando o processo de aprendizagem e as diferenças culturais são pensadas como barreiras culturais (distância cultural), conduzindo aos conflitos interculturais e às dificuldades de adaptação (Bourhis & Dayan, 2004; Montreuil & Bourhis 2001; Montreuil, *et al.*, 2004; Piontkowski, *et al.*, 2002; Suanet & Van de Vijver, 2009). Na investigação acerca da imigração é usual ter-se em consideração as condições contextuais da escolha individual (Pires, R., 2003). Na presente investigação, o processo cognitivo de perceber semelhanças e diferenças entre as culturas está também relacionado com a identidade étnica e com a perceção da discriminação. As fronteiras culturais e a interação entre o espaço de “acolhimento” e o espaço de partida são definidas por contextos circunstanciais (Coenders, *et al.*, 2008; Taft, R., 2007). Por exemplo, as avaliações acerca das comunidades alemãs e japonesas no Brasil têm mudado consoante as circunstâncias históricas (Tsuda, 2001; Voigt, 2007), ganhando um sentido positivo ou negativo consoante as relações internacionais do Brasil com a Alemanha ou com o Japão. As fronteiras culturais foram aplicadas na presente investigação para verificar se as avaliações acerca das semelhanças e das diferenças culturais obtinham um sentido positivo ou negativo.

4.1.3 Identidade étnica

Outro item fundamental das motivações aculturativas, isto é, do primeiro estágio do modelo de Rudmin (2009), consiste na identidade étnica (ver figura 16). O fenómeno da aculturação implica dois grupos culturais distintos em contato direto ou indireto (Sam, 2006a), o qual produz mudanças nos padrões culturais e, quiçá, nas identidades étnicas (Liebkind, 2006; Phinney, 2003). A identidade étnica pode ser definida como: “. . . degree to which one has a sense of belonging and attachment to one group” (Phinney, Berry, Vedder & Liebkind, 2006, p. 77). A identidade étnica é dinâmica (Barth, 1969; Phinney & Ong, 2007), é uma construção individual ao longo de toda a vida (Phinney, 2000), sendo ainda um construto multidimensional que se refere à identidade individual ou sentido do *self* enquanto membro dum grupo étnico (Phinney, 2000, 2003; Phinney, *et al.*, 2001). A definição de Phinney provém da teoria da identidade social de Tajfel (Detzner, 2004; Phinney, 2000; Phinney & Ong, 2007), tornando-se uma das mais importantes temáticas da aculturação, para além do *coping* e da aprendizagem cultural (Ward, 2009).

A identidade étnica envolve o sentido de pertença a um grupo social e um processo de aprendizagem acerca desse mesmo grupo (Phinney & Ong, 2007). Segundo Phinney (2003), a identidade étnica tem três dimensões principais. A primeira é a auto categorização (Phinney & Ong, 2007), a qual poderá ser atribuída por terceiros. As etiquetas ou categorias étnicas, por exemplo, europeu ou afro-americano, são estudadas através de questões abertas, uma vez que é necessário ter em conta os sujeitos portadores de identidades misturadas ou individuais (Phinney & Ong, 2007). Barth (1969) escreveu que as identidades étnicas são feitas através das fronteiras culturais. A identidade étnica poderá estar diretamente relacionada com a discriminação, pois esta ocorre mais facilmente quando as diferenças são identificáveis: “. . . regardless of their degree of acculturation” (Phinney, 2003, p. 67). Em consequência, a discriminação se constitui como uma condição (ou constrangimento) prévia para aprender uma segunda cultura, não sendo aculturação por si própria. Contudo, ser culturalmente competente poderá não ser suficiente para se ser socialmente aceite, uma vez que essa pessoa poderá não pertencer inteiramente a uma outra cultura, tal como sucede com os afro-americanos nos Estados Unidos da América. Na literatura da imigração uma identidade étnica positiva evita,

supostamente, os efeitos da discriminação (Phinney & Ong, 2007) e os efeitos associados ao *distress* da aculturação (Van de Vijver & Tanaka-Matsumi, 2008). No entanto, é também suposto que a discriminação conduza a uma identidade étnica robusta (Glazer, 1993, 1997, 2000), revelando uma contradição. Portanto, como Hsu (1961) escreveu, a identidade da minoria é apenas importante no caso da não aceitação por parte da maioria.

A segunda dimensão da identidade étnica é o sentido subjetivo de pertença ao grupo étnico e é medida através do sentido positivo ou negativo face ao grupo étnico, isto é, é tido em consideração a maneira como o sujeito avalia a sua pertença ao seu grupo étnico. A força da pertença verifica a lealdade étnica, expressão que foi cunhada por Keefe e Padilla (Phinney, 2003). A terceira dimensão da identidade étnica é o desenvolvimento da identidade étnica mediante o comportamento de exploração (Phinney & Ong, 2007). Uma identidade étnica robusta precisa do comportamento de exploração, no sentido de obter informação e adquirir um claro conhecimento acerca da identidade étnica. O conceito de exploração tem a sua origem no trabalho de Marcia (Phinney & Ong, 2007). Na análise de conteúdo foram verificadas as auto categorizações atribuídas a ambas as culturas por elas próprias ou atribuídas umas às outras (Gudykunst, 2005; Gudykunst & Bond, 1997). Finalmente, na análise de conteúdo foi verificado o nível de desenvolvimento da identidade étnica, tendo em conta o comportamento de exploração, uma vez que este envolve a aprendizagem acerca da identidade étnica.

No modelo de Berry (1997) a atitude de integração (a escolha ou estratégia cultural da minoria) perante a cultura maioritária é pensada como sendo a opção mais apropriada (e a solução) porque a integração implica manter ambas as culturas e reportar ambas as identidades. No entanto, e estabelecendo um paradoxo, a integração pode implicar também problemas, uma vez que conduz a uma identidade ambivalente (Rudmin, 2003a). Por exemplo, os brasileiros com raízes japonesas vivenciam problemas de integração (aceitação), tanto no Brasil, como no Japão (Lesser, J., 2003, 2005, 2007; Roth, 2002; Tsuda, 2003). Os brasileiros com raízes japonesas mostram que a variável “raça” não é suficiente para alcançar a integração (ou assimilação) no Japão. Em Israel, os “judeus soviéticos” (Al-Haj, 2004) mostram que, inclusivamente, uma característica cultural central como o domínio da religião não é suficiente para alcançar a aceitação da “maioria”. Além do mais, uma pessoa pode atingir a “integração”, isto é, a aceitação grupal, porém poderá

não alterar a sua identidade étnica original, como Taft, R. (1965) reportou. Segundo Sang e Ward (2006), no processo de socialização e de ressocialização de Taft, uma pessoa poderá estar aculturada num domínio como a linguagem, mas não estar aculturada em outro domínio como a identidade étnica. Em consequência, aprender uma segunda cultura poderá não significar mudar a identidade étnica. A alternância (Benet-Martínez, *et al.*, 2002; Coleman, 1995; Coleman, *et al.*, 2001) pode ser uma outra situação bicultural na qual aprender uma segunda cultura não conduz à mudança na identidade étnica. Em consequência, aprender uma segunda cultura é independente das mudanças da identidade étnica e a aprendizagem poderá ocorrer sob uma relação antagonística (Yamashiro, 1989). As “descobertas” e as conquistas europeias foram, muitas vezes, processos antagonísticos (Bitterli & Robertson, 1986; Issawi, 1998; McAlister, 1987; Mendonça, 2002; Souza, 1985, 2010; Stannard, 1992; Todorov, 1999). A temática da identidade étnica mostra que a aculturação é um fenómeno relacional ou interativo e a importância de se verificar ambas as culturas no processo da aculturação.

4.1.4. O *Distress* versus o *eustress* aculturativos

O derradeiro item das motivações aculturativas é o *distress* versus o *eustress* (Lazarus, 1999; Lazarus, Cohen, Folkman, Kanner & Schnefer, 1980; Lazarus & Folkman, 1984; Zeidner & Endler, 1996). Selye sugeriu dois tipos de *stress*: o *distress* e o *eustress*, abarcando o modelo de *coping*. O *distress* é caracterizado como destrutivo e é ilustrado pela raiva e pela agressão, sendo que, supostamente, prejudica a saúde. Lazarus (1999) o *eustress* é percebido como construtivo e é ilustrado através das emoções relacionadas com a preocupação empática pelas outras pessoas e pela tentativa de beneficiar a comunidade e a saúde. A aculturação é suposta causar *distress* porque os recém-chegados estão a confrontar novas realidades culturais (Schmitz, 2001), para as quais os indivíduos não têm suficientes recursos. No entanto, a aculturação poderá também envolver *eustress* (Berry, 2006c). Adler afirmou que os encontros interculturais são também uma oportunidade para o crescimento pessoal e para a aprendizagem (Adler, 1975, 1977; Montuori & Fahim, 2004) e não são apenas *distress* ou uma doença ocupacional (Oberg, 1960). A palavra *stress* apareceu devido aos distúrbios traumáticos da Primeira Guerra Mundial e tornou-se um construto popular, após a Segunda Guerra

Mundial. No modelo de *coping* a reação emocional é, desde Platão ou Sêneca (Lazarus, 1999), pensada como uma consequência emocional mediada pela cognição. Lazarus emprega quinze emoções para estudar o que sucede no processo de adaptação e como a pessoa confronta o *stress* (Lazarus, 1999; Lazarus & Folkman, 1984). Assim sendo, a reação emocional estabelece uma mediação entre os recursos disponíveis e as exigências culturais, sendo que a regulação emocional é crucial para se obter um ajustamento intercultural (Berry, 1997; Matsumoto, *et al.*, 2006).

Durante a análise de conteúdo às obras de Fernão Mendes Pinto e de Luís de Fróis, este trabalho aplicou as sete emoções básicas de Ekman e Friesen (2003; Ekman, 1999, 2003a, 2003b; Matsumoto, 2002a; Matsumoto & Ekman, 1989; Matsumoto & Ekman, 2004), isto é, a alegria, a surpresa, o nojo, o medo, a tristeza, a raiva e o desprezo. Na análise de conteúdo, o principal objetivo foi o de verificar como os japoneses e os portugueses reagiram perante as situações de aprendizagem no sentido de observar como o *stress* aculturativo era reportado.

Como veremos no capítulo referente a Fernão Mendes Pinto, isto é, no número quinze, e no capítulo referente a Luís de Fróis, isto é, no número dezasseis, a análise de conteúdo constatou que as crenças acerca da autoeficácia moldavam a avaliação emocional dos jesuítas (Pinto, 1989c), uma vez que algumas emoções típicas do *distress* foram percecionadas como “agradáveis” pelos jesuítas. A autoeficácia é definida como: “. . . one’s belief about one’s ability to perform behaviors that should lead to expected outcomes.” (Bandura, 1999, p. 49), ou seja, a autoeficácia implica um *locus* de controlo interno (Deci, Koestner & Ryan, 1999; Ryan & Deci, 2000a; Ryan & Deci, 2000b) e está próxima da motivação intrínseca. Berry (1997) classificou a autoeficácia como um fator pessoal que lida com o *stress* aculturativo. Segundo LaFromboise *et al.* (1993), a autoeficácia é um fator fundamental no desenvolvimento das competências biculturais. A autoconfiança é também reportada como uma variável importante na aprendizagem duma segunda língua (Gardner, *et al.*, 1997). De acordo com Buriel, Perez, DeMent, Chavez e Moran (1998), o maior preditor da performance académica é a autoeficácia. Segundo Matsumoto *et al.* (2006), a autoeficácia não é apenas importante porque desempenha um papel importante no ajustamento intercultural, senão que também na motivação e na aprendizagem intercultural. Assim dispondo, como se verá no capítulo número quinze, a

presente investigação observou que o *eustress* na obra de Fernão Mendes Pinto era predominante, em detrimento do *distress*. O discurso jesuíta era altamente motivado devido à autoeficácia, sendo que o *coping* perdeu importância na análise de conteúdo realizada à obra de Fróis, sendo preterido enquanto elemento essencial da presente investigação. As motivações aculturativas constituem-se como o primeiro estágio do modelo de Rudmin (2009), segue-se a descrição e a análise da literatura acerca do segundo estágio do modelo, isto é, a aprendizagem aculturativa.

4.2 Aprendizagem aculturativa

4.2.1 Obter informação

O segundo estágio do modelo de Rudmin (2009) é a aprendizagem aculturativa (ver figura 16). A aculturação resulta do contato intercultural entre culturas distintas (Berry, 2006b) e a aprendizagem aculturativa encontra-se entre o mero contato intercultural, as motivações aculturativas e as mudanças aculturativas, isto é, o terceiro estágio do modelo de Rudmin (2009). A aculturação (aprendizagem aculturativa) é influenciada pelas motivações aculturativas (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006), tais como a decisão de utilidade, as atitudes culturais, o *coping* e a identidade étnica (Rudmin, 2009). A aprendizagem duma segunda cultura poderá ser pensada como a habilidade para juntar e para aplicar a informação, na tentativa de alcançar objetivos (Ward, *et al.*, 2001). Contudo, juntar informação está apenas a evidenciar um tipo de aprendizagem aculturativa, ou seja, o obter informação. Outras formas descritas por Rudmin (2009) são a imitação, a instrução e o *mentoring* (Rudmin, 2009). Como se verá nos capítulos quinze e dezasseis referentes, respetivamente, às obras literárias de Fernão Mendes Pinto e de Luís de Fróis, a análise de conteúdo encontrou ainda outras duas formas de aprender uma segunda cultura, isto é, a curiosidade, a viagem e a argumentação ou a disputa racional, porém no presente capítulo apenas serão abordadas as formas propostas por Rudmin (2009).

4.2.2 Imitação

Na cultura ocidental, a imitação é relevante desde os antigos filósofos como Platão (Rudmin, 2003b) ou Aristóteles devido ao conceito de *mimesis*. No século XIX, a imitação era aplicada pela ideia da difusão para explicar a inovação cultural, as semelhanças entre as culturas e a redução da diversidade cultural. Quando a palavra aculturação foi cunhada por J. W. Powell (Powell, 1880; Rudmin, 2003b), a imitação foi apontada como sendo a forma fundamental de levar a cabo a aculturação, isto é, de aprender uma segunda cultura. A imitação é responsável pela transmissão cultural e pela mudança cultural (Boas, 1962). A imitação é também uma variável importante para reportar a evolução da espécie humana, nomeadamente, através da aculturação material (D’Errico, Zilhão, Le Julien, Baffier & Pelegrin, 1998). O comportamento da imitação encontra-se também presente nos animais (Boas, 1982a).

Na cultura francesa, segundo Tarde (1903), a sugestão e a imitação são os principais mecanismos para explicar a origem da cultura e a inovação cultural: “. . . Imitations are modified in passing from one race or nation to another, like vibrations or living types in passing from one environment to another.” (p. 22). Segundo Tarde, a imitação conduz à variação ou à diferença e não apenas à mera repetição. Tarde (1902, 1903) influenciou importantes trabalhos como os do psicólogo Bandura ou do filósofo Deleuze. O último escreveu que a imitação é: “. . . a process of repetition understood as the passage from a state of general differences to singular difference, from external differences to internal difference - in short, repetition as the differentiator of difference.” (Deleuze, 1994, p. 76). Portanto, a cultura é um processo de construção dinâmico, no qual a imitação desempenha um papel relevante.

Em Psicologia a imitação tem sido estudada por Miller e Dollard (Bandura, 1965; Hill, 1980). Hallowell (2002) também estudou a aculturação empregando o conceito da imitação. Contudo, a imitação tornou-se num construto robusto apenas com Bandura (1963, 1965, 2009a; Bandura, *et al.*, 1961). Segundo o último autor, a imitação pode ocorrer através da observação direta ou através de modelos sociais, sendo que a aprendizagem através dos modelos sociais é a principal forma de aprendizagem desde a infância (Rudmin, 2005). De acordo com Bandura (2009), os indivíduos são mais

propensos a adotarem um comportamento se o mesmo obtiver resultados tidos de valor e se o modelo for similar ao observador, e ainda se o modelo detiver um estatuto social admirado (Bandura, 2009a). Na literatura da aculturação, a importância dum estatuto social admirado para se obter imitação e aculturação foi, previamente, enunciado por Simons: “There are two strongly marked methods of assimilation: first, the coercive method . . . and second, the attractive method, in which attack is made by influence . . . “. (Simons, 1901a, p. 808). Tarde (1902) também empregou a influência social e o estatuto social admirado para explicar a aculturação material feita através do comércio de bens entre culturas diferentes entre si.

No contexto português, a imitação aparece também por entre os discursos dos primeiros antropólogos (Leal, J., 2000b), aparecendo relacionada com a emigração portuguesa. Depois da independência do Brasil, em 1822, o império português tornou-se secundário, no cenário internacional. Assim dispondo, a palavra imitação aparece como um sinónimo para compreender as apreensões causadas pela emigração portuguesa. Nos discursos acerca da emigração portuguesa, a imitação está relacionada com as relações interculturais e pode ganhar um sentido positivo relacionada com as misturas e com a inovação (Braga, 1985), porém a imitação poderá também ganhar uma valência negativa, a qual está relacionada com a falta de inovação e renovação da sociedade portuguesa, a qual, por exemplo, é atribuída à emigração portuguesa (Coelho, 1993). Estas avaliações, quer sejam positivas, quer sejam negativas, estão relacionadas com as crises internas de Portugal (Leal, J., 2000b) face ao cenário internacional. Na literatura sobre a emigração do século XIX, a palavra imitação foi afigurada como um meio para aprender uma segunda cultura, tal como é expressado por Martins (1956, 1978), por Herculano (1838, 1879) ou por Queirós E. (1979). A palavra imitação obtém uma avaliação positiva se estiver relacionada com um estatuto social elevado e com o domínio português a nível internacional. Assim sendo, melhorar, manter e até alargar a cultura portuguesa, obtém um sentido positivo, e um negativo, quando sucede o contrário, isto é, quando a influência da cultura portuguesa se reduz a nível internacional. Nestas avaliações a imitação não é concebida como no trabalho de Tarde (1903), no qual a repetição era fonte de inovação, senão que como repetição e falta de controlo sobre o próprio destino grupal. Para a presente investigação, estas valências positivas ou negativas estão relacionadas com o estatuto social, com as avaliações intergrupais e ainda com o etnocentrismo.

4.2.3 Instrução

A instrução como transmissão cultural está relacionada com a socialização e com o processo de aculturação entre as diferentes culturas. Como Malinowski (1958) escreveu, a cultura é uma “realidade” instrumental, e a instrução é abordada no discurso colonial como uma forma de socializar os indivíduos de diferentes culturas (Almeida, J. C. P., 2003; Araújo & Maeso, 2010; Smith, L. T., 1999), uma vez que os poderes ocidentais estavam conscientes acerca do papel da instrução nos processos de colonização (Malinowski, 1958; Powell, 1895). Foucault (1972) reportou a relação entre o poder e o conhecimento. A aculturação, como a presente investigação irá mostrar mais adiante, no capítulo dedicado à obra de Gilberto Freyre, isto é, no capítulo dezassete, ganha um sentido ambíguo relacionado com os processos de colonização. Para além dos processos de colonização, a “importação” de práticas pedagógicas “estranhas” é um fenómeno ancestral (Compayré, 1889), o qual levanta apreensões acerca das mudanças culturais, pois os conteúdos e práticas deverão ser constextualizados (Correa, 2011; Trommsdorff & Dasen, 2001). A instrução é também aplicada nos processos migratórios, pois no trabalho etnográfico de campo realizado em Metz, França, verificou-se que a instrução é aplicada para manter a língua Portuguesa. A instrução é ainda aplicada na aprendizagem duma segunda língua e na formação intercultural. A instrução é também visível na comunidade cabo-verdiana da cidade do Porto, pois muitos dos sujeitos da amostra de imigrantes cabo-verdianos são estudantes, reforçando a relação intercultural entre Portugal e Cabo Verde, fazendo com que Portugal exerça *soft power* (Nye, 2011), isto é, o Estado português difunde a cultura portuguesa de forma pacífica.

4.2.4 *Mentoring*

O *mentoring* é um processo dinâmico e é definido através do tipo de suporte fornecido pelo mentor ao *protégé*. O *mentoring* está alicerçado numa relação única entre dois indivíduos e é uma relação de aprendizagem recíproca, uma vez que envolve a aquisição de conhecimentos, sendo ainda, no entanto, uma relação assimétrica de poder entre o mentor e o *protégé* (Eby, Rhodes & Allen, 2007). O *mentoring* é aplicado junto

dos mais jovens, em estudantes universitários e nos locais de trabalho. Na literatura da aculturação, o *mentoring* é descrito como ajudando as minorias a alcançarem níveis mais elevados de educação e de adaptação sociocultural (Bandura, 2003; Berry, 1997), participação na sociedade alargada e, ao mesmo tempo, manutenção do legado cultural (Campbell, C. D., 2007). O *mentoring* ajuda ainda, supostamente, a diminuir a perceção da discriminação (Liang & Grossman, 2007). Porém, no contexto português, a cultura do *mentoring* não está suficientemente estabelecida. Assim sendo, no presente trabalho, o *mentoring* foi abordado como sendo próximo do suporte social e das redes sociais de suporte, as quais são fatores para começar um processo imigratório (Chirkov, *et al.*, 2007). O segundo estágio do modelo de Rudmin, isto é, a aprendizagem aculturativa, dá lugar às mudanças nos indivíduos, sendo este o terceiro estágio do referido modelo, o qual se apresenta de seguida.

4.3 As mudanças aculturativas nos indivíduos

O terceiro estágio do modelo de Rudmin (2009) consiste nas mudanças a nível individual. Na presente investigação, isto é, na análise de conteúdo, as mudanças a nível individual são meramente descritivas e não se propõem serem exaustivas. As mudanças aculturativas estão relacionadas com o comportamento de exploração da identidade étnica. No século XVI, os japoneses convertidos ao catolicismo, por exemplo, mudaram os seus nomes para apelidos europeus, o qual também sucedeu no Brasil com os nativos e com os escravos africanos (Schwartz, 1998). Triandis (1972) divide a cultura em material e em subjetiva. Na análise de conteúdo levada a cabo aborda-se, sobretudo, as conversões levadas a cabo pelos jesuítas, isto é, a cultura subjetiva. Por seu turno, no trabalho etnográfico de campo foi utilizado, sobretudo, a cultura material.

4.4. Variáveis de controlo

4.4.1 Discriminação

Finalmente, o modelo de Rudmin (2009) coloca a perceção da discriminação e o estatuto socioeconómico como variáveis de controlo porque ambas as variáveis podem influenciar as motivações aculturativas e a aprendizagem intercultural, conquanto não sejam aprendizagem por si próprias. A presente investigação presume que, colocando a discriminação e o estatuto socioeconómico como variáveis de controlo, a Psicologia voltará para as temáticas básicas afetas à si própria, ou seja, para a aprendizagem e para a motivação, em detrimento das apreensões socioculturais.

Elias e Scotson (1994) notaram que a discriminação não provinha apenas das diferenças religiosas, económicas, culturais, linguísticas ou das diferenças entre as “raças”, mas, sobretudo, que a discriminação era um tema mais básico, uma vez que a mera persistência da relação entre os membros dum grupo social, no mesmo lugar, provoca normas, hábitos e laços sociais entre os membros do grupo, sendo que a diferente enculturação estabelece a diferença face aos recém-chegados ou demais grupos culturais. Portanto, o presente trabalho afirma que a discriminação está relacionada com a mera relação social, não descurando outras variáveis como as diferenças de fenótipo ou as variáveis económicas ou simbólicas. De resto, Allport (1954) e Berry (2001) consideram a discriminação e os preconceitos como fenómenos universais.

De acordo com o modelo multicultural (Berry, 2006c; Berry, *et al.*, 2006), os níveis reduzidos de discriminação e de preconceitos são as condições prévias para se alcançar a integração (Ward, 2001). Segundo Bhatia (2002b), a noção de “raça” aparece tardiamente nas relações coloniais e a noção de cultura foi a dominante, na tentativa de estabelecer a diferenciação entre as diversas culturas e para justificar a dominação colonial. Porém, a “raça” ou a identidade étnica têm um papel importante na leitura acerca do recém-chegado (Berry, 1993), uma vez que as diferenças são observáveis. A questão da “raça” é problemática porque é socialmente construída (Berry, 1993; Lévi-Strauss, 1952; Marks, 2007). Contudo, um mundo sem estas perceções ainda é uma quimera (Norton &

Sommers, 2011; Segall, 2002). Tal como Elias e Scotson afirmam: “The physical sign serves as a tangible symbol of the assumed anomie of the other group . . .”. (1994, p. XXXV). Myrdal (1944) criticou o dilema norte americano do *separated but equal*, uma vez que este se baseia na questão da “raça”. O *separated but equal* assenta numa doutrina legal que justificava a segregação racial nos Estados Unidos da América, ela se constitui como um dilema face às ideias igualitárias da constituição do referido país. A referida doutrina legal perdurou até 1964. Contudo, nos Estados Unidos da América, segundo Bhatia (2007a), Nguyen (2006) e Pettigrew (1998b), a “raça” é ainda uma problemática relevante. De acordo com Phinney (2003), a categorização duma identidade étnica pode ser feita através das características físicas identificáveis, tal como ocorre com os afro-americanos, independentemente do seu grau de aculturação. Assim dispondo, a discriminação é independente da aculturação. Os afro-americanos não pertencem inteiramente a outra cultura, senão que apenas à norte americana, sendo esta, portanto, diversa. As características do fenótipo não desaparecem com a passar do tempo ou com o grau da aculturação (Padilla & Perez, 2003; Tafarodi, Kang, S-J & Milne, 2002). Em consequência, algumas das designadas minorias são parte da cultura dominante e a discriminação não conduz ao estudo duma relação intercultural plena, pois a aculturação é definida como sendo o produto do contato cultural entre culturas diferentes (Sam, 2006a). Estas relações interculturais estão a funcionar sob o domínio dum poder assimétrico e eles poderão ser designados como tal. Atualmente, a discriminação devido ao racismo é, particularmente, importante na Europa porque a imigração está a alterar a composição étnica europeia (Pettigrew, 1998b), podendo levantar apreensões acerca dessa mesma mudança. Em resumo, a discriminação pode levantar obstáculos à aprendizagem aculturativa, contudo a discriminação não é aculturação por si própria. No que diz respeito à análise de conteúdo presente nos capítulos quinze e dezasseis, a presente investigação tentou verificar se as diferenças étnicas alcançaram um valor positivo ou negativo no sentido de estabelecer uma relação intercultural. Por seu turno, a discriminação foi dividida em flagrante e em subtil. A discriminação flagrante é quente, próxima e direta, por seu turno, a subtil é fria, distante e indireta (Berry, *et al.*, 2006; Pettigrew, 1998b).

4.4.2 Estatuto socioeconómico

Na literatura multicultural dominante um baixo estatuto socioeconómico está supostamente relacionado com os grupos minoritários, relacionando os grupos minoritários com as precárias condições em matéria de saúde (Rumbaut, 1997). Na literatura acerca das migrações, os imigrantes são estudados através dos seus baixos estatutos socioeconómicos (Portes, *et al.*, 2005). Por seu turno, um baixo estatuto está associado com os imigrantes e com alguns grupos étnicos, sendo que essa associação poderá estar relacionada com a discriminação (Berry, 1997). Segundo Mancillas (2001), um baixo estatuto socioeconómico e as diferenças económicas entre os grupos culturais em contato foram os principais fatores da aculturação entre os nativos da Baixa Califórnia, México, ao longo dos últimos séculos. Koch, Bjerregaard e Curtis (2004) testaram o modelo de Berry na Gronelândia e o fatores mais importantes para a saúde mental foram os fatores sociodemográficos e os socioeconómicos. Assim sendo, na presente investigação, o estatuto socioeconómico tomou a mesma posição que a discriminação, pois não é aculturação por si própria. Contudo, o estatuto socioeconómico poderá afetar o processo da aculturação. O estatuto socioeconómico é reportado como sendo um fator básico na literatura histórica portuguesa, tendo em conta o adquirir suporte social e, inclusivamente, para provocar imitação cultural. Assim sendo, o estatuto socioeconómico pode influenciar as motivações e o processo de aprendizagem em diferentes situações e contextos culturais. Spicer (1943, 1954, 1958) reportou um processo de aculturação realizado pelos jesuítas na cultura Yaqui, no México. Os jesuítas movimentaram-se para locais estratégicos da sociedade e mudaram a cultura Yaqui devido à sua influência social. Portanto, o baixo estatuto socioeconómico está relacionado com a discriminação e, por seu turno, um elevado estatuto socioeconómico com a imitação social e a influência social. A discriminação poderá estar relacionada com o estatuto socioeconómico, quando este é baixo. Porém, pelo contrário, um elevado estatuto socioeconómico poderá desencadear a imitação do grupo cultural com “sucesso” noutras culturas. Assim dispondo, o estatuto social foi abrangido na análise de conteúdo e no modelo de Rudmin (2009), podendo ser afigurado como uma variável de controlo, tal como o estatuto socioeconómico. Na presente investigação, a análise de conteúdo pretende verificar como o estatuto socioeconómico foi reportado para influenciar a relação intercultural e a aprendizagem. Para além das variáveis ou códigos que surgem no modelo de Rudmin (2009), a análise de conteúdo também pretendia mostrar que a aculturação poderá ocorrer sob relações

antagónicas, e ainda mostrar que a descrição do “Outro” foi feita com o propósito de aprender, ou seja, com propósitos aculturativos porque os livros analisados funcionam como artefactos culturais na cultura portuguesa. A componente teórica da investigação de doutoramento está completa, sendo que o modelo de Rudmin (2009) foi descrito e explicado. Assim dispondo, falta descrever o processo metodológico, isto é, os caminhos que o método tomou, antes de descrever a componente empírica.

II. Abordagem metodológica

5. Objetivos gerais e secundários

A presente investigação emprega fontes primárias e secundárias sob um ponto de vista diacrónico e sincrónico (Ember & Ember, 2009). Esta investigação tomou uma forma exploratória porque a complexidade da cultura precisa de ser “desfiada camada por camada como uma cebola” (Matsumoto & Yoo, 2006). A presente investigação dispõe de dois objetivos gerais. O primeiro objetivo geral consiste em:

1., contextualizar e explorar a cultura portuguesa da aculturação, o qual conduziu a um objetivo secundário;

1.1., o primeiro objetivo geral implicou ter em consideração o discurso histórico português e as presentes reações face à aculturação, tais como a emigração (Duarte, 2007; Morrison & James, 2009; Neto, 1997), a imigração (Baganha, Góis & Pereira, 2005; Machado F. L., 2003), a globalização e as influências culturais das antigas colónias e da União Europeia. Na presente investigação, o propósito *emic* é, supostamente, complementar à abordagem *etic*. Em consequência, a investigação de doutoramento deseja estabelecer uma comparação intercultural entre a cultura portuguesa e a anglo-saxónica, esboçando o contexto português e alargando o anglo-saxão. A comparação implica realizar uma análise de conteúdo em algumas obras literárias portuguesas de valor histórico, tais como a obra de Fernão Mendes Pinto (1989a, 1989c) e a de Luís de Fróis, (1976, 1981, 1982, 1983, 1984), aplicando ainda os modelos de Rudmin (2009) e de Berry (1997, 2001) à obra maior de Gilberto Freyre (1986). O explorar e o contextualizar a cultura portuguesa da aculturação também implicou realizar trabalho etnográfico de campo junto da comunidade emigrante portuguesa em Metz, França, e junto da comunidade imigrante cabo-verdiana a residir na cidade do Porto, Portugal. Finalmente, este primeiro objetivo geral envolve aplicar análise quantitativa no sentido de verificar como alguns construtos básicos são percebidos no contexto cultural português. O primeiro objetivo geral relaciona-se, deste modo, com a validade ecológica, perante a cultura da aculturação portuguesa e o objetivo

secundário com a validade externa, no sentido de generalizar os resultados através das inferências interculturais (Shadish, Cook & Campbell, 2002).

2., o segundo objetivo geral assentou na tentativa de voltar para a definição da aculturação fornecida por Redfield, *et al.* (1936) e para o legado científico de Powell (1880) e de Simons, (1901a), em consequência, para a aculturação como um fenómeno de aprendizagem com dois sentidos (Rudmin, 2009). Assim sendo, o segundo objetivo geral é inerente à problemática da aculturação relacionando-se com a validade interna (Cronbach & Meehl, 1955);

2.1., a nível conceptual, este segundo objetivo geral implicou abordar a aculturação como um processo dinâmico (Kramer & Kim, 2009; Tarde, 1903). A característica dinâmica da aculturação tem em conta que a aculturação toma diferentes formas e diferentes caminhos consoante o modelo da aculturação (a assimilação, a fusão, o multicultural e o intercultural), o contexto e o estatuto ou a posição social das amostras, sendo possível encontrar diferenças interculturais e também intragrupoais. O abordar a aculturação como um processo dinâmico envolveu substituir as abordagens assentes nos discursos de poder e em ideologias (Berry, 2001; Sam, 2006a) pela psicológica, a qual deve estar centrada na aprendizagem e nas motivações aculturativas, não descurando o discurso antropológico acerca da aculturação. Tratou-se de elaborar um desenho da investigação próximo da interação intercultural, revelando as motivações das três amostras;

2.2., este segundo objetivo geral guiou esta investigação até a outro objetivo secundário, pois a investigação de doutoramento pretendeu mostrar que a aculturação é um processo de aprendizagem com dois sentidos porque ela está reportada no discurso histórico português (Freyre, 1986; Fróis, 1976, 1981, 1982, 1983, 1984; Pinto, 1989a, 1989c). A dimensão da interação da aculturação implicou outros dois objetivos secundários;

2.2.1., reportar como uma minoria pode influenciar uma maioria, mas, ao mesmo tempo, ser influenciado pela maioria (Faucheux &

Moscovici, 1967). A análise de conteúdo reportou como uma minoria pode fazer mudanças culturais na cultura maioritária. A influência da minoria é visível na relação histórica entre o Japão e Portugal. No entanto, a influência da minoria foi também visível na cultura portuguesa devido aos imigrantes e aos emigrantes aculturados, os quais estão a mudar a cultura portuguesa. O presente objetivo secundário foi levado a cabo através de todas as técnicas de investigação, ou seja, empregando o método misto. O presente objetivo secundário aparece nos capítulos dedicados a Fernão Mendes Pinto, a Luís de Fróis e a Gilberto Freyre, e nos capítulos dedicados à imigração e à emigração portuguesa, relacionando o trabalho quantitativo com o etnográfico de campo;

2.2.2., por fim, a presente investigação pretendeu ainda mostrar como uma minoria europeia aprende com uma maioria não europeia. Este objetivo secundário está apenas relacionado com a relação histórica entre o Japão e Portugal, ou seja, com a análise de conteúdo e ainda com o anterior objetivo secundário, isto é, o 2.2.1, na pretensão de reportar a aculturação como sendo um processo de aprendizagem com dois sentidos.

Na presente descrição do método utilizado, seguem-se as hipóteses da investigação.

6. Hipóteses

O primeiro objetivo geral (contextualizar e explorar a cultura portuguesa da aculturação) envolve as seguintes hipóteses:

1., na primeira hipótese de trabalho é suposto que o discurso histórico português acerca da aculturação não se adegue à cultura anglo-saxónica e à literatura multicultural. Esta hipótese foi levada a cabo através de todas as técnicas de investigação aplicadas, mas, sobretudo, através da análise de conteúdo. No caso do trabalho quantitativo são enunciadas as seguintes hipóteses;

1.1., é suposto que o modelo multicultural não se ajuste por completo na cultura portuguesa porque o contexto português funciona avaliando de forma positiva as misturas culturais e, ao mesmo tempo, funciona, atribuindo valor a algumas dimensões do multiculturalismo como a manutenção cultural. Esta hipótese foi levada a cabo através da questão número três do questionário (PEAQ), pois esta questão estabelece uma comparação entre o modelo multicultural e o modelo de fusão. A diferença cultural entre ambas as referidas culturas conduziu até à H 1.2;

1.2., é suposto que na cultura portuguesa se verifique uma falta de equivalência ou um viés de construto face aos construtos relacionados com a abordagem da aculturação, tais como a identidade étnica (questão número sete), o multiculturalismo (questão número cinco) e face ao próprio construto da aculturação (questão número seis). Esta hipótese está também a envolver o segundo objetivo geral e está relacionado com a questão número seis do questionário, a qual abarca o construto da aculturação, estando ainda relacionado com as últimas hipóteses do presente trabalho, isto é, a H 5 e a H 5.1, na medida em que aborda o fenómeno da aculturação enquanto aprendizagem;

1.3., é presumível que, em Portugal, não exista por inteiro uma cultura étnica. Em Portugal, a cultura étnica é suposta funcionar através das dimensões

estáticas e individualistas do construto, em vez das dimensões sociais e dinâmicas, tal como é requerido pelo modelo multicultural da cultura anglo-saxónica. Esta hipótese corresponde à questão número sete do questionário, a qual abarca o construto da identidade étnica;

1.4., é presumível que o construto do multiculturalismo não se ajuste por inteiro ao contexto português. No contexto português é esperado que as dimensões sociodemográficas sejam avaliadas de modo positivo e as dimensões sociais e da aprendizagem não o sejam. Esta hipótese corresponde à questão número cinco do questionário (PEAQ), a qual abarca o construto do multiculturalismo.

A primeira hipótese de trabalho acerca da presumível diferença cultural entre a cultura portuguesa e a cultura anglo-saxónica conduziu a investigação de doutoramento para uma segunda hipótese.

2., na segunda hipótese é suposto que o contexto histórico português se encontre próximo do modelo de fusão devido à teoria luso-tropical de Gilberto Freyre (1986). Esta hipótese foi alcançada empregando a análise de conteúdo e através do trabalho quantitativo, principalmente através da questão número dois do questionário (PEAQ) acerca do luso-tropicalismo, e ainda mediante o trabalho etnográfico de campo. Esta hipótese aparece no capítulo dezassete dedicado a Freyre (1986), implicando novas hipóteses secundárias;

2.1., é suposto que no discurso histórico português acerca da aculturação as motivações regulem as atitudes culturais e que o processo de aprendizagem intercultural seja motivado pelas motivações extrínsecas (Rudmin, 2009), mas também pelas motivações intrínsecas como a curiosidade ou a aventura. Esta hipótese implica ambos os objetivos gerais e aparece no capítulo número quinze acerca de Fernando Mendes Pinto, no capítulo número dezasseis acerca de Luís de Fróis, e ainda no capítulo dezassete referente à teoria luso-tropical de Gilberto Freyre (1986);

2.2., é suposto que as atitudes da aculturação sejam diferentes consoante os diferentes grupos (o japonês e o português) e consoante as classes sociais, assistindo-se, portanto, à presença de diferenças intergrupais e intragrupoais. Esta hipótese foi cumprida, empregando a técnica da análise de conteúdo.

3., na terceira hipótese de trabalho, contudo, é também suposto que a teoria luso-tropical funcione como uma ideologia consensual na sociedade portuguesa perante as presentes reações face à aculturação como a imigração e a emigração portuguesas. Esta hipótese foi levada a cabo através da questão número quatro do questionário (acerca da adaptação dos emigrantes portugueses) e pela questão número um (a qual abarca a adaptação dos imigrantes, em Portugal). Esta última questão aparece no capítulo dezanove sobre a imigração cabo-verdiana em Portugal. A questão número quatro do questionário abarca a emigração portuguesa e aparece no capítulo dezoito acerca da mesma. Esta hipótese foi ainda cumprida através da segunda questão do questionário, a qual abarca algumas das dimensões do luso-tropicalismo, aparecendo no capítulo dezassete dedicado à obra de Gilberto Freyre. A questão da perceção de ameaça, ou seja, a questão número oito e derradeira do questionário (PEAQ) reforça as duas questões prévias. Esta terceira hipótese implica ambos os objetivos gerais, implicando uma nova hipótese de trabalho;

3.1., em consequência, são supostos diferentes níveis de avaliação: uma avaliação “ideal” e outra “real” (Navas, *et al.*, 2005), sendo que o contexto da aculturação português revela ambas as avaliações, em simultâneo, à semelhança do que Myrdal (1944) afirmou acerca do dilema cultural dos Estados Unidos da América. A presente investigação afirma que nenhum modelo da aculturação se adequa inteiramente ao contexto português. Esta hipótese foi levada a cabo através de todas as técnicas de investigação utilizadas e implicou relacionar a análise de conteúdo com o trabalho quantitativo e com o etnográfico de campo.

4., Na quarta hipótese de trabalho, a presente investigação presume que a cultura portuguesa funcione a diferentes níveis e que preferindo diferentes modelos ao mesmo tempo, tendo em conta que o discurso histórico português funciona através duma ideologia consensual face aos presentes desafios da aculturação, isto é, a imigração e a emigração portuguesas. Assim dispondo, é suposto que a preferência pelos modelos da aculturação

mude consoante o estatuto social das diferentes amostras porque os diferentes estatutos sociais desencadeiam diferentes motivações;

4.1., é suposto que a amostra de imigrantes cabo-verdianos expresse elevadas apreensões acerca da sua própria mudança cultural. Esta hipótese envolve a questão número um do questionário (PEAQ) acerca da adaptação cultural dos imigrantes e aparece no capítulo acerca da imigração;

4.2., é suposto que a amostra de emigrantes portugueses reporte elevadas apreensões com a sua mudança cultural e baixas apreensões com as mudanças culturais dos imigrantes a viverem em Portugal. Esta hipótese envolve a questão número quatro do questionário acerca da adaptação cultural dos emigrantes portugueses e aparece no capítulo acerca da emigração portuguesa;

4.3., é suposto que a cultura portuguesa mostre diferenças intragrupais face ao modelo preferido. A amostra de emigrantes é esperada obter percentagens mais elevadas de apreensões acerca das mudanças culturais e percentagens mais elevadas de perceção de ameaça do que a amostra da maioria portuguesa.

O segundo objetivo geral e os seus objetivos secundários envolvem as seguintes hipóteses:

5., na quinta hipótese de trabalho é suposto que, no contexto cultural português, o construto de aculturação não funcione pela dimensão da aprendizagem, apesar da cultura luso-tropical reportar aprendizagem intercultural recíproca. Contudo, é esperado que as amostras irão concordar mais com as dimensões de fusão do que com as dimensões do modelo multicultural;

5.1, é suposto que na cultura portuguesa a aculturação terá sido abordada como um assunto relacionado com a aprendizagem apenas no período colonial, mas que foi preterido, sendo que, atualmente, a palavra aculturação é escassamente utilizada. Esta hipótese corresponde à questão número seis do questionário acerca

do construto da aculturação e foi também cumprida empregando fontes secundárias e o trabalho etnográfico de campo.

Na presente investigação, considerando os dois objetivos gerais e as suas respetivas hipóteses de trabalho, é necessário, agora, tecer algumas considerações de ordem metateórica, antes de descrever o método utilizado.

7. Metateorias

As metateorias subjacentes à presente investigação estão baseadas no contextualismo social de McGuire ou também designada de teoria perspectivista (McGuire, 1983) e no realismo crítico de Campbell D. T. (1987, 1988). A Psicologia Experimental e a abordagem construtivista encontravam-se opostas desde os inícios dos anos 70 (Edwards & Potter, 2000; Gergen, 2001, 2003; Kuhn, 1996, 2003; Shotter, 2002). Contudo, proeminentes investigadores como McGuire e Campbell juntaram ambas as abordagens de modo coerente (Jost & Kruglansky, 2002; Ratner, 2007). De acordo com McGuire (1973, 1983, 1997, 1999), o processo da investigação pode ser dividido em duas fases: a criação das hipóteses e o teste empírico. Para McGuire o principal problema assentava na excessiva ênfase atribuída ao teste empírico porque os investigadores estavam absorvidos na tentativa de testar as suas hipóteses, mais do que em as confrontar. Em consequência, o processo de investigação poderia tornar-se numa mera habilidade para juntar as diferentes fases da investigação numa forma linear até o investigador ver o que desejava, previamente, ver (McGuire, 1973). Por essa razão, McGuire deslocou a ênfase da investigação para a fase da formulação teórica, isto é, o principal objetivo não é o de testar hipóteses, senão que confrontar teorias e criar novas formulações teóricas e hipóteses. De modo semelhante, segundo Cronbach (1975), a investigação deve estar menos preocupada com o testar das hipóteses e mais centrada em interpretar os resultados, tendo em conta a cultura local.

A conceptualização de McGuire implica que o processo de investigação não seja linear, envolvendo também um constante ponto de vista crítico e reflexibilidade (Finlay, 2003) porque a confrontação teórica é um processo de descoberta (Corbin & Strauss, 2008). A conceptualização de McGuire é próxima do pensamento de Bachelard (Paiva, 2005). De acordo com Bachelard (1967), a objetividade não significa estar ligado ao objeto, mas antes aplicar múltiplas técnicas de investigação porque a “realidade” cultural é plural e a investigação deve deixar cair os seus preconceitos (Bachelard, 1967). O investigador deve ainda tentar estabelecer a sua própria teoria e as presunções que lhe estão subjacentes, e ainda considerar o contexto social da investigação (Morin, 2002; Myrdal, 1969).

De forma diferente, mas na mesma direção que McGuire, de acordo com Campbell, o investigador deve criar múltiplas hipóteses (Campbell, D. T., 1987, 1988; Jost & Kruglansky, 2002) porque o mesmo resultado poderá ser percebido através de múltiplas perspetivas, sendo que todas elas têm um sentido estreito de racionalidade (Howard, 2003). A “realidade” social é, supostamente, dinâmica, complexa, diversa e a abordagem científica é apenas mais uma por entre a tentativa de descrever, de explicar e de controlar a “realidade” social (Morin, 2002; Triandis, 2002).

Tendo em conta os autores acima citados, o presente desenho da investigação poderá ser pensado como uma forma de melhorar a validade da presente investigação, no sentido em que mostra evidências diversas (Howard, 2003; Matsumoto & Yoo, 2007; Punch, 2005). Nesta investigação, as constantes comparações são úteis para encontrar categorias conceptuais e para encontrar relações entre os dados, e ainda para encontrar relações por entre os dados num nível mais elevado de abstração (Punch, 2005). Assim sendo, as comparações são úteis para explorar e para contextualizar a cultura portuguesa da aculturação. Contudo, o contexto português da aculturação deve estar sob um ponto de vista crítico no sentido de alargar a temática da aculturação e a cultura anglo-saxónica. O encontro intercultural entre o Japão e Portugal, do século XVI, mostrou o ponto de vista português acerca da aculturação. O contexto português da aculturação é diferente do anglo-saxónico e a presente investigação poderia estar a fazer o que McGuire (1973) escreveu, ou seja, ver o que a investigação queria, previamente, ver. No entanto, aplicar ferramentas analíticas como a constante comparação, os casos negativos, um comportamento de constante interrogação e aplicar diferentes técnicas de investigação reduziram o problema. Em resumo, no presente trabalho a maior preocupação de investigação não foi o teste empírico, senão que verificar padrões de aculturação no sentido de cumprir com os dois objetivos gerais.

8. Método misto

Do ponto de vista metodológico, por um lado, a presente investigação poderia ser concebida com um estudo de caso porque está limitada a um contexto cultural particular (Punch, 2005; Yin, 2003), ou seja, o contexto cultural português ou lusófono. Por outro lado, nesta investigação a ênfase atribuída à cultura poderia prover a investigação com uma forma qualitativa. Na literatura francesa aplicar técnicas qualitativas é percebido como a melhor forma de abordar o fenómeno da aculturação (Brégent, Mokoukolo & Pasquier, 2008). A tradição qualitativa reconhece a importância do empirismo (Howard, 2003), a importância da subjetividade humana na criação de sentido sob a noção da objetividade (Coolican, 1994; Denzin & Lincoln, 2005; Hesse-Biber, 2010) e permite a triangulação das técnicas de investigação para adquirir uma compreensão mais profunda dos fenómenos (Punch, 2005). De resto, os estudos acerca da aculturação aplicam técnicas quantitativas e qualitativas para ampliarem a validade interna (Bhatia, 2007a; Campbell & Fiske, 1959; Ember & Ember, 2009; Matsudaira, 2006; Moghaddam, Walker & Harré, 2003; Murdock, 1957), para tornar os estudos culturalmente mais sensíveis e objetivos, e ainda para aumentar a validade externa (Bhatia, 2007a; Moghaddam, *et al.*, 2003). De acordo com Cronbach (1975), a triangulação é útil para estabelecer a validade externa devido às limitações do poder de generalização da abordagem quantitativa. Assim dispondo, a investigação de doutoramento não foi apenas quantitativa ou qualitativa, senão que empregou o método misto.

O método misto é utilizado desde o primeiro olhar da Psicologia Intercultural, por exemplo, na *volkerpsychologie* de Wundt (Clark & Creswell, 2011; Cronbach, 1957; Karasz, 2011; Wundt, 1916). Nenhuma técnica de investigação é pura por si própria, sendo que, por exemplo, a Psicologia Experimental advém da observação naturalista. A necessidade de standardizar os instrumentos psicométricos surge, por sua vez, da Psicologia Experimental (Cronbach, 1957). Para além do mais, a presente investigação revelou-se complexa (Morin, 1990, 1999), fazendo do método misto o mais adequado (Blaine, 2007; Chryssochoou, 2004; Moghaddam, *et al.*, 2003). A derradeira afirmação encontra-se próxima da proposta de McGuire (1973) porque a cultura implica um viés e cada prática metodológica implica uma conceção do mundo (Cronbach & Meehl, 1955), o qual reduz a perceção do fenómeno. Assim dispondo, o emprego de múltiplas perspetivas

e técnicas de investigação poderá reduzir o viés cultural (Clark & Creswell, 2011; Karasz, 2011). Hesse-Biber (2010) fornecem quatro razões para se aplicar o método misto: a complexidade, a exploração, a expansão e a complementaridade. Para além da complexidade, a exploração é outra razão fundamental para aplicar o método misto (Clark & Creswell, 2011; Hesse-Biber, 2010) e a presente investigação assentou numa tentativa exploratória de contextualizar e de explorar a cultura portuguesa da aculturação. Por outro lado, o modelo de Rudmin expande o modelo de Berry (1974, 1997, 2001). Expandir é outra razão fundamental para se aplicar o método misto (Clark & Creswell, 2011; Hesse-Biber, 2010). Outra razão é a complementaridade, uma vez que o método misto é requerido quando uma das fontes de informação não é suficiente, complementando as fraquezas das abordagens qualitativa e da quantitativa (Cronbach, 1975), podendo ainda diminuir a distância cultural entre o investigador e os sujeitos e a temática. Tendo em conta a derradeira afirmação, o método misto poderá ser ainda pensado como sendo próximo da teoria proposta por Campbell D. T. (1987, 1988), pois promove diferentes perspetivas acerca da mesma temática, permitindo uma compreensão mais profunda (Morse, J. M., 2003) da aculturação.

A análise de conteúdo e a revisão da literatura, a qual está presente na descrição do modelo de Rudmin (2009) do capítulo número quatro, revelaram que a presente investigação dispõe de diferentes níveis analíticos. No modelo de Rudmin (2009), a análise de conteúdo foi útil para explorar como o modelo funcionou num contexto particular, ou seja, a relação entre o Japão e Portugal do século XVI. Contudo, após isso foi necessário indagar como o contexto da aculturação português funcionou na atual “realidade” portuguesa. Na análise de conteúdo e no trabalho etnográfico de campo encontraram-se casos negativos, isto é, pontos de vista diferentes face à literatura dominante, oferecendo novos pontos de vista para a literatura da aculturação. De resto, as três técnicas de investigação usadas corroboraram umas com as outras na discussão e na conclusão da investigação. Assim dispondo, depois de aplicar as técnicas qualitativas, a investigação foi seguida pela análise quantitativa (Creswell, Clark, Gutmann & Hanson, 2003; Teddlie & Tashakkori, 2009). A análise de conteúdo e o trabalho de campo foram úteis para elaborar as dimensões e os eixos do trabalho quantitativo. A presente investigação pressupõe não apenas que exista uma diferença entre a cultura portuguesa e a cultura anglo-saxónica, senão que também uma falta de equivalência, tomando o presente trabalho uma característica *emic*, o qual será abordado de seguida.

9. Abordagens *emic*, *etic* e a Psicologia Indígena

A curiosidade inicial do primeiro momento da investigação e a revisão da literatura do segundo momento da investigação, isto é, a exploração do modelo de Rudmin (2009) e da cultura portuguesa da aculturação conduziram a presente investigação para a diferença entre a abordagem *emic* e a *etic*, e ainda para a Psicologia Indígena. As abordagens *emic* e *etic* têm em comum a busca de diferenças e de semelhanças culturais (Brislin, 1976) através das comparações interculturais, fazendo com que as formulações teóricas duma determinada cultura se tornem mais precisas (Ember & Ember, 2009; Kim, *et al.*, 2000).

A definição das abordagens *emic* e *etic* foi fornecida no primeiro capítulo, numa nota de rodapé. No entanto, torna-se, de novo, necessário delinear as principais características das abordagens *emic* e *etic*. Na Psicologia Intercultural, a abordagem *emic* pretende estabelecer: “. . . valid principles that describe behavior in any one culture under study, taking in account what people themselves value as meaningful and important.” (Brislin, 1976, p. 217), ou seja, a nível metodológico, a abordagem *emic* presume que as culturas são peculiares (Van de Vijver & Tanaka-Matsumi, 2008), o que dificulta as comparações e as generalizações interculturais. A abordagem *emic* é também caracterizada pela sua prática metodológica heterodoxa (Allwood & Berry, 2006). Em contraste, a abordagem *etic* pretende fazer generalizações entre as culturas (Pike, 1954), empregando, usualmente, apenas métodos quantitativos.

Por seu turno, a Psicologia Indígena tem sido desenvolvida na China, nas Filipinas, na América Latina (Díaz-Guerrero, 1995) e na Índia (Bhatia, 2002b), procurando formulações culturais peculiares e distintivas face à anglo-saxónica. No entanto, a Psicologia Indígena também procura variações dentro das culturas ocidentais (Allwood & Berry, 2006; Kim, Yang & Hwang, 2006). Berry (1974) tentou, por exemplo, desenvolver uma Psicologia canadiana e, em França, Faucheux (1976) afirmou que era necessário formular uma Psicologia europeia. Na Alemanha, Trommsdorff (1986) tentou desenvolver uma psicologia alemã. No entanto, muitas vezes, a Psicologia Indígena é afigurada como estando apenas a estabelecer comparações entre o ocidente e o “resto” (Berry, *et al.*, 2011). A Psicologia Indígena partilha algumas características metodológicas com a teoria de McGuire (1973, 1983) e com a *Grounded Theory* (Asthana, 2002), uma vez que na

Psicologia Indígena o primeiro passo da presente investigação pretende fornecer uma compreensão descritiva dos fenómenos. O segundo passo envolve desenvolver construtos e teorias (Kim & Park, 2006). Yang (2000) situa a Psicologia Indígena entre as abordagens *emic* e a *etic*, partilhando ainda características da Psicologia Cultural e da Intercultural.

A aplicação de teorias e de instrumentos de investigação provenientes duma determinada cultura noutras culturas designa-se de abordagem *etic* imposta, a qual levanta problemas acerca da sua precisão (Sinha, 1996, 1997). Muitas das teorias e das problemáticas da aculturação provêm da cultura anglo-saxónica e dificilmente poderão ser aplicadas a todas as culturas ocidentais. A revisão da literatura reportou a existência de problemas teóricos e empíricos, sendo que a presente investigação presume que alguns constructos básicos da temática da aculturação tenham diferentes significados entre as sociedades norte americanas e as europeias, nomeadamente, face à cultura portuguesa ou a lusófona. Presentemente, algumas culturas europeias estão a tentar contextualizar a abordagem anglo-saxónica de acordo com as suas culturas, deste modo, por exemplo, Brégent, *et al.* (2008) estão a elaborar instrumentos de medida no contexto francês (Pourtois & Desmet, 1988; Vallerand, 1989), e Navas, *et al.* (2005) estão a fazer o mesmo no contexto espanhol.

Segundo Berry (1999a, 1999b), Yang (2000) ou Ember e Ember (2009), as abordagens *emic* e *etic* são complementares (Matsudaira, 2006). A procura de características universais pode ser alcançada através de sucessivos estudos comparativos e paralelos em diferentes países, na tentativa de explorar os significados dos construtos (Smith, Bond & Kagitçibasi, 2006). Na Europa existem diferentes contextos históricos, isto é, por exemplo, o francês, o alemão, o russo ou o português e a mera tradução dos construtos inerentes à temática da aculturação como a integração ou a assimilação não será a prática científica mais apropriada porque os construtos variam em função dos contextos históricos e culturais.

De resto, a consciência histórica das sociedades norte americanas é, supostamente, reduzida porque o Canadá ou os Estados Unidos da América se constituem como países relativamente recentes. Contudo, isso não ocorre na Europa (László, 2003) porque o contexto histórico detém um papel importante nas reações aos processos da aculturação

(Cabecinhas & Feijó, 2010; Vala, *et al.*, 2008). Assim sendo, os contextos históricos e as reações aos fenómenos da aculturação serão diferentes consoante a cultura desses países (Paranjpe, 2002).

A Psicologia Indígena revela os problemas relacionados com o estudo da aculturação, ou seja, acerca das influências culturais na Psicologia porque a maioria das abordagens da aculturação foram formuladas nas culturas norte americanas (Yang, 2000). De resto, todos os modelos de aculturação são conceptualizados no continente americano, incluindo a teoria luso-tropical (Freyre, 1986). Na cultura portuguesa, para além da influência da cultura anglo-saxónica, a revisão da literatura tem notado a influência da cultura francesa num tema fundamental da aculturação, ou seja, na emigração portuguesa. A influência da cultura francesa levantou um outro problema nas comparações interculturais, uma vez que a literatura francesa funciona mediante o modelo da assimilação e a literatura anglo-saxónica através do modelo multicultural. A diferença entre ambas as culturas e as suas respetivas influências científicas revelaram uma lacuna de equivalência nos construtos aplicados na investigação acerca da aculturação, nomeadamente na temática da emigração portuguesa. A palavra multicultural poderá servir de exemplo para esclarecer a desordem no estudo do fenómeno da aculturação, pois, em Portugal, a palavra multicultural ganha um sentido de interação social entre culturas diferentes (Rocha-Trindade, 2010a), no entanto, muitas vezes, a palavra aparece associada com as variáveis típicas do modelo da assimilação e surge associada ainda ao estudo dos processos de discriminação, não significando manutenção da cultura e não tendo subjacente uma separação cultural, tal como ocorre na cultura anglo-saxónica. A influência da literatura francesa na portuguesa será abordada de seguida.

10. A influência francesa na literatura acerca da emigração portuguesa

Os obstáculos metodológicos e conceptuais tornaram-se notórios na revisão da literatura acerca da emigração portuguesa porque a presente investigação estabelece uma comparação face à cultura anglo-saxónica. Porém, a maioria dos académicos anglo-saxónicos aplica o modelo multicultural e os franceses²⁶ empregam o modelo da assimilação, ou seja, a diferença entre os significados conceptuais e as abordagens causou problemas metodológicos e, por consequência, causou problemas à tentativa de contextualizar o fenómeno da aculturação da cultura portuguesa. Tal como na cultura francesa, o modelo de assimilação é o dominante na literatura portuguesa da emigração, sendo que a literatura multicultural é escassa (Duarte, 2007; Neto, 1994, 2010; Neto, Barros & Scmitz, 2005, Ramalho, 2003). A literatura portuguesa acerca da emigração é influenciada pela literatura francesa (Baganha, *et al.*, 2005). Alguns dos principais autores portugueses foram educados em França e também publicaram os seus trabalhos naquele país (Rocha-Trindade, 1970). Para além disso, existem académicos franceses que escrevem acerca da imigração portuguesa, em França e, inclusivamente, acerca dos efeitos da emigração portuguesa, em Portugal (Charbit, Hily, Poinard & Petit, 1997; Oriol, 1985, 1989). De resto, a análise estatística feita à base de dados do Observatório da Emigração revelou que a França é o país com o maior número de referências bibliográficas acerca da emigração portuguesa observadas até ao ano 2000 (ver tabela 37, em anexo).

As diferenças entre os significados conceptuais colocou problemas acerca do que a investigação de doutoramento estava a abordar, devido às comparações interculturais porque os construtos podem implicar viés (He & Van de Vijver, 2012) e, mormente, devido às inferências interculturais nas conclusões. Por exemplo, a palavra integração poderá ser entendida como assimilação e como não a manutenção cultural do modelo multicultural. O problema com os significados e com as diferentes abordagens aumenta porque a assimilação é o modelo maioritário na literatura acerca da emigração portuguesa. Nos Estados Unidos da América, a palavra assimilação é ainda usada (Scott, 2009), mas, no contexto português, é pouco comum encontrarem-se trabalhos cujos títulos remetam para a palavra assimilação (Pereira & Tavares, 2000). Por seu turno, em França, a palavra

²⁶ Segundo Berry (2001), a abordagem francesa coloca a ênfase na criação de novas configurações sociais. Uma outra diferença face à abordagem anglo-saxónica é a sua ênfase na interação e no estudo dos processos antagónicos (Camilleri, & Affergan, 1995; Tanos, & Vermes, 1993).

assimilação foi substituída pela palavra “integração” (Glazer, 1993, 1997, 2000; Safi, 2012). Contudo, a mudança na palavra reflete uma ideologia política – e um sentido de culpa histórica face ao período colonial – e não uma mudança teórica. Integração “à la française” corresponde em larga medida ao modelo de assimilação clássico (Gordon, 1964; Park, 1928; Park & Miller, 1921). A integração é percebida como um processo no qual as características dos imigrantes irão convergir de modo uniforme para a presumida média da sociedade francesa (Safi, 2008). Assim sendo, a literatura portuguesa acerca da emigração emprega as variáveis e as apreensões do modelo da assimilação (Branco, 2009), raramente, no entanto, as palavras aculturação ou assimilação aparecem nos trabalhos científicos. No contexto português, a palavra “integração” é abordada através das preocupações socioculturais (Safi, 2008), como um comportamento desviante (Park, 1928; Pires, R., 2003), sendo que, como se verá de seguida, o modelo da assimilação é o dominante.

A análise estatística feita à base de dados do Observatório da Emigração procurou pelos temas dos trabalhos, no sentido de esclarecer qual o modelo da aculturação era o predominante. Assim sendo, os temas relacionados com o modelo de assimilação são os dominantes. O tema educação, mobilidade social e manutenção cultural é próximo das apreensões anglo-saxónicas do modelo multicultural. No entanto, o tema apenas obteve 3% dos trabalhos e a maioria dos trabalhos são recentes, pois foram publicados entre o período de 2001 a 2012, sendo escritos em língua Inglesa (ver tabelas 29, 30 e 31, em anexo). O tema saúde apenas obteve 1.6% dos trabalhos presentes na base de dados do Observatório da Emigração e a maior parte deles está escrita em Inglês e em Português (ver tabelas 29 e 31, em anexo). Os temas ou as variáveis da assimilação são: a identidade ou a identidade étnica, a qual obteve 10.5% dos trabalhos e o mais importante país de “acolhimento” é a França (ver tabelas 29 e 32, em anexo). Este tema abarca as apreensões gerais acerca das identidades portuguesa e dos emigrantes portugueses. Contudo, a apreensão não gira em torno da manutenção da cultura portuguesa, mas sim em torno da “integração” social, isto é, da integração sociocultural nas segundas culturas. O tema que expressa as apreensões políticas obteve 10% dos trabalhos e a França é o principal país de “acolhimento” das referências bibliográficas presentes na base de dados do Observatório da Emigração. O tema sociodemográfico obtém 10% dos trabalhos e o mais frequente país de “acolhimento” é a França. O tema retorno dos emigrantes obtém 7% e a maioria dos

trabalhos têm como país de “acolhimento” a França (ver tabelas 29 e 32, em anexo). Em suma, o modelo da assimilação é o dominante na literatura da emigração portuguesa.

Outro construto essencial que desencadeia problemas conceptuais é o da própria aculturação. Na cultura francesa, a palavra aculturação foi como que abandonada (Brégent, *et al.*, 2008; Sabatier & Boutry, 2006). Na revisão da literatura da presente investigação foi difícil encontrar a palavra aculturação relacionada com a literatura da emigração, sendo que na base de dados do Observatório da Emigração a palavra aculturação apenas aparece em 0.5% dos trabalhos e, curiosamente, a maioria dos trabalhos estão localizados no Canadá, país de proveniência do modelo multicultural (ver tabelas 29 e 32, em anexo).

10.1 Duas consequências metodológicas

10.1.1 Nenhum modelo de aculturação é adequado

A cultura portuguesa da emigração é complexa e mostra diferentes padrões. A análise estatística realizada à base de dados do Observatório da Emigração obteve quinze países de “acolhimento” espalhados pelos cinco continentes (ver tabela 36, em anexo). A emigração portuguesa abarca quase dois séculos e os fluxos emigratórios têm causas e consequências sociais diferentes. De resto, o fluxo emigratório ainda está a acontecer e, nos derradeiros anos, tem aumentado, de novo. Um exemplo da complexidade e da diversidade da literatura acerca da emigração é exposto por Demartini (2006a, 2006b), uma vez que a autora escreveu acerca dos luso-africanos a viverem em São Paulo, os quais viviam, anteriormente, nas colónias africanas portuguesas. Em consequência, o estudo cruza três continentes, três culturas lusófonas e três contextos históricos distintos, e ainda três gerações de emigrantes.

A cultura e a aculturação são, supostamente, feitas a partir da interação social (Barth, 1969; Kramer, 2011). Cada lugar, região ou país implica um diferente processo de socialização, de enculturação e de relação intercultural (Leal & Frias, 2003; Pereira, V.,

2012; Tiesler & Bergano, 2012). Assim dispondo, Rocha-Trindade (1976) comparou os fluxos emigratórios dirigidos para os Estados Unidos da América, para a França e para o Brasil. Os três países têm em comum a motivação económica como fator que desencadeia o processo emigratório e têm ainda em comum a manutenção da cultura portuguesa. No entanto, os três fluxos emigratórios desenvolveram diferentes padrões de adaptação, operando novas misturas culturais. Para além das diferenças geográficas e culturais, os processos de aculturação podem variar também consoante o contexto político, a idade, o género, o estatuto socioeconómico e o estatuto social, e ainda mediante as fronteiras culturais de ambos os espaços em interação cultural.

No estudo da emigração, aplicar apenas um modelo de aculturação seria uma tarefa não exaustiva, tendo em conta a complexidade da literatura e da “realidade social”. Para além do mais, todos os modelos poderão estar a funcionar, ao mesmo tempo, num único país. A nível metodológico, valorizar um dos modelos seria uma questão de obter a amostra apropriada, por exemplo, o modelo multicultural poderia ser valorizado por entre as associações culturais portuguesas em França, uma vez que a manutenção da cultura portuguesa é evidente na vida das associações lusas. Contudo, junto dessas mesmas associações, informadores chave podem fornecer a ligação para se encontrar os indivíduos assimilados. Portanto, generalizar os resultados para toda a comunidade portuguesa, em França ou, inclusive, para Paris ou até para a pequena comunidade portuguesa de Metz, seria uma tarefa dificilmente exaustiva. A investigação presumiu que as generalizações são difíceis de se alcançarem, o que teve consequências na técnica amostral empregue.

O trabalho de campo levado a cabo em Metz, França, revelou-se útil para mostrar que a aculturação deverá ser abordada como um processo dinâmico de trocas culturais. O trabalho de campo foi também útil para verificar *in loco* que os modelos funcionam, ao mesmo tempo, na mesma comunidade. A linguagem como sucedâneo ou *proxy* da aculturação foi aplicada na observação participante, sendo que existem pessoas que dificilmente falam português, outras que falam português ou francês consoante o contexto, revelando um comportamento próximo da alternância (LaFromboise, *et al.*, 1998). Outros indivíduos misturam ambas as línguas, revelando o fenómeno da diglossia (Cabral, A., 2000, 2003). A diglossia refere-se à situação em que duas línguas são utilizadas numa mesma comunidade, sendo que a relação entre as duas línguas revela uma posição

assimétrica de poder (Fishman, 1967). Em Metz, França, um dos principais objetivos do trabalho de campo foi o de verificar se a comunidade portuguesa estava a manter a sua cultura e como as misturas estavam a ocorrer, tendo em conta elementos simples tal como a mistura de elementos culturais portugueses e franceses nos locais públicos frequentados pelos membros dessa comunidade. Assim sendo, foi aplicada a aculturação material (Quimby & Spoehr, 1951) e a linguagem como sucedâneos da aculturação, uma vez que as práticas culturais são capazes de revelar o fenómeno da aculturação como sendo interativo e dinâmico.

Em Pelotas, sul do Brasil, apesar da mistura cultural com outras comunidades e da presença da ideologia luso-tropical (Freyre, 1986), a comunidade portuguesa ainda mantém a sua própria cultura (Arroteia, J., 2010; Arroteia & Fiss, 2007). A manutenção da cultura portuguesa no Brasil é também reportada por Caetano e Wateau (2003), Lang (2003), Rocha-Trindade (1987) e Rocha-Trindade e Fiori (2009). Os modelos, as abordagens e os construtos da aculturação dispõem de dimensões e estas não se adequam por completo numa realidade complexa, pois o fenómeno da emigração poderá encaixar-se em algumas dimensões dos diferentes modelos, mas não em outras. Portanto, a tentativa de estabelecer generalizações seria uma tarefa árdua. Contudo, a riqueza da literatura da emigração não poderá ser percebida como um problema, mas antes como uma oportunidade para repensar, atualizar e contextualizar a literatura da emigração e a cultura portuguesa da aculturação. Os cientistas sociais poderão escolher o modelo da aculturação que melhor se adequar nos seus contextos sociais e teóricos (Flannery, *et al.*, 2001), ou seja, na presente investigação trata-se do modelo de fusão, pois foi atribuída ênfase a este modelo. No entanto, este modelo da aculturação deverá estar também sob um olhar crítico, pois na tentativa de contextualizar a cultura portuguesa da aculturação, a teoria luso-tropical de Freyre (1986) partilha algumas dimensões do modelo da fusão, mas a teoria luso-tropical levanta questões éticas e não explica as atuais reações da cultura portuguesa aos fenómenos da emigração e da imigração portuguesas. Uma outra dedução é que a aculturação poderá ocorrer face ao legado cultural e não apenas no processo de adaptação face à segunda cultura.

10.1.2 A aprendizagem na manutenção cultural

Na literatura multicultural dominante da aculturação, a adaptação cultural à segunda cultura merece quase toda a atenção dos investigadores, contudo a manutenção do legado cultural poderá também ser afigurada como um processo de aprendizagem. A aprendizagem da cultura original ou legado cultural poderá ocorrer na exploração e na manutenção da mesma ou da sua correspondente identidade étnica, não apenas nas segundas gerações de imigrantes, senão que também nas primeiras gerações: “Finally, . . . it is also important to address the level of sociocultural competence in the ethnic culture (for example, maintenance of the linguistic skills in the heritage culture.” (Van de Vijver & Tanaka-Matsumi, 2008, p. 472). De acordo com Bhatia (2010), a aprendizagem do legado cultural é uma característica da abordagem transnacional porque os indivíduos são capazes de aprenderem ambas as culturas, partilhar características culturais e elaborar novas sínteses culturais. Segundo Hily e Poinard (1985), a comunidade portuguesa, em França, realizava adaptação cultural à cultura francesa, mas, ao mesmo tempo, procurava e explorava a sua própria cultura, isto é, a portuguesa, implicando aprender a cultura original, mas também alterar a cultura portuguesa e ainda a francesa. Klimt (2005) reportou, que, na Alemanha, a partir da procura da “autenticidade” portuguesa se faziam novas misturas culturais. A aprendizagem da cultura original poderá suceder não apenas no processo de retorno ou depois duma longa estadia na segunda cultura, senão que também ao mesmo tempo que o processo de adaptação cultural à segunda cultura. A aprendizagem da cultura original poderá ocorrer não apenas como um fenómeno de reacção antagonística ou de reinterpretação da cultura original (Cordeiro & Hily, 2000; Hily & Poinard, 1985; Klimt, 2005), mas como uma mera curiosidade acerca do legado cultural. A aprendizagem do legado cultural poderá envolver ainda a instrução da língua e cultura originais (Constantino, 2003; Gonçalves, S., 2003). A *saudade* poderá ser a emoção (e o construto) que formule a mediação entre as culturas. A posição ativa da comunidade portuguesa perante a segunda cultura e face à cultura portuguesa também é reportada no Canadá por Sardinha (2011) ou Noivo (2002). Portanto, em resumo, as misturas culturais e a manutenção da cultura portuguesa podem funcionar, ao mesmo tempo, uma vez que a cultura é um processo dinâmico de construção e de recriação culturais (Hobsbawm, 1990). As dificuldades encontradas nos significados dos construtos das diferentes culturas prossegue no próximo capítulo, o qual aborda o viés do construto e a falta de equivalência.

11. O viés de construto e a equivalência

A presente investigação afirma que as noções teóricas não são independentes dos contextos nos quais são formuladas (Bandura, 1999b; Cronbach & Meehl, 1955; Faucheux, 1976; Poortinga, 1997; Sinha, 1997; Van Raaij, 1978). A aceitação da especificidade cultural portuguesa e lusófona conduziu a presente investigação de doutoramento às temáticas da falta equivalência e do viés do construto (Poortinga, 1997). Esta investigação deparou-se com uma perplexidade difusa porque o modelo de aculturação multicultural não é conforme à cultura portuguesa, tendo em conta o terceiro momento da presente investigação. Portanto, a presente investigação afirma que existe uma falta de equivalência entre a cultura norte americana anglo-saxónica e a cultura portuguesa, tendo em conta a aplicação dos construtos provenientes da cultura anglo-saxónica.

A técnica comparativa é inerente às ciências e não se constitui como uma característica exclusiva da Psicologia Intercultural, no entanto, nesta última as comparações são estabelecidas entre diferentes culturas, levantando questões metodológicas porque os construtos não dispõem dos mesmos significados nas diferentes culturas (Adair, 1999). Assim dispondo, a Psicologia Intercultural debate-se com os limites do seu próprio conhecimento (Ember & Ember, 2009). Na presente investigação a questão da equivalência e do viés do construto foram subdivididas em vários tipos. Num discurso pioneiro acerca da aculturação, Bartlett (1923) chama a atenção para os perigos do etnocentrismo (Marsella, Dubanoski, Hamada & Morse, 2000). Bartlett (1923) notou que as comparações estabelecidas entre o ocidente e as culturas ditas primitivas eram realizadas através do olhar ocidental e através da cultura académica (Bhatia, 2002b). Nas comparações interculturais, outra ameaça é a diversidade interna (Brislin, Lonner & Thorndike, 1973), pois uma determinada cultura não é monolítica (Bandura, 2002, 2006; Matsumoto, 2002b, 2006). Matsumoto (2002b) e Matsumoto, Kudoh e Takuchi (1996) revelaram vários estereótipos acerca da cultura japonesa (Bandura, 2002a, 2006; Matsumoto, 2006; Shaules 2007a), revelando a diversidade interna da mesma. Em 1961, Norbeck e De Vos (1961) afirmaram que os investigadores não tinham em consideração as subculturas e as diferenças regionais da cultura nipónica, e ainda as influências culturais provindas dos movimentos migratórios.

Uma solução para evitar a ameaça da diversidade interna é o não aplicar amostras constituídas por estudantes universitários (Bourhis, *et al.*, 2009; Marsella, *et al.*, 2000), o qual foi tentado, ainda que parcialmente, na presente investigação. Para além do etnocentrismo e da diversidade interna, a literatura dominante está assente numa ideologia, a qual favorece abertamente o modelo multicultural (Berry, 2001; Rudmin, 2006; Schalk-Soekar & Van de Vijver, 2008). O modelo multicultural clama pela diversidade e pela inclusão culturais (Segall, *et al.*, 1998), contudo, o modelo falha na compreensão da diversidade cultural e na tentativa de compreender contextos distintos do seu (Bowskill, *et al.*, 2007; Kramer, 2011; Redding, 2001), estabelecendo a abordagem da aculturação como uma ideologia (Schalk-Soekar & Van de Vijver, 2008). O principal problema do viés ideológico é semelhante ao problema que o etnocentrismo enfrenta, uma vez que a abordagem multicultural deve ser estendida a todas as culturas numa forma normativa, contudo, para a presente investigação: “. . . it is always possible that the bias lies in the accuser side rather than (or in addition to) the accused.” (MacCoun, 1998, p. 263). Em consequência, para além de se criticar o “outro”, é necessário justificar a presente investigação, tendo um ponto de vista crítico acerca da cultura do doutorando. Neste sentido, esta investigação de doutoramento tentou estabelecer um ponto de vista crítico acerca da teoria luso-tropical (Freyre, 1986). Na presente investigação o viés ideológico foi ainda reduzido ao se introduzir o ponto de vista dos imigrantes e dos emigrantes portugueses, e empregando trabalho de campo de carácter etnográfico de campo.

Para além das ameaças, anteriormente, expostas, existem diferentes tipos de viés. O viés de construto pode suceder quando o construto medido não é idêntico através das diferentes culturas (Van de Vijver & Tanaka-Matsumi, 2008). Para além do viés de construto, existe também o viés do método (Berry, *et al.*, 1992; Berry, *et al.*, 2002) e o viés do item. No entanto: “. . . A study of construct bias will require the collection of additional data to investigate the applicability of the construct and instrument.” (Leung & Van de Vijver, 1997, p. 13), ou seja, o problema não gira em torno dos instrumentos *per se*, senão que nas inferências interculturais (Poortinga, 1997; Poortinga & Van de Vijver, 1987; Van de Vijver & Poortinga, 1997).

Nesta investigação, o problema chave assenta na equivalência do construto, isto é, no nível de comparabilidade dos resultados através das diferentes culturas. Van de Vijver e Tanzer (1997) definiram a equivalência como sendo a situação em que o mesmo construto é medido através de todos os grupos culturais, não tendo em consideração se o instrumento administrado é idêntico ou paralelo (He & Van de Vijver, 2012, p. 3). Assim sendo, o principal problema para a presente investigação assenta na equivalência do construto. Em consequência, a diferença entre as culturas norte americanas e a portuguesa refere-se à falta de equivalência. A questão fundamental poderá ser descrita da seguinte forma: podem os resultados de diferentes culturas (diferenças e semelhanças culturais) serem interpretados da mesma forma, ou seja, através do mesmo quadro de referência teórico? (Van de Vijver & Tanzer, 1997).

O viés de construto encontra-se bem compreendido nas investigações acerca do marketing intercultural. Dubois (1972) e Sheth e Sethi (1973) reportaram viés de construto e desenvolveram formulações teóricas acerca do comportamento do consumidor através de diferentes culturas. Na Psicologia o viés de construto foi reportado por Díaz-Guerrero (1995), pois a palavra respeito, na cultura mexicana (Díaz-Guerrero, 2002), adquiria mais complexidade do que na cultura dos Estados Unidos da América (Díaz-Guerrero, 1995; Díaz, & Díaz-Guerrero, 1997).

Após a perplexidade perante as diferenças dos significados dos construtos, a principal questão é a seguinte: como aumentar a equivalência do construto da presente investigação? A literatura oferece algumas soluções. A primeira é a descentralização dos indicadores culturais (Brislin, *et al.*, 1973; He & van de Vijver, 2012; Leung & Van de Vijver, 1997). Uma outra solução é a abordagem convergente (Campbell, D. T., 1987). Contudo, a convergência e a descentralização não se aplicam na presente investigação porque o instrumento exploratório não foi aplicado fora dos contextos português e lusófono, assim como o trabalho etnográfico de campo apenas ocorreu nos referidos contextos.

Uma outra solução apresentada na literatura é a consiliência, a qual requer a convergência de resultados provenientes de diferentes contextos culturais (Shadish, *et al.*, 2002), ou seja, requer a comparação com o modelo e cultura predominantes, no sentido de

explorar e de contextualizar a cultura portuguesa da aculturação. Tal como afirmaram Leung e Van de Vijver (1997), o estudo do viés do construto requer a recolha de informação adicional para verificar a aplicabilidade dos instrumentos e dos construtos numa determinada cultura. Assim dispondo, uma outra forma de diminuir e abordar a falta de equivalência foi levada a cabo na elaboração do questionário, na tentativa de melhor conhecer a cultura portuguesa da aculturação, elaborando uma investigação de características *emic*. O questionário (PEAQ) foi construído através das dimensões dos modelos da aculturação e de alguns construtos relacionados com a aculturação, na tentativa de definir o fenómeno da aculturação e de verificar como os construtos relacionados com o fenómeno, incluindo, o construto da aculturação, funcionavam na cultura portuguesa. Tratou-se, deste modo, de melhor compreender o fenómeno da aculturação, por exemplo, através da construção dos eixos pelas dimensões do construto da aculturação e como o construto se adequava à cultura portuguesa. A presente investigação é uma tentativa exploratória de cumprir com os dois objetivos principais, isto é, de explorar e de contextualizar a cultura portuguesa da aculturação e de deslocar o estudo da aculturação para a aprendizagem recíproca entre culturas diferentes. Para tal, torna-se necessário conhecer ambas as culturas (Lonner, Smith, Van de Vijver & Murdock, 2010) e explorar e desenvolver o contexto português de aculturação, ou seja: “Analysis of construct bias will usually start with a survey of the definitions of the concept in the cultural populations under study.” (Van de Vijver & Poortinga, 1997, p. 32). Assim dispondo, a presente investigação encontra-se próxima da abordagem dos diferenciais semânticos (Osgood, 1967), pois esta última abordagem aplica questionários para explicar as respostas em diferentes tópicos nas diferentes culturas, como Triandis (1972) propôs. A presente investigação pretendeu ser complementar face à cultura anglo-saxónica. Tal como já foi aflorado acima, a complementaridade é um dos motores fundamentais da investigação científica, pois a procura das singularidades completa a procura das características universais (Morin, 2002).

O uso do método misto é também reportado como sendo útil para diminuir a falta de equivalência (Campbell & Fiske, 1959; Shadish, *et al.*, 2002), o qual foi aplicado na presente investigação. O método misto tem também a potencialidade de reduzir o viés etnocêntrico e ainda o ideológico (Marsella, *et al.*, 2000). Uma outra solução para reduzir a falta de equivalência e o viés de construto (Hui & Triandis, 1983, 1985) é aplicar uma abordagem complementar entre as perspetivas *emic* e a *etic*, o qual foi aplicado na

presente investigação. Segundo Kim e Park (2006), a necessidade da Psicologia Indígena está relacionado com a validade externa e a necessidade do método misto com a validade interna das investigações.

Por fim, na presente investigação, é necessário esclarecer uma ameaça de carácter ético, pois a procura pela equivalência implica algum etnocentrismo e um viés ideológico assente na cultura portuguesa ou luso-tropical (Freyre, 1986) porque a investigação de doutoramento está a procurar intencionalmente por diferenças culturais mais do que pelas semelhanças. Estas últimas são procuradas para estabelecer leis universais, contudo as diferenças têm o potencial de trazer mais informação e complexidade ao fenómeno da aculturação (Yang, 2000), alargando e complementando a literatura dominante.

12. Análise de conteúdo

12.1 *Grounded Theory*²⁷ como uma ferramenta analítica

A *Grounded Theory* poderá ser pensada como uma estratégia de investigação e como uma forma de tratar e analisar os dados. Na presente investigação a abordagem está assente na *Grounded Theory* como uma forma de analisar os dados. A *Grounded Theory* emergiu a partir do interacionismo simbólico e da abordagem positivista (Stead & Young, 2007), implicando uma abordagem indutiva e comparativa (Bryant & Charmaz, 2007; Charmaz, 2006; Glaser & Strauss, 1999, 2009; Strauss & Corbin, 1998), e envolve ainda uma permanente relação entre a análise e a recolha dos dados, a qual poderá culminar por gerar elaboração teórica (Lempert, 2007; Ratner, 1997; Stead & Young, 2007). Assim sendo, a presente investigação não é linear (Goulding, 2002; Strauss & Corbin, 1998), uma vez que envolve uma relação não linear entre a recolha dos dados e a análise dos mesmos.

12.2 Psicologia Narrativa como uma ferramenta analítica

Na presente investigação, a Psicologia Narrativa, tal como a *Grounded Theory*, fornece um pano de fundo teórico e também um recurso analítico. A Psicologia Narrativa é capaz de tornar a investigação sensível ao contexto cultural (Mishler, 1979, 1991) e ainda de relacionar os diferentes contextos culturais. A Psicologia Narrativa pode ser pensada como uma característica cognitiva universal dos seres humanos, uma vez que as pessoas procuram significados ou atribuições para as suas experiências pessoais, tal como foi reportado por Heider (Bruner, 1990; László, 2008; Murray, 2008). O interesse na literatura e na história dispõe duma longa tradição desde os pioneiros da Psicologia (Hiles & Cermák, 2008) e, desde o trabalho de Sarbin (1986) que, as narrativas são aplicadas como metáforas da organização das experiências pessoais, relacionando o Eu com as estruturas sociais (Bruner, 1990).

²⁷ Em Portugal, a *grounded theory* é, por vezes, traduzida como teoria fundamentada nos dados. Em França, ela aparece traduzida como *théorie ancrée* e, em Espanha, como *muestreo teórico*. Em Portugal, no entanto, é também utilizado a versão original em língua Inglesa, a qual foi mantida na presente investigação.

No que diz respeito à presente investigação é necessário estabelecer uma consideração de carácter ético. A verdade histórica e a narrativa são distintas (Spence, 1982), uma vez que a presente investigação pretendeu apenas obter percepções e avaliações acerca da “realidade” e não os seus conteúdos factuais (Drew, 2006; Hodder, 2002). A Psicologia está centrada, por exemplo, na percepção, nas representações sociais ou nas atitudes e não na verdade fatual (Timmer, 2010). De modo semelhante, em psicoterapia a verdade subjetiva é mais importante do que a fatual (Hiles & Cermák, 2008). As memórias individuais e coletivas são construídas através das narrativas e dos papéis desempenhados nos vários contextos sociais (Bruner, 1994; Howard, 1991). De modo semelhante, o conteúdo da memória individual é uma construção seletiva e não é objetiva, tendo em conta os objetos externos (Bartlett, 1932). Para além disso, as narrativas, enquanto objetos culturais, são olhadas como tópicos delas próprias e não apenas como uma fonte para se obter informação (Contarello, 2008; Drew, 2006; Elliott, 2005). Neste sentido, alguns livros históricos podem ser tratados como artefactos culturais (Hodder, 2002).

12.2.1 Os livros históricos como artefactos culturais

Os livros utilizados na análise de conteúdo, isto é, as obras de Fernão Mendes Pinto (1974, 1989a, 1989b, 1989c) e de Luís de Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984, 1993a, 1993b), são afigurados como artefactos culturais, pois podem representar as intenções e as motivações portuguesas nas relações interculturais, uma vez que a cultura: “. . . represents the collective utilization of natural and human resources to achieve” desired outcomes.” (Kim, *et al.*, 2000, p. 67). As narrativas podem ainda reportar ideologias partilhadas (Howard, 1991) e atribuições referentes às relações interculturais (Punch, 2005; Timmer, 2010). Por além disso, os livros implicam transmissão cultural dentro duma mesma cultura e entre as diferentes culturas. Portanto, os livros analisados são transmissão cultural por si próprios e podem ser tratados como aculturação. Alguns livros históricos fazem parte da transmissão cultural entre as gerações e mesmo entre as culturas diferentes (László, 2003; László & Vincze, 2004; Mendes & Valentim, 2012; Moghaddam, 2002, 2004; Moscovici & Marková, 1998; Potter, Stringer & Wetherell, 1984). Em consequência, os livros poderão ser tratados como artefactos culturais, sendo ainda que se constituem como aculturação material, uma vez que eles têm um forte

desempenho dentro da cultura portuguesa, modelando mentalidades e influenciando as presentes reações ao fenómeno da aculturação. As obras de Fernão Mendes Pinto ou de Gilberto Freyre são exemplos do acima afirmado (Almeida, J. C. P., 2006; Araújo & Maeso, 2010; Cabecinhas, 2010; Vala, *et al.*, 2008). Para além do mais, os livros podem influenciar outras culturas, alargando as fronteiras culturais, por exemplo, a obra de Freyre (1986) surge da cultura brasileira, porém, hoje, faz parte também da cultura portuguesa. Os livros podem ainda ser utilizados como instrumentos de aprendizagem, tal como sucedeu com a obra de Luís de Fróis, a qual visava servir de ferramenta aculturativa, no sentido de melhorar a adaptação dos europeus à cultura japonesa. Para além do mais, alguns livros desencadeiam imitação (Polkinghorne, 1988), uma vez que eles são capazes de moldar o comportamento dos leitores (Bandura, *et al.*, 1961).

As reações às relações interculturais e ao fenómeno da aculturação são motivadas e justificadas (Liu & Hilton, 2005) pelo pano de fundo cultural duma determinada cultura, tal como o estudo das representações sociais da história o reporta (Hilton & Liu, 2008; Liu, 2005; Liu, Lawrence, Ward & Abraham, 2002; Sá, 2012; Sibley & Liu, 2004). A nível metodológico, os livros podem aprofundar a presente investigação acerca da aculturação, estabelecendo novos temas e complementando os antigos. Na presente investigação, a técnica da análise de conteúdo funcionou de modo satisfatório nas obras de Fernão Mendes Pinto (1974, 1989a, 1989b, 1989c) e de Luís de Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984, 1993a, 1993b). O primeiro livro, o de Fernão Mendes Pinto, é uma narrativa histórica, a qual forneceu uma ideologia consensual, até porque é ensinada no ensino secundário português (Almeida, J. C. P., 2006; Cabecinhas, 2010; Cabecinhas & Feijó, 2010; Vala, *et al.*, 2008). O livro de Fróis, isto é, a *Historia do Japam* foi elaborado para “melhorar” a relação intercultural entre o Japão e Portugal, pois pretendia ser uma recurso extensivo de conhecimento intercultural acerca do Japão, a difusão da obra era esperada fornecer suporte social da Europa para o esforço missionário, e ainda funcionar como uma ferramenta de aprendizagem cultural para os jesuítas. O livro de Fernão Mendes Pinto (1974, 1989a, 1989b, 1989c) funciona duma forma diacrónica e a obra de Luís Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984, 1993a, 1993b) duma forma sincrónica. Na presente investigação, mais tarde, foi acrescentado a obra maior de Gilberto Freyre (1986), o qual poderá ser percebida como um discurso científico acerca da forma como os portugueses percebem o mundo e as suas relações interculturais (Almeida, J. C. P., 2006). Na obra de

Freyre não foi feita análise de conteúdo, senão que apenas foi interpretado à luz dos modelos da aculturação de Berry (1974, 1997, 2001) e de Rudmin (2009).

As obras de Fernão Mendes Pinto (1989a, 1989b, 1989c) e de Luís de Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984) constituem-se como artefactos culturais (Wertsch, 1997, 2002) para a identidade e para a mentalidade portuguesas, estabelecendo a importância da abordagem narrativista (László, Ehmann & Imre, 2002). Para além do mais, a linguagem nos livros históricos fornecem comportamentos, experiências interculturais subjetivas e revelam as motivações e as intenções dos intervenientes (Smith, C. P., 2000), adequando-se ao modelo de Rudmin (2009) devido à sua ênfase nas motivações do referido modelo. Os livros analisados na análise de conteúdo funcionam como artefactos culturais e não são reativos, presumindo uma abordagem não intrusiva, ao contrário dos instrumentos de medida que apresentam ideologias consensuais (Matsumoto, 2006). De resto, os livros analisados não assentam em relações de poder atuais e reportam um processo de aculturação realizado com dois sentidos sob uma relação antagonística, mas não colonial, no Japão. Moscovici (1981, 1986) fornece três razões para o emprego das fontes literárias na Psicologia Social, elas são: ilustrar, corroborar e fornecer evidência teórica, sendo esta a primeira razão, a segunda razão assenta na possibilidade de gerar teorias e, por fim, a terceira razão assenta na relação entre a arte e a ciência na formação do conhecimento (Moscovici, 1981, 1986). Assim sendo, na presente investigação é possível encontrar as três razões para aplicar as fontes literárias analisadas.

As abordagens quantitativas e a qualitativa partilham um mesmo problema, pois ambas estão expostas as ideologias culturais partilhadas (Matsumoto, 2006). Os estudos quantitativos elaboram instrumentos de medida para mensurarem as dimensões culturais de determinados constructos, porém o problema mantém-se pois os instrumentos são sucedâneos de características culturais e porque os instrumentos estão assentes em descrições linguísticas, as quais poderão conter ideologias culturais (Matsumoto, 2006). A linguagem na sua forma oral ou escrita funciona para partilhar significados. O papel da linguagem na transmissão cultural foi reportado por Halbwachs (1994), por Vygotsky (2002) ou por Bartlett (1932). Esta investigação reflete, principalmente, a cultura portuguesa e lusófona, o modelo de Rudmin (2009) e ainda o pano de fundo cultural do doutorando. Em consequência, a presente investigação implica diferentes fundos culturais

presentes no mesmo trabalho. Neste sentido, a linguagem enquanto recurso científico ganha implicações éticas porque o doutorando deve descrever as suas opções culturais, requerendo um ponto de crítico acerca dos resultados da presente investigação e acerca do seu fundo cultural, pois elas são descrições verbais da sua cultura (Matsumoto, 2006).

12.3 Análise de conteúdo nos livros históricos portugueses

Uma característica metodológica da Psicologia Intercultural são as comparações interculturais (Ember & Ember, 2009). De acordo com Brislin (1976), as fontes antropológicas e literárias constituem-se como formas de procurar semelhanças e diferenças entre as culturas diferentes. Berry escreveu que os livros dos Jesuítas foram tão sofisticados que eles quase poderiam ser considerados como sendo literatura da Psicologia Intercultural. Hallowell (1945) esteve também interessado nos trabalhos dos jesuítas, desta feita, no Canadá, estabelecendo uma ponte entre a Psicologia e a Antropologia, tal como Campbell D. T. (1961) o fez mais tarde. Bartlett (1923, 1932) escreveu que as histórias locais deviam ser estudadas como um produto social, precedendo o interesse de Moscovici (1986) pelas narrativas, em algumas décadas.

O emprego de documentos pessoais foi comum entre os pioneiros da Psicologia, como em William James, Freud, Vygotsky, Piaget ou em Stanley Hal, sendo que a primeira tipologia da aculturação emergiu a partir do estudo de documentos pessoais através da obra de Thomas e Znaniecki (Rudmin, 2009; Smith, C. P., 2000). A literatura clássica e histórica foi aplicada por McClelland (1961, 1987), por Adamopoulos (1982; Adamopoulos & Bontempo, 1986), por Kearns (1987), por Claridge (1997), e ainda por Jahoda (1999). A história, a memória coletiva e a Psicologia têm sido estabelecidos juntos desde Wundt (Jahoda, 1992; Karasz, 2011; Wundt, 1916). As representações sociais da história são organizadas através das narrativas (László, 2003, 2008; Liu & László, 2007), as quais, presumivelmente, organizam a experiência coletiva e, ao mesmo tempo, condicionam as atuais reações perante as relações interculturais (László, 2008; Liu & Hilton, 2005) porque são aprendidas.

A análise de conteúdo detém uma história longa na Psicologia, sendo percebida como uma técnica válida por si própria ou duma forma complementar face a outras técnicas metodológicas (Allport, 1942a; Allport & Odbert, 1936). Krippendorff (2004) afirma que a análise de conteúdo funciona através da abdução²⁸, tal como Reichertz (2007) o afirmou acerca da *Grounded Theory*, uma vez que os códigos e as variáveis não emergem diretamente dos dados, pois a presente investigação emprega o modelo de Rudmin (2009) para analisar os mesmos, conforme foi descrito no capítulo número quatro, o qual abarca o referido modelo. A técnica da análise de conteúdo deve explicar as relações entre os dados, criando códigos analíticos (Goulding, 2002). Após isso, a investigação voltou para a amostragem documental, reescrevendo os dados através dos códigos. Este processo tentou conduzir à criação teórica (Charmaz, 2005), no sentido de contextualizar a cultura portuguesa da aculturação. Quando a *Grounded Theory* e a análise de conteúdo trabalham com documentos, estes devem ser escolhidos, fazendo deles amostras (Morse, J. M., 2007), implicando começar a primeira amostragem durante a revisão da literatura inicial. Na presente investigação, na tentativa de contextualizar a cultura portuguesa da aculturação, a análise de conteúdo iniciou-se com o livro de Fernão Mendes Pinto, sendo que, depois, a presente investigação foi guiada até à obra maior de Gilberto Freyre (1986), ou seja, *Casa-Grande e Senzala*. O modelo de Rudmin (2009) funciona em documentos que mostram interação intercultural, isto é, a ênfase nas motivações aculturativas colocou de lado as descrições da cultura japonesa, tais como o livro comparativo de Fróis (2001), as cartas dos jesuítas (Loureiro, 1990; Schurhammer, 1963; Xavier, 1960) ou o pequeno livro de Jorge Álvares (1960) acerca do Japão, pois as obras referidas não narram na interação intercultural, senão que a descrição da cultura japonesa ou a vida dos jesuítas no Japão. Por seu turno, a análise de conteúdo funcionou na ampla *Historia do Japam* de Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984) porque o manuscrito mostra experiências e relações interculturais. A fase exploratória da análise de conteúdo conferiu forma e conteúdo à presente investigação. Assim sendo, o processo da amostragem documental tomou uma natureza teórica devido ao modelo de Rudmin (2009) e apenas funcionou em discursos que abordam interação intercultural.

²⁸ A abdução é uma das três formas de inferência lógica, para além da indução e da dedução. É um tipo de raciocínio que a partir da descrição dum facto ou fenómeno chega a uma hipótese que explica o mesmo. A palavra abdução foi cunhada por Charles Sanders Peirce.

O primeiro processo de codificação foi realizado no capítulo quatro, o qual é dedicado ao modelo de Rudmin (2009) porque o modelo implicava procurar pelos conceitos e pelas dimensões (ver, em anexo, os códigos da análise de conteúdo no ponto seis do índice). A fase da investigação dedicada à análise de conteúdo implicou reduzir os dados até os tornar representativos e aplicáveis, usando citações (Krippendorff, 2004) até se atingir a saturação. De início, a análise de conteúdo é descritiva, pois os dados são segmentados em citações compreensíveis. As citações foram colocadas consoante os códigos de análise, ou seja, a mesma citação poderá surgir em diferentes códigos. As várias partes foram lidas duas vezes no sentido de corrigir os erros e de detetar as citações mais importantes, na tentativa de escrever os capítulos, ou seja, o capítulo quinze, o qual é dedicado à obra de Fernão Mendes Pinto, e o capítulo dezasseis, o qual abarca a obra maior de Luís de Fróis. Após verificar o que estava a surgir nos códigos, foram verificados as relações entre os mesmos (Roberts, 1997; West, 2001) e as suas implicações para a problemática da aculturação. A análise de conteúdo implicou uma primeira leitura, depois foi necessário ler outra vez os textos e fazer uma transcrição piloto segundo os códigos. As transcrições ou as citações deveriam conter suficientes palavras para se compreender o seu contexto. Após isto, foi necessário verificar os diferentes conteúdos, os quais aparecem em cada código, no sentido de os organizar. Finalmente, uma segunda ordem de conceitos surgiram, sendo discutidos ao longo dos referidos capítulos, nos quais foi aplicada a análise de conteúdo e na conclusão do trabalho. O livro de Fernão Mendes Pinto foi dividido em duas partes e conduziu a presente investigação até ao trabalho de Gilberto Freyre (1986), no qual não foi realizada análise de conteúdo, senão que a obra maior de Freyre foi apenas interpretada à luz dos modelos de Rudmin (1986) e de Berry (1997, 2001). O trabalho de Luís de Fróis foi dividido em seis partes porque contém cinco extensos volumes, sendo que o primeiro volume foi dividido em duas partes e os restantes em uma parte cada um, pois no primeiro volume a análise de conteúdo detinha um carácter exploratório, no sentido de verificar se os códigos do modelo de Rudmin (2009) se adequavam à obra. Finalmente, foi necessário comparar os três autores, isto é, Fernão Mendes Pinto, Luís de Fróis e Gilberto Freyre, vendo o conjunto da análise de conteúdo como um todo, acrescentando o trabalho etnográfico de campo e a componente quantitativa. Portanto, a inter-relação entre os dados e a análise terminaram quando as diferentes partes dos capítulos foram conetadas e, finalmente, quando as diferentes técnicas foram aplicadas, o qual ocorreu no capítulo dezassete dedicado a Freyre (1986). Na presente investigação, a análise de conteúdo é de carácter temática porque se pretendeu

examinar a ocorrência dos códigos, os quais estão relacionados (Bardin, 1979; Krippendorff, 2004). O conteúdo é mais manifesto do que latente (Neuendorf, 2002). A análise de conteúdo considerou a relação entre a intenção da fonte, a mensagem e o recetor (Weber, 1990) porque as atitudes e as motivações são capazes de influenciar a narrativa intercultural e também porque os livros analisados são artefactos culturais. A análise de conteúdo encontra-se descrita, segue-se a descrição do trabalho etnográfico de campo.

13. Trabalho etnográfico de campo

O trabalho etnográfico de campo está relacionado com a Psicologia em trabalhos tão importantes como o de Lazarsfeld, de Festinger e de Shweder (Watt, 2010) ou devido ao trabalho de Murdock (Ember & Ember, 2009; Murdock, 1957). A *Grounded Theory* começou com o emprego da técnica etnográfica (Timmermans & Tavory, 2007), sendo que, por seu turno, o trabalho de campo poderá utilizar as ferramentas analíticas da *Grounded Theory* (Timmermans & Tavory, 2007), para além de também poder enfatizar a criação teórica. As narrativas são uma das possíveis técnicas do trabalho etnográfico (Cortazzi, 2007), outras são o emprego da observação participante, as notas de campo, as entrevistas formais e as informais, a gravação em áudio ou em vídeo, ou ainda o uso de informadores chave, sendo que na aplicação de todas elas é necessário ter em consideração o *ethos* etnográfico (Watt, 2010), o qual foi tido em conta na presente investigação.

Na presente tese de doutoramento o trabalho etnográfico de campo revelou-se uma técnica de investigação e não uma metodologia. A abordagem etnográfica e a *Grounded Theory* procuram abordar a interação social. A abordagem etnográfica também deseja alcançar a perspetiva do outro distinto, descrevendo tanto quanto possível o grupo cultural acerca das temáticas em análise (Jones, 2010). De acordo com Cresswell (2009), no estudo da aculturação, ter em conta as motivações e as intenções implica acrescentar mais técnicas metodológicas para além do trabalho quantitativo. A análise de conteúdo, empregando o modelo de Rudmin (2009), apenas funciona em livros ou documentos que estão a narrar experiências interculturais e interações interculturais, sendo que o trabalho etnográfico de campo tem a vantagem de trabalhar também envolto em experiências interculturais (O'Reilly, 2009), permitindo ir além da análise de conteúdo, completando-a.

A aculturação é um processo de aprendizagem com dois sentidos de influências interculturais. Em consequência, foi necessário verificar o ponto de vista dos imigrantes a residirem em Portugal acerca das suas mudanças culturais e acerca da mudança cultural da cultura portuguesa. Para além do mais, a teoria luso-tropical (Freyre, 1986) é suposta funcionar através duma ideologia consensual. Portanto, na tentativa de explorar e de contextualizar a cultura portuguesa da aculturação foi necessário verificar as reações aculturativas em contextos atuais e as apreensões das diferentes amostras, sendo que a

abordagem qualitativa é capaz de clarificar o comportamento em contexto (Cronbach, 1975; Jick, 1979; O'Reilly, 2009).

Assim sendo, na presente investigação foi necessário realizar trabalho etnográfico de campo porque a aculturação assenta em relações interculturais, mas as interações interculturais têm sido “esquecidas” (Paranjpe, 1998) pela literatura dominante (Berry, 1974), sendo que a ênfase, pelo contrário, tem sido atribuída ao estudo dos traços, à medição das atitudes culturais (Bandura, 2006; Berry & Sam, 1997; Hofstede, 1980; McCrae & Allik, 2002; Schultz, 2002; Triandis, 2002; Williams, Satterwhite & Saiz, 1998) e aos conceitos dicotómicos (Hermans & Kempen, 1998) ou às variáveis abstratas, discretas e singulares (Cresswell, 2009; Ratner, 2007). Tendo em conta o trabalho quantitativo, o trabalho de campo revelou-se útil para a construção do instrumento de medida (Campbell & Fiske, 1959; Jick, 1979), isto é, o PEAQ para validar os resultados, e ainda para interpretar os resultados estatísticos (Cronbach, 1975; Jick, 1979). Assim dispondo, o trabalho etnográfico de campo não foi apenas importante para a fase exploratória da presente investigação, senão que também para contextualizar e para acrescentar significado à discussão e à conclusão (Mishra & Dasen, 2007). O trabalho etnográfico de campo permitiu aprofundar o conhecimento acerca dos emigrantes portugueses e acerca dos imigrantes cabo-verdianos, sendo que a relação com ambas as comunidades permitiu a aplicação do instrumento de medida, evitando a aplicação exclusiva junto de estudantes universitários. O trabalho de campo teve lugar em dois espaços e em duas comunidades diferentes, ou seja, na cidade do Porto por entre a comunidade cabo-verdiana, e em Metz, França, por entre a comunidade de emigrantes portugueses.

13.1 A comunidade cabo-verdiana do Porto

O trabalho de campo levado a cabo com a comunidade cabo-verdiana do Porto pretendia verificar o ponto de vista duma minoria acerca da sua mudança cultural e acerca da mudança cultural portuguesa, uma vez que, muitas vezes, o discurso acerca das minorias é elaborado pelo grupo maioritário. O trabalho de campo com a comunidade cabo-verdiana do Porto iniciou-se em outubro de 2011 e alargou-se até junho de 2013. O

doutorando foi convidado para participar numa evento cultural e discussão acerca da cultura cabo-verdiana e dos problemas dos imigrantes em Portugal, a qual é designada de tertúlia cabo-verdiana. A tertúlia cabo-verdiana tem lugar uma vez por mês e o doutorando participou em outras reuniões sociais e em outros eventos culturais das comunidades africanas, bem como nos locais públicos frequentados pelos cabo-verdianos. A primeira perplexidade foi notar que a cultura cabo-verdiana é feita através das relações interculturais, pois, inclusivamente, a diversidade interna cabo-verdiana mostra diferentes padrões de misturas ao longo das suas ilhas, porém a comunidade mostra constantemente apreensões com as suas mudanças culturais. Como Akesson (2004) afirmou, em Cabo Verde a apreensão com as relações interculturais está presente na vida diária, quer a nível coletivo, quer a nível individual. Os cabo-verdianos estão constantemente a estabelecer apreensões culturais e a maior parte dessas apreensões estão relacionadas com as relações interculturais e com a aculturação.

13.2 Os emigrantes portugueses em Metz, França

A literatura acerca da emigração portuguesa envolveu problemas metodológicos relacionados com o viés de construto e com a falta de equivalência dos construtos. O doutorando tinha desenvolvido estudos prévios à tese de doutoramento acerca do fenómeno da emigração portuguesa (Castro, J. F. P., 2008, 2011, 2012; Castro & Marques, 2003) e a perplexidade sucedeu porque a literatura acerca do fenómeno da emigração portuguesa não foca a sua atenção na manutenção da cultura portuguesa na comunidade emigrante. As apreensões do modelo da assimilação são as predominantes e o modelo multicultural é “esquecido”, estabelecendo uma dificuldade teórica e metodológica na comparação entre a cultura portuguesa e a anglo-saxónica. Assim sendo, o trabalho de campo, em Metz, França, tinha alguns objetivos fundamentais, isto é, o de observar se os modelos da aculturação se adequavam à “realidade” dos emigrantes portugueses, o de observar também as apreensões daqueles emigrantes acerca da sua manutenção cultural, assim como da mudança cultural e da adaptação à cultura francesa. Pretendia-se também verificar se a comunidade funcionava com um grupo étnico. E, finalmente, pretendia-se observar as possíveis misturas culturais, empregando sucedâneos da aculturação como a linguagem ou a aculturação material.

O trabalho de campo teve lugar no outono de 2011 e durante a primavera e verão de 2012, ao longo de sensivelmente um mês em cada uma das três deslocações até Metz. Naquele período, o doutorando também viajou até ao Luxemburgo, uma vez que naquele país existe uma extensa comunidade portuguesa e porque o Grão-Ducado é geograficamente próximo de Metz. Contudo, a presença do doutorando naquele país foi demasiado breve e não frutífera. Durante o outono de 2011, foi realizado o primeiro contato com a comunidade emigrante portuguesa em cafés, lojas, mercearias e na associação cultural portuguesa, e ainda próximo das autoridades locais, empregando informadores chave. Depois, foi realizada a observação participante, fotografias para verificar a aculturação material e gravações em áudio para verificar a qualidade do português falado pela comunidade. E durante o verão de 2012, foi aplicado o questionário, isto é, o *Portuguese Elementary Acculturation Questionnaire*, após a sua aplicação piloto na Universidade Fernando Pessoa, no Porto. Por seu turno, a aplicação do questionário junto da comunidade cabo-verdiana, decorreu desde o começo do verão até finais de agosto de 2012. Na descrição da metodologia utilizada segue-se a exposição do trabalho quantitativo.

14. Trabalho quantitativo

Cronbach e Meehl (1955) escreveram que para incrementar a validade interna, as dimensões dos construtos, as suas relações e os resultados esperados devem ser razoavelmente explicitados (Cronbach & Meehl, 1955). No início da presente investigação, tratou-se de elaborar um questionário exploratório para definir os principais modelos da aculturação (a assimilação, o multicultural, a fusão e o intercultural) pelas suas dimensões, tendo em conta os dois objetivos gerais da presente investigação. Esse trabalho está presente na descrição dos modelos da aculturação do terceiro capítulo, na tentativa de evitar repetições e para fomentar a compreensão dos modelos de aculturação, aquando da descrição dos mesmos no capítulo número três.

O primeiro objetivo geral (o explorar e o contextualizar a cultura portuguesa da aculturação) implica fazer uma elaboração teórica, tal como McGuire (1973) ou a *Grounded Theory* estão a propor (Charmaz, 2006; Glaser & Strauss, 2009; Strauss & Corbin, 1998), e o segundo objetivo implica fazer uma deslocação das apreensões relacionadas com a integração sociocultural para as psicológicas, colocando a ênfase na aprendizagem e nas motivações aculturativas (Rudmin, 2009). No entanto, o primeiro objetivo geral implica o segundo, uma vez que a cultura portuguesa avalia de modo positivo as dimensões do modelo de fusão e porque aprender uma segunda cultura se encontra reportado nos livros históricos portugueses. A investigação de doutoramento pretendeu contextualizar a cultura portuguesa da aculturação como uma nova estrutura conceptual. Assim sendo, explorar os modelos pelas suas dimensões era uma prioridade. Por outro lado, as dimensões dos modelos da aculturação facilitam estabelecer uma comparação entre os resultados esperados e os obtidos (Pasquali, 2009; Pasquali & Primi, 2003), não abordando o fenómeno da aculturação através das variáveis estranhas ao fenómeno como a discriminação ou o estatuto socioeconómico, senão que mediante as dimensões definidoras do construto e dos seus modelos. Na presente investigação, a tarefa não é apenas o de escolher e de organizar os dados, senão que antes de realizar um estudo culturalmente sensível (Pires, R., 2003) face à cultura portuguesa.

As dimensões dos modelos emergiram a partir da revisão da literatura, da análise de conteúdo e do trabalho de campo e ainda da reflexão do investigador. O modelo de

fusão mereceu uma especial atenção e o mesmo ocorreu com o modelo multicultural porque a cultura portuguesa, presumidamente, funciona de acordo com a teoria luso-tropical (Freyre, 1986), sendo que o modelo multicultural é o dominante. As dimensões dos modelos foram formuladas tendo em conta uma das dimensões fundamentais do modelo de fusão ou da cultura luso-tropical, isto é, a interação intercultural. O questionário foi concebido como sendo um instrumento exploratório, contendo oito questões (ver em anexo no ponto um do respetivo índice). A análise da literatura e os trabalhos de campo realizados (na comunidade portuguesa, em Metz, e ainda junto da comunidade cabo-verdiana do Porto) constatarem a presença dum viés de construto e duma falta de equivalência, o qual assenta nas diferenças culturais entre o modelo multicultural da sociedade anglo-saxónica e a cultura portuguesa ou lusófona. Assim dispondo, algumas das questões do questionário abordam construtos básicos referentes à problemática da aculturação, tal como o construto da aculturação (questão número seis), o da identidade étnica (questão número sete) e do multiculturalismo (questão número cinco). As restantes questões referem-se diretamente às dimensões dos quatro modelos da aculturação, pretendendo verificar como os sujeitos das três amostras respondem e diferem consoante os quatro modelos da aculturação. As questões implicam uma comparação com a cultura anglo-saxónica, na tentativa de diferenciar a mesma da cultura portuguesa.

A questão número um (acerca da adaptação dos imigrantes), a questão número três (a qual compara os modelos multicultural e o de fusão) e a questão quatro (acerca da adaptação dos emigrantes portugueses) estão a tentar verificar qual é o modelo da aculturação preferido no contexto português, presumindo que as preferências ou atitudes culturais variam consoante o estatuto ou a posição social das amostras, isto é, da maioria portuguesa, dos imigrantes cabo-verdianos e dos emigrantes portugueses. A aculturação é um processo com dois sentidos de influências culturais e o emprego das três amostras visava incluir as avaliações dos imigrantes e dos emigrantes portugueses, para além da maioria portuguesa, ou seja, tentou-se, tanto quanto possível, aproximar a análise estatística da interação intercultural. A amostra de imigrantes cabo-verdianos não está apenas a responder à sua adaptação cultural, em Portugal (questão número um), senão que também acerca das mudanças culturais portuguesas, acerca da cultura luso-tropical (questão número dois) e ainda acerca como os emigrantes portugueses se devem adaptar (questão número quatro). A questão oito (acerca da perceção de ameaça) é a de controlo, pois, como o modelo de Rudmin (2009) propõe, a discriminação e a variável

socioeconómica são variáveis de controlo. A questão número oito aparece, sobretudo, junta com a questão acerca do luso-tropicalismo, isto é, a questão número dois. Contudo, outras questões foram colocadas de lado porque o questionário seria demasiado longo, por exemplo, o significado da palavra integração mereceria uma questão.

As três amostras foram recolhidas mediante a técnica de conveniência, durante os trabalhos de campo no Porto e em Metz, e ainda junto da maioria portuguesa, ou seja, portugueses sem experiência emigratória. Os sujeitos foram selecionados por conveniência devido à sua acessibilidade e vontade em responderem. Em consequência, a técnica amostral é não-probabilística (Gravetter & Forzano, 2012). A amostragem por conveniência é apropriada para as investigações exploratórias e também é aplicada para evitar custos elevados. Assim sendo, a representatividade da amostra é baixa (Gravetter & Forzano, 2012). Existem três amostras, uma designada de maioria portuguesa com cinquenta e seis sujeitos, uma outra composta por trinta e nove imigrantes cabo-verdianos e uma composta por trinta e sete emigrantes portugueses a residirem em Metz, França. O total da amostra contém cento e trinta e dois sujeitos. A descrição sociodemográfica da amostra aparece no capítulo dezassete, o qual é dedicado à obra de Freyre (1986). A descrição da amostra revela limitações da presente investigação, apesar da ênfase exploratória e a abordagem *emic* da investigação, pois as distribuições das amostras ao nível da educação e das idades são desequilibradas. Vala e Costa-Lopes (2010) reportaram que os sujeitos mais jovens têm maior abertura e tolerância face a outras culturas do que os sujeitos com mais idade. O questionário foi aplicado durante o verão de 2012 e a aplicação piloto decorreu durante a primavera do mesmo ano em estudantes universitários da Universidade Fernando Pessoa, na cidade do Porto. Na aplicação piloto as questões e as palavras sensíveis foram retiradas ou alteradas (Fowler, 1992; Tourangeau & Yan, 2007). As questões e os itens são expressos na escala *likert* e a derradeira opção de resposta corresponde à não resposta (Krosnick, 2002). A opção da não resposta foi introduzida, sobretudo, para evitar a escolha forçada, a qual, segundo Rudmin (2003a) é um dos principais problemas do estudo da aculturação, não permitindo pressupor que as culturas partilhem características culturais. Todas as amostras pertencem ao contexto cultural português ou lusófono. Portanto, uma questão surgiu, isto é, seriam as amostras independentes ou relacionadas? No sentido de responder a esta questão foram realizados testes paramétricos e não paramétricos (ver das tabelas 13 até à tabela 20, em anexo). Contudo, para verificar as diferenças entre as amostras foram aplicados os testes ANOVA

e o teste Bonferroni Post-hoc multiple comparisons (ver as tabelas 21 até à tabela 28, em anexo). A questão acerca da relação entre as amostras é próxima do problema de Galton (Burton & White, 1987; Naroll, 1970) porque as amostras ou as culturas, presumivelmente, relacionadas reduzem a diversidade cultural e as diferenças entre elas. Contudo, a presente investigação encontrou diferenças por entre as amostras lusófonas e, inclusivamente, dentro da cultura portuguesa, pois a amostra de emigrantes portugueses é, muitas vezes, estatisticamente distinta da amostra da maioria portuguesa.

A investigação de doutoramento também fez análise estatística à base de dados do Observatório da Emigração, a qual contém referências bibliográficas acerca da emigração portuguesa. Assim sendo, a presente investigação emprega fontes secundárias (Ember & Ember, 2009; Ember & Levinson, 1991), para além das fontes primárias. A análise estatística à base de dados do Observatório da Emigração foi levada a cabo para compreender as presentes reações às mudanças provocadas pelo fenómeno da aculturação e para compreender as referências bibliográficas à luz das abordagens e dos modelos da aculturação. Em março de 2012, o Observatório da Emigração disponha de mil e vinte e cinco referências bibliográficas acerca da emigração. A base de dados foi computada através de quatro códigos: os temas das publicações, o ano da publicação dos trabalhos, a língua no qual os trabalhos estão escritos e, por fim, o país de “acolhimento” das referências. O código tema foi dividido em quinze opções: nenhum ou geral, pois, muitas vezes, o tema não aparece na referência bibliográfica. O tema político, o tema económico ou laboral e o tema sociodemográfico. As redes sociais, associações culturais e o casamento aparecem juntos num só tema. A identidade e a identidade étnica foram codificadas juntas, tal como a educação, a mobilidade social e a manutenção da cultura. Outros temas são a linguagem, a aculturação, a abordagem transnacional, o género, e o retorno ou o impacto da emigração em Portugal. E ainda a colonização, a saúde e, finalmente, a aculturação material. O resultado do código tema foi cruzado com o ano da publicação com os principais países de “acolhimento” dos trabalhos (ver tabelas 29, 30 e 32 em anexo, pp.). O ano da publicação foi dividido em: de zero até 1974, de 1975 a 1985, de 1986 a 1991, de 1992 a 2000 e, finalmente, de 2001 a 2012 (ver tabela 33, em anexo). O código língua envolve: a língua Portuguesa, a Inglesa, a Francesa e a Castelhana (ver tabela 34, em anexo). A presente investigação encontrou os seguintes países de “acolhimento”: a França, o Brasil, os Estados Unidos da América, o Canadá, a Argentina, a Espanha, entre outros. A presença de dois ou mais países nos trabalhos também foi

codificado (ver tabela 36, em anexo). A presente investigação começou com a análise de conteúdo, a qual se complementa com a análise quantitativa e com o trabalho etnográfico de campo. A análise de conteúdo começou com a obra de Fernão Mendes Pinto. Na presente investigação segue-se, pois, o trabalho empírico realizado, nomeadamente, a análise de conteúdo realizada à referida obra literária.

III. Componente empírica

15. Aculturação em Fernão Mendes Pinto

15.1 Aculturação portuguesa no além-mar

Este capítulo pretende ser uma breve descrição da cultura da aculturação portuguesa relacionada com o ultramar. A cultura histórica portuguesa do ultramar terá, presumivelmente, moldado as presentes reações aos fenómenos de aculturação, isto é, as reações à imigração, à emigração, à globalização e face às influências culturais da União Europeia. O contexto histórico português é também importante porque reporta um processo de aculturação com dois sentidos. Assim sendo, este capítulo envolve os dois objetivos gerais da presente investigação, isto é, o contextualizar a cultura portuguesa da aculturação e o abordar a mesma como um fenómeno de aprendizagem intercultural recíproco.

Presentemente, as perceções acerca do espaço e do tempo têm-se reduzido, mas as relações interculturais têm-se intensificado, acrescentando complexidade às culturas (Arnett, 2002; Bandura, 2002a; Demorgon, 1996; Hermans & Kempen, 1998, Morin, 1999). Assim sendo, a globalização encontrar-se-á num momento histórico único porque o fenómeno da aculturação está a sofrer um incremento considerável (Berry, 2006b), sendo que as influências culturais são recíprocas mediante relações consensuais, problemáticas ou até conflituosas (Bourhis, *et al.*, 1997). O presente processo de globalização ocidental tem o seu precursor nas navegações portuguesas²⁹ (Hannerz, 1997; Hermans & Kempen, 1998; Huygens, 2009). Portugal terá, presumivelmente, começado o processo da globalização (Gunn, 2003; Rodrigues & Devezas; 2009), o qual se caracteriza pelo contato cultural a nível global, complexas interdependências e trocas culturais ao longo de todos os continentes (Lowndes, 2009; Marques, R. M. P., 2003; Souza, 2010). No estudo das representações sociais da história, as navegações e a descoberta do continente americano destacam-se como os eventos históricos mais importantes do derradeiro milénio (Cabecinhas & Feijó, 2010; Liu, *et al.*, 2005; Pennebaker, *et al.*, 2006). A globalização

²⁹ Esta afirmação implica uma visão eurocêntrica porque muitas das culturas já estavam também em contato intercultural. Contudo, Portugal terá ligado todos os continentes, pela primeira vez, numa relação globalizada.

conduz também a um processo de hibridização, fazendo lembrar que a cultura é feita a partir do contato intercultural e mediante as misturas culturais (Gunn, 2003; Hobson, 2004), as quais formam novas fronteiras culturais (Barth, 1969; Hermans & Kempen, 1998) e novas estruturas culturais.

A história portuguesa reporta um complexo processo de aculturação e não apenas um processo com dois sentidos de trocas culturais. Em Goa, na Índia, por exemplo, a presença portuguesa causou mudanças na economia local, na língua, na educação, na saúde e nos papéis de género (Larsen, 1998). Contudo, os portugueses também aprenderam características culturais provenientes da cultura goesa, e algumas dessas características estão, inclusivamente, relacionadas com a ciência (Lowndes, 2009; Souza, 2012), sendo que Goa foi um centro multicultural, pois diferentes culturas se juntavam no mesmo espaço físico, isto é, chineses, malaios, japoneses e africanos, tendo aumentado, por exemplo, o número dos *siddis*, ou seja, indianos de origem africana, devido à intervenção cultural portuguesa. Macau, na China, é ainda uma cidade onde a aculturação representa mais do que um processo de aculturação com dois sentidos (Cheng, 1999; Gunn, 2003), para além da influência luso-chinesa. Para além do mais, um elemento cultural tão importante como a língua Portuguesa tomou emprestadas palavras doutras culturas, aumentando o léxico da língua Portuguesa (Guha & Guhathakurta, 2004), os quais podem ser observados em Goa, Macau, Brasil (Veríssimo, 1887), Timor-Leste, em África ou na própria língua Portuguesa usada em Portugal.

O infante D. Henrique (1394-1460), na sua escola de Sagres, procurou informação acerca de como navegar através dos mares, sendo que a longa experiência portuguesa no além-mar se iniciou com a conquista da vizinha cidade de Ceuta, em 1415. Depois, os portugueses começaram a cruzar os mares, primeiro, até ao arquipélago da Madeira, depois cercando a costa ocidental africana, na tentativa de alcançarem a Índia, chegando ao Cabo Bojador, em 1434. Bartolomeu Dias cruza o Cabo da Boa Esperança, em 1487, e Vasco da Gama alcança Calcutá, em 1498. Em 1507, os portugueses conquistam o estreito de Ormuz e, em 1510, Goa é conquistada e, apenas um ano mais tarde, o sultanato de Malaca foi também conquistado. Outra data importante é 1557, pois é estabelecido um enclave comercial, em Macau. O Brasil foi alcançado, em 1500, e começou a ser colonizado, em 1532, tendo atingido a sua independência em 1822. No entanto, no ano de

1808, o Rio de Janeiro torna-se a capital do império português (Lopez & Mota, 2008), durante 16 anos, o que se estabelece, quiçá, como uma experiência única por entre os impérios coloniais europeus, revelando que, presumivelmente, a cultura portuguesa expressa menos apreensões com a sua mudança cultural (Vala, *et al.*, 2008) do que outras culturas europeias, sendo ainda que a cultura portuguesa, supostamente, favorece as misturas culturais. Na Índia, Diu, Damão e Goa alcançam a independência devido à intervenção militar pela República da Índia, em 1961. As colónias africanas alcançam a independência, em 1975, ou seja, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé & Príncipe. Macau voltou a estar sob a administração chinesa, em 1999, e Timor-Leste torna-se independente, em 2002, depois de estar sob domínio indonésio.

15.2 Relação portuguesa com o Japão

O Japão foi um dos países com o qual as trocas culturais portuguesas foram mais intensas (Keene, 1952). A relação ocidental com o Japão foi inaugurada por Portugal (Lidin, 2002; Newitt, 2005) em 1542 ou 1543. Os portugueses dos séculos XV e XVI comparavam-se com quem se encontravam ao longo das navegações, resultando essas comparações numa hierarquia de importância atribuída às culturas diferentes da portuguesa ou da europeia, sendo que o Japão aparece num dos lugares de privilégio (Ferronha, 1991) nessa comparação intercultural. Os escritores portugueses percebiam o Japão como uma espécie de espelho (Lévi-Strauss, 1998), uma vez que o percebiam como semelhante, mas, ao mesmo tempo, oposto, ou seja, o mesmo conteúdo cultural era percebido e pensado como numa imagem invertida, tal como uma imagem dum espelho. O Japão ou a China foram percebidos pelos portugueses como culturas “iguais” ou, por vezes, até “melhores” do que as culturas europeias (Ramos, F. P., 2006, 2008). Esta avaliação oferece à presente investigação um ponto de vista etnocêntrico mitigado da parte da cultura portuguesa (Gunn, 2003). Nesta investigação de doutoramento, para além disso, a escolha da relação intercultural entre o Japão e Portugal deveu-se ao facto da relação não ter sido feita através da conquista, senão que a relação se desenrolou apenas mediante relações comerciais e pela intervenção dos jesuítas sob o padroado português, nos quais a aprendizagem da cultura do “Outro” ocupa um lugar central (Gunn, 2003; Üçerler, 2004). Para além da relação comercial com o Japão, a presença dos jesuítas implicou uma relação

mais profunda entre as duas culturas (Mendonça, 2002). Os jesuítas percebiam o Japão como sendo uma terra fundamental para espalharem a fé católica e a cultura europeia (Borges & Feldmann, 1997; Dezem, 2005). O Japão adquiriu características culturais da cultura portuguesa (Keene, 1952), por exemplo, a construção urbana da cidade de Nagasaki foi feita à imagem duma cidade portuguesa (Elisonas, 2008), ou seja, na forma de escadaria. No entanto, o Japão também transmite a sua cultura, desde a cultura *pop* até aos estilos modernos da gestão empresarial (Luyten, 2000), recebendo ainda milhões de imigrantes, sendo que alguns deles são brasileiros, ou seja, imigrantes lusófonos (Befu & Guichard-Anguis, 2001; Douglas & Roberts, 2003; Iwabuchi, 2004), sendo ainda que o Brasil detém a maior comunidade nipónica fora do Japão.

A aculturação é inerente às relações interculturais, porém, a aculturação assume, não raramente, uma forma antagonística. Presentemente, todas as sociedades estão a mudar muito rapidamente e o problema não se relaciona apenas com as minorias que vivem nas sociedades plurais e liberais, senão que também com as mudanças culturais das próprias culturas europeias. O modelo de Berry (Berry, *et al.*, 2002; Berry & Sam, 1997) provém dum fundo cultural previamente multicultural (diferentes culturais a viverem no mesmo espaço residencial e político) e assenta numa sociedade relativamente tolerante, contudo o modelo não é capaz de explicar outras realidades, para além da anglo-saxónica e liberal. A palavra multicultural, aqui, refere-se a diferentes culturas a viverem num mesmo espaço (Inglis, 1996), ou seja, refere-se apenas a uma das dimensões do construto, isto é, a sociodemográfica. Assim dispondo, devido às limitações do modelo multicultural torna-se necessário alargar a abordagem da aculturação. Os mal-entendidos, os conflitos, as lutas são uma constante na história da humanidade e a aculturação é, muitas vezes, antagonista. Por exemplo, a reação japonesa à cultura ocidental forneceu trabalhos literários clássicos, tais como os de Akutagawa (2006), de Kakuzo (1998), de Kawabata (2003), de Mishima (1986a, 1986b, 1987) e de Tanizaki (2003), revelando que a aculturação é um processo seletivo, pois as diferentes culturas apenas aprendem os conteúdos culturais para os quais estão motivadas. Na cultura portuguesa obras como a de Luís de Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984) revelam um olhar etnocêntrico mitigado acerca da cultura japonesa, para além dum processo de aprendizagem com dois sentidos e antagonico. No dealbar de século vinte, Morães (2006, 1993a, 1993b), junto com Lafcadio Hearn (1892) - ou também chamado de Koizumi Yakumo - foram dos primeiros escritores ocidentais a viverem e a falecerem no Japão. Em suma, o Japão foi e é ainda uma cultura

fundamental para estabelecer comparações interculturais (Matsumoto, 2006), o que pode ser verificado nos trabalhos clássicos de Nitobé (1914) ou de Benedict (1946).

Portugal foi o primeiro e o último império colonial europeu e mais de cinco séculos de conquistas, de navegações, de explorações e de colonizações terão, presumivelmente, moldado a mentalidade portuguesa. Hoje, Portugal é um país que se deseja democrático, sendo, portanto, uma oportunidade única para rever o seu violento e problemático passado (Araújo & Maeso, 2010; Cabecinhas & Feijó, 2010; Vala, *et al.*, 2008), contribuindo para a compreensão da cultura da aculturação portuguesa e, num sentido mais lato, para a compreensão das culturas de aculturação europeias e lusófonas. Como Steiner (1992) afirmou, o comportamento bárbaro e a cultura refinada podem viver juntos, tal como sucedeu durante a Segunda Guerra Mundial, sendo que essa convivência exige um permanente esforço para se evitar o barbarismo.

Na presente investigação a primeira amostragem da análise de conteúdo foi realizada quando se estava a investigar a cultura japonesa no sentido de aplicar o modelo de Rudmin (2009). O Japão é um alvo usual das comparações interculturais (Benedict, 1946; Matsumoto, 2006) e é sobejamente reconhecido por estar aculturado, mas, ao mesmo tempo, por manter as suas características culturais próprias. O Japão não é apenas um caso de difusão cultural, senão que um caso de reação e reinterpretação ativa da aculturação, ou seja, de aprendizagem de segundas culturas (Burman, 2007; Hirano, 2010; Janeira, 1970a, 1970b 1981; Kakuzo, 1920, 1991), revelando um padrão antagonístico (Devereux, 1970; Hirano, 2010). As relações de aculturação antagonísticas são reportadas pelos fundadores do estudo do fenómeno, tais como McGee (1898) e Devereux (1970). O encontro intercultural entre o Japão e Portugal foi notável devido à aprendizagem mútua desencadeada por fortes motivações em ambas as culturas. A literatura dominante da aculturação, muitas vezes, aborda o fenómeno da aculturação apenas mediante as escolhas individuais das minorias, contudo a aculturação também está assente em fortes motivações e em contextos sociais conflituosos. A abordagem liberal e anglo-saxónica parece funcionar sob uma ideologia consensual (Berry, 1997; Bourhis, *et al.*, 2009; Nguyen & Benet-Martínez, 2007), pois percebe a atitude da integração como sendo a opção ideal, “esquecendo” que a aculturação é, não raras vezes, um fenómeno antagonístico. A ideologia consensual em torno da integração estabelece um paradoxo, uma vez que não é

inclusiva face à diversidade cultural (Bowskill, *et al.*, 2007; Redding, 2001). Para além do mais, a tipologia de Berry não abarca todas as situações de biculturalidade (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006b) e não considera o ponto de vista da maioria acerca da sua própria mudança cultural (Geschke, *et al.*, 2010; Montreuil & Bourhis, 2001; Piontkowski, *et al.*, 2002), não tendo ainda em conta o ponto de vista da minoria³⁰ (Bhatia, 2007a), assim como não tem em consideração que a aculturação é mais do que uma preferência cultural, sendo um fenómeno de aprendizagem, o qual assenta em contextos sociais caracterizados pelas motivações de todas as culturas em contato intercultural (Zagefka, *et al.*, 2007).

Segundo Sam (2006a), a investigação do fenómeno da aculturação requer três pré-requisitos, o primeiro é o contato cultural com uma cultura diferente. O segundo é a reciprocidade das influências culturais e, por último, as mudanças a nível coletivo e individual. Em consequência, a relação intercultural entre o Japão e Portugal encontra-se dentro desses parâmetros. Um menor grau de etnocentrismo, a preferência por uma cultura não europeia e a ausência de violência (da parte europeia) permitiram reportar um processo de aculturação com dois sentidos. Para além do mais, a abordagem narrativista aplicada aos livros históricos analisados (Bruner, 1990; László, 2008; Polkinghorne, 1988) é capaz de mostrar uma perspetiva dinâmica, seletiva, diferenciada e complexa acerca do fenómeno da aculturação. O encontro entre o Japão e Portugal não envolve uma imposição cultural realizada pela força (Tolosana, 2005), tornando esta relação intercultural peculiar. Os jesuítas percebiam os japoneses como regidos pelo pensamento racional e muito bem organizados. O Japão foi procurado pelo jesuíta Francisco Xavier porque ele estabeleceu uma comparação entre os povos asiáticos e os nativos americanos e ele avaliou o Japão como sendo culturalmente próximo da Europa. Porém, apesar da sua avaliação favorável e da sua preferência pela cultura japonesa, a relação intercultural foi antagónica, uma vez que desencadeou diferentes motivações intergrupais e intragrupais em ambas as culturas em contato intercultural.

³⁰ Usualmente, o ponto de vista é acerca daquilo que a maioria pensa acerca da minoria (Bhatia, 2007a).

15.3 *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto

A *Peregrinação* foi escrita por Fernão Mendes Pinto (1509-10?/11-1583), o qual foi um explorador, aventureiro, comerciante, religioso e um escritor português. Fernão Mendes Pinto navegou até à Índia, em 1537, e voltou para Portugal, em 1558, ou seja, viveu vinte e um anos no médio e no extremo oriente. Ele terá sido um dos primeiros europeus a alcançar o Japão (Catz, 1981) e a *Peregrinação* foi uma das primeiras descrições do contato intercultural com a Ásia (Drége, 1992; Gunn, 2003). O livro tornou-se famoso e um clássico da literatura europeia. A *Peregrinação* foi escrita entre 1569 e 1578 (Catz, 1989). No entanto, o livro foi apenas publicado, em 1614, sendo que é importante observar que a *Peregrinação* foi alvo da censura da inquisição, antes de ser publicado. Fernão Mendes Pinto emprega a sua experiência pessoal como recurso literário, usando também fontes históricas e ficcionais (Catz, 1978, 1989). As viagens de Fernão Mendes Pinto estão escritas num estilo oral, estão cheias de enigmas e de inconsistências e o livro afigura-se desorganizado (Sousa, R. W., 1997). Segundo Janeira (1981), o livro corresponde à descrição dos factos históricos, uma vez que os especialistas japoneses o verificaram enquanto recurso de conhecimento histórico. O livro contém duzentos e vinte e seis capítulos, começando com a sua vida desafortunada em Portugal e a tentativa para alcançar a Índia. Fernão Mendes Pinto atinge a costa leste da Índia e Malaca, a Sumatra, a Tailândia, o Myanmar, a China e, finalmente, o Japão, país a partir do qual voltará para a Europa. Ao longo da narração, ele salta dum lugar para o outro, nunca assentando num único sítio, mostrando um comportamento próximo da atitude cultural da alternância (Coleman, 1995). A relação com o Japão começa apenas no capítulo cento e trinta e dois, quando os portugueses fundeiam na ilha de Tanegashima³¹, em 1542 ou 1543, a bordo dum junco chinês, após uma violenta tempestade (Olof, 2002). Os capítulos que abarcam o encontro de Tanegashima estão entre os cento e trinta e dois e o cento e trinta e sete. Este primeiro contato intercultural foi caracterizado pela surpresa, pela cordialidade e pela curiosidade de ambas as culturas (Boxer, 1951; Rein, 1998). Na cultura japonesa³² foram escritos os manuscritos *Teppoki* e o *Tanegashima kafu* acerca deste encontro intercultural (Loureiro, 1990; Olof, 2002). Após isto, os naufragos portugueses voltavam para Ning-Po (um enclave português perto de Cantão, China) para espalharem a novidade acerca do

³¹ Tanegashima é uma ilha do sul do Japão. Faz parte da província de Kagoshima.

³² Coria del Río, no sul de Espanha, será, quiçá, o maior legado cultural vivo deste encontro intercultural (Abraham, & Serradilla-Avery, 2010).

achamento do Japão e das suas riquezas, contudo o barco afundou-se em Lu-Chu ou Lequia (a qual é, hoje, Okinawa, Japão). Em Okinawa, os portugueses foram enviados para a prisão sob a acusação de pirataria. Os capítulos acerca de Okinawa vão desde o cento e trinta e oito até ao cento e quarenta e três. A análise de conteúdo foi aplicada nestes capítulos, mas como, nesta época, Okinawa não pertencia à cultura japonesa foram preteridos. A análise de conteúdo foi dividida em mais uma parte, a qual, no presente estudo, é designada de Francisco Xavier. Estes capítulos estão entre o duzentos e dez e o duzentos e vinte e cinco da obra, sendo dedicados à abordagem dos jesuítas ao Japão, a qual se inicia em 1549. Fernão Mendes Pinto na sua vida real conheceu o padre jesuíta Francisco Xavier (Boxer, 1951; Catz, 1981). Portanto, na presente investigação o livro foi dividido em duas partes, a primeira designada de Tanegashima e a segunda de capítulos de Francisco Xavier, no sentido de tornar a análise de conteúdo mais compreensível e trabalhável pelo doutorando.

15.4 O significado da *Peregrinação* para a literatura da aculturação

A relação entre o Japão e Portugal do século XVI foi única no sentido em que não foi levada a cabo mediante o poder colonial, sendo que o poder militar estava do lado japonês (Costa, J. P. O., 1999; Pina, 2001; Tolosana, 2005). O sentido da superioridade europeia ou o etnocentrismo é menor ou é até invertido (Catz, 1978, 1981; Nakai, 2003), isto porque, segundo Gono (2009), os japoneses percebiam a relação baseada na igualdade. Outra vantagem no emprego desta relação histórica foi o de implicar poucos preconceitos em ambas as culturas (Nakai, 2003), uma vez que se tratou dum primeiro encontro intercultural. A *Peregrinação* é um livro excecional também porque é possível observar aprendizagem com dois sentidos e apreensões acerca das mudanças culturais em ambas as culturas em contato. Na cultura portuguesa ou europeia as apreensões são visíveis, por exemplo, porque Alessandro Valignano³³ (Valignano, Duarte & Loureiro, 1992) pensou que Gnechi-Soldo Organtino e Luís de Fróis tinham aculturado demasiadas

³³ Alessandro Valignano (1539-1606) foi um dos mais importantes jesuítas no Japão. Ele escreveu alguns manuscritos acerca de como alcançar adaptação cultural à cultura japonesa. Gnechi-Soldo Organtino (1530-1609) foi um jesuíta italiano, o qual fez adaptação cultural à cultura japonesa. Luís de Fróis (1532-1597) era um jesuíta português e também faz adaptação cultural. Hoje, Fróis é considerado um dos mais importantes escritores acerca da relação europeia com o Japão do século XVI, sendo também um recurso de conhecimento para os historiadores japoneses.

caraterísticas culturais japonesas, o qual poderia colocar em perigo a identidade cristã e católica (Nakai, 2003). O livro é também importante porque funciona como um artefacto cultural na cultura portuguesa (Souza, 2000, 2001; Vala, *et al.*, 2008) e na cultura lusófona (Freyre, 1986), uma vez que Freyre avaliou Fernão Mendes Pinto como sendo o paradigma duma pessoa luso-tropical e porque o livro é ensinado no ensino básico, em Portugal, ou seja, o livro implica a enculturação, a socialização e a aculturação. Deste modo, o fundo cultural português implica uma análise e conceptualização diferentes da literatura dominante, funcionando como um caso negativo (Karasz, 2011; McGuire, 1973). Contudo, a *Peregrinação* também se encontra próxima da literatura atual, uma vez que coloca uma questão ética essencial, pois Fernão Mendes Pinto relata muitas situações violentas como consequências das relações interculturais e, no final do livro, ele volta a Portugal apreensivo com as consequências das relações interculturais. Assim dispondo, Fernão Mendes Pinto estabelece uma interrogação ética, ou seja, como estabelecer relações interculturais e trocas culturais num mundo dominado pela violência?

15.5 O significado da *Peregrinação* ao longo do tempo

Enquanto clássico da literatura e artefacto cultural, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto dispõe de perspetivas diferentes acerca de si ao longo do tempo. De acordo com Cortesão (1965), a *Peregrinação* mostra o universalismo português, isto é, a capacidade de adaptação portuguesa. De acordo com Saraiva (1971) ou Catz (1981, 1989), a obra de Fernão Mendes Pinto é uma dura crítica à cultura portuguesa (Gunn, 2003) porque o herói é um anti-herói, uma vez que os bárbaros não são apenas os outros povos, senão que também os portugueses. Neste sentido, a *Peregrinação* poderia estar próxima do ponto de vista de Morães³⁴ (Janeira, 1956, 1966, 1970a, 1970b, 1981; Machado, A. M., 1983), o qual pertence ao século XX português, uma vez que a China e o Japão aparecem como espelhos onde as faltas europeias se revelam e o extremo oriente é narrado como um sítio ideal³⁵ ou utópico (Catz, 1981; Ferronha, 1991; Machado, A. M., 1983; Saraiva, 1971). De acordo com Castro, A. (1989), o livro consiste numa narração realista, pois

³⁴ Wenceslau de Morães (1854-1929) foi um escritor português, o qual viveu e faleceu no Japão.

³⁵ Burman (2007) designou esta avaliação positiva de orientalismo.

apenas descreve um determinado período da história. Contudo, na presente investigação, a partir dum ponto de vista narrativista, o livro é tratado como um artefacto cultural, o qual é aprendido ao longo da história portuguesa, até porque, hoje, ele é ainda ensinado e aprendido no ensino secundário português. Assim dispondo, a *Peregrinação* transporta significados por ele próprio e é um legado cultural, o qual organiza as experiências interculturais numa forma significativa. A identidade cultural portuguesa e o luso-tropicalismo (Freyre, 1959) são supostos repousarem no livro (Catz, 1981; Lourenço, E., 1976, 1988, 1989a, 1989b, 1994; Martins, 1956; Mattoso, 1998; Saraiva, 1995, 1996). O livro foi adotado pela ditadura fascista durante os anos cinquenta e funcionou como um modelo social da capacidade portuguesa de adaptação a outras culturas. Depois da revolução democrática de 25 de abril de 1974, o livro foi também adotado pelo regime que se deseja democrático (Lourenço, E., 1986) porque, supostamente, reporta uma posição crítica face ao período colonial. No livro quase todas as culturas são mostradas como violentas, revelando que a questão fundamental poderá ser: é de valor manter relações interculturais, apesar, das relações, muitas vezes, serem violentas?

15.6 Fernão Mendes Pinto nos modelos de Rudmin e de Berry

O modelo de Rudmin (2009) foi, previamente, descrito no capítulo número quatro, no entanto, ele será de novo descrito de forma sucinta, no sentido de clarificar a análise de conteúdo realizada às obras de Fernão Mendes Pinto e à *Historia do Japam* de Luís de Fróis. O modelo de Rudmin (2009) aparece após uma crítica robusta (Rudmin, 2003a, 2003b) a níveis empírico e teórico face ao modelo de aculturação dominante, ou seja, o modelo de Berry (1997).

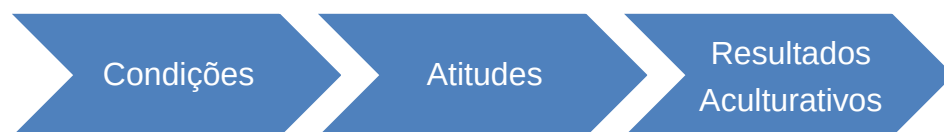


Figura 17, as componentes da investigação da aculturação. Fonte: Adaptado de Arends-Tóth & Van de Vijver (2006)

Tal como é observável na figura dezassete, de acordo com Arends-Tóth e Van de Vijver (2006), a investigação da aculturação dispõe de três componentes. A primeira

componente é constituída pelas condições ou antecedentes da aculturação. A segunda são as atitudes culturais e, a terceira, é constituída pelos resultados aculturativos. No modelo de Berry (1997, 2001) as atitudes condicionam os resultados nos diferentes domínios aculturativos, por exemplo, na identidade étnica e na saúde, sendo que as condições ou os antecedentes são descuradas, por exemplo, as motivações ou os contextos históricos não são tidos em conta no modelo de Berry. No modelo de Berry (1974, 1997) a preocupação principal é de identificar as orientações culturais das pessoas e de como essas orientações ou atitudes estão relacionadas com a adaptação psicológica, com a identidade étnica e a saúde, mas não se encontram diretamente relacionada com a aprendizagem, sendo que essas atitudes ou preferências culturais não são condicionadas pelas motivações ou por outras condicionantes contextuais. Assim dispondo, Rudmin (2009) centrou a temática da aculturação em torno da aprendizagem, conferindo também importância às motivações e colocando as atitudes, o modelo de *coping* e ainda a identidade étnica como condicionantes ou antecedentes da aculturação, isto é, como condicionantes das formas de aprendizagem numa segunda cultura. No modelo de três estádios de Rudmin (2009) a aprendizagem aparece como um mediador e não como um resultado ou como uma condição (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006a, 2006b).

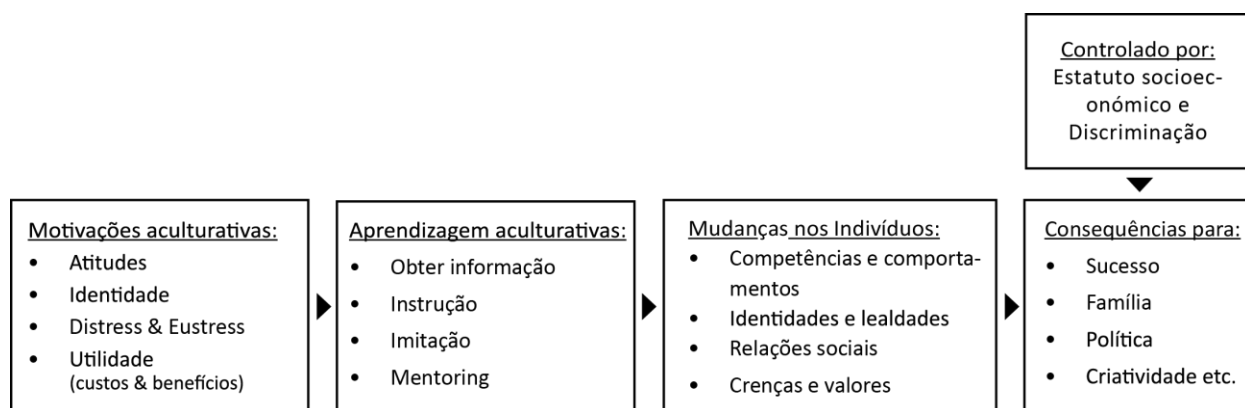


Figura 16, o modelo de Rudmin. Fonte: Rudmin (2009)

Tal como se pode observar na figura dezasseis, as principais temáticas da aculturação estão presentes no modelo de Rudmin (2009), isto é, as atitudes culturais, o *coping* e a identidade étnica, tendo sido incluído também a decisão de utilidade, uma vez que as motivações e as intenções aculturativas têm, presumivelmente, um papel importante na aculturação. Os quatro itens são tratados como antecedentes ou condições, os quais podem influenciar a aprendizagem numa segunda cultura, a qual, por sua vez,

conduz às mudanças em termos individuais, tendo consequências aculturativas a vários níveis. Finalmente, todo o modelo é controlado pela discriminação e pelo estatuto socioeconómico, uma vez que estas variáveis não são aprendizagem por elas próprias, sendo, no entanto, que poderão condicionar o processo da aprendizagem.

O encontro intercultural entre Portugal e o Japão decorre num contexto pouco usual, pois a cultura minoritária é um grupo cultural europeu. Contudo, os portugueses pretendiam mudar a cultura dominante. O primeiro item das motivações aculturativas são as atitudes culturais, as quais conduziram a presente investigação até às questões do modelo de Berry (1974, 1997) acerca da manutenção e do contato cultural, e ainda até às estratégias da aculturação (escolha da minoria) e às expectativas da aculturação (expectativa da maioria), ou seja, até a tipologia de Berry (1997), uma vez que este modelo é o mais representativo do estudo da aculturação mediante as atitudes culturais:

Dimensão 1. É considerado de valor manter a identidade cultural e as características culturais?		
Dimensão 2: É considerado de valor manter relações com outros grupos?		SIM
		NÃO
	SIM	INTEGRAÇÃO
	NÃO	SEPARAÇÃO
		MARGINALIZAÇÃO

Figura 1, As estratégias da aculturação da minoria. Fonte: Berry (1997)

Manutenção cultural e identidade		
Minoria		
Contacto Intercultural		Gosto
		Não gosto
	Gosto	Multicultural
Maioria	Não gosto	Segregação
		Exclusão

Figura 2, As expectativas da aculturação da maioria. Fonte: Berry (2001)

Tendo em consideração as figuras um e dois, é possível afirmar que as atitudes culturais de Berry (1997) não se adequam ao encontro cultural entre a cultura japonesa e a

portuguesa, ocorrido em Tanegashima porque nenhuma intenção ou escolha prévia é reportada. Os três portugueses chegam ao Japão depois duma tempestade. Trata-se, pois, dum encontro intercultural fortuito. No livro apenas é possível encontrar estar aberto ao contato intercultural em ambas as culturas, sendo que nenhuma apreensão acerca da manutenção cultural é reportada. Assim sendo, a narrativa apenas responde à segunda questão da tipologia de Berry (1997), presente na figura número um.

A “integração” seria a atitude cultural portuguesa, contudo a “integração” não é a palavra mais adequada. E, da parte japonesa, a expectativa “multicultural” também não é a palavra mais adequada para descrever a narração (ver figura 2). Em consequência, é necessário acrescentar ao modelo de Berry que as relações interculturais poderão assentar na ausência duma escolha prévia, pois poderão ser fruto de encontros fortuitos. Bandura (1982) afirmou que, a nível individual, os encontros fortuitos são situações poderosas, as quais podem influenciar as escolhas ao longo da vida. Tendo em conta o modelo de Rudmin (2009), o encontro fortuito não implica qualquer decisão de utilidade porque a aventura é uma motivação intrínseca. Para além do mais, na cultura portuguesa, a aventura funciona como uma ideologia consensual, a qual afirma que os portugueses são capazes de se adaptarem a todas as culturas (Cordeiro, 1999c).

No presente capítulo, o segundo item das motivações aculturativas é a decisão de utilidade, a qual funciona mediante a decisão entre os custos e os benefícios para estabelecer e manter uma relação intercultural (ver figura 16). As motivações foram introduzidas acima, relacionando a aventura (encontro fortuito) com as atitudes culturais. Nos capítulos de Tanegashima, depois do primeiro encontro, a relação funciona através da atividade comercial e mediante a mera curiosidade mútua. Assim sendo, a relação é conduzida pelas decisões de utilidade em ambos os grupos culturais. A atividade comercial é uma motivação extrínseca e não necessita de qualquer preferência ou atitude para se iniciar. Os japoneses são descritos como sendo curiosos, propensos a coisas novas e regidos pelo pensamento racional: “. . . esta nação japoa é a mais sujeita à razão que todos os outros gentios daquelas partes . . .” (Pinto, 1989, p. 232). No lado cultural japonês, o adquirir novidades ou novas informações foi reportado como sendo mais importante que a atividade económica:

. . . amanhã me ide ver a minha casa, e me levai um grande presente de novas desse grande mundo por onde andaste e das terras que tendes visto e como se chamam, porque afirmo que essa só mercadoria comprarei mais a meu gosto que todas as outras. (Pinto, 1974, p. 83).

O comportamento de curiosidade em ambas as culturas poderá ser percebido como uma motivação intrínseca. A intenção japonesa era a de aprender coisas novas e desenvolver uma atividade comercial. Por parte dos portugueses, a motivação extrínseca também está presente, uma vez que esta motivação emerge no final do encontro de kagoshima, quando os portugueses voltavam para Liampoo (China), dizendo que os japoneses eram propensos ao comércio. Em consequência, o Japão foi percebido como um benefício mediante a decisão de utilidade. Nesta pequena cena, o livro funciona como um artefacto cultural para fornecer um modelo social e, quiçá, imitação social não apenas às pessoas que estavam a receber as notícias no livro, senão que também para aqueles que o liam porque percebeu o Japão como sendo rico e os portugueses capazes de viajarem e de estabelecerem relações interculturais com facilidade. O livro também funcionou como um artefacto cultural, pois os europeus estão a alargar as suas fronteiras culturais, alcançando a mítica ilha da prata, ou seja, o Japão. No capítulo de Tanegashima, é possível constatar a evolução da relação, as diferentes atitudes culturais e as motivações desencadeadas pelas decisões de utilidade em ambas as culturas. As motivações predominantes são a curiosidade e o comércio, a primeira é uma motivação intrínseca e a segunda é extrínseca. Contudo, a complexidade aumenta quando a análise de conteúdo abarca os capítulos designados de Francisco Xavier.

Depois do primeiro encontro, os portugueses tentaram estabelecer relações comerciais com o Japão e, seguindo os comerciantes, estavam os jesuítas, os quais se encontravam regidos pelo padroado português³⁶. Nos capítulos designados de Francisco Xavier, os japoneses mostram uma atitude “multicultural” (expectativa da maioria) porque os nobres japoneses forneceram permissão para se estabelecerem relações comerciais e para se espalhar a fé católica. Porém, do lado cultural português é mostrada uma atitude de assimilação (estratégia minoritária), a qual revela uma nova formulação na literatura da aculturação, pois trata-se duma minoria sem poder militar que tentou mudar uma maioria através de meios racionais e não mediante a força. A atitude “multicultural” japonesa não

³⁶ O padroado português trata-se dum acordo entre a Santa Sé e o Reino de Portugal, no qual o Vaticano delega aos reis de Portugal o controlo e a administração das igrejas locais (Lach, & Kley, 1998).

dispõe da concordância atitudinal portuguesa (Bourhis & Dayan 2004; Montreuil & Bourhis 2001; Montreuil, *et al.*, 2004; Piontkowski, *et al.*, 2002), uma vez que os portugueses preferem mudar e assimilar a cultura japonesa. O comportamento dos portugueses mostra uma lacuna no modelo de Berry, pois a transmissão cultural pode fluir em mais duma direção e o grupo minoritário pode preferir outra coisa mais do que a expectativa maioritária, ou seja, a integração (Piontkowski, *et al.*, 2002), sendo que as atitudes culturais de ambos os grupos não são concordantes. Os portugueses adquirem adaptação e manutenção cultural, mas eles estavam, ao mesmo tempo, a tentarem mudar a cultura japonesa. Tal como Rudmin (2003a, 2003b) escreveu, a escolha entre duas culturas resulta em dezasseis possibilidades e não apenas em quatro, tal como a tipologia de Berry (1997) formula. Entre os comerciantes portugueses, a atitude prévia mantém-se e não é moldada por qualquer preferência ou atitude cultural, senão que pelos benefícios da decisão de utilidade provenientes da atividade comercial. Para além da motivação comercial, a principal intenção era a de converter os japoneses, ou seja, ambas as motivações são extrínsecas. Desta forma, em ambas as culturas a relação intercultural e as atitudes culturais são regidas por diferentes interesses sociais ou por decisões de utilidade e diferentes motivações consoante cada classe social, revelando diferenças intergrupais e intragrupais.

No lado cultural português os jesuítas mostravam uma atitude de assimilação e os comerciantes portugueses um comportamento que não se adequa ao modelo de Berry, pois eles apenas estão abertos à relação, não revelando qualquer preferência pela cultura japonesa ou apreensão acerca da manutenção cultural da sua cultura, estando, portanto, a responder a apenas umas das questões do modelo de Berry (ver figura 1). Do lado cultural japonês as atitudes culturais e as motivações também estão mudando consoante a classe social, uma vez que alguns nobres japoneses mostravam uma atitude “multicultural” devido ao comportamento de suporte social face aos portugueses, porém a maioria dos religiosos japoneses mostram uma atitude de exclusão face aos jesuítas. Os religiosos japoneses estavam a perceber uma ameaça cultural a níveis simbólico e económico (Montreuil, *et al.*, 2004; Piontkowski, *et al.*, 2002), uma vez que:

E todo o tempo que o padre ali esteve, que foi quase um ano, sempre el-Rei lhe fez muitos favores dos quais os bonzos, que são os seus sacerdotes, se houveram por muito afrontados, e por muitas vezes lhe foram à mão, pela larga licença que dera para em sua terra se pregar uma lei que tanto contrariava as suas . . . (Pinto, 1989, p. 199).

Assim dispondo, não é possível perceber ambas as culturas como monolíticas (Matsumoto, 2002b) devido às diferenças intragrupo. A complexidade da aculturação aumenta quando se abarca os capítulos de Francisco Xavier. A tolerância japonesa detinha interesses económicos e políticos e o suporte social fornecido aos jesuítas poderá ser percebido como uma decisão de utilidade devido às guerras civis (Lafcadio, 1892) e à alta mobilidade social da sociedade japonesa daquela época (Kouamé, 2009): “When Nobunaga rose to power, he favoured the Jesuits in many ways . . . because he thought that their influence would be of service to him in his campaign against Buddhism.” (Lafcadio, 1892, p. 334). Para além do mais, os jesuítas também operavam como mediadores económicos (Higashibaba, 2001; Kato, 1990), o que aumenta a possibilidade de obterem suporte social por parte dos nobres japoneses.

Invertendo as posições de poder, isto é, colocando os portugueses como sendo o grupo cultural dominante, a motivação da aventura encontrada nos capítulos de Tanegashima corresponderia à expectativa “multicultural” porque os portugueses estão abertos à relação intercultural. Contudo, na obra nenhuma apreensão acerca da manutenção cultural foi encontrada. A atitude cultural japonesa seria de “integração”, contudo a mesma descrição poderá ser atribuída aos japoneses, uma vez que eles apenas estavam abertos ao contato intercultural. Em consequência, é possível mudar as posições sociais de poder entre ambas as culturas, porém não é possível alterar o contexto e as motivações e as decisões de utilidade.

A decisão de e de como estabelecer uma relação intercultural é moldada pelas fronteiras culturais de ambas as culturas (Barth, 1969; Bartlett, 1923). Nos capítulos de Tanegashima as fronteiras culturais não têm qualquer influência porque se trata dum encontro fortuito. No lado cultural português não é reportado qualquer conhecimento prévio acerca do Japão, excetuando o *Cipango* relatado por Marco Polo. No lado cultural japonês os nipónicos apenas sabiam que os portugueses estavam a viajar pelos mares. Durante o contato inicial, depois de estabelecerem a relação, a curiosidade e o obter informação (Rudmin, 2009) podem ser percebidos como uma tentativa de alargar as fronteiras culturais em ambas as culturas. Nos capítulos referentes a Francisco Xavier, as fronteiras culturais ganham importância, pois em Malaca (cidade que, hoje, faz parte da

Malásia), Francisco Xavier adquire informação acerca do Japão através dum comerciante português, ou seja, mediante Jorge Álvares³⁷ e ainda através dum nobre japonês, o qual se chamava Anjiro (Boxer, 1951; Kim, S., 2004; Nakai, 2003; Tolosana, 2005). Este último navegava junto de Jorge Álvares:

E depois que gastou connosco um pedaço do dia em perguntas curiosas . . . e tomar de nós as informações do que pretendia, ou do que mostrava que desejava saber de nós, lhe dissemos, sem sabermos das novas que ele já tinha disto, que ali na nao trazíamos dous japões, um dos quais, que parecia ser homem de conta, era muito discreto e muito entendido nas leis e seitas de todo o Japão, que sua reverencia folgaria de ouvir. (Pinto, 1989, p. 168).

Em consequência, a decisão de viajar e de estabelecer uma relação intercultural com o Japão foi realizada dentro das fronteiras culturais dos jesuítas (e europeias) e mediante a decisão de utilidade. Segundo a opinião de Francisco Xavier, o Japão é comparado com outros lugares asiáticos e aparece como sendo o sítio apropriado para disseminar a fé católica. As fronteiras culturais provêm do conhecimento prévio que cada grupo cultural dispõe e funcionam mediante avaliações, as quais estabelecem comparações através das categorias sociais. A fronteira cognitiva ou distância cultural (Triandis, 2008) também está presente e permite perceber semelhanças e diferenças culturais, por exemplo, os jesuítas percebem as universidades japonesas como sendo semelhantes às da Europa ocidental. No lado cultural japonês é reportado que os nobres japoneses tratavam Francisco Xavier como um padre budista. Em consequência, os japoneses percebiam os jesuítas de acordo com a sua cultura.

As avaliações realizadas através da distância cultural ou fronteira cultural (Bartlett 1923; Triandis, 2008) são importantes para desenvolver a relação, para a categorização da identidade étnica (Phinney & Ong, 2007), para a discriminação (Pettigrew & Meertens, 1995) e ainda para uma nova categoria que a análise de conteúdo encontrou, isto é, a argumentação ou a disputa racional, a qual é uma forma de aprender uma segunda cultura. As fronteiras culturais permitem estabelecer semelhanças com um sentido positivo ou negativo. Por exemplo, os religiosos japoneses acusavam Francisco Xavier de ter sido comerciante alguns séculos antes, o qual não faz sentido no interior da fé cristã, pois a reencarnação não existe nela, senão que uma alma individual e única. Do lado cultural

³⁷ Jorge Álvares (1960) escreveu um manuscrito acerca do Japão, o qual será, quiçá, a primeira descrição europeia acerca do Japão.

português ou europeu, os jesuítas desejavam alcançar conversões e para tal traduziram o catecismo católico, mas isso provocou equívocos interculturais (Grenham, 2005a).

Um outro item das motivações aculturativas é a identidade étnica (Rudmin, 2009). A identidade étnica é, em geral, dinâmica, multidimensional (Phinney & Ong, 2007) e é uma construção individual ao longo de toda a vida (Phinney, 2000). A identidade étnica constitui-se como sendo a identidade própria ou sentido do *self* enquanto membro dum grupo étnico (Phinney, 2003; Phinney, *et al.*, 2001). A identidade étnica, presumivelmente, muda com a aculturação porque, quiçá, a aculturação ainda signifique e é confundida com a assimilação (Teske & Nelson, 1974). Teske e Nelson (1974) afirmaram que a aculturação não requer mudar a identidade étnica, uma vez que esta é um requisito da assimilação e não da aculturação, ou seja, da aprendizagem intercultural. Esta última não necessita da aceitação grupal, mas, no caso da assimilação (ou do multiculturalismo), a aceitação grupal é essencial, uma vez que a discriminação é independente do processo da aprendizagem (LaFromboise, *et al.*, 1993). Tal como foi mostrado acima, a adaptação jesuíta à sociedade japonesa poderá não estar relacionada com qualquer mudança na identidade étnica, por exemplo, o padre Francisco Xavier abandonou a sua vida ascética e aprendeu a ostentar ricas roupas e modos de ser japoneses, na tentativa de adquirir suporte social dos nobres nipónicos. O comportamento do jesuíta implica mudar alguns traços culturais católicos e aprender a cultura japonesa, porém não envolve mudar a identidade étnica. Assim dispondo, a aprendizagem cultural pode ocorrer sem qualquer mudança na identidade étnica. Os japoneses e os portugueses encontravam-se abertos à relação intercultural, porém, ambos os grupos culturais não revelaram qualquer apreensão cultural acerca das suas mudanças culturais. Uma pessoa pode preferir uma cultura estrangeira, estar muito aculturado, mas não mudar a sua identidade étnica (Hutnik, 1986, 1991), tal como ocorre com Fernão Mendes Pinto. Como Lasry e Sayegh (1992) afirmaram, o modelo de Berry mede fenómenos distintos, pois a questão do contato cultural verifica os comportamentos e a questão da manutenção cultural está a verificar as atitudes ou as preferências culturais. Liu (2008), referindo-se ao seu próprio percurso de vida, afirma que não existe uma única orientação cultural, mas que elas variam consoante o contexto e o seu percurso de vida. Assim sendo, estabelecer contato intercultural com outra cultura e aprender essa mesma cultura não implicam mudar ou ser assimilado pela segunda cultura, tal como foi estabelecido pelo modelo da assimilação (Teske & Nelson, 1974) e, ainda que em menor grau, pelo modelo

multicultural. A aculturação é um fenómeno multidimensional e Horenczyk (1996) afirma que uma pessoa pode adotar a atitude de separação a nível marital, mas preferir a assimilação a nível do vestuário e a integração na alimentação, ou seja, as preferências culturais variam consoante os domínios aculturativos. Para além disso, a atitude de integração não resolve os conflitos psicológicos e os migrantes poderão adotar diferentes estilos cognitivos e comportamentos de utilidade consoante os domínios e os contextos (Bhatia, 2002a; Liu, 2008; Navas, *et al.*, 2005). O oposto também é frequente, ou seja, uma pessoa pode estar completamente aculturada ou até não pertencer a outra cultura, mas poderá não ser aceite pelo grupo dominante, tal como sucede com alguns afro-americanos (LaFromboise, *et al.*, 1998), nos Estados Unidos da América ou na Europa ou, no presente caso, dos católicos japoneses de origem nipónica, no século XVI. Em sociedades complexas e multiculturais (diferentes grupos culturais a viverem no mesmo espaço) mudar a identidade étnica pode revelar o desejo de ser aceite, colocando de lado a cultura prévia ou apenas a representação do Eu (Goffman, 1959) para adquirir aceitação grupal. Para além disso, uma pessoa pode assumir múltiplas identidades ao mesmo tempo, tal como ocorre, hoje, com as identidades globalizadas e cosmopolitas ou poderá ainda aprender facilmente segundas culturas, sem se identificar com nenhuma delas, estando próximo da atitude cultural da alternância (Benet-Martínez, *et al.*, 2002), sendo importante notar que Fernão Mendes Pinto releva um comportamento próximo da alternância.

A curiosidade japonesa acerca das novidades foi o principal comportamento de exploração, sendo que as cenas em torno do arcabuz são o paradigma disso. Os portugueses classificavam-se como sendo portugueses de Malaca e de Portugal. E os japoneses designam os portugueses de *Chenchicogis*. Nos capítulos de Francisco Xavier as conversões japonesas ao catolicismo foram a principal mudança. O comportamento de exploração foi revelado quando o primeiro convertido japonês - Anjiro - muda o seu nome para Paulo de Santa Fé. Na cultura portuguesa o alargamento das fronteiras culturais e as mudanças realizadas por Francisco Xavier são os principais comportamentos de exploração que conduzem à aprendizagem, mas não à mudança da identidade étnica. Aprender uma outra cultura pode tomar o sentido oposto do que mudar a identidade étnica, aumentando a perceção das diferenças culturais, tal como ocorre nas relações antagonísticas. Por exemplo, alguns religiosos japoneses estavam a aprender através da argumentação com Francisco Xavier. Neste caso, a argumentação não implicava mudar a identidade étnica japonesa, mas o oposto porque os jesuítas eram percebidos como rivais

pelos religiosos japoneses. O comportamento de exploração poderá surgir como uma forma de reação antagónica face à segunda cultura, podendo ainda ocorrer como comportamento de exploração e de reinterpretação da cultura original.

Finalmente, no modelo de Rudmin (2009), o último passo das motivações aculturativas pretendeu verificar a reação emocional nas situações de aprendizagem e se essas reações emocionais tomavam um sentido negativo (*distress*) ou positivo (*eustress*), tendo em conta as sete expressões faciais de Ekman e Friesen (1999, 2003a, 2003b; Matsumoto, 2002a; Keltner, Ekman, Gonzada & Beer, 2003; Matsumoto & Ekman, 1989; Matsumoto & Ekman, 2004), isto é, a alegria, a surpresa, o nojo, o medo, a tristeza, a raiva e o desprezo. Na temática da aculturação, o modelo de *coping* está, muitas vezes, apenas a focalizar a reação de *distress*. A aculturação é pensada como sendo prejudicial e é abordada em torno das minorias, o que estabelece um paradoxo no interior do modelo multicultural, pois este presume que o biculturalismo é uma atitude cultural salutar (Rudmin, 2009). Nos capítulos de Tanegashima, as emoções reportadas não obtêm um sentido negativo, senão que positivo, o qual está relacionado com a curiosidade enquanto aprendizagem aculturativa. A curiosidade melhora, inclusivamente, a saúde porque o rei do Bungo (região japonesa de Oita), o qual estava doente, reportou encontrar-se melhor e com apetite na presença dos três portugueses, interrogando-os acerca das novidades do mundo:

Mas já que largou os fechos à covardia, vamos adiante com as nossas perguntas. E ninguém fale nada, porque eu só quero ser o que lhe pergunte. Que vos afirmo que tenho gosto de falar com ele, em tanto que quiçá comerei daqui a pouco qualquer bocado, porque não sinto agora nenhuma dor em mim. (Pinto, 1974, p. 95).

A citação revela como as motivações podem moldar a avaliação emocional e ainda que a curiosidade desempenha um papel importante na aprendizagem duma segunda cultura. Nos capítulos dedicados a Tanegashima, a surpresa é a emoção predominante, a qual é seguida pela alegria. Nos capítulos de Francisco Xavier a surpresa é também a emoção predominante, seguida da alegria. Na Psicologia da Religião a fé é pensada como tendo um impacto benéfico na saúde mental (Argyle, 2000), uma vez que, presumivelmente, aumenta o sentido de autocontrolo (Pargament, 1997), por exemplo, Francisco Xavier, apesar das condições de vida penosas, reporta um sentido de

autoeficácia robusto (Bandura, 1999a, 2002a, 2003), sendo que as condições árduas, inclusivamente, lhe fornecem alegria.

O segundo estágio do modelo de Rudmin (2009) consiste na aprendizagem aculturativa, a qual implica o obter informação, a instrução, a imitação e o *mentoring*. A presente investigação acrescentou a argumentação e a curiosidade como formas de aprender uma segunda cultura. Em Kagoshima (capítulos de Tanegashima, Kagoshima é uma província e cidade do sul do Japão) o nobre japonês estava também muito curioso acerca das novidades, ou seja, ele queria saber todos os detalhes e o português respondeu-lhe, tentando satisfazer o seu desejo. Em consequência, a situação reporta o obter informação, no lado japonês, e o fornecer informação do lado cultural português, revelando a presença da curiosidade. O obter informação é também reportado no rei do Bungo, o qual era o mais importante nobre da região. O rei do Bungo exigiu do seu sobrinho (nobre de Kagoshima) a presença do português para o interrogar acerca das novidades: “. . . que tínheis nessa vossa cidade uns três *Chenchicogins* do cabo do Mundo . . . vos têm dado grandes informações . . . pelo que vos peço muito . . . me queirais mandar um desses três que me lá dizem que tendes . . .” (Pinto, 1974, p. 90). Na citação é possível observar dois tipos de aprendizagem aculturativa, isto é, o obter informação e a imitação mediante a observação, uma vez que o nobre queria observar o português. A imitação pode funcionar apenas através da mera observação, contudo opera, sobretudo, mediante os modelos sociais (Bandura, 1963, 1965, 2009; Bandura, *et al.*, 1961).

A instrução é também reportada porque o nobre japonês a exige ao português, ou seja, para lhe ensinar a fazer um medicamento para curar a doença do rei e aprender a usar o arcabuz. Esta situação implica instrução e, ao mesmo tempo, imitação mediante observação. Assim sendo, a instrução pode incluir a observação através da demonstração: “. . . lha ofereceu um dia . . . a qual ele aceitou por peça de muito preço . . . e lhe rogou muito que lhe ensinasse a fazer pólvora. (Pinto, 1974, p. 87). Em resumo, nos capítulos de Tanegashima diferentes tipos da aprendizagem aculturativas aparecem juntas em diferentes situações, porém o obter informação é a predominante.

O derradeiro capítulo do livro de Fernão Mendes Pinto fornece informações para as expedições futuras, podendo conduzir à imitação mediante os modelos sociais porque o

Japão é descrito como sendo rico e o capítulo mostra a plasticidade portuguesa para se adaptar às segundas culturas através da motivação intrínseca da aventura (Catz, 1981; Freyre, 1986). Nos capítulos de Francisco Xavier o obter informação funciona através da decisão de utilidade porque Francisco Xavier adquire informação a partir de Jorge Álvares e de Anjiro, antes de tomar a decisão de viajar até ao Japão. A instrução é reportada entre os jesuítas, uma vez que aprender as regras de cortesia japonesas e os seus costumes era usual, na tentativa de obter suporte social e de converter os nobres japoneses: “O padre lhe deu as graças conformes às muitas honras que dele recebia, da maneira que entre eles se costuma, que o irmão João Fernandez já lhe tinha insinado.” (Pinto, 1989, p. 299). É também reportado que um discurso religioso estava a ser preparado, o qual implicava saber como as religiões japonesas “funcionavam”³⁸. Por seu turno, a relação entre Francisco Xavier e Jorge Álvares ou Anjiro poderá ser entendida como *mentoring*, uma vez que este último é um processo dinâmico definido pelo comportamento de suporte social fornecido pelo mentor a um outro indivíduo, sendo que o suporte social está assente numa relação única e assimétrica de poder. Contudo, o *mentoring* é uma relação de aprendizagem recíproca (Eby, *et al.*, 2007). Assim sendo, o comportamento de suporte social facultado pelo nobre também poderá ser entendido como *mentoring*. O principal comportamento de aprendizagem, o qual reporta a adaptação cultural dos jesuítas, é fornecido por Francisco Xavier, pois ele abandona a sua mentalidade ascética e veste ricas vestimentas, tal como um religioso japonês, para alcançar o suporte social do nobre. Portanto, na relação intercultural os diferentes tipos de aprendizagem aculturativa podem aparecer juntos, pois nos nobres japoneses o obter informação termina em suporte social e ainda em *mentoring*. Por outro lado, a argumentação ou a disputa racional típica dos jesuítas aparece junta com o obter informação em ambas as culturas.

O terceiro estágio do modelo de Rudmin (2009) é constituído pelas mudanças a nível individual. Na cultura japonesa, as mudanças mais visíveis são a reprodução do arcabuz e as conversões religiosas. Na cultura portuguesa o obter informação e o ter “encontrado” o Japão, o qual era percebido como rico e propenso para ser convertido, foram as maiores mudanças, pois a cultura portuguesa acrescentou informação acerca duma cultura diferente, alargando as suas fronteiras culturais e aprendendo características da cultura japonesa.

³⁸ Anjiro forneceu informação acerca das religiões japonesas e ele traduziu e escreveu o primeiro catecismo católico japonês.

Por fim, no modelo de Rudmin (2009), a discriminação e o estatuto socioeconómico são tratados como variáveis de controlo porque aquelas variáveis podem influenciar o processo de aculturação, mas não são aculturação de *per si*. As diferenças nas características físicas estão reportadas, contudo elas não conduzem a qualquer comportamento ou percepção de discriminação. Alguns nobres japoneses preferiram os jesuítas e isto causou uma reação antagónica nos religiosos japoneses, os quais apelavam ao retorno da “tradição” (Pettigrew, 1998a), no sentido de reestabelecer a ordem social prévia, uma vez que estavam a tentar evitar as mudanças social e cultural. Esta situação conduziu a conflitos entre os nobres e os religiosos japoneses. Portanto, a um conflito intracultural e à discriminação dos jesuítas.

No estatuto socioeconómico, a presente investigação pretendia, em primeiro lugar, saber se as regras sociais detinham alguma influência na relação intercultural e nos processos de aprendizagem. Assim dispondo, as regras sociais aparecem desde o início da relação, moldando a mesma, pois existia uma regra acerca de como pagar para ancorar no Japão. Outra forma de estabelecer boas relações é dar e receber bens. A oferta é estudada na Antropologia porque as relações sociais, presumivelmente, requerem a obrigação da reciprocidade (Mauss, 2002; Sykes, 2005). O fornecer informação deverá ser incluído na troca de bens ou de artefactos. Assim sendo, juntar e fornecer informação é percebido como muito importante. A atividade de angariar informação é, por vezes, percebida como sendo mais importante do que o comércio, situação que é reportada num nobre japonês. Todas estas formas de trocas culturais podem ser percebidas como uma forma de estabelecer, de melhorar a relação e ainda de adquirir aceitação social. Em consequência, a relação intercultural é estabelecida mediante os custos e os benefícios, isto é, sob decisões de utilidade. Após isto, as regras sociais japonesas foram aprendidas: o ser educado, isto é, por exemplo, fazer os cumprimentos típicos dos japoneses foi também uma forma de estabelecer a relação. Em resumo, as regras não escritas moldam a mera relação intercultural sob as decisões de utilidade em ambas as culturas. Ainda no estatuto socioeconómico (Rudmin, 2009), Francisco Xavier mudou o seu comportamento tipicamente católico e a sua representação do Eu (Goffman, 1959), no sentido de obter suporte social dos japoneses, implicando aprendizagem aculturativa motivada.

15.7 Notas finais

Em resumo, a relação intercultural entre o Japão e Portugal revela um processo de aculturação com dois sentidos sob uma relação antagónica e é conduzido por decisões de utilidade e por fortes motivações em ambas as culturas em contato intercultural. As formas de aprendizagem duma segunda cultura propostas por Rudmin (2009) estão todas presentes, sendo que podem emergir juntas. A presente investigação acrescentou a argumentação, a viagem ou a disputa racional e a curiosidade como formas de aprendizagem duma segunda cultura. As atitudes de Berry (1997, 2001) ou as suas preferências culturais não são congruentes com esta narrativa histórica. A identidade étnica é revelada como sendo dinâmica, complexa, multidimensional e independente da aculturação. Esta última não ameaça a saúde, uma vez que a maioria das emoções ganhou um sentido positivo relacionado com o *eustress*, em detrimento do *distress*. A discriminação funciona através das decisões de utilidade, pois os religiosos japoneses revelaram um claro antagonismo face aos jesuítas. O estatuto socioeconómico desempenha um papel importante através das decisões de utilidade em ambas as culturas, moldando o comportamento, e fornecendo aprendizagem cultural, sendo que esta opera mediante as decisões de utilidade. Na presente investigação, o capítulo referente a Fernão Mendes Pinto é útil para contextualizar e para explorar a cultura portuguesa da aculturação e para revelar a aculturação como um processo de aprendizagem com dois sentidos marcado pelas motivações. O livro conduziu a presente investigação até aos trabalhos de Freyre (1986) e de Luís de Fróis porque no último é reportado como uma minoria aprende uma segunda cultura, na tentativa de mudar a cultura maioritária, mostrando como a literatura da aculturação dominante não se adequa ao contexto cultural português, pois uma cultura europeia é reportada a aprender uma segunda cultura, sendo motivada por motivações robustas e não apenas pelas atitudes ou preferências culturais, sendo que a relação intercultural estabelecida é antagónica. A descrição do trabalho empírico prossegue com o capítulo dedicado à extensa *Historia do Japam* de Luís de Fróis.

16. Aculturação em Luís de Fróis

16.1 Introdução

O presente capítulo pretende ser uma breve descrição do contexto histórico português da aculturação ocorrido no Japão. No capítulo quinze, dedicado à obra de Fernão Mendes Pinto não foram enunciadas hipóteses de trabalho, pois as hipóteses foram estendidas e incluídas até ao presente capítulo. Os dois objetivos fundamentais da presente investigação estão ambos implicados e interligados neste capítulo, no entanto o segundo objetivo, isto é, o abordar a aculturação como um processo de aprendizagem recíproca ganha ênfase. Assim dispondo, o presente capítulo corresponde à primeira hipótese de trabalho, ou seja, de que o discurso histórico português acerca da aculturação não se adequa ao discurso acerca da aculturação da cultura anglo-saxónica, nem se adequa ao modelo multicultural da aculturação (Berry, 1974, 1997). Na presente investigação, presume-se também que o contexto histórico português seja próximo das dimensões do modelo de fusão devido à conceptualização luso-tropical de Gilberto Freyre (1986), o que corresponde à segunda hipótese de trabalho, uma vez que o luso-tropicalismo e o modelo de fusão são caracterizados pelas misturas culturais e pela aprendizagem mútua entre as diferentes culturas. Esta última hipótese foi dividida em várias, as quais são abordadas no presente capítulo. Assim dispondo, na H 2.1 é suposto que no discurso histórico português acerca da aculturação, isto é, nas obras literárias em análise, as motivações condicionam as atitudes culturais e o processo de aprendizagem, tal como Rudmin propõe (Rudmin, 2009). É ainda suposto que as atitudes culturais sejam distintas consoante os grupos interculturais (português e japonês), mas que também se assista a uma diferenciação intragrupal nos dois grupos culturais, correspondendo à H 2.2.

16.2 Aculturação enquanto inculturação

A Igreja Católica Romana designa de inculturação ao fenómeno de aculturação com dois sentidos de influências mútuas (Arbuckle, 2010; Edward, 2006; Grenham, 2005a, 2005b, Mase-Hasegawa, 2008). A relação entre a Psicologia e a Religião está madura e

tem obtido contributos de alguns dos mais influentes psicólogos, tais como de James (2002), de Allport (1942b) e de Vergote (1978). A relação dos jesuítas com o Japão implica um processo com dois sentidos de influências aculturativas. Contudo, foi apenas durante o Concílio Vaticano II (1962-1965) que a Igreja Católica Romana afirmou, em definitivo, que a realidade religiosa é diversa e que a fé católica não se encontra ligada a uma cultura específica (Grenham, 2005a). O proclamado pluralismo da igreja católica implica uma política de adaptação cultural face às diferentes culturas. Na Companhia de Jesus, o conceito de inculturação foi aceite de modo formal depois da 32ª Congregação Geral (1974-1975). No entanto, a Companhia de Jesus foi criada, em 1540, e um dos primeiros jesuítas a “fazer” aculturação foi Francisco Xavier, no Japão, em 1549 (Costa, J. P. O., 1999; Lach & Kley, 1998; Lacouture, 1995).

No império português o podere político e o religioso estavam ligados devido ao padroado português, no qual a Igreja Católica Romana estava sob a administração e a proteção da coroa portuguesa (Lach & Kley, 1998). Durante o padroado português, a aculturação dos jesuítas aprofundou-se com Matteo Ricci (1552-1610), o qual foi um jesuíta italiano, na China (Grenham, 2005a; Lach & Kley, 1998; Ollé, 2008; Pina, 2001; Üçerler, 2004), e, no Japão, com Alessandro Valignano (Mase-Hasegawa, 2008) e através doutros padres jesuítas como Gnegchi-Soldo Organtino ou Luís de Fróis (Ribeiro, M., 2007). Todos eles estavam a enfatizar algumas características católicas, contudo eles estavam a “abandonar” outras características (Mase-Hasegawa, 2008), alcançando adaptação cultural à cultura japonesa. Por exemplo, no Japão, o padre Valignano havia recomendado uma atitude Zen aos padres católicos (Costa, J. P. O., 1999; Üçerler, 2004).

Os Jesuítas também fizeram adaptação cultural noutras partes do mundo. Vieira A, [António] (2008) refere-se às misturas culturais e à aprendizagem mútuas em Cabo Verde. No Brasil, Manuel da Nóbrega (1517-1570) estabeleceu uma missão jesuíta, em 1549. No mesmo país, outro famoso jesuíta foi José de Anchieta (1534-1597), o qual ensinava latim aos nativos da América do Sul e aprendia a língua Tupi, compilando um dicionário de tupi-português e ainda uma gramática da língua Tupi. No Brasil, a língua Tupi foi a língua franca, sendo falada nas cortes do Rio de Janeiro, até que o responsável pelo governo português, isto é, Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782) levou a cabo a expulsão dos jesuítas, em 1759 (Zwartjes, 2011). Assim sendo, a língua Tupi era aprendida pelos

europeus e pelos seus descendentes (Veríssimo, 1887). No Japão, João Rodrigues (1558-1633) também elaborou uma gramática e um dicionário, tendo sido ajudado por Luís de Fróis (Zwartjes, 2011).

No Japão, em 1587, o *xogun* Toyotomi Hideyoshi (1536 ou 1537-1598) publicou a primeiro édito de expulsão dos cristãos (Kim, S., 2004; Mase-Hasegawa, 2008). A relação entre os portugueses e os japoneses era antagónica, e a cultura de adaptação conduziu a problemas culturais em ambas as culturas. Na cultura europeia as apreensões emergiram devido às mudanças em algumas das características culturais católicas (Arbuckle, 2010; Oka, 2006; Pinto & Pires, 2005). Na cultura japonesa a aculturação levantou também intensos e trágicos conflitos intergrupais e intragrupais.

Apesar da relação entre o Japão e Portugal ter sido antagónica, a experiência no extremo oriente foi única, pois a relação intercultural não foi estabelecida através da guerra e não se assistiu a uma relação colonial. A avaliação jesuíta acerca das culturas chinesa e japonesa era positiva. O extremo oriente era percebido como sendo “desenvolvido” (Costa, J. P. O., 1999; Vitorino, 1998), face a outras partes do mundo. A avaliação dos jesuítas acerca do extremo oriente foi realizada dentro das suas fronteiras culturais, as quais se caracterizam pelas ideias universalistas, pela valorização da experiência direta, o qual implica uma posição ativa e comprometida nos novos ambientes culturais (Santos, J. M. D. L. P., 2011), e ainda se caracteriza por avaliar de modo positivo o pensamento racional: “O P. Visitador: . . . se determinou que não se fizesse caza sem se fazer primeiro nelles solido fundamento de espirito e religião.” (Fróis, 1982, p. 163). Os japoneses foram descritos como sendo curiosos (Lacouture, 1995) e regidos pelo pensamento racional (Rubiés, 2002). Portanto, o Japão seria, segundo a avaliação jesuíta, a cultura perfeita para espalhar a fé católica (Üçerler, 2004). O pensamento racional é descrito em Fróis como o núcleo da alma, após a morte: “. . . há duas maneiras de vida, animal e outra intellectual . . . Porem a vida intellectual . . . fica isto a que chamamos alma racional intacta e em sua perfeição por então estar mais livre . . .” (Fróis, 1982, pp. 288-289). O padre Francisco Xavier pensava que os nativos americanos e os indianos disponham de almas porque eram regidos pelo pensamento racional (Kouamé, 2009). Assim dispondo, o pensamento universalista dos jesuítas permitiu perceber semelhanças

culturais, ou seja, perceber a cultura japonesa como sendo semelhante às culturas europeias (O'Malley, 1993).

De acordo com Pina-Cabral (2003), a percepção das semelhanças culturais, por exemplo, na *Historia do Japam* (Fróis, 1976, 1981, 1982, 1983, 1984), permite estabelecer a comunicação básica entre as culturas, a qual conduz à troca cultural, ou seja, à aculturação. Lévi-Strauss (1998) escreveu que o pequeno livro de Fróis (1993a, 2001) acerca da comparação entre a Europa e o Japão, mostra uma imagem invertida, tal como num espelho, pois as diferenças entre ambas as culturas são, na verdade, semelhanças, as quais permitem uma compreensão mútua. De acordo com Berry, *et al.* (2002), o melhor trabalho do legado da literatura intercultural foi retratado por Hallowell, em 1946, o qual abarca a vida dos jesuítas, no Canadá. Os trabalhos literários dos jesuítas também levantaram interesse num psicólogo social japonês, isto é, em Okada Akio (Kato, 1990).

Costa J. P. O. (1999) descreveu as seguintes razões para explicar a aprendizagem dos jesuítas no Japão, isto é, o isolamento geográfico do Japão, o qual implicou a não proteção militar e política das autoridades portuguesas, permitindo a prática de políticas de adaptação cultural heterodoxas. A carência de missionários europeus, a qual permitiu a introdução dos irmãos japoneses (Dojokus), e, finalmente, de padres japoneses: “. . . pela grande necessidade em que Japão estava de obreiros . . . ” (Fróis, 1982, p. 133). Em 1554, é admitido o primeiro japonês na Companhia de Jesus (Miranda & Albuquerque, 2007). A última razão fornecida por Costa assenta na avaliação europeia acerca da instabilidade da sociedade japonesa, ou seja, os jesuítas obtiveram vantagens da divisão entre os nobres japoneses e entre estes e o clero japonês, isto porque os monges budistas lutavam contra Nobunaga³⁹ e o *xogum* preferiu os cristãos (Lafcadio, 1892; Moran, 1993). Fróis na *Historia do Japam* (1983) também escreveu que as divisões entre os japoneses favoreciam os jesuítas. Fróis fornece ainda uma outra razão, isto é, a religião politeísta japonesa, pois esta era percebida como sendo mais fácil de converter devido à sua suposta falta de coesão social e aos baixos níveis de apreensões com as mudanças culturais: “Grande couza foi em Japão, para nosso intento, haver diversidade de seitas e opiniões contrarias . . . porque, se todos estiverão fechados e unanimes em hum só culto e adoração, fora difficultozissimo

³⁹ Oda Nobunaga (1534-1582) foi o primeiro *xogum* a unificar o Japão, precedendo a Toyotomi Hideyoshi (1536-1598) e a Tokugawa Ieyasu (1543-1616).

fazê-los capazes de receber e admitir nossa doutrina.” (Fróis, 1981, p. 16). Hoje, os académicos japoneses percebem as missões católicas como programas nacionais. Portanto, as conversões portuguesas e espanholas ganham um sentido de conquista. Assim sendo, a expulsão das missões católicas do Japão ganha contornos políticos em ambas as culturas em contato intercultural (Higashibaba, 2001; Kato, 1990; Lafcadio, 1892). Portanto, a aprendizagem dos jesuítas ganha um sentido de utilidade (Rudmin, 2009).

16.3 Vida de Luís de Fróis

Luís de Fróis (1532-1597) nasceu em Lisboa, entrando para a Companhia de Jesus com dezasseis anos de idade, sendo que, em 1548, e apenas um mês mais tarde, viaja para Goa (Índia). Em Goa, fez os seus estudos, revelando, antecipadamente, as suas competências literárias aos seus superiores jesuítas. Em 1554, Fróis viaja para o Japão com Fernão Mendes Pinto, mas acaba por ficar em Malaca, regressando, mais tarde a Goa. Nesta última cidade prossegue os seus estudos. Finalmente, em 1563, viaja e chega ao Japão, onde apenas existiam dois padres jesuítas. Em Hirado⁴⁰ aprende a língua e a cultura japonesas e prega a fé católica junto do padre João Fernandez. Entre 1565 e 1576, vive em Quioto, ou seja, na mais influente cidade do Japão. Em Quioto, ele e o padre Gaspar Vilela (1526-1572) estabeleceram relações próximas com o principal nobre japonês, isto é, Nobunaga, adaptando a cultura e os costumes locais:

Para o qual foi eligido o Padre Gaspar Vilela, . . . por ser naturalmente bem disposto para poder com o pezo dos trabalhos, e ser de boa fisionomia para os Japões; . . . já naquelle tempo falava a língua, e escrevia nella alguma couza . . . e em sua conversação e modo de proceder era mui afeito aos Japões. (Fróis, 1976, p. 137)

Mais tarde, o padre visitador A. Valignano aprovou o processo de aprendizagem da cultura japonesa. Entre 1579 e 1581, Fróis trabalha como tradutor para A. Valignano. Em 1592, regressa a Macau (China), voltando para o Japão, em 1595, falecendo, na cidade de Nagasaki, em 1597, com 65 anos de idade.

⁴⁰ Hirado é uma cidade da região de Nagasaki, no Japão .

16.4 *Historia do Japam*

A *Historia do Japam* foi encomendada por A. Valignano a Luís de Fróis, em 1583. Fróis começou a escrever o manuscrito em 1585, acabando-o em 1594. Contudo, o manuscrito foi colocado de lado, pois, segundo A. Valignano, era demasiado difuso e prolixo para funcionar como uma ferramenta aculturativa, no sentido de adquirir suporte social da Europa e para funcionar como um manual de aprendizagem intercultural para os demais jesuítas:

. . . escreverei mui particularmente as couzas que tem escritas em seos livros, porque . . . determino . . . de hir onde está o rey e depois de ter experiencia do que lá há, escreverei pelo miúdo assim à India, como aos do collegio de Coimbra e de Roma, e de todas as universidades, principalmente, à de Pariz, para lhes lembrar que não vivão em tanto descuido, fazendo tanto fundamento de letras, descuidando-se das ignorâncias dos gentios. (Fróis, 1976, pp. 19-20)

Em 1744, o padre jesuíta Montana envia o manuscrito de Macau para Lisboa, contudo a maior parte do manuscrito esteve espalhado ou perdido até 1895. O vasto manuscrito é apenas publicado pela primeira vez, em 1926, na Alemanha e, no Japão, uma segunda edição é feita, no ano de 1938. A edição portuguesa apenas toma forma em 1976.

A *Historia do Japam* está escrita em forma de anais, isto é, está organizada de ano a ano, e a versão em língua portuguesa encontra-se dividida em cinco livros. A relação intercultural entre os jesuítas e a cultura japonesa inicia-se, em 1549, com a chegada do padre Francisco Xavier ao Japão. Fróis escreveu que a sua intenção era a de descrever objetivamente os factos e, hoje, o manuscrito é utilizado como uma fonte fundamental de conhecimento histórico acerca da cultura japonesa e da relação entre os jesuítas e a cultura nipónica. Fróis emprega diversas fontes para escrever o livro, ou seja, a sua própria experiência enquanto membro muito ativo dos jesuítas, sendo que ele foi também tradutor dos mais relevantes jesuítas e dos nobres japoneses, em Quioto. Ele também empregou cartas de outros padres jesuítas, tais como as de Francisco Xavier, as de Francisco Cabral ou as de Luís de Almeida. Finalmente, fontes orais foram também utilizadas na escrita da obra. Para além da *Historia do Japam*, o legado de Fróis é composto por cartas, um livro acerca da embaixada japonesa a Roma (Fróis, 1993b) e um pequeno, mas extraordinário livro (Fróis, 2001), no qual estabelece uma comparação entre a cultura europeia e a

japonesa, a qual é considerada por Lévi-Strauss (1998) como sendo uma verdadeira descrição antropológica duma cultura distinta da europeia.

16.5 *Historia do Japam* nos modelos de Rudmin e de Berry

A análise de conteúdo realizada nesta tese à *Historia do Japam* pretendeu, sobretudo, cumprir o segundo objetivo geral, isto é, abordar a aculturação como um fenómeno de aprendizagem recíproco, porém o primeiro objetivo geral também foi abarcado no presente capítulo, uma vez que o contexto português da aculturação é caracterizado por reportar aprendizagem recíproca, podendo ser contextualizado e explorado enquanto tal. Portanto, ambos os objetivos gerais estão interligados.

No presente capítulo são aplicados os mesmos códigos do que na análise de conteúdo realizada à obra de Fernão Mendes Pinto, ou seja, uma versão adaptada do modelo de Rudmin (2009), o qual é descrito no capítulo número quatro dedicado ao referido modelo. Neste presente capítulo dedicado a Fróis, os códigos aplicados na análise de conteúdo não estão a aparecer na ordem mostrada em anexo (ver em índice anexo, no ponto seis).

A primeira tarefa da análise de conteúdo foi a de verificar como o modelo de Berry funcionava no manuscrito, tendo em consideração as duas questões principais de Berry (1997), ou seja, as atitudes culturais, as quais se constituem como o elemento inicial do primeiro estágio do modelo de Rudmin (2009), isto é, das motivações aculturativas. As duas dimensões ou questões do modelo de Berry (1997) são as seguintes: é considerado de valor manter a identidade cultural e as características culturais? E a segunda questão consiste em: é considerado de valor manter relações com outros grupos? A preferência intercultural fornece quatro estratégias de aculturação atribuídas à escolha minoritária: a integração, a assimilação, a separação e a marginalização, os quais podem ser vistos na figura um, tendo sido, anteriormente, abordado no capítulo número três.

Dimensão 1. É considerado de valor manter a identidade cultural e as características culturais?		
Dimensão 2: É considerado de valor manter relações com outros grupos?		SIM
		NÃO
	SIM	INTEGRAÇÃO
	NÃO	SEPARAÇÃO
		MARGINALIZAÇÃO

Figura 1, As estratégias da aculturação da minoria. Fonte: Berry (1997)

Manutenção cultural e identidade Minoria		
Contacto Intercultural Maioria		Gosto
		Não gosto
	Gosto	Multicultural
	Não gosto	Segregação
		Exclusão

Figura 2, As expetativas da aculturação da maioria. Fonte: Berry (2001)

Tal como é observável acima, na figura dois são incluídos as expectativas da maioria, contudo a posição da maioria no modelo multicultural de Berry (2001) é neutra, pois à maioria apenas são atribuídas as expetativas de como a minoria se deverá adaptar.

Na relação intercultural descrita por Luís de Fróis na *Historia do Japam*, a principal atitude (estratégia da minoria) da cultura portuguesa seria a assimilação, uma vez que os jesuítas tentaram, aparentemente, assimilar a cultura japonesa. Os jesuítas estavam a aprender a cultura japonesa, porém não “esqueciam” a sua cultura. A minoria portuguesa não prefere a atitude da integração (ver figura 1), senão que tenta mudar e, quiçá, assimilar a cultura maioritária japonesa. Assim sendo, o modelo de Berry (1974, 1997, 2004) não se adequa na relação intercultural entre os jesuítas e a cultura japonesa, uma vez que o modelo de Berry pressupõe uma relação de poder, a qual faculta uma posição neutra à maioria e uma posição passiva à minoria, no sentido de mudar a cultura maioritária, pois à cultura minoritária apenas cabe adaptar-se à cultura maioritária, mantendo, no entanto, ao mesmo tempo, a sua cultura, sendo que a cultura da maioria não irá mudar com as

influências da cultura minoritária. Portanto, no modelo de Berry (1997) a interação intercultural faz-se apenas na dita sociedade alargada.

Invertendo as posições e colocando os jesuítas como sendo a maioria e a cultura japonesa como sendo a minoria, portanto, atribuindo aos jesuítas as expectativas maioritárias de Berry (2001). A expectativa maioritária dos jesuítas poderia tomar duas formas, ou seja, o *pressure cooker* e o *melting pot*⁴¹ (ver figura 2). Contudo, a análise de conteúdo revelou-se mais complexa e útil, pois o *pressure cooker* e o *melting pot* são ambos visíveis na relação intercultural entre a cultura portuguesa e a japonesa. Assim dispondo, o *pressure cooker* seria a palavra mais correta se a análise se centrasse na abordagem do padre jesuíta Francisco Cabral (1529-1609) à cultura japonesa, o qual foi um dos padres superiores no Japão. O padre Francisco Cabral apenas pretendia ter suporte social dos nobres japoneses, sendo que ele não desejava aprender a cultura japonesa para atingir os seus objetivos. A atitude de Francisco Cabral revela uma grande apreensão com as mudanças na cultura católica (Bourhis, *et al.*, 1997). Ele pretendia mudar a cultura japonesa, mantendo a europeia intocada e a avaliação que faz acerca da cultura japonesa é negativa, pois pretendia que os japoneses: “. . . se regessem e governassem com as leys e costumes de Europa . . .” (Fróis, 1982, p. 38). O modelo da assimilação implica o lento abandono da cultura original e a aprendizagem da segunda cultura é apenas atribuído à cultura minoritária (ver eixo na figura 7.1). A maioria irá absorver a cultura minoritária por domínios ou camadas e se alguma mistura ocorrer ela não será reportada, até porque a assimilação é esperada ocorrer como um resultado futuro (ver eixo na figura 10), criando um *pressure cooker*. Contudo, no Japão, o mais proeminente padre foi o jesuíta A. Valignano (Valignano, *et al.*, 1992) e o *pressure cooker* do modelo da assimilação não é a palavra apropriada porque os jesuítas estavam a fazer adaptação e ajustamento culturais à cultura japonesa: “Deixou mais o P. Visitador ordenado o modo que havíamos de ter acerca dos costumes e cerimoniais, e maneira de proceder da terra, couza muito desejada dos mesmos japões, para . . . nos podermos melhor conformar com elles . . .” (Fróis, 1982, p. 177).

⁴¹ Como já foi referido, anteriormente, o *menting pot*, na presente investigação, é atribuído ao modelo de fusão e não ao modelo da assimilação (Simons, 1901a).

Para além do mais, a cultura japonesa era a maioritária e não a minoritária. A adaptação dos jesuítas implicava aprender a cultura japonesa, isto é, uma segunda cultura, implicava ainda levar a cabo misturas culturais, sendo que as influências mútuas ainda, hoje, persistem. Os cristãos escondidos ou *kakure kirishitan*⁴² (Üçerler, 2008) são o exemplo do afirmado. Assim sendo, a relação entre o Japão e Portugal encontra-se próxima do modelo de fusão e do *melting pot*. Se os jesuítas pretendiam assimilar a cultura japonesa, não deixando qualquer vestígio da cultura original ou se pretendiam apenas fazer misturas culturais, ou seja, uma terceira e nova cultura, é difícil de assegurar, hoje. Contudo, as trocas interculturais resultaram numa cultura de fusão, alargando as fronteiras culturais e as diversidades internas de ambas as culturas. Simons (1901b) escreveu que alguns impérios fizeram misturas culturais e adaptação cultural no sentido de dominar uma outra cultura. Alexandre III da Macedónia, também designado de Alexandre o Grande, foi um deles. De acordo com Simons (1901a), a aculturação não é apenas uma questão de “misturar sangues” ou de imposição cultural, senão que um fenómeno psicológico e cultural, uma vez que requer a elaboração dum sentido grupal e identitário comum e requer também reportar as influências culturais de ambas as culturas.

Assim sendo, a principal diferença do discurso histórico português face à literatura dominante é que uma minoria (portuguesa e europeia) tentou mudar uma maioria, ou seja, a cultura japonesa, fazendo e reportando, inclusivamente, aprendizagem intercultural, na tentativa de mudar a cultura japonesa, mas terminando por fazer misturas culturais através de fortes motivações e sob relações interculturais antagonísticas. A aculturação dos jesuítas à cultura japonesa era altamente motivada. Os jesuítas enquanto europeus e minoria revelaram um padrão aculturativo com dois sentidos para atingirem os seus propósitos:

. . . porque como os costumes e cerimoniaes desta terra são tão diferentes e contrarios dos que se uzão em Europa, e athé agora não tinhamos huma certa ordem que houvessemos de guardar acerca delles, alem de isto cauzar nos costumes e modo de tratar com elles, se seguião outros inconvenientes mayores ficando muitas vezes offendidos, e cauzando-se huma certa divizão de animos e perda de muito fructo pela contrariedade que havia dos nossos e dos seus costumes. Pelo que se ordenou que de todo se procedesse em nossas cazas conforme ao modo proprio e acostumado de Japão, fazendo-se para este effeito huns avizos nos quaes podessem todos aprender os costumes e forma de proceder . . . (Fróis, 1982, p. 178).

⁴² Devido às perseguições e após a rebelião de Shimabara, em 1638, os católicos japoneses passam à clandestinidade, são os cristãos escondidos (*kakure kirishitan*), os quais revelam uma cultura sincrética.

Uma outra consequência da aculturação realizada pelos jesuítas é as diferenças intragrupais, as quais tiveram lugar, inclusivamente, num grupo cultural tão organizado e motivado como os jesuítas, pois Cabral e Valignano propõem posições aculturativas distintas. Assim sendo, as generalizações são difíceis de levar a cabo a partir dum único grupo cultural (Matsumoto, 2002b; Matsumoto & Yoo, 2006). A adaptação dos jesuítas às culturas do extremo oriente, ou seja, à chinesa e à japonesa provocaram a controvérsia dos ritos chineses (Minamiki, 1985), o qual dividia os próprios jesuítas, mas, sobretudo, os Jesuítas face aos dominicanos porque os últimos eram contrários à aprendizagem das culturas locais, apontando para a H 2.2 acerca das diferenças intergrupais, mas também intragrupais. Outra consequência da aculturação dos jesuítas é que as atitudes culturais são regidas pelas motivações, apontando para a hipótese de trabalho H 2.1, tal como já tinha sido abordado no capítulo quinze acerca da obra de Fernão Mendes Pinto.

Na cultura japonesa a estratégia minoritária seria a “integração”. Contudo, a palavra “integração” (ver figura 1) não é a apropriada, uma vez que os japoneses eram a maioria que disponha do poder militar e político. Invertendo as posições de poder, isto é, colocando a cultura japonesa como sendo a maioritária, a atitude seria a expectativa “multicultural” (ver figura 2), pois os japoneses estavam abertos à relação intercultural. Contudo, a *Historia do Japam* apenas responde à segunda questão do modelo de Berry, isto é, se é considerado de valor manter relações com outros grupos (ver figura 1).

Em futuras investigações, a atual investigação sugere que a primeira questão do modelo de Berry deverá também abarcar as mudanças e não apenas a manutenção cultural, pois a questão da manutenção cultural pressupõe que a cultura da minoria irá mudar ou até ser assimilada com o incremento do contato cultural, isto é, com a segunda questão, ou seja, o aumento do contato cultural é suposto assimilar a cultura própria, sendo que apenas poderá ganhar sentido se for perguntado acerca das mudanças culturais, pois é o está pressuposto no modelo de Berry (1997). Para além do mais, as mudanças poderão abordar diferentes domínios e não apenas a diferença entre o domínio público e o privado, mas também os núcleos ditos duros da cultura, pois, segundo Marín e Gamba (2003), as mudanças nos valores fundamentais são escassamente abordados na Psicologia

Intercultural. Usualmente, a investigação gira em torno das preferências culturais ou das atitudes e não em volta dos valores fundamentais duma determinada cultura.

Regressando à análise da obra de Luís de Fróis, a perceção dos nobres japoneses assentava em que a relação com os jesuítas não iria assimilar a cultura japonesa na europeia, sendo que a primeira questão do modelo de Berry não é apropriada para se abordar uma minoria que pretende mudar uma maioria, tal como os jesuítas pretendiam, sendo ainda que o modelo de Berry (2001) também não é apropriado para uma maioria que apenas pretende mudar um determinado domínio cultural. Portanto, o modelo de Berry (1997, 2001) pressupõe uma relação de poder e os resultados aculturativos, previamente, estabelecidas, sendo que as culturas não partilham características culturais (Rudmin, 2003a).

Na *Historia do Japam* é possível encontrar diferentes atitudes culturais ao longo dos anos e dos cinco volumes da obra em ambas as culturas em contato. Na cultura japonesa as atitudes são também diferentes consoante a classe social. Para além disso, as atitudes culturais dos japoneses não afetavam os europeus de igual modo, sendo que os portugueses que se dedicavam ao comércio foram permitidos de exercerem a sua atividade, durante longos períodos de tempo, mas os jesuítas foram proibidos de exercerem a sua missão ou foram expulsos do Japão. Assim sendo, a abertura japonesa à relação intercultural detinha interesses económicos, sendo regulada por motivações extrínsecas. A relevância das motivações em ambas as culturas em contato reforça a hipótese 2.1, sendo, portanto, que as motivações condicionam as atitudes culturais.

No dealbar da relação intercultural, isto é, em meados do século XVI, os japoneses estavam abertos à relação devido à curiosidade, eles obtinham informações e encontravam-se abertos ao cristianismo, mas também se encontravam abertos ao comércio com os portugueses, revelando uma motivação intrínseca (a curiosidade) e uma outra motivação extrínseca, ou seja, a atividade económica, em simultâneo. No dealbar da relação intercultural, os padres budistas pensavam que o cristianismo era semelhante às religiões japonesas porque os portugueses vieram do sul, ou seja, da cultura indiana, tal como buda. A atitude de “integração” japonesa implicava perceber a religião católica como semelhante às religiões nipónicas: “. . . Dizendo o bonzo que todos os attributos

divinos que nós davamos a Deos, tinha Xaca e que, quanto a isto, Deos e Xaca erão huma mesma couza . . .” (Fróis, 1983, p. 351). Portanto, a percepção japonesa acerca da cultura portuguesa estava a funcionar mediante as fronteiras culturais japonesas (Barth, 1969; Bartlett, 1923), alargando as mesmas.

Ainda no início da relação intercultural, os religiosos japoneses mostravam-se curiosos acerca da nova cultura, aprendiam a cultura europeia devido à mera curiosidade e através da obtenção de informações acerca da nova cultura. Alguns padres budistas mudaram a sua identidade étnica, porém a maioria deles não alteraram a sua identidade étnica, senão que o oposto: “Alguns bonzos dos Jenxus do mosteiro de Murasaqui que hé dos mais nobres de todo Goquinai, vinhão disfarçados com cungues e, sem fallarem nada, somente ouvião”. (Fróis, 1976, p. 165). De resto, ser curioso, obter informação e aprender uma segunda cultura poderá funcionar no sentido oposto à mudança da identidade étnica, sendo pois que aprender uma segunda cultura poderá reforçar a identidade própria. Assim dispondo, após a atitude japonesa de “integração”, emergiram conflitos e a atitude de separação cultural (expetativa maioritária da segregação, a qual é visível na figura dois) foi a predominante, uma vez que as intenções e as motivações mudaram, tal como o processo de aprendizagem. A curiosidade deu lugar à disputa racional ou à argumentação entre os religiosos japoneses e os jesuítas. A atitude de separação começou com os religiosos japoneses, os quais evitavam o confronto verbal e a disputa racional com os jesuítas:

Naquelles primeiros principios se ajuntarão algumas vezes magotes de bonzos, que hião disputar com os padre e com o irmão João Fernandes, e pelos japões serem curiosos, concorria logo muita gente a ouvi-los . . . e assim quazi nenhuma disputa havia em que se não fizeram christãos, puramente por ficarem convencidos da razão e da verdade . . . e as leys de Japão ficavão mais abatidas, pelo que se determinarão, que dalli por diante nenhum bonzo fosse mais disputar à igreja. (Fróis, 1976, p. 73).

Portanto, a “integração”, a “separação” e, inclusivamente, a atitude da exclusão (expetativa maioritária da figura dois) podem funcionar, em simultâneo, no mesmo grupo cultural, pois enquanto os nobres japoneses se encontravam abertos à relação intercultural, revelando uma atitude próxima da “integração”, os religiosos japoneses confrontavam a cultura europeia, antes dos nobres promoverem a expulsão e a perseguição os cristãos, afetando de forma diferenciada os portugueses, assim sendo a aculturação é relativa, seletiva e multidimensional. Comparando os resultados da análise de conteúdo com o

modelo multicultural é necessário afirmar que a atual ênfase na atitude da “integração” não tem em conta as diferenças intragrupoais, as diferentes preferências aculturativas das classes sociais, nem tampouco que o processo de aculturação ocorre de forma diferenciada em diferentes domínios culturais devido às diferentes decisões de utilidade de ambas as culturas em contato intercultural.

A atitude de separação (ou segregação) foi estendida a toda a sociedade japonesa, quando o *xogun* Toyotomi Hideyoshi (1536-1598) publica o édito de expulsão dos cristãos, em 1587:

Vindo estes aos reynos e estados de Japão, fazem a gente de sua seita, para o qual destruem os templos dos camis e fotoques, e isto hé couza agora nem dantes nunca vista nem ouvida em Japão . . .
3º . . . determino que os Padres não estejam nas terras de Japão . . .
5º Daqui por diante não somente mercadores, mas quaesquer outras pessoas que vierem da India, e não fizerem estorvo às leys dos camis e fotoques, podem vir livremente a Japão. (Fróis, 1983, p. 406).

Contudo, e enfatizando as diferenças intragrupoais, milhares de japoneses permaneceram cristãos, apesar das perseguições. Tal como já foi abordado acima, para além das diferenças intragrupoais, a atitude de exclusão operou de modo distinto consoante os domínios, afetando os portugueses de modo diferenciado, a atividade comercial foi, por vezes, permitida, ao mesmo tempo, que separavam ou excluíaam os jesuítas:

. . . que não queria senão que todos se fossem e que nem hum só ficasse em Japão; e que quanto à nao, fosse a qualquer porto que quizesse, que procuraria se lhe não fizesse nenhum agravo, mas que os Padres não os queria em Japão. (Fróis, 1984, pp. 25-26).

Assim dispondo, o processo de aculturação foi dinâmico (Tarde, 1902, 1903), relativo, seletivo, multidimensional (Herskovits & Herskovits, 1934) e negociado, sendo que a manutenção cultural ocorreu, ao mesmo tempo, que as mudanças e as misturas culturais, conquanto as decisões políticas. A relatividade do processo de aculturação não afeta apenas um grupo cultural, senão que ambos os grupos culturais em interação, afetando ambos os grupos diferentemente consoante os domínios aculturativos e as classes sociais. O nobre japonês tomou uma decisão de utilidade, preferindo os comerciantes portugueses, mas afastando os jesuítas. Este comportamento revela uma motivação extrínseca da parte japonesa e a dificuldade portuguesa de separar a atividade comercial das motivações religiosas, revelando as intenções imperialistas dos portugueses (Souza,

2008). Os jesuítas tentavam seduzir os nobres japoneses através dos benefícios comerciais, sendo que estes em troca permitiam a atividade missionária: “. . . e que visse se havia maneira para se fazer algum dos senhores do Ximo christão, dando-lhes esperanças que a nao de carreira hiria a seos portos, se os tivessem acomodados . . .” (Fróis, 1976, p. 270).

Para além disso, a atitude de exclusão poderá funcionar, ao mesmo tempo, que a “integração”, uma vez que as motivações foram diversas consoante as decisões de utilidade, afetando os portugueses de modo diverso. A seguinte citação revela, de novo, como a adaptação cultural foi complexa, seletiva e multidimensional, pois os japoneses desejavam a adaptação cultural dos jesuítas a certas características culturais japonesas, permitindo a manutenção cultural católica, nas restantes:

. . . Melhor fora que vos acomodareis aos bonzos das outras seitas, as quaes pregão em suas cazas e templos, mas não andão com tanta sede incitando a gente de huma para a outra que se fação de sua seita como vós outros. Pelo qual daqui por diante vos recolhei todos cá no Ximo e não cureis de propagar vossa seita, mais do que pela via ordinaria com que os religiosos bonzos de Japão procedem. (Fróis, 1983, p. 396).

As conversões, tal como foi afirmado acima, estavam relacionadas com os lucros económicos do comércio internacional, por parte dos nobres japoneses. As decisões de utilidade e as motivações estão também presentes na cultura japonesa, isto é, as conversões e a curiosidade (motivação intrínseca) estão relacionadas com as motivações extrínsecas em ambas as culturas em contato. Por vezes, a presença dos jesuítas apenas era permitida devido ao lucro do comércio com os portugueses:

. . . e que daria o mesmo porto de Yocoxiura à Igreja, para que se fizesse alli huma grande povoação de christãos, em cujas cazas os portugueses mercadores se podessem seguramente agazalhar com suas fazendas; e que lhe libertava e tirava os direitos por espaço de dez annos. (Fróis, 1976, p. 271).

A atitude de “integração” ou de abertura à relação intercultural tinha também como intenções o domínio social e até internacional, pois um nobre japonês solicita a colaboração das embarcações portuguesas para conquistar a península da Coreia e ainda parte da China, retribuindo com a permissão e a promoção da religião católica:

e elle entenderia na conquista dos reynos de Corea e da China, e que para isso mandava cortar madeira para della fazer duas mil embarcações, em as quaes passasse seo exercito. E que para sua pessoa não queria outra ajuda dos Padres mais, que negociarem-lhe duas naos

grandes bem aparelhadas, as quaes tão pouco queria de graça, . . . e que fossem os officiaes bons, aos quaes daria renda e prata . . . se lhe succedesse bem e os chinas se lhe viessem sugeitar e dar a obediencia, não queria delles outra couza, que havia de ficar lá nem tomar-lhe suas terras, mais que sugeitá-las a seu imperio; e que então levantaria em todas as partes igrejas e mandaria que todos se fizessem desta nova ley . . . E dizendo mais que ainda havia de fazer christãos a metade ou a mayor parte de Japam. (Fróis, 1983, p. 229)

Assim dispondo, mais uma vez as atitudes culturais são regidas pelas motivações, remetendo para um dos principais códigos da análise de conteúdo, isto é, para a decisão de utilidade do modelo de Rudmin (2009). Deste modo, o processo da aculturação na relação entre o Japão e Portugal, no século XVI, é complexa, relativa, dinâmica, seletiva e negociada. As decisões de utilidade são tomadas a partir da cultura e das diferentes motivações de cada grupo cultural em interação, isto é, através das fronteiras culturais, as quais já foram também abordadas acima.

As fronteiras culturais são importantes para estabelecer uma relação e também para influenciar a mesma mediante as decisões de utilidade entre os custos e os benefícios da relação intercultural. Tal como foi observado acima, os grupos culturais têm a tendência para perceberem o outro distinto consoante as suas próprias culturas, criando avaliações acerca das semelhanças e das diferenças culturais, sendo que estas ganham uma valência positiva ou negativa consoante os interesses circunstanciais (Coenders, *et al.*, 2008; Tsuda, 2001). Portanto, as fronteiras culturais são utilizadas para obter um contato mais próximo, assim como para discriminar o outro grupo cultural. Colocando de parte os encontros fortuitos, mesmo antes da relação começar, os grupos culturais estão a obter informação acerca dos custos e dos benefícios, no sentido de estabelecer uma relação intercultural. Os imigrantes constituem-se como exemplos típicos do afirmado (Yijälä & Jasinskaja-Lahti, 2010), pois a recolha de informação acerca duma segunda cultura inicia-se mesmo antes do percurso imigratório começar. O padre jesuíta Francisco Xavier, tal como já tinha sido observado no capítulo dedicado a Fernão Mendes Pinto, obteve informação acerca do Japão através de Jorge Álvares e do japonês Anjiro, antes de tomar a decisão de estabelecer contato intercultural com o Japão, tendo em conta as motivações e o fundo cultural jesuíta e europeu.

As avaliações dos japoneses já foram abordadas, quer para “integrar” os portugueses percebendo semelhanças, quer para discriminar os jesuítas, percebendo

diferenças culturais intransponíveis e que ameaçavam a “tradição” japonesa (Pettigrew, 1998a). A “tradição e a influência social são obstáculos à mudança da identidade étnica, ou seja, à conversão, tal como é reportado nas seguintes citações: “. . . se não ousava a manifestar por christão, porque temia que havia de perder muito com el-rey quando soubesse que sem sua licença havia tomado ley nova . . .” (Fróis, 1976, p. 223). E no que diz respeito à “tradição”:

E assim dizião os gentios, no Miaco, que pois a ley de Deos, e forão sempre de seos antepassados tão veneradas, que, ainda que soubessem de serteza que havião de ser lançados nas profundezas do inferno com eternos tormentos sem nenhuma remissão, se não havião de fazer christãos por não porem esta nodoa na honra dos seos antepassados . . . (Fróis, 1976, p. 240)

Os portugueses também percebiam semelhanças, nas comparações estabelecidas com a cultura japonesa. O topo da hierarquia duma das religiões japonesas era liderada, segundo os jesuítas, por um “bispo”, ou seja, a “realidade” japonesa era traduzida para a cultura portuguesa e europeia, no sentido de compreender a cultura nipónica. Fróis reporta descrições inteiras da cultura e da sociedade japonesas, dedicando capítulos inteiros a esta tarefa, na tentativa de tornar o manuscrito uma ferramenta de aprendizagem aculturativa, além de pretender garantir o suporte social europeu. A avaliação de Fróis acerca da cultura japonesa é, usualmente, positiva. As avaliações negativas acerca da cultura nipónica são praticamente confinadas aos domínios das práticas sexuais e da religião: “Estes pregadores afamados estão tão cazados com suas honras, atados a seos peccados, e tão sumersos nos vicios e dilicias sensuaes . . . (Fróis, 1981, p. 32).

Relacionando as fronteiras culturais com a aprendizagem, é possível afirmar que o obter informação é essencial para começar uma relação intercultural e para construir novas fronteiras culturais. As fronteiras culturais são ainda importantes para verificar o processo de discriminação, contudo o último parece ser regido pelas motivações, ou seja, pelas decisões de utilidade. No presente capítulo, segue-se o segundo estágio do modelo de Rudmin (2009), isto é, a aprendizagem aculturativa, sendo que a presente investigação acrescentou a curiosidade, a argumentação e a viagem como formas de aprender uma segunda cultura, para além das quatro formas de aprendizagem aculturativas expostas na figura dezasseis.

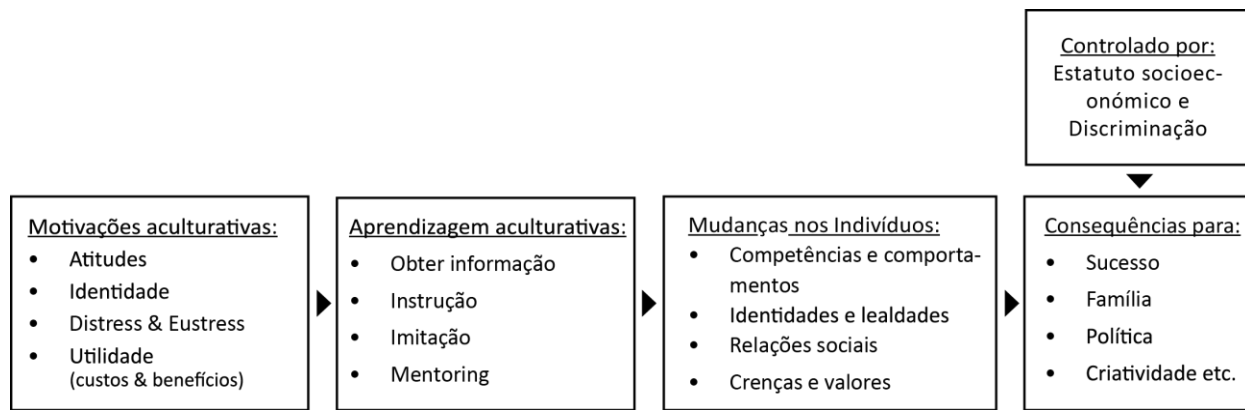


Figura 16, O modelo de Rudmin. Fonte: Rudmin (2009)

Tal como é observável na figura dezasseis, o principal código do modelo de Rudmin (2009) para a presente investigação é a aprendizagem aculturativa, a qual no referido modelo, se encontra entre as motivações e as mudanças aculturativas, pois na obra de Fróis a aprendizagem intercultural é explícita e é ainda intencionalmente reportada como sendo recíproca. As formas da aprendizagem intercultural são distintas consoante as atitudes culturais mutáveis de ambas as culturas. Por exemplo, se a atitude de “integração” mostrada pelos comerciantes portugueses apenas exigia suporte social ou *mentoring* e o obter informação, a adaptação cultural dos jesuítas, tendo em vista a assimilação ou a fusão com a cultura japonesa, implica imitação e instrução de ambas as culturas em contato intercultural.

Na cultura japonesa, tal como foi escrito acima, a primeira atitude cultural face aos portugueses foi a “integração”, no sentido em que os japoneses se encontravam abertos face à cultura europeia, implicando a curiosidade, a argumentação e o obter informação, sendo que estas formas de aprendizagem aculturativa poderão ser percebidas como sendo motivações intrínsecas:

E a frequencia de toda esta gente que alli concorria, era fundada em diversos respeitos: porque huns vinhão para ver o Padre somente, persuadidos que teria outra figura do que as criaturas racionais ordinariamente tem; outros por curiosidade de ouvirem, e perguntarem pelas cousas e costumes da India e Europa; outros para ouvirem a novidade da doutrina e a impugnarem . . . (Fróis, 1976, p. 157).

As formas de aprender uma segunda cultura aparecem juntas, tal como no capítulo quinze dedicado a Fernão Mendes Pinto. Portanto, a curiosidade, o obter informação, a instrução e a imitação poderão aparecer, em simultâneo, por exemplo, no processo de

conversão. Em primeiro lugar, os japoneses obtinham informação acerca dos recém-chegados e da nova religião devido à curiosidade. Após isto, tentavam aprender mais acerca da nova cultura mediante a instrução e a argumentação. O comportamento desencadeado pela curiosidade e pelo obter informação corresponde ao comportamento de exploração (Phinney & Ong, 2007) necessário à construção duma identidade étnica, a qual se poderá desenvolver face a uma segunda cultura, mas também face à cultura original. Por seu turno, este comportamento de exploração poderá funcionar como um exemplo para outros indivíduos, provocando imitação social (Bandura, *et al.*, 1961).

No lado cultural português, os jesuítas facultaram uma grande importância à instrução não apenas para atingir uma conversão racional, mas também para adquirirem *mentoring* ou suporte social, e ainda imitação cultural dos japoneses, pois tinham o cuidado de educarem os filhos dos nobres no sentido de obterem imitação social dos demais japoneses. Os seminários construídos pelos jesuítas albergavam não apenas japoneses, mas também indianos, chineses e até órfãos europeus: “. . . dos quaes seis erão japoes e seis portugueses . . .” (Fróis, 1982, p. 163). As misturas culturais ocorrem também ao nível dos conteúdos lecionados, pois os alunos aprendiam elementos das culturas orientais, ao mesmo tempo, que a cultura europeia, conforme escreveu Fróis:

. . . Os mais delles ou quazi todos nobres . . . os mais pequenos aprendiam a lingua christã, outros a ler e escrever a nossa letra, o que fazem em dous ou tres mezes com grande facilidade; outros os caracteres de Japão e da China . . . gramatica, . . . dão-se bem com a pronunção da lingua latina, e não lhes hé peregrina como se cuidava; . . . sai gente às portas a vê-los como couza nunca vista em Japam (Fróis, 1982, p. 301)

Para a presente investigação, o caso da instrução de crianças é particularmente importante, pois era facultado uma educação com influências recíprocas, tanto aos alunos japoneses, como aos não japoneses, o que reporta uma cultura de misturas ou de fusão:

. . . E na memoria e entendimento não são inferiores aos meninos de Europa porque, com lhe ser a elles a nossa letra tão peregrina, aprendem muito bem a ler e escrever e cantar. Tem sua repartição das horas mui bem ordenada, gastando todo o dia parte em aprender a ler e escrever os caracteres de Japão . . . parte em escrever e ler em latim e estudar a arte da gramatica conforme as suas capacidades. (Fróis, 1982, p. 284)

De acordo com Simons (1901d), a instrução é essencial não apenas devido à mera aprendizagem, senão que também devido a fatores de influência social, ou seja, devido à imitação e à formação da identidade étnica comum. A instrução reunia diversas pessoas de

diferentes culturas e diferentes conteúdos culturais, sendo, por exemplo, empregues professores japoneses, revelando uma cultura de fusão e, quiçá, a tentativa de elaborar uma identidade étnica comum, a qual estaria fundada em volta do catolicismo:

. . . abundante nos carecteres de Japão e da China, e bem entendido nas seitas de Japão,. . .
. Este Irmão Vicente foi enviado pelo P. Visitador às partes do Miaco para instruir os
moços do seminário, assim nas letras como nas seitas de Japão . . . (Fróis, 1976, p. 173)

A instrução em massa foi aplicada pelo modelo da assimilação para uniformizar as culturas europeias, no século XIX. No caso dos jesuítas, no Japão, no século XVI, o uso de traços culturais de ambas as culturas aponta que a primeira intenção se vertia para uma cultura de misturas, tal como sucedeu no Brasil. Para além disso, a instrução está relacionada, com a imitação, pois um elevado estatuto social poderá induzir à imitação social. O primeiro esforço de aprendizagem, no entanto, desencadeou-se por parte dos jesuítas, pois necessitavam de aprender a língua japonesa para se fazerem entender e para disputar racionalmente, isto é, para argumentarem com os religiosos japoneses. Tratou-se, pois, duma minoria europeia que se adapta a uma maioria não europeia no sentido de mudar a cultura japonesa:

Enquanto o P. Visitador estava dando ordem às couzas do Ximo, pela grande necessidade que havia de os nossos de Europa fazerem bom progresso nas couzas da lingua de Japão, da qual depende como de immediato instrumento grande do fructo que se há-de fazer nas almas, ordenou que todos os sujeitos aptos que havia naquellas cazas de Bungo, se ajuntassem no Usuqui e alli tivessem cada dia suas lições de lingua (Fróis, 1982, p. 131)

A argumentação ou a disputa racional ganha ênfase no presente capítulo devido à importância atribuída pelos jesuítas à compreensão racional para se alcançar a conversão dos japoneses. A argumentação poderá ser percebida como uma forma de fornecer informação e instrução, sobretudo, com os religiosos, mas também com os nobres japoneses.

O último estágio do modelo de Rudmin abarca as mudanças a nível individual, no presente capítulo, a conversão foi a mais importante mudança a nível individual. A conversão foi pensada como súbita e gradual na Psicologia da Religião. O paradigma para abarcar o fenómeno da conversão foi o de Paulo de Tarso ou também chamado de Apóstolo Paulo (Hood, Hill & Spilka, 2009). A conversão de Paulo foi emocional, intrapsíquica, implicando uma transformação dramática, num curto espaço de tempo. Por

seu turno, a conversão gradual é suposta atuar de forma lenta, racional e a nível interpessoal. Assim sendo, as conversões reportadas em Luís de Fróis ajustam-se no segundo tipo, colocando de lado as conversões em massa, as quais eram promovidas pelos nobres japoneses devido às suas motivações políticas ou económicas.

As mudanças poderiam ser estendidas até à cultura japonesa como um todo, abarcando diversas áreas. Janeira (1981) reportou extensivamente as influências culturais portuguesas na cultura japonesa. Nagasaki foi “oferecida” aos jesuítas, tornando-se num enclave cristão e do comércio internacional. Quiçá, Nagasaki tenha sido a mais relevante aculturação material realizada, pois foi construída em forma de escadaria, tal como uma cidade portuguesa: “. . . E tratando depois mais devagar e de proposito o negocio, disse que o porto de Nangazaqui deixaria à igreja, para o qual lhe havia de dar o seo assinado” (Fróis, 1983, p. 233). A aculturação material mediante a conversão religiosa ainda é, hoje, visível, por exemplo, através da construção funerária: “. . . e o enterrarão com solemnidade e a cruz alevantada diante . . . os altares feitos. (Fróis, 1976, pp. 284-285). Para além disso, as mudanças afetaram o conhecimento japonês acerca do mundo e da natureza, abarcando o conhecimento “científico”: “Acertou de se achar alli hum dos mayores astrologos que havia em Japão, . . . o qual, por ouvir do Padre os eclipses do sol e da lua, e alguma couza dos movimentos dos ceos, criou isto nelle tamanho conceito . . .” (Fróis, 1976, p. 193).

No modelo de Rudmin (2009), a discriminação e o estatuto socioeconómico são consideradas como variáveis de controlo. A discriminação como variável de controlo, a qual impede o aprofundar da aprendizagem em ambas as culturas, já foi abordada aquando das fronteiras culturais. A variável socioeconómica foi abordada devido às motivações extrínsecas de ambos os grupos culturais. A discriminação face aos jesuítas acabou de forma trágica com a morte e a perseguição dos católicos, após a expulsão dos mesmos. No entanto, é importante ter em conta que os jesuítas também tomaram posições violentas, por exemplo, queimando os templos japoneses, ou seja, fazendo substituição e aculturação material, por fim, alguns nobres afeitos ao catolicismo, acabaram por se revoltarem contra os xoguns, causando mais perseguições e a expulsão dos católicos. A variável socioeconómica também foi já reportada, sendo que ela é uma motivação extrínseca presente em ambas as culturas. Na presente investigação foi observado o estatuto social, o

qual poderá ser afigurado como uma motivação aculturativa, isto é, pertencendo ao primeiro estágio do modelo de Rudmin ou poderá ainda ser considerado como uma variável de controlo.

O presente capítulo pretendeu, sobretudo, cumprir o segundo objetivo geral, isto é, reportar a aculturação como um fenómeno de aprendizagem recíproco e ainda que a aprendizagem duma segunda cultura é motivada e não é apenas uma questão das preferências ou das atitudes culturais. Como se verá mais adiante, o estatuto social revelou-se também importante no trabalho quantitativo, no sentido de revelar a aculturação como um fenómeno seletivo, negociado e até relativo e, no presente capítulo, o estatuto social aparece relacionado com a aprendizagem, nomeadamente, com a imitação, tal como no trabalho etnográfico de campo.

Desde o início da relação intercultural que os portugueses notaram que precisavam do suporte social dos japoneses, uma vez que o suporte político e militar português era reduzido. A obtenção de suporte social implicava obter informação acerca de como a cultura japonesa funcionava, ou seja, conhecer os constrangimentos culturais no sentido de alcançar o propósito jesuíta e europeu. Finalmente, poderia funcionar através do *mentoring* e da imitação social. Deste modo, os jesuítas tentavam alcançar o topo da hierarquia japonesa, instruindo os filhos dos nobres japoneses, ou seja, pessoas com elevado estatuto social, na tentativa de provocarem imitação social e influência social doutros japoneses, para além do suporte social e político dos nobres japoneses, o qual é, aqui, tratado como *mentoring*. Portanto, os jesuítas deslocaram-se para o centro do poder japonês, tal como é reportado na seguinte citação de Fróis:

Pela cidade de Miaco ser a metropoli de todo Japão, fonte de suas leys, corte principal em que sempre rezide o Dairi e o Cobósama, alli concorre ordinariamente a gente de todos os 66 reinos, de maneira que, o que se alli aprova, hé estimado nas partes remotas, e o que ali não corre, não fazem muito cazo delle nos outros reinos. (Fróis, 1976, p. 155)

Os padres jesuítas tentaram, inclusivamente, uma aproximação ao topo da hierarquia das religiões japonesas e não apenas aos nobres, tal como é reportado na seguinte citação:

Esta palavra dél-rey e verem-me comer e dormir muitas vezes no mosteiro do bonzo principal, e - sendo homem tão grave e de tanta honra e authority - verem que me hia buscar muitas vezes e a minha pouzada, deo animo a muitos a quererem ouvir o que lhe convinha para sua salvação. (Fróis, 1976, pp. 220-221)

Tratava-se não apenas de garantir o suporte social, senão que também de provocar imitação cultural, pois o suporte duma pessoa com estatuto social elevado poderia conduzir à imitação da restante população. Portanto, os jesuítas tentavam atingir a hierarquia da sociedade japonesa, o que abarcava o próprio *xogum*:

Não importa pouco estes favores de Nobunanga e de seos filhos, porque a experiencia tem mostrado quanto credito com elles se vai tomando no conceito dos gentios acerca da nossa santa ley. E com isto se vai tanto divulgando a aprovando de todos da nossa santa ley. (Fróis, 1982, p. 200)

Por seu turno, um baixo estatuto social conduz à não imitação ou à evitação social, não sendo preferida pelos jesuítas devido ao seu baixo poder de influência social face à sociedade japonesa:

. . . julgavão pelo que os Padres e Irmãos fazião a estes pobres, que nossa ley era couza mui vil e baixa e indigna de ser recebida entre homens honrados, de maneira que bem se pode dizer que os Padres em Bungo erão oprobio dos homens e abatimento e deshonna do povo . . . (Fróis, 1982, p. 161)

A imitação revela a importância das motivações no processo de aprendizagem e nas atitudes culturais. A imitação requer o elemento motivacional para ocorrer. Tarde (1903) designava o fenómeno de influência social e Bandura (2002b) de estatuto social admirado.

16.6 Notas finais

As conclusões referentes ao capítulo de Fernão Mendes Pinto encontram-se adicionadas ao presente capítulo, no sentido de abordar em conjunto as hipóteses de trabalho referentes à análise de conteúdo. Tendo em consideração os legados culturais de Fernão Mendes Pinto e de Luís de Fróis, a aculturação como um processo de aprendizagem recíproca está explicitamente reportada na cultura histórica portuguesa. Uma minoria europeia aprende características culturais duma cultura não europeia, na

tentativa de mudar a cultura japonesa. Assim sendo, a aculturação ganha um sentido de utilidade, pois é moldada pelas motivações (intrínsecas, mas, sobretudo, extrínsecas) em ambas as culturas em contato intercultural.

Em ambos os capítulos e em ambas as culturas em contato intercultural é possível verificar diferentes motivações, as quais estão a reger e a mudar as atitudes culturais, sendo que a aculturação recíproca ocorre sob uma relação antagonística. As motivações estão a regular as atitudes culturais e o processo de aprendizagem, o que corresponde à H 2.1, sendo ainda que a hipótese 2.2, a qual se encontra adstrita à análise de conteúdo, também se cumpriu, uma vez que as atitudes da aculturação são diferentes consoante os diferentes grupos (o japonês e o português ou jesuíta) e consoante as classes sociais, revelando diferenças intragrupais, para além da intergrupais. O modelo dominante da literatura da aculturação, ou seja, o de Berry (Berry, 2001), não se adequa na narrativa exposta por Luís de Fróis, tal como foi reportado no capítulo dedicado a Fernão Mendes Pinto, pois as relações de poder estão invertidas, sendo que uma minoria europeia aprende uma segunda cultura, mas que também tenta mudar uma maioria (a japonesa) sob relações interculturais antagónicas. Por seu turno, a cultura japonesa, isto é, a maioritária aprende com a cultura minoritária, sendo a aculturação recíproca e antagónica. No que diz respeito ao modelo Modelo Interactivo da Aculturação (Bourhis, *et al.*, 1997), usualmente, não existe concordância entre as atitudes das duas culturas (Bourhis, *et al.*, 1997), o que corresponde à primeira hipótese de trabalho, a qual é extensiva a toda a análise de conteúdo, isto é, é suposto que o discurso histórico português acerca da aculturação não se ajuste à cultura anglo-saxónica e à literatura multicultural dominante.

Os resultados da relação intercultural estão próximos do modelo de fusão, no sentido em que existe uma nova cultura emergindo através dum processo em constante mudança, sendo ainda que os manuscritos foram escritos como artefactos culturais, sobretudo, o manuscrito de Luís de Fróis, no sentido de melhorar a adaptação e a aprendizagem dos jesuítas à cultura japonesa, correspondendo à segunda hipótese de trabalho, a qual irá ser mais elaborada no capítulo dedicado a Gilberto Freyre (1986), pois é presumível que o contexto histórico português se encontre próximo das dimensões do modelo de fusão, uma vez que a cultura portuguesa da aculturação reporta misturas e aprendizagem mútuas.

O manuscrito de Fróis também é útil para reportar o fenómeno da aculturação como um processo dinâmico e mutável, o qual muda devido às diferenças interculturais, mas também reporta diferenças intragrupais, por exemplo, segundo a classe social (nobres e religiosos japoneses e jesuítas e comerciantes portugueses), pois ambas as culturas mostram diferentes motivações e apreensões face às suas mudanças culturais consoante as classes sociais na sua interação mútua. Portanto, a aculturação é um processo complexo (diferentes estratégias são adotadas pelo mesmo grupo ao mesmo tempo), relativo, pois, como afirmam Navas, *et al.*, (2005), as mesmas estratégias não são sempre aplicadas ou as mesmas opções não são preferidas quando a interação com outras culturas tem lugar em diferentes domínios e classes sociais, ou seja, o processo é seletivo em ambas as culturas e multidimensional, sendo ainda negociado pelos diferentes grupos culturais, os quais reportam diferenças intergrupais e intragrupais, afetando-se mutuamente (Bourhis, *et al.*, 1997) de modo diverso consoante as classes sociais e os domínios culturais, pois estas implicam diferentes decisões de utilidade (Rudmin, 2009), as quais, por sua vez, mudam as preferências aculturativas, sendo que a interceção das preferências aculturativas de ambas as culturas não são, usualmente, concordantes (Bourhis, *et al.*, 1997). Por seu turno, a maioria japonesa aprendeu características culturais duma outra cultura, revelando fortes decisões de utilidade e apreensões acerca da sua mudança cultural, sendo que as apreensões acerca das mudanças culturais são também reportadas na cultura portuguesa ou europeia.

Na literatura anglo-saxónica dominante, as apreensões acerca do fenómeno da aculturação estão assentes numa relação assimétrica de poder (Berry, 1997), nos quais os ocidentais são a parte dominante. No presente capítulo é reportado um caso negativo face à literatura dominante e à cultura anglo-saxónica, pois os europeus são a minoria. Assim dispondo, a principal vantagem na utilização do contexto histórico português é o de reportar um processo de aculturação recíproco, onde os europeus aprendiam uma segunda cultura, reportando-a na sua própria cultura, levando a cabo uma cultura de fusão.

No capítulo quinze referente à obra de Fernão Mendes Pinto e no capítulo dezasseis referente à obra maior de Luís de Fróis, os dois objetivos gerais encontram-se interligados, isto porque o contexto da aculturação português reporta um processo de

aculturação recíproco, sendo que a cultura portuguesa da aculturação poderia ser caracterizada enquanto reportando aprendizagens mútuas, sendo, portanto, distinta da anglo-saxónica e próxima do modelo de fusão (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006a). A presente investigação encontra-se, pois, no seu segundo momento, o qual pretendia abordar o fenómeno da aculturação tal como o fenómeno foi reportado nas suas definições fundadoras de Powell (1880), de Simons (1901a) e de Redfield, *et al.* (1936), isto é, como um fenómeno de aprendizagem intercultural, revelando que a cultura portuguesa da aculturação é próxima das definições fundadoras do fenómeno e estabelecendo uma comparação diferencial perante a cultura anglo-saxónica, isto é, envolvendo ambos os objetivos gerais da investigação de doutoramento. Contudo, a cultura portuguesa da aculturação conceptualizada por Freyre (1986) ganha um sentido ambíguo, o qual já foi afluído nos capítulos referentes a Fernão Mendes Pinto e a Luís de Fróis devido à importância das motivações no processo de aculturação mútuo.

A presente investigação supõe que o passado histórico português terá influenciado as presentes reações aos fenómenos da aculturação, isto é, a imigração e a emigração. No entanto, apesar do passado histórico reportar aprendizagem recíprocas e misturas culturais, a “realidade” sociológica portuguesa remete para o modelo da assimilação ou para o intercultural e para que cada grupo cultural tome diferentes opções aculturativas consoante as suas motivações, as quais poderão não coincidir com a teoria luso-tropical (Freyre, 1986). A investigação chega, pois, ao seu terceiro momento. A aculturação é reportada como um processo recíproco no discurso histórico português, no entanto, restava abordar as atuais reações à aculturação (a emigração e a imigração), no sentido de explorar e de contextualizar a cultura portuguesa da aculturação, para além do discurso histórico, pois a própria definição da aculturação, isto é, a aculturação como um processo de aprendizagem (o segundo objetivo geral) se revelou ambíguo, uma vez que revela relações de poder assimétricas e antagonísticas, e ainda porque a aprendizagem dos jesuítas ocorre na tentativa de assimilar a cultura japonesa ou de elaborar um *melting pot*, sendo ainda que a nível metodológico se assiste à falta de equivalência entre as diversas literaturas e entre a cultura anglo-saxónica e a portuguesa. O capítulo seguinte é dedicado a Freyre (1986), sendo útil para unificar de novo os dois objetivos gerais da investigação, alargando a investigação às técnicas quantitativas e ao trabalho etnográfico de campo, e acrescentando novas hipóteses de trabalho, isto é, a H 3 e a H 3.1.

A obra maior de Luís de Fróis revelou-se um verdadeiro manancial para o estudo da aculturação enquanto aprendizagem recíproca, lançando, no entanto, luz a uma limitação do estudo, pois o modelo de Rudmin (2009) e a aprendizagem recíprocas necessitam de serem aprofundados, nomeadamente a relação entre as formas de aprender uma segunda cultura e as motivações, e ainda face às atitudes culturais.

17. Gilberto Freyre e o luso-tropicalismo

17.1 A plasticidade cultural como uma característica central

Gilberto Freyre (Recife, 1900-1987) foi um sociólogo e antropólogo brasileiro. Ele recebeu a sua educação no Brasil e nos Estados Unidos da América na Baylor University e na Columbia University com Franz Boas. Em 1933, Freyre escreveu *Casa-Grande & Senzala* (Freyre, 1986), estabelecendo uma comparação entre a colonização portuguesa no Brasil e a de outros impérios coloniais europeus, sobretudo, o anglo-saxão. A cultura anglo-saxónica, nas palavras de Freyre, estava a fazer substituição, transferência política, mas não adaptação e trocas culturais: ". . . social engineering completed by the art of merely political transaction – in which the English have revealed themselves masters – but not of cultural transaction." (Freyre, 1961, p. 57). Em consequência, os anglo-saxões estabeleciam contato com outras culturas, mas apenas para as assimilar: ". . . from a sociological point of view . . . the selection should be only in one direction. (Freyre, 1961, p. 58). Freyre pensava os portugueses como sendo mais tolerantes e mais aptos do que os outros europeus a adquirirem adaptação cultural a três níveis, isto é, o cultural, o ecológico e o biológico⁴³, sendo que a adaptação portuguesa resultava numa cultura de fusão. A cultura portuguesa, segundo Freyre, no norte do Brasil, conduziu à harmonia social mediante as culturas paternalista e agrárias portuguesas: ". . . by intimate living together with native people . . . always a new and symbiotic . . ." (Freyre, 1961, p. 39). Assim sendo, de acordo com Freyre, no Brasil, a relação intercultural ocorreu mediante um processo com dois sentidos ou, inclusivamente, através de múltiplas trocas, sendo que ele afirmava que nenhuma cultura era superior a outra, apontando para uma outra característica do modelo de fusão (LaFromboise, *et al.*, 1998).

A teoria luso-tropical de Freyre tornou-se uma referência cultural em Portugal e no Brasil (Burke & Pallares-Burke, 2008; Kujawski, 2001) porque Freyre terá conceptualizado uma ideologia consensual presente na narrativa histórica, ou seja, que os portugueses são capazes de se adaptarem a todos as culturas (Almeida, M. V., 2004, 2007;

⁴³ Este último foi levado a cabo através do intercurso sexual com as nativas e com as escravas africanas. Os casamentos e a miscigenação eram estratégias comuns para se estabelecer o poder colonial (Young, 1995). Para além disso, de acordo com McGee (1898), nas tribos americanas os casamentos violentos resultavam nas trocas culturais.

Passos & Silva, 2006), o que resultou no *melting pot* brasileiro. Freyre considerou que os portugueses eram mais propensos para fazerem adaptação cultural do que os outros povos europeus e as viagens de Fernão Mendes Pinto se constituíram, segundo Freyre, como o paradigma da plasticidade cultural portuguesa. Fernão Mendes Pinto revela uma plasticidade para lidar com as diferenças culturais duma maneira culturalmente “bem-sucedida” (Cordeiro, 1999c; Freyre, 1961; Vala, *et al.*, 2008). Nos anos 50 do século XX, Freyre viaja até às colónias portuguesas, alargando a sua teoria a todo o império colonial português, designando-a de luso-tropicalismo, ou seja: "Diverse expressions of a single symbiotic culture that can be called Lusotropical culture." (Freyre, 1961, p. 57). Após os anos 50, Freyre foi adotado pela ditadura portuguesa. A elite política, em Portugal, começou a olhar para as colónias (Alexandre, 1999), tendo em conta a cultura brasileira de fusão, como um exemplo de sucesso (Venâncio & Moreira, 2000). O estereótipo acerca da plasticidade portuguesa prevalece até, hoje, sob um sistema político que se deseja democrático:

All of those elements are to be found in the representations of Portuguese identity before and after Freyre. One can find them in Portuguese social sciences and literature, in official discourses, and in commonsense identity self-representations with amazing resilience and capacity to adapt to different political situations. (Almeida, M. V., 2004, p. 48)

Segundo Cahen (1997), hoje, o luso-tropicalismo expressa-se também através da lusofonia, juntando os países de expressão lusófona. De acordo com Araújo e Maeso (2010), a ideologia consensual do luso-tropicalismo ainda funciona na cultura portuguesa, nomeadamente, através da instrução no ensino secundário. Em consequência, a teoria luso-tropical irá, quiçá, sobreviver através das gerações futuras, tal como Cabecinhas (2010), Cabecinhas e Feijó (2010) ou Vala, *et al.*, (2008) têm apontado. No Brasil, existe um estereótipo semelhante ao da plasticidade portuguesa, isto é, o Zé Carioca (Schwarcz, 1997).

17.2 Gilberto Freyre nos modelos de Rudmin e de Berry

As aventuras de Fernão Mendes Pinto guiaram a presente investigação até à presumível capacidade portuguesa para adquirir adaptação cultural a todas as culturas. Um pioneiro do estudo da aculturação, isto é, Taft, R. (1981, 2007) escreveu acerca de imigrantes que facilmente mudavam de cultura sem estabelecerem laços ou sem mudarem as suas identidades étnicas. Taft, R. (1981, 2007) designava este tipo de aculturação de marginalidade por mediação. A alternância é também uma palavra atribuída para descrever este comportamento (Benet-Martínez, *et al.*, 2002; Coleman, 1995; LaFromboise, *et al.*, 1993). A presumível capacidade portuguesa para adquirir adaptação cultural a todas as culturas conduziu a investigação até à teoria luso-tropical de Freyre (1986), pois este gerou, em 1933, um robusto discurso científico acerca da cultura portuguesa da aculturação. Por sua vez, o trabalho de Freyre (1986) conduziu a presente investigação para o atual discurso acerca da globalização devido à sua ênfase e avaliação positiva das misturas culturais (Hannerz, 1997).

Este capítulo pretendeu interpretar o trabalho de Freyre à luz dos modelos de Berry (Berry & Sam, 1997) e de Rudmin (2009). A cultura portuguesa da aculturação deve ser contextualizada para se compreender as atuais reações às relações interculturais, isto é, à imigração, à emigração e face à globalização. O segundo objetivo geral da presente investigação, isto é, o reportar a aculturação como um processo de aprendizagem com dois sentidos, está também presente neste capítulo.

O presente capítulo implica as seguintes hipóteses, as quais irão ser discutidas no final do capítulo, estando interligados com as hipóteses discutidas no capítulo dezasseis dedicado a Fróis, as quais, portanto serão aprofundadas. A primeira hipótese de trabalho é comum a toda a análise de conteúdo, pois presume-se que o discurso histórico português acerca da aculturação não seja apropriado à cultura anglo-saxónica e à literatura dominante da aculturação, isto é, ao modelo multicultural (Berry, 1997). Assim dispondo, na tentativa de diferenciar a cultura portuguesa da anglo-saxónica é suposto que o contexto histórico português seja próximo das características ou dimensões do modelo da fusão devido à conceptualização de Gilberto Freyre (1986), isto é, ao luso-tropicalismo, o que corresponde à segunda hipótese de trabalho, sendo que a mesma abarca, sobretudo, a

técnica de análise de conteúdo, mas também o trabalho quantitativo e, em menor medida, o etnográfico de campo, sendo esta hipótese exclusiva ao presente capítulo. As duas primeiras hipóteses de trabalho relacionam ambos os objetivos gerais da investigação. A suposta característica luso-tropical da cultura portuguesa conduziu a investigação até à hipótese 2.1, uma vez que o processo de aculturação descrito por Freyre (1986), em 1933, é antagónico, sendo, pois suposto que no discurso histórico português acerca da aculturação as motivações regulem as atitudes culturais e que o processo de aprendizagem seja motivado por motivações extrínsecas (Rudmin, 2009), isto é, pelo desejo de domínio social e pelos lucros económicos, mas também por motivações intrínsecas como a curiosidade ou a aventura. O presente capítulo ainda abrange as hipóteses 3 e 3.1, pois a importância das motivações no discurso histórico português acerca da aculturação conduziu a investigação à necessidade de confrontar o discurso histórico com os atuais processos de aculturação e com a teoria luso-tropical, pois é suposto que esta seja uma ideologia consensual, uma vez que as preferências aculturativas mudam consoante as motivações das diferentes amostras, relevando que a cultura portuguesa da aculturação é complexa, pois as escolhas e as preferências são relativas e seletivas, correspondendo à H 3. Em consequência, é suposto que existam diferentes avaliações, em simultâneo, isto é, uma avaliação “real” e outra avaliação “ideal”, correspondendo à H 3.1.

A análise feita à obra de Freyre, empregando o modelo de Berry (1997), observou que a palavra “integração” não é apropriada porque, no Brasil, os portugueses foram o grupo dominante e não o minoritário. As expectativas da maioria (Berry, 2001) também não se adequam ao modelo multicultural porque a posição portuguesa não é neutra ou liberal. A análise realizada ao trabalho de Freyre, à luz do modelo de Rudmin (2009), observou que a adaptação portuguesa estava relacionada com decisões de utilidade. No Brasil, a escassez de mão-de-obra é a razão pela qual Freyre explica a miscigenação, sendo pois que as misturas foram fruto duma decisão utilitária da cultura portuguesa (Almeida, M. V., 2007; Freyre, 1986). Por outro lado, o processo de aculturação português é assimétrico, sendo realizado pela imposição cultural (Souza, 2000), conquanto que as influências culturais das minorias sejam reportadas (Freyre, 1986).

O modelo de Berry está assente na atitude cultural da não intervenção cultural, permitindo a preservação do legado cultural da minoria (e da maioria), contudo a

integração conduz também à separação cultural da minoria face à maioria, criando um terceiro espaço cultural, isto é, a sociedade alargada. De acordo com Vala, *et al.* (2008), as relações coloniais britânicas eram caracterizadas pela distância social entre os colonizadores e os colonizados. A expressão política desta separação foi a *indirect rule* britânica, a qual atribuía “autonomia” às suas colónias (Hobsbawm, 1990). Vala e Lima (2002) num estudo acerca de como as pessoas lidam com as diferenças culturais escreveram que no modelo de Berry a adaptação apenas se efetua da minoria para a maioria. No contexto português, Machado, I. J. R. (2006) e Rocha-Trindade (2010a) têm também observado que o multiculturalismo conduz à separação cultural. Assim sendo, a principal diferença entre a cultura anglo-saxónica e a portuguesa é que nesta última as misturas são inerentes à sua cultura, sendo que as influências culturais das minorias são reportadas e que o processo de aculturação se faz por intervenção e, inclusivamente, mediante uma relação de poder assimétrica, mas não pela posição neutra da maioria e pela exclusiva escolha da minoria. A “realidade” sociológica fornece razão à comparação de Freyre, uma vez que no Brasil a miscigenação é uma ideologia consensual, sendo também uma “realidade” sociológica (Cardoso, 2003). Contudo, nos Estados Unidos da América, os casamentos mistos mostram baixas percentagens (Batson, *et al.*, 2006; Qian & Lichter, 2001, 2007).

O pioneiro no estudo da aculturação, isto é, Taft, R. propôs um modelo liberal para a sociedade anglo-saxónica australiana. De acordo com a tipologia de Taft R. (1953, 1957, 1963), o monismo conduz à assimilação, o pluralismo à tolerância e à manutenção cultural e, por fim, o interacionismo conduz à mútua e gradual mudança mediante as interações sociais e as negociações entre os grupos culturais. A opção do interacionismo foi a preferida pelos australianos. Assim sendo, o interacionismo implica a intervenção ou a participação da cultura dominante, o qual revela um ponto de vista diferente face ao modelo de Berry. Portanto, na cultura anglo-saxónica a questão da aculturação é complexa e diferenciada, não existindo apenas uma preferência cultural ou atitude tida como ideal. Segundo Taft, R. (2007), a aculturação é influenciada pelas ideologias nacionais (Coenders, *et al.*, 2008) e pelos contextos sociais. Na presente investigação é suposto que as ideologias e os contextos sejam também influenciados pelo discurso histórico, sendo ainda que estas últimas podem moldar a reação às atuais relações interculturais (László, 2003).

A cultura portuguesa e a brasileira estão assentes na intervenção por parte da maioria, na participação cultural e na fusão, estabelecendo que as misturas culturais são a melhor solução para as relações interculturais (Holanda, 1948). Porém, o contexto português assenta também num ponto de vista utilitário (Rudmin, 2009) e numa relação de poder assimétrica. Para além da colonização do Brasil, a relação de poder assimétrica também ocorreu na Índia (Souza, 1985) ou em África, pois os líderes africanos reportaram que lutavam contra as pretensões assimilatórias portuguesas (Cabecinhas & Cunha, 2003).

Num tempo de teorias eugênicas⁴⁴, de branqueamento e de teorias racistas (Pimentel, 1998), Freyre forneceu importância e uma avaliação positiva à mistura de diferentes culturas (Almeida, M. V., 2007; Burke & Pallares-Burke, 2008; Pallares-Burke, 2005). Contudo, Freyre cometeu um equívoco ao afirmar que os portugueses eram mais propensos à adaptação cultural do que os outros europeus, pois transformou essa característica cultural em algo de genético ou de intrínseco. Atualmente, apesar da noção de “raça” ser recente (Bhatia 2002b), nas temáticas da discriminação e do racismo, o conceito de “raça” foi substituído pela noção de cultura (Lima & Vala, 2002; Pettigrew & Meertens 1995), pelas ideologias nacionalistas (Lyons, Madden, Chamberlain & Carr, 2011) e ainda pela noção da cultura étnica (Zagefka, 2009). Portanto, as características culturais são também percebidas como imutáveis e intrínsecas (Verkuyten, 2003; Zagefka, 2009), tal como as características do fenótipo, o qual poderá estabelecer separação social, sendo que as características culturais podem legitimar as relações de poder assimétricas (Deschamps, Vala, Marinho, Costa-Lopes & Cabecinhas, 2005; Vala, Lopes & Brito, 1999) porque essas características podem reificar-se (Zagefka, 2009). Os pontos fracos da teoria de Freyre foram a pouca importância atribuída aos conflitos interculturais como a escravatura ou o genocídio dos nativos americanos, e ainda porque o seu ponto de vista é eurocêntrico, pois a comparação estabelecida com a cultura anglo-saxónica é geopolítica e cultural (Freyre, 1961). Freyre não presta atenção ao racismo dentro da sociedade brasileira (Skidmore, 1998) ou, mais tarde, na Índia (Souza 1997, 2000). Na teoria de Freyre, a noção de “raça” aparece submetida a uma abordagem de carácter culturalista (Almeida, M. V., 2007; Passos & Silva, 2006), estudando os objetos “de fora” (Laplantine, 2003; Siqueira, 2007). Outro ponto fraco de Freyre é o seu ponto de vista teleológico, uma vez que a mistura de “raças” é afigurada como uma forma de estabelecer a harmonia universal,

⁴⁴ As teorias eugênicas dividiram a Europa em diferentes raças, por exemplo, latinos, germânicos e eslavos (Pallares-Burke, 2005; Passos, & Silva, 2006) ou mediterrânicos, alpinos e teutónicos (Boas, 1982a), sendo que as misturas eram percebidas como sendo perigosas.

não tendo em consideração mais fontes de conflitos do que a “raça”. Para além do mais, as atuais identidades étnicas foram feitas através das misturas e no futuro outras misturas irão prevalecer, operando uma diferenciação cultural e, possivelmente, novos conflitos étnicos (Berry, 2008; Hannerz, 1997). Assim sendo, Freyre não presta atenção às relações interculturais como processos dinâmicos, os quais conduzem à diversidade, tal como Boas (1982a) o fez antes de Freyre.

A tentativa de comparar a teoria luso-tropical com o modelo de Berry revelou-se uma tarefa delicada porque uma das questões fundamentais de Berry assenta em como manter o legado cultural face às influências aculturativas (é importante notar que a questão é apenas colocada acerca e para a cultura minoritária). Em consequência, o modelo de Berry não é apropriado ao contexto histórico português. No discurso histórico português, os portugueses estão abertos às relações interculturais e eles, presumivelmente, são aptos para adquirirem adaptação cultural a qualquer contexto cultural, mas eles omitem responder à questão da manutenção cultural de Berry. No entanto, tanto o multiculturalismo como a teoria luso-tropical não respondem ou estão apreensivas com as mudanças nas culturas maioritárias, pois a questão de Berry (1997) é apenas remetida acerca das minorias. Lourenço E. (1989a) notou a contradição entre a suposta plasticidade universalista portuguesa e a aculturação face a outras culturas, ou seja, os portugueses são propensos para se misturarem com toda a gente, sem, no entanto, abandonarem a sua própria cultura. Almeida M. V. (2002, 2004, 2007) afirmou que o discurso acerca da plasticidade esconde a aspiração colonial para conquistar e para mudar outras culturas, indo sempre para fora, mas mantendo a cultura portuguesa, presumivelmente, intacta. Assim dispondo, a cultura portuguesa funciona aparentemente numa ausência de cultura (Lourenço, E., 1989a) ou sob um carácter indefinido de personalidade (Nava & Lauerhass, 2006), o que permite aculturar culturas não familiares.

O trabalho de Freyre é também útil para mostrar que para se compreender o processo de aculturação é necessário ter em conta os panos de fundos históricos, sendo que o pano de fundo português é diferente do anglo-saxónico. A cultura portuguesa da aculturação é feita mediante a interação e a intervenção e, por seu turno, a anglo-saxónica é feita através da não intervenção nas culturas das minorias e ainda mediante a separação

intercultural, tal como Tocqueville reportou, em 1831, ou, sobretudo, Myrdal, em 1944 ⁴⁵. Para além disso, a cultura portuguesa reporta trocas culturais, conquanto que assenta numa relação de poder assimétrica, e a anglo-saxónica afigura-se relutante em reportar as misturas.

17.3 Roger Bastide e a aculturação no Brasil

Um ponto de vista também apropriado à cultura brasileira foi revelado por R. Bastide. O antropólogo francês foi investigador no Brasil, tendo sido influenciado pelo trabalho de Freyre (Leal, J., 2011). Bastide (1971, 1968) desenvolveu a sua teoria, designando-a de sincretismo, tendo em consideração ambas as culturas em contato e as suas intenções. Bastide afirmou que os afro-americanos adaptavam algumas características culturais da cultura católica, mas não outras, sendo que, por vezes, os afro-americanos apenas adaptavam algumas características culturais para mascararem a sua própria manutenção cultural (Bastide, 1971, 1968). Em consequência, a combinação dos diferentes elementos molda novas formas culturais e a minoria é percebida como dominada, mas é ativa no sentido de sobreviver como cultura (Peixoto, F. A., 2000). O sincretismo é feito mediante a reinterpretação da cultura, sendo um processo com dois sentidos de influências aculturativas, as quais são reportadas. Bastide estabelece ainda a diferença entre a aculturação material e a formal, isto é, uma cultura pode adquirir os conteúdos doutra cultura, fazendo aculturação material, mas não a sua mentalidade (Ferretti, 1995), isto é, não fazendo aculturação formal. Assim dispondo, a abordagem de Bastide é próxima do ponto de vista de Taft, R. (2007), uma vez que um indivíduo poderá aprender alguns domínios da segunda cultura como a língua, mas não outros domínios culturais, revelando um processo seletivo, ativo e ainda alternância mediante os diferentes papéis sociais desempenhados. Os imigrantes estão, frequentemente, a negociar as suas identidades culturais, mantendo uma forte identificação com as suas culturas (Bhatia, 2002a). Por exemplo, Sakamoto (2006) afirmou que os imigrantes temporários no Japão

⁴⁵ “The Englishman, on the contrary, continuing obstinately attached to the customs and the most insignificant habits of his forefathers, has remained in the midst of the American solitudes just what he was in the bosom of European cities; he would not allow of any communication with savages whom he despised, and avoided with care the union of his race with theirs. Thus while the French exercised no salutary influence over the Indians, the English have always remained alien from them”. (Tocqueville, 2002, p. 379).

ostentam uma posição ativa no processo de adaptação, sendo que este é negociado. Um outro exemplo é fornecido pelas jovens assírias imigrantes na Nova Zelândia, as quais são reportadas a gerirem e a negociarem as suas identidades (Collie, Kindon, Liu & Podsiadlowski, 2010).

O trabalho de Bastide (1960, 1967) enfatiza a posição ativa e as intenções de ambas as culturas, sendo próximo do ponto de vista da aculturação antagónica (Devereux & Loeb, 1943; Hirano, 2010; Rudmin, 2003b). O discurso francófono acerca da aculturação assenta em Bastide (1968, 1970) e no trabalho de Devereux (Brégent, *et al.*, 2008; Devereux 1970; Devereux & Loeb, 1943; Sabatier & Boutry, 2006), afigurando-se como interativo e realizado mediante relações antagónicas (Brégent, *et al.*, 2008; Sabatier & Boutry, 2006). O contexto de aculturação português é, presumivelmente, próximo da cultura francesa. As relações interculturais antagónicas são afiguradas, no presente estudo, como usuais (Rudmin, 2003a), por exemplo, na europa ocidental, a aculturação ao cristianismo foi também um processo sincrético e antagónico, ou seja, um processo com dois sentidos repleto de conflitos interculturais (Jolly, 1997).

17.4 A globalização como uma ideia teleológica

As relações interculturais geram misturas culturais. Hoje, misturar as culturas é avaliado como algo de positivo, palavras como hibridismo e criouliização são comuns (Hannerz, 1997), carregando em si um sentido positivo. Contudo, estas palavras têm e tiveram diferentes significados ao longo do espaço e do tempo e poderão estar relacionados com diferentes contextos sociais (Almeida, M. V., 2007). Segundo a presente investigação, a ideia da globalização tende a esquecer os conflitos e as relações de poder (Araújo & Maeso, 2010), tendendo ainda a esconder a diversidade cultural, pois funciona como uma ideologia consensual ou como uma resposta idealizada face à diversidade cultural (Bowskill, *et al.*, 2007).

A cultura portuguesa poderá ser percebida como oposta à cultura anglo-saxónica, pois avalia de modo positivo as misturas culturais, ou seja, seria, deste modo, mais

apropriada aos tempos correntes. Contudo, como Almeida M. V. (2004, 2007) e Lourenço E. (1989a) afirmaram, na adaptação cultural portuguesa realizada no além-mar, as diferentes culturas devem adaptar-se à cultura portuguesa, enquanto Portugal, como país europeu, se mantém não aculturado por outras culturas (ou essas influências não foram suficientemente reportadas). Esta crítica à cultura portuguesa foi já assomada por Fernão Mendes Pinto, quando este questiona o leitor acerca da importância de viajar para fora de Portugal, no sentido de estabelecer relações interculturais, muitas vezes, violentas, sendo que, ao mesmo tempo, Fernão Mendes Pinto vê saudosamente Portugal como estando imutável pelas relações interculturais. Contudo, devido à importância atribuída às relações interculturais na identidade portuguesa, a cultura portuguesa terá também mudado com as influências externas, sendo que aquilo que se critica ao luso-tropicalismo é a relação de poder assimétrica. Assim dispondo, a cultura portuguesa favorece a fusão (Castro, J. F. P, 2012), porém essa cultura repousa em relações de poder assimétricas (Souza, 2000). Em Goa, um importante elemento aculturativo como a língua portuguesa era pobremente utilizado na vida diária (Souza, 1997). O próprio Freyre escreveu que o processo de aculturação portuguesa em Goa não era simétrico (Freyre, 1959; Souza, 1997, 2001). Em Moçambique ou em Angola, as colónias portuguesas eram escassas e a colonização apenas se intensificou no decorrer do século XX (Castelo, 2007). Em Timor-Leste, o processo de colonização funcionou também numa forma assimétrica (Schouten, 2001). A teoria luso-tropical de Freyre (Burke, 2009) presume que ao se acabarem as diferenças “rácicas” ou dos fenótipos se estabelecerá uma harmonia universal, confundindo o processo com o resultado, e não vendo que os conflitos sociais são dinâmicos, e ainda que novas identidades étnicas sejam formadas no futuro, podendo conduzir a novos conflitos, sendo ainda que os conflitos sociais assentam em muitos outros fatores para além da ideia da “raça” ou das diferenças nos fenótipos.

17.5 A presumível plasticidade portuguesa confrontada no questionário

As narrativas históricas são formuladas de acordo com as necessidades do presente (László, 2003), fornecendo um sentido positivo ao grupo social (László, Vincze & Somogyvári, 2003) e o passado é percebido numa forma positiva em oposição aos eventos recentes (Pennebaker, *et al.*, 2006). Assim dispondo, toda a violência inerente às

navegações e aos processos de colonização não são lembrados. Sá e Oliveira (2002) verificaram que as ideias associadas ao achamento do Brasil eram afiguradas de modo positivo, em Portugal e no Brasil.

A presente investigação tentou estabelecer a direção da aculturação e as motivações e as intenções que estão subjacentes às atitudes ou às preferências culturais, tendo em conta o ponto de vista da maioria e “deixando falar” as minorias acerca das suas apreensões culturais. Para além disso, a questão de como manter o legado cultural deve ser também feita à cultura maioritária (Bourhis, *et al*, 1997; Geschke, *et al.*, 2010). O investigador tentou também estar consciente acerca da direção do processo de aculturação, das intenções que subjazem às atitudes culturais, e ainda de quem é ativo ou passivo no processo de aculturação, uma vez que, por exemplo, de acordo com Soares e Jesuíno (2004), os portugueses são retratados como ativos e os nativos da América como passivos.

A presumível plasticidade portuguesa, presente no discurso histórico, deverá ser confrontada com as atuais reações ao processo da aculturação, isto é, com a imigração e com a emigração portuguesas, pois estas últimas implicam mudanças e apreensões acerca da cultura portuguesa. No questionário (PEAQ) a questão número dois diz respeito ao luso-tropicalismo (Freyre, 1986), no entanto, antes de se descrever a questão e os seus resultados estatísticos, é importante descrever a caracterização sociodemográfica das amostras, isto é, da maioria portuguesa, dos imigrantes cabo-verdianos e dos emigrantes portugueses.

17.5.1 A caracterização sociodemográfica das amostras

Tabela 1: O número de sujeitos por amostra

Amostras	N	%
Maioria portuguesa	56	42%
Imigrante (Cabo Verde)	39	30%
Emigrante portuguesa	37	28%
Total	132	100%

Tal como a tabela número um mostra, a aplicação do questionário obteve 132 sujeitos, os quais estão divididos em três amostras. A amostra da maioria portuguesa é composta por 56 sujeitos, perfazendo 42% do total da amostra. A amostra de imigrantes cabo-verdianos é composta por trinta e nove sujeitos a viverem em Portugal, os quais perfazem 30% do total da amostra. A amostra de emigrantes portugueses de Metz, França, é composta por 37 sujeitos, perfazendo 28% do total da amostra.

Tabela 2: A nacionalidade dos sujeitos

Amostras	Portuguesa		Cabo-verdiana	
	N	%	N	%
Maioria portuguesa	56	100%	0	0.0%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0.0%	39	100%
Emigrante portuguesa	37	100%	0	0.0%
Total	93	70.5%	39	29.5%

$$\chi^2(2, N=132) = 99.553, p = .000$$

Na tabela número dois é mostrada uma clara separação das amostras segundo a nacionalidade. A amostra da maioria portuguesa e a amostra dos emigrantes portugueses dispõem em exclusivo da nacionalidade portuguesa e a amostra de imigrantes cabo-verdianos dispõe unicamente da nacionalidade cabo-verdiana, tal como é observável na tabela número um. O total da mostra é composto por 70.5% de portugueses e por 29.5% de sujeitos cabo-verdianos.

Tabela 3: A “raça”

Amostras	“Branco”		“Negro”		“Mestiço”	
	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	56	100%	0	0.0%	0	0.0%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0%	22	56%	17	44%
Emigrante portuguesa	37	100%	0	0.0%	0	0.0%
Total	93	70.5%	22	16.7%	17	12.9%

$$\chi^2(4, N=132) = 85.141, p = .000$$

A tabela número três revela que 100% da amostra da maioria portuguesa se reporta como sendo “branca”, o mesmo sucede com a amostra de emigrantes portugueses. Na amostra de imigrantes cabo-verdianos 56% dos sujeitos reportam-se como sendo “negros” e 44% como sendo “mestiços”. Assim sendo, constata-se uma clara separação das amostras mediante as variáveis “raça” e nacionalidade.

Tabela 4: As faixas etárias

Amostras	N	15-30 %	N	31-45 %	N	46-60 %
Maioria portuguesa	31	55.5%	17	30.5%	8	14%
Imigrante (Cabo Verde)	32	82.0%	6	15.0%	1	3.0%
Emigrante portuguesa	11	30.0%	19	51.0%	7	19%
Total	74	56.1%	42	31.8%	16	12.1%

$$\chi^2(4, N=132) = 5.236, p = .022$$

Na tabela número quatro, a amostra da maioria portuguesa é a segunda amostra mais jovem porque 55.5% dos sujeitos têm entre 15 e 30 anos de idade, ou seja, a maioria da amostra, sendo ainda que 30.5% dos sujeitos têm entre 31 e 45 anos de idade e 14% dos sujeitos têm entre 46 a 60 anos de idade. A amostra mais jovem é a imigrante cabo-verdiana porque 82% dos sujeitos têm entre 15 e 30 anos e apenas 15% dos sujeitos têm entre 31 e 45 anos, sendo ainda que 3% dos sujeitos têm entre 46 a 60 anos de idade. No sentido oposto, a amostra de emigrantes portugueses é a menos jovem, pois 51% dos sujeitos têm entre 31 e 45 anos, ou seja, a maioria da amostra, e porque apenas 30% dos sujeitos têm entre 15 e 30 anos de idade, sendo ainda que 19% têm entre 46 e 60 anos de idade.

Tabela 5: A educação

Amostras	N	Primária %	N	Secundário %	N	Universitário %
Maioria portuguesa	2	4.80%	15	35.7%	25	59.5%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0.00%	7	17.9%	32	82.1%
Emigrante portuguesa	14	43.8%	15	46.9%	3	9.40%
Total	16	14.2%	37	32.7%	60	53.1%

$$\chi^2(8, N=132) = 4.044, p = .044$$

Na tabela cinco é observável que a juventude da amostra de imigrantes cabo-verdianos poderá explicar o seu elevado nível educacional porque a maioria da amostra é composta por estudantes, sendo que 82.1% dos sujeitos têm ou estão a fazer um curso superior, sendo ainda que 17.9% da amostra completou o ensino secundário. A amostra de imigrantes cabo-verdianos dispõe dum nível elevado de educação, obtendo o nível de educação mais elevado das amostras, o qual não corresponde às médias nacionais portuguesas e cabo-verdianas. No sentido oposto, nos emigrantes portugueses apenas 9.4% dos sujeitos têm ou estão a fazer um curso universitário, 46.9% têm o ensino

secundário e 43.8% dos sujeitos o ensino primário. As diferenças entre as amostras estão relacionadas com as condições encontradas nos respetivos trabalhos de campo. O trabalho de campo feito com os cabo-verdianos foi maioritariamente implementado entre os estudantes universitários na cidade do Porto, contudo a aplicação ocorreu durante os seus eventos culturais e não junto duma universidade. Na amostra de emigrantes portugueses a aplicação foi realizada por entre os trabalhadores emigrantes e as suas famílias em Metz, França. A amostra da maioria portuguesa é mais equilibrada, pois 59.5% dos sujeitos têm ou estão a fazer um curso universitário e 35.7% têm o ensino secundário e 4.8% o primário. Vala e Costa-Lopes (2010) reportaram que os sujeitos mais jovens são mais abertos ao contato intercultural do que os sujeitos com mais idade, ou seja, as distribuições desequilibradas das amostras nas variáveis da idade e da educação poderão ter influenciado os resultados, estabelecendo uma limitação à presente investigação.

Tabela 6: O género

Amostras	N	Mulheres		Homens	
			%		%
Maioria portuguesa	31		55.0%	25	45.0%
Imigrante (Cabo Verde)	19		49.0%	20	51.0%
Emigrante portuguesa	15		40.5 %	22	59.5%
Total	65		49.2%	67	50.8%

($p > .050$)

Tal como a tabela seis revela, o género é mais equilibrado do que as outras variáveis sociodemográficas. A amostra da maioria portuguesa é composta por 55% de mulheres e 45% de homens. A amostra de imigrantes cabo-verdianos é mais equilibrada porque 49% dos sujeitos são mulheres e 51% são homens. Por fim, a amostra de emigrantes portugueses é composta por 59.5% de homens e 40.5% de mulheres, revelando a importância do género na aplicação do questionário e do trabalho de campo (Foddy, 1996), uma vez que o doutorando teve maior contato com homens.

Tabela 7: A experiência emigratória

Amostras	N	Sim		N	Não	
			%			%
Maioria portuguesa	5		9%	51		91%
Imigrante (Cabo Verde)	26		67%	13		33%
Emigrante portuguesa	36		97%	1		3%
Total	67		50.8%	65		49.2%

$\chi^2(2, N= 132) = 37.557, p= .000$

Na tabela sete constata-se que na amostra da maioria portuguesa apenas 9% dos sujeitos reportaram terem experiência emigratória, o qual é útil porque os seus pontos de vista poderão não reportar a experiência emigratória. Na amostra de imigrantes cabo-verdianos 33% dos sujeitos da amostra reportam não terem experiência emigratória, apesar de estarem em Portugal. Este resultado é possível devido a várias razões, ou seja, porque a amostra é constituída por estudantes ou ainda porque não percebem Portugal como um país de emigração. Contudo, a maioria da amostra de imigrantes cabo-verdianos, isto é, 67% descreve-se como tendo experiência imigratória, o qual será útil para explicar as apreensões acerca do processo de adaptação, da manutenção cultural e as apreensões acerca da sua mudança cultural enquanto imigrantes em Portugal. A amostra de emigrantes portugueses tem uma clara perceção acerca da sua posição na sociedade francesa, uma vez que se descrevem como imigrantes, em França: 97% dos sujeitos dizem ter experiência emigratória.

17.5.2 Os dilemas do luso-tropicalismo

Tal como foi afirmado acima, a questão número dois do questionário abarca algumas das dimensões do luso-tropicalismo, sendo que foi formulada para verificar se a teoria luso-tropical (Freyre, 1986) é uma ideologia consensual no contexto português e lusófono, pois as dimensões do luso-tropicalismo são esperadas mudarem de acordo com os diferentes estatutos sociais das amostras. A questão pretendeu ainda verificar a relação que a questão mantinha com a questão da perceção de ameaça, no sentido de cumprir o primeiro objetivo geral, ou seja, o explorar e o contextualizar a cultura portuguesa da aculturação. A questão número oito do questionário, a qual funciona como uma questão de controlo, abarca as dimensões de perceção de ameaça e do racismo. As hipóteses relacionadas com a questão são a H 1, a H 2 e a H 2.1, ou seja, as mesmas do que no capítulo dezasseis referente à obra maior de Fróis, tendo sido acrescentadas as H 3 e a H 3.1. Assim dispondo, é suposto que o luso-tropicalismo funcione como uma ideologia consensual face às atuais reações ao processo de aculturação, por exemplo, face à imigração e à emigração, correspondendo à H 3. O luso tropicalismo é suposto ser uma ideologia consensual, pois, por exemplo, os emigrantes portugueses são supostos expressarem elevadas apreensões com a sua mudança social, ou ainda porque, apesar da

amostra da maioria portuguesa preferir as misturas culturais, os sujeitos da amostra poderão não preferir mudar a cultura portuguesa. É suposto, pois que exista, em simultâneo, uma avaliação “ideal”, correspondendo ao luso-tropicalismo, e uma avaliação “real”, a qual corresponde aos atuais fenómenos da aculturação da emigração e da imigração portuguesas. Portanto, as preferências aculturativas são relativas e elas dependem da posição social das amostras ou do seu estatuto social, pois este último desencadeia diferentes avaliações.

A teoria luso-tropical foi dividida em quatro dimensões: a empatia, a capacidade de adaptação, as misturas culturais e o etnocentrismo, as quais se encontram expressas na literatura portuguesa. Cada uma das quatro dimensões dispõe de dois itens, sendo expressos de forma dicotómica (ver, no ponto um do índice do anexo). A empatia é uma condição psicológica para adquirir adaptação cultural. A empatia e a capacidade de adaptação são dimensões, presumivelmente, semelhantes. Os itens que cobrem a dimensão da empatia são o item 2.1 (Os portugueses causam simpatia em todos os povos) e o item 2.2 (Os portugueses não causam simpatia em todos os povos). A dimensão da empatia presume que os portugueses são mais empáticos do que outros povos (a qual é uma generalização excessiva e uma afirmação essencialista). A capacidade de adaptação engloba os itens 2.5 (Os portugueses adaptam-se a todas as culturas) e o 2.6 (Os portugueses não se adaptam a todas as culturas). A dimensão da capacidade de adaptação poderá ser concebida como sendo mais “realista” face à dimensão da empatia.

Tabela 8: item 2.1 (Os portugueses causam empatia em todos os povos)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	3	5%	9	16%	20	36.0%	23	41%	1	2%
Imigrante (Cabo Verde)	3	8%	13	33%	23	59.0%	0	0.0%	0	0%
Emigrante portuguesa	0	0%	2	5.5%	15	40.5%	20	54%	0	0%
Total	6	4%	24	18%	58	44%	43	33%	1	1%

$F(2, 129) = 16.455, p = .000$

Tal como é observável na tabela oito, no item 2.1 os resultados observados mostram que a amostra da maioria portuguesa pensa que os portugueses causam empatia em todos os povos. No item dicotómico 2.2 (Os portugueses não causam simpatia em todos os povos) a amostra é consistente com as respostas fornecidas ao primeiro item, pois a maioria da amostra não concorda com o item (ver tabela 1, em anexo). No item 2.1 o

resultado da ANOVA é de ($p = .000$) e, empregando o teste Bonferroni Post-hoc multiple comparisons, não existem diferenças entre a amostra da maioria e a amostra dos emigrantes portugueses ($p = .178$). Contudo, a amostra da maioria portuguesa é distinta face à amostra de imigrantes cabo-verdianos ($p = .000$). A amostra de imigrantes cabo-verdianos também concorda com a capacidade empática dos portugueses, contudo num nível mais baixo do que a primeira amostra. Apesar da pequena diferença entre as duas amostras, os imigrantes cabo-verdianos partilham a teoria luso-tropical com os portugueses, no que diz respeito à dimensão da empatia. Na amostra de emigrantes portugueses, o item 2.1 (Os portugueses causam empatia em todos os povos) obtém os níveis de concordância mais elevados das três amostras (54% dos sujeitos concordam totalmente). Assim dispondo, a dimensão da empatia é partilhada por todas as amostras.

Tabela 9: item 2.5 (Os portugueses adaptam-se a todas as culturas)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	3	5%	12	21%	25	45%	14	25%	2	4%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0%	26	67%	9	23%	1	2.0%	3	8%
Emigrante portuguesa	0	0%	2	5.5%	13	35%	22	59.5%	0	0%
Total	3	2%	40	30%	47	36%	37	28%	5	4%

$F(2, 129) = 14.549, p = .000$

A presumível empatia portuguesa deveria fomentar a capacidade de adaptação portuguesa, até porque é suposto, segundo (Freyre, 1986) que os portugueses tenham uma maior capacidade de adaptação cultural do que outros grupos culturais. Os itens que cobrem a dimensão são o 2.5 (Os portugueses adaptam-se a todas as culturas) e o item 2.6 (Os portugueses não se adaptam a todas as culturas). Na amostra da maioria portuguesa os resultados observados confirmam os esperados porque a amostra concorda com a dimensão da capacidade de adaptação portuguesa. Assim sendo, a maior parte da amostra da maioria portuguesa partilha esta característica ou dimensão do luso-tropicalismo. Esta perceção poderá ter sido influenciada pelo recente fluxo emigratório e não apenas pelas narrativas históricas.

Na amostra de imigrantes cabo-verdianos, contudo era esperado que o item 2.5 (Os portugueses adaptam-se a todas as culturas) obtivesse resultados mais baixos do que a amostra da maioria portuguesa. O item 2.6 (Os portugueses não se adaptam a todas as culturas) era esperado obter níveis mais elevados de concordância, sendo que os resultados

esperados se confirmam (ver tabela dois, em anexo). A amostra de imigrantes cabo-verdianos está em desacordo com o item 2.5 (Os portugueses adaptam-se a todas as culturas) e em acordo com o item 2.6 (Os portugueses não se adaptam a todas as culturas). Os resultados poderão ser explicados devido ao estatuto social da amostra, isto é, de imigrantes em Portugal e também devido ao processo de descolonização. Na amostra de emigrantes portugueses, o nível de concordância e de discordância é maior do que na amostra da maioria portuguesa e a amostra de emigrantes portugueses concorda com a suposta elevada capacidade de adaptação dos portugueses, confirmando os resultados esperados.

Em resumo, se as observações são realmente numéricas e desenhadas a partir de amostras normalmente distribuídas, as quais são iguais na variância, então pode-se concluir (Siegel, 1957) que todas as amostras referem que os portugueses causam empatia. Esta característica essencialista supostamente fortalece a capacidade de adaptação cultural a todas as culturas e, de facto, no item 2.5 (Os portugueses adaptam-se a todas as culturas) apenas a amostra de imigrantes cabo-verdianos refere o oposto. É também importante notar que são os emigrantes portugueses quem atribuem mais concordância, atribuindo também as características essencialistas aos portugueses. Os resultados apontam para a suposta consensualidade da teoria luso-tropical. Porém, as supostas características inerentes aos portugueses, ou seja, a empatia e a capacidade de adaptação devem ser comparadas com outras dimensões presentes na questão número dois do (PEAQ), ou seja, as misturas e o etnocentrismo, pois estas dimensões apontam para as presentes relações de aculturação e não apenas para a narrativa do passado português.

17.6 O Luso-tropicalismo, a emigração e a imigração

Na cultura portuguesa diferentes temáticas como a imigração, as descobertas e a colonização são, supostamente, formuladas através das mesmas ideais consensuais (Brettell, 2003; Castro & Marques, 2003; Cordeiro, 1999c; Rocha-Trindade, 1998), tais como a empatia ou a capacidade de adaptação. Estas ideais partilhadas esquecem os conflitos interculturais num mundo em crescente processo de globalização e não estabelecem um ponto de vista crítico acerca do passado português. Porém, Gonçalves A.

(1996) e Castro J. F. P. (2011) afirmaram que o processo de aculturação resultante da emigração portuguesa causava, inclusivamente, conflitos intragrupais, em Portugal.

A ideologia consensual acerca da plasticidade portuguesa está estendida até aos imigrantes a residirem em Portugal, dizendo que os portugueses são mais tolerantes do que outros povos. No entanto, investigações recentes acerca do racismo e da discriminação (Marques, J. F., 2007) reportam que os portugueses são racistas, tal como outros povos europeus. Vala, *et al.* (2008) têm abordado a história portuguesa, o seu passado colonial e explicam como os portugueses “brancos” reagem perante os imigrantes, sendo que a teoria luso-tropical, supostamente, enfraquece a associação entre a identificação intergrupar e a orientação face à discriminação das minorias, evitando a discriminação aberta, mas não a coberta ou também designada de discriminação subtil (Zick & Pettigrew, 2008). Contudo, Valentim (2003), contrariando o trabalho de Vala, *et al.* (2008) encontrou uma associação entre as identificações nacionais e o preconceito (Figueiredo, Valentim & Doosje, 2011). Atualmente, o racismo subtil é comum na Europa (Cunha, 1997; Lima & Vala, 2002, 2004; Pettigrew & Meertens, 1995). Hoje, a discriminação funciona também mediante características culturais e não apenas através dos traços biológicos⁴⁶ (Lima & Vala, 2002). Segundo Pettigrew (1998a) e Pettigrew e Meertens (1995), o racismo subtil funciona através de três condições, isto é, apelo à tradição, exagerando as diferenças culturais e através do sentimento negativo face aos restantes grupos culturais.

O preconceito e o racismo serão, quiçá, universais (Allport, 1954) e eles não podem ser atribuídos apenas às culturas ocidentais. Esta afirmação parece estar em concordância com um mundo globalizado, no qual alguns países, anteriormente, colonizados detêm, hoje, poder, tal como a China (Even, 2006), a Indonésia (Goto, 2007) ou o Brasil (Cardoso, 2003). O preconceito, a discriminação e o racismo são, sobretudo, questões de poder (Operario & Fiske, 1998). No caso do Brasil, a discriminação e o racismo estão a funcionar através do designado racismo cordial (Lima & Vala, 2004). O racismo cordial assenta no *melting pot* brasileiro e encobre a discriminação (Camino, Silva, Machado & Pereira, 2001), funcionando para diferenciar as pessoas através duma relação assimétrica de poder. Para além do mais, a atual avaliação positiva acerca das

⁴⁶ As “raças” não são “estáveis” ao contrário da cultura. A cultura é afigurada como uma característica estável da humanidade duma forma tal que se assemelha aos instintos determinados biologicamente (Boas, 1962, 1982a).

misturas parece ser uma ideologia consensual, o qual poderá enviesar as respostas fornecidas aos questionários.

Ainda no que diz respeito ao luso-tropicalismo, a questão número oito do questionário mede a perceção de ameaça. Os itens 8.11 (Eu sou racista) e o 8.12 (Em Portugal há racismo) estão a perguntar acerca da perceção do racismo na sociedade portuguesa, estando diretamente relacionadas com a discriminação e com o luso-tropicalismo. Vala, *et al.* (2008) têm escrito que a teoria luso-tropical enfraquece o sentido comunitário interno, em consequência as apreensões acerca das mudanças culturais dos portugueses seriam mais baixas do que em outras culturas, sendo que os portugueses seriam, supostamente, mais tolerantes do que outros povos.

Em Portugal, segundo Baganha (2005), a percentagem de portugueses que se dizem racistas é baixa. Contudo, a percentagem de pessoas que dizem existir racismo, em Portugal, é elevada. Na cultura brasileira, a mesma contradição existe, pois num estudo conduzido pelo instituto Datafolha, em 1995 (Venturi & Paulino, 1995), 89% dos sujeitos “brancos” concordam que os afro-brasileiros são alvo de racismo, porém apenas 10% dos sujeitos amostrais dizem ser racistas. Num outro estudo, 98% dos sujeitos dizem que existe racismo, no Brasil, mas 84% dos sujeitos dizem que não são racistas (Camino, *et al.*, 2001).

Tabela 10: item 8.11 (Eu sou racista)

Amostras	N	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	38		68.0%	6	10.5%	6	10.5%	1	2.0%	5	9.0%
Imigrante (Cabo-Verde)	27		69.0%	9	23.0%	1	3.0%	0	0.0%	2	5.0%
Emigrante portuguesa	7		19.0%	29	78.0%	1	3.0%	0	0.0%	0	0.0%
Total	72		54.5%	44	33%	8	6%	1	1%	7	5.5%

$F(2, 129) = 1.230, p = .296$

Tabela 11: item 8.12 (Em Portugal há racismo)

Amostras	N	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	1		2.0%	2	4.0%	28	50%	21	37%	4	7.0%
Imigrante (cabo-verde)	0		0.0%	0	0.0%	18	46%	21	54%	0	0.0%
Emigrante portuguesa	0		0.0%	2	5.0%	33	89%	1	3%	1	3.0%
Total	1		0.5%	4	3%	79	60%	43	32.5%	5	4%

$F(2, 129) = 7.660, p = .001$

Nas tabelas dez e onze, os resultados observados reportam uma contradição porque todas as amostras discordam com o item 8.11 (Eu sou racista), mas concordam com o item 8.12 (Em Portugal há racismo). No item 8.11, o resultado da ANOVA é de ($p = .297$), portanto não existem diferenças entre as amostras, sendo que os resultados são semelhantes aos obtidos no Brasil por Venturi e Paulino (1995). Na amostra da maioria portuguesa o item 8.11 obtém 68% dos sujeitos em desacordo total. O item 8.12 (Em Portugal há racismo) obtém 50% de concordo pouco, sendo ainda que 7% da amostra não responde. A opção da não resposta revelou-se útil para verificar se os sujeitos estavam a evitar as questões sensíveis, para evitar a desejabilidade social (Crowne & Marlowe, 1960), para evitar também o ponto intermédio ou a aquiescência, e ainda a escolha forçada duma das opções de resposta (Rudmin, 2006). A opção de não resposta foi também útil para detetar problemas nos itens, o que foi levado a cabo durante a aplicação piloto do questionário exploratório (PEAQ).

Em Portugal, Machado, F. L. (2003) conduziu um trabalho de campo junto da comunidade africana e reportou níveis elevados na perceção do racismo. Em consequência, a amostra de imigrantes cabo-verdianos era esperada revelar uma diferença cultural no item 8.12 (Em Portugal há racismo). Na amostra de imigrantes cabo-verdianos surge o nível mais elevado de desacordo com o item 8.11 (Eu sou racista). O item 8.12 (Em Portugal há racismo) obtém 100% de concordância, o qual é consistente com o trabalho de Machado, F. L. (2003). Padilla, B. (2005) e Pontes (2004) também reportaram que os brasileiros percebiam racismo em Portugal. Portanto, a cultura luso-tropical é partilhada com os cabo-verdianos, contudo não evita a perceção da existência da perceção de racismo. Esta perceção é reforçada com o desacordo da amostra cabo-verdiana face ao item luso-tropical 2.5 (Os portugueses adaptam-se a todas as culturas) da tabela nove. Contudo, a amostra de emigrantes portugueses no item 8.11 (Eu sou racista) era esperada obter níveis mais elevados de concordância, conquanto que baixos, revelando problemas interculturais na cultura francesa. No item 8.12 (Em Portugal há racismo) era esperado obter níveis mais baixos, revelando um Portugal idealizado. Contudo, os resultados esperados não foram confirmados. A diferença face às outras duas amostras assenta na intensidade das respostas, não na sua direção. O resultado da ANOVA no item 8.12 (Em Portugal há racismo) diferencia as amostras ($p = .001$), sendo que é a amostra de

emigrantes portugueses que estabelece a diferença face aos imigrantes cabo-verdianos ($p=.001$) e à amostra da maioria portuguesa ($p=.005$).

Os itens constituem-se como um bom exemplo de como a teoria luso-tropical funciona como uma ideologia partilhada, mostrando ainda uma contradição entre o discurso histórico e a “realidade” presente. A ideologia consensual do luso-tropicalismo evita qualquer tentativa de se abordar a questão da etnicidade (Cabecinhas, 2003, Machado, F. L., 2003) e as diferenças culturais. De facto, a “realidade” sociológica diz que o discurso português acerca da aculturação esquece a sua diversidade interna (Almeida, J. C. P., 2006).

As contradições do luso-tropicalismo (e as suas limitações) poderão ser reveladas também através doutra dimensão, ou seja, através da dimensão das misturas culturais. A investigação começou com a presunção de que a cultura portuguesa está a fazer misturas culturais. A dimensão da mistura pretendia responder à contradição fundamental assente no discurso histórico português porque misturar as culturas implica mudar a cultura portuguesa. A dimensão das misturas culturais foi formulada através dos itens 2.3 (Ao misturarem-se os portugueses perdem a sua própria cultura) e do 2.4 (Ao misturarem-se os portugueses mantêm a sua própria cultura).

Tabela 12: item 2.3 (Ao misturarem-se os portugueses perdem a sua própria cultura)

Amostras	Concordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	24	43%	14	25.0%	14	25%	2	3.50%	2	3.5%
Imigrante (Cabo Verde)	10	26%	18	46.0%	6	15%	0	0.00%	5	13%
Emigrante portuguesa	0	0.0%	5	13.5%	13	35%	18	48.5%	1	3.0%
Total	34	26%	37	28%	33	25%	20	15%	8	6%

$F(2, 129) = 20.827, p=.000$

Tabela 13: item 2.4 (Ao misturarem-se os portugueses mantêm a sua própria cultura)

Amostras	Concordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	1	2%	11	20%	28	50%	12	21%	4	7%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0%	4	10%	22	56%	10	26%	3	8%
Emigrante portuguesa	1	2%	6	16%	28	76%	1	3%	1	3%
Total	2	1.5%	21	16%	78	59%	23	17.5%	8	6%

$F(2, 129) = 3.078, p=.049$

Na tabela número doze, a amostra da maioria portuguesa no item 2.3 (Ao misturarem-se os portugueses perdem a sua própria cultura) obteve o nível mais elevado de desacordo entre as três amostras. Na tabela número treze, a amostra da maioria portuguesa, no item 2.4 (Ao misturarem-se os portugueses mantêm a sua própria cultura) obtém concordância, revelando uma contradição da cultura luso-tropical porque as misturas implicam mudanças culturais.

Na amostra de imigrantes cabo-verdianos o item 2.3 (Ao misturarem-se os portugueses perdem a sua própria cultura) da tabela número doze obtém desacordo. No sentido e direção opostas, a maior parte da amostra concorda com o item 2.4 (Ao misturarem-se os portugueses mantêm a sua própria cultura). Assim sendo, a amostra cabo-verdiana partilha a ideologia consensual do luso-tropicalismo. A avaliação da amostra cabo-verdiana é uma avaliação hétero no sentido em que os itens são se referem à comunidade imigrante ou cabo-verdiana. Em consequência, apesar de preferirem as misturas, as amostras da maioria portuguesa e dos cabo-verdianos pensam que os portugueses irão manter a sua cultura. Contudo, na amostra de emigrantes portugueses o item 2.3 (Ao misturarem-se os portugueses perdem a sua própria cultura) da tabela doze obteve concordância, revelando uma elevada apreensão com a cultura portuguesa, quiçá, porque a amostra percebe elevados níveis de perceção de ameaça aos níveis económico, simbólico e de segurança (ver tabelas 3, 5, 7, 9 e 11, em anexo). No entanto, o item 2.4 (Ao misturarem-se os portugueses mantêm a sua própria cultura) obteve acordo um pouco com a manutenção da cultura portuguesa, estabelecendo uma inconsistência entre os dois itens. A diferença deverá ser entendida devido às apreensões acerca da mudança cultural portuguesa e mediante o estatuto social de imigrantes em França. A amostra de emigrantes portugueses parece não partilhar a preferência pela cultura luso-tropical, senão que estabelece uma elevada apreensão acerca das mudanças culturais portuguesas. A diferença cultural e a não preferência pelas dimensões luso-tropicais foi também reportada na primeira questão do questionário (acerca dos imigrantes) e na questão número quatro (acerca dos emigrantes portugueses), sobretudo, nesta última, como se poderá verificar no capítulo dezoito.

Em resumo, as amostras da maioria portuguesa e dos imigrantes cabo-verdianos estão a partilhar a teoria luso-tropical e referem que os portugueses não estão a perder a

sua própria cultura, estabelecendo uma contradição porque afirmam que os portugueses estão a manter a sua cultura quando se misturam, revelando que as misturas supostamente não mudam a cultura portuguesa. A amostra de emigrantes portugueses parece não partilhar a ideologia luso-tropical, pois refere que os portugueses estão a fazer misturas culturais, contudo estabelece uma apreensão elevada com as mudanças culturais próprias, confirmando as H 3 e a H 3.1, isto é, que era suposto que a teoria luso-tropical funcionasse como uma ideologia consensual (H 3) e que a cultura portuguesa revelasse, em simultâneo, uma avaliação “real” e outra “ideal” (H 3.1) acerca da aculturação. A contradição da teoria luso-tropical (Freyre, 1986) poderá ser reforçada através da dimensão do etnocentrismo da questão número dois do questionário. Na teoria luso-tropical (Freyre, 1986) os conflitos interculturais estão presentes, no entanto eles não se constituem como o centro da conceptualização. Freyre não negligência a violência, mas a sua ênfase é atribuída à adaptação cultural, à aprendizagem mútua como uma forma de melhorar as culturas, comparando o legado histórico português com o anglo-saxónico.

Tabela 14: item 2.7 (A cultura portuguesa predomina sobre as outras nas relações interculturais)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	15	27%	20	36%	15	27%	2	3%	4	7%
Imigrante (Cabo Verde)	6	15%	12	31%	11	28%	7	18%	3	8%
Emigrante portuguesa	1	3%	5	13%	27	73%	1	3%	3	8%
Total	22	17%	37	28%	53	40%	10	7.5%	10	7.5%

$F(2, 129) = 5.387, p = .006$

Tabela 15: item 2.8 (A cultura portuguesa não predomina sobre as outras nas relações interculturais)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	6	11%	13	23.0%	22	39%	9	16%	6	11%
Imigrante (Cabo verde)	3	8%	12	31.0%	17	43%	4	1%	3	8%
Emigrante portuguesa	4	11%	25	67.5%	3	8%	2	5.5%	3	8%
Total	13	10	50	38	42	32	15	11	12	9%

$F(2, 129) = 3.727, p = .027$

A dimensão do etnocentrismo foi formulada através dos itens 2.7 (A cultura portuguesa predomina sobre as outras nas relações interculturais) e do item 2.8 (A cultura portuguesa não predomina sobre as outras nas relações interculturais). Era esperado que a amostra da maioria portuguesa não concordasse com o ponto de vista etnocêntrico. O modelo de fusão requer uma relação simétrica, caso contrário, torna-se em assimilação.

Tal como é observável nas tabelas quatorze e quinze, a amostra da maioria portuguesa no item 2.7 (A cultura portuguesa predomina sobre as outras nas relações interculturais) obteve desacordo. No item 2.8 (A cultura portuguesa não predomina sobre as outras nas relações interculturais), no entanto, obteve concordância, havendo ainda 11% de não respostas. Assim dispondo, as ideais etnocêntricas estão ausentes na amostra da maioria portuguesa. A amostra da maioria portuguesa apenas percebe ameaça ao nível económico (ver tabelas 3 e 5, em anexo). Na amostra de imigrantes cabo-verdianos o resultado do item 2.7 (A cultura portuguesa predomina sobre as outras nas relações interculturais) é inconclusivo porque existe um equilíbrio entre as opções de resposta de concordância e de discordância, sendo que a opção não resposta obteve 8%. No item 2.8 (A cultura portuguesa não predomina sobre as outras nas relações interculturais) a amostra imigrante cabo-verdiana obteve concordância, porém o resultado é também inconclusivo, pois existem 8% de sujeitos a optarem pela não resposta. Na amostra de emigrantes portugueses a posição etnocêntrica é clara, pois 73% dos sujeitos estão a concordar um pouco com o item 2.7. Os resultados da amostra no item 2.8 são consistentes com o item 2.7, uma vez que 67.5% dos sujeitos estão a discordar um pouco. Em ambos os itens é a amostra de emigrantes portugueses que estabelece uma diferença cultural face às restantes duas amostras (ver tabela vinte e dois, em anexo).

17.7 Notas finais

As conclusões do presente capítulo têm em conta a análise de conteúdo realizada às obras de Fernão Mendes Pinto e de Luís de Fróis. As hipóteses 1, 2 e 2.1 já foram abordadas nos anteriores capítulos, ou seja, no quinze e no dezasseis, sendo que o presente capítulo adiciona as hipóteses 3 e a 3.1, as quais irão ser aprofundadas nos capítulos acerca da emigração e da imigração, isto é, nos capítulos dezoito e dezanove, respetivamente. As diferenças intragrupo encontradas a nível da análise de conteúdo podem ser estendidas até ao trabalho quantitativo, uma vez que as hipóteses 3 e a 3.1 são também confirmadas porque a teoria luso-tropical se revela consensual, mas, em simultâneo, também reporta uma contradição devido às diferenças entre as amostras. Se as observações são verdadeiramente numéricas e provêm de amostras normalmente distribuídas, as quais são iguais na variância, então é possível concluir (Siegel, 1957) que

a teoria luso-tropical funciona no contexto português como uma ideologia consensual. Todas as amostras concordam com a capacidade empática dos portugueses e apenas a amostra de imigrantes cabo-verdianos discorda com a presumível capacidade portuguesa de adaptação a qualquer cultura. A aculturação e as relações interculturais são inerentes à cultura portuguesa, sendo parte da sua narrativa histórica. A amostra da maioria portuguesa não toma um ponto de vista etnocêntrico porque afirma que a cultura portuguesa não prevalece sobre as outras culturas. No entanto, e revelando uma contradição da cultura luso-tropical, a amostra da maioria portuguesa afirma que os portugueses estão a manter a sua cultura quando se misturam. O mesmo acontece com a amostra de imigrantes cabo-verdianos, apesar do seu estatuto social de imigrantes a residirem em Portugal.

A amostra de emigrantes portugueses refere que a cultura portuguesa perde a sua cultura quando se mistura e que prevalece sobre as outras nas relações interculturais, revelando uma contradição da cultura luso-tropical. Os resultados poderão ser devidos ao estatuto social da amostra, ou seja, de imigrantes, ou devido ao processo de socialização, em França, ou ainda porque a amostra tende a idealizar a cultura portuguesa, expressando uma apreensão elevada acerca das mudanças culturais em Portugal e etnocentrismo, o qual está reportado na questão acerca da perceção de ameaça, ou seja, a oitava e última questão do questionário. A amostra de emigrantes portugueses revela elevados níveis de perceção de ameaça ao níveis económico, simbólico e de segurança.

De acordo com os resultados é possível dizer que o contexto português da aculturação favorece as dimensões do modelo de fusão, sendo distinto do anglo-saxónico, confirmando a H 1 e a H 2. A hipótese H 1 foi cumprida porque, mediante os resultados da análise de conteúdo realizada nos capítulos de Fernão Mendes Pinto e de Luís de Fróis a cultura portuguesa, nomeadamente, o discurso histórico acerca da aculturação é revelado como distinto face à cultura anglo-saxónica, pois a cultura portuguesa se fez através da intervenção cultural, na qual, conquanto que antagonica, são reportadas influências e aprendizagens recíprocas. Em consequência, o modelo multicultural não é apropriado para descrever a cultura portuguesa porque esta parece preferir as misturas culturais. Assim dispondo, a cultura portuguesa encontra-se próxima das dimensões do modelo de fusão,

tendo sido conceptualizado através da teoria luso-tropical de Freyre (1986). Cumprem-se, deste modo, a H 2.

A diferença cultural entre o contexto português da aculturação e a cultura anglo-saxónica também se cumpre, uma vez que as motivações regulam as atitudes culturais, sendo que o processo de aculturação é conduzido por fortes motivações em todas as culturas em contato. Assim dispondo, no que diz respeito à H 2.1, foi verificado nos capítulos referentes a Fernão Mendes Pinto e a Luís Fróis, isto é, os capítulos quinze e o dezasseis, que a importância das motivações é visível também devido às diferenças intragrupais encontradas nas preferências culturais. Portanto, a cultura portuguesa reporta aculturação com dois sentidos, podendo ser caracterizada enquanto tal, no entanto, tal como a análise de conteúdo revelou, os processos de aculturação são antagónicos em ambas as culturas em contato cultural, pois que a aprendizagem duma segunda cultura, apesar de ter dois sentidos, se realiza mediante fortes motivações (Rudmin, 2009) e, não raramente, através de relações antagónicas.

O segundo objetivo geral da investigação encontrava-se por cumprir, uma vez que é reportado um processo de aculturação recíproco, contudo o processo de aculturação é ambíguo. O discurso histórico português é ambíguo porque a sociedade portuguesa funciona através da assimilação ou do modelo intercultural face aos atuais fenómenos da aculturação (imigração) e não apenas mediante as misturas culturais do modelo de fusão e do luso-tropicalismo. No sentido de desvelar a cultura portuguesa de aculturação foram, então, incluídas três amostras, representando elas os emigrantes portugueses a viverem em França, os imigrantes a viverem em Portugal e a maioria portuguesa, uma vez que as “realidades” e as literaturas acerca da emigração e da imigração desmentem a cultura portuguesa de fusão ou a teoria luso-tropical (Freyre, 1986). Do ponto de vista metodológico, a presente investigação adicionou o trabalho etnográfico de campo, para além do quantitativo.

Os resultados do trabalho quantitativo reportam que a teoria luso-tropical é uma ideologia consensual, pois, apesar de reportar misturas culturais e de os sujeitos preferirem as misturas culturais, as relações interculturais são presumidas de não alterarem a cultura portuguesa. Esta contradição é clara na amostra da maioria portuguesa e, inclusivamente,

na amostra de imigrantes cabo-verdianos. Esta contradição tinha sido reportada por Lourenço (1989a) ou Almeida M. V. (2004, 2007), sendo que ela emerge na narrativa de Fernão Mendes Pinto, pois o autor se lamenta das relações interculturais violentas, mas deseja regressar ao seu Portugal inalterado. A contradição é também visível na amostra de emigrantes portugueses, pois esta partilha as dimensões luso-tropicais da capacidade empática e da elevada capacidade de adaptação dos portugueses, mas estabelece elevadas apreensões acerca das mudanças culturais portuguesas. Como se verá no capítulo dezoito, a amostra de emigrantes portugueses reporta-se como diferente face à amostra da maioria portuguesa, abrindo a hipótese de ser culturalmente diferente, apesar de pertencer à cultura luso-tropical e, inclusivamente, à cultura portuguesa. Assim dispondo, a H 3, a qual remete para a teoria luso-tropical como uma ideologia consensual, confirma-se. A teoria luso-tropical enquanto ideologia consensual é particularmente visível na H 3.1, pois na cultura portuguesa existem dois tipos de avaliações aculturativas, isto é, uma avaliação “real” e outra “ideal”, as quais operam em simultâneo, pois as amostras apesar de preferirem a dimensão essencial do modelo de fusão e do luso-tropicalismo, isto é, as misturas interculturais, têm diferentes avaliações consoante as suas posições ou os estatutos sociais das amostras. As diferenças encontradas mediante as diferentes apreensões e avaliações devido ao estatuto social irão ser aprofundadas nos capítulos seguintes, os quais se referem à emigração e à imigração portuguesas, assim como a relação entre os diversos modelos de aculturação no contexto da cultura portuguesa.

18. Emigração portuguesa

18.1 Breve descrição histórica da emigração portuguesa

Esta tese afirma que a história portuguesa se constitui como um recurso para compreender as presentes reações dos portugueses aos fluxos migratórios (Barre, 2006; Feldman-Bianco, 2007; Leal & Frias, 2003; Oriol, 1985). A literatura acerca das representações sociais (Araújo & Maeso, 2010; Cabecinhas, 2010; Cabecinhas & Feijó, 2010) revela que as fronteiras culturais têm uma forte influência sobre as presentes reações aos processos da aculturação (Vala, *et al.*, 2008). No presente capítulo tratou-se de verificar como as amostras, sobretudo, as amostras da maioria portuguesa e dos emigrantes portugueses mudam as suas preferências aculturativas consoante os seus estatutos sociais.

18.1.1 Fase precursora

Baganha, *et al.* (2005) dividiram a literatura da emigração em três períodos históricos, os quais têm um período precursor. A fase precursora começa com as descobertas portuguesas. Em 1415, a cidade de Ceuta é conquistada e, em 1425, o arquipélago da Madeira foi descoberto e colonizado (Serrão, 1970, 1985). Desde então, viajar para o ultramar se tornou uma característica ordinária da cultura portuguesa. Godinho (1978) escreveu que a emigração é algo de estrutural. E, de facto, alguns dos mais proeminentes escritores portugueses prestaram atenção ao fenómeno da emigração, tais como Antunes, A. (2006) ou Namora (1981, 1997), sendo ainda que dois dos mais aclamados escritores portugueses como Castro, F. (1982, 1984, 1985) e Torga (1943; 2003a, 2003b) foram imigrantes no Brasil, reportando as suas experiências pessoais (Pires, C. A. M., 1985). Lourenço, E (1988) um dos mais proeminentes intelectuais portugueses é também emigrante em França.

No que diz respeito à literatura portuguesa acerca da emigração, Serrão (1965) operou uma distinção entre os colonizadores e os emigrantes, pois a colonização teria sido promovida pela coroa portuguesa e a emigração seria fruto duma livre escolha. Contudo, a livre escolha estava também presente na colonização e esta última foi também promovida pela iniciativa privada. Para além do mais, Vieira, A. [Alberto] (2007) afirma que a aventura era comum durante os “descobrimentos” portugueses e a aventura implica uma livre escolha (Holanda, 1948), pois é uma motivação intrínseca. Assim sendo, o processo dos “descobrimentos” ou ainda o processo de colonização português poderão ser incluídos na literatura da emigração⁴⁷. O processo de colonização levou-se a cabo em ilhas sem populações prévias (Albuquerque, 1987; Godinho, 1990) como Cabo Verde, e a livre escolha poderá estar presente em espaços, previamente, povoados. Na presente investigação não importa apenas a manutenção da cultura portuguesa, senão que também as mudanças e as suas misturas culturais. Assim sendo, nesta investigação a literatura acerca dos tempos coloniais é tratada como uma matéria pertencente à aculturação. De resto, em antigas colónias como Malaca, a cultura portuguesa ainda está presente (O'Neill, 1999; Sarkissian, 2000, 2002), evocando que a aculturação e a cultura são processos dinâmicos em permanente construção. Contudo, a perplexidade acerca do que é a emigração e a colonização ainda está presente na literatura, quiçá, porque ambos os fenómenos ocorreram ao mesmo tempo (Arruda, 2007; Higgs, 1990; Rocha-Trindade, 1998), uma vez que o império colonial se manteve até à revolução democrática de abril de 1974 e a emigração portuguesa começou com a independência do Brasil, em 1822. Assim sendo, durante mais dum século e meio os portugueses foram, ao mesmo tempo, imigrantes e colonizadores. Para além disso, o fluxo emigratório e o império colonial são ainda importantes para se compreender a cultura luso-tropical (Castelo, 1998; Mendes & Valentim, 2012) e para se compreender o fluxo imigratório porque este último aumentou depois do processo de descolonização português (Brettell, 2006; Demartini, 2006a, 2006b). Em Portugal, na base de dados do Observatório da Emigração as referências bibliográficas relacionadas com o passado colonial obtiveram 4.1% dos resultados, sendo a mesma percentagem do que a abordagem transnacional (Bhatia, 2007b), revelando a sua atual relevância. Os países de “acolhimento” desses trabalhos são o Brasil, a África do Sul, a Argentina e até Malaca (hoje, pertence à Malásia), sendo ainda que os trabalhos estão escritos em Português e em Inglês (ver tabelas 29 e 31, em anexo). Em resumo, é presumido que o passado tenha moldado as presentes reações ao fenómeno da aculturação.

⁴⁷ Como, de resto, acontece na base de dados do Observatório da Emigração português.

18.1.2 Fase intercontinental e o Brasil

A primeira fase da emigração portuguesa é designada de intercontinental porque foi feita para o ultramar e para fora da Europa. Esta fase começa em 1822, pois o Brasil torna-se independente (Alves, J., 1994; Baganha, 2009; Carvalho, 1876), tornando-se também o maior destino dos emigrantes portugueses (Baganha, *et al.*, 2005; Rocha-Trindade, 1990). O fluxo de emigrantes portugueses para o Brasil apenas diminui em meados dos anos 50 do século passado. Assim dispondo, a literatura acerca da emigração portuguesa aparece antes da apreensão académica acerca do fenómeno migratório.

A perceção portuguesa acerca do fluxo emigratório para o Brasil foi moldada pelo passado colonial e pela preferência brasileira pela cultura portuguesa. Em consequência, a emigração portuguesa para o Brasil não foi percebida como uma grande mudança para os emigrantes portugueses (Brettell, 1991; Castro, J. F. P. 2011; Martins, 1956; Serrão, 1982). De acordo com Rocha-Trindade e Fiori (2009), a cultura portuguesa foi favorecida devido à cultura luso-tropical (Freyre, 1940, 1942), em detrimento das culturas dos imigrantes italianos, alemães, polacos ou dos japoneses, no Brasil (Gervásio, 1980). De acordo com Demartini (2010), a discriminação face aos emigrantes portugueses era baixa, pois os portugueses eram uma “comunidade invisível” devido às fronteiras históricas comuns de ambos os países. Durante a fase intercontinental, quase dois milhões de emigrantes portugueses se dirigiram para o Brasil (Baganha, *et al.*, 2005). Esta fase está ainda a receber a atenção dos académicos (Baganha, 2009; Maia, 2007). E, de facto, constata-se um interesse crescente dos académicos brasileiros acerca do fluxo emigratório português. Na análise estatística realizada à base de dados do Observatório da Emigração, cruzando os países de “acolhimento” com os anos das publicações, o Brasil aparece com o maior número de publicações, isto é, 24.4%, ou seja, maior percentagem ainda do que a França (17.8%), no período de tempo entre 2001 e 2012. Nos resultados totais, a França dispõe de 27% e o Brasil de 21.8% do total dos trabalhos, e ambos os países são os maiores destinos da emigração portuguesa ao longo dos anos (ver tabelas 36 e 37, em anexo). Para além disso, é necessário assinalar que, nos últimos anos, existe um novo fluxo emigratório para o Brasil.

18.1.3 Fase continental e a França

A segunda fase é designada de continental porque a França e, embora em menor grau, a Alemanha, se constituíram como os principais destinos da emigração portuguesa (Baganha, 1994, 1998; Brettell, 1976). Esta fase começou em meados da década de cinquenta e terminou na década de setenta do século XX. Durante este período de tempo quase dois milhões de emigrantes deixaram Portugal (Arroteia, A., 1983). Assim sendo, esta fase alcançou, grosso modo, o mesmo número de emigrantes do que a primeira fase emigratória. Contudo, o fluxo continental ocorreu num período de tempo menor (Lima, 1974; Marinho, 1973; Ribeiro, C., 1996a, 1986b; Serrão, 1976, 1977), tendo sido, assim sendo, mais intenso do que na primeira fase.

18.1.4 Fase de “declínio” e a União Europeia

A terceira fase vai desde meados dos anos 80 até hoje (Baganha, *et al.*, 2005). A Europa ainda se mantém como sendo o principal destino dos emigrantes portugueses. Em 1997, Baganha e Peixoto escreveram que o fluxo emigratório português persistia, embora reduzido. Contudo, é necessário notar que a presente crise política, cultural, financeira e económica poderá gerar uma nova onda de emigrantes portugueses, podendo dar origem a uma nova fase da emigração portuguesa. Em consequência, Portugal, talvez, possa atingir uma nova fase emigratória (Malheiros, J., 2010; Marques, J. C., 2009). O Brasil, Angola, Macau (Pessoa, 2010), Moçambique (Matos, 2009) e o Reino Unido (Almeida & David, 2010; Queirós, J., 2010) são alguns dos destinos.

18.2 A análise estatística e as apreensões acerca da emigração

A revisão da literatura na temática da emigração portuguesa pretendia mostrar as apreensões com as mudanças culturais da cultura portuguesa. Segundo Brettell (1991), as apreensões acerca da emigração portuguesa começaram no século dezassete, pois Duarte

Ribeiro de Macedo (1618-1680), estabelece uma relação entre a emigração e a economia. Ao longo do século dezanove, os intelectuais portugueses estabelecem diferentes apreensões acerca da emigração intercontinental (Pires, C. A. M., 1985; Ramos, R., 1997; Serrão, 1976). Nas últimas décadas do século dezanove, Queirós E. (1979) avalia de modo positivo as influências estrangeiras na cultura portuguesa devidas à emigração. Herculano (1838, 1879), em meados do século dezanove, escreve também numa forma positiva acerca da emigração, porém, algumas décadas depois, avalia de modo negativo a emigração portuguesa devido às razões económicas. A avaliação de Martins (1956, 1978) também se relaciona com a carência do desenvolvimento e com as desigualdades económicas.

A presente investigação utilizou fontes estatísticas secundárias, sendo que a mais importante delas é a base de dados do Observatório da Emigração, a qual contém referências bibliográficas acerca da emigração portuguesa. A análise temática e estatística em bases de dados tinha como objetivos obter uma compreensão mais clara acerca das atuais apreensões perante as mudanças aculturativas e classificar a literatura da emigração segundo os modelos e as abordagens da aculturação. Muitas vezes, a literatura da emigração é dividida em cinco temas ou apreensões, isto é, a económica, a política, a sociodemográfica, as redes sociais e o impacto da emigração na sociedade portuguesa, o qual, aqui, é designada de retorno. Para além dos cinco temas expostos acima, a análise estatística feita à base de dados do Observatório da Emigração cobriu outros temas, isto é, nenhum ou geral (37.3%), o transnacional (4.2%), a identidade ou a identidade étnica (10.5%), a colonização (4.1%), a aculturação (0.5%), a educação ou a mobilidade social e a manutenção da cultura (3.2%). E ainda os temas género (2.7%), linguagem (1.9%), saúde (1.6%) e, por fim, a aculturação material (1.6%). Portanto, foram codificados quinze temas, incluindo o nenhum ou geral (ver tabela 29, em anexo). A análise ao código temas deverá ser refinado, no sentido de alargar os temas, constituindo-se como uma das limitações da investigação.

A maioria dos trabalhos é recente (55%) porque eles aparecem entre os anos de 2001 a 2012. Assim dispondo, a base de dados não cobre a maior parte da literatura existente acerca da emigração portuguesa. Existem apenas 1.5% de trabalhos até 1974, 10.4% entre 1975 e 1985, 11.7% entre 1986 e 1991 e, finalmente, 21.4% entre 1992 e

2000. (ver tabela 33, em anexo). Outra variável ou código foram as línguas, nos quais os trabalhos estão escritos, isto é, o Português (56.8%), o Inglês (24.7%), o Francês (14%) e a língua Castelhana (4,5%) (ver tabela 34, em anexo).

O país de “acolhimento” foi um outro código utilizado na análise estatística. A França foi o país de “acolhimento” mais frequente com 27% das referências bibliográficas (ver tabela 36, em anexo). Entre 1975 e 1985 e entre 1986 e 1991, a França foi o país predominante nas referências (ver tabela 37, em anexo). Os resultados são consistentes com a fase continental da emigração. Até ao ano de 1974, a França partilhava com o Brasil as maiores percentagens de trabalhos, isto é, 40%, sendo que o Canadá obteve 20%. No total da amostra o Brasil dispõe de 21.8% dos trabalhos, sendo o segundo país com mais trabalhos. Em terceiro lugar encontra-se os Estados Unidos da América com 15.9% das referências bibliográficas. O Canadá obtém 9.6% das referências bibliográficas (ver tabela 36, em anexo). De acordo com a análise estatística é possível dizer que os países não europeus são os que apresentam maiores frequências enquanto países de destino dos emigrantes portugueses.

A apreensão económica poderá ser afigurada como uma decisão de utilidade realizada entre os custos e os benefícios (Rudmin, 2009), no sentido de iniciar um percurso emigratório. A apreensão acerca da economia tem várias origens e explicações (Serrão, 1977, 1982), isto é, a falta do desenvolvimento rural (Herculano, 1879; Monteiro, 1985; O'Neill, 1984) e industrial (Brettell, 1984; Costa, A., 1911; Leeds, 1983; Lima, 1974; Martins, 1956, 1978), a explicação marxista (Almeida, C. C., 1973) ou apenas a explicação liberal mediante os fatores de *push and pull* (Almeida & Barreto, 1974; Arroiteia, A., 1983; Gervásio, 1980; Pires, R., 2003). A razão económica aparece relacionada com a apreensão acerca de Portugal e da sua posição no cenário internacional. Para além de ser uma causa para se emigrar, a economia poderá também ser um efeito devido ao seu impacto em Portugal (Castro, J. F P., 2011; Hily, 1996). De acordo com Baganha, *et al.* (2005), a literatura da emigração dos anos 80 mostrava apreensões acerca do impacto da emigração na economia e na sociedade portuguesa. O tema ou apreensão económica obteve 1.9% dos resultados na base de dados do Observatório da Emigração.

A apreensão ou o tema político está relacionado como o tema económico (Anido & Rubens, 1976; Nunes, J., 1997). A apreensão política foi enfatizada por Almeida e Barreto (1974), Antunes, M. L. M. (1970), Brettell (1991), Monteiro, (1985), Pereira, M. (1981, 1990, 1993), Rocha, N. (1965) porque a situação política se constitui como um constrangimento para o desenvolvimento económico, para a justiça social, e ainda porque foi um constrangimento da liberdade de movimento, no passado (Baganha, 1991, 2003, 2005; Leite, J. C., 1987, 1996; Pereira, M., 1981, 1990, 1993; Ribeiro, C., 1986a). A situação política pode influenciar o processo emigratório (Bourhis, *et al.*, 1997), porém a emigração também poderá ser afigurada como uma condição para a mudança política (Pereira, V., 2009). Em consequência, as apreensões económicas (Brettell, 1991; Monteiro, 1994; Rosas, 1997) e as políticas podem ser tratadas como causas, mas também como efeitos da aculturação. O tema política obteve 10.2% dos resultados na base de dados do Observatório da Emigração.

Os trabalhos sociodemográficos (Branco, 1998; Nazareth, 1976) podem estar relacionados com as apreensões políticas e económicas (Almeida, J. C. F. (1964, 1966). Tal como as apreensões económica e política, a variável sociodemográfica pode ser abordada como uma causa ou como um efeito devido, por exemplo, à crescente desertificação humana e às relações assimétricas entre Portugal e os países de destino dos emigrantes (Castro, J. F. P., 2008, 2011; Gonçalves, A, 2004; Gonçalves, M. 2002; Monteiro, 1985; Rocha-Trindade, 1973). Os trabalhos sociodemográficos são especialmente úteis para contextualizar a aculturação porque algumas das suas variáveis são aplicadas pelo modelo de assimilação, por exemplo, os casamentos mistos, o baixo nível socioeconómico ou a concentração residencial (Arroteia, A., 1986). A apreensão sociodemográfica obteve 9.7% dos trabalhos presentes na base de dados do Observatório da Emigração.

Um tema muito interessante são as redes sociais porque elas são importantes para o obter informação, o suporte social, o *mentoring* e até para a imitação cultural. De resto, as redes sociais é um tema relacional relacionado com os processos da socialização e da enculturação. As redes familiares desempenham um papel importante no processo imigratório e na decisão de emigrar (Brettell & Callier-Boisvert, 1977; Leandro, 1993, 2002, 2004). Para além da decisão de utilidade, as redes sociais são também importantes

para aprender uma segunda cultura (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2008), mas também para manter o legado cultural (Leandro, 1987, 1993; Nauck, 2001, 2007; Poinard & Hily, 1983). Por exemplo, em França, as atividades da comunidade portuguesa foram adaptadas à cultura francesa, implicando aprender e reinterpretar a cultura portuguesa em relação com a cultura francesa (Cordeiro & Hily, 2000). As atividades da comunidade portuguesa estão também a mudar com a cultura francesa, funcionando como um processo com dois sentidos e com misturas culturais. Finalmente, a cultura e a aculturação dos emigrantes poderão influenciar a cultura portuguesa (Castro, J. F. P., 2012). O código as redes sociais obteve 3.2% dos trabalhos na base de dados do Observatório da Emigração.

O retorno é um outro tema importante. A imigração é definida pelas Nações Unidas como sendo temporária. Quando a estadia dura menos dum ano é designada de curta duração. A palavra longo prazo é empregue para um período de pelo menos um ano (Bilsborrow, *et al.*, 1997). Na literatura acerca da emigração o desejo de voltar a Portugal está presente desde a emigração para o Brasil (Alves, 1994; Oliveira, I. T. 2007; Rocha-Trindade, 1986). O retorno dos emigrantes foi abordado na sociedade portuguesa por vários autores (Amaro, 1985a, 1985b; Castro, J. F. P., 2011, 2012; Cepeda, 1991; Medeiros & Madeira, 2003; Portela & Nobre, 2002). Na emigração continental, o retorno periódico a Portugal sem a expectativa de voltar definitivamente foi tratado pelo modelo de assimilação como um problema (Brettell, 1979, Monteiro, 1994; Poinard, 1983; Rocha-Trindade, 1984), conquanto os emigrantes portugueses estivessem a ostentar uma cultura transnacional ou até de fusão. A apreensão portuguesa acerca da emigração não se centrava em torno da manutenção da cultura portuguesa, senão que na suposta falta da adaptação sociocultural à sociedade francesa. A apreensão também não se centrava em torno das misturas culturais e da sua provável influência dos emigrantes portugueses na cultura portuguesa ou na francesa. E, quando as misturas culturais foram visíveis na paisagem portuguesa, tal como sucedeu com a construção da “casa afrancesada”, a avaliação acerca da mistura cultural revelou-se negativa. Assim sendo, os emigrantes portugueses eram tratados como “os de fora” pela cultura portuguesa (Castro, J. F. P., 2008, 2011, 2012; Gonçalves, A., 1996). O modelo da assimilação criou uma posição ambígua perante a cultura portuguesa, pois a apreensão não se centrava na manutenção da cultura portuguesa, senão que na falta de adaptação sociocultural, conquanto os baixos níveis de discriminação percebidos pelos emigrantes portugueses, em França (Pereira, V., 2012).

No modelo da assimilação, o definitivo retorno a Portugal era percebido como perfazendo uma emigração dupla, pois o retorno requer uma nova adaptação cultural à cultura original, exigência que aumenta com as segundas gerações (Baganha, *et al.*, 2005; Brettell & Rosa, 1984; Neto, 1985, 1986, 1997; Ramalho, 2003; Rocha-Trindade, 1992). Assim dispondo, o retorno não era tratado com um processo de aprendizagem, senão que como algo que poderia colocar em perigo a saúde, tal como no modelo da assimilação (Arroteia, A., 1992, 1998; Freitas, 1990, Neto, 1986) ou no modelo multicultural (Rudmin, 2009). Assim sendo, o paradoxo da imigração (Rudmin, 2009) é, inclusivamente, alargado até ao contato com a cultura original, uma vez que a adaptação e a aprendizagem numa segunda cultura são consideradas a melhor opção aculturativa, mas, ao mesmo tempo, é percebido como um problema. O retorno enquanto tema obteve 7.4% das referências da base de dados do Observatório da Emigração.

18.3 A biculturalidade como um problema na literatura da emigração

O predomínio da literatura e das apreensões francófonas na cultura portuguesa colocou um problema metodológico, o qual foi abordado acerca da falta de equivalência e do viés de construto do capítulo onze. Na literatura da emigração portuguesa o modelo dominante é o da assimilação e as suas apreensões não se centravam em torno da manutenção cultural do modelo multicultural, mas na adaptação sociocultural. Um outro facto é que a temática da aculturação era e ainda é alvo de aculturação mediante as apreensões doutros países. O impacto da cultura portuguesa na cultura francesa, raramente, foi abordado. E o impacto da aculturação dos emigrantes portugueses em Portugal, como foi referido acima, foi abordado, muitas vezes, como uma ameaça face à cultura portuguesa. Em consequência, na literatura da emigração o processo de aculturação dispõe apenas dum sentido aculturativo, conquanto a ideologia consensual do luso-tropicalismo presente na cultura portuguesa, pois esta última implica um processo de aculturação com dois sentidos de influências aculturativas.

Desde o modelo da assimilação (Park, 1928) que a partilha das culturas é afigurada como um problema, mostrando que a aculturação mais do que a aprendizagem duma segunda cultura é tratada como um problema sociológico. De acordo com Park (1928), o imigrante poderá ser um “marginal” porque ele ou ela não têm laços ou relações com a cultura original e com a nova cultura, o que poderá ameaçar a saúde mental (Park, 1928). No modelo multicultural a marginalização foi conceptualizada por Berry (Berry & Sam, 1997) como uma atitude da minoria porque os imigrantes escolhem abandonar ou “esquecer” ambas as culturas. Contudo, o senso comum afirma que abandonar ou “esquecer” ambas as culturas não é possível (Bourhis, *et al.*, 1997). Em consequência, o problema deverá funcionar ao nível da identidade étnica. LaFromboise, *et al.* (1998) designam de “aculturação” à situação bicultural em que as pessoas estão aculturadas, mas não são aceites pela maioria. Assim dispondo, o problema coloca-se ao nível sociológico e na adaptação sociocultural, a qual necessita da aceitação da maioria (Teske & Nelson, 1974). A avaliação acerca da aculturação, neste caso, é uma hétero avaliação porque não é a pessoa bicultural quem se auto define, mas a dita maioria que define a pessoa migrante. Na temática da aculturação, a diferença entre o aprender, o estar-se aculturado e o não ser aceite pode estabelecer a diferença entre as abordagens da Sociologia e da Psicologia. Na presente investigação, a aculturação é, sobretudo, uma matéria relacionada com a aprendizagem, mais do que uma matéria de discriminação (Rudmin, 2009) ou do que uma questão sociocultural. Ainda no modelo multicultural, LaFromboise, *et al.* (1998) e ainda Bourhis, *et al.* (1997), hoje, percebem a “pessoa marginal” como sendo “normal” e não como um indivíduo desviante, uma vez que a marginalização é uma escolha individual do migrante (ver figura 4).

A imigração é definida pelas Nações Unidas como sendo temporária (Bilsborrow, *et al.*, 1997). No entanto, durante os anos 80 do século passado, era consensual que os emigrantes portugueses continentais não iriam regressar a Portugal em massa (Lubkemann, 2002). O não regresso dos emigrantes a Portugal aumentou as apreensões do modelo de assimilação acerca dos emigrantes portugueses (Brettell, 1979; Monteiro, 1994) devido às apreensões socioculturais do modelo. Na literatura acerca da emigração portuguesa, o não regresso definitivo tem uma consequência geográfica, ou seja, o movimento do vaivém entre a França e Portugal (Charbit, *et al.*, 1997). A comunidade portuguesa é considerada como estando bem “integrada” em França, percebendo níveis reduzidos de discriminação (Pereira, V., 2012), regressando periodicamente ao país natal

(Charbit, *et al.*, 1997; Petit & Charbit, 1996). O movimento circular foi avaliado com uma valência negativa, pois é considerado perigoso para a saúde mental (Minga, 1985; Neto, 1994, 2010; Simões, 1985; Villanova, 1994), apesar de manter a cultura portuguesa e de reportar misturas culturais.

Para além disso, a nível identitário os emigrantes portugueses, em França, categorizam-se a eles próprios como sendo biculturais. No entanto, a cultura de misturas ou bicultural foi percebida como um problema (Hily & Oriol, 1993; Petit & Charbit, 1996). Os emigrantes portugueses, em França, têm criado um problema ao modelo de assimilação porque os emigrantes portugueses são reportados como sendo uma comunidade bem “integrada” a nível sociocultural. Contudo, eles mantêm a sua própria identidade e fazem misturas culturais (Charbit, *et al.*, 1997; Cordeiro, 1987, 1989; Oriol, 1984; Villanova, 2006). Assim dispondo, a “realidade” social não ultrapassa apenas o modelo da assimilação, mas também o multicultural, pois o multiculturalismo não é uma “realidade” social e política, em França, e a identidade bicultural poderá ser afigurada como um caso de fusão, uma vez que implica misturas culturais.

Em resumo, a literatura portuguesa acerca da emigração aplicou o modelo da assimilação e a situação dos emigrantes portugueses, em França, não foi abordada através do modelo multicultural da cultura anglo-saxónica. A abordagem transnacional (Bhatia, 2007b) mudou esta avaliação e alguns dos principais autores têm mudado as suas perspetivas (Baganha, *et al.*, 2005; Leandro, 2003; Rocha-Trindade, 2008). A literatura transnacional aparece como sinónimo de misturas (Coutinho, 2006; Oriol, 1988). O processo de aculturação será um caso de fusão, se a investigação não estiver apreensiva em definir a aculturação como um resultado futuro e uniforme, senão que como um processo dinâmico de construção cultural. Park (1928) definiu o “homem marginal” como não pertencendo a nenhum lugar (em diáspora) e esta situação não é o caso dos emigrantes portugueses, senão que o oposto porque eles se movimentam e vivem entre dois espaços culturais, pois têm residência dupla (Villanova, 2006), dupla enculturação em, pelo menos, duas culturas.

18.4 A literatura da emigração através dos modelos da aculturação

O trabalho de Park (1928) clarifica a diferença entre os modelos da assimilação e o multicultural. No derradeiro modelo a identidade cultural é, supostamente, fruto duma escolha individual (Phinney & Ong, 2007) e no modelo da assimilação assiste-se a uma hétero avaliação, isto é, a falta de “integração” sociocultural provém da avaliação da cultura maioritária, pois o “homem marginal” é um estrangeiro, é um recém-chegado (Elias & Scotson, 1994). Em consequência, para a presente investigação, os emigrantes portugueses poderão ser reconhecidos em ambas as culturas como não pertencendo a qualquer uma delas.

O “homem marginal” está presente na literatura acerca dos emigrantes portugueses (Hily & Poinard, 2004), contudo a expressão não parece ser a mais apropriada. Em França, os emigrantes portugueses reportam baixos níveis de discriminação (Pereira, V., 2012). Usualmente, o problema centra-se em torno do estatuto social dos emigrantes e não em torno da sua identidade étnica ou da nacionalidade dos emigrantes portugueses. No país de partida, a aculturação pode desencadear conflitos intragrupais, tal como Gonçalves, A (1996) ou Castro, J, F. P (2008, 2011, 2012) têm estudado, devido ao contato intercultural com a cultura portuguesa (Lubkemann, 2002; Noivo, 2002). O problema também não se coloca a nível socioeconómico, tomando em consideração o modelo de assimilação. Oriol (1989) escreveu que as melhorias económicas poderão retardar a assimilação, aumentando o comportamento bicultural. Tal como foi referido anteriormente, no país de “acolhimento”, o problema não se coloca também devido à discriminação, pois são reportadas baixas perceções de discriminação da mesma na comunidade portuguesa (Leandro, 2003; Pereira, V., 2012). O problema assenta na manutenção cultural e, ao mesmo tempo, na fragilidade do modelo da assimilação, mostrando também que, em França, o modelo multicultural não se constitui como uma apreensão política da república francesa, senão que a apreensão assenta na integração sociocultural dos imigrantes, em França.

A suposta falta de “integração” na sociedade francesa foi reportada através das variáveis do modelo de assimilação, isto é, baixo estatuto socioeconómico, baixo estatuto social ou baixos níveis de educação. Outra variável que reporta as apreensões do modelo

de assimilação é constituída pelos baixos níveis de casamentos mistos fora da comunidade portuguesa (Lucassen & Laarman, 2009; Munoz & Tribalat, 1984; Tribalat, 1997). É importante notar que os baixos níveis de casamentos mistos estabelecem também uma contradição no interior da teoria luso-tropical (Freyre, 1986), uma vez que a comunidade portuguesa pouco se mistura, conquanto a sua narrativa histórica favoreça as misturas.

O comportamento português de mistura ou bicultural mostrado pelos emigrantes portugueses também foi abordado nos Estados Unidos da América. Contudo, a manutenção da cultura portuguesa adquire um sentido distinto do que em França. Nos Estados Unidos da América, a falta de contato com a “realidade” portuguesa iria desencadear diversas identidades “imaginárias”. Em consequência, esta avaliação não se caracteriza pelo movimento do vaivém entre os dois espaços como em França, senão que pelo suposto reduzido contato com a cultura portuguesa. Assim sendo, a comunidade portuguesa iria recriar a cultura portuguesa (Almeida, O. T., 1987, 1995; Dias, E. M., 1983), conduzindo até a uma miríade de culturas sem unidade e sem contato entre elas e com Portugal (Freitas, 1990). Portanto, o problema não aparece devido ao contato frequente com Portugal e devido à manutenção da cultura portuguesa, senão que pela recriação das culturas ditas “imaginárias” (Gans, 1997). Em resumo, a assimilação na sociedade dos Estados Unidos da América era esperada, porém como não ocorreu, a manutenção cultural é tratada como sendo “imaginária”. O modelo de assimilação revela, aqui, a sua preferência pela uniformidade cultural e ainda um ponto de vista quase não dinâmico acerca da aculturação e da cultura.

Regressando à temática da emigração continental, os emigrantes portugueses não estão separados da cultura e da sua sociedade francesa, tendo em conta o modelo de Berry (Berry & Sam, 1997). Eles não estão excluídos, senão que “integrados”, no sentido em que a sua escolha foi manter a sua cultura e, ao mesmo tempo, adquirir adaptação cultural face à segunda cultura (Matsumoto, *et al.*, 2006; Ward, 2001), ou seja, integrados no sentido facultado pelo modelo multicultural. Os emigrantes portugueses realizaram uma decisão de utilidade (Rudmin, 2009), isto é, viver na república francesa devidos aos benefícios económicos e manter a sua cultura, voltando a Portugal, periodicamente. Assim sendo, em França e nos Estados Unidos da América, a nível metodológico ou conceptual, as avaliações acerca dos emigrantes portugueses pertencem ao modelo da assimilação (Safi,

2008), isto é, são utilizadas variáveis típicas do modelo da assimilação, ou seja, baixo estatuto socioeconómico, profissões com baixo estatuto social, baixos níveis de educação, concentração residencial e reduzidos níveis de casamentos mistos. As características do modelo multicultural, tais como a identidade bicultural, a manutenção cultural, não são, usualmente, abordadas. No entanto, a avaliação negativa acerca dos imigrantes portugueses mudou devido às influências da União Europeia. Os emigrantes e os imigrantes portugueses começaram a ser abordados através da abordagem transnacional (Klimt, 2000; Santos, I. S., 2003, 2005).

18.5 A mudança transnacional e a importância do estatuto social

O ponto de vista da análise transnacional não implica o retorno à terra natal, senão o movimento circular, no qual os imigrantes atuam a nível económico, cultural e político (Castles, 2005; Portes, 2006) em ambos os espaços, isto é, em Portugal e nos países de “acolhimento”. Outros atributos da abordagem transnacional é o não estar relacionada com a promoção, nem com o financiamento por parte dos Estados (Portes, 2006), e ainda de que os migrantes disponham da sua identidade étnica no segundo espaço cultural. A mudança introduzida pela abordagem transnacional revela a importância do estatuto social para abordar a aculturação, uma vez que aquilo que mudou não foi a “realidade” da comunidade, em França, mas antes o estatuto social dos emigrantes portugueses. Segundo Portes (2006), a palavra transnacional foi cunhada por R. S. Bourne, em 1916. A literatura transnacional surgiu a partir do modelo da assimilação (Marques & Góis, 2008). Muitas vezes, um baixo estatuto socioeconómico, a discriminação e um baixo estatuto social se constituem como os principais obstáculos para alcançar a assimilação. Contudo, a abordagem transnacional começou a ser estudada em imigrantes economicamente bem-sucedidos (Portes, *et al.*, 2002; Portes, Guarnizo & Landolt, 1999).

A emigração portuguesa, em França, é caracterizada pelo movimento do vaivém (Marques & Góis, 2008; Poinard, 1983). O movimento circular poderá ser pensado como um comportamento bicultural ou apenas como uma cultura de fusão, porém a avaliação acerca deste movimento e as suas implícitas manutenção e misturas culturais foram

avaliadas de modo negativo. Na base de dados do Observatório da Emigração o tema transnacional obteve 4.2% dos resultados, sendo que a maioria destes trabalhos foram escritos entre 2001 e 2012, e em língua Inglesa, até porque os trabalhos têm como país de “acolhimento” os Estados Unidos da América (ver tabelas 29, 30, 31 e 32, em anexo).

A avaliação acerca da emigração portuguesa, em França, mudou devido às influências culturais da União Europeia, isto é, ao Acordo de Schengen e ao Tratado de Maastricht. O acordo de Schengen permite o livre movimento e o Tratado de Maastricht permite exercer o direito de voto nas eleições locais e europeias (Strudel, 2004), formulando a nacionalidade europeia. Assim dispondo, o que se alterou na avaliação foi o estatuto dos emigrantes portugueses, no espaço da União Europeia (Barre, 1997, 2006; Feldman-Bianco, 1992b), pois eles, agora, são considerados cidadãos europeus. Contudo, os emigrantes portugueses reproduziam e ainda reproduzem a cultura transnacional antes das mudanças introduzidas pela União Europeia (Oriol, 1988). Assim sendo, as investigações são elas próprias alvo das influências aculturativas, pois mudam consoante os contextos políticos. O Acordo de Schengen e o Tratado de Maastricht revelam como as políticas têm um impacto nas culturas minoritárias, tal como o Modelo Interativo da Aculturação propuseram (Bourhis, *et al.*, 1997) e o pioneiro do estudo da aculturação Taft, R. (2007). Em suma, o fenómeno da emigração portuguesa começou a ser abordado através do olhar da análise transnacional (Marques & Góis, 2008), pois o movimento do vaivém entre Portugal e a França adequa-se na abordagem.

A literatura internacional reporta que a nível económico os emigrantes brasileiros com raízes japonesas a viverem no Japão (Takenoshita, 2010) não alcançam uma melhoria económica, apesar do movimento circular entre o Japão e o Brasil. Évora (2011) afirma que apenas uma pequena parte da diáspora cabo-verdiana se adequa na abordagem transnacional, conquanto o movimento circular e a manutenção da cultura cabo-verdiana. Assim dispondo, a principal questão face à abordagem transnacional foi a de se saber se a comunidade portuguesa, em França, preenche as características da abordagem. Marques e Góis (2008) têm escrito que a comunidade portuguesa, na Suíça, apenas preenche os requisitos da abordagem mediante uma baixa “intensidade”. A nível económico, em Metz, França, segundo o trabalho etnográfico de campo levado a cabo na presente investigação, a comunidade portuguesa pode ser considerada como sendo parte da classe média baixa,

pois em conversas informais era clara a dependência face à segurança social francesa. A nível da intervenção política, a comunidade portuguesa radicada, na Alemanha, mostra manutenção da cultura e das relações entre ambos os espaços, mas pouca intervenção política (Klimt, 2005). No Luxemburgo, a participação nas eleições locais é quase igual à participação doutras comunidades (Besch, 2004), ou seja, é escassa. Strudel (2004) escreveu que a participação política, em França, é limitada, mas a comunidade é muito ativa nas suas associações e Pingault (2004) afirma que, apesar dessa posição ativa, as autoridades francesas não providenciam a devida atenção à comunidade⁴⁸ portuguesa. Outra ameaça à abordagem transnacional seria o baixo sentido étnico da comunidade portuguesa, em França. Segundo Almeida, A. (2008), a maioria dos portugueses pretende voltar ou continuar o movimento do vaivém entre ambos os espaços e culturas, apenas 37,7% pretendem ficar, em França. Em resumo, o movimento circular português preenche as características da análise transnacional com “baixa intensidade” (Marques & Góis, 2008).

Uma outra questão será a de comparar a abordagem transnacional com os modelos da aculturação. Segundo o modelo da assimilação, a abordagem transnacional poderá ser um ponto intermédio até se atingir a assimilação (Marques & Góis, 2008). Contudo, um resultado esperado como o da assimilação é apenas uma suposição, inclusivamente, num país com uma cultura de assimilação como é a França. Para além disso, comparando a abordagem transnacional com o modelo multicultural, as práticas culturais entre ambos os espaços permitem a manutenção cultural da cultura portuguesa. Contudo, o movimento circular permite também aprender o legado cultural da cultura portuguesa, recriando-a. De resto, a análise transnacional é diferente do modelo de Berry, pois implica interação e misturas, tal como o modelo de fusão. No entanto, comparando a abordagem transnacional com o modelo de fusão, a comunidade portuguesa, em França, não é um caso de fusão porque a interação não termina na formação duma nova cultura, uma vez que as influências culturais portuguesas não são reportadas na república francesa. Contudo, se o olhar da abordagem não se dirigir para os futuros resultados e para as apreensões políticas, o comportamento transnacional poderá ser concebido como sendo próximo da fusão porque implica misturas culturais, tendo em conta que o modelo de fusão mais do que um

⁴⁸ A comunidade portuguesa foi considerada uma comunidade invisível, em França, devido à sua escassa atividade política, no entanto é necessário ter em conta o desejo de voltar a Portugal, pois a estadia é afigurada pela comunidade como uma decisão de utilidade (Rudmin, 2009). Outra razão será o facto da comunidade portuguesa se dedicar ao sector da construção civil e às limpezas, não sendo pois visível no espaço urbano, comparativamente, a outras comunidades imigrantes. A comunidade portuguesa de Metz, França, adequa-se nesta descrição.

resultado (uma nova cultura) é um processo dinâmico de construção intercultural (Simons, 1901a).

Para além dos modelos da aculturação, a abordagem transnacional é, sobretudo, útil porque coloca a ênfase nas práticas e nos comportamentos interculturais. Na abordagem transnacional a manutenção da cultura não é percebida como uma ameaça devido ao resultado esperado da assimilação, senão que reforça os laços sociais, implicando aprendizagem. Os restaurantes, as mercearias, os bares e similares são afigurados como espaços de relações interculturais entre as diferentes comunidades (Freud, B., 2010; Leandro, 1987; Tiesler & Bergano, 2012) e as misturas estão a ocorrer através da cultura material como na culinária ou através da prática do futebol (Moniz, 2006; Tiesler, 2012). A ênfase na análise das práticas sociais da abordagem transnacional foi adaptado na presente investigação, pois a ênfase nas práticas sociais permite abordar a aculturação e a cultura como fenómenos dinâmicos, sendo condicionados pelas motivações de todos os grupos culturais em contato intercultural (Cresswell, 2009; Rudmin, 2003a, 2009).

O futebol é um exemplo de como a abordagem acerca da aculturação dos emigrantes muda consoante o estatuto social percebido, ou seja, conforme as motivações. O futebol era percebido como uma atividade para pessoas com baixo nível de educação e com baixo estatuto social (Bourdieu, 1992, 2001). Contudo, hoje, é abordado como uma forma de manter a cultura original, ou seja, a portuguesa (Noivo, 2002; Tiesler, 2012; Tiesler & Bergano, 2012), mas também como uma forma de estabelecer relações com outras culturas (Moniz, 2006). O futebol implica também influenciar a segunda cultura, tal como foi reportado, na Alemanha, por Klimt (2005). Para além do futebol, outros exemplos das atividades transnacionais são o folclore, a comunicação social (Cordeiro & Hily, 2000) e a intervenção política (Pereira, V., 2012). Outra característica útil da abordagem transnacional assenta no facto da aculturação poder ser percebida como um processo levado a cabo pelas relações recíprocas, sendo ainda possível verificar as misturas culturais.

De acordo com Bhatia (2007b), a abordagem transnacional provém da Antropologia e não implica o modelo linear da aculturação, ou seja, a assimilação. A

emigração portuguesa não coloca problemas apenas à tentativa de estabelecer comparações com a cultura anglo-saxónica devido às diferenças culturais entre o modelo da assimilação e o multicultural, mas também porque coloca problemas face à cultura luso-tropical (Freyre, 1986) e ao modelo de fusão. Neste sentido, o trabalho quantitativo pretende comparar o discurso histórico da aculturação com as presentes reações ao referido fenómeno, nomeadamente, com a emigração portuguesa. Uma característica fundamental enunciada por Freyre (1986) para caracterizar a cultura luso-tropical é a mistura de “raças” ou étnica, a qual é colocada em causa pelos comportamentos vertidos para o grupo cultural dos portugueses, ou seja, é suposto que a preferência aculturativa mude consoante a posição social, isto é, neste caso, mediante o estatuto social de imigrantes, em França, atribuída à respetiva amostra dos emigrantes portugueses radicados em Metz, França.

18.6 Resultados do questionário

Na análise de conteúdo à relação entre o Japão e Portugal reportaram-se diferentes preferências interculturais entre as duas culturas e também diferenças intragrupo em ambas as culturas. A questão número quatro do questionário é acerca da adaptação dos emigrantes portugueses a segundas culturas. Assim sendo, trata-se de portugueses que dispõem do estatuto social de imigrantes nas diferentes culturas de “acolhimento”. O contexto cultural português oferece uma oportunidade de mudar o ponto de vista acerca da aculturação porque Portugal tem cerca de cinco milhões de emigrantes (numa população de 10 milhões). A questão número quatro do questionário (PEAQ) pretende ainda estabelecer uma comparação com a questão acerca dos imigrantes, ou seja, os mesmos itens foram endossados acerca dos imigrantes a viverem em Portugal. Em resumo, é suposto que o modelo da aculturação preferido mude se os itens estiverem a perguntar acerca dos imigrantes a residirem em Portugal e acerca dos emigrantes portugueses nas três amostras, devido às apreensões relacionadas com as mudanças culturais.

Nas questões acerca dos emigrantes portugueses e dos imigrantes, a avaliação da amostra da maioria portuguesa é semelhante à conceptualização de Bourhis, *et al.* (1997) porque a maioria portuguesa está a responder acerca de como os imigrantes a residirem em

Portugal se devem adaptar. Contudo, na questão número quatro a avaliação da amostra da maioria portuguesa não é apenas de como os imigrantes de devem adaptar à cultura portuguesa, senão que também de como os emigrantes portugueses e os sujeitos da maioria portuguesa se devem adaptar a outras culturas, estabelecendo uma autoavaliação acerca da mudança cultural portuguesa. Por seu turno, a avaliação da amostra de imigrantes cabo-verdianos pode ser concebida como sendo próxima da conceptualização de Berry porque a questão pergunta acerca das mudanças culturais dos imigrantes e do processo de adaptação a uma segunda cultura. Finalmente, a inclusão das motivações, isto é, do estatuto social implica ter em consideração o modelo de Rudmin (2009) devido à sua ênfase nas motivações aculturativas.

A inclusão das motivações tem implicações para toda a investigação, pois é suposto que a teoria luso-tropical funcione como uma ideologia consensual na sociedade portuguesa face às atuais reações à aculturação como a imigração, a emigração, e é também suposto, enquanto hipótese de estudo, que existam diferentes níveis de avaliações, isto é, uma avaliação que remete para o “ideal” e outra avaliação que remete para o “real” (Navas, *et al.*, 2005), as quais implicam, respetivamente, a H 3 e a H 3.1, as quais tinham sido abordadas no capítulo dezassete dedicado a Freyre. As hipóteses exclusivas ao presente capítulo são a H 4.2 e a H 4.3, sendo que a H 4 é partilhada com o capítulo referente à imigração portuguesa. Como já foi afirmado, é suposto que as preferências da aculturação mudem consoante o estatuto social das amostras (maioria portuguesa, imigrantes cabo-verdianos e emigrantes portugueses) porque os diferentes estatutos sociais desencadeiam diferentes motivações face às mudanças culturais, correspondendo à hipótese H 4. No caso dos emigrantes portugueses era esperado que mostrassem elevadas apreensões acerca da própria mudança social e baixas apreensões acerca das mudanças culturais dos imigrantes, implicando a H 4.2. Finalmente, foi proposto como hipótese que os portugueses mostrassem diferenças intragrupais perante o modelo preferido, ou seja, que as amostras da maioria portuguesa e dos emigrantes fossem distintas, implicando ainda a H 4.3, ou seja, a amostra de emigrantes portugueses é esperada obter percentagens mais elevadas de apreensões acerca das mudanças culturais e percentagens mais elevadas de perceção de ameaça do que a amostra da maioria portuguesa.

Os itens da questão número quatro do questionário estão a expressar dimensões dos quatro modelos da aculturação. As dimensões são as mesmas que foram aplicadas na questão acerca do multiculturalismo *versus* fusão, os quais estão presentes no racional teórico do subcapítulo três ponto cinco. Em consequência, na presente questão, as dimensões são endorsadas acerca dum grupo cultural, isto é, dos emigrantes portugueses. O modelo multicultural foi dividido em duas dimensões, os itens são o 4.1 (Deve adaptar-se à nova cultura) e o 4.2 (Deve manter a sua própria cultura). A comparação entre os dois itens poderá mostrar a contradição do modelo multicultural porque a adaptação cultural implica mudar a própria cultura e não manter a cultura. O modelo multicultural é suposto evitar as mudanças culturais (Wieviorka, 1998). Segundo o modelo multicultural, deste modo, a minoria mostra uma posição ativa no processo de aprendizagem (ver eixo da figura 11).

Na Europa, os imigrantes são afigurados como sendo temporários e não “colonizadores”, sendo ainda que a escolha dos imigrantes é, presumivelmente, voluntária. Em consequência, pertence ao senso comum que os imigrantes poderão se adaptar à nova cultura (“em Roma, sê romano”), mas, ao mesmo tempo, manter a sua cultura, no sentido de voltarem à cultura original.

Tabela 16: item 4.1 (Deve adaptar-se à nova cultura)

Amostras	N	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	1		2%	4	7%	22	39%	29	52%	0	0%
Imigrante (Cabo Verde)	0		0%	1	3%	16	41%	22	56%	0	0%
Emigrante portuguesa	0		0%	0	0%	11	30%	26	70%	0	0%
Total	1		1%	5	4%	49	37%	77	58%	0	0%

$F(2, 129) = 2.613, p = .077$

Tabela 17: item 4.2 (Deve manter a sua própria cultura)

Amostras	N	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	0		0%	0	0.0%	18	32%	38	68%	0	0%
Imigrante (Cabo Verde)	0		0%	4	10%	16	41%	19	49%	0	0%
Emigrante portuguesa	0		0%	0	0.0%	8	22%	29	78%	0	0%
Total	0		0%	4	3%	42	32%	86	65%	0	0%

$F(2, 129) = 6.041, p = .003$

Na amostra da maioria portuguesa era esperada concordância com os dois itens. A amostra é esperada expressar apreensões mais elevadas do que a amostra composta pelos imigrantes cabo-verdianos no item 4.2, tal como é observável na tabelas dezasseis e dezassete, revelando uma variação devida ao estatuto social face à questão número um, a qual trata da adaptação dos imigrantes a viverem em Portugal. Os resultados observados confirmam os esperados. Na tabela dezasseis, o item 4.1 (Deve adaptar-se à nova cultura) obtém 52% de sujeitos que concordam totalmente. Na tabela dezassete, a amostra da maioria portuguesa obtém 68% de concordância total no item 4.2 (Deve manter a sua própria cultura). O item 4.2 estabelece uma autoavaliação acerca da cultura dos emigrantes portugueses. A importância do estatuto social pode ser reportada se os resultados da questão número quatro (acerca dos emigrantes portugueses) forem comparados com os resultados da questão número um (acerca dos imigrantes a residirem em Portugal) em ambos os itens.

Tabela 18: Q1 e Q4 resultados no item 4.1, na amostra da maioria

Questões	Discordo totalmente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo totalmente	Não respondo
Questão 1 (Imigrantes)	0%	7%	29%	62%	2%
Questão 4 (Emigrantes)	2%	7%	39%	52%	0%

Tabela 19: Q1 e Q4 resultados no item 4.2, na amostra da maioria

Questões	Discordo totalmente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo totalmente	Não respondo
Questão 1 (Imigrantes)	2%	10%	43%	43%	2%
Questão 4 (Emigrantes)	0%	0%	32%	68%	0%

Na tabela dezoito é possível observar que o item 4.1 (Deve adaptar-se à nova cultura) obtém 52% de concordância total, ou seja, menos do que na questão número um acerca dos imigrantes a viverem em Portugal: 62%. Em consequência, a amostra da maioria portuguesa perde na intensidade da concordância, quando se refere à adaptação dos emigrantes portugueses às segundas culturas. Por seu turno, na tabela seguinte, ou seja, na dezanove, os níveis de concordância ao item 4.2 (Deve manter a sua própria cultura) são mais elevados (68%) do que na questão acerca dos imigrantes (43%) porque a avaliação acerca da manutenção da cultura é uma autoavaliação.

Ainda de acordo com as tabelas dezasseis e dezassete, na amostra de imigrantes cabo-verdianos, contudo a avaliação é hétero porque a questão é remetida acerca dos emigrantes portugueses e não acerca dos próprios imigrantes. Os níveis de concordância eram esperados serem os mesmos do que na amostra da maioria portuguesa para o item 4.1 (Deve adaptar-se à nova cultura). Contudo, para o item 4.2 (Deve manter a sua própria cultura) era esperado que os níveis de concordância fossem menores do que na amostra da maioria. Os resultados observados no 4.1 (Deve adaptar-se à nova cultura) obtêm um pouco mais de concordância total (56%) do que na amostra da maioria portuguesa. No entanto, o item 4.2 (Deve manter a sua própria cultura) apenas obtêm 49% de concordância total, sendo o nível mais baixo das amostras. Assim sendo, os resultados esperados confirmam-se.

Tendo em conta as tabelas dezasseis e dezassete, na amostra de emigrantes portugueses eram esperados níveis mais elevados de concordância no item 4.1 (Deve adaptar-se à nova cultura) e também no item 4.2 (Deve manter a sua própria cultura) face às outras duas amostras. Os resultados observados mostram que o item 4.1 (Deve adaptar-se à nova cultura) obtêm 70% sujeitos em concordância total, ou seja, a percentagem de concordância mais elevada das amostras. Este resultado revela um elevado nível de decisão de utilidade, no sentido de adquirir adaptação cultural a uma segunda cultura e de ser funcional, até porque o item 4.2 (Deve manter a sua própria cultura) também obtêm as percentagens de concordância mais elevadas das amostras: 78%. Os resultados esperados confirmam-se.

Tabela 20: Q1 e Q4 resultados no item 4.2, na amostra de emigrantes

Questões	Discordo totalmente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo totalmente	Não respondo
Questão 1 (Emigrantes)	8%	49%	38%	5%	0%
Questão 4 (Imigrantes)	0%	0%	22%	78%	0%

Na tabela número vinte os resultados revelam como as respostas mudam consoante o estatuto social. A amostra emigrante discorda um pouco face à manutenção cultural dos imigrantes em Portugal (49%), mas a amostra de emigrantes portugueses concorda totalmente com a manutenção cultural enquanto imigrantes, em França: 78%. Portanto, a direção da concordância e a intensidade aumentam quando a amostra estabelece uma autoavaliação acerca da sua própria manutenção cultural. Assim dispondo, a amostra de

emigrantes portugueses muda a sua preferência aculturativa consoante o seu estatuto social, isto é, expressando elevadas apreensões acerca da sua mudança cultural, mas concordando de forma intensa com a sua própria adaptação cultural, o que revela que a adaptação cultural é uma decisão de utilidade.

Em resumo, a adaptação cultural é consensual em todas as amostras (item 4.1). O item 4.2 (Deve manter a sua própria cultura) muda consoante o estatuto social porque estabelece uma auto ou uma hétero avaliação acerca das mudanças culturais, sendo que a amostra de emigrantes portugueses expressa elevadas apreensões acerca da sua cultura, apontando para as hipóteses de trabalho H 4 e H 4.2.

Tabela 21: item 4.3 (Deve misturar a sua cultura com a do país de acolhimento)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	2	3.5%	1	2%	36	64%	16	28.5%	1	2%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0.0%	5	13%	25	64%	9	23.0%	0	0%
Emigrante portuguesa	4	11%	20	54%	13	35%	0	0.0%	0	0%
Total	6	4%	26	20%	74	56%	25	19%	1	1%

$F(2, 129) = 28.110, p = .000$

Tabela 22: item 4.4 (Deve mudar a cultura do país de acolhimento)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	34	61%	12	21%	9	16%	0	0%	1	2.0%
Imigrante (Cabo Verde)	17	44%	13	33%	6	15%	0	0%	3	8.0%
Emigrante portuguesa	2	5.5%	27	73%	6	16%	0	0%	2	5.5%
Total	53	40%	52	39%	21	16%	0	0%	6	4%

$F(2, 129) = 5.514, p = .005$

Tabela 23: item 4.5 (Deve mudar a sua própria cultura)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	25	44.5%	15	27%	12	21.5%	3	5.0%	1	2%
Imigrante (Cabo Verde)	17	43.0%	3	8%	16	41.0%	3	8.0%	0	0%
Emigrante portuguesa	1	2.50%	4	11%	31	84.0%	1	2.5%	0	0%
Total	43	32%	22	17%	59	45%	7	5.0%	1	1%

$F(2, 129) = 11.891, p = .000$

No modelo de fusão as mudanças culturais existem em todas as direções (ver eixo na figura 9). Os itens do modelo da fusão são o 4.3 (Deve misturar a sua cultura com a do país de acolhimento), o 4.4 (Deve mudar a cultura do país de acolhimento) e o item 4.5

(Deve mudar a sua própria cultura). Na amostra da maioria portuguesa o item 4.3 (Deve misturar a sua cultura com a do país de acolhimento) obtém concordância, conforme pode ser visto na tabela vinte e um.

Tabela 24: Q1 e Q4 resultados no item 4.3, amostra da maioria

	Discordo Totalmente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo totalmente	Não respondo
Questões	%	%	%	%	%
Questão 1 (Imigrantes)	11%	9%	50%	27.0%	3%
Questão 4 (Emigrantes)	3.5%	2%	64%	28.5%	2%

Tal como é observável na tabela vinte e quatro, comparando os resultados da questão um (acerca de imigrantes) com a questão quatro (acerca dos emigrantes portugueses), a preferência pela fusão existe em ambas as questões e é maior quando a avaliação é acerca dos emigrantes portugueses. Assim sendo, a preferência pelo modelo de fusão não se altera devido ao estatuto social, no caso da amostra da maioria portuguesa. Para além do mais, os resultados observados estão a dizer que a amostra da maioria portuguesa discorda um pouco (61%) com o item 4.4 (Deve mudar a cultura do país de acolhimento), estabelecendo uma inconsistência com o item 4.3 e uma contradição face ao modelo de fusão. O mesmo sucede com o item 4.5 (Deve mudar a sua própria cultura), tal como é observável nas tabelas vinte e um, vinte e dois e vinte e três.

Na amostra de imigrantes cabo-verdianos era esperado que todos os itens obtivessem níveis mais elevados de concordância. Contudo, tal como é observável na tabela vinte e um, a amostra de imigrantes cabo-verdianos no item 4.3 (Deve misturar a sua cultura com a do país de acolhimento) obtém 64% de concordo um pouco. Assim sendo, a amostra de imigrantes cabo-verdianos está a favorecer as misturas e a partilhar uma característica do modelo de fusão como a amostra da maioria portuguesa, apontando para a teoria luso-tropical. No item 4.4 (Deve mudar a cultura do país de acolhimento) da tabela vinte e dois, a amostra discorda com a mudança da cultura de “acolhimento”, o que implica uma inconsistência com o modelo de fusão e com as respostas fornecidas ao item 4.3, o qual aborda as misturas culturais. Na tabela vinte e três, a amostra de imigrantes cabo-verdianos no item 4.5 (Deve mudar a sua própria cultura) obtém resultados equilibrados, pois a diferença entre as opções de desacordo e de acordo é apenas de 2%, favorecendo a discordância.

Na amostra de emigrantes portugueses o item 4.3 (Deve misturar a sua cultura com a do país de acolhimento) da tabela vinte e um obtém 54% dos sujeitos a discordarem um pouco, revelando uma apreensão elevada com as mudanças culturais próprias e de que a amostra não prefere o modelo de fusão, pois apenas 35% dos sujeitos estão a concordar um pouco com as misturas culturais. O resultado da ANOVA é de ($p = .000$) e, empregando o teste de Bonferroni Post-hoc multiple comparisons, a amostra de emigrantes portugueses é diferente face à amostra da maioria portuguesa ($p = .000$) e à amostra de imigrantes cabo-verdianos ($p = .000$), até porque não prefere as misturas culturais.

Tabela 25: Q1 e Q4 resultados no item 4.3, na amostra de emigrantes portugueses

Questões	Discordo totalmente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo totalmente	Não respondo
Questão 1 (Imigrantes)	5%	38%	40.5%	13.5%	3%
Questão 4 (Emigrantes)	11%	54%	35.0%	0.0%	0%

A importância do estatuto social pode ser mostrada através da tabela vinte e cinco, uma vez que a amostra de emigrantes portugueses muda a sua preferência quando a questão pergunta acerca da sua própria cultura como imigrantes em França. Os resultados têm consequências para todo o trabalho porque dizem que a amostra de emigrantes portugueses não prefere o modelo de fusão e a cultura luso-tropical devido ao seu estatuto de imigrantes, em França, apontando para a H 4.3. Os resultados revelam não apenas a importância do estatuto social, senão que os emigrantes portugueses também são diferentes face às outras duas amostras, mas, sobretudo, face à amostra da maioria portuguesa.

No item 4.4 (Deve mudar a cultura do país de acolhimento), da tabela vinte e dois, 73% dos sujeitos dos emigrantes portugueses discordam um pouco, revelando a não preferência pelo modelo de fusão e uma apreensão elevada com a própria cultura. E, talvez, uma posição passiva ou de separação cultural face à cultura francesa. No item 4.5 (Deve mudar a sua própria cultura) da tabela vinte e três, 84% dos sujeitos concordam um pouco. O resultado do teste ANOVA é de ($p = .000$) e no teste Bonferroni Post-hoc multiple comparisons a amostra de emigrantes portugueses é diferente face à amostra de

imigrantes cabo-verdianos ($p = .002$) e de ($p = .000$) face à amostra da maioria portuguesa. A amostra de emigrantes portugueses entra em contradição, fazendo com que as inferências estatísticas se tornem mais complexas porque não está a preferir as misturas culturais do item 4.3, prefere não mudar a cultura de “acolhimento” e mudar a sua própria, apontando para o modelo de assimilação ou para o modelo intercultural. As diferenças nas respostas poderão ser clarificadas nos itens referentes ao modelo intercultural.

Tabela 26: item 4.6 (Deve manter a sua cultura em casa ou em privado)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	4	7%	9	16.0%	20	36.0%	22	39.0%	1	2%
Imigrante (Cabo Verde)	7	18%	8	20.5%	20	51.0%	4	10.5%	0	0%
Emigrante portuguesa	0	0%	0	0.0%	15	40.5%	22	59.5%	0	0%
Total	11	8%	17	13%	55	42%	48	36%	1	1%

$F(2, 129) = 15.175, p = .000$

Tabela 27: item 4.7 (Deve adaptar-se à nova cultura no trabalho ou na escola)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	1	2%	0	0%	20	35.5%	35	62.5%	0	0%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0%	1	3%	16	41.0%	22	56.0%	0	0%
Emigrante portuguesa	0	0%	0	0%	16	43.0%	21	57.0%	0	0%
Total	1	1%	1	1%	52	39.0%	78	59.0%	0	0%

$F(2, 129) = .095, p = .909$

Os itens referentes ao modelo intercultural são o 4.6 (Deve manter a sua cultura em casa ou em privado) e o 4.7 (Deve adaptar-se à nova cultura no trabalho ou na escola). Como é observável na tabela vinte e seis, na amostra da maioria portuguesa o item 4.6 obteve concordância. Na amostra da maioria portuguesa 62.5% dos sujeitos estão a concordar totalmente com o item 4.7 (Deve adaptar-se à nova cultura no trabalho ou na escola), referente à tabela 27. O resultado do teste da ANOVA não encontrou diferenças significativas ($p = .909$) entre as amostras. Os resultados revelam a necessidade de ser funcional na segunda cultura. As semelhanças culturais nos resultados são úteis para encontrar itens consensuais, o que se revela também significativo para a presente investigação. Tal como o item 4.1 (Deve adaptar-se à nova cultura), o item 4.7 também obtém concordância das três amostras, contudo este item é mais específico e parece apontar para uma decisão de utilidade face à adaptação dos emigrantes portugueses.

Na amostra de imigrantes cabo-verdianos o item 4.6 (Deve manter a sua cultura em casa ou em privado) obtém 51% de concordo um pouco. Contudo, esta amostra revela a maior percentagem de discordância entre as amostras, isto é, 20.5% discordo um pouco e 18% discordo totalmente. A amostra de imigrantes cabo-verdianos é aquela que estabelece um maior grau de diferença, quiçá, porque estabelece uma hétero avaliação acerca da “cultura emigrante”. O item 4.7 (Deve adaptar-se à nova cultura no trabalho ou na escola) da tabela vinte e sete obtém 56% de concordância total na amostra de imigrantes cabo-verdianos.

Na amostra de emigrantes portugueses era esperado que o item 4.6 (Deve manter a sua cultura em casa ou em privado) obtivesse níveis mais elevados de concordância do que a amostra de imigrantes cabo-verdianos e do que a amostra da maioria portuguesa. O mesmo poderá ser dito acerca do item 4.7 (Deve adaptar-se à nova cultura no trabalho ou na escola). Na tabela vinte e seis, os resultados observados no item 4.6 (Deve manter a sua cultura em casa ou em privado) obtiveram as percentagens mais elevados de concordância, confirmando os resultados esperados.

Tabela 28: Q1 e Q4 resultados no item 4.6, na amostra de emigrantes

Questões	Discordo totalmente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo totalmente	Não respondo
Questão 1 (Imigrantes)	0%	16%	59.5%	24.5%	0%
Questão 4 (Emigrantes)	0%	0%	40.5%	59.5%	0%

Tal como pode ser verificado na tabela vinte e oito, a amostra de emigrantes portugueses está a aumentar a sua intensidade de concordância quanto lhe é perguntado acerca de manter a sua cultura em casa e em privado, quanto comparado com as respostas fornecidas à questão acerca dos imigrantes a residirem em Portugal. No item 4.7 (Deve adaptar-se à nova cultura no trabalho ou na escola) da tabela vinte e sete obtém 57% de concordância total, revelando uma decisão de utilidade face à cultura francesa, até porque prefere manter a sua própria cultura em casa e em privado.

Tabela 29: item 4.8 (Deve abandonar a sua própria cultura)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	49	87.5%	7	12.5%	0	0%	0	0%	0	0%
Imigrante (Cabo Verde)	25	64.0%	9	23.0%	5	13%	0	0%	0	0%
Emigrante portuguesa	3	8.0%	9	24.0%	25	68%	0	0%	0	0%
Total	77	58.0%	25	19.0%	30	23%	0	0%	0	0%

$F(2, 129) = 78.242, p = .000$

O item do modelo da assimilação é o 4.8 (Deve abandonar a sua própria cultura), referente à tabela vinte e nove. Na amostra da maioria portuguesa os resultados observados obtêm 87.5% de discordância total, sendo a percentagem mais elevada das três amostras.

Tabela 30: Q1 e Q4 resultados no item 4.8, na amostra da maioria

Questões	Discordo totalmente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo totalmente	Não respondo
Questão 1 (Imigrantes)	62.5%	30.5%	5%	0%	2%
Questão 4 (Emigrantes)	87.5%	12.5%	0%	0%	0%

Tal como é observável na tabela trinta, a amostra da maioria portuguesa reporta um nível mais elevado de discordância face ao abandono da sua própria cultura do que face à cultura dos imigrantes a viverem em Portugal, revelando a importância do estatuto social na modelagem das preferências aculturativas. Na tabela vinte e nove, a amostra de imigrantes cabo-verdianos também está em desacordo com a opção da assimilação perante a cultura dos emigrantes portugueses: 64% de discordância total. O resultado da ANOVA é de ($p = .000$) e é a amostra dos emigrantes portugueses que estabelece uma diferença face às outras duas amostras: ($p = .000$).

Na amostra de emigrantes portugueses 68% dos sujeitos concordam um pouco, apontando para a assimilação na cultura francesa. O resultado mostra uma inconsistência face ao item 4.2 (manutenção da cultura) e face ao item 4.6 (manutenção da cultura a nível privado). Na presente investigação assiste-se, talvez, a uma confusão entre o modelo da assimilação e o modelo intercultural, estabelecendo uma limitação do questionário. No entanto, a importância do estatuto social e da decisão de utilidade mantêm-se.

18.6.1 Conclusões dos resultados do questionário

Em resumo, na tentativa de explorar e de contextualizar a cultura portuguesa da aculturação, os resultados qualitativos, nomeadamente, a análise de conteúdo, foram comparados com os atuais fenómenos da aculturação, isto é, a emigração e a imigração. A teoria luso-tropical está reportada na análise de conteúdo como contendo aprendizagem recíproca, contudo é presumido que seja uma ideologia consensual (H 3), sendo que as amostras da maioria portuguesa e dos imigrantes cabo-verdianos estão a concordar com a mistura das culturas, e a amostra de emigrantes portugueses discorda com as misturas enquanto imigrantes, em França. Uma vez que o contexto português da aculturação reporta aprendizagem mútua, mas também a relevância das motivações aculturativas, na presente investigação o contexto da aculturação português funciona a dois níveis um “ideal” e outro “real” porque as apreensões acerca das mudanças culturais são distintas consoante sejam autoavaliações ou hétero avaliações (H 3.1). A amostra de emigrantes portugueses afirma que deseja manter a cultura própria, apesar de avaliar de forma positiva as dimensões da teoria luso-tropical. A adaptação cultural será, pois, uma decisão de utilidade (Rudmin, 2009). Portanto, as hipóteses 3 e 3.1 confirmam-se, assim como a H 4 e a H 4.2 porque as amostra da maioria portuguesa e a amostra dos emigrantes portugueses estão a mudar as suas avaliações e as suas preferências aculturativas de acordo com os seus estatutos sociais (H4). No entanto, as amostras são diferentes, sendo que a amostra da maioria portuguesa se encontra mais próxima da amostra de imigrantes cabo-verdianos do que a amostra de emigrantes portugueses, confirmando a H 4.3. As misturas culturais são avaliadas, grosso modo, de forma consensual, mas variam de acordo com as motivações ou os estatutos sociais das amostras, tal como já tinha sido reportado na análise de conteúdo. A H 4.2 é confirmada, pois os emigrantes portugueses revelam mais apreensões acerca da mudança cultural própria do que acerca da cultura dos imigrantes a viverem em Portugal.

Na amostra de emigrantes portugueses a expectativa do regresso a Portugal e o movimento circular entre os dois espaços poderão ter influenciado os resultados. A comunidade portuguesa, em França, fornece um novo ponto de vista para a literatura da aculturação (Berry, 1974, 1997, 2001) porque não prefere a atitude da integração do modelo multicultural. A amostra toma uma decisão de utilidade acerca da sua adaptação cultural à cultura francesa. O resultado do questionário é significativo, pois a amostra é

reportada como “sofrendo” níveis baixos de discriminação, em França (Pereira, V., 2009), ou seja, uma minoria étnica que não percebe discriminação poderá não preferir a estratégia minoritária ou a atitude da integração.

O trabalho etnográfico de campo revelou a importância do estatuto social na mudança das preferências aculturativas, remetendo a análise para o luso-tropicalismo como uma ideologia consensual e “ideal”, mas que varia quando o estatuto social muda, pois as culturas revelam apreensões culturais com as suas mudanças culturais. No trabalho etnográfico de campo foram usados dois sucedâneos da aculturação, isto é, a aculturação material e a linguagem. Em ambos os sucedâneos ou *proxys* da aculturação é possível verificar a existência simultânea da manutenção, da adaptação e das misturas culturais.

18.7 A imitação e a manutenção cultural na “casa francesa”

A linguagem e a aculturação material poderão ser tratadas como casos de fusão cultural. A linguagem e a aculturação material têm revelado que é possível não apenas aprender uma segunda cultura, mantendo a cultura original, senão que também se realizam, ao mesmo tempo, misturas culturais. No caso dos emigrantes portugueses em França, ambos os fenómenos são capazes de reportar influências culturais na cultura francesa, assim como na portuguesa. Na presente investigação a linguagem e a aculturação material estão a funcionar como sucedâneos da aculturação.

Triandis (1972) divide a cultura em subjetiva e em material. A aculturação material é visível e atua como um elemento observável da aculturação. O movimento circular dos emigrantes portugueses entre a França e Portugal permite misturar características arquitetónicas de ambas as culturas. A “casa francesa” dos emigrantes portugueses é também importante não apenas devido à imitação (Bandura, 2006; Rudmin, 2009; Tarde, 1902, 1903), mas também porque permite reportar misturas culturais mediante os processos de enculturação e de socialização transnacional. A “casa francesa” é ainda significativa porque mostra que o processo de aprendizagem não está apenas a mudar a cultura do país de “acolhimento”, mas também a cultura portuguesa. Assim sendo, a cultura portuguesa está a mudar, atualmente, não apenas através da influência dos

imigrantes a viverem em Portugal, mas também pela influência cultural dos emigrantes portugueses. Por seu turno, a “casa francesa” conduziu a elevadas apreensões acerca das características arquitetónicas “tradicionais” portuguesas, ou seja, a elevadas apreensões com as mudanças culturais portuguesas, sendo ainda que reporta que a aculturação é regulada pelas motivações aculturativas e de que os emigrantes portugueses foram desvalorizados socialmente devido ao seu estatuto social como agentes de mudanças culturais, em Portugal.

Na presente investigação, a “casa francesa” foi abordada mediante a imitação, o obter informação e ainda pelo *mentoring*, tendo em conta o modelo de Rudmin (2009). O processo de aprendizagem é controlado pelo baixo estatuto social (Castro, J. F. P. 2012) e pela discriminação feita no espaço de partida (Gonçalves, A., 1996). Na análise estatística feita à base de dados do Observatório da Emigração o tema ou código aculturação material obteve 1.6% dos trabalhos, sendo que a França é o país de “acolhimento” predominante (ver tabela 29 e 32, em anexo).

A “casa francesa” revela imitação (Bandura, *et al.*, 1961) e manutenção cultural, uma prática transnacional e mistura de culturas mediante a aculturação material porque os emigrantes aplicaram características arquitetónicas francesas, em Portugal, e aplicaram também características arquitetónicas portuguesas, em França (Villanova, 2006), misturando as duas culturas em ambos os espaços (Villanova, 1989, 1998). Barou (1997) escreveu que os emigrantes portugueses da região do Minho estavam a introduzir elementos arquitetónicos da sua região em Auvergne, França. De acordo com Alpalhão e Rosa (1980): “For the Portuguese, the house is the ideal means of situating himself in space.” (p. 100). Assim sendo, ser proprietário duma casa, em Portugal, significa estar ligado à cultura portuguesa (Rocha-Trindade, 1987). De resto, o primeiro investimento dos emigrantes portugueses era o de construir ou comprar uma casa, em Portugal (Hily, 1996).

Na literatura da aculturação, particularmente, no modelo da assimilação, a “casa” ou a residência é uma variável importante, a qual está relacionada com as condições socioeconómicas e com a concentração residencial dos imigrantes, ou seja, com uma possível não “integração” ou assimilação dos imigrantes. Nos espaços de “acolhimento”, segundo Neto (1985), comprar uma casa implica uma melhoria na qualidade de vida.

Teixeira (2003) e Monteiro (1993) têm reportado como as comunidades portuguesas no Canadá e nos Estados Unidos da América têm melhorado os seus níveis de qualidade de vida, comprando e arrendando imóveis. A variável do estatuto socioeconómico é importante para o modelo da assimilação (Portes, Fernández-Kelly & Haller, 2005). Contudo, ser proprietário duma casa dispõe também dum significado simbólico. No caso dos emigrantes portugueses, em França, a “casa” revela, ao mesmo tempo, um ponto de vista utilitário acerca de ambos os espaços (Gonçalves, M., 2002), mas também a manutenção e as misturas culturais (Villanova, Leite & Raposo, 1995). Na emigração continental o não retorno dos emigrantes, a sua mobilidade entre os dois espaços e a tendência para dispor de duas casas (Villanova, 2006) são a parte visível duma identidade bicultural ou de fusão.

Em Portugal, as mudanças das características arquitetónicas introduzidas pelos emigrantes portugueses levantaram apreensões acerca das mudanças da cultura portuguesa (Castro, A., 1998; Leite, C., 1989, 1998; Lopes, I. C., 2002), sendo que as avaliações foram influenciadas pelo estatuto social dos emigrantes. Castro, J. F. P. (2008, 2011) tem desenvolvido investigação, em Melgaço (noroeste de Portugal), comparando os diferentes estilos arquitetónicos presentes na referida vila. De acordo com Castro J. F. P. (2003, 2008, 2011, 2012), os emigrantes portugueses, no Brasil, fizeram também as suas casas, contudo a avaliação não foi tão negativa como a avaliação acerca das casas dos emigrantes portugueses, em França. A casa “brasileira”, feita pelos emigrantes portugueses radicados, no Brasil, desde o século XIX até meados do século XX, é, hoje, em Portugal, considerada como “tradicional”. No caso dos emigrantes continentais, mormente, para França, a apreensão acerca da “casa francesa” foi maior devido às características das fronteiras culturais (Barth, 1969; Bartlett, 1923) e devido a razões históricas. A aculturação feita no Brasil foi levada a cabo dentro das culturas lusófonas. A casa “brasileira” apresenta misturas culturais, as quais foram imitadas pela cultura portuguesa ao longo dos “descobrimentos”, no entanto, essas misturas têm a cultura portuguesa como sendo ativa e, por vezes, dominante, ou seja, revela um estatuto social admirável e imitável, pois revela domínio social e uma posição ativa na construção cultural. Uma outra importante característica é o estatuto social dos emigrantes continentais e o estatuto socioeconómico, os quais foram percebidos como sendo mais baixos do que os “brasileiros”. Para além do mais, a emigração continental não se adequa ao contexto da história colonial portuguesa, pois os portugueses dirigiam-se para a Europa como imigrantes, rompendo uma tradição

com mais de quinhentos anos de colonização e de domínio social, ou seja, rompendo com um estatuto social admirado (Bandura, 2006).

De acordo com Castro J. F. P. (2008, 2011, 2012; Castro & Marques, 2003), no caso da “casa francesa” as apreensões com as mudanças da cultura portuguesa não se estabeleciam porque as mudanças eram realizadas no espaço de “acolhimento”, mas, sobretudo, no espaço de partida ou seja, em Portugal. Assim sendo, não eram os emigrantes que revelavam apreensões acerca do sua adaptação cultural ou acerca do seu processo de aprendizagem à cultura francesa, mas eram os portugueses sem experiência emigratória quem revelavam apreensões acerca do que os emigrantes tinham aprendido nos seus locais de trabalho, em França, ou seja, construir casas, pois os emigrantes continentais de meados do século vinte foram predominantemente homens que laboravam na construção. Portanto, a socialização secundária tinha lugar no local de trabalho, fomentando a imitação material das casas “francesas”. Assim dispondo, foram os portugueses sem experiência emigratória quem estabeleciam uma hétero avaliação acerca dos efeitos, em Portugal, da aprendizagem dos emigrantes portugueses, em França, a avaliação prende-se, pois, com a discriminação e com um conflito intragrupal, o qual era fruto da aculturação.

Na literatura acerca da emigração portuguesa, tal como foi dito acima, a cultura de mistura ou bicultural dos emigrantes portugueses foi abordada como estando próxima do “homem marginal” de Park (1928), pois o homem marginal encontra-se entre duas pátrias, sendo presumido não pertencer a qualquer uma delas. Em França, o emigrante português não está assimilado (Cordeiro, 1988, 1999b, 1999c, 2004), não podendo, no entanto, voltar a Portugal por razões económicas. De acordo com Castro J. F. P. (2008, 2011), a “casa francesa” e os emigrantes não foram discriminados no espaço de partida apenas devido ao baixo estatuto socioeconómico (Ribeiro, C., 1986a), senão que a discriminação ocorreu devido ao seu estatuto social de imigrantes, isto porque os portugueses sem experiência emigratória “protestavam” acerca da mudança dos padrões arquitetónicos “tradicionais”, ou seja, colocavam os portugueses com experiência emigratória como não pertencendo à comunidade, como sendo os “de fora” (Elias & Scotson, (1994). Este conflito foi investigado por Gonçalves A. (1996), a investigação de Gonçalves (1996) guiou-se pela teoria de Bourdieu (1992, 1997, 2001). Castro J. F. P. (2008, 2011) acrescentou a

teorização de Elias e Scotson (1994) porque não foram apenas as diferenças económicas, étnicas, religiosas ou de educação (socialização) que desencadearam os conflitos sociais, mas antes a mera relação social, isto é, a enculturação e a socialização secundária realizada, em França. Segundo Elias e Scotson (1994) é a mera persistência da relação social entre os membros dum grupo num mesmo espaço que forma as normas comportamentais, as regras e a cultura grupal, a qual estabelece a diferença entre os membros do grupo e os de fora. Assim sendo, Elias e Scotson atribuem importância à socialização e à enculturação. Villanova, Gaudin, Raposo e Leite (1995) têm escrito que a maioria dos habitantes da pequena aldeia do noroeste de Portugal, chamada de Parada do Monte, situada no concelho de Melgaço, trabalhavam, em França, no setor da construção. Assim sendo, o processo de aculturação ocorreu no local de trabalho (Villanova, 1988) através da imitação. Os emigrantes portugueses imitavam as características arquitetónicas franceses porque as aprendiam nos seus locais de trabalho e porque as admiravam, imitando-as (Bandura, 2006; Tarde, 1902, 1903). A “casa francesa” funcionava como um modelo cultural porque implicava melhores condições de vida (Villanova, 1988). No entanto, em Portugal, a avaliação acerca da “casa francesa” foi negativa (Castro, J. F. P., 2011; Castro & Marques 2003; Villanova, 2006), apesar dela representar uma melhoria nas condições de vida (Villanova, 2006). A “casa francesa” construída pelos emigrantes portugueses em França e, em consequência, por pessoas com um baixo estatuto social (isto é, imigrantes), levantou apreensões acerca das mudanças culturais portuguesas devido à aprendizagem da cultura francesa, sendo que o baixo estatuto social destes emigrantes os tornou modelos sociais não confiáveis, não admiráveis, ou seja, não imitáveis (Bandura, 2006; Tarde, 1902, 1903).

18.8 A linguagem e a aculturação

A aprendizagem duma segunda língua poderá melhorar o contato e as trocas interculturais entre as culturas em contato intercultural. A importância da linguagem está exposta no trabalho de Luís de Fróis devido a missão dos jesuítas no Japão. A aprendizagem da língua Japonesa era essencial para os objetivos dos jesuítas, isto é, para converter os japoneses (Janeira, 1981). A linguagem enquanto tema ou código na análise

estatística levada a cabo na base de dados do Observatório da Emigração obteve 1.9% das referências bibliográficas. A maioria dos trabalhos está escrita em Português e em Inglês (ver tabelas 29 e 31, em anexo).

No modelo da assimilação é dito que aprender a língua do país de “acolhimento” é uma das principais tarefas dos imigrantes, sendo um dos primeiros domínios onde a assimilação ocorre (Gordon, 1964). No caso dos emigrantes portugueses, em França, aprender a língua Francesa foi percebido através da decisão de utilidade dos anos sessenta do século vinte, ou seja, obter a maior quantidade de dinheiro possível e voltar para Portugal. Após os anos oitenta do século vinte, contudo os emigrantes portugueses não voltaram em massa para Portugal, senão que deram começo a um movimento circular entre ambos os espaços e culturas. Esta última situação implica uma interação mais profunda entre os dois países, mas não a possibilidade da assimilação à cultura francesa porque os emigrantes mantiveram os laços culturais com a cultura lusa. Para além do mais, a cultura francesa muda mediante a influência da cultura portuguesa, assim como a cultura portuguesa muda devido à influência dos emigrantes aculturados. Essa dupla aculturação (Wieviorka, 2011) é visível na linguagem utilizada pelos emigrantes portugueses, revelando um caso de fusão cultural.

A relação intercultural conduz a mudanças através do processo de enculturação e até da socialização. A relação intercultural implica novas misturas culturais, as quais estão reportadas na literatura acerca da emigração portuguesa (Dias, E. M., 1989). No Canadá, Dias-Tatilon (2000) abordaram as influências da língua Inglesa na Portuguesa. No Luxemburgo (Fusenig, 1992) e na Venezuela (Lourenço, R. T., 2005) são também reportados trabalhos similares. No caso da França, Bendinha (1996) estudou como a língua Francesa era aprendida pelos emigrantes portugueses. Ainda em França, Cabral, A. (2000, 2003) reportou e descreveu a mistura das línguas, afirmando que a comunidade portuguesa mostrava um caso de diglosia (Cabral, A., 2003). A diglossia refere-se à situação em que duas línguas são utilizadas numa mesma comunidade e as relações de poder entre as duas línguas é assimétrica (Fishman, 1967). De acordo com Cabral (2003), a avaliação negativa acerca da diglosia era um problema social relacionado com a discriminação e com o baixo estatuto social dos emigrantes portugueses, mas não um problema de aculturação por si próprio.

A mistura das línguas dos emigrantes portugueses também poderá ser abordada pelo modelo da assimilação (Wieviorka, 2011). Rumbaut (1997) distinguiu três tipos de assimilação linguística consoante o estatuto socioeconómico. O tipo consoante corresponde ao modelo da assimilação porque a minoria abandona a sua língua original. O tipo dissonante afeta as pessoas mais pobres, sendo que eles não têm uma proficiência linguística perfeita. Finalmente, o seletivo é atribuído a um alto estatuto socioeconómico. De facto, tendo em conta que alguns membros da comunidade portuguesa mostram um francês pobre ou uma mistura de línguas e que essas pessoas pertencem à classe média baixa, será possível classificar esses indivíduos (não toda a comunidade) como dissonante. Muitas vezes, a mistura linguística era avaliada duma forma negativa. Para o modelo da assimilação, falar ambas as línguas e misturar as mesmas é, supostamente, um problema, o qual poderá colocar em perigo a saúde mental. Contudo, Castro J. F. P (2008, 2011) inquiriu os emigrantes portugueses e os portugueses sem experiência emigratória, sendo que os resultados reportaram que o conflito estava a desaparecer na cultura portuguesa, quiçá, porque o estatuto social dos emigrantes portugueses se alterou com a influência da União Europeia.

No sentido oposto, é possível encontrar avaliações positivas acerca da mistura das línguas e das culturas. Freitas (1990) escreveu acerca da riqueza da mistura entre o inglês e o português, nos Estados Unidos da América. Segundo Dias, E. M. (1998), a mistura entre o Inglês e o Francês se constitui como um dialeto. No caso dos emigrantes portugueses, em França, a falta de financiamento às comunidades portuguesas e de promoção da língua Portuguesa pelos Estados francês e português (Faneca, R. M., 2011) revela que o modelo multicultural não funciona, em França, porque, muitas vezes, o Português não é ensinado no currículo oficial. A falta de promoção e de financiamento da língua portuguesa poderá ser percebido como sendo discriminação, uma vez que, em França, não se promovem as culturas étnicas e a sua manutenção cultural dos imigrantes. De resto, atualmente, o Estado português encontra-se a reduzir o seu financiamento, agravando o problema. A falta de promoção e de financiamento é também uma “realidade”, em Portugal, face aos imigrantes (Almeida, J. C. P., 2006), revelando que o modelo multicultural não é uma “realidade” em Portugal e em França (Almeida, J. C. P., 2005; Rocha-Trindade, 2010b).

A instrução da língua original, isto é, o Português no segundo espaço ganha importância, no sentido de promover a manutenção cultural ou apenas para promover as relações interculturais (Ançã, 2006, 2010; Faneca, 2011; Faneca & Ançã, 2008, 2010). A maioria dos emigrantes portugueses aprende a língua Portuguesa em casa, isto é, no seio das famílias. Assim sendo, a aprendizagem é realizada mediante a enculturação (Ançã, 2006) e não pela instrução institucionalizada, ou seja, através da socialização. No trabalho de Faneca e Ançã (2009) 80% dos sujeitos afirmavam que compreendiam ambas as línguas, 60% dos sujeitos afirmavam que disponham de duas línguas nativas (Faneca & Ançã, 2009). Assim sendo, a comunidade portuguesa revela uma cultura partilhada de fusão. Segundo Faneca e Ançã (2009), a aprendizagem da língua original tem duas intenções fundamentais, em primeiro lugar, trata-se de manter a cultura portuguesa e, em segundo lugar, devido a razões de utilidade, pois a língua Portuguesa é considerada como útil, o qual foi confirmado durante o trabalho etnográfico. O trabalho de campo levado a cabo em Metz, França, foi especialmente útil para verificar como a comunidade portuguesa lidava com a língua Portuguesa e de como adaptava a língua Francesa. O trabalho de campo foi cumprido usando a observação participante, entrevistas informais e a gravação em áudio das conversas em locais públicos frequentados pela comunidade portuguesa. Em Metz, é possível observar três gerações de emigrantes portugueses. Durante o trabalho de campo, em Metz, foi possível verificar a adaptação da comunidade portuguesa à língua Francesa, a manutenção da cultura portuguesa e as misturas culturais. O padrão de misturas é visível em muitas situações, principalmente, nos “sítios portugueses”. O grau de proficiência em ambas as línguas depende não apenas das gerações, mas também do nível educacional e de fatores individuais. A maioria dos portugueses emigrantes, em Metz, são do noroeste de Portugal, da região de Braga, sendo que eles vieram duma área rural para uma zona industrial francesa. Quando descrevem uma coisa proveniente da cultura francesa que está ausente no mundo rural português, é usado uma palavra francesa. As palavras francesas são também utilizadas e misturadas com as palavras da língua Portuguesa, quando os emigrantes se referem à segurança social francesa ou a assuntos laborais, ou seja, palavras relacionadas com a cultura francesa, e com a relação que os emigrantes estabelecem com a sociedade francesa. Tal como foi dito acima, o grau de proficiência em ambas as línguas não depende apenas da geração, mas também do nível educacional e de fatores individuais, tais como a motivação, pois alguns emigrantes da segunda e da terceira gerações são proficientes no português, sendo que

alguns deles estão motivados e engajados no sentido de melhorarem a proficiência na língua Portuguesa, o que implica a instrução da língua Portuguesa (Constantino, 2003; Gonçalves, S., 2003), isto é, a aculturação da primeira língua étnica. Contudo, a maioria deles não têm acesso a uma educação apropriada e a aprendizagem da primeira língua Portuguesa é realizada dentro da comunidade, através do contato com a cultura portuguesa e empregando os meios de comunicação social, e ainda as viagens frequentes a Portugal.

18.9 O que foi relevante no trabalho de campo em Metz?

Ao longo do trabalho de campo realizado em Metz, França, foi possível observar que nenhum modelo da aculturação se adequa por inteiro à “realidade” cultural dos emigrantes. Os emigrantes portugueses estão a fazer misturas culturais a nível individual, mas não a nível coletivo ou institucional na república francesa. No trabalho de campo foi possível observar a manutenção cultural portuguesa como sendo uma característica cultural da comunidade, sendo que esta se auto diferencia face às outras comunidades e face à cultura francesa. A manutenção cultural e as misturas culturais estão presentes na aculturação material e na linguagem utilizada, sendo que a língua Portuguesa é aprendida. Para além do mais, assiste-se à recriação da cultura original, sendo que a manutenção cultural implica misturas. Assim sendo, as misturas culturais não ocorrem apenas devido ao processo de adaptação à segunda cultura, isto é, à francesa, senão que também devido ao processo de aprendizagem da cultura original. A recriação da cultura portuguesa poderá também mudar a francesa, e ainda a cultura portuguesa (Wieviorka, 2011). Assim sendo, os emigrantes portugueses mostram um padrão cultural diferente da cultura portuguesa, podendo mesmo ser considerada uma cultura distinta ou diferenciada, e a qual se constrói através do processo da enculturação (mas também da socialização), em França, e nas visitas periódicas a Portugal, assim como através dos meios de comunidade social. Portanto, os emigrantes portugueses estão a mostrar um novo padrão cultural na cultura portuguesa. Esta última característica abre as portas a posteriores investigações, tendo em conta que a cultura se elabora através da relação intercultural e ainda devido aos resultados estatísticos, pois a amostra emigrante é distinta da amostra da maioria portuguesa. Esta questão foi abordada na hipótese 4.3, sendo que os diferentes estatutos sociais desencadeiam diferentes avaliações e apreensões acerca das mudanças culturais da cultura

portuguesa. O trabalho etnográfico de campo antecipa, pois o quarto momento da tese, pois a cultura portuguesa parece funcionar a vários níveis em simultâneo, até porque as preferências aculturativas das três amostras são relativas, sendo que as misturas culturais e a manutenção cultural ocorrem através da aprendizagem intercultural duma segunda cultura, mas também da cultura original, sendo a aculturação um processo dinâmico de criação e de recriação cultural. Na presente descrição do trabalho de campo empírico, segue-se o capítulo dedicado à imigração cabo-verdiana, em Portugal. No capítulo dezanove, tratou-se não apenas de reportar que o luso-tropicalismo é uma ideologia consensual, mas que também as amostras mudam as suas preferências aculturativas consoante a sua posição ou o seu estatuto social.

19. Imigração em Portugal

19.1 Breve descrição histórica da imigração portuguesa

A temática da imigração foi incluída na investigação para cumprir com os dois objetivos gerais, isto é, o contextualizar e o explorar a cultura portuguesa da aculturação e, o segundo objetivo geral, consiste em abordar a aculturação como um processo de aprendizagem recíproco (Rudmin, 2009). O presente capítulo aborda o fenómeno da imigração ocorrido em Portugal, nomeadamente, a comunidade cabo-verdiana do Porto, considerando que Cabo Verde, supostamente, partilha a cultura luso-tropical com Portugal e com o Brasil.

A literatura da imigração é escassa, apesar de Portugal dispor duma longa e robusta história imigratória (Baganha, *et al.*, 2005). A escassez da literatura da imigração portuguesa tornou-se evidente quando a investigação estabeleceu uma comparação entre a literatura da emigração portuguesa e a literatura da imigração. O Observatório da Imigração é a instituição portuguesa que lida com a temática da imigração, contudo no seu *website*, em março de 2012, não existia qualquer base de dados acerca da literatura existente acerca da temática. Contudo, o Observatório da Emigração dispõe da sua própria base de dados com mais de mil trabalhos acerca da emigração portuguesa. Quiçá, que a escassez da literatura acerca da imigração seja devida ao facto da apreensão acerca da mesma, em Portugal, se constituir como um fenómeno recente. Em março de 2012, a investigação realizou uma revisão da literatura *on-line* na revista portuguesa *Análise Social*. Na referida revista a procura pela palavra emigração obteve 24 resultados, começando em 1964 (Ferreira, A. J. C., 1964) e terminando em 2009 (Pereira, V., 2009). Quando a investigação empregou a palavra emigrantes encontrou nove resultados, começando no trabalho de Rocha, E. (1982) e terminando em Leite, J. C. (1991). As palavras imigração e imigrantes apenas obtiveram um resultado (Abreu & Peixoto, 2009), revelando as diferenças de importância atribuída a ambas as temáticas.

Na Psicologia Intercultural e na temática da imigração é presumido que a distância social (Triandis, 2008) produza, usualmente, conflitos interculturais (Suanet & Van de Vijver, 2009). A imigração é, muitas vezes, reportada como sendo um processo

problemático. O fluxo migratório para Portugal tem vários séculos e existem imigrantes provenientes de mais de cem países, compondo cerca de meio milhão de pessoas estrangeiras a viverem em Portugal (Rocha-Trindade, 2010a). É comum dividir os fluxos migratórios para Portugal em três fases. A primeira fase vai da fundação de Portugal até ao processo de descolonização, em 1975. Em 1496, após a expulsão e a conversão dos judeus e dos muçulmanos (Vakil, 2003), alguns elementos do último grupo étnico foram permitidos permanecerem em Portugal e também foram enviados para os territórios ultramarinos, por exemplo, para a Madeira (Rocha-Trindade, 2010b). Assim sendo, os grupos culturais judaico e muçulmano foram assimilados na cultura portuguesa. A comunidade cigana deslocou-se para Portugal, grosso modo, há cinco séculos atrás (Rocha-Trindade, 2008), constituindo-se, quiçá, como o grupo étnico mais antigo a residir em Portugal, uma vez que alguns dos seus membros ainda se encontram não assimilados. Em Portugal, a comunidade cigana é reportada como sendo a mais discriminada, revelando elevados níveis de perceção de discriminação (Bonomo, Zeidi, Lídio & Coutinho, 2008; Cabecinhas, 2003; Dias, Alves, Valente & Aires, 2006; Fonseca, Marques, Quintas & Poeschl, 2005; Valdigem, 2006a, 2006b). Durante os “descobrimentos”, italianos e espanhóis colaboraram nos esforços da coroa portuguesa (Rocha-Trindade, 2010b). Devem ser acrescentados os normandos e os flamengos, os quais vieram como cruzados e terminaram por se tornarem colonos no além-mar, por exemplo, nas ilhas açorianas. O processo das descobertas também trouxe escravos africanos e, conquanto que em menor quantidade, escravos de outros continentes, tal como reporta Fróis acerca da escravidão, no Japão: “. . . de comprar e vender os japões . . . que mandasse com muy rigurozas penas prohibir isto, porque era grande discredito e abatimento de gente de tanto primor e honra, como são os Japoens, venderem-se huns aos outros . . .” (Fróis, 1983, p. 403).

Para além das relações interculturais no ultramar, os espanhóis foram também imigrantes, em Portugal, durante séculos (Alves, 1994). Existe também uma comunidade britânica a viver, em Portugal, há mais de dois séculos (Rocha-Trindade, 2010b) e este fluxo migratório aumentou, após os processos de descolonização britânicos. Para além do mais, durante a Segunda Guerra Mundial, Portugal tomou uma posição neutral e recebeu milhares de refugiados, sendo que alguns se tornaram portugueses.

A segunda fase da imigração portuguesa ocorre com o processo de descolonização das colónias portuguesas, no século vinte. Indivíduos vindos de Goa (Ávila & Alves, 1993; Bastos, S. P., 2009; Malheiros, J. M., 1996a, 1996b) e das antigas colónias africanas, deslocaram-se para Portugal (Khan, 2009). Os imigrantes de segunda geração tornam a categorização das populações das colónias problemática, pois as comunidades indianas e africanas eram parte do império português. Assim sendo, eles seriam categorizados como portugueses e não como imigrantes (Baganha, *et al.* 2005). Esta problemática persiste até hoje, pois as segundas gerações são, por vezes, olhadas como imigrantes, apesar de disporem da nacionalidade portuguesa e de estarem aculturados. Assim dispondo, para o presente trabalho esta questão relaciona-se com a identidade étnica e com a discriminação, as quais podem produzir novas identidades étnicas através da diferenciação cultural e da discriminação. Esta questão será, mais tarde, abordada nas questões do questionário acerca da identidade étnica e do multiculturalismo, no capítulo vinte da presente investigação.

Uma terceira fase da imigração para Portugal ocorre com a entrada de Portugal na então designada Comunidade Económica Europeia, hoje, chamada de União Europeia. Portugal assiste à entrada de imigrantes europeus altamente qualificados, os quais trabalhavam em instituições e em empresas internacionais (Marques & Góis, 2008b). Depois da queda do muro de Berlim, Portugal recebeu imigrantes moldavos, romenos, russos e, sobretudo, ucranianos (Baganha, Marques & Góis, 2004; Mirotshnik, 2008). A comunidade ucraniana é a segunda maior, em Portugal. Após isto, o número de brasileiros aumentou, constituindo-se como a comunidade mais numerosa (Peixoto, J., 2009). Por seu turno, a comunidade cabo-verdiana é a terceira maior comunidade, sendo a mais numerosa das comunidades africanas. O fluxo imigratório proveniente do Brasil é mais antigo, mas, nos derradeiros anos, uma nova onda imigratória caracterizou-se pelo seu grande número e pelo baixo estatuto socioeconómico dos imigrantes (Góis, Marques, Padilla & Peixoto, 2009). Existe também uma comunidade chinesa a viver em Portugal, sendo que o seu número tem aumentado (Rocha-Trindade, 2010b) devido à relação histórica com Macau e devido à crescente influência económica chinesa, existindo também uma comunidade chinesa proveniente de Moçambique (Matias, 2010). Finalmente, observa-se uma nova presença muçulmana, em Portugal, para além da comunidade muçulmana proveniente das colónias portuguesas, isto é, de Moçambique e da Guiné-Bissau. Deste modo, a totalidade

da presença muçulmana é mais reduzida do que em outros países europeus (Tiesler, 2000, 2005).

Na presente investigação é necessário estabelecer uma consideração ética. A breve descrição histórica acerca da imigração portuguesa expôs diferentes povos, “raças” e culturas, sendo que Portugal foi descrito implicitamente como sendo estático, homogéneo, definido a partir da sua localização geográfica e das suas fronteiras culturais, e como sendo composto por uma única e pura comunidade étnica. A descrição encontra-se próxima do modelo da assimilação, pois não implica uma visão dinâmica acerca das relações interculturais, sendo que as diferentes comunidades como que são absorvidas numa unidade prévia. Contudo, a investigação deve evitar abordagens essencialistas porque os movimentos humanos são inerentes à humanidade. Portugal e os portugueses atuais não surgiram a partir da sua fundação, os portugueses são feitos de misturas, tal como todas as outras culturas e outros grupos étnicos (Barth, 1969), sem que tenha existido uma unidade cultural prévia e fundadora. De resto, a mesma posição deve ser tomada em relação aos restantes imigrantes descritos.

19.2 Apreensões aculturativas na literatura da imigração

Os temas ou as apreensões dominantes na literatura da imigração são o sociodemográfico, o mercado de trabalho (Freire, 1991), a mobilidade social, o político e o económico (Abreu & Peixoto, 2009; Baganha, *et al.*, 2005). O género é outro tema que tem ganho importância (Miranda, J., 2009), contudo na literatura acerca da emigração portuguesa o interesse pelo tema género é mais antigo (Brettell, 1991; Wall, 1982). Assim sendo, a literatura acerca da imigração emprega variáveis mais próximas do modelo de assimilação do que do modelo multicultural ou do modelo de fusão, apontando para a falta de equivalência, pois a presente investigação estabelece uma comparação com a cultura anglo-saxónica. Assim dispondo, em Portugal, a adaptação sociocultural dos imigrantes (Matsumoto, *et al.*, 2006; Ward, 2001) é a principal apreensão da literatura. A palavra “integração” ganha o mesmo sentido do que em França, ou seja, um sentido próximo do modelo da assimilação (Safi, 2008) ou do modelo intercultural (Rocha-Trindade, 2010a), não ganhando o sentido da manutenção cultural do modelo multicultural.

Contudo, em Portugal, o modelo multicultural é, presumivelmente, preferido na sua dimensão sociodemográfica (Inglis, 1996), isto é, diferentes culturas a viverem no mesmo espaço. Outro tema ou apreensão está relacionado com a identidade étnica, o qual pode levantar apreensões éticas à presente investigação (Machado, I. J. R., 2006). Muitas vezes, os imigrantes são categorizados pelas suas origens geográficas, culturais ou religiosas (Baganha, *et al.*, 2005). Na cultura portuguesa, nas últimas décadas, o tema da etnicidade tem ganho interesse, sendo que a principal problemática assenta na clarificação do construto (Baganha, *et al.*, 2005; Machado, F. L., 1992, 1993, 1994a, 1994b), tal como, de resto, sucedeu na presente investigação. Machado, F. L. (1993) afirma que apesar da recente etnização das relações interculturais, a questão da identidade étnica não se constitui como uma apreensão a nível político (Machado, F. L., 1994a), o qual é oposto ao modelo multicultural. Esta questão será abordada no capítulo vinte.

Na temática da imigração, tal como na literatura da emigração, a abordagem transnacional ganhou ênfase, sendo que a referida abordagem não se centra num futuro resultado, senão que aborda práticas culturais como o futebol (Darby, 2006; Domingos, 2012) e sendo próxima duma transmissão cultural com dois sentidos e das misturas culturais (Bhatia, 2007b). O trabalho etnográfico de campo realizado no Porto, desenvolveu-se no seio da comunidade cabo-verdiana. Em consequência, o capítulo acerca da imigração centra-se nesta comunidade, a qual irá ser, sucintamente, descrita.

19.3 Breve descrição de Cabo Verde

Cabo Verde é um país insular africano, localizado na crista oceânica do Atlântico, a 570 quilómetros da costa ocidental africana, isto é, do Senegal. Cabo Verde é composto por um arquipélago com dez ilhas e oito ilhéus (Carling & Batalha, 2008). Algumas das ilhas de Cabo Verde foram descobertas, em 1456, por Luís Cadamosto, sendo que, depois, outras ilhas foram descobertas por António da Noli e por Diogo Gomes. Cabo Verde pertenceu ao império português até à sua independência, em 1975 (Batalha, 2004a; Halter, 1993).

Cabo Verde tem, grosso modo, quinhentos mil habitantes. Os primeiros habitantes de Cabo Verde eram homens europeus, isto é, genoveses, judeus sefarditas, flamengos, espanhóis, portugueses deportados e refugiados. Após isso, os homens europeus misturaram-se com as escravas africanas, fazendo uma população e cultura caracterizadas pelas misturas. Do ponto de vista económico, Cabo Verde dispõe de escassos recursos naturais. No passado, a cana-de-açúcar, a plantação de algodão e o comércio de escravos foram as principais atividades económicas. Hoje, as principais atividades são o turismo, as remessas dos emigrantes, a atividade piscatória e a agricultura. Cabo Verde é considerado como sendo um país em vias de desenvolvimento (Carling, 2008) e desfruta duma relação privilegiada com a União Europeia mediante uma parceria especial (Carling, 2004).

19.4 Breve descrição dos fluxos emigratórios cabo-verdianos

A imigração é uma característica intrínseca à cultura e identidades de Cabo Verde (Akesson, 2004; Batalha, 2008b; Carling & Batalha, 2008), uma vez que a sua cultura foi moldada pelos fluxos imigratórios desde o seu dealbar (Halter, 1993) devido ao seu clima seco, à sua localização geográfica entre a Europa, a África e a América e à sua história enquanto colónia portuguesa. Assim sendo, o fluxo emigratório de Cabo Verde é um efeito social, mas é também uma causa, por exemplo, as comunidades cabo-verdianas no exterior estão a influenciar a vida política interna (Silva, L. A., 1995) e, hoje, o governo que se deseja democrático pretende fortalecer as ligações com as diferentes comunidades cabo-verdianas espalhadas pelo planeta.

O primeiro fluxo da emigração cabo-verdiana deu-se durante o século dezanove devido ao fim da escravatura, consequentemente, ainda durante o período colonial. Os cabo-verdianos são considerados os primeiros imigrantes africanos na América do Norte devido à indústria relacionada com as baleias (Halter, 1993). Num estudo pioneiro do modelo da assimilação, Taft D. R. (1923) documentou que os cabo-verdianos eram imigrantes, em Nova Inglaterra. Os cabo-verdianos viviam com os portugueses e foram considerados portugueses pelo autor. Taft D. R. (1923) estava intrigado com a “negritude”

dos portugueses da Nova Inglaterra. De 1900 a 1920, vinte mil cabo-verdianos entraram nos Estados Unidos da América, sendo que a maioria deles eram homens (Carling & Batalha, 2008; Halter, 2008). A indústria relacionada com a caça às baleias também chamou os cabo-verdianos até à Argentina (Maffia, 1986). São Tomé & Príncipe foi também um dos destinos preferidos. Após 1920, o principal destino foi Dakar, no Senegal e este fluxo encetou a relação intercultural com os países francófonos, na qual a França deve ser incluída devido à existência dos cabo-verdianos nesse país. Nos anos sessenta do século vinte, Portugal tornou-se no principal destino dos cabo-verdianos. A maioria do fluxo de cabo-verdianos era constituída por indivíduos com baixas qualificações académicas e trabalhavam no sector da construção civil. No entanto, uma elite “bem-educada” já se encontrava em Portugal (Batalha, 2004a, 2004b; Carling & Batalha, 2008). Outros países europeus com importantes comunidades cabo-verdianos são a Holanda e a Suécia, os quais estão relacionados com a atividade laboral junto dos portos de mar. O fluxo para a Itália realizou-se mediante a influência da religião católica, sendo composto, maioritariamente, por mulheres, as quais trabalhavam como empregadas domésticas (Marques, Santos & Araújo, 2001).

Usualmente, a imigração cabo-verdiana para Portugal é dividida em três fases (Góis, 2008; Marques & Góis, 2008). A primeira fase ocorre até meados dos anos setenta e cobre o período colonial. A segunda fase vai de 1977 a 1985, e a terceira vai de 1985 até hoje, em 2013, sendo caracterizada como uma imigração económica, podendo ser explicada pelo *push and pull*, devido à reunificação familiar, e devido ainda às relações históricas e culturais com Portugal. É entender da presente investigação que no estudo da imigração cabo-verdiana, os fatores culturais, tais como a cultura luso-tropical (Freyre, 1986), poderão ser tidos em conta, não centrando a análise apenas em fatores socioeconómicos.

19.5 O contexto cabo-verdiano e os modelos da aculturação

Segundo Cabecinhas e Évora (2008), as descobertas portuguesas, o processo de colonização e a independência são os acontecimentos históricos mais valorizados na cultura cabo-verdiana. Este trabalho afirma que a cultura cabo-verdiana está embebida na cultura luso-tropical (Freyre, 1986), pois a cultura cabo-verdiana funciona por interação

intercultural, adaptação de influências externas, pela aprendizagem duma segunda cultura e pelas misturas culturais. Assim sendo, a cultura cabo-verdiana encontra-se, supostamente, próxima do modelo de fusão (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006a). O processo imigratório está interligado com a cultura e a identidade cabo-verdianas porque este ocorreu durante o período colonial (Akesson, 2004; Batalha, 2008b; Góis 2008), sendo ainda uma “realidade” sociológica incontestável.

Os cabo-verdianos estão espalhados por vários países e continentes, revelando um padrão transnacional (Góis, 2008). Akesson (2004) escreveu que, em Cabo Verde, existe uma cultura orientada para a mobilidade geográfica, a qual é reproduzida nos discursos e nas práticas diárias a nível individual e coletivo. Akesson (2004) afirma ainda que existe uma ideologia migratória na cultura cabo-verdiana, a qual é similar à do Caribe. O elemento comum à diáspora cabo-verdiana é o facto da imigração ser um fator estrutural da sua cultura. Outra característica comum é o papel da família, a qual, por vezes, se encontra espalhada por diferentes países e continentes (Akesson, 2004).

Na Psicologia Intercultural, as redes familiares, supostamente, facilitam a “integração” sociocultural, a aprendizagem duma segunda cultura e a manutenção da cultura original (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2008; Nauck, 2001, 2007). A dimensão do fluxo emigratório também é importante, pois existem várias vezes mais cabo-verdianos a viverem no estrangeiro do que em Cabo Verde. Assim sendo, o tempo, o espaço e as condições históricas tornam o fenómeno emigratório muito difícil de abordar por um único modelo da aculturação (Góis, 2008; King & Connell, 1999). O fluxo imigratório é ainda difícil de definir num único país de destino, tal como sucede em Portugal. De acordo com Góis (2008), os atuais modelos e as abordagens da aculturação não são apropriados ao contexto cabo-verdiano. Assim dispondo, a presente investigação afirma que a comunidade cabo-verdiana a residir em Portugal cobre todos os modelos e abordagens da aculturação, porém não se adequa por inteiro em nenhum deles. Os diferentes tipos de adaptação intercultural estão a mudar consoante o nível socioeconómico, a educação, o fluxo, a geração, a perceção da discriminação (Elias & Scotson, 1994) ou a identidade étnica (Phinney & Ong, 2007). Portanto, todos os modelos poderão estar a funcionar ao mesmo tempo, tal como será mostrado mais adiante.

O modelo de assimilação poderá ser verificado em pessoas com níveis elevados de educação. A maioria destes indivíduos tem a nacionalidade portuguesa e categorizam-se como portugueses. A elite cabo-verdiana que foi educada em Portugal, antes do processo de descolonização e que preferiu a nacionalidade portuguesa, poderá constituir-se como o exemplo dos indivíduos assimilados. Ainda no modelo de assimilação, outra interessante abordagem é a transnacional (Batalha, 2008a, 2008b). Segundo Góis (2008), Cabo Verde expressa um padrão aculturativo transnacional desde sempre. Contudo, Góis (2008) escreveu que os Cabo-verdianos não se adequam por completo na abordagem transnacional. De resto, se os cabo-verdianos se categorizarem a eles próprios de portugueses de Cabo Verde poderão mostrar uma identidade partilhada, bicultural e até de fusão (Batalha, 2004a, 2004b; Carling & Batalha, 2008). Assim sendo, eles poderão estar a mostrar um padrão multicultural, o que implica estar adaptado à cultura portuguesa, e manter a cultura original. No entanto, as possíveis combinações são complexas, por exemplo, uma jovem cabo-verdiana educada em Itália, a viver e a trabalhar em Portugal poderá não se categorizar a ela própria como cabo-verdiana, nem tampouco portuguesa ou italiana, senão que europeia ou africana, ou ainda assumir uma posição individualista (Bourhis, *et al.*, 1997), não se adequando em qualquer categoria ou etiqueta identitária (Phinney & Ong, 2007).

O modelo intercultural poderá ser observado mediante a mera relação entre os diferentes grupos a nível individual, permitindo aprendizagem mediante a instrução ou através da imitação (enculturação), tal como Rocha-Trindade (2010a) reportou. Rocha-Trindade (2010a) notou uma contradição no modelo multicultural porque a manutenção da cultura poderá, segundo a autora, conduzir à separação cultural. Rocha-Trindade afirma também que a cultura portuguesa muda através da interação cultural e ela designa a esse fenómeno de intercultural porque revela interação, sendo que o modelo multicultural não implica interação, segundo a autora. Contudo, a nível sociológico o problema permanece porque o modelo intercultural apenas funciona a nível individual. A nível político ou institucional o modelo intercultural não presume interação cultural, estabelecendo uma contradição no interior da cultura portuguesa, a qual poderá revelar que a teoria luso-tropical (Freyre, 1986) é uma ideologia consensual, e que Portugal poderá funcionar mediante os modelos da assimilação ou do intercultural, uma vez que a influência da minoria não será reportada na cultura da maioria (Machado, I. J. R., 2006). Para além do exposto, o discurso acerca dos imigrantes, muitas vezes, não é formulado pelos mesmos,

sendo uma hétero avaliação (Silveirinha & Cristo, 2004). Em Portugal, segundo Rocha-Trindade (2010b) e Almeida, J. C. P. (2005), a política educativa portuguesa está assente no modelo da assimilação, ou seja, a socialização é monocultural e tende para a uniformidade. Assim sendo, a cultura portuguesa estabelece apreensões elevadas com a sua própria mudança cultural, conquanto avalie de modo positivo as misturas do modelo de fusão ou do luso-tropicalismo. Portanto, as misturas culturais poderão ocorrer através da enculturação e da aculturação, mas não mediante a socialização.

Na literatura da imigração, o modelo de fusão aparece nos trabalhos de Vieira, R. (2009) ou de Contador, 1998). As segundas gerações de imigrantes elaboram uma nova identidade. Em consequência, eles não alcançaram a assimilação, senão que estão a fazer reinterpretção cultural, tal como Herskovits (1938) ou Bastide (1971, 1968) propuseram acerca dos afro-americanos. De resto, na atual cultura portuguesa, as novas identidades têm em conta não apenas ambos os espaços e culturas, senão que uma rede diversa de referências globalizadas (Contador, 1998). O modelo de fusão está presente em pessoas com uma cultura de misturas, identidades étnicas mestiças, independentemente, da cor da pele. A relação intercultural conduz às mudanças em todas as culturas em contato. Este fenómeno é mais visível nas segundas gerações, pois esses indivíduos partilham diferentes etiquetas ou categorias identitárias consoante o contexto social, mas também uma identidade de fusão. A cultura portuguesa também reporta mudanças mediante o contato com a cultura de Cabo Verde: a música, a gastronomia, o futebol são os exemplos do afirmado. Contudo, a nível institucional o modelo de fusão é impossível de alcançar, em Portugal, conquanto que a nível individual ele seja possível, visível e experienciado.

Como no capítulo da emigração, a solução encontrada para a não existência dum modelo apropriado foi deslocar a análise dos problemas socioculturais de domínio social para a aculturação como um processo dinâmico e interativo, o qual é ainda multidimensional, relativo, seletivo e negociado, não esquecendo a importância da percepção da discriminação. Akesson escreveu acerca da cultura cabo-verdiana que: “. . . migration does not result in a rupture or a discontinuity in one’s experiences of self and others. On the contrary, the meanings associated with migration address and sustain both the sense of self and the national identity.” (Akesson, 2004, pp. 174-175), afirmando que a cultura cabo-verdiana tenha uma posição de privilégio para o estudo da aculturação. Na

presente investigação tentou-se verificar a relação entre o discurso histórico português, nomeadamente, as dimensões da teoria luso-tropical (Freyre, 1986) e a “realidade” atual, revelando o papel das motivações aculturativas. Finalmente, segue-se a descrição e a discussão do trabalho quantitativo.

19.6 Resultados da aplicação do questionário

A primeira questão do questionário questiona as três amostras acerca da adaptação cultural dos imigrantes a viverem em Portugal. A questão pretendeu estabelecer uma comparação com a questão acerca dos emigrantes portugueses, ou seja, a mesma questão e itens foram remetidos acerca dos imigrantes a residirem em Portugal e acerca dos emigrantes portugueses. Portanto, é suposto que as preferências aculturativas mudem se os itens perguntarem acerca dos imigrantes ou dos emigrantes nas três amostras. A cultura cabo-verdiana é, supostamente, próxima do modelo de fusão e do luso-tropicalismo (Freyre, 1961, 1986). No entanto, é também suposto na forma de hipótese de trabalho que a teoria luso-tropical funcione como uma ideologia consensual na sociedade portuguesa face às atuais reações à aculturação, isto é, face à imigração e à emigração, o que corresponde à H 3. Esta última hipótese implica novas questões e hipóteses, conduzindo até à H 3.1. Assim sendo, é suposto que existam diferentes avaliações, ou seja, uma avaliação “ideal” e outra “real” (Navas, *et al.*, 2005), sendo que a cultura da aculturação portuguesa é suposta revelar, em simultâneo, ambas as avaliações. Portanto, a investigação presume que a cultura portuguesa funcione a diferentes níveis, preferindo diferentes modelos ao mesmo tempo. Assim sendo, é suposto que as preferências pelos modelos mudem consoante o estatuto social das amostras, isto é, da maioria portuguesa, dos imigrantes cabo-verdianos e dos emigrantes portugueses, uma vez que os diferentes estatutos sociais desencadeiam diferentes motivações, correspondendo à H 4. Por sua vez, esta hipótese conduziu a investigação até à H 4.1, isto é, é suposto que a amostra de imigrantes cabo-verdianos expresse elevadas apreensões acerca da sua própria mudança cultural e baixas apreensões com as mudanças dos emigrantes portugueses ou da cultura portuguesa, sendo que a H 4.1 é exclusiva ao presente capítulo.

Tabela 31: item 1.1 (Deve adaptar-se à nova cultura)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	0	0%	4	7%	16	29.0%	35	62.0%	1	2%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0%	2	5%	13	33.5%	24	61.5%	0	0%
Emigrante portuguesa	0	0%	0	0%	12	32.0%	24	65.0%	1	3%
Total	0	0%	6	4.5%	41	31%	83	63%	2	1.5%

$F(2, 129) = .581, p = .561$

Tabela 32: item 1.2 (Deve manter a sua própria cultura)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	1	2%	6	10.0%	24	43%	24	43.0%	1	2%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0%	4	10.5%	11	28%	24	61.5%	0	0%
Emigrante portuguesa	3	8%	18	49.0%	14	38%	2	5.0%	0	0%
Total	4	3%	28	21%	49	37%	50	38%	1	1%

$F(2, 129) = 25.456, p = .000$

Nas tabelas trinta e um e trinta e dois é observável que a amostra da maioria portuguesa concorda totalmente com a adaptação dos imigrantes (62%) e também concorda totalmente com a manutenção cultural dos imigrantes (43%). Na amostra da maioria portuguesa a diferença nos níveis de concordância revela não apenas uma contradição do modelo multicultural, mas também na sua direção porque o item da adaptação cultural obtém mais concordância do que os itens da manutenção cultural, uma vez que a adaptação cultural implica mudar a cultura maioritária, para além da cultura da minoria, ou seja, implica alterar ambas as culturas. O resultado nos itens mostra que o modelo multicultural não funciona numa forma dinâmica e que favorece a separação cultural (ver eixo na figura 14).

O item 1.1 (Deve adaptar-se à nova cultura) da tabela trinta e um não diferencia as amostras, pois o resultado da ANOVA é de: ($p = .561$). A adaptação cultural dos imigrantes é consensual em todas as amostras. O total das amostras atribuiu 63% de concordância total ao item. Na presente investigação é importante notar que a questão pergunta acerca dos imigrantes e não acerca de grupos étnicos. A imigração é por definição temporária (Bilsborrow, *et al.*, 1997), sendo, pois, que os imigrantes são supostos adquirem adaptação cultural. De resto, os itens multiculturais não mostram uma clara separação entre o

ajustamento e a adaptação sociocultural (Matsumoto, *et al.*, 2006; Ward, 2001), o qual deve ser entendido como uma limitação do questionário e do racional teórico.

Os resultados observados mostram que a amostra de imigrantes cabo-verdianos concorda totalmente (61.5%) com o item da adaptação cultural (item 1.1). Como foi dito acima, não existem diferenças entre as amostras no item 1.1. A amostra de imigrantes cabo-verdianos no item 1.2 (Deve manter a sua própria cultura) era esperada obter níveis mais elevados de concordância do que a amostra da maioria portuguesa, revelando uma autoavaliação acerca da mudança cultural própria. A amostra cabo-verdiana também concorda totalmente com a sua manutenção cultural: 61.5%. As respostas da amostra imigrante cabo-verdiana ao item 1.2 revelam elevadas apreensões com a mudança cultural própria porque os sujeitos estabelecem uma autoavaliação com a sua própria manutenção cultural enquanto imigrantes, em Portugal. No item 1.2 (Deve manter a sua própria cultura) o resultado da ANOVA é ($p = .000$) e, empregando o teste Bonferroni Post-hoc multiple comparisons, não existem diferenças face à amostra da maioria portuguesa ($p = .634$). No entanto, a amostra de imigrantes cabo-verdianos estabelece uma diferenciação face à amostra de emigrantes portugueses ($p = .000$), obtendo a percentagem mais elevada das amostras. Em consequência, as respostas ao item 1.2 (Deve manter a sua própria cultura) mudam consoante o estatuto social das amostras.

Tabela 33: Q1 e Q4 resultados no item 1.2, na amostra de imigrantes

Questões	Discordo totalmente %	Discordo pouco %	Concordo pouco %	Concordo totalmente %	Não respondo %
Questão 1 (Imigrantes)	0%	10.5%	28%	61.5%	0%
Questão 4 (Emigrantes)	0%	10.0%	41%	49.0%	0%

Na tabela trinta e três é observável que a importância do estatuto social é também reportada, quando a questão número um (acerca dos imigrantes) é comparada com a questão número quatro (acerca dos emigrantes portugueses). Na questão acerca da manutenção cultural dos emigrantes portugueses (Q4) 49% dos sujeitos da amostra imigrante cabo-verdiana concordam totalmente, porém na questão número um, isto é, acerca da manutenção da própria cultura enquanto imigrantes, obtém-se 61.5% dos sujeitos a concordarem totalmente. Assim sendo, a amostra de imigrantes cabo-verdianos mostra níveis mais elevados de apreensões com a sua própria manutenção cultural do que com a manutenção da cultura dos emigrantes portugueses.

Tabela 34: Q1 e Q4 resultados no item 1.1, na amostra de imigrantes

Questões	Discordo totalmente %	Discordo pouco %	Concordo pouco %	Concordo totalmente %	Não respondo %
Questão 1 (Imigrantes)	0%	5%	33.5%	61.5%	0%
Questão 4 (Emigrantes)	0%	3%	41.0%	56.0%	0%

Tal como é observável na tabela trinta e quatro, no item 1.1 (Deve adaptar-se à nova cultura) é possível observar que a adaptação cultural é regida por decisões de utilidade, até porque, quiçá, que a adaptação cultural pertença ao senso comum porque o item obteve percentagens mais elevadas de concordância do que na questão número um (61.5%), a qual remete para a adaptação dos cabo-verdianos à cultura portuguesa. Na questão quatro (acerca dos emigrantes portugueses) o item da adaptação obteve 56% de total concordância. Para além da importância do estatuto social nas preferências aculturativas, os resultados mostram que a adaptação cultural é a preferência comum dos imigrantes cabo-verdianos, revelando uma decisão de utilidade. Contudo, o resultado não implica abandonar a cultura cabo-verdiana, revelando uma contradição do modelo multicultural. A adaptação à segunda cultura não implica abandonar a cultura original, ao contrário do que é suposto no modelo de Berry (Berry & Sam, 1997) ou ainda no modelo da assimilação. De resto, ambas as culturas podem partilhar características culturais, podendo estas últimas encontrarem-se misturadas, a adaptação cultural poderá ser regida por decisões de utilidade, tal como é descrito dos livros históricos portugueses ou na literatura da aculturação por Bhatia e Ram, (2001), por Liu (2008) e por Rudmin (2009).

A amostra de emigrantes portugueses, contudo era esperada obter níveis mais baixos de concordância do que as outras duas amostras, relevando uma avaliação hétero acerca da cultura imigrante e apreensões acerca das mudanças culturais portuguesas. A importância da decisão de utilidade e do estatuto social é reforçada pela amostra de emigrantes portugueses, pois a amostra de Metz, França, obtém os níveis mais elevados de concordância (65% concordo totalmente) no item da adaptação cultural da tabela trinta e um. Contudo, a amostra não concorda com a manutenção cultural dos imigrantes: 49% discordo um pouco da tabela trinta e dois. De facto, no item 1.2 (Deve manter a sua própria cultura) a amostra de emigrantes portugueses é a única que discorda. A amostra de

emigrantes portugueses estabelece uma diferença cultural face às restantes amostras ($p=.000$), parecendo preferir a assimilação dos imigrantes.

Tabela 35: item 1.3 (Deve misturar a sua cultura com a do país de acolhimento)

Amostras	Concordo totalmente		Discordo um pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	6	11%	5	9%	28	50.0%	15	27.0%	2	3%
Imigrante Cabo Verde	4	10%	1	3%	18	46.0%	16	41.0%	0	0%
Emigrante portuguesa	2	5%	14	38%	15	40.5%	5	13.5%	1	3%
Total	12	9%	20	15%	61	46.0%	36	27.5%	3	2.5%

$F(2, 129) = 2.645, p = .075$

Tabela 36: item 1.4 (Deve mudar a cultura do país de acolhimento)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	35	62.5%	8	14.5%	8	14.0%	0	0%	5	9%
Imigrante Cabo Verde	22	56.0%	5	13.0%	10	26.0%	2	5%	0	0%
Emigrante portuguesa	8	22.0%	19	51.5%	5	13.5%	2	5%	3	8%
Total	65	49%	32	24.5%	23	17.5%	4	3%	8	6%

$F(2, 129) = 2.349, p = .100$

Tabela 37: item 1.5 (Deve mudar a sua própria cultura)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	25	45%	10	18.0%	15	27%	5	9.0%	1	1%
Imigrante (cabo-verde)	14	36%	11	28.0%	13	33%	1	3.0%	0	0%
Emigrante portuguesa	0	0%	2	5.5%	20	54%	15	40.5%	0	0%
Total	39	29.5%	23	17.5%	48	36%	21	16%	1	1%

$F(2, 129) = 26.239, p = .000$

Uma característica fundamental do modelo de fusão são as misturas culturais, indo além da mera adaptação cultural do modelo multicultural e da adaptação pública do modelo intercultural (ver eixos das figuras 10 e 10.1). O modelo de fusão não mostra qualquer manutenção cultural em ambas as culturas, senão que um processo de trocas culturais com dois sentidos e mudanças culturais em todas as culturas em contato intercultural (ver eixo da figura 9). Em consequência, para além da mudança cultural (da minoria), foi incluído na questão a mudança da cultura do país de “acolhimento”, ou seja, a portuguesa. Os itens do modelo de fusão são o 1.3 (Deve misturar a sua cultura com a do

país de acolhimento), o item 1.4 (Deve mudar a cultura do país de acolhimento) e o item 1.5 (Deve mudar a sua própria cultura).

No item 1.3 (Deve misturar a sua cultura com a do país de acolhimento) da tabela trinta e cinco, os resultados esperados são confirmados pelos observados, pois na amostra da maioria portuguesa misturar as culturas obtém-se concordância. No teste ANOVA não existe diferenciação entre as três amostras: ($p = .075$). Em consequência, uma característica fundamental do modelo de fusão é preferida por todas as amostras. A não diferenciação das amostras é significativo porque reporta que misturar as culturas é consensual por entre as três amostras, remetendo para a H 3. Contudo, no item 1.4 (Deve mudar a cultura do país de acolhimento) a amostra da maioria portuguesa atribui 62.5% de discordância total, relevando uma contradição do modelo de fusão ou, quiçá, revela uma apreensão com a própria mudança cultural enquanto maioria. Em consequência, confirmam-se os resultados esperados, pois as preferências aculturativas mudam consoante o estatuto social, revelando a aculturação como complexa e relativa (Navas, *et al.*, 2005), uma vez que a mesma estratégia não é sempre usada e as mesmas opções preferidas têm lugar em diferentes domínios. A amostra da maioria portuguesa estabelece uma autoavaliação acerca da mudança cultural própria. A amostra está também em contradição com os itens 1.1 (Deve adaptar-se à nova cultura) e com o 1.3 (Deve misturar a sua cultura com a do país de acolhimento). Assim sendo, a adaptação cultural não significa mudar a cultura da maioria, apesar de preferirem as misturas culturais. O último resultado não confirma a afirmação de Vala, *et al.* (2008) acerca duma presumível menor apreensão acerca das mudanças culturais portuguesas, quando comparado com outros países europeus porque a amostra da maioria portuguesa estabelece uma elevada apreensão acerca da sua mudança cultural.

Como pode ser observável na tabela trinta e sete, na amostra da maioria portuguesa os resultados esperados não são confirmados no item 1.5 (Deve mudar a sua própria cultura), pois 45% dos sujeitos está em total desacordo e apenas 27% concordam um pouco com a mudança cultural dos imigrantes. No item 1.5 não é o estatuto social que muda a preferência aculturativa. Os resultados estão em contradição com o item 1.3 acerca das misturas culturais porque misturar supõe mudanças em todas as culturas, revelando uma contradição no modelo de fusão e na teoria luso-tropical (Freyre, 1986). No entanto, as respostas são consistentes com as respostas facultadas ao item 1.2 (Deve manter a sua

própria cultura). Os resultados favorecem o modelo multicultural, contudo a amostra da maioria também prefere misturar as culturas. Os resultados revelam contradições em ambos os modelos (o multicultural e o de fusão) e mostram uma diferença cultural face à cultura anglo-saxónica, remetendo para a H 3.1 acerca da existência de duas avaliações, em simultâneo, ou seja, uma avaliação “ideal” e outra “real” no contexto português.

Na amostra de imigrantes cabo-verdianos o item 1.3 (Deve misturar a sua cultura com a do país de acolhimento) da tabela trinta e cinco obtém a percentagem mais elevada de concordância das três amostras. O resultado pode expressar que a teoria luso-tropical é partilhada pela cultura cabo-verdiana. Contudo, quando é perguntado acerca de mudar a própria cultura, isto é, no item 1.5 (Deve mudar a sua própria cultura) da tabela trinta e sete, 36% destes sujeitos imigrantes cabo-verdianos discordam totalmente, revelando elevadas apreensões acerca das mudanças culturais próprias e ainda uma contradição face ao item 1.3 acerca das misturas culturais, ou seja, uma contradição face ao modelo de fusão e à teoria luso-tropical. A amostra de imigrantes cabo-verdianos expressa a mesma contradição do que a maioria portuguesa, desafiando os modelos de aculturação, pois preferem as misturas, apontado para o modelo de fusão, porém também preferem manter as suas próprias culturas, misturando o modelo de fusão com o modelo multicultural.

Tabela 38: Q1 e Q4 resultados no item 1.5, na amostra de imigrantes

Questões	Discordo totalmente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo totalmente	Não respondo
Questão 1 (Imigrantes)	36%	28%	33%	3%	0%
Questão 4 (Emigrantes)	43%	8%	41%	8%	0%

Na tabela trinta e oito é observável que a influência do estatuto social na preferência aculturativa é revelada na comparação da questão 1 (acerca dos imigrantes) com a questão 4 (acerca dos emigrantes portugueses) no item 1.5 (Deve mudar a sua própria cultura). A amostra imigrante cabo-verdiana expressa elevadas apreensões com a sua própria mudança cultural (43% de discordância total) e menos discordância com as mudanças culturais dos emigrantes portugueses (36% de discordância total).

No item 1.4 (Deve mudar a cultura do país de acolhimento) da tabela trinta e seis, a maioria dos sujeitos cabo-verdianos discorda totalmente, revelando uma avaliação hétero

acerca da cultura portuguesa, baixas apreensões e uma contradição face ao modelo de fusão, uma vez que a amostra prefere a adaptação e as misturas culturais sem mudanças em ambas as culturas. O resultado revela uma posição passiva face à cultura portuguesa. Assim sendo, todas as amostras estão a discordar com as mudanças culturais da cultura de “acolhimento”, isto é, da cultura portuguesa.

A amostra de emigrantes portugueses parece partilhar a preferência pelo modelo de fusão, pois a maioria da amostra concorda com o item 1.3 (Deve misturar a sua cultura com a do país de acolhimento). No entanto, é a amostra com as percentagens de concordância menos elevadas: 40.5% concordo um pouco da tabela trinta e cinco. Contudo, 51.5% da amostra discorda um pouco com o item 1.4 (Deve mudar a cultura do país de acolhimento) da tabela trinta e seis. Os resultados revelam uma apreensão com a mudança cultural da cultura portuguesa, tal como na amostra da maioria portuguesa, devido ao seu estatuto social. Porém, 40.5% da amostra de emigrantes portugueses concordam totalmente com o item 1.5 (Deve mudar a sua própria cultura), revelando uma hétero avaliação acerca da cultura cabo-verdiana. Portanto, a amostra de emigrantes portugueses estaria a favorecer o modelo de fusão, pois este implica que todas as culturas estejam a mudar. Contudo, estabelece uma autoavaliação acerca da cultura portuguesa, na tentativa de a manter imutável perante as influências da cultura imigrante. No teste ANOVA apenas o item 1.5 (Deve mudar a sua própria cultura) da tabela trinta e sete diferencia as amostras: ($p = .000$), e, empregando o Bonferroni Post-hoc multiples comparisons test, é a amostra de emigrantes portugueses que estabelece diferenças culturais face às outras duas amostras ($p = .000$).

Os resultados das tabelas trinta e cinco, trinta e seis e trinta e sete mostram uma contradição face ao modelo multicultural, mas também face ao modelo de fusão, uma vez que, no modelo da fusão, as misturas são preferidas, mas as misturas não implicam mudar a cultura portuguesa. A amostra de emigrantes portugueses obteve percentagens de concordância mais elevadas do que a amostra de imigrantes cabo-verdianos e discordância com a manutenção da cultura imigrante (item 1.2), concordando com a mudança da cultura imigrante (item 1.5), porém discorda com a mudança da cultura portuguesa (item 1.4). Assim sendo, a amostra de emigrantes portugueses prefere o modelo da assimilação ou o intercultural, conquanto partilhe a preferência pelas misturas culturais. Por seu turno,

a amostra da maioria portuguesa e a amostra de imigrantes cabo-verdianos estão próximas do modelo de fusão e do multicultural face às mudanças na cultura dos imigrantes.

Tabela 39: item 1.6 (Deve manter a sua cultura em casa ou em privado)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	5	9%	8	14%	20	36.0%	21	37.5%	2	3.5%
Imigrante (Cabo Verde)	5	13%	9	23%	12	31.0%	13	33.0%	0	0.0%
Emigrante portuguesa	0	0%	6	16%	22	59.5%	9	24.5%	0	0.0%
Total	10	7.5%	23	17%	54	41.0%	43	33.5%	2	1.0%

$F(2, 129) = 1.106, p = .334$

Tabela 40: item 1.7 (Deve adaptar-se à nova cultura no trabalho ou na escola)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	1	2%	0	0%	17	30%	38	68%	0	0%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0%	1	3%	14	36%	24	61%	0	0%
Emigrante portuguesa	0	0%	0	0%	8	22%	29	78%	0	0%
Total	1	1%	1	1%	39	29%	91	69%	0	0%

$F(2, 129) = 1.358, p = .261$

Os itens que expressam o modelo intercultural são o 1.6 (Deve manter a sua cultura em casa ou em privado) e o 1.7 (Deve adaptar-se à nova cultura no trabalho ou na escola). Na presente investigação foi acrescentada a diferença entre a adaptação pública e a manutenção cultural a nível privado (Navas, *et al.*, 2005). A adaptação pública é próxima da assimilação segmentada (Portes, *et al.*, 1999). Contudo, a adaptação pública e a manutenção cultural a nível privado poderá também ser concebida como uma orientação bicultural, pois permite manter a cultura própria e, ao mesmo tempo, fazer adaptação cultural à nova cultura. No modelo multicultural é esperado que as minorias participem na sociedade alargada, mas no modelo intercultural as políticas do Estado apenas esperam interação ao nível privado e não no nível institucional (ver eixo na figura 5.1). O modelo intercultural poderá estar também próximo do modelo de fusão, se o primeiro for concebido como um processo e não como um resultado e ainda se o modelo de fusão permitir diversidade interna e diversos resultados, o qual é paradoxal, mas é reportado na cultura luso-tropical (diferentes territórios coloniais com diferente misturas e culturas). Em consequência, a preferência pelo modelo intercultural poderá ser explicado, em parte, através da ideologia consensual do luso-tropicalismo. O modelo intercultural, tal como foi

afirmada na componente teórica do trabalho, é o modelo da aculturação mais ambíguo, o que estabelece uma limitação na presente investigação.

Na tabela trinta e nove, a amostra da maioria portuguesa no item 1.6 (Deve manter a sua cultura em casa ou em privado) obtém a mais alta concordância das amostras: 37.5% dos sujeitos em concordância total. As respostas são consistentes com o item 1.2 (Deve manter a sua própria cultura) porque a amostra está também a concordar com a manutenção cultural da amostra de imigrantes cabo-verdianos. Tal como é observável na tabela quarenta, no item 1.7 (Deve adaptar-se à nova cultura no trabalho ou na escola) obtém níveis mais elevados de concordância (68% concordo totalmente) do que o item multicultural acerca da adaptação cultural (item 1.1), ou seja, 62.5% de concordo um pouco. A literatura da aculturação afirma que as características *soft* da cultura são fáceis de adquirir, uma vez que não implicam grandes mudanças culturais (Bastide, 1968, 1971; Herskovits & Herskovits, 1934; Marín & Gamba, 2003; Navas, *et al.*, 2007).

Ainda na tabela trinta e nove, na amostra de imigrantes cabo-verdianos a maioria dos sujeitos está a concordar com a manutenção cultural ao nível privado (item 1.6). O nível de concordância é mais elevado (61% concordo totalmente) no item 1.7 (Deve adaptar-se à nova cultura no trabalho ou na escola) da tabela quarenta do que no item 1.6 (Deve manter a sua cultura em casa ou em privado). O derradeiro resultado revela uma decisão de utilidade no processo de adaptação, ao mesmo tempo, que se mantém a cultura própria ao nível privado e, quiçá, até misturar algumas características culturais com a cultura portuguesa, talvez, apenas ao nível privado.

Na tabela trinta e nove, a amostra de emigrantes portugueses no item 1.6 (Deve manter a sua cultura em casa ou em privado) obtém 59.5% de concordo um pouco. O derradeiro resultado não é consistente com o item multicultural 1.2 (Deve manter a sua própria cultura: 49% discordo um pouco. No entanto, o item intercultural é mais específico porque se refere a uma situação “real”. Assim sendo, a amostra de emigrantes portugueses está a dizer que prefere não fazer misturas culturais, e que os imigrantes apenas de devem adaptar nos espaços públicos. Esta preferência não se adequa ao modelo de fusão, nem ao modelo de assimilação ou ao multicultural, porém está próxima do modelo intercultural.

Tabela 41: 1.8 (Deve abandonar a sua própria cultura)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	35	62.5%	17	30.5%	3	5%	0	0%	1	2%
Imigrante (Cabo Verde)	27	69.0%	11	28.0%	1	3%	0	0%	0	0%
Emigrante portuguesa	1	3.0%	7	19.0%	22	59%	4	11%	3	8%
Total	63	48.0%	35	26%	26	20%	4	3%	4	3%

$F(2, 129) = 64.099, p = .000$

O item que se refere ao modelo da assimilação é o 1.8 (Deve abandonar a sua própria cultura) da tabela quarenta e um. No modelo da assimilação é presumido que a minoria “abandone” a sua cultura. Na tabela quarenta um, a amostra da maioria portuguesa não concorda com a preferência pelo modelo da assimilação: 62.5% da amostra está totalmente em desacordo. Na amostra de imigrantes cabo-verdianos o valor de desacordo é o mais elevado: 69% dos sujeitos estão totalmente em desacordo. A amostra de imigrantes cabo-verdianos revela a importância do estatuto social porque estabelece elevadas apreensões acerca da sua mudança cultural.

Ainda na tabela quarenta e um, a amostra de emigrantes portugueses está a concordar um pouco (59.5%) com o item da assimilação, reforçando a possibilidade de preferir a assimilação. O resultado do teste ANOVA é de ($p = .000$) e, empregando o teste Bonferroni Post-hoc multiples comparisons, a amostra de imigrantes cabo-verdianos e da maioria portuguesa não são diferentes ($p = 1.000$). A diferença é estabelecida pela amostra de emigrantes portugueses face às outras duas amostras: ($p = .000$). O elevado nível de concordância face ao item do modelo de assimilação poderá parecer estar em aparente contradição com as elevadas percentagens de perceção de ameaça a nível económico, simbólico e de segurança (ver tabelas 3, 5, 7, 9 e 11, em anexo), mas, ao mesmo tempo, a amostra parece preferir assimilar os imigrantes a residirem em Portugal, esta contradição também foi reportada por Ramos, Vala e Pereira (2008).

19.7 Notas finais

A amostra de imigrantes cabo-verdianos prefere uma dimensão fundamental do modelo de fusão, isto é, o misturar as culturas. Porém, também prefere manter a cultura

própria e não mudar a cultura portuguesa, apontando para o modelo multicultural, revelando apreensões acerca da sua mudança social. A amostra da maioria portuguesa obtém a mesma direção nos resultados. Assim sendo, a teoria luso-tropical funciona com uma ideologia consensual na cultura portuguesa (e lusófona) face às atuais reações à imigração e à emigração. Como Myrdal (1944) afirmou acerca da sociedade norte americana, nas relações interculturais existem diferentes níveis de avaliações, ou seja, uma avaliação “ideal” e outra “real” (Navas, *et al.*, 2005). Deste modo, no caso português, o “ideal” poderá ser a avaliação positiva das misturas culturais e o “real” poderá ser o reagir face às mudanças culturais próprias, mostrando apreensões acerca da mudança cultural própria ou baixas apreensões com as mudanças culturais das restantes culturas. Assim sendo, nenhum modelo se adequa por completo ao contexto português da aculturação, pois algumas dimensões dos quatro modelos poderão ser avaliadas de modo positivo ou serem “realidades” sociológicas, mas não outras dimensões. A primeira questão do questionário (PEAQ) encontrou contradições no modelo multicultural e no modelo de fusão. A investigação deve refinar as dimensões dos modelos da aculturação, no sentido de minorar as suas limitações. Os itens interculturais são mais realísticos do que os itens multiculturais no sentido em que eles apontam para situações “reais”. Contudo, os itens devem ser refinados para se verificar se a adaptação cultural conduz à assimilação, à manutenção cultural ou às misturas culturais. As dimensões do modelo de fusão também poderão estar presentes no modelo intercultural, pois o último também permite misturas a nível individual e a diferença entre a adaptação individual e grupal devem ser refinadas no sentido de se conhecer qual é o modelo preferido nas três diferentes amostras. Os instrumentos poderão também medir as diferentes preferências aculturativas pelos diferentes domínios.

Em resumo, é possível confirmar a H 3 e a H 3.1, as quais estão a apontar para a presumível ideologia consensual do teoria luso-tropical e que o contexto português funciona, ao mesmo tempo, através dum “ideal” e dum nível “real”. Assim dispondo, a H 4 também se confirma, pois as preferências pelos modelos mudam consoante o estatuto social das amostras. Na questão acerca da adaptação cultural dos imigrantes, a amostra de imigrantes cabo-verdianos expressa elevadas apreensões acerca da sua mudança cultural e apreensões mais baixas acerca das mudanças culturais dos emigrantes portugueses, o que responde à H 4.1. Para além disso, as respostas das três amostras apontam para a falta de equivalência face aos instrumentos concebidos pelo modelo multicultural dominante

(Berry, 1974, 1997) porque é possível que na cultura portuguesa os sujeitos prefiram, ao mesmo tempo, dimensões do modelos multicultural e da fusão. De resto, o problema poderá assentar na literatura dominante acerca da aculturação, pois esta não presume que as misturas e a manutenção cultural funcionem juntas (Bowskill, *et al.*, 2007; Rudmin, 2003a). A falta de equivalência será abordada no próprio construto da aculturação do capítulo vinte e um. O trabalho quantitativo apenas ganhou uma forma mais clara quando lido à luz do trabalho etnográfico de campo. Assim dispondo, seguem-se algumas considerações finais acerca do trabalho etnográfico de campo levado a cabo com a comunidade cabo-verdiana na cidade do Porto, as quais reforçaram esta discussão e as conclusões finais do presente capítulo.

19.8 O que foi importante na aculturação cabo-verdiana?

Após ter aplicado as três técnicas da investigação, utilizando o método misto, tornou-se necessário discutir o que é importante na cultura cabo-verdiana face à literatura dominante da cultura da aculturação anglo-saxónica. Assim dispondo, o contexto da aculturação cabo-verdiana é interessante, sobretudo, por três razões:

1, porque oferece um ponto de vista diferente ou um caso negativo face à cultura anglo-saxónica dominante. A cultura cabo-verdiana reporta um processo de aculturação recíproco. Cabo Verde tem vindo a mudar devido às influências culturais externas e devido às relações interculturais ao longo da sua história. Contudo, apesar das influências externas, Cabo Verde mantém a sua cultura peculiar. A cultura cabo-verdiana não mostra apenas um padrão aculturativo com dois sentidos, senão que um padrão composto por múltiplas influências, revelando um sentido robusto de agência. Portanto, misturar e aprender segundas culturas não é oposto a manter a cultura própria, tal como é suposto no modelo de Berry (1974, 1986);

1.1, o contexto cabo-verdiano oferece um contributo importante ao discurso da globalização porque o último avalia de forma positiva as misturas culturais ou, mormente, as misturas rácicas, para resolver os

conflitos interculturais. Contudo, a cultura de Cabo Verde mostra que as misturas não são uma panaceia para resolver os conflitos interculturais, sendo ainda que a sua diversidade interna não coloca em perigo a sua identidade;

1.2, a cultura cabo-verdiana se constitui como um exemplo do contexto luso-tropical no sentido em que a sua cultura reporta misturas, criando novas formas culturais e diversidade interna. A cultura cabo-verdiana foi feita a partir das misturas, sendo que a sua composição étnica o atesta (Halter, 1993; Westin, Bastos, Dahinden & Góis, 2010). Em Cabo Verde foi construída a primeira Igreja Católica Romana fora da Europa (Vieira, A. [António] (2008), emergiu ainda a primeira língua crioula com origem numa língua europeia;

1.3, a cultura de Cabo Verde permite reportar que as decisões de utilidade desempenham um papel fundamental na adaptação e na aprendizagem duma segunda cultura.

2, a cultura da aculturação cabo-verdiana oferece um ponto de vista novo à literatura da aculturação, sobretudo, aos modelos multicultural e ao da assimilação porque Cabo Verde reporta um padrão transnacional desde sempre (Batalha, 2008a), reportando ainda um caso de fusão intercultural.

3, a cultura cabo-verdiana oferece também um novo ponto de vista acerca de como a cultura luso-tropical (Freyre, 1986) funciona. A cultura cabo-verdiana oferece a oportunidade de verificar as contradições da cultura portuguesa e da teoria luso-tropical (Freyre, 1986). Portanto, o ponto de vista acerca da aculturação depende da posição do grupo cultural ou do seu estatuto social. A cultura cabo-verdiana é visível nas mercearias, na culinária, no futebol e, por exemplo, na música (César, 2009) ou ainda na composição étnica (Contador 1998). Por outro lado, a cultura cabo-verdiana ensina que mostrar elevadas apreensões acerca da sua mudança cultural poderá ocorrer numa cultura de fusão, uma vez que Cabo Verde se encontra exposto a múltiplas e a contínuas influências interculturais, no entanto Cabo Verde mantém a sua cultura peculiar.

20. Avalia Portugal de forma positiva o multiculturalismo?

20.1 Introdução

Este capítulo pretende cumprir com os dois objetivos gerais. No entanto, o primeiro objetivo, isto é, o explorar e o contextualizar a cultura portuguesa da aculturação é para o presente capítulo o mais importante, uma vez que o mesmo implica estabelecer uma comparação entre o contexto cultural português e a cultura anglo-saxónica da aculturação. Tratou-se de estabelecer uma comparação entre a cultura da aculturação portuguesa e o modelo multicultural dominante. O presente capítulo implica três questões do questionário (PEAQ), isto é, a questão acerca do significado do construto da identidade étnica (questão número sete), a questão acerca do significado do construto do multiculturalismo (questão número cinco) e a questão que compara o modelo multicultural com o modelo da fusão (questão número três). As três questões estão a supor uma falta de equivalência entre a literatura dominante, isto é, a cultura anglo-saxónica e a cultura portuguesa da aculturação. As três questões implicam três hipóteses correspondentes, as quais estão relacionadas com o primeiro objetivo geral, o qual conduz até à primeira hipótese de investigação, isto é, é suposto que a cultura portuguesa (e o seu discurso histórico) da aculturação seja distinta e não se ajuste na cultura e na literatura anglo-saxónica da aculturação, o qual já foi esboçado acima, mormente, durante a análise de conteúdo, e o qual conduz até três hipóteses secundárias, a quais estão relacionadas com cada uma das questões. Portanto, cada uma das referidas questões do questionário implica uma hipótese de trabalho, as quais serão discutidas de forma separada e em conjunto na conclusão do presente capítulo. As questões remetem para a primeiro objetivo geral e para o terceiro passo da investigação, pois pretendeu-se explorar e contextualizar o contexto português da aculturação, comparando o discurso histórico português, o qual é, supostamente, caracterizado pela teoria luso-tropical (Freyre, 1986), com os presentes fenómenos da aculturação, ou seja, a emigração e a imigração, tendo como pano de fundo a comparação face à cultura anglo-saxónica e ao seu modelo multicultural (Berry, 1974, 1997) da aculturação. A hipótese 1.2, a qual supõe um viés de construto e, sobretudo, uma falta de equivalência entre a cultura portuguesa e a anglo-saxónica, apenas termina no capítulo seguinte, ou seja, o vinte e um, no qual se discute o construto da aculturação.

O presente capítulo inicia-se com a discussão acerca do construto da identidade étnica (questão número 7) em Portugal. Segue-se a discussão acerca do construto do multiculturalismo (questão número 5) e, por fim, a questão número três do questionário, a qual pretende verificar quais as dimensões do modelo multicultural e do modelo da fusão (questão número 5) são preferidas no contexto português ou lusófono.

20.2 Existirá uma cultura da identidade étnica, em Portugal?

A questão da identidade étnica, isto é, a número sete do questionário (PEAQ) pretendeu verificar quais foram as dimensões mais valorizadas do construto da identidade étnica no contexto português e lusófono (cabo-verdiano). Segundo a hipótese 1.3, em Portugal, não existe uma cultura que suporte o construto da identidade étnica, pois é suposto que o construto funcione segundo as suas dimensões estáticas e individualistas, em vez das dimensões sociais e dinâmicas do referido construto.

O construto da identidade étnica foi decomposto pelas suas dimensões, tendo em conta a revisão da literatura acerca do referido fenómeno, a teoria luso-tropical (Freyre, 1986) e as literaturas da emigração e da imigração portuguesas. Os itens da questão combinam as características estáticas e as dinâmicas do construto da identidade étnica (Fenton, 1999). Os primeiros três itens estão a descrever as características estáticas e essencialistas, isto é, as dimensões físicas e culturais ou ambas juntas do construto, ou seja, o item 7.1 (Um grupo de pessoas com traços físicos comuns), o 7.2 (Um grupo de pessoas com a mesma cultura) e o item 7.3 (Um grupo cultural com traços físicos comuns). Mais tarde, foram adicionados o item 7.8 (Um grupo de pessoas com os mesmos hábitos e costumes), o 7.9 (Um grupo de pessoas da mesma origem geográfica) e o item 7.10 (Um grupo de pessoas com a mesma religião), os quais são também tratados como dimensões estáticas e essencialistas porque, muitas vezes, elas são empregues para definir os indivíduos *a priori*. O item 7.4 (Um grupo minoritário), o item 7.5 (Um grupo de pessoas que não são consideradas iguais pela maioria) e o item 7.6 (Um grupo social que alega ser diferente da maioria) estão descrevendo características dinâmicas e sociais do construto da identidade étnica. Por fim, foi adicionado um item relacionado com a

aprendizagem, isto é, o item 7.7. Os sujeitos estão a responder à seguinte questão: um grupo étnico é?

No século dezanove, as políticas europeias da assimilação negligenciaram as diferenças intragrupo. O modelo da assimilação foi conceitualizado nos Estados Unidos da América pela escola de Chicago (Park, 1928). Contudo, após a década de 60, as sociedades tornaram-se mais liberais, fornecendo mais atenção às minorias. O conceito de identidade étnica emerge nas culturas da América no Norte, sendo que apenas, recentemente, tem ganho importância na Europa. Em Portugal, por exemplo, as segundas gerações de imigrantes estão a surgir sendo suposto que alguns imigrantes deixem de ser temporários, aumentando a diversidade intragrupo portuguesa. Uma outra relação entre os imigrantes e as culturas étnicas é a discriminação porque ambos os grupos sociais poderão ser discriminados, na medida em que não são considerados como pertencendo à cultura dominante. A condição de imigrante e de minoria étnica poderá ocorrer, ao mesmo tempo, por exemplo, na comunidade cabo-verdiana, pois alguns dos seus membros são legalmente portugueses e outros são imigrantes, mas ambos poderão ser discriminados mediante a categoria de africanos.

As características estáticas do construto de identidade étnica estão relacionadas com a discriminação porque essas características poderão conduzir à diferenciação cultural. Na presente investigação a abordagem teve em consideração ambas as culturas em relação e não apenas a maioria portuguesa face à minoria cabo-verdiana. A consideração do que é um grupo étnico deve também ter em conta a agência ou a atividade (Bandura, 2008) do grupo cultural minoritário. Assim sendo, a diferenciação social é produto da relação intercultural (Elias & Scotson, 1994), a qual assenta numa relação de poder. De resto, o construto da identidade étnica requer a agência da minoria, a qual deve reportar os seus esforços para alcançar os seus direitos legais e económicos. O suposto ponto de vista liberal da maioria portuguesa não seria suficiente para estabelecer uma cultura étnica, isto porque o fornecer direitos legais, o financiamento e o suporte por parte do Estado deveriam ser atribuídos não apenas à maioria portuguesa, mas também às minorias.

Portugal é suposto funcionar através da teoria luso-tropical (Freyre, 1986), a qual, supostamente, se constitui como uma ideologia consensual. Contudo, Portugal também

reporta características culturais semelhantes aos valores da república francesa. Em França, a "integração" sociocultural (Matsumoto, *et al.*, 2006; Ward, 2001) é levada a cabo ao nível público devido às ideias da igualdade universal e o discurso acerca dos grupos étnicos tem sido preterido (Vala, Pereira & Ramos, 2006). Assim dispondo, a cultura francesa prefere o modelo da assimilação e o intercultural e não o modelo multicultural. Em consequência, é suposto que na cultura portuguesa o construto da identidade étnica seja percebido pelas suas dimensões individualistas mais do que pelas sociais. Assim sendo, é presumido que a noção de agência não seja atribuída ao construto e que as dimensões dinâmicas sejam supostas obterem menos concordância do que as dimensões estáticas. A revisão da literatura acerca da imigração reporta que a cultura cabo-verdiana não recebe atenção especial por parte do Estado português, no sentido da manutenção da sua cultura. Assim dispondo, é suposto que o modelo multicultural não explique as respostas das três amostras, até porque é esperado que as três amostras escolham as dimensões estáticas do construto.

Em Portugal, existem grupos minoritários com diferentes estatutos sociais. Contudo, os valores republicanos não percebem diferenças grupais. A cultura luso-tropical, supostamente, reforça esta perceção devido à ênfase nas misturas culturais do Luso-tropicalismo. Freyre (1986) reportou que, no Brasil, os escravos e os nativos americanos viviam no mesmo espaço dos portugueses. Para além disso, alguns escravos eram considerados como pertencendo à “família europeia” (Cardoso, 2003), ou seja, existia interação intercultural e intervenção da cultura portuguesa nas restantes, sendo estas últimas características diferenciadoras da cultura portuguesa da aculturação face à cultura anglo-saxónica, para além da primeira reportar aprendizagem recíproca.

A teoria luso-tropical (Freyre, 1986) opera ao nível cultural, as culturas são reportadas como iguais nas suas contribuições para a formação da nova cultura. A teoria luso-tropical, supostamente, também desempenha um papel importante (Vala, *et al.*, 2008; Vala, *et al.*, 2006) no racismo subtil. Portugal foi, durante o período colonial, descrito e reportado no cenário internacional como sendo um império multiétnico, uniforme na sua diversidade (Almeida, J. C. P., 2006; Venâncio & Moreira, 2000), apesar das relações de poder assimétricas e rácicas. Nos Estados Unidos da América, Myrdal (1944) afirmou que as diferenças sociais assentes na “raça” se encontravam em contradição com os valores

americanos, sendo que o mesmo parece suceder em Portugal e no Brasil, ou seja, a cultura luso-tropical detém os seus próprios dilemas.

A diferenciação étnica começa com a categorização dum grupo cultural (Leandro, 2000), o qual poderá ser uma autoavaliação ou uma hétero avaliação (Phinney & Ong, 2007). A avaliação hétero está, supostamente, relacionada com a discriminação porque estabelece diferenças entre os grupos culturais (Machado, I. J. R., 2006).

Tabela 42: item 7.1 (Um grupo de pessoas com traços físicos comuns)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	10	18%	8	14%	18	32%	17	30.5%	3	5.5%
Imigrante (Cabo Verde)	7	18%	3	8%	17	43%	12	31.0%	0	0.0%
Emigrante portuguesa	0	0%	3	8%	16	43%	18	49.0%	0	0.0%
Total	17	13%	14	10%	51	39%	47	36%	3	2%

$F(2, 129) = 3.364, p = .038$

Tabela 43: item 7.2 (Um grupo de pessoas com a mesma cultura)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	1	2%	5	9%	20	36%	26	46%	4	7%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0%	1	2%	17	44%	21	54%	0	0%
Emigrante portuguesa	0	0%	0	0%	34	92%	3	8%	0	0%
Total	1	1%	6	4%	71	54%	50	38%	4	3%

$F(2, 129) = 5.626, p = .005$

Tabela 44: item 7.3 (Um grupo cultural com traços físicos comuns)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	8	14%	7	12%	24	43%	15	27%	2	4%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0%	8	20%	19	49%	12	31%	0	0%
Emigrante portuguesa	0	0%	0	0%	20	54%	17	46%	0	0%
Total	8	6%	15	11.5%	63	48%	44	33%	2	1.5%

$F(2, 129) = 5.626, p = .013$

O item 7.1 (Um grupo de pessoas com traços físicos comuns), o 7.2 (Um grupo de pessoas com a mesma cultura) e o item 7.3 (Um grupo cultural com traços físicos comuns)

estão a dividir a aculturação através das características biológicas e culturais, as quais aparecem juntas no terceiro item. Estes itens representam as dimensões estáticas e essencialistas do construto da identidade étnica. A investigação esperava obter ênfase nas características físicas em todas as amostras. Portanto, esperava obter mais concordância com o item 7.1 e no item 7.3 (Um grupo cultural com traços físicos comuns) porque as características físicas são visíveis, podendo conduzir facilmente à discriminação.

O conceito de “raça” é recente (Cabecinhas, 2008; Jahoda, 1999), contudo é suposto que seja o predominante, pois as características fenóticas são visíveis. Contudo, tal como é observável nas tabelas quarenta e dois, quarenta e três e quarenta e quatro, os resultados observados estão a reportar que na amostra da maioria portuguesa os três itens obtêm concordância, sendo que o item 2 (Um grupo de pessoas com a mesma cultura) obteve maior intensidade de concordância. Portanto, os resultados esperados não se confirmam. De acordo com Zagefka (2009), a noção de cultura está a substituir as características físicas na descrição das minorias, porém o ponto de vista assenta também em características essencialistas (Vala, *et al.*, 2006; Zagefka, 2009). Na amostra imigrante cabo-verdiana as percentagens são mais elevadas do que na amostra da maioria portuguesa, obtendo, no entanto, a mesma direção, ou seja, concordância.

Na amostra de emigrantes portugueses o item 7.1 (Um grupo de pessoas com traços físicos comuns) da tabela 42 obtêm percentagens elevadas de concordância. Contudo, o item 7.3 (Um grupo cultural com traços físicos comuns) da tabela 44, o qual mistura ambas as características obtêm 100% das respostas.

O resultado da ANOVA reporta que no item 7.1 não existem diferenças entre as três amostras. No item 7.2 (Um grupo de pessoas com a mesma cultura) a amostra da maioria portuguesa e a amostra de imigrantes cabo-verdianos não são diferentes, sendo que é a amostra de emigrantes portugueses que estabelece a diferença ($p = .011$) face às outras duas amostras. No sentido de estabelecer uma comparação com as características dinâmicas, é possível afirmar que todas as amostras concordam com estes três primeiros itens estáticos ou essencialistas do construto. Os resultados estão a apontar para a existência da discriminação subtil, pois a cultura é preferida em detrimento das características físicas. A discriminação subtil (Berry, *et al.*, 2006; Pettigrew, 1998b) poderá

ser compreendida pela teoria luso-tropical, uma vez que o trabalho de Freyre (1986) presume que todas as culturas são iguais, no sentido em que todas contribuem para a formação duma nova cultura misturada.

Tabela 45: item 7.8 (Um grupo de pessoas com os mesmos hábitos e costumes)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	2	4%	3	5.0%	24	43.0%	25	46%	1	2.0%
Imigrantes (Cabo Verde)	0	0%	4	10.0%	16	41.0%	19	49%	0	0.0%
Emigrante portuguesa	0	0%	2	5.5%	32	86.5%	2	5%	1	3.0%
Total	2	1.5%	9	7.0%	72	54.0%	46	36%	2	1.5%

$F(2, 129) = 2.131, p = .123$

Tabela 46: item 7.9 (Um grupo de pessoas da mesma origem geográfica)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	5	9%	14	25.0%	21	37.5%	13	23.0%	3	5.5%
Imigrantes (Cabo Verde)	2	5%	8	20.5%	16	41.0%	13	33.5%	0	0.0%
Emigrante portuguesa	0	0%	0	0.0%	11	30.0%	24	65.0%	2	5.0%
Total	7	5%	22	17%	48	36%	50	38%	5	4.0%

$F(2, 129) = 11.345, p = .000$

Tabela 47: item 7.10 (Um grupo de pessoas com a mesma religião)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	9	16%	15	27.0%	20	36%	10	18%	2	3%
Imigrantes (Cabo Verde)	4	10%	15	38.5%	12	31%	7	18%	1	3%
Emigrante portuguesa	0	0%	0	0.0%	25	68%	12	32%	0	0%
Total	13	10%	30	23.0%	57	43%	29	22%	3	2%

$F(2, 129) = 7.205, p = .001$

O item 7.8 (Um grupo de pessoas com os mesmos hábitos e costumes), o item 7.9 (Um grupo de pessoas da mesma origem geográfica) e o item 7.10 (Um grupo de pessoas com a mesma religião) das tabelas quarenta e cinco, quarenta e seis e quarenta e sete, respetivamente, são conceptualizados também como representando dimensões estáticas e essencialistas do construto da identidade étnica. Tal como é observável na tabela quarenta e cinco, o item 7.8 (Um grupo de pessoas com os mesmos hábitos e costumes) obtém elevadas percentagens de concordância em todas as amostras, sendo que as respostas são consistentes com a ênfase atribuída à dimensão cultural (item 7.2). No item 7.9 (Um grupo de pessoas da mesma origem geográfica), da tabela quarenta e seis, as amostras da maioria portuguesa e imigrante cabo-verdiana têm, sensivelmente, os mesmos resultados. A

amostra de emigrantes portugueses estabelece uma diferença cultural face às outras duas amostras (imigrantes cabo-verdianos $p = .001$ e maioria portuguesa $p = .000$) porque a intensidade da concordância é mais elevada.

Na amostra da maioria portuguesa o item 7.10 (Um grupo de pessoas com a mesma religião) da tabela quarenta e sete observa a mesma direção dos resultados, isto é, concordância. Contudo, o resultado na amostra de imigrantes cabo-verdianos é inconclusivo. A amostra de emigrantes portugueses estabelece uma diferença cultural face às restantes duas amostras (imigrantes $p = .004$ e maioria portuguesa $p = .002$) porque a intensidade da concordância entre elas é mais elevada. O resultado, quiçá, seja devido ao diferente processo de socialização da amostra dos emigrantes portugueses, pois o domínio da religião tem separado os diferentes grupos culturais, em França.

Em resumo, todas as amostras estão a concordar com as dimensões estáticas ou essencialistas do construto. Contudo, assiste-se a uma diferenciação na intensidade da concordância e, empregando o Bonferroni Post-hoc multiples comparisons test, é a amostra de emigrantes portugueses que estabelece as diferenças culturais face às restantes amostras. As elevadas percentagens de perceção de ameaça (ver tabelas 3, 5, 7, 9 e 11, em anexo) e o processo de socialização, em França, poderão explicar a diferença.

Tabela 48: item 7.4 (Um grupo minoritário)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	14	25%	17	30%	12	21%	9	16%	4	7%
Imigrante (Cabo Verde)	11	28%	14	36%	7	18%	7	18%	0	0%
Emigrante portuguesa	0	0%	1	3%	29	78%	6	16%	1	3%
Total	25	19%	32	24%	48	36%	22	17%	5	4%

$F(2, 129) = 8.444, p = .000$

Tabela 49: 7.5 (Um grupo de pessoas que não são consideradas iguais pela maioria)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não Respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	22	39.0%	12	21.5%	14	25%	7	12.5%	1	2%
Imigrante (Cabo Verde)	8	20.5%	13	33.5%	16	41%	2	5.0%	0	0%
Emigrante portuguesa	0	0.0%	7	19.0%	26	70%	3	8.0%	1	3%
Total	30	23.0%	32	24.0%	56	42.5%	12	9.0%	2	1.5%

$F(2, 129) = 8.216, p = .000$

Tabela 50: item 7.6 (Um grupo social que alega ser diferente da maioria)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	16	29%	12	21%	18	32%	9	16%	1	2%
Imigrante(Cabo Verde)	6	15%	12	31%	16	41%	5	13%	0	0%
Emigrante portuguesa	0	0%	1	3%	26	70%	9	24%	1	3%
Total	22	17%	25	19%	60	45.5%	23	17%	2	1.5%

$F(2, 129) = 10.335, p = .000$

As dimensões estáticas devem ser comparadas com as dinâmicas, no sentido de se estabelecer uma comparação. De acordo com a revisão da literatura e com a “realidade” sociológica era esperado que os itens que representam as dimensões dinâmicas obtivessem menor concordância do que os primeiros, isto é, os estáticos. É importante observar que na cultura portuguesa assiste-se a baixos níveis de reivindicação das especificidades culturais (Machado, F. L., 1992, 1994a, 1994b) por parte das culturas minoritárias e que a maioria afirma que todas as culturas são iguais, tendo em conta os valores republicanos e luso-tropicais e católicos. Assim dispondo, na cultura portuguesa existe diferenciação étnica e discriminação, porém as minorias poderão ser descritas como passivas, sendo ainda que o Estado português também não promove as culturas das minorias.

O item 7.4 (Um grupo minoritário) tem um significado sociológico porque o construto de identidade étnica pode ser expresso mediante uma relação de poder. Em sociedades multiculturais (no sentido de diferentes culturas a viverem no mesmo espaço) como a dos Estados Unidos da América, um grupo étnico poderá emergir quando os membros dum grupo étnico se consideram a eles próprios como diferentes ou são considerados diferentes pela maioria. O item 7.5 (Um grupo de pessoas que não são consideradas iguais pela maioria) fornece uma posição ativa à maioria e o item 7.6 (Um grupo social que alega ser diferente da maioria) está a atribuir uma posição ativa ao grupo minoritário.

Tal como é observável nas tabelas quarenta e oito, quarenta e nove e cinquenta, a amostra da maioria portuguesa no item 7.4 (Um grupo minoritário) responde nas opções de discordância. No item 7.5 (Um grupo de pessoas que não são consideradas iguais pela maioria) sucede o mesmo. A amostra da maioria portuguesa não atribui um sentido sociológico e dinâmico ao construto da identidade étnica. A nível inferencial, em Portugal,

como Machado, F. L. (1992, 1994a, 1994b) escreveu, não existe um discurso acerca das culturas minoritárias ou acerca dos grupos étnicos. Portanto, a amostra da maioria portuguesa toma uma posição passiva, não se reconhecendo como dispendo dum papel fundamental no processo de diferenciação cultural e, em consequência, no processo da discriminação, até porque na questão da percepção de ameaça reporta que há racismo em Portugal (ver tabela 11). O resultado no item 7.6 da amostra da maioria portuguesa é inconclusivo.

A segunda geração de imigrantes está a fazer novas identidades culturais (Contador, 1998), as quais são próximas do modelo de fusão. A amostra de imigrantes cabo-verdianos fornece a maior parte das respostas em concordância com o item 7.4 (Um grupo minoritário). No item 7.5 (Um grupo de pessoas que não são consideradas iguais pela maioria) sucede o mesmo. Contudo, era esperada obter percentagens mais elevadas de concordância do que a amostra da maioria portuguesa. Apesar das opções de resposta em discordância, no item 7.5 a amostra de cabo-verdianos obteve mais concordância do que a amostra da maioria portuguesa, apontando para uma percepção de discriminação e para uma posição ativa atribuída à maioria portuguesa, mas não para eles próprios. No item 7.6 (Um grupo social que alega ser diferente da maioria) a amostra de cabo-verdianos está a concordar um pouco com o item, obtendo 54% do total das opções de concordância. Portanto, a amostra não está a atribuir uma posição ativa a si mesma enquanto imigrantes a residirem em Portugal, o que é significativo porque prefere as dimensões estáticas do construto. Assim dispendo, inclusivamente, a amostra de imigrantes cabo-verdianos não atribuiu um sentido multicultural ao construto, o que reforça as afirmações de Machado, F. L. (1992, 1994a, 1994b) acerca da falta de reivindicações étnicas, em Portugal.

Na amostra de emigrantes portugueses a maioria dos sujeitos está a concordar com o item 7.4 (Um grupo minoritário). O resultado da ANOVA é de ($p = .000$) e é a amostra de emigrantes portugueses que estabelece a diferença entre as amostras (imigrantes $p = .000$, maioria portuguesa $p = .006$), sendo que o mesmo sucede nos outros dois itens. No item 7.5 (Um grupo de pessoas que não são consideradas iguais pela maioria) a amostra de emigrantes portugueses fornece concordância. O mesmo ocorre no item 7.6 (Um grupo social que alega ser diferente da maioria). A diferença nas respostas poderá ser explicada

pelo diferente processo de socialização, mais do que pelo estatuto de imigrantes, em França.

A ênfase nas características dinâmicas, supostamente, remete para o modelo multicultural, contudo a amostra de emigrantes portugueses não se encontra próxima do referido modelo porque percebe elevadas percentagens de perceção de ameaça a níveis económico, simbólico e de segurança (ver tabelas 3, 5, 7, 9, 11, em anexo). As dimensões dinâmicas estão a afirmar que os emigrantes portugueses percebem as comunidades étnicas como responsáveis pelas diferenças culturais. Portanto, segundo a amostra de emigrantes portugueses, o ser diferente implica um problema social.

Tabela 51: item 7.7 (Um grupo de pessoas que aprendeu a ser diferente da maioria)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	18	32%	13	23%	15	27%	8	14%	2	4%
Imigrante(Cabo Verde)	16	41%	10	26%	12	31%	1	3%	0	0%
Emigrante portuguesa	0	0%	4	11%	27	73%	6	16%	0	0%
Total	34	26%	27	20.5%	54	41%	15	11%	2	1.5%

$F(2, 129) = 10.026, p = .000$

Por fim, o item 7.7 da tabela cinquenta e um abarca a dimensão da aprendizagem. Este item implica um ponto de vista dinâmico acerca da identidade étnica, uma vez que a identidade étnica poderá ser aprendida, não sendo apenas um processo de adaptação face à segunda cultura, senão que também um processo de recriação da cultura original (Bastide, 1971; Herskovits, 1938). A identidade étnica envolve um sentido de pertença a um grupo e um processo de aprendizagem e de exploração da cultura original (Phinney & Ong, 2007). Portanto, a cultura étnica implica um processo de aprendizagem face à própria cultura ou face à uma cultura “estranha”. Como é observável na tabela cinquenta e um, a amostra da maioria portuguesa está concordando com o item, pois a maior parte dos sujeitos não atribuem um sentido de aprendizagem ao construto da identidade étnica. A amostra de imigrantes cabo-verdianos era esperada obter níveis mais elevados de concordância do que a amostra da maioria portuguesa. Contudo, os resultados observados reportam o oposto. A maioria da amostra de imigrantes cabo-verdianos discorda do item, mais do que a amostra da maioria portuguesa, apesar do seu estatuto social de imigrantes, em Portugal.

Na amostra de emigrantes portugueses a maior parte da amostra concorda com o item. A amostra de emigrantes portugueses estabelece uma diferença cultural face às outras duas amostras e, empregando o Bonferroni Post-hoc multiples comparisons test, os resultados são os seguintes: imigrantes cabo-verdianos ($p = .000$) e maioria portuguesa ($p = .002$).

Os resultados da amostra de emigrantes portugueses reflete, quiçá, o processo de socialização e não o estatuto social de imigrantes, em França. Naquele país a avaliação acerca da cultura étnica portuguesa é feito através de comparações face às outras comunidades de imigrantes. O trabalho etnográfico de campo realizado em Metz, França, mostrou que a comunidade portuguesa é percebida pelos próprios como diferente face às comunidades africanas e às muçulmanas, percebendo semelhanças face às outras comunidades europeias e à cultura francesa. O baixo nível de percepção de discriminação dos emigrantes portugueses, em França (Pereira, V., 2012), poderá também explicar esta hétero avaliação. A amostra de emigrantes portugueses fornece um sentido de agência às minorias, contudo não fornece um sentido liberal (no sentido de fornecer direitos), senão que parece perceber as “minorias” como um problema social, sendo que a “responsabilidade” pelos resultados da relação intercultural é apenas atribuída ao grupo étnico e não a fatores contextuais ou à maioria portuguesa ou ainda devido a uma relação de poder assimétrica.

Em resumo, é possível reportar que as dimensões mais valorizadas do construto da identidade étnica são as estáticas e as essencialistas. As dimensões dinâmicas não são valorizadas. Os resultados confirmam a falta de equivalência e a diferença cultural face à cultura anglo-saxónica (H 1, e H 1.2), confirmando que a existência da cultura étnica em Portugal é problemática, ou seja, cumprindo a H 1.3.

O estatuto social não desempenha um papel importante nestes resultados, pois que a amostra de imigrantes cabo-verdianos atribui os mesmos significados que a amostra da maioria portuguesa, reforçando que na cultura portuguesa o multiculturalismo não desempenha um papel fundamental. Portanto, a amostra da maioria portuguesa toma uma posição passiva acerca de si mesma, não se reconhecendo como desempenhando um papel social ativo no processo de diferenciação cultural. Estas avaliações poderão estar

relacionadas com o luso-tropicalismo como uma ideologia consensual porque é presumido que a cultura portuguesa avalie de forma positiva as misturas culturais, evitando o discurso acerca das culturas étnicas (Cabecinhas, 2003; Machado, F. L., 2003).

20.3 O que significa o multiculturalismo no contexto português?

A questão número cinco do questionário aborda o significado do multiculturalismo na cultura portuguesa. A questão pretende aplicar as dimensões resultantes do estudo realizado por Schalk-Soekar (2007), no contexto holandês, no sentido de verificar como o construto é percebido no contexto português, tendo em conta algumas das dimensões do construto.

A questão conduziu até à hipótese 1.2 (acerca da existência do viés de construto e da falta de equivalência) e, sobretudo até à hipótese 1.4, ou seja, é presumível que o construto de multiculturalismo não se adeque por inteiro ao contexto português, uma vez que no contexto português é esperado que as dimensões sociodemográficas sejam avaliadas de modo positivo e as dimensões sociais e de aprendizagem não o sejam. Portanto, a investigação presume que o construto do multiculturalismo se adeque parcialmente ao contexto portuguesa da aculturação. E que algumas das suas dimensões sejam escolhidas devido a um ponto de vista utilitário em ambas as culturas e porque algumas das suas dimensões, presumivelmente, funcionam através duma ideologia consensual, por exemplo, as ideias acerca da tolerância e dos direitos das minorias. Portanto, algumas dimensões são esperadas que sejam escolhidas, no entanto outras dimensões não são esperadas serem preferidas, conduzindo até à falta de equivalência e a uma diferença cultural face à cultura anglo-saxónica.

No estudo holandês de Schalk-Soekar (2007), cento e dez frases foram transcritas, sendo codificadas em sete categorias. A amostra holandesa respondeu da seguinte forma. Em primeiro lugar está o significado demográfico (pessoas diferentes a viverem no mesmo espaço), obtendo 60.6%. Em segundo lugar a tolerância, a aceitação, e o estar aberto e a compreensão, obtém 27.1%. Em terceiro lugar, o estar a viver e a fazer coisas em

conjunto: 25.9%. Em quarto lugar está a assimilação/adaptação à cultura da maioria, isto é, 18.6%. Em quinto lugar está a aprendizagem duma segunda cultura: 12.6%. Em sexto lugar encontra-se a igualdade: 11.2%. E em sétimo lugar está a manutenção cultural dos imigrantes e da maioria com 10.7% das respostas. Para além dos sete itens ou dimensões retiradas do estudo de Schalk-Soekar (2007), a presente investigação acrescentou a dimensão acerca da promoção e do suporte financeiro fornecido pelo Estado (item 5.8), e um outro item acerca de fornecer direitos legais às minorias (o item 5.9). Segundo Rex (1995), Tiryakian (2003), Van de Vijver, Breugelmans e Schalk-Soekar (2008) e Wieviorka (1998), o multiculturalismo implica a promoção e o suporte financeiro por parte do Estado, para além do reconhecimento dos direitos legais das minorias.

Tabela 52: Item 5.1 (Diferentes culturas a conviverem no mesmo espaço)

Amostras	N	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	1		2%	5	9%	18	32%	30	53.5%	2	3.5%
Imigrante (Cabo Verde)	0		0%	2	5%	10	26%	27	69.0%	0	0.0%
Emigrante portuguesa	1		3%	3	8%	14	38%	19	51.0%	0	0.0%
Total	2		1%	10	8%	42	32%	76	58.0%	2	1.0%

$F(2, 129) = 1.278, p = .282$

O item 5.1 (Diferentes culturas a conviverem no mesmo espaço) da tabela cinquenta e dois e o item 5.3 (Viver e fazer coisas juntos) da tabela cinquenta e quatro, remetem para as características sociodemográficas do construto (Inglis, 1996) e era esperado que os sujeitos atribuísem elevadas percentagens de concordância, tal como no estudo de Schalk-Soekar (2007). Tal, como é observável na tabela cinquenta e dois, os resultados observados reportam que todas as amostras estão a atribuir elevadas percentagens de concordância ao item 5.1 (Diferentes culturas a conviverem no mesmo espaço). O resultado do teste ANOVA é de $p = .283$, ou seja, não existem diferenças entre as três amostras.

Tabela 53: Item 5.2 (A tolerância)

Amostras	N	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	2		3.5%	1	2.0%	13	23.0%	38	68%	2	3.5%
Imigrante (Cabo Verde)	0		0.0%	3	8.0%	10	25.0%	26	67%	0	0.0%
Emigrante portuguesa	1		3.0%	2	5.5%	22	59.5%	9	24%	3	8.0%
Total	3		2.5%	6	4.5%	45	34.0%	73	55%	5	4.0%

$F(2, 129) = 2.860, p = .061$

Tabela 54: item 5.3 (Viver e fazer coisas juntos)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	4	7%	17	30.5%	14	25%	18	32%	3	5.5%
Imigrante (Cabo Verde)	2	5%	4	10.0%	23	59%	9	23%	1	3.0%
Emigrante portuguesa	4	11%	26	70.0%	2	5.5%	2	5.5%	3	8.0%
Total	10	8%	47	36.0%	39	29%	29	22%	7	5.0%

$F(2, 129) = 7.276, p = .001$

Os resultados observados afirmam que o item 5.2 (A tolerância) também obtém elevados níveis de concordância em todas as amostras, a diferença foi introduzida pela amostra de emigrantes portugueses porque eles atribuem percentagens mais baixas de concordância do que as outras duas amostras. No item 5.3 (Viver e fazer coisas juntos) a amostra de imigrantes cabo-verdianos e a amostra da maioria portuguesa estão a concordar com o item. Contudo, o resultado da ANOVA é de ($p = .001$), pois a amostra de emigrantes portugueses está a discordar: (imigrantes cabo-verdianos $p = .002$ e na maioria portuguesa $p = .004$).

Tabela 55: item 5.4 (A adaptação à cultura maioritária)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	12	21%	16	29%	13	23%	12	21.5%	3	5.5%
Imigrante (Cabo Verde)	5	13%	16	41%	12	31%	6	15.0%	0	0.0%
Emigrante portuguesa	0	0%	0	0%	19	51%	16	43.0%	2	5.0%
Total	17	13%	32	24%	44	33%	34	26.0%	5	4.0%

$F(2, 129) = 13.515, p = .000$

Tabela 56: 5.7 (A manutenção das culturas minoritárias)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	8	14%	10	18%	21	37%	15	27%	2	4%
Imigrante (Cabo Verde)	3	8%	2	5%	21	54%	13	33%	0	0%
Emigrante portuguesa	3	8%	30	81%	4	11%	0	0%	0	0%
Total	14	11%	42	32%	46	35%	28	21%	2	1%

$F(2, 129) = 16.945, p = .000$

Os itens de Schalk-Soekar (2007), isto é, o 5.4 (A adaptação à cultura maioritária) e o 5.7 (A manutenção das culturas minoritárias) estão a referir-se à manutenção cultural

ou à “integração” da minoria. Os itens estão a mostrar apenas um sentido de aprendizagem intercultural, ou seja, da minoria para a maioria, tendo a minoria a posição ativa e a maioria a passiva, tal como no modelo multicultural (ver eixos das figuras 7 e 7.1). É suposto que a adaptação não signifique manutenção cultural no contexto português, senão que o significado “sociológico”, o qual se refere à homogeneidade cultural, à não discriminação e à harmonia do Estado (Wieviorka, 1998). Portanto, a adaptação será próxima do modelo de assimilação enquanto resultado esperado a longo prazo. Na tabela cinquenta e cinco do item 5.4 (A adaptação à cultura maioritária), o resultado observado mostra que a amostra de imigrantes cabo-verdianos discorda claramente e que a amostra da maioria portuguesa está a discordar um pouco. Contudo, a amostra de emigrantes portugueses está a concordar, estabelecendo uma diferença face às restantes duas amostras: imigrantes cabo-verdianos ($p = .000$) e face à amostra da maioria portuguesa ($p = .000$). Na tabela cinquenta e seis, o item 5.7 (A manutenção das culturas minoritárias) a amostra de imigrantes cabo-verdianos obtém elevados níveis de concordância. Contudo, a amostra de emigrantes portugueses está a discordar com o item da manutenção cultural. Portanto, a amostra de emigrantes portugueses estabelece a diferença com as outras duas amostras: imigrantes cabo-verdianos ($p = .000$) e com a amostra da maioria portuguesa ($p = .000$). Os imigrantes cabo-verdianos e a amostra da maioria portuguesa não favorecem o modelo multicultural, não havendo diferenças estatisticamente significativas entre elas. A avaliação dos emigrantes portugueses parece estabelecer uma hétero avaliação ou uma decisão utilitária acerca da adaptação cultural, apontando para o modelo da assimilação ou para o intercultural.

Tabela 57: item 5.8 (O financiamento das atividades culturais das minorias pelo Estado)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	11	20%	19	34%	14	25%	9	16%	3	5%
Imigrante (Cabo Verde)	7	18%	8	20%	20	51%	3	8%	3	3%
Emigrante portuguesa	3	8%	27	73%	3	8%	1	3%	3	8%
Total	21	16%	54	41%	37	28%	13	10%	7	5%

$F(2, 129) = .769, p = .466$

Wieviorka (1998) afirma que o multiculturalismo necessita do reconhecimento acerca das diferenças culturais e da promoção da igualdade económica das minorias. No contexto português o fornecer direitos iguais de cidadania aos imigrantes é levado a cabo

(Almeida, J. C. P., 2006; Rocha-Trindade, 2008), porém não é completamente cumprido (Rocha-Trindade, Mendes & Albuquerque, 1996).

A amostra da maioria portuguesa concorda com a manutenção cultural da minoria. Contudo, tal como é visível na tabela cinquenta e sete, não apoia o suporte financeiro por parte do Estado. Os resultados estão a dizer que, em Portugal, a cultura étnica é difícil de ser concebida. A amostra de imigrantes cabo-verdianos concorda um pouco com o item, isto é, 51% dos sujeitos concordam um pouco. E a amostra de emigrantes portugueses é completamente oposta ao suporte financeiro por parte do Estado: 73% dos sujeitos discordam um pouco.

Tabela 58: item 5.9 (Dar direitos legais às minorias)

Amostras	N	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não Respondo	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	3	3	5%	5	9%	20	36%	25	45%	3	5%
Imigrante (Cabo Verde)	3	3	8%	7	18%	12	31%	17	43%	0	0%
Emigrante portuguesa	1	1	3%	10	27%	21	57%	1	4%	4	11%
Total	7	7	5%	22	17%	53	40%	43	33%	7	5%

$F(2, 129) = 2.539, p = .083$

Todas as três amostras estão a concordar com o item 5.9 (Dar direitos legais às minorias) da tabela cinquenta e oito. Contudo, com diferentes intensidades. A amostra da maioria portuguesa e a amostra de imigrantes cabo-verdianos estão a apresentar valores percentuais de concordância próximos um do outro, mas a amostra de emigrantes portugueses está a concordar com uma intensidade mais baixa. A diferença dos resultados entre os itens 5.8 (O financiamento das atividades culturais das minorias pelo Estado) e o item 5.9 (Dar direitos legais às minorias) reporta uma discrepância entre o desejo liberal de fornecer direitos legais, mas não de promover e financiar as culturas das minorias. A diferença entre os dois itens pode mostrar que a adaptação é funcional e utilitária em ambas as culturas e que Portugal tende para a assimilação, para a fusão ou para o modelo intercultural, sendo que o modelo multicultural está presente em algumas das suas dimensões.

Tabela 59: item 5.6 (A igualdade entre todas as culturas)

	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
Amostras	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	2	4.0%	8	14.0%	17	30.0%	27	48%	2	4%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0.0%	7	18.0%	13	33.0%	18	46%	1	3%
Emigrante portuguesa	2	5.5%	26	70.5%	6	16.0%	3	8%	0	0%
Total	4	3.0%	41	31.0%	36	27.5%	48	36.5%	3	2%

$F(2, 129) = 22.584, p = .000$

Tabela 60: item 5.5 (A aprendizagem mútua entre as culturas)

	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
Amostras	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	2	4%	7	12.0%	18	32.0%	27	48%	2	4.0%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0%	0	0.0%	19	49.0%	19	49%	1	2.0%
Emigrante portuguesa	1	3%	18	48.5%	15	40.5%	0	0%	3	8.0%
Total	3	2%	25	19.0%	52	39.5%	46	35%	6	4.5%

$F(2, 129) = 14.120, p = .000$

Finalmente, tal como é observável na tabela cinquenta e nove, no item 5.6 a amostra da maioria portuguesa e a amostra dos imigrantes estão afirmando que todas as culturas são iguais. Uma diferença fundamental é introduzida pela amostra de emigrantes portugueses porque a amostra afirma que as culturas não são iguais. Na tabela sessenta, as amostras da maioria portuguesa e dos imigrantes estão em concordância total com o item 5.5 (A aprendizagem mútua entre as culturas). Contudo, a amostra de emigrantes portugueses não concorda, estabelecendo uma diferenciação cultural com os imigrantes cabo-verdianos ($p = .000$) e com a amostra da maioria portuguesa ($p = .000$).

Em resumo, a questão confirma que o construto do multiculturalismo não se adequa inteiramente ao contexto português. No contexto português as dimensões sociodemográficas são avaliadas de forma positiva, preterindo as dimensões sociais e da aprendizagem, confirmando a H 1.4. Assim dispendo, as investigações posteriores devem estar cientes das peculiaridades da cultura portuguesa, evitando a falta de equivalência nas inferências e nas conclusões das investigações (H 1.2).

20.4 Os modelos multicultural e de fusão no contexto português

Na questão número três do questionário (PEAQ) esboçou-se uma tentativa exploratória para verificar se os sujeitos das três amostras estão a preferir o modelo multicultural ou o de fusão. A questão número três do questionário presume que os sujeitos iriam atribuir mais concordância aos itens de fusão do que aos multiculturais. A questão pretendeu cumprir, sobretudo, o primeiro objetivo da investigação, isto é, o explorar e o contextualizar a cultura portuguesa da aculturação. A questão está relacionada fundamentalmente com a hipótese 1.1, ou seja, o modelo multicultural não se adequa inteiramente à cultura portuguesa porque o contexto português é suposto ser próximo do modelo de fusão, mas também avalia de forma positiva algumas das dimensões multiculturais como a manutenção cultural.

A questão número três do questionário pode ser percebida como disposta de três partes distintas, a dimensão da adaptação, a dimensão da manutenção cultural de todas as culturas, as quais são as dimensões centrais do modelo multicultural (Berry, 1974, 1997). A terceira parte da questão diz respeito às dimensões da interação e das misturas, as quais pertencem ao modelo de fusão. Os itens estão expressos numa forma dicotómica. A dimensão da interação é uma característica central da definição da aculturação (Redfield, *et al.*, 1936; Simons, 1901a, 1901b; Teske & Nelson, 1974), do luso-tropicalismo (Freyre, 1986) e do modelo de fusão. Por seu turno, a manutenção da cultura e o contato cultural são as dimensões do modelo de Berry (1997, 2001). As dimensões dos modelos multicultural e da fusão surgiram a partir da análise de conteúdo às obras de Fernão Mendes Pinto e de Luís de Fróis, e ainda tendo em conta a revisão da literatura acerca da aculturação. Portanto, os itens da questão reportam uma comparação entre os modelos de fusão e o multicultural. Os modelos da assimilação e o intercultural não fazem parte da questão, pois não eram pertinentes face ao primeiro objetivo geral da investigação.

Tabela 61: item 3.1 (A manutenção de todas as culturas)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	1	2%	4	7.0%	24	43%	26	46.0%	1	2%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0%	8	20.5%	9	23%	22	56.5%	0	0%
Emigrante portuguesa	3	8%	21	57.0%	11	30%	1	2.0%	1	2%
Total	4	3%	33	25.0%	44	33%	49	37.0%	2	2%

$F(2, 129) = 23.649, p = .000$

Tabela 62: item 3.8 (A mudança cultural de todas as culturas)

		Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
Amostras	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Maioria portuguesa	20	36.0%	14	25.0%	15	27.0%	4	7%	3	5%	
Imigrante (Cabo Verde)	8	20.5%	15	38.5%	14	36.0%	2	5%	0	0%	
Emigrante portuguesa	2	5.0%	3	8.0%	31	84.0%	1	3%	0	0%	
Total	30	23.0%	32	24.0%	60	45.5%	7	5.5%	3	2%	

$F(2, 129) = 5.566, p = .005$

Tal como é verificável na tabela sessenta e um, a amostra da maioria portuguesa e a amostra de imigrantes cabo-verdianos afirmam que o multiculturalismo significa manutenção cultural de todas as culturas (item 3.1). Contudo, a amostra de emigrantes portugueses discorda, sendo distinta face às outras duas amostras: imigrantes ($p = .000$) e maioria portuguesa ($p = .000$). Na tabela sessenta e dois é observável que no item de fusão 3.8 (A mudança cultural de todas as culturas) ocorre o oposto, pois a amostra dos emigrantes portugueses concorda e as amostras da maioria portuguesa e dos imigrantes cabo-verdianos discordam. Portanto, existem diferenças entre as amostras, isto é, as amostras da maioria portuguesa e dos imigrantes cabo-verdianos estão a favorecer a manutenção cultural da minoria, isto é, a dimensão multicultural. Na amostra de imigrantes cabo-verdianos a avaliação poderá ser pensada como uma autoavaliação acerca da sua própria cultura até porque a amostra obteve níveis elevados de concordância.

Tabela 63: item 3.2 (A não mudança da cultura minoritária)

		Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
Amostras	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Maioria portuguesa	10	18.0%	11	20.0%	18	32%	14	25.0%	3	5.0%	
Imigrante (Cabo Verde)	2	5.0%	4	10.5%	18	46%	15	38.5%	0	0.0%	
Emigrante portuguesa	5	13.5%	17	46.0%	12	32%	1	3.0%	2	5.5%	
Total	17	13.0%	32	24.0%	48	36%	30	23.0%	5	4.0%	

$F(2, 129) = 5.497, p = .005$

Tabela 64: item 3.9 (A mudança da cultura minoritária)

	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
Amostras	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	19	34%	9	16%	14	25%	8	14%	6	11%
Imigrante (Cabo Verde)	17	44%	9	23%	9	23%	4	10%	0	0%
Emigrante portuguesa	0	0%	0	0%	21	57%	13	35%	3	8%
Total	36	27%	18	14%	44	33%	25	19%	9	7%

$F(2, 129) = 18.019, p = .000$

Tal como é observável na tabela sessenta e três, no item 3.2 (A não mudança da cultura minoritária) a maioria portuguesa e a amostra de imigrantes cabo-verdianos estão a concordar com a manutenção cultural da minoria. A intensidade da concordância é elevada na amostra de imigrantes cabo-verdianos, mostrando uma autoavaliação acerca da mudança cultural própria. Contudo, na amostra de emigrantes portugueses 46% dos sujeitos estão a discordar um pouco.

Tal como é observável na tabela sessenta e quatro, no item 3.9 (A mudança da cultura minoritária) o resultado da amostra da maioria portuguesa é inconclusivo. Na amostra de imigrantes cabo-verdianos o item 3.9 (A mudança da cultura minoritária) obtém discordância, sendo consistente com o item 3.2, preferindo a dimensão multicultural, talvez devido ao estatuto de imigrantes, os quais residem em Portugal. No item 3.9 (A mudança da cultura minoritária) a amostra de emigrantes portugueses diz que o multiculturalismo implica a mudança da cultura minoritária.

Tabela 65: item 3.7 (A não mudança da cultura maioritária)

Amostras	N	Discordo totalmente		N	Discordo pouco		N	Concordo pouco		N	Concordo totalmente		N	Não respondo	
		%			%			%			%			%	
Maioria portuguesa	21	37%		10	20%		14	25%		5	9%		5	9%	
Imigrante (Cabo Verde)	5	13%		9	23%		23	59%		2	5%		0	0%	
Emigrante portuguesa	0	0%		0	0%		26	70%		8	22%		3	8%	
Total	26	20%		19	15%		63	48%		15	11%		8	6%	

$F(2, 129) = 1.733, p = .181$

Tabela 66: item 3.14 (A mudança da cultura maioritária)

Amostras	N	Discordo totalmente		N	Discordo pouco		N	Concordo pouco		N	Concordo totalmente		N	Não respondo	
		%			%			%			%			%	
Maioria portuguesa	24	43.0%		11	19.5%		15	27.0%		2	3.5%		4	7%	
Imigrante (Cabo Verde)	15	38.5%		9	23.0%		15	38.5%		0	0%		0	0%	
Emigrante portuguesa	7	19.0%		24	65.0%		1	3.0%		0	0%		5	13%	
Total	46	35.0%		44	33.0%		31	23.5%		2	1.5%		9	7%	

$F(2, 129) = .445, p = .642$

Na tabela sessenta e cinco é visível que a amostra da maioria portuguesa está a discordar com o item 3.7 (A não mudança da cultura maioritária). Na tabela seguinte, ou seja, a sessenta e seis, a mesma amostra discorda com o item 3.14 (A mudança da cultura

maioritária), ou seja, os resultados não são consistentes com as respostas atribuídas ao item 3.7. Por outro lado, na amostra de imigrantes cabo-verdianos a maioria dos sujeitos não concorda com o item 3.7 (A não mudança da cultura maioritária). Apesar de avaliarem de forma positiva a interação e as misturas, a amostra de imigrantes cabo-verdianos toma uma avaliação multicultural. Os resultados revelam uma contradição face ao estatuto social de imigrantes, uma vez que a amostra realiza uma hétero avaliação acerca doutras culturas e porque não é consistente com os itens que implicam interação e misturas. Para além disso, a amostra de imigrantes cabo-verdianos mostra uma posição passiva face à cultura portuguesa. Na amostra de imigrantes cabo-verdianos as respostas ao item 3.14 (A mudança da cultura maioritária) são consistentes com o item 3.7, pois a amostra está a discordar com as mudanças na cultura maioritária. A amostra dos emigrantes portugueses está a concordar um pouco: 70%.

No item 3.14 (A mudança da cultura maioritária), a amostra de emigrantes portugueses é consistente com as respostas fornecidas ao item 3.7, sendo próxima do modelo multicultural porque não favorece a mudança da cultura maioritária. No item 3.7 o resultado do teste ANOVA é de ($p = .181$) e no item 3.14 o resultado da ANOVA é de ($p = .642$), sendo que não existem diferenças entre as amostras em ambos os itens. No item 3.8, o qual representa uma dimensão do modelo de fusão, a amostra está concordando com as mudanças culturais em todas as culturas, apontando para o modelo de fusão. Contudo, no item 3.14 reporta-se que está discordando com as mudanças da maioria. Portanto, as mudanças culturais são apenas esperadas ocorrerem na cultura da minoria, segundo a amostra dos emigrantes portugueses.

Em resumo, no contexto português e lusófono as amostras preferem o modelo multicultural, o qual não é conforme aos resultados esperados. As amostras da maioria portuguesa e dos imigrantes cabo-verdianos preferem a manutenção cultural de todas as culturas. Contudo, a amostra de emigrantes portugueses está discordando parcialmente, revelando uma diferença cultural face às outras duas amostras. A diferença relativa da amostra dos emigrantes portugueses poderá ser devida à socialização em França.

Tabela 67: item 3.5 (A adaptação à nova cultura)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	1	2%	9	16%	24	43%	17	30%	5	9%
Imigrante (Cabo Verde)	1	3%	8	20%	13	33%	17	44%	0	0%
Emigrante portuguesa	0	0%	0	0%	8	21%	28	76%	1	3%
Total	2	1.5%	17	13%	45	34%	62	47%	6	4.5%

$F(2, 129) = 7.078, p = .001$

Tabela 68: item 3.12 (A não adaptação à nova cultura)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	35	62.5%	10	18.0%	7	12.5%	1	2%	3	5%
Imigrante (Cabo Verde)	17	43.5%	17	43.5%	5	13.0%	0	0%	0	0%
Emigrante portuguesa	10	27.0%	22	59.5%	2	5.5%	1	3%	2	5%
Total	62	47.0%	49	37.0%	14	11.0%	2	1%	5	4%

$F(2, 129) = 1.332, p = .267$

Nas tabelas sessenta e sete e sessenta e oito referentes respetivamente aos itens 3.5 e 3.12, as amostras são consensuais acerca de que multiculturalismo implica adaptação cultural. No item 3.5 as amostras são apenas diferentes na intensidade da concordância. No item 3.5 (A adaptação à nova cultura) o resultado da ANOVA é de ($p = .001$) e o resultado no teste Bonferroni Post-hoc multiples comparisons reporta que é a amostra de emigrantes portugueses, a qual estabelece a diferença cultural, isto é, face aos imigrantes cabo-verdianos ($p = .002$) e face à maioria portuguesa ($p = .006$). No item 3.12 (A não adaptação à nova cultura), o qual não pertence a qualquer modelo, sendo apenas um item dicotómico, os resultados são consistentes com o item 3.5 (A adaptação à nova cultura) porque todas as amostras estão a discordar.

Tabela 69: item 3.3 (A interação de todas as culturas apenas na sociedade alargada)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	14	25.0%	13	23.5%	18	32%	6	12.5%	4	7%
Imigrante (Cabo Verde)	6	15.5%	9	23.0%	20	51%	4	10.5%	0	0%
Emigrante portuguesa	0	0.0%	4	11.0%	27	73%	0	0.0%	6	16%
Total	20	15.0%	26	20.0%	65	49%	10	8.0%	10	8%

$F(2, 129) = 6.316, p = .002$

Tabela 70: item 3.10 (Uma nova cultura que nasce da interação entre todas as culturas)

Amostras	N	Discordo totalmente %	N	Discordo pouco %	N	Concordo pouco %	N	Concordo totalmente %	N	Não respondo %
Maioria portuguesa	3	5%	11	20%	25	45%	13	23.0%	4	7.0%
Imigrantes(Cabo Verde)	4	10%	9	23%	21	54%	5	13.0%	0	0.0%
Emigrante portuguesa	1	3%	4	11%	25	68%	5	13.0%	2	5.0%
Total	8	6%	24	18%	71	54%	23	17.5%	6	4.5%

$F(2, 129) = 2.633, p = .076$

O item 3.3 (A interação de todas as culturas apenas na sociedade alargada) da tabela sessenta e nove é um item multicultural. Por seu turno, o item do modelo de fusão é o 3.10 (Uma nova cultura que nasce da interação entre todas as culturas), sendo esperado que o último item obtivesse mais concordância. Tal como é observável na tabela sessenta e nove, a amostra da maioria portuguesa no item 3.3 (A interação de todas as culturas apenas na sociedade alargada) obtém 48% dos sujeitos a escolherem as opções de discordância, contudo existem 7% de não respostas, as quais tornam os resultados inconclusivos. As não respostas poderão estar a dizer que o conceito de sociedade alargada não faz sentido aos sujeitos portugueses. Na amostra de imigrantes cabo-verdianos 51% dos sujeitos estão a concordar um pouco com a interação na sociedade alargada. Na amostra de emigrantes portugueses 73% dos sujeitos estão a concordar e existem 16% de não respostas. A amostra de emigrantes portugueses estabelece uma diferença cultural face às outras duas amostras: imigrantes cabo-verdianos ($p = .022$) e maioria portuguesa ($p = .003$).

Na tabela setenta, os resultados no item 3.10 (Uma nova cultura que nasce da interação entre todas as culturas) são consensuais, pois todas as amostras estão a concordar com o item, ou seja, no contexto português o multiculturalismo significa que a nova cultura nasce da interação entre as culturas. Portanto, não existe qualquer diferença consoante o estatuto social ou o processo de socialização das amostras. O resultado da ANOVA é de ($p = .076$) e o teste Bonferroni Post-hoc multiples comparisons não diferencia as amostras. O construto do multiculturalismo ganha um sentido de fusão no contexto português e lusófono. Os resultados introduzem um novo ponto de vista na literatura porque a palavra multiculturalismo poderá ser interpretada segundo uma dimensão do modelo de fusão e não através da separação cultural da cultura anglo-saxónica, sendo esta a maior contribuição da presente questão do questionário. É importante notar que as amostras estão também a afirmar também que o multiculturalismo

significa manutenção cultural. Portanto, no contexto português ou lusófono assiste-se a uma mescla de modelos e de significados atribuídos ao construto do multiculturalismo.

Tabela 71: item 3.4 (A não interação entre as culturas)

Amostras	N	Discorda totalmente %	N	Discorda pouco %	N	Concorda pouco %	N	Concorda totalmente %	N	Não respondo %
Maioria portuguesa	38	68.0%	12	21.0%	4	7%	0	0%	2	4%
Imigrante (Cabo Verde)	15	38.0%	21	54.0%	1	3%	2	5%	0	0%
Emigrante portuguesa	8	21.5%	25	67.5%	1	3%	2	5%	1	3%
Total	61	46.0%	58	44.0%	6	4.5%	4	3%	3	2.5%

$F(2, 129) = 3.883, p = .023$

Tabela 72: item 3.11 (A interação entre as culturas)

Amostras	N	Discorda totalmente %	N	Discorda pouco %	N	Concorda pouco %	N	Concorda totalmente %	N	Não respondo %
Maioria portuguesa	2	3.5%	2	3.5%	15	27%	35	62.5%	2	3.5%
Imigrante (Cabo Verde)	0	0.0%	0	0%	25	64%	14	36.0%	0	0.0%
Emigrante portuguesa	0	0.0%	0	0%	34	92%	3	8.0%	0	0.0%
Total	2	1.5%	2	1.5%	74	56%	52	39.5%	2	1.5%

$F(2, 129) = 8.227, p = .000$

Os itens 3.4 (A não interação entre as culturas) e o item 3.6. (A não mistura entre culturas) pertencem ao modelo multicultural. Os itens do modelo de fusão são o 3.11 (A interação entre as culturas) e o item 3.13 (A misturas das culturas). Na tabela 71, todas as amostras discordam do item 3.4, o qual afirma que o multiculturalismo significa que não existe interação entre as culturas. Assim sendo, todas as amostras estão a atribuir uma dimensão do modelo de fusão ao construto do multiculturalismo. O resultado da ANOVA é de ($p = .023$) e o Bonferroni Post-hoc multiples comparisons test reporta que apenas a maioria portuguesa e a amostra dos emigrantes portugueses são diferentes: ($p = .000$).

Na tabela setenta e dois, os resultados nos itens mostram-se consistentes, pois todas as amostras estão a concordar com o item 3.11 (A interação entre as culturas), apontando para o facto do multiculturalismo significar interação no contexto português. Tal como no item 3.4 (A não interação entre as culturas), o Bonferroni Post-hoc multiples comparisons test, reporta que apenas a maioria portuguesa e os emigrantes portugueses são diferentes: ($p = .019$). Contudo, as amostras são diferentes na intensidade das respostas, mas não na direção das mesmas. A interação cultural é uma característica fundamental do modelo de

fusão e no contexto português os sujeitos estão a amalgamar ambos os modelos, tendo em conta o significado do construto do multiculturalismo.

Tabela 73: item 3.6 (A não mistura entre culturas)

Amostras	Discorda totalmente		Discorda pouco		Concorda pouco		Concorda totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	31	55%	15	27%	3	5.0%	5	9%	2	4.0%
Imigrante (Cabo Verde)	16	41%	21	54%	2	5.0%	0	0%	0	0.0%
Emigrante portuguesa	3	8%	10	27%	22	59.5%	0	0%	2	5.5%
Total	50	38%	46	35%	27	20.0%	5	4%	4	3.0%

$F(2, 129) = 14.552, p = .000$

Tabela 74: 3.13 (A mistura das culturas)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	2	3.5%	5	9.0%	15	27.0%	33	59%	1	1.5%
Imigrante (Cabo Verde)	2	5.0%	4	10.5%	22	56.5%	11	28%	0	0.0%
Emigrante portuguesa	2	3.0%	5	16.0%	29	78.0%	1	3%	0	0.0%
Total	5	4.0%	15	11.0%	66	50.0%	45	34%	1	1.0%

$F(2, 129) = 9.129, p = .000$

Na tabela setenta e três, a amostra da maioria portuguesa e a dos imigrantes discordam com o item 3.6 (A não mistura entre culturas). Contudo, a amostra de emigrantes portugueses concorda: 59.5% dos sujeitos concordam pouco. O resultado da ANOVA é de ($p = .000$) e o resultado do Bonferroni Post-hoc multiples comparisons reporta que são os emigrantes portugueses que introduzem uma diferença cultural face às outras duas amostras, isto é, a amostra dos imigrantes cabo-verdianos ($p = .000$) e a amostra da maioria portuguesa ($p = .000$). Na tabela setenta e quatro, todas as amostras estão a concordar com o item 3.13 (A mistura das culturas). Portanto, o multiculturalismo ganha um sentido de fusão no contexto cultural português e lusófono (cabo-verdiano). As amostras são diferentes na intensidade da concordância. A amostra da maioria portuguesa concorda mais e a amostra de imigrantes cabo-verdianos menos, sendo que a amostra de emigrantes portugueses ainda menos do que as outras duas amostras, obtendo as percentagens mais elevadas de discordância. O resultado do teste ANOVA é de ($p = .000$) e, empregando o teste de Bonferroni Post-hoc multiples comparisons, é a amostra da maioria portuguesa que é diferente face às outras duas amostras, isto é, face aos imigrantes ($p = .039$) e face aos emigrantes portugueses ($p = .000$).

Em conclusão, a hipótese 1.1 confirma-se porque o modelo multicultural não se adequa por completo à cultura portuguesa porque o contexto cultural português opera avaliando de forma positiva a fusão (a interação e as misturas) e também avalia de modo positivo algumas das dimensões multiculturais, por exemplo, a manutenção cultural. Os resultados estão a fornecer informação para estabelecer comparações interculturais e para compreender como a cultura portuguesa funciona no sentido de contextualizar as investigações, evitando o viés de construto ou a falta de equivalência.

20.5 Notas finais

O presente capítulo encontra-se relacionado com o primeiro objetivo geral, isto é, explorar e contextualizar a cultura portuguesa da aculturação e também com o terceiro passo da investigação, pois a análise de conteúdo revelou que a cultura portuguesa é diferente face à anglo-saxónica, na medida em que a primeira cultura reporta misturas culturais, interação e intervenção da maioria portuguesa. No entanto, a cultura portuguesa parece não funcionar apenas através do modelo de fusão ou mediante a teoria luso-tropical, senão que também tende para a assimilação ou para o modelo intercultural. Portanto, o presente capítulo tentou dar resposta ao primeiro objetivo, tal como a análise de conteúdo o fez, supondo que a cultura da aculturação portuguesa seja distinta da anglo-saxónica e da literatura multicultural dominante, correspondendo à primeira hipótese de trabalho. Tal como a questão número três do questionário reportou o modelo multicultural não se adequa por completo na cultura portuguesa porque o contexto português funciona avaliando de forma positiva as misturas e a interação interculturais e, ao mesmo tempo, atribuindo valor a algumas dimensões do multiculturalismo, como a manutenção da cultura. Tal como o trabalho etnográfico de campo tinha verificado, nenhum modelo da aculturação explica por si só o fenómeno da aculturação, sendo que na cultura portuguesa se avalia de modo positivo algumas dimensões do modelo multicultural e outras do modelo de fusão. As investigações futuras terão que ter os presentes resultados em conta, no sentido de contextualizarem as inferências e as conclusões estatísticas. Para além disso, torna-se possível deslocar a investigação da aculturação para as suas características interativas e dinâmicas, atribuindo menos ênfase à adaptação sociocultural.

Assim dispondo, cumpre-se, deste modo, a hipótese H 1.1, a qual, por sua vez, conduz até à H 1.2, isto é, é suposto que na cultura portuguesa se verifique uma falta de equivalência ou um viés de construto face aos construtos relacionados com a aculturação, tais como a identidade étnica (questão número sete), o multiculturalismo (questão número cinco) e no construto de aculturação (questão número seis). As primeiras duas questões, isto é, a número sete e a número cinco foram abordadas no presente capítulo, sendo que se confirmaram, pois, em Portugal, parece que a existência duma cultura étnica é difícil. Em Portugal, a cultura étnica parece funcionar através das dimensões estáticas e individualistas do construto, em vez das dimensões sociais e dinâmicas, tal como é requerido pelo modelo multicultural, correspondendo à H 1.3.

Na questão número cinco do (PEAQ) procurava-se saber quais as dimensões do construto do multiculturalismo que eram avaliadas de modo positivo no contexto português, sendo que o construto não se adequa por inteiro ao contexto português. No contexto português as dimensões sociodemográficas são avaliadas de modo positivo e as dimensões sociais e da aprendizagem não o são, correspondendo à hipótese 1.4. Assim dispondo, é possível afirmar que as investigações futuras poderão ter em consideração as peculiaridades do contexto português, no sentido de evitar a falta de equivalência nas inferências e nas conclusões. A presente investigação não apenas contribui para contextualizar a cultura portuguesa da aculturação, senão que também lança luz em como os instrumentos e da cultura anglo-saxónica deverão ser lidos em Portugal e no contexto lusófono. O seguinte capítulo pretende ainda reportar como o próprio construto da aculturação não é percebido da mesma forma em Portugal do que na cultura anglo-saxónica, lançando luz acerca do seu escasso uso em Portugal.

21. A aculturação

21.1 Breve olhar sobre a temática da aculturação

O presente capítulo abarcou ambos os objetivos gerais da presente investigação, isto é, pretende-se explorar e contextualizar a cultura portuguesa da aculturação, sendo este o primeiro objetivo geral, nomeadamente, através da suposição de que existe uma falta de equivalência entre a cultura anglo-saxónica e a cultura portuguesa acerca da aculturação, sendo que o segundo objetivo geral pretendeu deslocar a estudo do fenómeno da aculturação para a aprendizagem. Na presente investigação de doutoramento tornou-se necessário, pois, abordar alguns dos construtos relacionados com o estudo da aculturação, sendo que no presente capítulo aborda-se o construto da própria aculturação, no sentido de verificar como as dimensões do constructo funcionam no contexto português e lusófono (cabo-verdiano). O presente capítulo prossegue, pois, o esforço desenvolvido no anterior capítulo. Contudo, o segundo objetivo geral também está implicado, pois, pretende-se verificar se o construto da aculturação é percecionado como sendo aprendizagem.

A análise da literatura reporta que o construto da aculturação é complexo e varia consoante a abordagem e também consoante o contexto cultural, pois a criação da cultura é um processo seletivo e dinâmico (Lévi-Strauss, 1952). Na Antropologia a palavra aculturação tem adquirido diferentes nomes, ou seja, emprestar, pedir emprestado (Alpalhão & Rosa, 1980; Malinowski, 1958) ou, na Antropologia britânica, mudança cultural (Herskovits, 1938). Em Psicologia a temática da aculturação aparece sob diversos nomes, isto é, adaptação cultural, ajustamento, integração, biculturalismo, multiculturalismo, transição cultural, assimilação, aprendizagem duma segunda cultura, inculturação, transferência cultural ou globalização. Todas estas palavras são sinónimas da aculturação, sendo, por vezes, aplicadas como sucedâneos ou *proxys*, o que estabelece confusão na temática. Por exemplo, na Psicologia Intercultural, de acordo com Berry, *et al.* (2011), a palavra assimilação é um sinónimo de aculturação. A palavra aculturação aparece, inclusivamente, como significando um tipo de biculturalismo, isto é, a situação em que um indivíduo é culturalmente competente, mas não é identificado como pertencendo à cultura maioritária (LaFromboise, *et al.*, 1993), o que revela discriminação.

Na tradição francófona europeia, os investigadores preferem aplicar palavras como interculturação, socialização, interpenetração ou transculturação (Brégent, *et al.*, 2008; Sabatier & Boutry, 2006). No contexto francófono a palavra aculturação foi colocada de lado devido, supostamente, ao seu reduzido poder explicativo, ao seu sentido etnocêntrico e ainda porque a aculturação, supostamente, conduz à discriminação, a qual entra em conflito com os valores igualitários da república francesa (Brégent, *et al.*, 2008; Sabatier & Boutry, 2006).

A investigação na temática da aculturação implica três grandes pré-requisitos (Sam, 2006a): o contato cultural com uma cultura diferente (Berry, 1986), as influências culturais recíprocas e as mudanças a níveis individual e grupal. De seguida será abordado o primeiro pré-requisito, pois este coloca problemas no estudo da aculturação. Na revisão da literatura da aculturação notou-se que na investigação dominante da aculturação a avaliação acerca do que seja uma relação intercultural com uma cultura distinta é problemática, uma vez que nas sociedades norte americanas, por exemplo, os afro-americanos não pertencem a uma cultura distinta, sendo, no entanto, alvo de numerosas investigações. Assim sendo, a relação entre a dita maioria ou a sociedade alargada e os afro-americanos não assenta inteiramente num contato intercultural com uma cultura distinta, sendo que a aculturação poderá ser confundida com a socialização, a enculturação, a discriminação ou com as desigualdades sociais (Rudmin, 2009). Uma diferença entre as sociedades norte americanas e as europeias é visível quanto à diferença entre os significados das palavras de imigrantes temporários (*sojourners*) e de imigrantes, uma vez que estes últimos, nos Estados Unidos da América, são afigurados como colonos ou *settlers* (Berry, 1986; Sabatier & Berry, 1994). Contudo, na Europa os imigrantes são tratados como sendo trabalhadores temporários (Bilborrow, *et al.*, 1997; Levine, 2004), sendo ainda que na Europa o estudo da aculturação parece estar vertida para os imigrantes e não para o estudo dos grupos étnicos.

As influências recíprocas constituem-se como sendo o segundo pré-requisito do estudo da aculturação (Sam, 2006a). No entanto, as influências recíprocas são raramente abordadas (Berry, 2006c). Berry afirmou que existe um desequilíbrio de poder entre os grupos culturais (Berry, 1997) e que devido a essa razão a investigação se centra nas minorias étnicas, lembrando que o modelo de Berry assenta numa ideologia, ou seja, na

multicultural ou liberal. O terceiro pré-requisito do estudo da aculturação são as mudanças aculturativas (Sam, 2006a), as quais podem ser abordadas a nível individual ou grupal. O terceiro pré-requisito é mais consensual, no entanto, usualmente, apenas as mudanças nas minorias são abordadas.

A palavra aculturação foi cunhada por Powell, em 1880. A presença europeia na América do Norte tornou o estudo das línguas nativas muito difícil (Powell, 1891) e:

The force of acculturation under the overwhelming presence of millions of civilized people has brought great changes. Primitive Indian society has either been modified or supplanted, primitive religions have been changed, primitive arts lost, and, in like manner, primitive languages have not remained unmodified. The period of European association has been one of rapid growth and development, especially in the accumulation of new words. (Powell, 1880, p. 46)

Powell (1880) concebeu a aculturação como um processo com dois sentidos de influências culturais, pois os europeus também estavam a receber palavras dos nativos americanos. Contudo, a abordagem de Powell é “evolucionista”, uma vez que presume uma hierarquia entre as culturas. O estudo da aculturação abandonou as ideais evolucionistas devido ao trabalho de Boas (1966), sendo que a aculturação é suposta, hoje, ser um processo universal. Assim sendo, a aculturação reduz a diversidade cultural, porém, ao mesmo tempo, é suposta aperfeiçoar as culturas e as civilizações (Boas, 1896), pois são introduzidos elementos culturais inovadores, os quais permitem uma melhor adaptação aos meios natural e culturais. Portanto, a palavra aculturação implica um processo de aprendizagem entre as culturas, o qual funciona através da imitação. Boas (1896) escreveu que a aculturação era a principal forma para explicar a origem da cultura.

A aculturação foi também concebida como uma temática de aprendizagem por Hallowell (2002), em meados do século vinte, uma vez que as mudanças no “meio ambiente” estavam a desencadear estratégias de adaptação, as quais requerem aprendizagem. Hallowell (2002) adquire o conceito de imitação a partir de Dollard e Miller, sendo que um determinado grupo cultural não “pede emprestado” tudo, senão que apenas aquilo para o qual está motivado para “pedir emprestado”. Assim sendo, o processo de aculturação é suposto ser seletivo, dinâmico e motivado por decisões de

utilidade (Rudmin, 2009), sendo uma questão de aprendizagem (Bartlett 1923; Bourguignon, 1954; Rudmin, 2009).

Uma usual e consensual definição da aculturação provém do trabalho de Redfield, *et al.* (1936): “. . . those phenomena which result when groups of individuals having different cultures come into continuous first hand contact, with subsequent changes in the original culture patterns of either or both groups” (p. 149). Segundo Phinney, *et al.*, a aculturação é: “. . . broad concept referring to the changes that take place following intercultural contact”. (2006, p.71). Na Psicologia Intercultural Berry (2006a) define a aculturação como: “. . . a dual process of cultural and psychological change that takes place as a result of contact between two or more cultural groups and their individual members” (p. 13). Esta última definição faculta importância aos níveis individuais e grupais, sendo que Graves (1967) cunhou a palavra aculturação psicológica, vertendo a abordagem para as mudanças a nível individual e para o ponto de vista psicológico (Berry, 1997, 2001; Sam, 2006a).

Berry, *et al.* (2006) têm dividido os resultados da aculturação em mudanças socioculturais, psicológicas e económicas (Berry, 1997). Contudo, de resto, para além de ser um resultado, a aculturação é, sobretudo, um processo dinâmico (Simons, 1901a, 1901b). Matsumoto, *et al.* (2006) e Ward (2001) levaram a cabo uma separação entre a adaptação sociocultural, a qual está relacionada com as apreensões sociológicas e o ajustamento, o qual é psicológico e subjetivo. A diferenciação entre a adaptação sociocultural e o ajustamento estabelece uma diferença entre a Sociologia e a Psicologia, a qual se revelou útil para o presente trabalho porque a abordagem da aculturação se encontra, muitas vezes, limitada à adaptação sociocultural. No entanto, a aprendizagem é atribuída à adaptação sociocultural (Matsumoto, *et al.*, 2006; Ward, 2001) porque esta envolve a aquisição de competências culturais (Van de Vijver & Tanaka-Matsumi, 2008), não sendo atribuído ao ajustamento na literatura dominante. Assim dispondo, a perceção acerca da aculturação continua a ser feita através das avaliações de terceiros, a ser hétero, pois o processo de aculturação depende da aceitação dos terceiros (LaFromboise, *et al.*, 1993), mais do que um fenómeno relacionado com a aprendizagem. Portanto, a investigação na temática da aculturação dominante estará mais relacionada com a discriminação do que com a aprendizagem. No entanto, abordar a aculturação como um

fenómeno de aprendizagem tem alguns precedentes na Psicologia. Taft, R. (1957, 1963) atribuiu grande importância à aprendizagem e LaFromboise, *et al.* (1993) escreveram acerca das competências interculturais. A aprendizagem duma segunda língua é um dos maiores precedentes até porque a temática não se centra em questões de poder. Segundo Ward (2004), a aprendizagem cultural é uma das principais abordagens da aculturação, para além dos tópicos do *coping* e da identidade étnica. A abordagem da aprendizagem cultural enfatiza o conhecimento e a adaptação realizada mediante as competências culturais (Ward, Bochner & Furnham, 2001; Masgoret & Ward, 2006; Ward, 2004; Ward, *et al.*, 2001). No entanto, segundo Ward e Fischer (2008), a abordagem da aprendizagem cultural assenta nos trabalhos de Argyle e na teoria do *coping* de Lazarus (1999) porque a abordagem provém dos trabalhos acerca do choque cultural (Oberg, 1960). Em consequência, a abordagem da aprendizagem cultural está relacionada com a abordagem de *coping*, ou seja, com a temática da saúde, para além da discriminação.

A abordagem da aprendizagem cultural abarca a imigração, as relações interculturais de curta duração como o turismo ou a viagens de negócios (Cole, S., 2008; Phinney, 2000). Contudo, muitas vezes, as diferenças culturais entre as competências individuais e as exigências do novo meio são pensadas como um choque cultural (Cushner, 2004; Furnham, 1984; Furnham & Bochner, 1986; Reisinger, 2009; Reisinger & Turver, 2004), ou seja, como algo drástico que coloca em perigo a saúde mental. No entanto, Berry (2001, 2006b) adotou a expressão *stress* aculturativo de Ausubel (Rudmin, 2005) para evitar a expressão choque cultural.

Segundo Ward e Kennedy (1996), o ajustamento psicológico e o cultural dispõem de duas formas: uma ligada ao modelo de *coping*, a qual está assente no modelo de Berry (Berry, 1988a, 1988b) e outra assente no trabalho de Furnham e Bochner (1986) acerca do choque cultural. Estas abordagens enfatizam apenas o *distress*, esquecendo o *eustress*. Uma outra limitação é que a abordagem da aprendizagem cultural enfatiza a importância da formação intercultural (Brislin & Yoshida, 1994; Cushner & Brislin, 1996; Shaules, 2007a). Contudo, o conceito de competência cultural não está suficientemente conceptualizado (Spitzberg, 1994; Spitzberg & Changnon, 2009; Van de Vijver & Leung, 2009). No sentido de deslocar a abordagem para algo de inerente à Psicologia, Rudmin (2006, 2009, 2010) define a aculturação apenas como sendo a aprendizagem duma

segunda cultura (Rudmin, 2006, 2010), refocando a abordagem na aprendizagem. Assim sendo, a transmissão cultural abarca a socialização, a enculturação e a aculturação. A mudança cultural pode aparecer pela inovação dentro duma mesma cultura e através da aculturação entre culturas diferentes. Para além do afirmado, a presente investigação verificou que a aprendizagem aculturativa também se poderá realizar face à cultura original.

21.2 A ambiguidade da aprendizagem na aculturação

O estudo da aculturação, muitas vezes, implica diversos problemas e a maioria deles estão relacionados com razões históricas. A temática da aculturação provém da Antropologia (Powell, 1880) e, posteriormente, da Sociologia (Park, 1928), sendo que ambas as abordagens estão presentes na abordagem da Psicologia (Burman, 2007). O discurso da aculturação apareceu durante os tempos coloniais (Grenon, 1995). Depois disto, o discurso da aculturação voltou-se para dentro das sociedades multiculturais (diferentes culturas a viverem no mesmo espaço) na América do Norte, ainda sob a influência das ideias da difusão (Grenon, 1995). Assim sendo, nesta última, a temática emerge não mediante a relação com uma cultura completamente diferente, o qual é um requerimento básico para se falar da aculturação (Sam, 2006a). Mais tarde, no dealbar do século XX, a abordagem da aculturação abarcou o impacto da modernidade nos espaços urbanos e focou minorias imigrantes provenientes da Europa (Thomas & Znaniecki, 1918).

Segundo Bhatia (2002b), e Cole, M. (1996), a Psicologia está também implicada no discurso ambíguo do colonialismo. Este último tentou justificar as diferenças culturais, oprimindo os povos ditos inferiores (Okazaki, David & Abelman, 2008; Yang, 2000). Assim sendo, o construto da aculturação revela um significado ambíguo, pois, por um lado, ele emerge dos pontos de vista humanistas e universalistas, os quais estão presentes na postura ética da Antropologia, isto é, preservação dos legados culturais e, ao mesmo tempo, a inclusão de diferentes culturas no conhecimento ocidental, contudo, por outro lado, a aculturação emergiu sob fortes conflitos culturais e interculturais, sob o domínio ocidental (Malinowski, 1958). Esta posição ambígua pode ser percebida, ainda hoje,

porque a palavra “integração” pode ainda significar assimilação. Portanto, o significado da palavra “integração” varia consoante o modelo de aculturação e ainda conforme o contexto cultural ou cultura de referência (Snauwaert, Soenens, Vanbeselaere & Boen, 2003).

Segundo Franz Boas (1962, 1982b), o uso da linguagem, de utensílios e o poder da razão foram as características fundamentais para se definir o ser humano. Nas relações interculturais a avaliação acerca da capacidade racional (Berry, *et al.*, 2002) é empregue como uma fronteira cultural (Barth, 1969; Bartlett, 1923) para incluir ou para excluir as restantes culturas. De acordo com Bhatia (2002b), Cole M. (1996) e Jahoda (1992), em Psicologia, as diferenças entre os grupos culturais foram abordadas como sendo o resultado da relação entre o desenvolvimento sociocultural e o psicológico. Os povos colonizados eram percebidos como sendo irracionais ou não inteiramente racionais, isto é, faltava-lhes alguma característica cultural, a qual deveria ser educada. Assim dispondo, a aprendizagem adquiriu um sentido ambíguo nas relações interculturais. A ambiguidade ainda está presente, hoje, uma vez que, por exemplo, num estudo conduzido por Vala e Lima (2002), os portugueses atribuíam os traços naturais aos “negros” e os culturais aos “brancos”. De resto, segundo Soares e Jesuíno (2004), os portugueses são descritos como ativos e os nativos americanos como passivos do ponto de vista cultural.

A ideia humanista de estabelecer a capacidade racional enquanto característica universal foi mostrado, por exemplo, pelo antropólogo e sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, quando este reporta que René Maran⁴⁹ tinha ganho o prémio literário *Prix Goncourt*, em 1921 (Pallares-Burke, 2005). Conquanto as ideias humanistas e universalistas, a ambiguidade permanece, pois os supostos povos primitivos deveriam aculturar-se às culturas ocidentais ou a outra autoproclamada cultura superior, ou apenas porque entre a “realidade” social e o discurso existe uma diferença.

Nos estudos pós-coloniais, a relação entre a colonização e a aprendizagem, ou seja, a instrução (Rudmin, 2009) encontra-se bem descrita por Simon e Smith (2001). A aprendizagem e a escolarização foram os instrumentos coloniais mais efetivos na Nova

⁴⁹ René Maran foi um poeta e romancista da Guiana Francesa.

Zelândia. Tratava-se de remover a cultura maori e assimilar essa mesma cultura na anglo-saxónica. (Simon & Smith, 2001). Smith L. T. (1999) encontrou outra forma de estabelecer a colonização na Nova Zelândia, isto é, o princípio da ordem, a qual está também presente na avaliação portuguesa acerca das outras culturas. Segundo Ferronha (1991), a linguagem escrita, a ordem social, o poder militar, a riqueza económica e os traços fisiológicos foram elementos empregues nas avaliações dos portugueses acerca das culturas diferentes. A comparação intercultural realizada mediante o princípio da ordem gira em torno da presença ou da sua ausência de ordem social. A avaliação acerca da ausência de ordem social fornece a justificação para propagar a colonização europeia. Em Moçambique aprender a cultura portuguesa foi uma ferramenta da colonização, sendo que para assimilar as tribos africanas (Pereira, Z., 2000), a escolarização foi empregue. Em Portugal, Araújo e Maeso (2010) têm feito investigação acerca dos manuais escolares, revelando que, hoje, estes ainda veiculam a mentalidade colonial, evitando questões problemáticas como o racismo, a escravatura ou o genocídio dos nativos americanos. Portanto, as avaliações universalistas dos europeus poderão esconder um ponto de vista evolucionista, o qual afirma que a cultura ocidental se encontra no topo (Swartz & Rohleder, 2008).

Tal como foi reportado na análise de conteúdo, a aculturação realizada pelos jesuítas não evitou o discurso de domínio social (Arbuckle, 2010; Cabecinhas & Cunha, 2003; Edward, 2006; Grenham, 2005a, 2005b). Na relação intercultural entre o Japão e Portugal do século XVI, os portugueses percebiam a cultura japonesa muito bem organizada e regida pelo pensamento racional (Kouamé, 2009). Os jesuítas percebiam as religiões japonesas como sendo semelhantes às principais religiões do mundo (Hefner, 1993). Contudo, a influência da aprendizagem na assimilação prevalece na relação histórica com o Japão. Do ponto de vista europeu, o processo de mudança da cultura japonesa foi feito através da argumentação e da racionalidade, colocando a ênfase na aprendizagem como uma forma de obter uma conversão mais profunda. Assim sendo, a relação histórica entre Portugal e o Japão revela que a aculturação funciona a diferentes níveis, sendo seletiva e antagonística. A ambiguidade também está presente na missão jesuíta no Japão. Os jesuítas atribuíram uma grande importância à aprendizagem (Scheuer, 2002), às ideais universalistas do renascimento (Nakai, 2003) e à experiência direta como fonte de aprendizagem e do conhecimento (Morse, R. M., 1991). De resto, segundo a

cultura jesuíta, o processo de conversão ao catolicismo funcionada através dos meios considerados como racionais (Crook, 2004; O'Malley, 1993). O estudo da retórica foi ensinado na universidade de Paris, onde a ordem dos jesuítas aparece (O'Malley, 2000; Scheuer, 2002) e a aprendizagem estava relacionada com a adaptação cultural a outras culturas, no sentido de alargar a fé católica.

Edward Said escreveu que o discurso acerca do oriente era uma invenção do ocidente (Ashcroft & Ahluwalia, 2001), estabelecendo que os ocidentais não se adaptam a outras culturas, senão que espalham um ponto de vista etnocêntrico, criando “realidades” históricas. A nível epistemológico, na cultura ocidental, a emancipação pela razão é afigurada como tendo falhado (Punch, 2005). De acordo com Lyotard (2003), a ciência valida-se a ela própria e foi percebida como uma acumulação em nome da humanidade no sentido de se alcançar a liberdade e a harmonia social, deslocando-se do conhecimento para o social e para a ética.

21.3 O contexto português da aculturação

Herskovits estudou extensamente a temática da aculturação. Um dos principais objetivos do trabalho de Herskovits (1938) foi o de distinguir a aculturação da assimilação porque a aculturação envolve a reciprocidade e ajustamentos mútuos e a assimilação não implica a reciprocidade. De acordo com Herskovits (1938), a assimilação e a difusão são parte da aculturação e não o oposto. Assim sendo, o modelo de fusão deveria ser próximo da definição da aculturação porque ambos partilham as mesmas dimensões ou características. No entanto, a literatura da Psicologia Intercultural não está próxima da definição fornecida por Redfield, *et al.* (1936). No contexto histórico português a aculturação deveria ser facilmente concebida como um processo de aprendizagem mútua. No Brasil, os portugueses adotaram muitas características da cultura tupi, tais como a dieta, os modos de ser, o mobiliário e várias palavras (Veríssimo, 1887). Alguns homens portugueses “acasalaram-se” com mulheres tupis e os seus filhos foram agentes de aculturação em ambos os grupos culturais (Couto, 1999). O mesmo sucedeu com as mulheres escravas provindas do continente africano (Freyre, 1986; Oliveira, L. L., 2006).

Em resumo, a aculturação implica uma relação cultural com uma cultura diferente e trocas mútuas, as quais são aprendidas, muitas vezes, sob relações consensuais ou antagonísticas.

McGee (1898) distinguiu dois tipos de aculturação: uma amigável e outra antagonística. A aculturação amigável ou consensual é rica no seu conteúdo e é levada a cabo mediante a colaboração entre diferentes grupos culturais. A aculturação antagonística é violenta, pobre no seu conteúdo. No entanto, no contexto histórico português, muitas vezes, são reportados processos de aculturação com dois sentidos através de relações antagonísticas (Freyre, 1986).

Tal como foi reportado na análise de conteúdo, o contexto da aculturação portuguesa pode fornecer um novo ponto de vista à literatura anglo-saxónica, uma vez que uma cultura europeia (e minoritária), isto é, a portuguesa, é reportada como estando a fazer adaptação cultural. Esta “realidade” histórica foi transmitida durante gerações, elaborando uma suposta ideologia consensual e modelando a identidade portuguesa. A cultura histórica portuguesa, tal como foi definida por Freyre (1986), poderá ser percebida como estando próxima da definição da aculturação fornecida por Redfield, *et al.* (1936), contudo, muitas vezes, as relações interculturais portuguesas eram antagonísticas, conduzindo a temática da aculturação à ambiguidade.

Tal como foi dito acima, a aculturação está presente em muitos e diferentes discursos, mas a aculturação não é abordada, com frequência, diretamente como um processo de aprendizagem, nem tão pouco a palavra aculturação é, usualmente, em Portugal, aplicada nas investigações. Na literatura da emigração portuguesa encontrar artigos diretamente relacionados com a aprendizagem aculturativa é raro, tal como ocorre com o artigo de Becker (2009) ou Abreu e Lambert (2003). Em março de 2012, a presente investigação realizou uma revisão da literatura *on-line* na revista portuguesa *Análise Social*. A investigação procurava artigos científicos relacionados com as palavras emigração e aculturação. A palavra aculturação apenas apareceu uma vez (Almeida, C. C., 1975). Este autor dispõe dum outro trabalho, empregando a palavra aculturação (Almeida, C. C., 1973), mas o último trabalho não está presente nesta base de dados. Outra procura foi realizada junto à base de dados do Observatório da Emigração, sendo que apenas encontrou dois resultados, empregando a palavra aculturação, os quais foram realizados

por Almeida, C. C. (1975) e por Alpalhão e Rosa (1983), ou seja, apenas 0.5% dos trabalhos, constituindo-se como o resultado mais reduzido dentre todos os temas codificados. Todos os trabalhos estão assentes no Canadá enquanto país de “acolhimento” e os trabalhos estão escritos em português e em inglês (ver tabelas 29, 32 e 31, em anexo). Conquanto, a escassez de trabalhos relacionados com a aculturação da literatura da emigração e da imigração, em junho de 2012, foi encontrada uma outra base de dados, isto é, memoria-africa.ua.pt, sendo que a palavra aculturação apareceu cento e setenta e quatro vezes, sendo que esta base de dados abarca o período colonial. Assim sendo, a aculturação está, supostamente, relacionada com o período colonial e com a história portuguesa mais do que com as literaturas acerca da emigração ou da imigração. A Antropologia portuguesa está também relacionada com o poder colonial nos trabalhos de Tamagnini, de António Mendes Correa e em Jorge Dias (Almeida, M. V., 2002; Castelo, 1998; Leal, J., 2000b; Thomaz, 2001). No Portugal democrático, a palavra aculturação terá sido, neste caso, substituída por outras palavras, tal como aconteceu em França. A questão número seis do questionário pretendeu ainda saber se a aculturação é percebida como significando aprendizagem, se está relacionada com o etnocentrismo e se é valorizada no contexto português.

21.4 Resultados estatísticos da questão acerca da aculturação

No questionário a questão acerca do construto da aculturação está colocada em sexto lugar e pergunta aos sujeitos o que a aculturação significa. A questão pretendeu verificar o comportamento dos sujeitos portugueses e lusófonos (cabo-verdianos) às dimensões do construto. A diferença entre as culturas anglo-saxónica e a portuguesa existe também porque se presume que o construto de aculturação não funcione como uma questão de aprendizagem, apesar da presença da cultura luso-tropical, em Portugal, reportar aprendizagens mútuas. Portanto, é esperado que os sujeitos concordem mais com as dimensões do modelo de fusão do que com as dimensões do modelo multicultural, correspondendo à hipótese de trabalho H 5, sendo ainda que é suposto que a aculturação foi, sobretudo, abordada como uma matéria de aprendizagem durante o período colonial, tendo sido substituída por outras palavras, construtos ou preocupações científicas, correspondendo à hipótese H 5.1.

O construto da aculturação foi dividido pelas suas dimensões, tendo em conta a revisão da literatura, o contexto português da aculturação e as dimensões aculturativas dos quatro modelos da aculturação, os quais estão presentes no racional teórico, no capítulo número três acerca da aculturação. As dimensões estão expressas numa forma dicotómica. Os primeiros oito itens pertencem aos quatro modelos da aculturação, sendo ainda que do item 6.9 até ao item 6.14 foram formuladas três dimensões, isto é, a aprendizagem, o etnocentrismo e a valorização *versus* a desvalorização da aculturação. Cada modelo de aculturação está representado por dois itens. Os itens da assimilação são o 6.1 (Ser-se assimilado por outra cultura) e o item 6.2 (O fim da cultura minoritária).

Tabela 75: item 6.1 (Ser-se assimilado por outra cultura)

Amostras	N	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	10		18%	5	9%	22	39.0%	17	30.0%	2	4%
Imigrante (Cabo Verde)	0		0%	5	13%	15	38.0%	17	44.0%	2	5%
Emigrante portuguesa	0		0%	0	0%	15	40.5%	22	59.5%	0	0%
Total	10		8%	10	8%	52	39%	56	42%	4	3%

$F(2, 129) = 7.061, p = .001$

Tabela 76: item 6.2 (O fim da cultura minoritária)

Amostras	N	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	19		34%	12	21.5%	9	16%	12	21.5%	4	7%
Imigrante (Cabo Verde)	10		26%	7	18%	12	31%	8	20%	2	5%
Emigrante portuguesa	0		0%	0	0%	25	68%	10	27%	2	5%
Total	29		22%	19	14%	46	35%	30	23%	8	6%

$F(2, 129) = 7.540, p = .001$

Na tabela setenta e cinco, a amostra da maioria portuguesa no item 6.1 (Ser-se assimilado por outra cultura) obtém concordância. O resultado no teste ANOVA é de ($p = .001$), ou seja, existem diferenças entre as amostras. A amostra da maioria portuguesa é diferente face às outras duas amostras, sobretudo, face à amostra de emigrantes portugueses: ($p = .002$). A resposta da amostra da maioria portuguesa ao item 6.2 (O fim da cultura minoritária) da tabela setenta e seis é vaga ou inconclusiva. A maioria da amostra de imigrantes cabo-verdianos respondeu que a aculturação significa assimilação (item 6.1), pois 44% dos sujeitos estão a concordar totalmente. Na amostra de emigrantes

portugueses o item 6.1 (Ser-se assimilado por outra cultura) obtém 59.5% de concordância total, sendo a percentagem mais elevada das amostras. Tal como é observável na tabela setenta e seis, no item 6.2 (O fim da cultura minoritária) obtém concordância, sendo também a percentagem mais elevada das amostras. O resultado da ANOVA para o item 6.2 é de ($p = .001$), sendo que é a amostra de emigrantes portugueses que estabelece a diferença cultural face aos imigrantes ($p = .013$) e à amostra da maioria portuguesa ($p = .001$). Em resumo, os sujeitos atribuem as dimensões do modelo de assimilação ao construto da aculturação. A dimensão da assimilação é, particularmente, robusta na amostra de emigrantes portugueses.

Tabela 77: item 6.3 (A manutenção de todas as culturas)

Amostras	N	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	14		25%	17	30%	14	25%	9	16%	2	4%
Imigrante (Cabo Verde)	12		31%	14	36%	9	23%	2	5%	2	5%
Emigrante portuguesa	0		0%	7	19%	11	30%	17	46%	2	5%
Total	26		20%	38	29%	34	26%	28	21%	6	4%

$F(2, 129) = 13.825, p = .000$

Tabela 78: item 6.4 (A não interação entre as culturas)

Amostras	N	Discordo totalmente		Discordo pouco		concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	31		56.5%	9	16.5%	8	14.5%	4	7%	3	5.5%
Imigrante (Cabo Verde)	13		33%	10	26%	10	26.0%	4	10%	2	5.0%
Emigrante Portuguesa	3		8%	24	65%	9	24.0%	0	0%	1	3.0%
Total	47		36%	43	33%	27	20.5%	8	6%	6	4.5%

$F(2, 128) = 1.849, p = .162$

Os itens que expressam as dimensões do modelo multicultural são o 6.3 (A manutenção de todas as culturas) e o 6.4 (A não interação entre as culturas). Tal como é observável na tabela setenta e sete, na amostra da maioria portuguesa o item 6.3 obtém a maioria da amostra em discordância, ou seja, a aculturação não significa manutenção cultural. Tal como é visível na tabela setenta e oito no item 6.4 (A não interação entre as culturas) 56,5% dos sujeitos da amostra da maioria portuguesa discordam totalmente. Na amostra de imigrantes cabo-verdianos o item 6.3 (A manutenção de todas as culturas) da tabela setenta e sete, obteve percentagens mais elevadas de discordância do que a amostra da maioria portuguesa, ou seja, 67% dos sujeitos, juntando as duas opções de resposta

discordantes. A amostra de imigrantes cabo-verdianos também discorda com o item 6.4 (A não interação entre as culturas) da tabela setenta e oito, revelando que a aculturação significa interação e que a amostra de cabo-verdianos partilha a preferência pela fusão. Na amostra de emigrantes portugueses o item 6.4 (A não interação entre as culturas) obteve desacordo. O item 6.3 (A manutenção de todas as culturas) obteve 46% dos sujeitos em concordância total. Portanto, é a única amostra que atribui à aculturação a dimensão da manutenção cultural. No item 6.3 o resultado da ANOVA é de ($p = .000$) e é a amostra de emigrantes portugueses que se diferencia face às restantes duas amostras, tendo em conta o teste Bonferroni Post-hoc multiples comparisons: em relação à amostra de imigrantes cabo-verdianos ($p = .000$) e face à amostra da maioria portuguesa ($p = .000$).

Em resumo, a aculturação não significa manutenção da cultura no contexto português e apenas a amostra de emigrantes portugueses concorda com o item 6.3 (A manutenção de todas as culturas). A aculturação implica interação cultural em todas as amostras, o que enfatiza as dimensões do modelo da fusão anexas ao significado da palavra aculturação, em detrimento do modelo multicultural.

Tabela 79: item 6.5 (A mistura entre as culturas)

Amostras	N	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	7		12.5%	7	12.5%	23	41%	15	27%	4	7%
Imigrante (Cabo Verde)	5		13%	14	36%	8	20%	10	26%	2	5%
Emigrante portuguesa	0		0%	1	3%	29	78%	7	19%	0	0%
Total	12		9%	22	17%	60	45.5%	32	24%	6	4.5%

$F(2, 129) = 1.886, p = .156$

Tabela 80: item 6.6 (A interação entre todas as culturas)

Amostras	N	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	7		12.5%	7	12.5%	22	39%	17	31.0%	3	5%
Imigrante (Cabo Verde)	5		13.0%	8	21.0%	13	34%	10	26.5%	2	5.5%
Emigrante portuguesa	2		5.5%	9	24.0%	21	57%	2	5.5%	3	8%
Total	14		11%	24	18%	56	43%	29	22%	8	6%

$F(2, 128) = .363, p = .696$

As dimensões do modelo da fusão são representadas pelo item 6.5 (A mistura entre as culturas) e pelo item 6.6 (A interação entre todas as culturas) das tabelas setenta e nove e oitenta, respetivamente. Na amostra da maioria portuguesa era esperado que os itens de

fusão obtivessem mais concordância do que nos itens multiculturais, porém quase o mesmo resultado do que os itens da assimilação. Nos resultados observados a maior parte da amostra da maioria portuguesa concorda com o item 6.5 (A mistura entre as culturas) e com o item 6.6 (A interação entre todas as culturas), presentes nas tabelas setenta e nove e oitenta, respetivamente. Assim sendo, a amostra da maioria faculta as dimensões do modelo de fusão como significando aculturação.

Na amostra de imigrantes cabo-verdianos, o item 6.5 (A mistura entre as culturas) é inconclusivo. No item 6.6 (A interação entre todas as culturas) a amostra atribui a interação ou um sentido de fusão ao construto da aculturação. Na amostra de emigrantes portugueses os sujeitos pensam que a aculturação significa interação entre todas as culturas (item 6.6) e misturas culturais (item 6.5). Nenhum dos itens diferencia as amostras, pois o resultado do teste ANOVA no item 6.5 é de ($p = .156$) e no item 6.6 é de ($p = .696$). A não diferenciação das amostras é significativa, uma vez que todas as amostras avaliam de modo positivo as dimensões do modelo de fusão e, quiçá, o luso-tropicalismo, atribuindo as dimensões do modelo de fusão ao construto da aculturação, remetendo para a hipótese H 5, pois as amostras concordam mais com as dimensões do modelo da fusão do que com o multicultural.

Tabela 81: item 6.7 (A adaptação ao local de trabalho)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	9	16%	17	31%	13	23%	12	21%	5	9%
Imigrante (Cabo Verde)	6	15%	5	13%	19	49%	6	15%	3	8%
Emigrante portuguesa	1	3%	1	3%	12	32%	20	54%	3	8%
Total	16	12%	23	17.5%	44	33%	38	29%	11	8.5%

$F(2, 129) = 7.587, p = .001$

Tabela 82: item 6.8 (Ser funcional na nova cultura)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	8	14%	6	11%	21	37.5%	18	32%	3	5.5%
Imigrante (Cabo Verde)	2	5%	9	23%	19	49.0%	6	15%	3	8.0%
Emigrante portuguesa	0	0%	1	3%	13	35.0%	17	46%	6	16%
Total	10	8%	16	12%	53	40%	41	31%	12	9%

$F(2, 129) = 7.776, p = .001$

As dimensões do modelo intercultural estão expressas no item 6.7 (A adaptação ao local de trabalho) e no item 6.8 (Ser funcional na nova cultura). Tal como é observável na tabela oitenta e um, na amostra da maioria portuguesa o item 6.7 (A adaptação ao local de trabalho) obtém concordância. O mesmo sucede com o item 6.8 (Ser funcional na nova cultura), presente na tabela oitenta e dois, porém a concordância é mais intensa. Na amostra de imigrantes cabo-verdianos o item 6.7 (A adaptação ao local de trabalho) obtém a concordância dos sujeitos e no item 6.8 também, quase com a mesma intensidade do que na amostra da maioria portuguesa. Os resultados dos testes ANOVA são iguais em ambos os itens ($p = .001$) e, no teste Bonferroni Post-hoc multiples comparisons, a amostra de emigrantes portugueses estabelece uma diferenciação face às restantes amostras em ambos os itens. A amostra de emigrantes portugueses também concorda com os itens, sendo diferente na intensidade da concordância, mas não na direção das respostas. Portanto, as amostras estão a concordar com as dimensões do modelo intercultural, atribuindo-os como significando aculturação. Porém, o modelo intercultural encontra-se definido duma forma não robusta e ambígua no racional teórico. Os resultados estão a reportar que todas as amostras atribuem um significado utilitário ao construto da aculturação porque os resultados totais das amostras são mais elevados no item 6.8 (Ser funcional na nova cultura) do que no item 6.7 (A adaptação ao local de trabalho).

Tabela 83: item 6.9 (Que todas as culturas são iguais)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	21	38.0%	9	16.0%	9	16%	12	21%	5	9%
Imigrante (Cabo Verde)	12	31.0%	9	23.0%	9	23%	7	18%	2	5%
Emigrante Portuguesa	5	13.5%	29	78.5%	1	3%	0	0%	2	5%
Total	38	29%	47	36%	19	14%	19	14%	9	7%

$F(2, 129) = 1.502, p = .226$

Tabela 84: item 6.10 (Que há culturas que estão a influenciar outras)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	11	19.5%	7	12.5%	20	36%	15	27%	3	5%
Imigrante (Cabo Verde)	2	5%	7	18%	18	46%	10	26%	2	5%
Emigrante portuguesa	1	3%	0	0%	27	73%	9	24%	0	0%
Total	14	10.5%	14	10.5%	65	49%	34	26%	5	4%

$F(2, 129) = 1.418, p = .246$

Do item 6.9 até ao item 6.14 as opções de respostas não estão relacionadas com qualquer modelo de aculturação. Os itens estão a expressar dimensões presentes na literatura acerca da aculturação. Os primeiros itens estão relacionados com a dimensão do etnocentrismo. Os itens são o 6.9 (Que todas as culturas são iguais) e o 6.10 (Que há culturas que estão a influenciar outras). A dimensão do etnocentrismo foi formulada porque na literatura francesa a palavra aculturação foi abandonada (Brégent, *et al.*, 2008; Sabatier & Boutry, 2006), uma vez que a palavra, supostamente, mostra um ponto de vista etnocêntrico, contém características coloniais e ainda porque se relaciona com os discursos de poder. De resto, durante o trabalho etnográfico de campo era usual receber uma receção não empática, quando o doutorando dizia que trabalhava a temática da aculturação. Tal como na cultura francesa, o ponto de vista etnocêntrico é suposto ser valorizado na cultura portuguesa, pois ambas as culturas funcionam através de valores individualistas (Vala & Lima, 2002) e porque ambas culturas partilham a teoria da dominância social (Sidanius & Pratto, 1999), a qual faz parte dos passados coloniais de ambos os países.

Como é observável na tabela oitenta e três, na amostra da maioria portuguesa o item 6.9 (Que todas as culturas são iguais) obteve 38% dos sujeitos em discordância total, o qual é consistente com a perceção de assimilação do construto (itens 6.1 e 6.2). No item 6.10 (Que há culturas que estão a influenciar outras), presente na tabela oitenta e quatro, a amostra obteve 36% de concordo um pouco, sendo consistente com os resultados ao item 6.9 (Que todas as culturas são iguais). Os resultados observados não estão a encontrar qualquer contradição entre os itens e apontam para a dominância social (Sidanius & Pratto, 1999) e para o etnocentrismo. Os resultados poderão explicar porque a palavra aculturação não é empregue no contexto português. Na amostra de imigrantes cabo-verdianos o item 6.9 (Que todas as culturas são iguais) obteve a maior parte da amostra em desacordo. O item 6.10 (Que há culturas que estão a influenciar outras) obteve a maior parte dos sujeitos em concordância. Os resultados da amostra imigrante cabo-verdiana são quase iguais ao da maioria portuguesa. Na amostra de emigrantes portugueses o item 6.9 (Que todas as culturas são iguais) obteve os níveis mais elevados de desacordo: 78.5% dos sujeitos concordam um pouco. E no item 6.10 (Que há culturas que estão a influenciar outras) a amostra obtém 73% dos sujeitos concordando um pouco, ou seja, a maior percentagem de concordância das três amostras. O teste ANOVA não diferencia as amostras em ambos os itens, o que se revela significativo, pois os dois itens são consensuais às diferentes amostras.

Em resumo, nas três amostras a aculturação significa que as culturas não são iguais e que existem culturas que influenciam outras. Os resultados poderão explicar porque a palavra aculturação não é empregue na cultura portuguesa, tal como a revisão da literatura e a análise estatística à base de dados do Observatório da Emigração reportaram. Os resultados poderão ser explicados pelo passado colonial português, o que poderá ser interessante verificar em investigações posteriores. A palavra aculturação, tal como na cultura francesa, terá sido preterida devido à sua ligação com o passado colonial, até porque ela é frequente na base de dados do *site* memória de África e do Oriente: <http://memoria-africa.ua.pt/>.

Tabela 85: item 6.11 (A aprendizagem entre as culturas)

Amostras	N	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	3		5.0%	15	27.0%	16	29%	19	34%	3	5%
Imigrante (Cabo Verde)	13		33.5%	8	20.5%	9	23%	7	18%	2	5%
Emigrante portuguesa	2		5.0%	24	65.0%	10	27%	0	0%	1	3%
Total	18		14%	47	36%	35	26%	26	20%	6	4%

$F(2, 129) = 7.907, p = .001$

Tabela 86: item 6.12 (A não aprendizagem entre as culturas)

Amostras	N	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	30		54%	9	16.0%	10	18.0%	4	8.0%	3	5%
Imigrante (Cabo Verde)	12		31%	6	15.5%	11	28.0%	8	20.5%	2	5%
Emigrante Portuguesa	4		11%	4	11.0%	28	75.5%	1	2.5%	0	0%
Total	46		35%	19	14%	49	37%	13	10%	5	4%

$F(2, 129) = 5.991, p = .003$

A aprendizagem é uma dimensão fundamental do construto da aculturação (Rudmin, 2009). Os itens que se referem à aprendizagem são os itens 6.11 (A aprendizagem entre as culturas) e o 6.12 (A não aprendizagem entre as culturas). A investigação esperava que a aculturação não fosse valorizada como um processo de aprendizagem porque a aculturação não é abordada como tal na cultura portuguesa e porque na literatura predominam as apreensões sociológicas acerca das relações de poder entre os grupos culturais. Assim sendo, era esperado que os itens obtivessem percentagens baixas de concordância em todas as amostras. No entanto, como é observável na tabela

oitenta e cinco, a maior parte da amostra da maioria portuguesa atribuiu concordância ao item 6.11 (A aprendizagem entre as culturas). Portanto, o resultado esperado não é confirmado. No item 6.12 (A não aprendizagem entre as culturas), da tabela 86, a amostra mostrou-se consistente com as respostas fornecidas ao item 6.11, uma vez que 54% dos sujeitos discordam totalmente. O resultado do teste da ANOVA é de ($p = .001$). A amostra da maioria portuguesa estabelece uma diferença face às outras duas amostras, ou seja, a amostra dos imigrantes cabo-verdianos ($p = .008$) e a amostra dos emigrantes portugueses ($p = .002$).

Na amostra imigrante cabo-verdiana a maior parte dos sujeitos discordam com o item 6.11 (A aprendizagem entre as culturas), na tabela oitenta e cinco. Na tabela oitenta e seis os resultados observados no item 6.12 (A não aprendizagem entre as culturas) foram inconclusivos. Na amostra de emigrantes portugueses o item 6.11 (A aprendizagem entre as culturas) obteve discordância. No item 6.12 (A não aprendizagem entre as culturas) 76% dos sujeitos da amostra concordam um pouco.

Em resumo, os resultados esperados não se confirmam na amostra maioritária porque esta afirma que a aculturação significa aprendizagem entre as culturas. No entanto, talvez a diferença entre as amostras seja devida ao estatuto social dos imigrantes e, sobretudo, dos emigrantes portugueses. Os resultados na amostra da maioria poderão ser devidos à baixa perceção de ameaça simbólica (ver tabelas 3, 5, 7, 9 e 11, em anexo). Na amostra imigrante cabo-verdiana é possível que a aculturação esteja relacionada com o passado colonial. Na amostra de emigrantes portugueses os resultados poderão ser explicados porque em França a palavra aculturação foi substituída por outras, ou seja, os resultados poderão ser devidos ao processo de enculturação em França.

Tabela 87: item 6.13 (O não progresso cultural)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	29	52%	13	23%	6	11%	6	11%	2	3%
Imigrante (Cabo Verde)	17	44%	6	15%	8	20%	5	13%	3	8%
Emigrante portuguesa	1	3%	6	16%	27	73%	0	0%	3	8%
Total	47	36%	25	19%	41	31%	11	8%	8	6%

$F(2, 129) = 9.220, p = .000$

Tabela 88: item 6.14 (O progresso cultural)

	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
Amostras	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	9	16%	5	9.0%	24	43%	15	27%	3	5%
Imigrante(CaboVerde)	6	15%	7	18.0%	13	33%	9	23%	4	10%
Emigrante portuguesa	3	8%	22	59.5%	7	19%	1	2.5%	4	11%
Total	18	14%	34	26%	44	33%	25	19%	11	8%

$F(2, 129) = 2.314, p = .103$

A investigação formulou uma última dimensão, isto é, a valorização *versus* a desvalorização. Os itens são o 6.13 (O não progresso cultural) e o item 6.14 (O progresso cultural). Na cultura da aculturação portuguesa trocar características culturais é presumido ser algo de intrínseco. A tabela oitenta e sete mostra que na amostra da maioria portuguesa o item 6.13 (O não progresso cultural) obteve 52% dos sujeitos a discordarem totalmente. A tabela oitenta e oito mostra que a amostra no item 6.14 (O progresso cultural) obtém concordância. A direção dos resultados na amostra de imigrantes cabo-verdianos é a mesma. Na amostra de emigrantes portugueses o item 6.13 (O não progresso cultural) dispõe de 73% dos sujeitos concordando um pouco e no item 6.14 (O progresso cultural) 59.5% dos sujeitos discordaram um pouco. Assim dispondo, as respostas da amostra de emigrantes portugueses são distintas face às outras duas amostras e os resultados esperados são apenas confirmados nesta amostra. A nível inferencial, os resultados da amostra de emigrantes portugueses podem ser explicados mediante as elevadas apreensões acerca da mudança cultural da cultura portuguesa, uma vez que a questão acerca da perceção de ameaça a níveis simbólico, económico e de segurança obtém elevadas percentagens (ver tabelas 3, 5, 7, 9 e 11, em anexo). E ainda porque os emigrantes portugueses estão a viver em França, ou seja, num país onde a palavra aculturação não é, usualmente, utilizada.

21.5 Notas finais

A hipótese H 1.2 confirma-se porque, na cultura portuguesa, existe uma falta de equivalência e um viés de construto no próprio construto da aculturação. Na cultura portuguesa a palavra aculturação significa misturar culturas e interação intercultural, mas

não a manutenção cultural. De acordo com a revisão da literatura, a aculturação foi abordada como uma matéria da aprendizagem apenas nos tempos coloniais, mas foi preterida. A hipótese número 1.2 contribui para se alcançar o primeiro objetivo geral da investigação, isto é, para contextualizar e para explorar a cultura portuguesa da aculturação. Contudo, as hipóteses 5 e 5.1 também contribuem para o segundo objetivo geral, pois mostram a aculturação como um processo de aprendizagem com dois sentidos. Na cultura portuguesa é difícil estudar diretamente a aculturação (ou usar a palavra aculturação, mas não o fenómeno) pois esta foi como que abandonada não apenas como aprendizagem, senão que também a própria palavra. O uso de sucedâneos como a aculturação material ou a linguagem poderá resolver o problema, pois é possível abordar a temática enquanto um processo de aprendizagem com dois sentidos. No entanto, o emprego das dimensões dos modelos da aculturação permite abordar a aculturação diretamente, não relacionando o fenómeno da aculturação às temáticas da discriminação ou do estatuto socioeconómico, tal como foi formulado nos eixos do subcapítulo três ponto cinco.

As investigações posteriores devem estar conscientes de que o modelo multicultural pode partilhar dimensões com o modelo de fusão face aos instrumentos elaborados na cultura anglo-saxónica. Assim sendo, os sujeitos irão responder não apenas acerca da manutenção cultural, mas também acerca da interação e das misturas interculturais, sendo ainda que a adaptação cultural é consensual no contexto português ou lusófono. A inferência dos resultados estatísticos e das comparações interculturais poderão ter em consideração o contexto cultural, reduzindo o viés cultural e a falta de equivalência ao contexto português e lusófono, ou seja, a preferência pela opção de integração, em Portugal, poderá existir, mas isso não significa o fim da cultura original, sendo possível que os sujeitos estejam a apontar também para as misturas culturais. A hipótese H 5 foi também confirmada porque a construto de aculturação não significa aprendizagem, conquanto a presença da cultura luso-tropical. Contudo, as amostras estão a concordar mais com as dimensões do modelo de fusão do que com as dimensões do modelo multicultural.

A introdução do estatuto social, ou seja, das motivações permite observar um nível “real” e um “ideal” nas preferências aculturativas. A cultura portuguesa prefere as

misturas culturais, tal como está enunciado na teoria luso-tropical (Freyre, 1986), no entanto, a avaliação “realista”, isto é, a que tem em consideração as motivações das amostras é a dominante, inclusivamente, no próprio construto da aculturação. O passado histórico e, no caso da aculturação, o passado das colonizações portuguesas parecem ter um efeito importante não apenas em como os sujeitos das diferentes amostras de comportam face às dimensões do construto, senão que também para dentro da própria investigação do fenómeno da aculturação, sendo que esta é também influenciada pelas culturas externas à cultura portuguesa, por exemplo, por Freyre (1986) ou devido à influência da cultura francesa na literatura da emigração. Assim sendo, na cultura portuguesa o construto da aculturação e a sua aplicação ganham sentidos seletivos e normativos, tal como o construto da cultura.

A introdução do trabalho etnográfico de campo e da abordagem transnacional, na medida em que estas têm em conta as práticas sociais, revelaram-se fundamentais para ultrapassar as contradições, as ambiguidades e os dilemas da temática da aculturação. As futuras investigações não poderão estar centradas em qualquer modelo específico, sendo que a investigação se poderá guiar pelas dimensões dos diferentes modelos (tal como foram formulados no subcapítulo três ponto cinco) e ainda através dos traços visíveis da aculturação, por exemplo, a aculturação material ou a linguagem e não através de sucedâneos da aculturação. A investigação poderá abordar, ao mesmo tempo, a manutenção, a adaptação e as misturas culturais, pois a aprendizagem é observável em todas elas, sendo ainda que poderão surgir juntas. A cultura poderá ser abordada como um processo em permanente criação, ou seja, dinâmico, sendo que é possível também aprender a cultura original, pois a cultura é recriada e dinâmica. Como no capítulo número dezoito acerca da emigração portuguesa, a solução encontrada para a não existência dum modelo apropriado foi deslocar a análise dos problemas socioculturais de domínio social para a aculturação como um processo dinâmico e interativo, o qual é multidimensional, relativo, seletivo e negociado, não esquecendo a importância da discriminação. O estudo terminou por dar resposta ao segundo objetivo geral, isto é, o abordar a aculturação como um fenómeno de aprendizagem, sendo que a temática da aculturação está relacionada com relações de poder assimétricas e com o passado histórico, relevando-se ambíguo. A investigação, tal como o trabalho etnográfico de campo e a abordagem transnacional mostram, poderá centrar-se na aculturação como um fenómeno dinâmico e interativo.

IV. Conclusões

22. Discussão, limitações, sugestões e conclusões

A presente investigação afirma que as noções teóricas não são independentes dos contextos nos quais são formuladas (Bandura, 1999b; Cronbach & Meehl, 1955; Faucheux, 1976; Poortinga, 1997; Sinha, 1997; Van Raaij, 1978). A aceitação da especificidade cultural portuguesa e lusófona conduziu a investigação às temáticas da equivalência e do viés de construto (Poortinga, 1997). A questão fundamental poderá ser: podem os resultados de diferentes culturas (diferenças e semelhanças culturais) serem interpretados da mesma forma, ou seja, através do mesmo quadro de referência teórico? (Van de Vijver & Tanzer, 1997). Para além do mais, segundo Taft, R. (2007), a aculturação é influenciada pelas “ideologias” nacionais (Coenders, *et al.*, 2008) e pelos diferentes contextos sociais. Na presente investigação é suposto que as “ideologias” e os contextos sociais são também influenciados pelas estruturas históricas, sendo ainda que estas últimas podem moldar a reação às atuais relações interculturais (László, 2003), isto é, sobretudo, no presente caso, podem moldar as reações à emigração e à imigração enquanto processos de aculturação.

Nesta investigação, tratou-se, pois, de contextualizar a cultura portuguesa da aculturação, tendo em conta uma perspetiva diacrónica e sincrónica, no sentido de entender como o construto da aculturação funciona na cultura portuguesa, pois, conquanto a longa e rica experiência intercultural portuguesa e ainda das relações interculturais se constituírem como parte da identidade portuguesa (Lourenço, E., 1978, 1988, 1989a, 1989b, 1994; Martins, 1956; Mattoso, 1998; Saraiva, 1995, 1996; Silva, A., 2009), o construto da aculturação é, grosso modo, pouco utilizado ou abordado na cultura portuguesa, não se constituindo como uma ferramenta conceptual para compreender a “realidade” cultural portuguesa.

Assim dispondo, o objetivo último da presente tese de doutoramento é a elaboração teórica em torno da cultura da aculturação portuguesa, pressupondo que existe uma diferença face à cultura anglo-saxónica e um viés de construto e, sobretudo, uma falta

de equivalência face à cultura anglo-saxónica, assistindo-se à necessidade de explorar e de contextualizar a cultura portuguesa da aculturação para melhor compreender a aplicação da literatura anglo-saxónica em fenómenos aculturativos tais como a emigração e a imigração portuguesas. Do ponto de vista metodológico e epistemológico, pretendeu-se, pois, complementar a literatura anglo-saxónica e contextualizar e atualizar a cultura portuguesa da aculturação. Portanto, no presente trabalho a maior preocupação da investigação não foi apenas o teste empírico, senão que, sobretudo, a elaboração teórica (McGuire, 1973, 1983, 1997, 1999). O primeiro objetivo geral, isto é, o explorar e o contextualizar a cultura portuguesa da aculturação implicou comparar a cultura portuguesa com a anglo-saxónica, mas implicou também comparar os diversos modelos da aculturação e as suas respetivas dimensões aculturativas, na tentativa de observar padrões de aculturação, na medida em que a confrontação teórica é afigurada como um processo de descoberta científica (Corbin & Strauss, 2008).

A investigação cumpriu os quatro momentos referidos na introdução, sendo que os objetivos gerais se cumpriram parcialmente. O primeiro passo da investigação ficou marcado pela curiosidade inicial, a qual persiste até ao derradeiro passo da investigação. O primeiro objetivo geral, isto é, o explorar e o contextualizar a cultura portuguesa da aculturação e o segundo, o qual pretendeu deslocar a abordagem para a aculturação enquanto fenómeno de aprendizagem recíproca, merecem posteriores esforços científicos, uma vez que a investigação ganhou uma forma exploratória, a qual poderá ser aprofundada e complementada em posteriores investigações. Como já foi afirmado acima, ambos os objetivos gerais pretenderam estabelecer uma comparação com a cultura anglo-saxónica, conduzindo à primeira hipótese geral de trabalho porque era suposto que o discurso histórico português acerca da aculturação não se adequasse à cultura anglo-saxónica e à literatura dominante, a qual provém também da cultura anglo-saxónica. No primeiro momento da investigação, a curiosidade conduziu a uma revisão da literatura, a qual envolveu a literatura histórica portuguesa, nomeadamente, a literatura acerca da relação intercultural portuguesa com o Japão e ainda a uma revisão à literatura da Psicologia Intercultural.

Na sequência da revisão da literatura, num segundo momento da investigação, uma perplexidade metodológica irrompeu mediante a constatação de que a cultura anglo-

saxónica e dominante da aculturação não aborda a aculturação como um fenómeno de aprendizagem recíproca, mas que a cultura histórica portuguesa reportava aprendizagem mútua de forma “natural”, pois a aprendizagem intercultural é afigurada como sendo parte da identidade portuguesa (Lourenço, E., 1986, 1988, 1989a, 1989b, 1994; Martins, 1956; Mattoso, 1998; Saraiva, 1995, 1996; Silva, A. (2009) e, inclusivamente, lusófona (Freyre, 1986). Neste segundo momento da investigação tratou-se, pois, de demonstrar, mediante uma análise de conteúdo a algumas obras literárias do século XVI, que a cultura portuguesa reporta e é caracterizada pela aprendizagem recíproca, pois ambas as culturas aprendem e mudam mediante a relação intercultural. A investigação do fenómeno da aculturação requer três pré-requisitos: o contato cultural com uma cultura diferente, a reciprocidade das influências culturais e as mudanças a nível coletivo e individual (Sam, 2006a). Em consequência, a relação intercultural entre o Japão e Portugal encontrava-se dentro desses parâmetros e prestava-se, portanto, à referida análise.

A análise de conteúdo levou-se a cabo após uma revisão da literatura acerca da aculturação. Tratou-se de adaptar e desenvolver o modelo de Rudmin (2009) ao contexto da aculturação português. Rudmin (2009) define a aculturação como sendo a aprendizagem duma segunda cultura, colocando a ênfase também nas motivações aculturativas. A discriminação e o estatuto socioeconómico são consideradas como variáveis de controlo. As quatro formas de aprender uma segunda cultura, isto é, o obter informação, a imitação, a instrução, e o *mentoring* são condicionadas pelas motivações aculturativas, as quais incluem as atitudes, a identidade étnica, o *distress* versus o *eustress* e a decisão de utilidade (ver figura 17). No modelo de Rudmin (2009), as motivações condicionam a aprendizagem aculturativa, as quais conduzem ao terceiro estágio do modelo, isto é, às mudanças aculturativas.

Tratou-se, pois, de unir os dois objetivos gerais, sendo que era pressuposto que o discurso histórico português acerca da aculturação não se adequasse à cultura anglo-saxónica e à literatura multicultural dominante, correspondendo à hipótese de trabalho H 1. A análise de conteúdo empregue nas obras de Fernão Mendes Pinto (1989a, 1989b) e de Luís de Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984) dos capítulos quinze e dezasseis, confirmavam esta primeira hipótese, pois o discurso histórico português reporta aprendizagem recíproca, sendo que a relação intercultural com o Japão e o processo de

aprendizagem foi moldado por fortes motivações em ambas as culturas em contato, relevando-se a relação intercultural antagónica (McGee, 1898), uma vez que as culturas em contato intercultural revelam apreensões acerca das suas mudanças culturais. Para além do mais, o discurso histórico português é distinto e também não se adequa à literatura anglo-saxónica dominante da aculturação porque as motivações moldam as atitudes culturais, sendo que as atitudes poderão ser conflituosas, problemáticas e até consensuais, consoante a interceção das atitudes e das diferentes motivações intragrupais das culturas japonesa e portuguesa (Bourhis, *et al.*, 1997). Na análise de conteúdo reportou-se que a relação intercultural, as atitudes culturais e a aprendizagem variavam consoante as motivações fossem intrínsecas ou extrínsecas. As diferentes atitudes e os processos de aprendizagem também são distintos consoante os grupos sociais, oferecendo a oportunidade de verificar diferenças intergrupais entre a cultura japonesa e a portuguesa, mas também diferenças intragrupais, correspondendo à H 2.2. Por seu turno, a relevância das motivações sobre as atitudes culturais corresponde à H 2.1. A investigação revela, aqui, uma limitação maior, pois as possíveis relações entre as motivações, as atitudes e os diferentes tipos de aprendizagem aculturativas não foram suficientemente aprofundadas. As formas de aprendizagem numa segunda cultura propostas por Rudmin (2009) estão todas presentes, sendo que podem emergir juntas nas obras analisadas. A presente investigação acrescentou a argumentação ou a disputa racional, a viagem e a curiosidade como formas de aprender uma segunda cultura. Após a entrega da tese e antes da sua defesa pública, o viajar (Métraux, 1956; Smith, M. B., 1956) foi acrescentado enquanto uma forma de aprender uma segunda cultura, podendo relacionar-se com o turismo e com as viagens com fins educativos, por exemplo, com o programa Erasmus. A curiosidade é, particularmente, importante na obra de Pinto (1989a, 1989b) e a argumentação em Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984) devido às características culturais dos jesuítas. A instrução e a imitação ocuparam também um lugar central na análise de conteúdo realizada à obra maior de Fróis, revelando a importância do estatuto social (Castro, J. F. P., 2012), pois um estatuto social elevado poderá conduzir à imitação do modelo cultural por parte das restantes culturas (Bandura, *et al.*, 1961), sendo ainda que instruir os japoneses com estatuto social elevado poderia também conduzir à influência social e à imitação social e cultural, ou seja, à aculturação.

A aculturação revela-se não apenas através da análise de conteúdo, senão que também através dos próprios livros analisados. Os livros analisados (Fróis, 1976, 1981,

1982, 1983, 1984; Pinto, 1989a, 1989b) foram escritos como artefactos culturais (Bruner, 1990; Hodder, 2002; László, 2008; Polkinghorne, 1988; Wertsch, 1997, 2002), sobretudo, o manuscrito de Luís de Fróis, pois a obra foi escrita no sentido de melhorar a adaptação e a aprendizagem jesuíta à cultura japonesa, sendo, deste modo, uma obra didática. Esta questão será abordada, aquando de se considerar a investigação acerca do construto da aculturação, pois os livros históricos são artefactos culturais e a cultura portuguesa é alvo de influências culturais externas, as quais conferem forma à sua cultura, condicionando o estudo da aculturação. A inclusão da obra de Freyre (1976, 1981, 1982, 1983, 1984; Pinto, 1989a, 1989b) visava dar resposta à H 2, pois a cultura portuguesa parece encontrar-se próxima do modelo de fusão ou das primeiras definições do construto da aculturação de Powell (1880), de Simons (1901a) e de Redfield, *et al.* (1936), uma vez que a cultura portuguesa reporta aprendizagem recíproca. A obra de Freyre (1996) será avaliada mais adiante na presente discussão.

Regressando, à análise de conteúdo (Allport, 1942a; Krippendorff, 2004), a relação histórica entre o Japão e Portugal não se adequava ao modelo de Berry (1974, 1997, 2001), relevando que o referido modelo pressupõe uma relação de poder preestabelecida, estatutos e papéis sociais, previamente, atribuídos à minoria e à maioria, e ainda que o modelo de Berry (1974) se encontra próximo do modelo da assimilação, pois um aumento do contato cultural (ou seja, a segunda questão ou dimensão da tipologia de Berry) é pressuposto diminuir a manutenção cultural (isto é, a primeira questão ou dimensão da tipologia de Berry) da cultura minoritária (ver figura número 1).

As futuras investigações que aplicarem o modelo de Berry (1974, 1997) poderão elaborar instrumentos de modo a permitir a partilha de conteúdos culturais entre as culturas, ou seja, devem considerar as fronteiras culturais (Bowskill, *et al.*, 2007; Rudmin, 2003a) e a mistura das culturas, em simultâneo, com a manutenção da cultura. A presente investigação coloca uma nova interrogação ou seja, uma sugestão para as investigações posteriores, pois, tal como a cultura anglo-saxónica é reportada a funcionar através da separação cultural, os instrumentos e modelos formulados nessa cultura, poderão refletir essa separação cultural (Myrdal, 1944; Tocqueville, 2002), tal como ocorre no modelo de Berry (1974, 1997). Até que ponto a relação entre a cultura e a formulação teórica existe, é

uma questão a explorar no futuro, sendo que a cultura portuguesa poderá formular instrumentos de medida que se adequem à sua cultura.

Uma primeira contribuição da presente investigação para a literatura dominante anglo-saxónica foi assim realizada através da análise de conteúdo e foi facultada pela importância das decisões de utilidade ou das motivações, sobretudo, das motivações extrínsecas nas atitudes culturais, no processo de discriminação, na formação da identidade étnica e na própria aprendizagem, considerando que a aculturação é regulada pelas decisões de utilidade. A discriminação (Elias & Scotson, 1994) também funciona através de decisões de utilidade, pois os religiosos japoneses revelaram um claro antagonismo face aos jesuítas, uma vez que os jesuítas foram favorecidos pelos nobres japoneses ou, simplesmente, porque os europeus tentaram mudar a cultura japonesa a seu favor, levantando apreensões acerca das mudanças culturais na cultura japonesa. O estatuto socioeconómico (Rudmin, 2009) desempenha um papel importante através das decisões de utilidade em ambas as culturas, moldando o comportamento e fornecendo aprendizagem cultural. A identidade étnica (Phinney & Ong, 2007) é revelada como sendo dinâmica, complexa, multidimensional e independente da aculturação. No que diz respeito ao *distress* e aos *eustress*, ou seja, ao modelo de *coping*, na obra de Pinto (1989a, 1989b) foi encontrado, sobretudo, *eustress* relacionado com a curiosidade enquanto forma de aprender uma segunda cultura. Em Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984) este item do modelo de Rudmin (2009) foi desvalorizado, pois, o autocontrolo e a autoeficácia demonstradas pelos jesuítas favoreciam, de novo, o *eustress*.

Uma outra contribuição epistemológica e metodológica da presente investigação face à literatura dominante assenta no facto do modelo de Rudmin (2009), quando aplicado ao discurso histórico português, ser capaz de revelar ambas as culturas em interação intercultural, reforçando a possibilidade de se reportar aprendizagem recíproca (de misturas), pois que na literatura dominante apenas se aborda a adaptação cultural da minoria face à maioria, sendo que a minoria é, usualmente, não europeia e que a maioria não muda ou aprende com a minoria. Na análise de conteúdo, empreendida na presente tese de doutoramento, o narrativismo (Bruner, 1990, 1991; Liu & Hilton, 2005; Moscovici, 1981, 1986) e a *Grounded Theory* (Glaser & Strauss, 2009; Strauss & Corbin, 1998) enquanto técnicas metodológicas permitiram uma aproximação à aculturação como

um processo complexo (diferentes estratégias são adotadas pelo mesmo grupo ao mesmo tempo), relativo, pois, como afirmam Navas, *et al.* (2005), as mesmas estratégias não são sempre aplicadas ou as mesmas opções não são preferidas quando a interação com outras culturas tem lugar em diferentes domínios e (classes sociais), ou seja, o processo de aculturação é interativo, seletivo e multidimensional em ambas as culturas, uma vez que o processo de aprendizagem é negociado pelos diferentes grupos culturais, os quais reportam diferenças intergrupais e intragrupais, estas últimas, segundo as classes sociais, e incidindo em diferentes classes sociais da cultura “estranha” consoante as diferentes motivações.

As atitudes culturais dos grupos culturais português e japonês reportaram-se não concordantes e antagónicas ou conflituosas (Bourhis, *et al.*, 1997), conquanto que tenha existido aprendizagem. Portanto, a terceira e principal contribuição para a literatura anglo-saxónica dominante assenta no facto de se reportar que uma minoria europeia (em tempos coloniais) a aprender, a adaptar-se e até a mudar graças ao contato cultural com uma cultura, então, culturalmente, muito distante, como era a japonesa, ou seja, não se reportou apenas aprendizagem mútua, senão que essa aprendizagem foi realizada por uma minoria europeia, contribuindo assim para abordar a aculturação como um processo de aprendizagem recíproco, ou seja, reporta-se interação intercultural e não separação cultural. Na cultura portuguesa, uma minoria aprendeu com uma maioria (a japonesa), tendo pretendido influenciar, mudar, misturar ou, talvez, assimilar essa mesma cultura, cumprindo, assim com os objetivos secundários, propostos na presente investigação, isto é, o explorar e o contextualizar a cultura portuguesa da aculturação e, no segundo objetivo geral, deslocar o estudo da aculturação para a aprendizagem intercultural.

A análise de conteúdo à obra de Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984) revelou-se morosa devido ao valioso conteúdo da mesma e ao facto de ser extensa; no entanto, no seu terceiro volume foi encontrada a citação que mostra a intenção duma minoria europeia de aprender uma segunda cultura, e ainda de tentar influenciar essa mesma cultura maioritária, ou seja, a japonesa, sendo motivado por fortes motivações extrínsecas, isto é:

. . . porque como os costumes e cerimoniais desta terra são tão diferentes e contrários dos que se uzão em Europa, e athé agora não tínhamos huma certa ordem que houvessemos de guardar acerca delles, alem de isto cauzar nos costumes e modo de tratar com elles, se

seguirão outros inconvenientes mayores ficando muitas vezes offendidos, e cauzando-se huma certa divizão de animos e perda de muito fructo pela contrariedade que havia dos nossos e dos seus costumes. Pelo que se ordenou que de todo se procedesse em nossas cazas conforme ao modo proprio e acostumado de Japão, fazendo-se para este effeito huns avizos nos quaes podessem todos aprender os costumes e forma de proceder . . . todos uniformes . . . (Fróis, 1982, p. 178).

Uma outra contribuição para a literatura dominante assentou no facto da presente investigação ter contribuído também para alargar o Modelo Interativo da Aculturação (MIA) de Bourhis *et al.* (1997), pois, a interação reportada é mútua, sendo que o resultado da interação depende da interseção de ambas as atitudes e das motivações das diferentes culturas, as quais são dinâmicas e antagónicas, sendo que a cultura europeia reporta aprendizagem, mudanças e apreensões, ou seja, não se reporta apenas a posição da maioria face à minoria, tal como o modelo MIA propõe (Bourhis *et al.*, 1997). Portanto, todas estas características permitem cumprir com os dois objetivos gerais desta tese, pois a cultura portuguesa poderá ser reportada como sendo caracterizada através da aprendizagem recíproca e pela cultura de misturas, inclusivamente, que a aprendizagem ocorre em relações antagónicas, não concordantes e assimétricas de poder, nos quais as motivações jogam um papel fundamental.

O segundo momento pensava-se cumprido, pois cumpria e juntava os dois objetivos gerais, isto é, caracterizava a cultura portuguesa como reportando interação e aprendizagem recíprocas, no entanto, a investigação foi conduzida até a uma referência cultural maior da cultura portuguesa e lusófona, isto é, até Gilberto Freyre (1986), pois este conceptualizou, em 1933, não apenas o discurso histórico, mas também o sociológico, o económico, o antropológico da cultura portuguesa no Brasil, tendo sido, posteriormente, aculturado para a cultura portuguesa, em meados do século XX, tornando-se uma referência incontornável e transversal a regimes políticos e às culturas portuguesa e lusófona (Almeida, M. V., 2004; Lourenço, E., 1986).

O facto da cultura portuguesa reportar aprendizagem recíproca e uma experiência histórica de misturas culturais, constituindo-se essa característica como sendo a maior diferença face à cultura anglo-saxónica (H 1), conduziu a investigação até à hipótese de que a cultura portuguesa fosse próxima do modelo de fusão (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006a), ou seja, até à H 2 do trabalho. Tratou-se, pois, de aplicar a obra de Freyre para distinguir a cultura portuguesa da anglo-saxónica, reforçando a hipótese 2.1, ou seja,

acerca da importância maior das motivações sobre as atitudes culturais do modelo de Berry (1974), reforçando ainda a hipótese 2.2 acerca das diferenças intergrupais entre as culturas japonesa e portuguesa e ainda acerca das diferenças intragrupais em ambos os grupos culturais. No entanto, foram precisamente a importância das motivações aculturativas (H 2.1) e das diferenças intragrupais (H 2.2) que deram lugar a um terceiro momento à presente investigação.

Portanto, por um lado, a cultura histórica portuguesa mostrou-se, claramente, distinta face à anglo-saxónica (H1), pois esta última é suposta funcionar através da separação cultural (Myrdal, 1944; Tocqueville, 2002), sendo que a cultura portuguesa é suposta funcionar através das misturas e da interação cultural realizadas, no entanto, pela intervenção cultural dos portugueses noutras culturas. Por outro lado, a “realidade” sociológica portuguesa face aos fenómenos da emigração e da imigração sugeriam que a cultura portuguesa não funcionasse através da fusão e das misturas culturais, pois as políticas do Estado português tentavam preservar a cultura portuguesa e, inclusivamente, a dos emigrantes portugueses, sendo ainda que face aos imigrantes o modelo de assimilação ou o intercultural se adequam ao contexto sociológico português, mas não ao modelo de fusão. Portanto, o discurso histórico português encontra na “realidade” atual a sua contradição. Por outro lado, a cultura portuguesa não funciona através do modelo multicultural, uma vez que não ostenta uma atitude liberal de não intervenção nas culturas das minorias.

Antes de se avançar para o terceiro momento da investigação, é pois necessário tentar definir a cultura portuguesa da aculturação, no sentido de resumir o segundo momento da presente investigação e da análise de conteúdo. A diferença entre a cultura portuguesa e a anglo-saxónica não assenta apenas nas misturas culturais em si próprias ou nas misturas “rácicas, as quais são uma realidade incontestável, no Brasil ou em Cabo Verde, mas no reportar essas misturas e no desenvolver uma cultura em conjunto com indivíduos de diferentes culturas, reportando uma cultura feita de misturas, ao ponto destas se constituírem como uma ideologia consensual (Almeida M. V., 2004, 2007), pois são avaliadas de forma positiva e essa avaliação é partilhada, não evitando, no entanto, os conflitos sociais. Tal como afirma Cardoso (2003), no título da obra maior de Freyre (1986) cabe toda a sua teoria, isto é, *Casa-Grande e Senzala*, pois a casa-grande dos

européus envolvia a senzala dos escravos e os filhos de ambos no mesmo espaço intercultural, desenvolvendo uma nova cultura através da interação intercultural e da aprendizagem mútuas, conquanto que a relação intercultural fosse estabelecida através de relações assimétricas de poder e pela intervenção da cultura portuguesa nas culturas nativas e nas culturas africanas, no Brasil.

No sentido de terminar o segundo momento da investigação, para além da limitação maior da investigação, no que diz respeito à relação entre as formas de aprender uma segunda cultura e as motivações e as atitudes culturais, na presente investigação é sugerido a leitura da literatura dos jesuítas no Brasil, assim como dos pioneiros da antropologia brasileira (Ribeiro, D., 1982, 1995; Salzano, 2009) e ainda os pioneiros da antropologia portuguesa, na tentativa de aprofundar a diferença face à cultura anglo-saxónica e de reforçar as culturas portuguesa e lusófona de fusão (Simons, 1901a). Freyre (1986), na sua obra maior, fornece fontes bibliográficas importantes, no entanto seria importante notar em que momento a cultura de misturas passou da “realidade” biológica e sociológica para a cultural, tornando-se uma ideologia consensual no Brasil e, mais tarde, em Portugal (Almeida, M. V., 2004). Ainda no que diz respeito aos Jesuítas, seria extremamente interessante verificar até que ponto estes preferiam uma cultura de fusão, conquanto que à revelia da coroa portuguesa. As futuras investigações poderão procurar pela aprendizagem mútua, sobretudo, quando a maioria portuguesa é reportada a aprender com outras culturas. O modelo de fusão nos instrumentos de medida poderá revelar que este poderá ser um resultado esperado no futuro, no entanto poderá verificar-se se a nova cultura permite ou não a diversidade cultural interna, pois caso não permita a diversidade interna o resultado esperado será próximo do modelo da assimilação, sendo ainda que nenhuma cultura se poderá mostrar aberta constantemente à mudança sem mostrar apreensões com a sua mudança cultural. Uma diferenciação mais refinada dos domínios aculturativos é também requerida. A procura da aprendizagem de traços culturais distintos do português na literatura dos finais do século XIX e princípios do século XX, em Portugal e no Brasil, poderá, portanto, ser acompanhada pelo refinamento do questionário (PEAQ) e das dimensões expressas nos eixos, os quais se poderão se constituir como quadrantes, cruzando as dimensões, os modelos da aculturação e as posições da maioria e da minoria, tendo em conta diversos domínios aculturativos (ver em anexo, ponto número oito). As presentes referências bibliográficas referentes ao fenómeno da aculturação ocorrido em Portugal e no espaço lusófono deverá ser alargado, assim como o trabalho

quantitativos mediante as dimensões do constructo da aculturação e das dimensões dos seus modelos, e ainda mediante o trabalho etnográfico de campo, no âmbito dum pós doutoramento que abarque ainda amostras não lusófonas.

Chegou-se, pois, ao início do terceiro momento da investigação, pois, nem as definições iniciais do fenómeno (Powell, 1880; Redfield, *et al.*, 1936; Simons, 1901a), nem o discurso histórico português acerca da aculturação (Freyre, 1986), se afiguravam adequados à “realidade” social portuguesa (emigração e imigração portuguesas) e, inclusivamente, à prévia investigação acerca da emigração portuguesa levada a cabo pelo doutorando (Castro, J. F. P., 2008, 2011, 2012; Castro & Marques, 2003) e à revisão da literatura ao fenómeno da imigração, uma vez que o discurso histórico português é reportado como um processo de aculturação recíproco, partilhando as dimensões do modelo de fusão (H 2); contudo o processo da aculturação é ambíguo porque a sociedade portuguesa parece funcionar através da assimilação ou pelo modelo intercultural e não apenas mediante as misturas culturais, sobretudo, face aos emigrantes a residirem em Portugal, preferindo a manutenção da cultura Portuguesa. O terceiro momento emerge não apenas porque estão implicadas questões éticas devido às relações de poder assimétricas fruto da intervenção da cultura portuguesa em outras culturas, senão que também devido a um viés de construto e, sobretudo, a uma falta de equivalência (Ember & Ember, 2009; Poortinga, 1997), a qual dificulta não apenas a contextualização da cultura portuguesa, senão que o próprio objeto de estudo, isto é, a aculturação, uma vez que invalida as comparações culturais, sendo que as comparações interculturais são basilares na Psicologia Intercultural (Ember & Ember, 2009). Assim dispondo, o primeiro objetivo geral, isto é, o explorar e o contextualizar o contexto português da aculturação não se encontrava cumprido, pois estava incompleto, apenas remetendo para o discurso histórico e não para a “realidade” atual, sendo necessário dar lugar ao terceiro momento da investigação.

Neste terceiro momento, em termos metodológicos foram incluídas as técnicas de investigação quantitativa (Pasquali & Primi, 2003) e o trabalho etnográfico de campo (Watt, 2010), para além da análise de conteúdo. Para além da inclusão das novas técnicas metodológicas, enquadradas no método misto (Clark & Creswell, 2011), tornava-se, pois necessário formular novas hipóteses de trabalho. A hipótese H 1 acerca da diferença entre

o discurso histórico português e a literatura dominante anglo-saxónica, deu lugar à H 1.1 e à H 1.2. A primeira, isto é, a H 1.1 porque era suposto que o modelo multicultural não se adequasse por completo ao contexto português, pois este também avalia de forma positiva as misturas culturais do modelo de fusão e da teoria luso-tropical, preferindo, no entanto, a manutenção da cultura. Esta hipótese, a qual corresponde à questão número três do questionário (PEAQ), conduziu até à presumível falta de equivalência entre ambas as culturas, isto é, até à H 1.2.

Para além disso, a hipótese que remetia para a diferença face à cultura anglo-saxónica (H 1) e a hipótese que fazia corresponder o modelo de fusão à teoria luso-tropical (H 2) deram lugar à hipótese H 3. Assim dispondo, suponha-se, então, que na cultura portuguesa a fusão funcionasse como uma ideologia consensual face às presentes reações aos atuais fenómenos da aculturação, isto é, a imigração e a emigração, pois, apesar do discurso histórico português reportar misturas culturais e de os sujeitos das amostras preferirem as misturas culturais, as relações interculturais são presumidas de não alterarem a cultura portuguesa e a cultura dos emigrantes portugueses, sendo ainda que face aos imigrantes a residirem, em Portugal, o trabalho etnográfico de campo e a análise da literatura apontavam para a preferência dos modelos da assimilação ou do intercultural.

Deste modo, a investigação presumiu também que a cultura portuguesa funcionasse a diferentes níveis e, preferindo diferentes modelos, ao mesmo tempo, tendo em conta que o discurso histórico funciona através duma ideologia consensual face aos presentes desafios da aculturação, isto é, a imigração e a emigração. Portanto, era suposto que a preferência pelos modelos da aculturação mudasse consoante o estatuto social das amostras (a maioria portuguesa, dos imigrantes cabo-verdianos e dos emigrantes portugueses) porque os diferentes estatutos sociais desencadeiam diferentes motivações, correspondendo à hipótese H 4 do presente trabalho.

A avaliação positiva ou a preferência das três amostras por vários modelos, revela a importância do passado histórico português e cabo-verdiano na modelagem dos comportamentos atuais, mas também que essa “ideologia” consensual, ou seja, a luso-tropical (Freyre, 1986) deveria ser confrontada com os atuais fenómenos da aculturação, isto é, a emigração e a imigração portuguesas, e ainda que deveriam ser destacadas as

apreensões da maioria portuguesa face à sua própria mudança cultural, tentando, tanto quanto possível, aproximar o desenho da presente investigação da aculturação dum processo com dois sentidos de interação e de aprendizagem interculturais, abarcando as apreensões das minorias, mas também da maioria, até porque Portugal ocupa uma posição intermédia no cenário internacional (Santos, B. S., 1991), dispondo de emigrantes e de imigrantes, em simultâneo. Ambos os grupos sociais foram envolvidos no trabalho quantitativo e no trabalho etnográfico de campo levado a cabo nas cidades do Porto, Portugal, e de Metz, França. A literatura dominante anglo-saxónica apenas foca as minorias, pelo contrário, no presente estudo pretendeu-se verificar as apreensões da maioria e da minoria cabo-verdiana, incluindo ainda as amostras da maioria portuguesa e dos emigrantes portugueses face à sua mudança cultural e face às mudanças culturais dos imigrantes a residirem em Portugal.

Portanto, a primeira contradição do luso-tropicalismo (Freyre, 1986) aparece porque a cultura portuguesa se afigura relativamente inalterada, conquanto reporte misturas com outras culturas. O luso-tropicalismo, deste forma, apenas funcionaria para fora do espaço cultural português, por exemplo, no Brasil, mas não em Portugal. Esta contradição tinha sido reportada por Lourenço (1989a) ou Almeida M. V. (2004, 2007), sendo que ela emerge na narrativa de Fernão Mendes Pinto (Pinto, 1989a, 1989b), pois o autor se lamenta das relações interculturais violentas, mas deseja regressar ao Portugal inalterado, sendo capaz de aprender qualquer cultura, sem perder a sua, ou seja, o comportamento intercultural de Fernão Mendes Pinto encontra-se próximo da atitude e do comportamento da alternância (LaFromboise, *et al.*, 1998). Portanto, no que diz respeito à amostra da maioria portuguesa era esperado que esta avaliasse de forma positiva as misturas culturais, mas que revelasse apreensões acerca da sua mudança cultural, reportando uma contradição na teoria luso-tropical.

No que diz respeito à amostra da maioria portuguesa, a vantagem fundamental da aplicação do estatuto social é de permitir observar a aculturação como um processo antagonístico com dois sentidos, além do proposto pelo modelo de Bourhis (Bourhis, *et al.*, 1997) porque a amostra da maioria portuguesa poderá expressar a apreensão acerca da sua própria cultura e não apenas acerca da mudança cultural dos imigrantes, tal como é formulado pela Modelo Interativo da Aculturação (Bourhis, *et al.*, 1997).

No que diz respeito à emigração portuguesa, esta não coloca problemas apenas à tentativa de estabelecer comparações com a cultura anglo-saxónica devido às diferenças culturais entre o modelo da assimilação (dominante na literatura acerca da emigração portuguesa) e o multicultural (dominante na literatura anglo-saxónica), mas também porque coloca problemas face à cultura luso-tropical (Freyre, 1986). A contradição face ao luso-tropicalismo e ao modelo de fusão irrompe porque no fenómeno da emigração uma minoria portuguesa poderá adquirir adaptação cultural face às culturas distintas. Portanto, tendo em conta a teoria luso-tropical (Freyre, 1986), o emigrante português deveria misturar-se e, portanto, mudar a sua cultura. Contudo, de acordo com a revisão da literatura, as comunidades portuguesas continuam a manter a cultura portuguesa mesmo no Brasil, país onde o fluxo da emigração acontece há mais de três séculos. Por exemplo, no referido país, os padrões de casamentos mistos fora da comunidade portuguesa demoraram mais tempo do que outras comunidades europeias (Florentino & Machado, 2002; Peixoto, 2009; Raposo & Togni, 2009). De modo semelhante, em França, a percentagem de casamentos mistos é mais baixa do que entre outras comunidades europeias (Lucassen & Laarman, 2009; Munoz & Tribalat, 1984; Tribalat, 1997), mostrando que o mesmo grupo cultural pode alterar o seu ponto de vista acerca das relações interculturais consoante o seu estatuto social (imigrantes, em França). Reportando ainda que as misturas culturais são as preferidas, mas que, quando as amostras (maioria portuguesa e emigrantes portugueses), são expostas à questão acerca da sua mudança cultural, tendem a optar por uma dimensão típica do multiculturalismo, ou seja, a manutenção cultural, sendo, deste modo, que o mesmo grupo cultural ou amostra poderá optar por diferentes preferências, em simultâneo (Navas, *et al.*, 2005). Na hipótese 4.2 reportou-se, deste modo, que a amostra de emigrantes portugueses revela elevadas apreensões com a sua mudança cultural e baixas apreensões com as mudanças culturais dos imigrantes a viverem em Portugal.

Na análise de conteúdo à relação entre o Japão e Portugal reportaram-se diferentes preferências culturais consoante a cultura e também diferenças intragrupo (H 2.2). A questão número quatro do questionário abarcou a adaptação dos emigrantes portugueses às segundas culturas. Assim sendo, são portugueses que dispõem do estatuto social de imigrantes, pois residem fora de Portugal. A questão pretendia estabelecer uma

comparação com a questão acerca dos imigrantes, ou seja, os mesmos itens foram endossados acerca dos imigrantes cabo-verdianos a residirem em Portugal. Em resumo, é suposto que o modelo da aculturação preferido mude se os itens estiverem a perguntar acerca dos imigrantes e dos emigrantes portugueses mediante as diferentes amostras, ou seja, que as preferências mudem consoante o estatuto social (Castro, J. F. P., 2012), sendo que os resultados observados confirmam os esperados (Pasquali & Primi, 2003).

Tal como tinha sido revelado na análise de conteúdo, também foram encontradas diferenças intragrupais no trabalho quantitativo (H 2.2). A questão acerca dos emigrantes portugueses reportou também uma diferenciação intragrupal, correspondendo à hipótese de trabalho 4.3, pois que a cultura portuguesa mostra diferenças internas face ao modelo preferido (maioria portuguesa *versus* amostra de emigrantes portugueses). A amostra de emigrantes portugueses obteve percentagens mais elevadas de apreensões acerca das suas mudanças e percentagens mais elevadas de perceção de ameaça do que a amostra da maioria portuguesa. Esta hipótese revela uma limitação da investigação e um desafio futuro, pois a amostra de emigrantes portugueses revelou-se distinta da amostra da maioria portuguesa, sendo que esta última é mais próxima da amostra cabo-verdiana. Os resultados nos testes ANOVA e Bonferroni reportam que a amostra da maioria portuguesa é, muitas vezes, mais próxima da amostra de imigrantes cabo-verdianos do que a dos emigrantes portugueses (ver tabelas 21 até à tabela 28, em anexo), sendo esta amostra a que estabelece, mormente, as diferenciações amostrais. Tendo em vista futuras investigações, torna-se necessário, no entanto, refinar as dimensões e os itens das questões devido às suas limitações.

Os processos de socialização, de enculturação e ainda de aculturação fazem com que os emigrantes portugueses, em França, sejam culturalmente distintos dos portugueses a viverem em Portugal, sendo ainda que esta diferença deve ao estatuto social de imigrantes, em França. Na presente investigação, sugere-se, deste modo, uma possível diferenciação cultural dos emigrantes em França, a qual poderá merecer futuras investigações. Estas investigações poderão adotar um ponto de vista dinâmico da cultura e da aculturação, a qual permite, em simultâneo, mapear as misturas culturais e a manutenção cultural, sendo que o legado cultural português, isto é, a cultura original dos emigrantes portugueses poderá ser também aprendida, alargando a definição da

aculturação, à aprendizagem da cultura original, isto é, a portuguesa, para além da segunda cultura (Rudmin, 2009), neste caso, a francesa. Será também interessante determinar até que ponto o passado histórico português contribuiu para que Portugal detenha uma suposta ideologia da emigração, tal como existe nos países do caribe e em Cabo Verde (Akesson, 2004). Por último, dado que a literatura da emigração portuguesa utiliza, sobretudo, o modelo e as variáveis da assimilação, será útil desenvolver uma investigação no sentido de diferenciar os modelos da aculturação, assim como de verificar a manutenção da cultura portuguesa, para além das suas misturas, pois poderá parecer “estranho” que a apreensão predominante dos investigadores portugueses seja a deficiente assimilação dos emigrantes portugueses ou ainda uma suposta deficiente adaptação sociocultural (Matsumoto, *et al.*, 2006; Ward, 2001) e não a manutenção cultural portuguesa. Por fim, as questões do questionário acerca do construto do multiculturalismo, da identidade étnica, da aculturação, e acerca do luso-tropicalismo, poderão também ser endereçadas a outros tipos de amostras, tal como os luso-eleitos da república francesa, verificando assim as posições dos responsáveis políticos (Rudmin, 2003a), o qual estava previsto no trabalho etnográfico de campo, mas não foi levado a cabo.

No que diz respeito à imigração, a questão fundamental será a de saber se a teoria luso-tropical (Freyre, 1986) e a presumível capacidade dos portugueses para aprenderem uma segunda cultura se poderá voltar para os imigrantes, mudando estes a cultura portuguesa. Vala, *et al.* (2008) pressupõem que a cultura portuguesa é mais tolerante e aberta às mudanças introduzidas pela aculturação do que outros países europeus, isto é, a mudança introduzida pelos imigrantes é suposta levantar baixas apreensões acerca das mesmas, em Portugal. A avaliação relativa (Navas, *et al.*, 2005) das preferências aculturativas já tinha sido reportada na análise de conteúdo às obras de Fernão Mendes Pinto e, sobretudo, em Luís de Fróis, pois ambos os grupos em interação intercultural se comportavam de forma diferente consoante os domínios e as classes sociais, afetando-se mutuamente de forma diferenciada.

No que diz respeito ao papel do estatuto social, a amostra de imigrantes cabo-verdianos era suposta reportar uma avaliação positiva acerca das misturas, mas também uma apreensão acerca da sua mudança cultural enquanto imigrantes em Portugal, correspondendo à hipótese 4.1. Os resultados observados confirmam esta hipótese, ou

seja, a amostra de imigrantes cabo-verdianos reporta percentagens mais elevadas de apreensões com a sua própria mudança cultural do que com a cultura dos emigrantes portugueses, reportando uma diferenciação intergrupar, no entanto a amostra de imigrantes cabo-verdianos avalia de forma positiva as misturas culturais, introduzindo uma contradição face ao modelo de fusão ou ao luso-tropicalismo.

A contradição entre o luso-tropicalismo e o fenómeno da imigração, tendo em conta a cultura da maioria, revelou-se na questão número dois do questionário acerca das dimensões do luso-tropicalismo, sendo que as amostras da maioria portuguesa e a imigrante cabo-verdiana estão a partilhar a teoria luso-tropical e referem que os portugueses não estão a perder a sua própria cultura, estabelecendo uma contradição porque afirmam que os Portugueses estão a manter a sua cultura quando se misturam, revelando que as misturas supostamente não mudam a cultura portuguesa. Portanto, a teoria luso-tropical funciona no contexto português como uma ideologia consensual. Todas as amostras concordam com a capacidade empática dos portugueses e apenas a amostra de imigrantes cabo-verdianos discorda com a presumível capacidade portuguesa de adaptação a qualquer cultura. As três amostras preferem as misturas, mas também a manutenção cultural, uma vez que a avaliação acerca da mudança cultural reporta elevadas apreensões acerca da própria mudança e apreensões mais baixas acerca da hétéro mudança. As contradições acerca do luso-tropicalismo já tinham sido encontradas na revisão da literatura e na análise de conteúdo, sendo que no caso do trabalho quantitativo a contradição está presente em todas as três amostras. A teoria luso-tropical (Freyre, 1986) é uma ideologia consensual, pois, apesar de reportar misturas culturais e de os sujeitos preferirem as misturas culturais, as relações interculturais são presumidas de não alterarem a cultura portuguesa. Para além do mais, tal como foi reportado no capítulo dezassete dedicado a Freyre, as amostras da maioria portuguesa e dos emigrantes portugueses dizem existir racismo em Portugal, mas não se consideram racistas, revelando uma nova contradição; e as dimensões do luso-tropicalismo como sendo partilhadas, ou seja, como uma ideologia consensual. Portanto, a amostra da maioria revelou apreensões acerca da sua mudança cultural (Vala, *et al*, 2005), remetendo os resultados para a presença da discriminação subtil, tal como na maioria dos países europeus.

Na presente investigação, o luso-tropicalismo esteve, então, sob apreciação reflexiva e crítica (Finlay, 2003), tal como o multiculturalismo. No caso do multiculturalismo, por exemplo, o contato e a adaptação culturais poderão conduzir à mudança da cultura minoritária e não à sua manutenção, esta contradição encontra-se presente no questionário. A questão que se colocou, tendo em conta que o luso-tropicalismo é uma ideologia consensual, era a de saber como se poderia perceber a cultura portuguesa da aculturação nessa condição. A solução chegou através do relativismo (Navas, *et al.*, 2005) das preferências aculturativas, ou seja, através da importância das motivações e, no presente caso, das diferenças entre os estatutos sociais ou posições sociais das amostras, pois este faculta diferentes posições aculturativas face às mudanças culturais, isto é, elevadas apreensões com as mudanças culturais próprias e baixas apreensões com as mudanças culturais das restantes culturas.

Deste modo, a inclusão das motivações devidas aos diferentes estatutos sociais permitiu observar a cultura portuguesa da aculturação a funcionar a diferentes níveis, ou seja, uma avaliação “ideal” e outra “real” (Navas, *et al.*, 2005), relevando que a aculturação é um processo complexo, dinâmico, interativo, relativo, seletivo, negociado, e ainda motivado, correspondendo à hipótese de trabalho H 3.1. Portanto, sendo que o contexto da aculturação portuguesa revela ambas as avaliações, em simultâneo, à semelhança do que Myrdal (1944) afirmou acerca do dilema cultural dos Estados Unidos da América. A cultura portuguesa da aculturação poderia, pois, ser contextualizada como funcionando através destas duas avaliações, ou seja, a “ideal” e a “real”, em simultâneo; no entanto, o esforço para contextualizar a cultura portuguesa da aculturação, isto é, o primeiro objetivo geral verteu-se também para a análise de alguns dos principais construtos utilizados na literatura da aculturação.

Tal como tinha sido reportado na análise de conteúdo, as diferenças encontradas entre as três amostras no que diz respeito ao estatuto social, mostraram que as três amostras mudam as suas avaliações consoante as suas posições sociais, escolhendo dimensões de vários modelos da aculturação, em simultâneo, consoante as posições sociais. A hipótese 1.1 pretendia verificar que o modelo multicultural não se adequava inteiramente à cultura portuguesa porque o contexto português era pressuposto funcionar avaliando de forma positiva as misturas culturais e, ao mesmo tempo, atribuindo valor a

algumas dimensões do multiculturalismo como a manutenção cultural. Nas questões anteriores do questionário reportou-se que as amostras preferem a manutenção cultural quando se trata da mudança cultural própria. Na presente questão, isto é, no número três do questionário, estabelece-se uma comparação entre o modelo multicultural e o modelo de fusão. Tal como o trabalho etnográfico de campo tinha verificado, nenhum modelo da aculturação explica por si só o fenómeno da aculturação português, sendo que na cultura portuguesa se avalia de modo positivo algumas dimensões do modelo multicultural e outras dimensões do modelo de fusão. Portanto, os resultados da questão número três do questionário, reforçavam a possível existência dum viés de construto e duma falta de equivalência entre os contextos culturais português e o anglo-saxónico, pois os sujeitos podem estar a concordar com a manutenção cultural, ou seja, preferem a integração cultural do modelo multicultural, mas também poderão avaliar de modo positivo as misturas culturais do modelo de fusão e da teoria luso-tropical, as quais são opostas à separação cultural requerida para se atingir a manutenção da cultura minoritária, tal como é proposto pelo modelo multicultural. A presente investigação lança luz acerca duma nova formulação teórica, ou seja, o contexto português da aculturação é diferente do anglo-saxónico, não apenas no discurso histórico (H1), mas também porque no contexto português diferentes avaliações podem surgir, em simultâneo. Portanto, a investigação revela os cuidados a ter na interpretação dos resultados estatísticos dos instrumentos de medida formulados na cultura anglo-saxónica, mas aplicados no contexto português. A presente investigação revela as limitações do modelo multicultural (Berry, 1997) e do modelo de fusão e da teoria luso-tropical (Freyre, 1986). Tal como se verá mais adiante, o problema parece residir nos modelos e não na “realidade”, sendo que a solução será deslocar o estudo da aculturação como um fenómeno de interação dinâmico, torna-se, entanto, necessário refinar o instrumento (PEAQ), no sentido de separar as dimensões dos modelos e aprofundar as limitações e contradições internas dos mesmos.

O estudo da suposta falta de equivalência (H 1.2) prosseguiu através dos construtos da identidade étnica (questão número sete), do multiculturalismo (questão número cinco) e no construto de aculturação (questão número seis) do questionário, tentando diferenciar a cultura portuguesa da anglo-saxónica, para além das diferenças históricas, encontradas na análise de conteúdo.

A hipótese 1.3 foi cumprida através da questão número sete do questionário; a referida hipótese presumia que a cultura portuguesa não se adequasse por completo ao construto da identidade étnica e os resultados observados reportam que, em Portugal, a cultura étnica funciona através das dimensões estáticas e individualistas do construto, em vez das dimensões sociais e dinâmicas, tal como é requerido pelo modelo multicultural.

De modo semelhante, na questão número cinco do questionário pretendeu-se cumprir a hipótese número 1.4, isto é, era presumível que o construto do multiculturalismo não se adequasse por inteiro ao contexto cultural português. No contexto português era esperado que as dimensões sociodemográficas (Inglis, 1996) fossem avaliadas de modo positivo e as dimensões sociais e da aprendizagem fossem avaliadas numa forma menos positiva, sendo que nos resultados observados as dimensões sociodemográficas são avaliadas de forma positiva, em detrimento das dimensões sociais e da aprendizagem.

As últimas duas hipóteses (H 1.3 e H 1.4) corroboram o facto da teoria luso-tropical ser uma ideologia consensual (H 3) e de funcionar mediante duas avaliações, uma avaliação “ideal” e outra “real” (H 3.1), pois os resultados do questionário reportam que o contexto português se encontra distanciado do modelo multicultural, pois o Estado português não promove e não financia as culturas das minorias. Deste modo, a cultura portuguesa face aos imigrantes estará a seguir o modelo da assimilação ou o intercultural, revelando um viés de construto face ao modelo multicultural da cultura anglo-saxónica e, sobretudo, uma falta de equivalência entre a cultura portuguesa e a anglo-saxónica. O modelo de fusão e a teoria luso-tropical (Freyre, 1986), por sua vez, poderão ser “realidades”, em Portugal, mas apenas a nível individual ou privado.

O viés de construto, a falta de equivalência e a diferenciação face à cultura anglo-saxónica eram esperados serem observados no próprio construto da aculturação, pois a revisão da literatura e o trabalho de etnográfico de campo tinham constatado que apesar da aculturação (aprendizagem intercultural recíproca) ser uma característica cultural portuguesa, conceptualizada na teoria luso-tropical (Freyre, 1986), o constructo da aculturação, raramente, é abordada, em Portugal. Assim dispondo, na H 5 esperava-se que o construto da aculturação não fosse percecionado pelos sujeitos como funcionando pela sua dimensão da aprendizagem, apesar da cultura luso-tropical. Contudo, era esperado que

as três amostras concordassem mais com as dimensões de fusão do que com as multiculturais. Esta hipótese está também a envolver o segundo objetivo geral, isto é, abordar a aculturação como um processo de aprendizagem recíproca, para além do primeiro objetivo geral. A análise da literatura tinha expresso que na cultura francesa os investigadores preferem aplicar palavras como interculturação, socialização, interpenetração ou transculturação, em detrimento da palavra aculturação. No contexto francês a palavra aculturação foi preterida, supostamente, devido ao seu reduzido poder explicativo, ao seu sentido etnocêntrico e ainda porque a aculturação, supostamente, conduz à discriminação, uma vez que entra em conflito com os valores igualitários da república francesa (Brégent, *et al.*, 2008; Sabatier & Boutry, 2006). A presente investigação pressuponha que na cultura portuguesa tivesse ocorrido algo de semelhante ao sucedido na cultura francesa porque os passados das colonizações de ambos os países são semelhantes, nas suas derradeiras décadas de existência. Para além do mais, a revisão da literatura a fontes secundárias encontrou, raramente, a palavra aculturação relacionada com as literaturas da emigração e da imigração, porém a palavra aparece com frequência na literatura acerca do império colonial português. Desde modo, a hipótese 5.1 cumpriu-se, pois era suposto que a cultural portuguesa da aculturação fosse abordada como um assunto de aprendizagem apenas no período colonial, mas que foi preterida, não sendo a palavra utilizada, revelando a importância do passado histórico, não apenas luso-tropical enquanto ideologia consensual, mas também no próprio construto da aculturação. Portanto, tendo em consideração as fontes secundárias, o trabalho etnográfico de campo e os resultados do trabalho quantitativo, é possível afirmar que a investigação é influenciada pelos contextos históricos e políticos (Coenders, *et al.*, 2008 ; Taft, R., 1957, 1963, 1981, 2007) e que o próprio conceito da aculturação é alvo de influências aculturativas, sendo um metaconceito (Matsumoto, 2006), tal como a cultural. Portanto, a diferença cultural entre a cultura anglo-saxónica e o viés de construto ou a falta de equivalência estende-se até ao construto da aculturação.

A obra de Gilberto Freyre (1986) foi elaborada no contexto brasileiro, mas terá sido “imitada” para a cultura portuguesa (Almeida, M. V., 2004), tornando-se o paradigma da forma de ser e de estar da cultura portuguesa nas relações interculturais. A obra assenta num ponto de vista culturalista e, conquanto tenha subjacente, a teoria marxista, menoriza as relações de poder assimétricas, ou seja, Freyre se posiciona por cima delas, numa

posição que assenta numa “realidade” sociológica inquestionável (Cardoso, 2003; Ribeiro, D., 1995), isto é, que a cultura brasileira se faz mediante as misturas culturais.

A aculturação se constitui como um fenómeno cultural e enquanto tal é, como a cultura, é um metaconceito (Matsumoto, 2006), pois é aprendida mediante a transmissão cultural entre as gerações e entre as diferentes culturas. Portanto, a cultura da aculturação portuguesa terá sido moldada pelo seu passado histórico mediante a transmissão cultural e também através das fronteiras culturais portuguesas (Almeida, J. C. P., 2003; Araújo & Maeso, 2010). Esta “realidade” é evidente na obra de Fernão Mendes Pinto, pois o seu livro foi e é ensinado no ensino secundário ao longo de gerações, sendo que, inclusivamente, para Gilberto Freyre (1961) Fernão Mendes Pinto foi o paradigma do “homem” luso-tropical devido à elevada capacidade de adaptação cultural revelada pelo mesmo. A obra maior de Gilberto Freyre, isto é, *Casa-Grande e Senzala*, foi elaborada no contexto cultural brasileiro, porém o luso-tropicalismo tornou-se numa ferramenta política em Portugal, ferramenta que é transversal à ditadura e ao desejado aperfeiçoamento da democracia (Almeida, M. V., 2004). Portanto, a obra de Freyre (1986) é por si própria aculturação, tendo influenciado a forma dos portugueses perceberem a sua relação com o mundo. O passado histórico português molda a perceção acerca da aculturação não apenas acerca das preferências aculturativas, mas também porque o construto é como que evitado na cultura portuguesa devido ao seu passado de colonizações, tal como, em França, sucede. Por seu turno, a semelhança cultural entre as culturas francesa e Portuguesa estende-se até às literaturas da emigração e da imigração, pois os modelos e as variáveis utilizadas são próximas do modelo da assimilação em ambos os países, sendo que na literatura da emigração a apreensão acerca da manutenção cultural da cultura portuguesa é, raramente, abordado, isto é, o modelo multicultural não é aplicado. A possível existência dum viés de construto e duma falta de equivalência irromperam quando se tratou de aplicar a cultura e os modelos da cultura anglo-saxónica, ao presente estudo, pois o modelo multicultural é, raramente, aplicado na cultura portuguesa. Na presente investigação, surgiu, então, a ideia de que o problema reside nos modelos e não na “realidade” e de que a cultura e o próprio construto da aculturação são alvos de influências externas, isto é, de influências aculturativas. As investigações futuras poderão estudar o significado de vários construtos básicos, por exemplo, a palavra integração é central para o modelo multicultural, significando adaptação cultural da minoria e manutenção cultural, contudo, em algumas culturas europeias a palavra remete para a adaptação sociocultural

(Matsumoto, *et al.*, 2006; Ward, 2001) própria do modelo da assimilação; esta questão foi aflorada na presente tese de doutoramento, mas não foi abordada através do trabalho quantitativo, pois o questionário (PEAQ) tornar-se-ia demasiado longo.

Segundo os resultados nas H 1, H 1.1, H 1.2, H 1.3, H 1.4 e na H 5, as inferências estatísticas operadas a partir da cultura anglo-saxónica e através dos seus instrumentos de medida poderão ter em consideração o pano de fundo português ou lusófono, pois, por exemplo, o multiculturalismo poderá significar interação e até misturas culturais no contexto cultural português, mais do que manutenção das culturas minoritárias. Assim dispondo, é possível afirmar que as investigações futuras provindas do contexto cultural anglo-saxónico poderão ter em consideração as peculiaridades do contexto português, no sentido de evitar a falta de equivalência nas inferências e nas conclusões da investigação.

No que diz respeito ao construto de multiculturalismo os investigadores poderão tomar uma atitude pedagógica, no sentido de expressarem que a principal dimensão do modelo é a manutenção das culturas minoritárias e não a interação intercultural do modelo de fusão. Os investigadores poderão também ter uma atitude pedagógica no sentido de reforçar as dimensões sociais do construto e não apenas as dimensões estáticas, cabendo aos decisores políticos a decisão final de qual modelo de aculturação ou estratégias aculturativa assumir, tendo em conta os diferentes domínios da aculturação, e ainda que numa mesma cultura existem diferentes preferências aculturativas de acordo com as classes sociais ou com as subculturas, sendo ainda que, tal como é reportado na análise de conteúdo, a interceção das motivações e atitudes de ambos os grupos culturais em contato opera em diferentes domínios.

Em Portugal, os trabalhos futuros poderão colocar a ênfase na manutenção cultural das minorias étnicas e não apenas na sua presumível falta de “integração” sociocultural, colocando ainda a ênfase nas possíveis misturas culturais. Os investigadores poderão assumir as dimensões sociais do construto, no entanto, poderão também tentar, não ler a “realidade” a partir dos mesmos, evitando o viés ideológico. O construto de identidade étnica requer a agência da minoria, a qual deve reportar os seus esforços para alcançar os seus direitos legais e económicos. No sentido de se evitar o viés ideológico, as investigações futuras poderão verificar as motivações e as intenções de ambos os grupos

culturais em interação intercultural (Rudmin, 2003a, 2009) e os seus ganhos e as perdas. Em Portugal, o suposto ponto de vista liberal do Estado português não é suficiente para estabelecer uma cultura étnica, isto porque a expectativa de fornecer direitos legais, o financiamento e o suporte por parte do Estado português deverá ser requerido não apenas à maioria portuguesa, mas também às minorias. Assim dispondo, na cultura portuguesa existem diferenciação étnica e discriminação (Machado, F. L., 2003), porém as minorias poderão ser descritas como passivas, sendo ainda que o Estado português pouco promove e não financia as culturas das minorias. Estas avaliações poderão estar relacionadas com o luso-tropicalismo como uma ideologia consensual porque é presumido que a avaliação positiva acerca das misturas (como um resultado futuro) evitem qualquer discurso acerca das culturas étnicas (Cabecinhas, 2003; Machado, F. L., 2003), uma vez que presume que as pessoas de diferentes culturas são iguais. Os valores republicanos (e as ideias universalistas judaico-cristãs) poderão reforçar esta perceção de não separação prévia entre as culturas. Em resumo, as motivações e as intenções de ambos os grupos sociais poderão ser tidos em consideração, tendo em conta um ponto de vista da agência, caberá ao investigador tomar uma atitude objetiva e isenta, tanto quanto possível.

No que diz respeito ao construto da aculturação, a cultura portuguesa se faz, assim dispondo, em contato e através das trocas interculturais, na qual a própria aculturação (Freyre, 1986) lhe é intrínseca, mudando a cultura portuguesa, afetando o próprio construto da aculturação. As influências de várias culturas e políticas na investigação da aculturação, relembram os investigadores para a necessidade de voltar para as definições iniciais do construto, tendo um ponto de vista interativo e dinâmico, tornando as investigações mais isentas de conteúdos ideológicos e etnocêntricos, sendo também importante ter em consideração a história peculiar de cada país, assim como a evolução do construto da aculturação e dos seus possíveis diferentes significados.

A presente investigação pretendeu contribuir para contextualizar a cultura portuguesa da aculturação, assim sendo pretendeu também lançar luzes em como os instrumentos elaborados na cultura anglo-saxónica poderão serem lidos em Portugal e no contexto lusófono. Contudo, o trabalho estatístico revelou limitações, desde a composição das amostras até ao poder de generalização das mesmas (Siegel, 1957); no entanto, o trabalho etnográfico de campo, tentou conferir consistência às inferências estatísticas.

Vala e Costa-Lopes (2010) reportaram que os sujeitos mais jovens são mais abertos ao contato intercultural do que os sujeitos com mais idade, ou seja, a distribuição desequilibrada das amostras nas variáveis da idade e da educação poderão ter influenciado os resultados. Cresswell (2009) argumenta que os investigadores devem procurar pelas intenções ou motivações aculturativas, as quais estão socialmente constituídas nas práticas sociais, sendo que o trabalho etnográfico de campo permite essa observação, ou seja, o trabalho etnográfico de campo reforça e complementa as inferências dos resultados quantitativos, colmatando algumas das suas limitações.

O contexto português da aculturação avalia de forma positiva a interação e as misturas culturais e a manutenção cultural, esforços posteriores poderão melhorar o presente questionário no sentido de aprofundar esta questão. As questões poderão ser endereçadas acerca dos vários domínios, incluído os ditos difíceis ou fundamentais da aculturação (Bastide, 1968, 1971; Herskovits & Herskovits, 1934; Marín & Gamba, 2003) e não a mera adaptação cultural do modelo multicultural e a adaptação pública e a manutenção cultural a nível privado do modelo intercultural, tendo ainda em conta as motivações e os ganhos e as perdas de ambos os grupos culturais (Rudmin, 2009). O trabalho quantitativo realizado através do presente questionário merece ainda ser aplicado nos contextos culturais francófono e anglo-saxónico, no sentido de avaliar o viés de construto e a falta de equivalência, tentando desenvolver um estudo *etic* derivado (Phalet & Kasic, 2006), pois o presente estudo detém uma característica *emic*. Por fim, revelando limitações e sugerindo novos estudos, a presente investigação na sua primeira forma, escrita em língua Inglesa formulou quadrantes a partir dos eixos das dimensões do construto da aculturação, futuras investigação poderão retomar este trabalho.

A investigação chega ao seu quarto e derradeiro momento, tal como foi dito no início da presente discussão, a investigação pretendia confrontar teorias e modelos de aculturação, no sentido de elaborar criação teórica (Corbin & Strauss, 2008) mais do que confrontar hipóteses (McGuire; 1973, 1983, 1997, 1999), uma vez que os seus objetivos gerais foram o contextualizar e o explorar a cultura portuguesa da aculturação e, em segundo lugar, abordar o fenómeno da aculturação enquanto processo de aprendizagem.

No estudo da emigração e da imigração portuguesas aplicar apenas um modelo de aculturação seria uma tarefa não abrangente, tendo em conta a complexidade da literatura e da “realidade” social encontrada no trabalho etnográfico de campo e na análise da literatura. Como nos capítulos da emigração e da imigração, a solução encontrada para a não existência dum modelo apropriado foi deslocar a análise dos problemas socioculturais de domínio social para a aculturação como um processo dinâmico e interativo, o qual é multidimensional, relativo, seletivo e negociado, não esquecendo a importância da discriminação. A investigação não deve estar assente num único modelo da aculturação, tal como foi afirmado na componente teórica do trabalho, uma vez que nenhum modelo da aculturação se adapta por completo à “realidade” intercultural e ao contexto português da aculturação, são estes que se devem adaptar à “realidade” e não o seu contrário (Pires, R., 2003), não forçando a “realidade” para se ver o que se pretendia, previamente, ver (McGuire, 1973).

Tratar-se-á de deslocar a análise dos modelos, inclusivamente, do modelo de fusão e da teoria luso-tropical, para as práticas sociais e para a cultura como um processo interativo e dinâmico de criação e de recriação cultural, juntando os níveis “ideal” com o dito “real”. Este tipo de análise tanto poderá abarcar um único indivíduo como os grupos culturais, tal como a análise transnacional (Bhatia, 2007b) o reporta. A diferença encontra-se em colocar a ênfase nas características dinâmicas da cultura e da aculturação e não nas relações de poder.

De acordo com Campbell, o investigador deve criar múltiplas hipóteses (Campbell, D. T., 1987, 1988; Jost & Kruglansky, 2002) porque o mesmo resultado poderá ser percebido através de múltiplas perspetivas, sendo que todas elas podem ter um sentido estreito de racionalidade (Howard, 2003). A “realidade” social é, supostamente, dinâmica, complexa, diversa e a abordagem científica é apenas mais uma por entre a tentativa de descrever, de explicar e de controlar a “realidade” social (Triandis, 2002). O esforço contínuo de clarificar as teorias (Popper, 2002) deve prosseguir, no qual a investigação não deve ver aquilo que, previamente, queria demonstrar (McGuire, 1973), deixando cair os seus preconceitos tanto quanto possível (Bachelard, 1967).

A cultura portuguesa aspira a um ideal universalista, inspirado nos ideais da revolução francesa, nas culturas cristã e greco romana e no seu passado histórico, ou seja, a cultura portuguesa se faz no confronto entre o “real” e o “ideal”, num jogo de forças construtivas e destrutivas, internas e externas, mas aponta para a utopia universalista, a qual é contradita pela “realidade”. As dimensões “real” e a “ideal” não são apenas o passado português, senão que o seu futuro, tal como o imaginário (Sartre, 1940; Syristova, 1979) é parte integrante do pensamento racional ou o pensamento consciente que tenta incessantemente furtar pedaços do predominante inconsciente (Castro, J. F. P., 2005), ambos operam no presente, lançando o passado na utopia do futuro, tal como Agostinho da Silva (2009) o conceptualizou.

O discurso dito pós-moderno (Lyotard, 2006) acerca da cultura portuguesa revela, uma posição intermédia (Santos, B. S., 1991), Portugal dispõe de emigrantes e de imigrantes, em simultâneo, sendo balizada pela utopia universalista (que remete para o passado) e para as apreensões do presente, tendo em conta o seu futuro. No entanto, a nível metodológico essa posição intermédia não poderá ser percecionada como uma dificuldade, senão que como uma vantagem, pois ela possibilitou desenvolver um desenho de investigação no qual é possível observar, em simultâneo, os portugueses como emigrantes e como imigrantes.

Assim dispondo, o passado não é apenas uma lição para o futuro, senão que também abre portas metodológicas. A inclusão das motivações mediante o estatuto social mostra que é possível desenvolver um desenho de investigação no qual se operacionalize a aprendizagem recíproca, interação, mas também que tenha em conta as motivações, isto é, a intervenção ou agência de todas as partes em contato cultural, tal como tinha sido reportado na análise de conteúdo mediante a aplicação do modelo de Rudmin (2009)

No trabalho etnográfico de campo, para além do mais, assistiu-se à recriação da cultura original, sendo que a manutenção implica, em simultâneo, misturas culturais. Assim sendo, as misturas culturais não ocorrem apenas devido ao processo de adaptação à segunda cultura, senão que também devido ao processo de aprendizagem da cultura original. A recriação da cultura portuguesa poderá também mudar a cultura francesa e ainda a portuguesa, reforçando a conceção da aculturação como tendo dois sentidos.

O trabalho etnográfico de campo antecipou, pois o quarto momento da tese, pois a cultura portuguesa parece funcionar a vários níveis, em simultâneo, até porque as preferências aculturativas das amostras são relativas (Navas, *et al.*, 2005), sendo que as misturas culturais e a manutenção ocorrem através da aprendizagem cultural duma segunda cultura, mas também da cultura original, sendo a aculturação um processo dinâmico de criação e de recriação cultural.

O presente desenho da investigação, o qual não é linear, pretendeu captar, ser o espelho das características culturais portuguesas e da definição da aculturação (Redfield, *et al.*, 1936), isto é, de reportar aprendizagem recíproca e interação social entre diferentes culturas; no entanto, na cultura portuguesa o fenómeno da aculturação permanece ambíguo, uma vez que se encontra envolvido aos discursos de poder e a um passado histórico problemático. A cultura portuguesa da aculturação funciona também como um espelho dessa “realidade” cultural e sociológica, isto é, ela funciona a dois níveis, em simultâneo, por um lado, um nível “ideal” que revela uma “realidade” histórica não contestável nas “realidades” sociológicas do Brasil (Cardoso, 2003; Holanda, 1948, 2000; Nabuco, 1908; Ribeiro, 1995, Veríssimo, 1887) e de Cabo-Verde, mas também uma utopia que, em Portugal, percebe as misturas culturais como a panaceia para os conflitos sociais, à semelhança do presente discurso acerca da globalização (Kramer & Kim, 2009), por outro lado, o contexto cultural português reporta uma dimensão “real”, na qual os presentes fenómenos da aculturação, isto é, a emigração e a imigração assentam. Tal como já foi referido anteriormente, a solução parece residir na deslocação da ênfase científica, ou seja, em vez de se centrar num único modelo, a investigação poderá estar centrada nas dimensões dos modelos, tendo como referência as dimensões do construto da aculturação.

Quicá que a maior limitação da investigação assente na ênfase atribuída ao primeiro objetivo geral, em detrimento do segundo objetivo. As futuras investigações poderão deslocar a análise para a aprendizagem, tal como foi realizado nos capítulos acerca da emigração portuguesa e da imigração, sendo que o trabalho etnográfico de campo se revelou importante para tal. A nível do trabalho quantitativo deve-se refinar os instrumentos de medida no sentido de reportar aprendizagem recíproca, evitando tanto quanto possível o uso de sucedâneos, e abordando a aculturação pelas suas dimensões, tal

como foi formulado no racional teórico do questionário (PEAQ) do subcapítulo três ponto cinco. A aculturação é, sobretudo, um processo dinâmico de aprendizagem cultural assente nas interações culturais entre diferentes culturas; é ainda, sobretudo, um fenómeno de misturas e de sínteses culturais, sendo que a Psicologia se encontra preparada para abordar o fenómeno a partir duma perspetiva individual, não descurando, no entanto, os discursos de poder, os quais poderão ser entendidos e adequados às motivações aculturativas (Rudmin, 2009). Assim dispondo, seguem-se dois subcapítulos em forma de sugestões para as futuras investigações.

22.1 *Saudade* como um construto *emic*

O presente subcapítulo poderá ser percebido como uma sugestão para futuros trabalhos, tendo em conta a análise da cultura da aculturação portuguesa resultante da presente investigação. No contexto português da aculturação diferentes temas como a imigração, a emigração, os “descobrimentos” ou a colonização são concebidos debaixo da mesma ideologia consensual acerca da plasticidade portuguesa para obter adaptação cultural a todas as culturas (Brettell, 2003; Castro & Marques, 2003; Cordeiro, 1999a; Rocha-Trindade, 1998). Desde o século XV que a história portuguesa se faz para o ultramar, contudo o território português foi reportado como permanecendo quase intocado pelas mudanças aculturativas. Esta situação criou um “estado mental” presente no livro de Fernão Mendes Pinto, quando o autor volta cansado para o Portugal intocado, idílico e esperado.

A *saudade* (Leal, J., 2000a) poderá ser definida como uma emoção não básica que remete para sentir a ausência do contato com a pátria. Os portugueses consideram a *saudade* como sendo peculiar à cultura portuguesa (Leal, J., 2000a; Monteiro, 1994). De facto, o sentir da *saudade* poderá ser considerado exclusivo, pois não se trata duma emoção básica, ou seja, universal (Matsumoto & Ekman, 1989; Matsumoto & Ekman, 2004e) e essa emoção terá sido moldada pela história e pela cultura portuguesas. A *saudade* pode ser concebida como um desejo de retorno, tal como é sentido pelos emigrantes portugueses (Cordeiro, 1999a), contudo assenta nas “descobertas” e no processo de colonização portugueses, pois as viagens eram longas e morosas. Na

Psicologia Intercultural a *saudade* poderá funcionar como um conceito *emic*, tal como os conceitos de *amae* no Japão (Befu, 2001), de *renqing* na China, de *pakikipagkapwa* nas Filipinas e de *han* na Coreia do Sul (Okazaki, *et al.*, 2008), ou seja, poderá expressar a cultura portuguesa e lusófonas de modo peculiar face à literatura anglo-saxónica dominante.

Um país lusófono, isto é, Cabo Verde, dispõe duma palavra similar *sodade* (Akesson, 2004). A expectativa do retorno, contudo, está também presente, por exemplo, nos brasileiros de origem japonesa (Tsusa, 2001). Na literatura existem conceitos semelhantes à *saudade*, assim sendo a *saudade* poderá ser afigurada como sendo próxima do conceito de *homesickness* (Poyrazli & Lopez, 2007; Stroebe, Van Vliet, Hewstone & Willes, 2002; Van Tilburg, 2006), da distância social (Suanet & Van de Vijver, 2009), do conceito de nostalgia (Sedikides, Wildschut & Baden, 2004) ou ainda através da teoria da perda (Horvat, Dull & László, 2006). Todos estes conceitos poderão estar na origem da tentativa de explorar o conceito de *saudade*, tendo em conta, porém a especificidade cultural portuguesa.

A *saudade* pertencia ao contexto cultural português há muito, tendo sido conceptualizada por Pascoaes (1978; 1986). A descrição de Pascoaes é próxima da reação de identificação freudiana face ao objeto perdido (Freud, S., 1995). Assim sendo, a *saudade* poderá ser percebida como uma reação disfuncional face à perda do objeto desejado. Contudo, tal como a nostalgia, a *saudade* pode adquirir um sentido de *eustress* (Sedikides, Wildschut, Arndt & Routledge, 2008). A nostalgia é afigurada como um recurso emocional e cognitivo face ao *stress* de aculturação (Sedikides, Wildschut, Routledge, Arndt & Zhou, 2009) e, presumivelmente, gera um efeito positivo, fornecendo um sentido de pertença, perceções de continuidade (Sedikides, Wildschut, Gaertner, Routledge & Arndt, 2008; Sedikides, *et al.*, 2004) e um estreitar dos laços sociais (Wildschut, Sedikides, Arndt & Routledge, 2006). De acordo com Bhatia (2007b), a nostalgia desempenha um papel importante no desenvolvimento do Eu dos emigrantes. Na mesma linha, de acordo com Feldman-Bianco (1992a, 2009), a *saudade* permite manter o legado cultural português, facilitando a adaptação e o ajustamento cultural, nos Estados Unidos da América. Em resumo, a *saudade* poder ser abordada mediante o conceito de fronteiras ou da distância cultural (Barth, 1969; Bartlett, 1923), através da temática da

manutenção da cultura original ou através da apreensão acerca das mudanças aculturativas (Castro, J. F. P, 2012), e ainda empregando o modelo de *coping* (Lazarus, 1999). Assim sendo, a *saudade* poderá ser conceptualizada mediante as principais abordagens da aculturação (Ward, 2004). No contexto cultural português, a *saudade* poderá ser estabelecida como um conceito *emic*, ou seja, peculiar à cultura portuguesa, sendo transversal a todos os modelos de aculturação, podendo ser estudada a manutenção, em simultâneo, com as misturas e a adaptação culturais.

22.2 Uma tentativa para definir a aculturação

A investigação acerca do fenómeno da aculturação poderá deslocar a ênfase para as características interativas e dinâmicas do construto da aculturação. Tal como no anterior subcapítulo, a atual exposição teórica poderá ser afigurada como sendo o resultado da presente investigação, e ainda uma sugestão para investigações futuras. A investigação do fenómeno da aculturação está submersa em confusões conceptuais, tal como a presente investigação observou, o presente capítulo fornece uma possível definição da aculturação, sendo que a investigação da mesma se poderá pautar pelas dimensões fornecidas na definição.

Assim dispondo, a aculturação é definida como a aquisição duma segunda cultura (Powell, 1880, 1891; Rudmin, 2009) a nível individual (Graves 1967) e coletivo (Boas, 1982a; Herskovits & Herskovits, 1934; Malinowski, 1958), podendo, no entanto, também estar na origem da recriação do legado cultural da primeira cultura. A aculturação resulta da transmissão cultural mútua entre culturas diferentes (Redfield, *et al.*, 1936). A aculturação é universal, multidimensional e é um processo dinâmico, estando sempre em construção e sendo inerente à diversidade cultural porque as trocas culturais elaboram novas estruturas (Berry 2008), novas fronteiras e novas identidades culturais (Barth 1969). As trocas recíprocas podem ocorrer sob relações conflituosas (Bastide 1971; Bourhis, *et al.*, 1997; Devereux & Loeb 1943; Freyre, 1986; Lesser A., 1933; Sabatier & Boutry, 2006), problemáticas ou consensuais (Spicer, 1954).

A aculturação desencadeia, muitas vezes, apreensões acerca das mudanças culturais e conflitos a níveis intercultural e dentro duma mesma cultura. A nível individual, a aculturação é um processo de aprendizagem ao longo da vida, tal como a enculturação e a socialização, e não implica esquecer a cultura original ou apenas acrescentar novas competências, mas mudar a cultura original (Kramer, 2000). Uma vez que a cultura é dinâmica, a manutenção cultural funciona, ao mesmo tempo que as mudanças e as misturas culturais, excetuando as mudanças dramáticas como o genocídio. Assim sendo, a aculturação pode ocorrer face à cultura original, quando as pessoas migrantes aprendem e recriam a sua própria cultura (Bastide, 1971; Herskovits & Herskovits, 1934), fazendo misturas culturais e novas identidades culturais, partilhando características de duas ou mais culturas (Bhatia, 2010; Gibson, 2001).

22.3 Conclusões finais

Portugal foi o primeiro e o último império colonial europeu e mais de cinco séculos de conquistas, de navegações, de explorações, de colonizações e de relações interculturais com os outros países ocidentais terão, presumivelmente, moldado a mentalidade portuguesa e, em consequência, as reações aos processos da aculturação. Hoje, Portugal é um país que se deseja democrático, sendo, portanto, uma oportunidade única para rever o seu violento e problemático passado (Araújo & Maeso, 2010; Cabecinhas & Feijó, 2010; Vala, *et al.*, 2008), contribuindo para a compreensão da cultura da aculturação portuguesa e, num sentido mais lato, para a compreensão das culturas da aculturação europeias (incluindo a anglo-saxónica).

A presente investigação pretendeu explorar e contextualizar a cultura portuguesa da aculturação e deslocar a abordagem da aculturação para a aprendizagem recíproca em conformidade com o modelo de Rudmin (2009), os dois objetivos gerais foram apenas cumpridos parcialmente. Na análise de conteúdo, a presente investigação concluiu que a cultura histórica portuguesa reportou aprendizagem intercultural recíproca, na qual uma minoria europeia (a portuguesa) aprende com uma maioria não europeia (a japonesa), sendo ainda que, no entanto, a minoria europeia tentou mudar, talvez assimilar a cultura maioritária japonesa, acabando, no entanto, por fazer misturas culturais, as quais são

reportadas na cultura portuguesa. A análise de conteúdo presente nos capítulos quinze e dezasseis, referentes, respetivamente, às obras de Fernão Mendes Pinto (1989a, 1989b) e de Luís de Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984), reportou que as motivações intrínsecas, mas, sobretudo, as extrínsecas (Rudmin, 2009) regularam as preferências ou as atitudes culturais descritas por Berry (1974, 1997, 2001). Para além do mais, ambas as culturas em contato intercultural, isto é, o Japão e Portugal do século XVI, reportaram diferenças interculturais, mas também diferenças intraculturais, pois o processo da aculturação e as suas atitudes culturais não foram, usualmente, concordantes (Bourhis, *et al.*, 1997) em função da interceção das motivações de ambas as culturas e das suas respetivas classes sociais, ou seja, consoante as suas diferenças internas, as quais afetaram as atitudes ou as preferências aculturativas mutuamente, mas de forma diferenciada. As escolhas, as preferências ou as atitudes culturais foram, neste caso, relativas, seletivas e negociadas em ambos os grupos culturais, consoante as suas diferentes decisões de utilidade (Rudmin, 2009). Portanto, a análise de conteúdo às obras de Fernão Mendes Pinto (1989a, 1989b) e de Luís de Fróis (1976, 1981, 1982, 1983, 1984) reportaram aprendizagem recíproca, a qual é regulada pelas motivações, em acordo com o modelo de Rudmin (2009). Em 1933, Gilberto Freyre elaborou a primeira grande conceção teórica acerca da cultura portuguesa da aculturação. Nessa obra maior, ou seja, *Casa Grande e Senzala*, o elemento mais importante para a presente investigação não são as misturas das “raças”, as quais, segundo o autor, irão conduzir a uma harmonia universal, senão que o reportar a aprendizagem recíproca, a qual ocorre mediante relações de poder assimétricas, sendo que a cultura portuguesa foi a parte dominante. Portanto, a obra não apenas reporta aprendizagem recíproca, senão que a importância das motivações e das decisões de utilidade (Rudmin, 2009) nas relações interculturais e no processo de aculturação. Segundo Freyre, Fernão Mendes Pinto foi o paradigma do homem luso-tropical (Freyre, 1959; Souza, 2000, 2001). A teorização de Freyre foi adotada pela ditadura Portuguesa, em meados do século vinte, porém, algumas décadas depois, a teoria de Freyre foi também adotada por um sistema político que se deseja, na atualidade, democrático. Apesar das diferenças políticas, ambos os regimes políticos prezam a capacidade de adaptação dos portugueses, a plasticidade portuguesa torna-se, pois, uma ideologia consensual, assim como as misturas culturais. Freyre terá tido, pois a vantagem de ter conceptualizado uma ideologia consensual presente na cultura brasileira e na portuguesa e, sobretudo, de ter reportado aprendizagem recíproca.

O processo de aprendizagem intercultural português, no Brasil, decorre sob relações assimétricas de poder, pois são reportadas misturas e aprendizagem mútuas, ou seja, que uma cultura europeia aprende com outras culturas, e ainda são reportadas as influências das culturas minoritárias na portuguesa, no entanto, as relações assimétricas de poder são demasiado fortes, conduzindo todo o processo a uma ambiguidade, levantando questões éticas, sendo, no entanto, reportada aprendizagem recíproca mediante uma relação intercultural assimétrica e antagonística. Portanto, tendo em conta o discurso histórico português, a cultura portuguesa da aculturação poderia, pois ser caracterizada como reportando aprendizagem recíproca mediante relações de poder assimétricas e antagonísticas, e ainda através da intervenção da cultura portuguesa nas restantes, prevalecendo ou sendo a cultura dominante.

Assim dispondo, o primeiro e o segundo objetivo gerais da investigação, isto é, o explorar, o contextualizar a cultura portuguesa da aculturação e, por seu turno, o deslocar a análise para a aprendizagem recíproca estiveram parcialmente cobertos devido aos problemas éticos e da ambiguidade do processo da aculturação português.

No terceiro momento da investigação, a questão centrava-se em saber se o discurso histórico português poderia ser transportado para as atuais relações interculturais portuguesas. Deste modo, novas questões emergiram. Como a maioria portuguesa reage às mudanças culturais da sua cultura? Será que a cultura portuguesa da aculturação, devido ao seu passado histórico de misturas, não revela apreensões com a sua mudança cultural? Será que a sociedade portuguesa reage preferindo as misturas culturais, tendo em conta os seus emigrantes e os imigrantes a residirem em Portugal?

No que diz respeito à maioria portuguesa, a contradição da cultura de misturas, a qual pode ser concetualizada através do modelo de fusão e da teoria luso-tropical, aparece já na obra de Fernão Mendes Pinto, pois este no final do seu livro interroga-se acerca dos efeitos violentos das relações interculturais, adaptando-se, no entanto, a todas as culturas e pretendendo regressar ao Portugal intocado pelas mudanças culturais. Portanto, a cultura histórica da aculturação portuguesa fez-se para fora do seu território, ficando Portugal aparentemente intocado e uniforme pelas influências aculturativas, sendo pois semelhante ao modelo da assimilação, sendo que a cultura portuguesa prevalece através das relações

assimétricas de poder. Por um lado, tendo em conta a principal dimensão do modelo de fusão, isto é, a interação (ver eixos nas figuras 5 e 5.1), todas as culturas se alteram no contato intercultural. Por outro lado, a cultura de misturas e o modelo de fusão não poderão ser conceptualizadas como um resultado esperado no futuro, mas antes como um processo constante de mudanças culturais; e o não levantar qualquer apreensão acerca das mudanças culturais próprias (portuguesas) parece pouco verosímil. Na presente investigação foi empregue o método misto, isto é, a análise de conteúdo, a análise quantitativa e a etnográfica de campo, sendo utilizados análises diacrónica e sincrónica e fontes primárias e secundárias. Portanto, tratou-se de conceber um desenho da investigação próximo da característica da interação do construto da aculturação, incluindo, para além das apreensões da maioria portuguesa, as apreensões acerca das mudanças culturais dos emigrantes portugueses e dos imigrantes a residirem em Portugal.

Na análise de conteúdo e no trabalho etnográfico de campo foi possível verificar como o estatuto social ou a posição social face às mudanças culturais altera a preferência cultural, o mesmo sucedeu no trabalho quantitativo. No contexto português da aculturação, tendo em conta estes resultados, a aculturação surge como um fenómeno complexo, relativo, seletivo e negociado, revelando diferenças interculturais e intragrupoais. A cultura portuguesa e a maioria dos portugueses parecem, pois, preferirem a misturas culturais, no entanto, quando confrontados com as influências culturais dos imigrantes parecem escolher as preferências culturais da assimilação ou do modelo intercultural, pois o Estado português, não reporta as influências culturais e não cuida da promoção e da manutenção das culturas minoritárias e dos imigrantes a residirem em Portugal. A teoria luso-tropical aparece também como uma ideologia consensual, pois a cultura portuguesa tende a escolher as características fundamentais do modelo multicultural, preferindo a manutenção cultural da cultura portuguesa, no que diz respeito às culturas dos emigrantes portugueses e da maioria portuguesa. Portanto, nenhum modelo da aculturação se adequa por completo ao contexto português da aculturação e as preferências ou as atitudes aculturativas variam consoante as posições ou os estatutos sociais das três amostras, revelando como as motivações, nomeadamente, a apreensão com a mudança cultural própria, modelam a reação ao processo da aculturação. Assim dispondo, na cultura portuguesa da aculturação existem duas avaliações, em simultâneo: uma “ideal” e outra “real”. A “ideal” corresponde ao luso-tropicalismo, ao modelo de fusão e à preferência pela interação e pelas misturas culturais, as quais, no entanto, apenas ocorrem ao nível privado ou individual e não ao

nível institucional. A avaliação “real” corresponde às diferentes reações e apreensões aculturativas, sendo a escolha complexa, relativa e multidimensional.

A cultura de interação e de misturas revela-se, pois uma ideologia consensual, tal como a separação cultural parece sê-lo na cultura anglo-saxónica (Myrdal, 1944). A separação cultural permite e está supostamente subjacente à manutenção das culturas (da minoria, mas também da maioria), contudo a separação também conduziu a um *pressure cooker*, preferindo o modelo da assimilação, até aos anos sessenta, nas sociedades norte americanas, sendo que, neste caso, a separação pressupunha, na época, que nenhuma influência das culturas minoritárias seria reportada no resultados esperados da assimilação, isto é, a cultura anglo-saxónica iria prevalecer por completo e estaria inalterada. Portanto, em ambas as culturas as realidades sociológicas não se reduzem aos modelos de fusão (português e lusófono) e ao multicultural (anglo-saxónico), respetivamente, sendo ainda que ambas as culturas revelam apreensões acerca das suas mudanças culturais, sendo que os processos de aculturação são antagonísticos ou assimétricos em ambas as culturas. O modelo multicultural, enquanto reação à violência e à discriminação, suspende o fluir das culturas, tendendo a não perceber relações interculturais antagónicas. Contudo, usualmente, a aculturação e as relações culturais são processos de trocas antagónicas. No modelo de fusão a nova cultura que nasce da síntese das duas culturas, ou seja, o resultado esperado que, no caso da cultura portuguesa no Brasil, foi marcada pelas relações de poder assimétricas e antagónicas de poder, conquanto que a cultura europeia e portuguesa reporte misturas e aprendizagem com as outras culturas. Portanto, a aprendizagem numa segunda cultura, isto é, a aculturação, é independente das relações de poder, de modo semelhante ao que Rudmin (2009) propôs ao colocar a discriminação e o estatuto socioeconómico como variáveis de controlo no seu modelo da aculturação. Assim sendo, a aprendizagem numa segunda cultura parece ocorrer, muitas vezes, sob relações antagónicas, uma vez que todas as culturas em contato intercultural manifestam apreensões acerca das suas mudanças culturais (Bourhis, *et al.*, 1997), reagindo e recriando as suas próprias culturas e afetando as demais culturas em contato de modo diferenciado consoante os domínios culturais.

Esta investigação evitou ver aquilo que inicialmente pretendia ver (McGuire, 1973), isto é, que a cultura da aculturação portuguesa seria “melhor” do que a anglo-

saxónica, uma vez que reporta misturas culturais, as quais são, atualmente, avaliadas de forma positiva, inclusivamente pelo discurso da globalização (Almeida, M. V., 2007). Assim sendo, a teoria luso-tropical foi também avaliada, contudo são as teorias e os modelos da aculturação que não se adequam a uma realidade mutável e complexa da aculturação, sendo que todos os modelos da aculturação poderão apresentar problemas éticos, nomeadamente, em função das apreensões das culturas em contato intercultural. Morin (2002) afirma que as teorias devem existir em função duma procura constante da “realidade”: “O espírito científico é incapaz de se pensar de tanto crer que o conhecimento científico é o reflexo do real . . . Não é próprio da cientificidade refletir o real, mas traduzi-lo em teorias mutáveis e refutáveis.” (p. 21-22). As teorizações devem encontrar-se abertas (Popper, 2002) a novas formulações e implicações teóricas, para além dos paradigmas (Kuhn, 1996, 2003) ou das evidências primeiras (Bachelard, 1967). A solução parece ser deslocar a abordagem do fenómeno da aculturação para uma perspetiva interativa e dinâmica, podendo revelar misturas e, em simultâneo, manutenção cultural, não negligenciando as motivações de todas as culturas em contato, pois as apreensões acerca das mudanças culturais parecem ser universais, sendo que os processos de aculturação são amiúde antagónicos onde o elemento central do fenómeno é a aprendizagem (Rudmin, 2009).

O passado histórico português condiciona de forma contraditória o estudo da aculturação portuguesa, uma vez que, por um lado, o passado torna a cultura portuguesa alvo privilegiado de estudo do fenómeno devido à sua riqueza em relações interculturais; por outro lado, o seu passado de colonizações remete o termo e o construto da aculturação para um lugar secundário e repleto de conotações éticas, uma vez que as relações podem ser assimétricas e, usualmente, são antagónicas com maior ou menor grau, mas que implicam apreensões acerca das mudanças culturais. Portanto, as contradições estão presentes não apenas na realidade sociológica, senão que na própria evolução da formulação do construto da aculturação.

As contradições conceptuais e os dilemas éticos e sociológicos, talvez, apareçam porque a aculturação tem sido conceptualizado como um resultado futuro (no modelo da assimilação, mas também no modelo da fusão e na teoria luso-tropical). A investigação da aculturação é influenciada pelo seu passado, a ideia da difusão é ainda empregue, tal como

o modelo da assimilação, isto é, as características culturais são olhadas apenas como que passando duma cultura para as outras, por vezes, numa relação de poder ou sob um olhar etnocêntrico que favorece a cultura de quem olha para o outro, ou então, assumindo essa relação de poder como se uma cultura absorve-se a outra por inteiro, não revelando que a maioria poderia também mudar ou que a minoria iria alterar a maioria e até manter traços culturais, gerando diversidade cultural e sobretudo, não vendo ou tendo em conta que as culturas partilham elementos culturais, ou seja, que as misturas culturais operam, em simultâneo, com a manutenção da cultura, sendo um processo dinâmico de recriação cultural, conduzindo à diversidade interna. A cultura japonesa, por exemplo, não é apenas um caso de difusão cultural, senão que um caso de reação e reinterpretação ativa da aculturação, ou seja, da aprendizagem de segundas culturas, na qual a primeira cultura é constantemente refeita, sendo que as misturas operam, em simultâneo, com a manutenção cultural, tal como Deleuze (1994) escreveu acerca da imitação e da formação da cultura: “. . . a process of repetition understood as the passage from a state of general differences to singular difference, from external differences to internal difference - in short, repetition as the differentiator of difference.” (p. 76). Tal como o trabalho de campo mostrou, as culturas dos imigrantes cabo-verdianos e dos emigrantes portugueses mostraram também processos de recriação culturais, nos quais as misturas existem, em simultâneo, com a adaptação e a manutenção culturais.

Portanto, a aprendizagem é transversal a todos os modelos da aculturação, as realidades “ideal” e “real” do contexto da aculturação português impõe limitações a todos os modelos, contudo a cultura e a aculturação são processos dinâmicos de construção cultural. Aquilo que ressalta da teoria de Freyre (1986), sendo, quiçá, a maior contribuição da cultura luso-tropical para o estudo da aculturação, não é apenas o desdramatizar as misturas enquanto degenerescência biológica, num tempo de teoria eugénicas, nas primeiras décadas do século passado, mas antes o admitir, por vezes, através das práticas sociais, tais como os cantares, a culinária ou o mero banho, que a aprendizagem foi mútua ou até tripla. A importância de Freyre (1986), para a presente tese, ressalta de ter reportado as misturas interculturais, revelando, em simultâneo, as motivações aculturativas, pois todas as culturas, incluindo a portuguesa, mudaram através da interação e das misturas, ou seja, que todas as culturas se encontram a aprender.

A cultura portuguesa poderá ser, então, contextualizada como reportando aprendizagem recíproca, contudo as preferências aculturativas mudam consoante as apreensões aculturativas, podendo a cultura portuguesa escolher outras opções aculturativas para além da fusão, tendo em conta a preservação da sua cultura e a sua diversidade interna. Nenhum modelo da aculturação se adequa ao contexto português da aculturação, sendo que a preferência aculturativa depende das avaliações serem auto ou hétero avaliações em ambas as cultura em contato intercultural, afetando-se mutuamente de forma diferenciada face aos diferentes domínios culturais ou aculturativos. As futuras investigações poderão alargar e aprofundar o legado de Freyre, no sentido de levar a cabo elaboração teórica acerca da cultura portuguesa da aculturação, comparando-a com a anglo-saxónica. Para além do legado de Freyre, o fenómeno da aculturação poderá ser abordado através das suas dimensões fundamentais, tal como foram expostas no subcapítulo três ponto cinco, podendo a aculturação ser abordada como um fenómeno interativo, complexo e dinâmico de aprendizagem, alargando assim a revisão da literatura até aos finais do século dezanove e inícios do século vinte português e brasileiro, e, por fim, unindo os dois objetivos gerais da presente tese de doutoramento.

V. Referências bibliográficas

- Abraham, T., & Serradilla-Avery, D. (2010). The Japón lineage in Spain: Voices from the unsung past in the creation of identity through tourism today. Em N. Adachi (Ed.), *Japanese and Nikkei at home and abroad: Negotiating identities in a global world* (pp. 105-131). Amherst, NY: Cambria Press.
- Abreu, G., & Lambert, H. (2003). *The education of Portuguese students in England and Channel Islands schools*. Luton: University of Luton.
- Abreu, A., & Peixoto, J. (2009). Demografia, mercado de trabalho e imigração de substituição: Tendências, políticas e prospectiva no caso português. *Análise Social*, 44, 719-746.
- Adair, J. G. (1999). Indigenisation of psychology: The concept and its practical implementation. *Applied Psychology: An International Review*, 48, 403-418.
- Adamopoulos, J. (1982). Analysis of interpersonal structures in literary works of three historical periods. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 13, 157-168.
- Adamopoulos, J., & Bontempo, R. N. (1986). Diachronic universals in interpersonal structures: Evidence from literary sources. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 17, 169-189.
- Adler, P. (1975). The transitional experience: An alternative view of culture shock. *Journal of Humanistic Psychology*, 15, 13-23.
- Adler, P. (1977). Beyond cultural identity: Reflections on cultural and multicultural man. Em R. W., Brislin (Ed.), *Culture learning: Concepts, application and research* (pp. 24-41). Honolulu: University of Hawaii Press.
- Aguiar, M. (1986). *Política de emigração e comunidades portuguesas*. Porto: Secretaria do Estado das Comunidades Portuguesas.
- Akbary, S. C., & Iannucci, A. (2008). *Marco Polo and the encounter of the East and West*. Toronto: University of Toronto Press.
- Akesson, L. (2004). *Making a life meanings of migration in Cape Verde*. Göteborg: Göteborg University.
- Akutagawa, R. (2006). *Rashomon and 17 other stories*. London: Penguin Books.
- Alba, D. R. (2009). *Blurring the color line: The new chance for a more integrated America*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Alba, D. R., & Nee, V. (2005). *Remaking the American mainstream: Assimilation and contemporary immigration*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Albuquerque, L. (1987). *Navegadores, viajantes e aventureiros portugueses: Séculos XV e XVI*. Lisboa: Caminho.

Alexandre, V. (1999). O Império e a ideia de raça (séculos XIX e XX). Em J. Vala (Coord.), *Novos racismos: Perspectivas comparativas* (pp. 133-144). Oeiras: Celta.

Al-Haj, M. (2004). *Immigration and ethnic formation in a deeply divided society: The case of the 1990s immigrants from the former Soviet Union in Israel*. Leiden: Brill Publishers.

Allport, G. W. (1942a). *The use of personal documents in psychological science*. New York: Social Science Research Council.

Allport, G. W. (1942b). *The roots of religion: A dialog between a psychologist and his student*. New York: National Council of the Protestant.

Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge, MA: Addison-Wesley.

Allport, G. W., & Odbert, H. S. (1936). Trait-names: A psycho lexical study. *Psychological Monographs*, 47, 1-211.

Allwood, C. M., & Berry, J. W. (2006). Origins and development of indigenous psychologies: An international analysis. *International Journal of Psychology*, 41, 243-268.

Almeida, A. (2008). *Les Portugais en France à l'heure de la retraite*. Paris: Éditions Lusophone.

Almeida, C., & Barreto, A. (1974). *Capitalismo e emigração em Portugal*. Lisboa: Prelo.

Almeida, C. C. (1973). Sobre a problemática da emigração portuguesa: Notas para um projecto de investigação interdisciplinar. *Análise Social*, 40, 778-789.

Almeida, C. C. (1975). Movimentos migratórios, espaços socioculturais e processos de aculturação. *Análise Social*, 11, 203-212.

Almeida, J. C. F. (1964). A emigração portuguesa para França em 1953-65: Alguns aspectos quantitativos. *Análise Social*, 2, 599-622.

Almeida, J. C. F. (1966). Dados sobre a emigração portuguesa em 1963-65: Alguns comentários. *Análise Social*, 4, 116-128.

Almeida, J. C. P. (2003). *National identity, colonialism and youth. Luso-tropicalism revisited*. Research seminar resituating culture: Reflections on diversity, racism, gender and identity in the context of youth. Budapeste: Council of Europe.

Almeida, J. C. P. (2004). Portugal, o Atlântico e a Europa. A identidade nacional, a (re) imaginação da nação e a construção europeia. *Nação & defesa*, 107, 147-172.

Almeida, J. C. P. (2005). *Celebrar Portugal: A nação, as comemorações públicas e as políticas de identidade*. Lisboa: Editora Piaget.

Almeida, J. C. P. (2006). A escola e a diversidade cultural: Algumas notas sobre a educação multicultural em Portugal. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 14. Retirado de <http://epaa.asu.edu/epaa/>.

Almeida, J. C. P., & David, C. (2010). Portuguese migrant workers in the UK: A case study of Thetford, Norfolk. *Portuguese Studies*, 26, 27-40.

Almeida, M. V. (2002). Longing for oneself: Hybridism and miscegenation in colonial and postcolonial Portugal. *Etnográfica*, 6, 181-200.

Almeida, M. V. (2004). *An earth-colored sea: "Race," culture, and the politics of identity in the postcolonial Portuguese-colored sea*. Oxford, UK: Berghahn Books.

Almeida, M. V. (2007). From miscegenation to Creole identity: Portuguese colonialism, Brazil, Cape Verde. Em C. Stewart (Ed.), *Creolization: History, ethnography, theory* (pp. 108-132). Walnut Creek: Left Coast Press.

Almeida, O. T. (1987). *L(USA)Lândia, a décima ilha*. Angra do Heroísmo: Direcção dos Serviços de Emigração.

Almeida, O. T. (1995). *A L(USA)Lândia e a lenta osmose da assimilação*. Comunicação apresentada no congresso das comunidades açorianas. Angra do Heroísmo: Gabinete de Emigração e Apoio as Comunidades Açorianas.

Alpalhão, J., & Rosa, V. (1980). *A minority in a changing society*. Ottawa: University of Ottawa Press.

Alpalhão, J., & Rosa, V. (1983). *Da emigração à aculturação: Portugal insular e continental no Quebeque*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura.

Álvares, J. (1960). Informação. Em A. A. Calado (Ed.), *Livro que trata das cousas da Índia e do Japão*, Vol. 24 (pp. 99-112). Coimbra: Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Originalmente publicado em 1547.

Alves, J. (1994). *Os brasileiros: Emigração e retorno, no Porto oitocentista*. Porto: Gráficos Reunidos.

Amâncio, L. (2004). A identidade social e relações intergrupais. Em J. Vala., & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia social* (pp. 387-409). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Amaro, R. R. (1985a). Ei-los que voltam: Problemas e desafios do regresso dos emigrantes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 15, 351-373.

Amaro, R. R. (1985b). Reestruturações demográficas, económicas e socioculturais em curso na sociedade portuguesa: O caso dos emigrantes regressados. *Análise Social*, 21, 605-677.

Ançã, M. H. (2006). Representações sobre a língua Portuguesa: Um exemplo em meio de aprendizagem não formal. Em R. Bizarro (Org.), *Como abordar ... a escola e a diversidade cultural* (pp. 216-226). Porto: Areal Editores.

Ançã, M. H. (Coord.) (2010). *Educação em Português e migrações*. Lisboa: Lidel Editores.

Anido, N., & Rubens, F. (1976). A existência de ciclos emigratórios na emigração portuguesa. *Análise Social*, 12, 179-186.

Antunes, A. (2006). *Tango do emigrante*. Lisboa: Dom Quixote.

Antunes, M. (1981). Migrações e mobilidade social e identidade cultural: Factos e hipóteses sobre o caso português. *Análise social*, 12, 17-27.

Antunes, M. L. M. (1970). Vinte anos de emigração portuguesa: Alguns dados e comentários. *Análise Social*, 30-31, 299-385.

Araújo, M., & Maeso, S. R. (2010). Explorando o eurocentrismo nos manuais portugueses de história. *Estudos de Sociologia*, 15, 239-270.

Arbuckle, G. A. (2010). *Culture, inculturation, and theologians: A postmodern critique*. Collegeville, MN: Liturgical Press.

Arenas, F. (2005, February). *(Post)colonialism, globalization, and lusofonia or the time-space of the Portuguese-Speaking world*. Paper presented at Conference: Linguistic Communities or Cultural Empires?: The Impact of European Languages in Former Colonial Territories. Retirado em 22 junho de 2007, de <http://escholarship.org/uc/item/0vh0f7t9>.

Arends-Tóth, J. V., & Van de Vijver, F. J. R. (2003). Multiculturalism and acculturation: Views of Dutch and Turkish-Dutch. *European Journal of Social Psychology*, 33, 249-266.

Arends-Tóth, J. V., & Van de Vijver, F. J. R. (2006a). Issues in conceptualization and assessment of acculturation. Em M. H. Bornstein., & L. R. Cote (Eds.), *Acculturation and parent-child relationships: Measurement and development* (pp. 33-62). Mahwah, NJ: Erlbaum.

Arends-Tóth, J. V., & Van de Vijver, F. J. R. (2006b). Assessment of psychological acculturation. Em D. L. Sam., & J. W. Berry (Eds.), *Cambridge handbook of acculturation psychology* (pp. 142-160). Cambridge: Cambridge University Press.

Arends-Tóth, J. V., & Van de Vijver, F. J. R. (2008). Family relationships among immigrants and majority members in the Netherlands: The role of acculturation. *Applied Psychology: An International Review*, 57, 466-487.

Argyle, M. (2000). *Psychology and religion: An introduction*. New York: Routledge.

Arnett, J. J. (2002). The psychology of globalization. *American Psychologist*, 57, 774-783.

Aronson, E., Wilson, T., & Akert, R. (1997). *Social psychology*. New York: Longman.

Arroteia, A. (1983). *A emigração portuguesa – Suas origens e distribuição*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Arroteia, A. (1986). *Ensaio tipológico sobre os movimentos migratórios portugueses*. Aveiro: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.

Arroteia, A. (1992). *A criança portuguesa no contexto migratório português no G. D. do Luxemburgo*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Arroteia, A. (1998). *Emigração, “a segunda geração” de emigrantes: Perspectivas de integração e de mobilidade social numa comunidade rural*. Monte Real: Museu do Casal do Monte Real.

Arroteia, J. (2010). Portuguese em diáspora: Identidade e cidadania. *População e Sociedade*, 18, 145-159.

Arroteia, J., & Fiss, R. L. R. S. B. (2007). Traços da comunidade portuguesa em Pelotas. *População e Sociedade*, 14, 171-191.

Arruda, J. J. A. (2007). A expansão europeia oitocentista: Emigração e colonização. *População e Sociedade*, 14, 13-40.

Ashcroft, B., & Ahluwalia, D. P. S. (2001). *Edward Said*. London: Routledge.

Asthana, H. S. (2002). Constructionism some epistemic and methodological issues in psychology. Em G. Misra., & A. K. Mohanty (Eds.), *Perspectives on indigenous psychology* (pp. 67-78). New Delhi: Concept Publishing Company.

Ávila, P., & Alves, M. (1993). Da Índia a Portugal - Trajectórias sociais e estratégias colectivas dos comerciantes indianos. *Sociologia Problemas e Práticas*, 13, 115-33.

Azevedo, R. V. (2010). Not quite white: The ethno-racial identity of a portagee. *A Journal of Anglo-American Studies*, 12, 19-34.

Bachelard, G. (1967). *La formation de l'esprit scientifique: Contribution à une psychanalyse de la connaissance*. Paris: Librairie Philosophique. Originalmente publicado em 1934.

Baganha, M. I. (1991). Uma imagem desfocada – A emigração portuguesa e as fontes sobre a emigração. *Análise Social*, 26, 723-740.

Baganha, M. I. (1994). As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional. *Análise Social*, 29, 959-980.

Baganha, M. I. (1998). Portuguese emigration after the Second World War. Em A. C. Pinto (Ed.), *Modern Portugal* (pp. 189-205). Palo Alto: Society for the Promotion of Science and Scholarship.

Baganha, M. I. (2003). From closed to open doors: Portuguese emigration under the corporatist regime. *E-Journal of Portuguese History*, 1, 1-16.

Baganha, M. I. (2005). Política de imigração: A regulação dos fluxos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73, 29-44.

Baganha, M. I. (2009). Migração transatlântica: Uma síntese histórica. Em J. V. Serrão., M. A. Pinheiro., M. F. Sá., & M. Ferreira (Orgs.), *Desenvolvimento económico e mudança social. Portugal nos últimos dois séculos. Homenagem a Míriam Halpern Pereira* (pp. 405-422). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Baganha, M. I., Góis, P., & Pereira, P. T. (2005). International migration from and to Portugal: What do we know and where are we going? In K. Zimmermann (Ed.), *European migration: What do we know?* (pp. 415-458). Oxford: Oxford University Press.

Baganha, M. I., Marques, J. C., & Góis, P. (2004). Novas migrações, novos desafios: A imigração do Leste Europeu. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 69, 95-115.

Baganha, M. I., & Peixoto, J. (1997). Trends in the 90's: The portuguese migratory experience. Em M. Baganha (Ed.), *Immigration in Southern Europe* (pp. 15-40). Oeiras: Celta Editora.

Bandura, A. (1963). The role of imitation in personality. *Journal of Nursery Education*, 18, 207-215.

Bandura, A. (1965). Vicarious processes: A case of no-trial learning. *Experimental Social Psychology*, 2, 1-55.

Bandura, A. (1982). The psychology of change encounters and life paths. *American Psychologist*, 37, 747-755.

Bandura, A. (1999a). *Self-efficacy in changing societies*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bandura, A. (1999b). Social cognitive theory: An agentic perspective. *Asian Journal of Social Psychology*, 2, 21-42.

Bandura, A. (2002a). The growing primacy of perceived efficacy in human self-development, adaptation and change. Em M. Salanova., R. Grau., I. Martinez., E. Cifre., S. Llorens., & M. Garcia-Renedo (Eds.), *Nuevos horizontes en la investigación sobre la autoeficácia* (pp. 33-52). Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume.

Bandura, A. (2002b). Social cognitive theory in cultural context. *Applied Psychology: An International Review*, 51, 269-290.

Bandura, A. (2002c). The growing primacy of human agency in adaptation and change in the electronic era. *European Psychologist*, 7, 2-16.

Bandura, A. (2003). On the psychosocial impact and mechanism of spiritual modeling. *International Journal for the Psychology of Religion*, 13, 167-173.

Bandura, A. (2006). Toward a psychology of human agency. *Perspectives on Psychological Science*, 1, 164-180.

Bandura, A. (2008). The reconstrual of “free will” from the agentic perspective of social cognitive theory. Em J. Baer., J. C. Kaufman., & R. F. Baumeister (Eds.), *Are we free? Psychology and free will* (pp. 86-127). Oxford: Oxford University Press.

Bandura, A. (2009). *Psychological modeling: Conflicting theories*. New Jersey: Transaction Publishers.

Bandura, A., Ross, D., & Ross, S. A. (1961). Transmission of aggression through imitation of aggressive models. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63, 575-582.

Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barou, J. (1997). En Auvergne, une immigration portugaise en milieu rural. *Hommes et migrations*, 1210, 43-60.

Barre J. (1997). *Jeunes d'origine portugaise en association. On est européen sans le savoir*. Paris: L'Harmattan.

Barre, J. (2006). *Identités multiples en Europe. Le cas des Lusodescendants en France*. Paris: L'Harmattan.

Barrette, G., Bourhis, R. Y., Capozza, D., & Hichy, Z. (2005). La scala di acculturazione HCAS per la comunità che ospita. Verifica della validità nel contesto Italiano. *Testing Psicometria Metodologia*, 12, 221-240.

Barrette, G., Bourhis, R. Y., Personnaz, M., & Personnaz, B. (2004). Acculturation orientations of French and North African undergraduates in Paris. *International Journal of Intercultural Relations*, 28, 415-438.

Barth, F. (1969). *Ethnic groups and boundaries. The social organization of culture difference*. Oslo: Universitetsforlaget.

Bartlett, F. C. (1923). *Psychology and primitive culture*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bartlett, F. C. (1932). *Remembering: A study in experimental and social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bastide, R. (1968). Acculturation. Em *Encyclopaedia Universalis* (pp. 102-107). Paris: La Société d'Édition Encyclopædia Universalis.

Bastide, R. (1971). *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira.

Bastos, S. P. (2009). Manejos da religião, da etnicidade e recursos de classe na construção de uma cultura migratória transnacional. *Análise Social*, 44, 43-69.

Bastos, J. G. P. (2007). Que futuro tem Portugal para os Portugueses ciganos? In M. Montenegro (Ed), *Ciganos e Cidades*. Lisboa: Centro de Estudos de Migrações e Minorias Étnicas.

Batalha, L. (2004a). *The Cape Verdean diaspora in Portugal: Colonial subjects in a postcolonial world*. Lanham: Lexington Books.

Batalha, L. (2004b). Contra a corrente dominante: Histórias de sucesso entre cabo-verdeanos de segunda geração. *Etnográfica*, VIII, 297-333.

Batalha, L. (2008a). Cape Verdeans in Portugal. Em L. Batalha., & J. Carling (Eds), *Transnational archipelago. Perspectives on Cape Verdean migration and diaspora* (pp. 61-71). Amsterdam: Amsterdam University Press.

Batalha, L. (2008b). Cabo-verdeanos em Portugal: Comunidade e identidade. Em P. Góis (Org.), *Comunidade (s) cabo-verdeana (s): As múltiplas faces da imigração cabo-verdeana* (pp. 25-36). Lisboa: ACIDI.

Batson, C. D., Qian, Z., & Lichter, D. T. (2006). Interracial and interracial patterns of mate selection among America's diverse black populations. *Journal of Marriage and Family*, 68, 658-672.

Becker, A. (2009). The role of the school in the maintenance and change of ethnic group affiliation. Em K. C. Holton., & A. Klimt (Orgs.), *Community, culture and the makings of identity: Portuguese-Americans along the Eastern seaboard* (pp. 317-336). Dartmouth: University of Massachusetts Dartmouth.

Befu, H. (2001). *Hegemony of homogeneity: An anthropological analysis of nihonjinron*. Melbourne: Transpacific Press.

Befu, H., & Guichard-Anguis, S. (2001). *Globalizing Japan: Ethnography of the Japanese presence in Asia, Europe, and America*. London: Routledge.

Bendinha, U. M. S. P. (1996). *Os caminhos do empréstimo. A influência do Francês no vocabulário dos emigrantes portugueses (1978-1993)*. Dissertação de doutoramento não publicada, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.

Benedict, R. (1946). *The chrysanthemum and the sword: Patterns of Japanese culture*. Boston: Houghton Mifflin Company.

Benet-Martínez, V., & Haritatos, J. (2005). Bicultural identity integration (BII): Components and psychosocial antecedents. *Journal of Personality*, 73, 1015-1050.

Benet-Martínez, V., Leu, J., Lee, F., & Morris, M. W. (2002). Negotiating biculturalism: Cultural frame switching in biculturals with oppositional versus compatible cultural identities. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 33, 492-516.

Berger, P. (2004). *Perspectivas sociológicas: Uma visão humanista*. Petrópolis: Editora Vozes.

Berger, P., & Luckmann, T. (2004). *Modernidade pluralismo e crise de sentido. A orientação do homem moderno*. Petrópolis: Editora Vozes.

Berry, J. W. (1974). Canadian psychology: Some social and applied emphases. *Canadian Psychologist*, 15, 132-139.

Berry, J. W. (1986). The acculturation process and refugee behaviour. Em C. L. Williams., & J. Westermeyer (Eds.), *Refuge mental health in resettlement countries* (pp. 25-37). Washington, DC: Hemisphere Publisher.

Berry, J. W. (1988a). Acculturation et adaptation chez les réfugiés. Em D. Miserez (Ed.), *Réfugiés les traumatismes de l'exil: Le rôle humanitaire de la Croix-Rouge et du Croissant-Rouge* (pp. 111-122). Bruxelles: Bruylant.

Berry, J. W. (1988b). Acculturation and psychological adaptation among refugees. Em D. Miserez (Ed.), *Refugees – The trauma of exile: The humanitarian role of red cross and red crescent* (pp. 97-110). Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers.

Berry, J. W. (1993). Ethnic identity in plural societies. Em M. E. Bernal., & G. P. Knight (Eds.), *Ethnic identity: Formation and transmission among Hispanics and other minorities* (pp. 271-296). Albany: State University of New York Press.

Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46, 5-68.

Berry, J. W. (1999a). Aboriginal cultural identity. *Canadian Journal of Native Studies*, 19, 1-36.

Berry, J. W. (1999b). Emics and etics: A symbiotic conception. *Culture & Psychology*, 5, 165-171.

Berry, J. W. (2001). A psychology of immigration. *Journal of Social Issues*, 57, 615-631.

Berry, J. W. (2004a). Migração, aculturação e adaptação. Em S. D. Paiva., & J. P. Gerando (Org.), *Psicologia e/imigração e cultura* (pp. 29-46). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Berry, J. W. (2004b). Acculturation. Em C. D. Spielberger (Ed.), *Encyclopedia of Applied Psychology, Vol. I* (pp. 27-34). New York: Elsevier.

Berry, J. W. (2004c). Fundamental psychological processes in intercultural relations. Em D. Landis., J. M. Bennett., & M. J. Bennett (Eds.), *Handbook of intercultural training* (pp. 166-184). London: Sage Publications.

Berry, J. W. (2006a). Acculturation: A conceptual overview. Em M. H. Bornstein., & L. R. Cote (Eds.), *Acculturation and parent-child relationship, measurement and development* (pp. 13-30). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Berry, J. W. (2006b). Introduction. Em D. L. Sam., & J. W. Berry (Eds.), *The Cambridge handbook of acculturation psychology* (pp. 1-9). Cambridge: Cambridge University Press.

Berry, J. W. (2006c). Context of acculturation. Em D. L. Sam., & J. W. Berry (Eds.), *The Cambridge handbook of acculturation psychology* (pp. 27-42). Cambridge: Cambridge University Press.

Berry, J. W. (2006d). Psychological skills related to intercultural adjustment. Em P. T. P. Wong., & L. C. J. Wong (Eds.), *Handbook of multicultural perspectives on stress and coping* (pp. 287-298). New York: Springer.

Berry, J. W. (2007). Acculturation. Em J. E. Grusec., & P. D. Hastings (Eds.), *Handbook of socialization: Theory and research* (pp. 543-558). New York: Guilford Publications.

Berry, J. W. (2008). Globalization and acculturation. *International Journal of Intercultural Relations*, 32, 328-336.

Berry, J. W., Kim, U., Minde, T., & Mok, D. (1987). Comparative study of acculturative stress. *International Migration Review*, 21, 491-511.

Berry, J. W., Phinney, J. S., Sam, D. L., & Vedder, P. (2006). Immigrant youth: Acculturation, identity, and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 55, 303-332.

Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Breugelmans, S. M., Chasiotis, A., & Sam, D. L. (2011). *Cross-cultural psychology: Research and applications*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Segall, M. H., & Dasen, P. R. (1992). *Cross-cultural psychology: Research and applications* (1º Ed.). Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Segall, M. H., & Dasen, P. R. (2002). *Cross-cultural psychology research and applications* (2º Ed.). Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Berry, J. W., & Sam, D. L. (1997). Acculturation and adaptation. Em J. W. Berry., Y. H. Poortinga., J. Pandey., P. R. Dasen., T. S. Saraswathi., M. H. Segall., & C. kagitçibasi (Eds.), *The handbook of social psychology*, Vol. 3 (pp. 291-326). Boston: Allyn and Bacon.

Besch, S. (2004). Les candidats portugais aux élections locales luxembourgeoises. *Cahiers de l'URMIS*, 9, 77-87.

Bhatia, S. (2002a). Acculturation, dialogical voices and the construction of the diasporic self. *Theory & Psychology*, 12, 55-77.

Bhatia, S. (2002b). Orientalism in Euro-American and Indian psychology: Historical representations of “natives” in colonial and postcolonial contexts. *History of Psychology*, 5, 376-398.

Bhatia, S. (2007a). *American karma: Race, culture, and identity in the Indian diaspora*. New York: New York University Press.

Bhatia, S. (2007b). Rethinking culture and identity in psychology: Towards a transnational cultural Psychology. *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, 27, 301-321.

Bhatia, S. (2010). Interpreting the meanings of schooling, hybridity, and multicultural citizenship in diaspora communities. *National Society for the Study of Education*, 109, 66-81.

Bhatia, S., & Ram, A. (2001). Rethinking “acculturation” in relation to diasporic cultures and postcolonial identities. *Human Development*, 44, 1-17.

Bhawuk, D. P. S, Landis, D., & Lo, K. D. (2006). Intercultural training. Em D. L. Sam., & J. W. Berry (Eds.), *Cambridge handbook of acculturation psychology* (pp. 504-524). Cambridge: Cambridge University Press.

Bilsborrow, R. E., Hugo, G., Oberai, A. S., & Zlotnik, H. (1997). *International migration statistics*. Geneva: International Labour Office.

Bitterli, U., & Robertson, R. (1986). *Culture in conflict: Encounters between European and non-European culture*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Blaine, B. E. (2007). *Understanding the psychology of diversity*. London: Sage Publications.

Boas, F. (1896). The growth of Indian mythologies: A study based upon the growth of the mythologies of the North Pacific Coast. *Journal of American Folklore*, 9, 1-11.

Boas, F. (1962). *Anthropology and modern life*. New York: Norton and Company. Originalmente publicado em 1928.

Boas, F. (1966). Introduction. Em P. Holder (Ed.), *Introduction to handbook of American Indian languages by Franz Boas and Indian linguistic families of America*,

North of Mexico, by J. W. Powell (pp. 1-83). Lincoln: University of Nebraska. Originalmente publicado em 1911.

Boas, F. (1982a). *Race, language, and culture*. Chicago: University of Chicago Press. Originalmente publicado em 1940.

Boas, F. (1982b). *A Franz Boas reader: The shaping of American anthropology, 1883-1911*. Chicago: University of Chicago Press. Originalmente publicado em 1974.

Bock, A. (2003). Psicologia e sua ideologia 40 anos de compromisso com as elites. Em A. Bock (Org.), *Psicologia e compromisso social* (pp. 15-28). São-Paulo: Cortez Editora.

Bonomo, M., Zeidi, A. T., Lídio, S., & Coutinho, S. M. S. (2008). Representações sociais e identidade em grupos de mulheres ciganas e rurais. *Psicologia*, 22, 153-181.

Borges, C. J., & Feldmann, H. (1997). *Goa and Portugal: Their cultural links*. New Delhi: Concept Publishing Company.

Bourdieu, P. (1992). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Bourdieu, P. (1997). *Razões práticas: Sobre a teoria da acção*. Oeiras. Celta Editores.

Bourdieu, P. (2001). *O que fala quer dizer: As estruturas sociais da economia*. Álgos: Difel Editora.

Bourguignon, E. E. (1952). Class structure and acculturation in Haiti. *Ohio Journal of science*, 52, 317-320.

Bourguignon, E. E. (1954). Reinterpretation and the mechanisms of culture change. *Ohio Journal of science*, 54, 329-334.

Bourhis, R. Y., Barrette, G., El-Geledi, S., & Schmidt, R. (2009). Acculturation orientations and social relations between immigrants and host community members in California. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 40, 443-467.

Bourhis, R. Y., Barrette, G., & Moriconi, P-A (2008). Appartenances nationales et orientations d'acculturation au Québec. *Revue Canadienne des Sciences du Comportement*, 40, 90-103.

Bourhis, R. Y., & Bougie, E. (1998). Le modèle d'acculturation interactif: Une étude exploratoire. *Revue Québécoise de Psychologie*, 19, 75-114.

Bourhis, R. Y., & Dayan, J. (2004). Acculturation orientations towards Israeli Arabs and Jewish immigrants in Israel. *International Journal of Psychology*, 39, 118-131.

Bourhis, R. Y., Moise, C. L., Perreault, S., & Senécal, S. (1997). Towards an interactive acculturation model: A social psychological approach. *International Journal of Psychology*, 32, 369-386.

Bourhis, R. Y., Montreuil, A., Barrette, G., & Montaruli, E. (2009). Acculturation and immigrant/host community relations in multicultural settings. Em S. Demoulin., J. P. Leyens., & J. Dovidio (Eds.), *Intergroup misunderstanding: Impact of divergent social realities* (pp. 39-61). New York : Psychology Press.

Bowskill, M., Lyons, E., & Coyle, A. (2007). The rhetoric of acculturation: When integration means assimilation. *British Journal of Social Psychology*, 46, 793-813.

Boxer, C. R. (1951). *The Christian century in Japan, 1549-1650*. Berkeley: University of California Press.

Braga, T. (1985). *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. Originalmente publicado em 1885.

Branco, J. P. (1998). Les portugais residente en France – Breve caracterisation statistique. Em M. Rocha-Trindade., & F. Raveau (Org.), *Presence portugaise en France* (pp. 91-129). Lisboa: Universidade Aberta.

Branco, J. P. (2009). Comunidade integrada? Portugueses em França (1980/2000). Em M. B. Rocha-Trindade (Org.), *Migrações, permanências e diversidades*. Lisboa: Afrontamento.

Brégent, M., Mokoukolo, R., & Pasquier, D. (2008). Recherche et classification d'indicateurs d'acculturation à partir du contexte francophone. *Psychologie Française*, 53, 51-69.

Brettell, C. (1976). Portuguese emigration to Western European countries. *European Demographic Information Bulletin*, 7, 85-91.

Brettell, C. (1979). Emigrar para voltar: A Portuguese ideology of return migration. *Papers in Anthropology*, 20, 1-20.

Brettell, C. (1984). Emigration and underdevelopment: The causes and consequences of Portuguese emigration to France in historical and cross-cultural perspective. Em T. Bruneau., V. Rosa., & A. Macleod (Ed.), *Portugal in development: Emigration, industrialization, the European Community* (pp. 65-81). Ottawa: University of Ottawa Press.

Brettell, C. (1991). *Homens que partem mulheres que esperam: Consequências da emigração numa freguesia minhota*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Brettell, C. (2003) *Anthropology and migration: Essay on transnationalism, ethnicity and identity*. Walnut Creek, CA: Altamira.

Brettell, C. (2006). Portugal's first post-colonials: Citizenship, identity and the repatriation of Goans. *Portuguese Studies Review*, 14, 143-170.

Brettell, C., & Callier-Boisvert (1977). Portuguese immigrants in France: Familial and social networks and the structuring of community. *Studi Emigrazione*, 46, 149-203.

Brettell, C., & Rosa, V. (1984). Immigration and the Portuguese family: A comparison between two receiving societies. Em T. Bruneau., V. Rosa., & A. Macleod (Ed.), *Portugal in development: Emigration, industrialization, the European Community* (pp. 83-110). Ottawa: University of Ottawa Press.

Brislin, R. W. (1976). Comparative research methodology cross-cultural studies. *International Journal of Psychology*, 11, 215-229.

Brislin, R. W., Lonner, W. J., & Thorndike, R. M. (1973). *Cross-cultural research methods*. New York: Wiley.

Brislin, R. W., & Yoshida, T. (1994). *Intercultural communication training: An introduction*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Brubaker, R. (2001). The return of assimilation? Changing perspectives on immigration and its sequels in France, Germany, and the United States. *Ethnic and Racial Studies*, 24, 531-548.

Bruner, J. S. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Bruner, J. S. (1991). The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, 18, 1-21.

Bruner, J. S. (1994). The "remembered" self. Em U. Neisser., & R. Fivush (Eds.), *The remembering self: Construction and accuracy in the self-narrative* (pp. 41-54). New York: Cambridge University Press.

Bruner, J. S. (1999). *Para uma teoria da educação*. Lisboa: Relógio D' Água.

Bryant, A., & Charmaz, K. (2007). Introduction, grounded theory research, methods and practices. Em A. Bryant., & K. Charmaz (Eds.), *Sage handbook of grounded theory* (pp. 1-28). London: Sage Publications.

Buriel, R., Perez, W., DeMent, T. L., Chavez, D. V., & Moran, V. R. (1998). The relationship of language brokering to academic performance, biculturalism, and self-efficacy among Latino adolescents. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 20, 283-297.

Burke, P. (2009). *Cultural hybridity*. Cambridge: Polity Press.

Burke, P., & Pallaes-Burke, M. L. G. (2008). *Gilberto Freyre: Social theory in the tropics*. Oxford: Peter Lang.

Burman, E. (2007). Between orientalism and normalization: Cross-cultural lessons from Japan for a critical history of psychology. *History of Psychology*, 10, 179-198.

Burton, M. L., & White, D. R. (1987). Cross-cultural surveys today. *Annual Review Anthropology*, 16, 143-160.

Cabecinhas, R. (2003). Categorização e diferenciação: A percepção do estatuto social de diferentes grupos étnicos em Portugal. *Cadernos do Noroeste, Sociedade & Cultura*, 5, 69-91.

Cabecinhas, R. (2008). Racismo e xenofobia. *Comunicación e Ciudadania*, 2, 163-182.

Cabecinhas, R. (2010). Expressões de racismo: Mudanças e continuidades. Em A. C. S. Mandarino., & Gomberg, E. (Eds.), *Racismos: Olhares plurais* (pp.11-43). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.

Cabecinhas, R., & Cunha, L. (2003). Colonialismo, identidade nacional e representações do “negro”. *Estudos do Século XX*, 3, 157-184.

Cabecinhas, R., & Évora, S. L. (2008). Visões do mundo e da nação: Jovens cabo-verdianos face à história. Em M. Martins., & M. Pinto (Org.), *Comunicação e cidadania. Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação* (pp. 2685-2706). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Cabecinhas, R., & Feijó, J. (2010). Collective memories of Portuguese colonial action in Africa: Representations of the colonial past among Mozambicans and Portuguese youths. *International Journal of Conflict and Violence*, 4, 28-44.

Cabral, A. (2000). *Entre a multiculturalidade e a interculturalidade: Portugueses em França*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

Cabral, A. (2003). Profils de jeunes d'ascendance portugaise de retour au Portugal: Expression linguistique et hétéro-image. *Recherches en anthropologie au Portugal*, 9, 79-85.

Caetano, S. E., & Wateau, F. (2003). La saudade des jeunes et la modernité des vieux: Constructions culturelles de la ressemblance et de la différence chez les migrants portugais et les luso-descendants de São Paulo. *Recherches en Anthropologie au Portugal*, 9, 47-59.

Cahen, M. (1997). Des caravelles pour le futur? Discours politique et idéologie dans l'institutionnalisation de la communauté des pays de langue portuguese. *Lusotopie*, 391-433.

Camilleri, C., & Affergan, F. (1995). *Différence et culture en Europe*. Strasbourg: Les Editions du Conseil de l'Europe.

Camino, L., Silva, P., Machado, A., & Pereira, C. (2001). A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica. *Revista de Psicologia Política*, 1, 13-36.

Campbell, C. D. (2007). Best practices for student–faculty mentoring programs. Em T. D. Allen., & L. T. Eby (Eds.), *Blackwell handbook of mentoring: A multiple perspectives approach* (pp. 325-344). Malden, MA: Blackwell.

Campbell, D. T. (1961). The mutual methodological relevance of anthropology and psychology. Em F. L. K. Hsu (Ed.), *Psychological anthropology* (pp. 333–352). Homewood, IL: Dorsey.

Campbell, D. T. (1987). Blind variation and selective retention in creative thought as in other knowledge process. Em G. Radnitzky., & W. W. Bartley (Eds.), *Evolutionary epistemology rationality, and the sociology of knowledge* (pp. 91-120). La Salle: Open Court.

Campbell, D. T. (1988). *Methodology and epistemology for social science: Selected papers*. Chicago: University of Chicago Press.

Campbell, D. T., & Fiske, D. W. (1959). Convergent and discriminant validation by the multitrait-multimethod matrix. *Psychological Bulletin*, 56, 81-105.

Carbonell, F., & Rescalvo, L. P. (1995). *Inmigración diversidad: Diversidad cultural, desigualdad social y educación*. Madrid: Centro de Publicaciones Secretaria General Técnica.

Cardoso, F. H. (2003). Um livro perene. Em G. Freyre, *Casa-grande & Senzala, formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* (pp. 1-19). Recife: Fundação Gilberto Freyre.

Carling, J. (2004). Emigration, return and development in Cape Verde: The impact of closing borders. *Population, Space and Place*, 10, 113-132.

Carling, J. (2008). *Policy challenges facing Cape Verde in the areas of migration and diaspora contributions to development*. Oslo: International Peace Research Institute.

Carling, J., & Batalha, L. (2008). Cape Verdean migration and diaspora. Em L. Batalha., & J. Carling (Eds.), *Transnational archipelago. Perspectives on Cape Verdean migration and diaspora* (pp. 13-31). Amsterdam: Amsterdam University Press.

Carvalho, A. (1876). *O Brasil - colonização e emigração*. Porto: B. H. de Morães.

Castelo, C. S. (1998). *O modo português de estar no mundo: O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Afrontamento.

Castelo, C. S. (2007). *Passagens para África. O povoamento de Angola e Moçambique com naturais da metrópole: 1920-1974*. Porto: Afrontamento.

Castles, S. (2005). *Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios: Dos trabalhadores convidados às migrações globais*. Lisboa: Fim de Século.

Castro, A. (1989). Comentários críticos. Em F. M. Pinto, *Peregrinação e cartas, Vol. II*. Lisboa: Edições Afrodite.

Castro, A. (1998). As construções dos emigrantes e a legitimidade de uma estética singular. *Sociedade e Território*, 25/26, 80-88.

Castro, F. (1982). *Emigrantes*. Lisboa: Guimarães Editora. Originalmente publicado em 1928.

Castro, F. (1984). *A selva*. Lisboa: Guimarães Editora. Originalmente publicado em 1930.

Castro, F. (1985). *Terra fria*. Lisboa: Guimarães Editora. Originalmente publicado em 1934.

Castro, J. F. P. (2005). Eco e Narciso no modelo relacional-dialógico. *Jornal de Psicologia Clínica*, 5, 59-72.

Castro, J. F. P. (2008). Os efeitos da aculturação no vaivém da emigração continental: Um estudo de caso em Melgaço. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.

Castro, J. F. P. (2011). Os efeitos da aculturação no vaivém da emigração continental: Um estudo de caso em Melgaço. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 25/26, 67-76.

Castro, J. F. P. (2012). The Portuguese tile in the Rudmin Acculturation Learning Model: A fusion case. Em L. Gaiser., & D. Čurčić (Eds.), *EMUNI, bridging gaps in the Mediterranean research space. Conference proceedings of the 4th EMUNI Research Souk*, 17-18 April (pp. 618-625). El. Knjiga/Portorož: EMUNI University.

Castro, J. F. P., & Marques, A. (2003). *Emigração e contrabando*. Melgaço: Centro Desportivo e Cultural de São Paio.

Castro, V. S. (2003). *Acculturation and adaptation*. Westport: Greenwood Press.

Cathcart, D., & Cathcart, R. (1994). The group: A Japanese context. Em L. Samovar., & R. Porter (Eds.), *Intercultural communication: A reader* (pp. 293-304). Belmont, CA: Wadsworth Publishing.

Catz, R. (1978). *A sátira social de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa: Prelo.

Catz, R. (1981). *Fernão Mendes Pinto: Sátira e anti-cruzada na peregrinação*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Catz, R. (1989). Introduction. Em F. M. Pinto (R. Catz, Ed.), *The travels of Mendes Pinto* (pp. XV-XLIV). Chicago: The University of Chicago Press.

Cepeda, F. (1991). *Emigrantes regressados e desenvolvimento no nordeste interior português*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.

César, A. M. (2009). Campo musical cabo-verdiano na área metropolitana de Lisboa: Protagonistas, identidades e música. Dissertação de doutoramento não publicada, ISCTE-IUL, Lisboa, Portugal.

Charbit, Y., Hily, M. A., & Poinard, M. (1997). *Le va-et-vient identitaire*. Paris: Presses Universitaires de France.

Charbit, Y., Hily, M. A., Poinard, M., & Petit, V. (1997). *Le va-et-vien identitaire: Migrants portugais et villages d'origine*. Paris: Presses Universitaires de France.

Charmaz, K. (2005). Grounded theory. Em J. A. Smith., R. Harré., & L. V. Langenhove (Eds.), *Rethinking methods in psychology* (pp. 27-49). London: Sage Publications.

Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis*. London: Sage Publications.

Cheng, M. B. C. (1999). *Macau: A cultural Janus*. Hong Kong: Hong Kong University Press.

Chin, L. J. (2004). *The psychology of prejudice and discrimination: Ethnicity and multiracial identity, Vol. II*. Westport: Praeger.

Chirkov, V., Vansteenkiste, M., Tao, R., & Lynch, M. (2007). The role of self-determined motivation and goals for study abroad in the adaptation of international students. *International Journal of Intercultural Relations*, 31, 199-222.

Chryssochoou, X. (2004). *Cultural diversity: Its social psychology*. Malden, MA: Blackwell Publishing.

Claridge, G. A. (1997). *Schizotypy: Implications for illness and health*. Oxford: Oxford University Press.

Clark, V. L. P., & Creswell, J. W. (2011). *Designing and conducting mixed methods research*. London: Sage Publications.

Coelho, A. (1993). Esboço de um programa para o estudo antropológico, patológico e demográfico do povo português. Em A. Coelho (Ed.), *Obra etnográfica, festas, costumes e outros materiais para uma etnologia de Portugal* (pp. 681-701). Lisboa: Publicações Dom Quixote. Originalmente publicado em 1890.

Coenders, M., Lubbers, M., Scheepers, P., & Verkuyten, M. (2008). More than two decades of changing ethnic attitudes in the Netherlands. *Journal of Social Issues*, 64, 269-285.

Cole, M. (1996). *Cultural psychology: A once and future discipline*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Cole, S. (2008). *Tourism, culture and development hopes, dreams and realities in east Indonesian*. Tonawanda, NY: Channel View Publications.

Coleman, H. L. K. (1995). Strategies for coping with cultural diversity. *Counseling Psychologist*, 23, 722-740.

Coleman, H. L. K., Casali, S. B., & Wampold, B. E. (2001). Adolescent strategies for coping with cultural diversity. *Journal of Counseling and Development*, 79, 356-364.

Collie, P., Kindon, S., Liu, J. H., & Podsiadlowski, A. (2010). Mindful identity negotiations: The acculturation of young Assyrian women. *International Journal of Intercultural Relations*, 34, 208-220.

Compayré, G. (1889). *The history of pedagogy*. Boston: D. C. Heath & Company.

Constantino, A. (2003). La double appartenance franco-portugaise: Une double culture plurielle. *Latitudes*, 18, 17-18.

Contador, A. C. (1998). Consciência de geração e etnicidade da segunda geração aos novos Luso-Africanos. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 26, 57-83.

Contarello, A. (2008). Social psychology and literature toward possible correspondence. Em T., Sugiman., K. J. Gergen., W, Wagner., & Y, Yamada (Eds.). *Meaning in action: Constructions, narratives, and representations* (pp. 303-325). Tokyo: Springer Scientific Publishers.

Coolican, H. (1994). *Research methods and statistics in psychology*. London: Hodder and Stoughton.

Corbin, J., & Strauss, A. (2008). *Qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory* (3^o Ed.). London: Sage Publications.

Cordeiro, A. (1987). *Les Portugais de France: Communautés locales, création d'entreprise, et réseaux professionnels communautaires*. Paris: Rapport MIRE.

Cordeiro, A. (1988). O reconhecimento de autonomias comunitárias – Os portugueses de França e o debate assimilação-integração-inserção. *Cadernos de Ciências Sociais*, 7, 133-136.

Cordeiro, A. (1989). Le paradoxe de l'immigration portugaise. *Hommes et migrations*, 1123, 25-33.

Cordeiro, A. (1999a). Entre émigration et immigration, le Portugal et les défis d'une société pluriculturelle. *Migrances*, 15, 2-7.

- Cordeiro, A. (1999b). Les Portugais entre discrétion et reconnaissance. *Sigila*, 3, 33-46.
- Cordeiro, A. (1999c). Les apports de la communauté portugaise à la diversité ethnoculturelle de la France. *Hommes et migrations*, 1210, 5-17.
- Cordeiro, A. (2004). Comment interpréter la faible participation civique des Portugais de France? Exception ou conformisme ambiant? *Cahiers de l'URMIS*, 9, 55-68.
- Cordeiro, A., & Hily, M. A. (2000). La fête des Portugais: Héritage et invention. *Revue Européenne de Migrations Internationales*, 16, 59-76.
- Correa, J. J. (2011). Educação comparada: Um esboço para compreender as fronteiras e os limites da comparação. *Visão Global*, 2, 251-272.
- Cortazzi, M. (2007). Narrative analysis in ethnography. Em P. Atkinson., A. Coffey., S. Delamont., J. Lofland., & L. Lofland (Eds.), *Handbook of ethnography* (pp. 384-406). London: Sage Publications.
- Cortesão, J. (1965). *O humanismo universalista dos portugueses: A síntese histórica e literária*. Lisboa: Portugália.
- Costa, A. (1911). *Estudos de economia nacional. O problema da emigração*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Costa, J. P. O. (1999). *O Japão e o cristianismo no século XVI: Ensaio de história Luso-Nipónica*. Lisboa: Sociedade de História da Independência de Portugal.
- Coutinho, A. P. (2006). Metáforas e alegorias de identidades híbridadas luso-francesas, *Latitudes*, 27, 3-10.
- Couto, J. (1999). A gênese do Brasil. Em C. G. Mota (Org.), *Viagem incompleta: A experiência brasileira* (pp. 45-101). São Paulo: Editora SENAC.
- Cresswell, J. W. (2009). Towards a post-critical praxis: Intentional states and recommendations for change in acculturation psychology. *International Journal of Intercultural Relations*, 33, 162-172.
- Creswell, J. W., Clark, V. L. P., Gutmann, M. L., & Hanson, W. E. (2003). Advanced mixed methods research designs. Em A. Tashakkori., & C. Teddlie (Eds.), *Handbook of mixed methods in social and behavioral research* (pp. 209-240). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Cronbach, L. J. (1957). The two disciplines of scientific psychology. *American Psychologist*, 12, 671-684.
- Cronbach, L. J. (1975). Beyond the two disciplines of scientific psychology. *American Psychologist*, 30, 116-127.

Cronbach, L. J., & Meehl, P. E. (1955). Construct validity in psychological test. *Psychological Bulletin*, 52, 281-302.

Crook, Z. A. (2004). *Reconceptualising conversion: Patronage, loyalty, and conversion in the religions of the ancient Mediterranean*. Berlin: Walter de Gruyter.

Crowne, D. P., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24, 349-354.

Culhane, F. S. (2004). An intercultural interaction model: Acculturation attitudes in second language acquisition. *Electronic Journal of Foreign Language Teaching*, 1, 50-61.

Cunha, U. I. F. (1997). Nós e os outros nos artigos de opinião da imprensa portuguesa. *Lusotopie*, 435-467.

Cushner, K. (2004). *Beyond tourism: A practical guide to meaningful education level*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield/Scarecrow Education.

Cushner, K., & Brislin, W. (1996). *Intercultural interactions: A practical guide*. Thousand Oaks, California: Sage Publications.

Darby, P. (2006). Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: Recurso colonial e neocolonial. *Análise Social*, 41, 417-433.

Deci, E. L., Koestner, R., & Ryan R. M. (1999). A meta-analytic review of experiments examining the effects of extrinsic rewards on intrinsic motivation. *Psychological Bulletin*, 125, 627-668.

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2008). Self-Determination theory: A macro theory of human motivation, development, and health. *Canadian Psychology*, 49, 182-185.

Deleuze, G. (1994). *Difference and repetition*. New York: Columbia University Press. Originalmente publicado em 1968.

Demartini, Z. B. F. (2006a). Reconstruindo identidades múltiplas: Imigrantes portugueses e luso-africanos em São Paulo. *Athenea Digital*, 10, 137-153.

Demartini, Z. B. F. (2006b). Trajectórias e identidades múltiplas dos portugueses e luso-africanos em São Paulo após 1974. *Portuguese Studies Review*, 14, 171-210.

Demartini, Z. B. F. (2010). Imigrantes: Entre políticas, conflitos e preconceitos. *Cadernos CERU*, 21, 49-75.

Demorgon, J. (1996). *Complexité des cultures et de l'interculturel*. Paris: Economica.

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2005). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. Em N. K. Denzin., & Y. S. Lincoln (Eds.), *Sage handbook of qualitative research* (pp. 1-32). London: Sage Publications.

D'Errico, F., Zilhão, J., Le Julien, M., Baffier, D., & Pelegrin, J. (1998). Neanderthal acculturation in western Europe? A critical review of the evidence and its interpretation. *Current Anthropology*, 39, 298-311.

Deschamps, J. C., Vala, J., Marinho, C., Costa-Lopes, R., & Cabecinhas, R. (2005). Intergroup relations, racism and attribution of natural and cultural traits. *Psicología Política*, 30, 27-39.

Detzner, D. F. (2004). *Elder voices: Southeast Asian families in the United States*. Walnut Creek, CA: Altamira Press.

Devereux, G. (1970). *Essais d'ethnopsychiatrie générale*. Paris: Gallimard.

Devereux, G., & Loeb, E. M. (1943). Antagonistic acculturation. *American Sociological Review*, 8, 133-147.

Dezem, R. (2005). *Matizes do amarelo: A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas.

Dias, A. J. (1986). *Os elementos fundamentais da cultura portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional. Originalmente publicado em 1953.

Dias, E. C., Alves, I., Valente, N., & Aires, S. (2006). Comunidades ciganas: Representações e dinâmicas de exclusão/integração. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Dias, E. M. (1983). *Coisas da Lusalândia*. Lisboa: Instituto Português de Ensino à Distância.

Dias, E. M. (1989). *Falares emigrezes. Uma abordagem ao seu estudo*. Lisboa: ICALP.

Dias, E. M. (1998). Português distante – Os falares da emigração. Em M. B. Rocha-Trindade (Coord.), *Interculturalismo e cidadania em espaços lusófonos* (pp. 131-145). Mem Martins: Publicações Europa América.

Dias-Tatilon, M. (2000). Influences on Portuguese spoken in Montreal. Em C. Teixeira., & V. M. P. da Rosa (Orgs.), *Portuguese in Canada* (pp. 145-157). Toronto: University of Toronto Press.

Díaz, M. L. R., & Díaz-Guerrero, R. (1997). Son universales los rasgos de la personalidad? *Revista Latino Americana de Psicología*, 29, 35-48.

Díaz-Guerrero, R. (1995). Una aproximación científica a la etnopsicología. *Revista Latino Americana de Psicología*, 27, 359-389.

Díaz-Guerrero, R. (2002). Precursors of cross-cultural psychology and the context of culture. *Online Readings in Psychology and Culture*, Unit 2. Retirado de <http://scholarworks.gvsu.edu/orpc/vol2/iss1/3>.

Domingos, N. (2012). Os usos da narrativa futebolística portuguesa em Maputo. *Etnográfica*, 16, 163-183.

Douglas, M., & Roberts, G. (2003). *Japan and global migration: Foreign workers and the advent of a multicultural society*. Hawaii: University of Hawai Press.

Drége, J. P. (1992). *Marco Pólo e a rota da seda*. Lisboa: Civilização Editora Círculo de Leitores.

Drew, P. (2006). When documents 'speak': Documents, language and interaction. Em P. Drew., G. Raymond., & D. Weinberg (Eds.), *Talk and interaction in social research methods* (pp. 63-80). London: Sage Publications.

Duarte, J. (2007). Acculturation attitudes and bilingual classrooms in Germany: The Portuguese-German example. Em M. Al-Haj., & R. Mielke (Eds.), *Cultural diversity and the empowerment minorities perspectives from Israel and Germany* (pp. 197-206). New York: Berghahn Books.

Dubois, B. (1972). A cultural approach to the study of diffusion and adoption of innovations. Em M. Venkatesan (Eds), *Proceedings of the third annual conference of the association for consumer research* (pp. 840-850). Chicago: University of Chicago.

Eby, L. T., Rhodes, J. E., & Allen, T. D. (2007). Definition and evolution of mentoring. Em T. D. Allen., & L. T. Eby (Eds.), *Blackwell handbook of mentoring: A multiple perspectives approach* (pp. 7-20). Malden, MA: Blackwell.

Edward, P. A. (2006). *Inculturation and postcolonial discourse in African theology*. New York: Peter Lang.

Edwards, D., & Potter, J. (2000). *Discursive psychology*. London: Sage Publications.

Ember, C. R., & Ember, M. (2009). *Cross-cultural research methods*. Lanham: AltaMira Press.

Ember, C. R., & Levinson, D. (1991). The substantive contributions of worldwide cross-cultural studies using secondary data. Special issue, Cross-cultural and comparative research: Theory and method. *Behavior Science Research*, 25, 79-140.

Ekman, P. (1999). Basic emotions. Em T. Dalgleish., & M. J. Power (Eds.), *Handbook of cognition and emotion* (pp. 45-60). Sussex, UK: John Wiley & Sons.

Ekman, P. (2003a). *Emotions revealed: Recognizing faces and feelings to improve communication and emotional life*. New York: Times Books.

Ekman, P. (2003b). Sixteen enjoyable emotions. *Emotions Researcher*, 18, 6-7.

Ekman, P., & Friesen, W. (2003). *Unmasking the face: A guide to recognizing emotions from facial expressions*. Cambridge: Malor Books.

Elias, N., & Scotson, J. (1994). *The established and the outsiders: A sociological enquiry into community problems*. London: Sage Publications.

Elisonas, J. S. A. (2008). Nagasaki: The early years of an early modern Japanese city. Em L. M. Brockey (Ed.), *Portuguese colonial cities in the early modern world – Empires and making of the modern world, 1650-2000* (pp. 63-82). Burlington: Ashgate Publishing Company.

Elliott, J. (2005). *Using narrative in social research: Qualitative and quantitative approaches*. London: Sage Publication.

Even, M-D. (2006). Les Mongols de Chine entre marginalisation économique et acculturation. *Strates*, 12, 245-252.

Évora, I. (2011). Associativism and transnational practices on Cape Verdean migrants. *Comunicação apresentada na XI Annual Conference of Project Metropolis International, Paths & Crossroads: Moving people, changing places*. Lisbon: Fundação C. Gulbenkian and Culturgest.

Faneca, R. M. (2011). *Aprendizagem e representações da língua portuguesa por lusodescendentes*. Dissertação de doutoramento não publicada, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.

Faneca, R. M., & Ançã, M. H. (2008). Ensinar português em França: Como gerir duas línguas, duas culturas e duas identidades?. *Colóquio - Da Investigação à prática: interações e debates*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Faneca, R. M., & Ançã, M. H. (2009). Place et enjeux de(s) enseignement(s) du portugais en France. Em C. Gonçalves., & D. Groux (Orgs.), *Approches comparées de L'enseignement des langues et de la formation des enseignants* (pp. 235-249). Paris: L'Harmattan.

Faneca, R. M., & Ançã, M. H. (2010). A língua portuguesa em contexto francês. O contributo do ensino não-formal na transmissão da língua portuguesa em França. Em M. H. Ançã (Org.), *Educação em português e migrações* (pp. 209-249). Lisboa: Lidel Editores.

Faucheux, C. (1976). Cross-cultural research in experimental social psychology. *European Journal of Social Psychology*, 6, 269-322.

Faucheux, C., & Moscovici, S. (1967). Le style de comportement d'une minorité et son influence sur les réponses d'une majorité. *Bulletin du Centre d'Etudes et Recherches Psychologiques*, 16, 337-360.

Favell, A. (1998). *Philosophies of integration: Immigration and the idea of citizenship in France and Britain*. New York: Palgrave.

Feldman-Bianco, B. (1992a). Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa). *Revista Brasileira de Estudos de População*, 9, 35-49.

Feldman-Bianco, B. (1992b). Multiple layers of time and space: Reconstructions of class, ethnicity and nationalism among Portuguese immigrants. Em N. G. Schiller., L. Basch., & C. Szanton-Blanc (Eds.), *Towards a transnational perspective on migration: Race, class, ethnicity and nationalism reconsidered* (pp. 145-174). New York: New York Academy of Sciences.

Feldman-Bianco, B. (1995). *The state, saudade and the dialectics of deterritorialization and reterritorialization*. Coimbra: Oficina do CES.

Feldman-Bianco, B. (2007). Empire, postcoloniality and diasporas: The Portuguese case. *Hispanic Research Journal*, 8, 279-290.

Feldman-Bianco, B. (2009). A taste of Portugal: Transmigração, políticas culturais e a mercantilização da «saudade» em tempos neoliberais. *Ler História*, 56, 105-119.

Feldman-Bianco, B. (2010). Brasileiros em Lisboa, portugueses em São Paulo: Construções do "mesmo" e do outro. Em B. Feldman-Bianco (Org.), *Nações e diásporas. Estudos comparativos entre brasil e portugal* (pp. 57-106). Campinas: Unicamp.

Fenton, S. (1999). *Ethnicity: Racism, class and culture*. Hong Kong: Rowman, & Littlefield.

Ferreira, A. J. C. (1964). A emigração portuguesa para França: Alguns aspectos quantitativos. *Análise Social*, 2, 599-622.

Ferretti, S. F. (1995). *Repensando o sincretismo*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Ferronha, A. (1991). Quando o sagrado se manifesta – As brancas imagens. Em L. Albuquerque., A. Ferronha., J. Horta., & R. Loureiro (Eds.), *O confronto do olhar: O encontro dos povos na época das navegações portuguesas* (pp. 129-151). Lisboa: Editorial Caminho.

Figueiredo, A., Valentim, J., & Doosje, B. (2011). A shared past and a common future: The Portuguese colonial war and the dynamics of group-based guilt. *Spanish Journal of Psychology*, 14, 163-171.

Finlay, L. (2003). The reflexive journey: Mapping multiple routes. Em L. Finlay., & B. Gough (Eds.), *Reflexivity: A practical guide for researchers in health and social sciences* (pp. 3-20). Oxford, UK: Black Well Science.

Fishman, J. (1967). Bilingualism with and without diglossia; Diglossia with and without bilingualism. *Journal of Social Issues*, 23, 29-38.

Flannery, W. P., Reise, S. P., & Yu, J. (2001). An empirical comparison of acculturation models. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27, 1035-1045.

Florentino, M., & Machado, C. (2002). Ensaio sobre a imigração portuguesa e os padrões de miscigenação no Brasil (séculos XIX e XX). *Portuguese Studies Review*, 10, 58-84.

Foddy, W. (1996). *Como perguntar: Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Oeiras: Celta Editores.

Fonseca, E. P., Marques, J. M., Quintas, J., & Poeschl, G. (2005). *Representações sociais das comunidades cigana e não-cigana implicações para a integração social*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Foucault, M. (1972). *A história da loucura*. São Paulo: Perspectivas.

Foucault, M. (1991). *O nascimento da clínica*. Rio do Janeiro: Forense Universitária.

Fowler, F. J. (1992). How nuclear terms affect survey data. *Public Opinion Quarterly*, 56, 218-231.

Freire, J (1991). Imigrantes, capatazes e segurança no trabalho da construção civil. *Organizações e Trabalho*, 5-6, 147-153.

Freitas, V. (1990). *Jornal da emigração – A L(usa)lândia reinventada*. Angra do Heroísmo: Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas.

Freud, B. (2010). Portugiesische restaurants und cafés in Hamburg. Em T. Pinheiro (Org.), *Portugiesische migrationen: Geschichte, repräsentation und erinnerungskulturen* (pp. 131-150). Wiesbaden: Verlag für Sozialwissenschaften.

Freud, S. (1995). *Luto e melancolia*. Rio do Janeiro: Imago Editora. Originalmente publicado em 1914.

Freyre, G. (1940). *O mundo que o português criou*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Freyre, G. (1942). *Uma cultura ameaçada: A luso-brasileira*. Rio de Janeiro: C.E.B.

Freyre, G. (1959). *A aventura e rotina*. Lisboa: Livros do Brasil.

Freyre, G. (1961). *Portuguese integration in the tropics*. Lisbon: Tipografia Silvas.

Freyre, G. (1986). *The masters and the slaves: A study in the development of Brazilian civilization*. Berkeley: University of California Press. Originalmente publicado em 1933.

Fróis, L. (1976). *História do japam*, Vol. I. Lisboa: Biblioteca Nacional.

Fróis, L. (1981). *História do japam*, Vol. II. Lisboa: Biblioteca Nacional.

- Fróis, L. (1982). *História do japam*, Vol. III. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Fróis, L. (1983). *História do japam*, Vol. IV. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Fróis, L. (1984). *História do japam*, Vol. V. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Fróis, L. (1993a). *Europa Japão: Um diálogo civilizacional no século XVI*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Fróis, L. (1993b). *Tratado dos embaixadores japões*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Fróis, L. (2001). *Tratado das contradições e diferenças de costumes entre a Europa e o Japão*. Macau: Instituto Português do Oriente.
- Furnham, A., & Bochner, S. (1986). *Psychological reactions to unfamiliar environments*. London: Methuen.
- Fusenig, P. (1992). *Contributions à l'Étude des emprunts dans le langage des Portugais résidents au Luxembourg*. Lisboa: Plux.
- Gans, H. J. (1979). Symbolic ethnicity: The future of ethnic groups and culture in America. *Ethnic and Racial Studies*, 2, 1-20.
- Gans, H. J. (1997). Toward a reconciliation of "assimilation" and "pluralism": The interplay of acculturation and ethnic retention. *International Migration Review*, 31, 875-892.
- Gardner, R. C. (2000). Correlation, causation, motivation, and second language acquisition. *Canadian Psychology*, 41, 10-24.
- Gardner, R. C., Tremblay, P. F., & Masgoret, A. M. (1997) Towards a full model of second language learning: An empirical investigation. *Modern Language Journal*, 81, 344-362.
- Gellner, E. (1983). *Nations and nationalism*. Oxford: Blackwell.
- Gergen, K. J. (2001). *Social construction in context*. London: Sage Publications.
- Gergen, K. J. (2003). Knowledge as socially constructed. Em M. Gergen., & K. J. Gergen (Eds.), *Social construction: A reader* (pp. 15-17). London: Sage Publications.
- Gervásio, E. (1980). *A emigração acusa: Portugal à deriva*. Lisboa: Editado pelo Autor.
- Geschke, D., Mummendey, A., Kessler, T., & Funke, F. (2010). Majority members' acculturation goals as predictors and effects of attitudes and behaviours towards migrants. *British Journal of Social Psychology*, 49, 489-506.

Gezentsvey, M., & Ward, C. (2008). Unveiling agency: A motivational perspective on acculturation and adaptation. Em R. M. Sorrentino., & S. Yamaguchi (Eds.), *Handbook of motivation and cognition across cultures* (pp. 213-235). San Diego: Elsevier.

Gibson, M. A. (2001). Immigrant adaptation and patterns of acculturation. *Human Development*, 44, 19-23.

Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (1999). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter.

Glaser, B. G., & Strauss A. L. (2009). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. New Jersey: Transaction Publishers.

Glazer, N. (1993). Is Assimilation dead?. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 530, 122-136.

Glazer, N. (1997). *We are all multiculturalists now*. Cambridge: Harvard University Press.

Glazer, N. (2000). On Beyond the melting pot, 35 years after. *International Migration Review*, 34, 270-279.

Godinho, V. M. (1978). L'émigration portugaise (XV-XX siècles). Une constante structurale et les réponses aux changements du monde. *Revista de História Económica e Social*, 1, 5-32.

Godinho, V. M. (1990). *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar. Séculos XIII-XVIII*. Lisboa: Difel.

Goffman, E. (1959). *The presentation of self in everyday life*. New York: Doubleday Anchor Books.

Góis, P. (2008). Entre Janus e Hydra de Lerna: As múltiplas faces dos cabo-verdianos em Portugal. Em P. Góis (Org.), *Comunidade (s) cabo-verdiana (s): As múltiplas faces da imigração cabo-verdiana* (pp. 9-24). Lisboa: ACIDI.

Góis, P., Marques, J. C., Padilla, B., & Peixoto, J. (2009). Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. *Revista Migrações*, 5, 111-133.

Gonçalves, A. (1996). *Imagens e clivagens: Os residentes face aos emigrantes*. Porto: Edições Afrontamento.

Gonçalves, A. (2004). Emigração e envelhecimento na periferia: O caso do concelho de Melgaço. Em *Actas das quintas jornadas de história local*, (pp. 61-71). Fafe: Câmara Municipal de Fafe.

Gonçalves, M. (2002). Agosto em Portugal: As férias dos emigrantes. *Cadernos do Noroeste*, 18, 113-123.

Gonçalves, S. (2003). La culture et la langue portugaise: Mon identité culturelle. *Latitudes*, 18, 20.

Gong, Y. (2003). Goal orientations and cross-cultural adjustment: An exploratory study. *International Journal of Intercultural Relations*, 27, 297-305.

Gonoi, T. (2009). Kirishitan les chemins qui mènent au martyre: Pour une histoire des martyrs chrétiens du Japon. *Histoire & Missions Chrétiennes*, 11, 39-66.

Gordon, M. M. (1964). *Assimilation in American life: The role of race, religion and national origins*. New York: Oxford University Press.

Goto, K. (2007). Multilayered postcolonial historical space: Indonesia, the Netherlands, Japan and East Timor. Em K. Mori., & K. Hirano (Eds.), *A new East Asia: Toward a regional community* (pp. 20-43). Singapore: National University of Singapore.

Goulding, C. (2002). *Grounded theory: A practical guide for management, business and market researchers*. London: Sage Publications.

Graves, T. D. (1967). Psychological acculturation in a tri-ethnic community. *South-Western Journal of Anthropology*, 23, 337-350.

Gravetter, F. J., & Forzano, L-A. B. (2012). *Research methods for the behavioral sciences*. Belmont, CA: Wadsworth.

Grenham, T. G. (2005a). *The unknown god: Religious and theological interculturalization*. Bern: Peter Lang.

Grenham, T. G. (2005b). *What is so new about inculturation?* Roma: Editrice Pontificia Universita Gregoriana.

Grenon, M. (1995). La notion d'acculturation entre l'anthropologie et l'historiographie. *Lekton*, 2, 13-42.

Gudykunst, W. (Ed.). (2005). *Theorizing about intercultural communication*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Gudykunst, W., & Bond, M. H. (1997). Intergroup relations across cultures. Em J. W. Berry., Y. H. Poortinga., J. Pandey., P. R. Dasen., T. S. Saraswathi., M. H., Segall., & C. kagitçibasi (Eds.), *The handbook of social psychology*, Vol. 3. Boston: Allyn & Bacon.

Guha, B. S., & Guhathakurta, S. (2004). Interaction, exchange and the dynamic of linguistic acculturation. Em N. Grover., & K. N. Singh (Eds.), *Cultural geography form and process* (pp. 253-267). New Delhi: Ashok Kumar Mittal.

Gunn, G. C. (2003). *First globalization: The Eurasian exchange, 1500-1800*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers.

Halbwachs, M. (1994). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel.

Hall, E. (1994a). *A linguagem silenciosa*. Lisboa: Relógio D' Água.

Hall, E. (1994b). Context and meaning, Em A. Samovar., & R. Porter (Eds.), *Intercultural communication: A reader* (pp. 60-70). Belmont, CA: Wadsworth Publishing.

Hallowell, A. I. (1945). Sociopsychological aspects of acculturation. Em R. Linton (Ed.), *The science of man in the world crisis* (pp. 171-200). New York: Columbia University Press.

Hallowell, A. I. (2002). Introduction: The beginnings of anthropology in America. Em F. Laguna (Ed.), *American anthropology, 1888-1920: Papers from the American anthropologist* (pp. 1-99). Lincoln: University of Nebraska Press. Originalmente publicado em 1960.

Halter, M. (1993). *Between race and ethnicity: Cape Verdean American immigrants, 1860-1965*. Urbana: University of Illinois.

Halter, M. (2008). Cape Verdeans in the US. Em L. Batalha., & J. Carling (Eds.), *Transnational archipelago. Perspectives on Cape Verdean migration and diaspora* (pp. 35-46). Amsterdam: Amsterdam University Press.

Hannerz, U. (1997). Fluxos, fronteiras, híbridos: Palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, 3, 7-39.

Harney, R. F. (1990). Portygees and other caucasians. Portuguese and the racialism of the English-speaking world. Em D. Higgs (Org.), *Portuguese migration in global perspective* (pp. 113-135). Toronto: The Multicultural History Society of Ontario.

He, J., & Van de Vijver, F. (2012). Bias and equivalence in cross-cultural research. *Online Readings in Psychology and Culture, Unit 2*. Retirado de <http://scholarworks.gvsu.edu/orpc/vol2/iss2/8>.

Hefner, R. W. (1993). World building and the rationality of conversion. Em R. W. Hefner (Ed.), *Conversion to christianity: Historical and anthropological perspectives on a great transformation* (pp. 3-46). Oxford, UK: University of California Press.

Herculano, A. (1838). *A emigração para o Brazil. Opúsculos, Vol. II*. Lisboa: Editorial Presença.

Herculano, A. (1879). *A emigração, I carta. Opúsculos, Vol. IV*. Lisboa: Viúva Bertrand.

Hermans, H. J. M. (2001). The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology*, 7, 243-281.

Hermans, H. J. M., & Kempen, H. J. G. (1998). Moving cultures: The perilous problems of cultural dichotomies in a globalizing society. *American Psychologist*, 53, 1111-1120.

Hermans, H. J. M., Kempen, H. J. G., & Van Loon, R. J. P. (1992). The dialogical self: Beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, 47, 23-33.

Herskovits, M. J. (1938). *Acculturation: The study of culture contact*. New York: J. J. Augustin Publisher.

Herskovits, M. J., & Herskovits, F. S. (1934). *Rebel destiny among the bush Negroes of Dutch Guiana*. New York: McGraw-Hill Book Company.

Hesse-Biber, S. N. (2010). *Mixed methods research: Merging theory with practice*. New York: Guilford Press.

Higashibaba, I. (2001). *Christianity in early modern Japan: Kirishitan belief and practice*. Leiden: Brill Publishers.

Higgs, D. (1990). Portuguese migration before 1800. Em D. Higgs (Org.), *Portuguese migration in global perspective* (pp. 7-28). Toronto: The Multicultural History Society of Ontario.

Hiles, D. R., & Cermák, I. (2008). Narrative Psychology. In C. Willig., & W. Stainton-Rogers (Eds.), *Handbook of Qualitative Research in Psychology*. London: Sage Publications.

Hill, W. E. (1980). *Learning a survey of psychological interpretations*. London: Methuen & Co.

Hilton, D. J., & Liu, J. H. (2008). Culture and intergroup relations: The role of social representations of history. Em R. M. Sorrentino., & S. Yamaguchi (Eds.), *Handbook of motivation and cognition across cultures* (pp. 343-368). New York: Guilford Press.

Hily, M. A. (1996). Immigrés et espace d'origine: Le village des Portugais. *Espace, Populations, Sociétés*, 2-3, 507-512.

Hily, M. A., & Oriol, M. (1993). Deuxième génération portugaise: La gestion des ressources identitaires. *Revue Européenne de Migrations Internationales*, 9, 81-93.

Hily, M. A., & Poinard, M. (1985). Fonctions et enjeux du mouvement associatif portugais en France. *Revue Européenne de Migrations Internationales*, 1, 25-35.

Hirano, K. (2010). Acculturation for resistance. *Journal of Cultural Interaction in East Asia*, 1, 37-56.

Hirschman, C. (1983). America's melting pot reconsidered. *Annual Review of Sociology*, 9, 393-423.

Hobsbawm, E. J. (1990). *Nations and nationalisms since 1780: Programme, myth, reality*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hobson, J. M. (2004). *The Eastern origins of Western civilization*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Hodder, I. (2002). The interpretation of documents and material culture. Em D. Weinberg (Ed.), *Qualitative research methods* (pp. 266-280). Malden, MA: Blackwell Publishers.

Hoerder, D. (2002). *Cultures in contact: World migrations in the second millennium*. Durham: Duke University Press.

Hofstede, G. (1980). *Culture's consequences: International differences in work-related values*. Beverly Hills: Sage Publications.

Holanda, S. B. (1948). *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olímpio

Holanda, S. B. (2000). *Visão do paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Publifolha. Originalmente publicado em 1959.

Hollifield, J. H. (1990). Migrants ou citoyens: La politique de l'immigration en France et aux Etats-Unis. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 6, 159-181.

Hood, R. W., Hill, P. C., & Spilka, B. (2009). *The psychology of religion: An empirical approach*. New York: The Guilford Press.

Horenczyk, G. (1996). Migrant identities in conflict: Acculturation attitudes and perceived acculturation ideologies. Em G. M. Breakwell, & E. Lyons, *et al.* (Eds.), *Changing European identities: Social psychological analyses of social change* (pp. 241-250). Oxford: Butterworth - Heinemann.

Horvat, M. T., Dull, A., László, J. (2006). Sense of loss due to migration - A study of young Hungarians. *Hungarian Psychological Review*, 61, 133-153.

Howard, G. S. (1991). Culture tales: A narrative approach to thinking, cross-cultural psychology, and psychotherapy. *American Psychologist*, 46, 187-197.

Howard, G. S. (2003). A philosophy of science for cross-cultural psychology. Em D. B. Pope-Davis., H. L. K. Coleman., W. M. Liu., & R. L. Toporek (Eds.), *Handbook of multicultural competencies in counseling & psychology* (pp. 72- 89). Thousand Oaks: Sage Publications.

Hsu, F. L. K. (1961). American core value and national character. Em F. L. K. Hsu (Ed.), *Psychological anthropology* (pp. 209-233). Homewood, IL: Dorsey.

Hui, C. H., & Triandis, H. C. (1983). Multistrategy approach to cross-cultural research: The case of locus of control. *Journal of Cross-Cultural psychology*, 14, 65-83.

Hui, C. H., & Triandis, H. C. (1985). Measurement in cross-cultural psychology: A review and comparison of strategies. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 16, 131-152.

Hunt, L. M., Schneider, S., & Comer, B. (2004). Should “acculturation” be a variable in health research? A critical review of research on US Hispanics. *Social Science & Medicine*, 59, 973-986.

Hutnik, N. (1986). Patterns of ethnic minority identification and modes of social adaptation. *Ethnic and Racial Studies*, 9, 150-167.

Hutnik, N. (1991). *Ethnic minority identity: A social psychological perspective*. Oxford, UK: Clarendon.

Huygens, I. (2009). From colonization to globalization: Continuities in colonial ‘common sense’. Em D. Fox., I. Prilleltensky., S. Austin (Eds.), *Critical psychology: An introduction* (pp. 267-284). London: Sage Publications.

Inglis, C. (1996). *Multiculturalism: New policy responses to diversity*. Paris: UNESCO.

International Organization for Migration (2003). *IOM position paper on psychosocial and mental well-being of migrants*. Eighty-Sixth session, 10 November, 2003.

Issawi, C. P. (1998). *Cross-cultural encounters and conflicts*. New York: Oxford University.

Iwabuchi, K. (2004). *Recentring globalization: Popular culture and Japanese transnationalism*. Durham, NC: Duke University Press.

Jackson, J. S., Brown, K. T., & Kirby, D. C. (1998). International perspectives on prejudice and racism. Em J. L. Eberhardt., & S. T. Fiske (Eds.), *Confronting racism: The problem and the response* (pp. 263-280). Thousand Oaks: Sage Publications.

Jahoda, G. (1992). *Crossroads between culture and mind: Continuities and change in theories of human nature*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Jahoda, G. (1999). *Images of savages: Ancient roots of modern prejudice in Western culture*. London: Routledge.

Jahoda, G. (2002). Reflections of a "Pre-nominal" cross-cultural psychologist. Em W. J. Lonner., D. L. Dinnel., S. A. Hayes., & D. N. Sattler (Eds.), *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 2, Chapter 2), Retirado de <http://www.ac.wvu.edu/~culture/index-cc.htm>.

James, W. (2002). *The varieties of religious experience: A study in human nature*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University. Originalmente publicado em 1902.

Janeira, A. M. (1956). *O jardim do encanto perdido – Aventura maravilhosa de Wenceslau de Moraes no Japão*. Porto: Manuel Barreira Editor.

Janeira, A. M. (1966). *Um intérprete português do Japão – Wenceslau de Moraes*. Macau: Imprensa Nacional, Instituto Luís de Camões.

Janeira, A. M. (1970a). *Japanese and Western literature, a comparative study*. Tóquio: Charles E. Tuttle Company.

Janeira, A. M. (1970b). *O impacto português sobre a civilização japonesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Janeira, A. M. (1981). *Figuras do silêncio: A tradição cultural portuguesa no Japão de hoje*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar.

Jick, T. D. (1979). Mixing qualitative and quantitative methods: Triangulation in action. *Administrative Science Quarterly*, 24, 602-611.

Jolly, K. L. (1997). *Tradition and diversity: Christianity in a world context to 1500*. New York: M. E. Sharpe.

Jones, J. S. (2010). Origins and ancestors: A brief history of ethnography. Em J. S. Jones., & S. Watt (Eds.), *Ethnography in social science practice* (pp. 13-27). New York: Routledge.

Jost, J. T., & Kruglansky, A. W. (2002). The estrangement of social constructionism and experimental social psychology: History of the rift and prospects for reconciliation. *Personality and Social Psychology Review*, 6, 168-187.

Kagitçibaşın, Ç. (2007). *Family, self, and human development across cultures: Theory and applications*. Mahwah, NJ.: Lawrence Erlbaum Associates.

Kahneman, D. (1994). New challenges to the rationality assumption. *Journal of Institutional and Theoretical Economics*, 150, 18-36.

Kahneman, D. (2003). A psychological perspective on economics. *American Economic Review*, 93, 162-168.

Kakuzo, O. (1920). *The ideals of the East with special reference to the art of Japan*. New York: E. P. Dutton & Company.

Kakuzo, O. (1998). *O livro do chã*. Lisboa: Edições Cotovia.

Karasz, A. (2011). Qualitative and mixed methods research in cross-cultural psychology. Em F. J. R. V. Vijver., A. Chasiotis., & S. M. Breugelmans (Eds.), *Fundamental questions in cross-cultural psychology* (pp. 214-234). Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Kastoryano, R. (2002). *Negotiating identities: States and immigrants in France and Germany*. New Jersey: Princeton University Press.

Kato, E. (1990). The age of the great voyages and Japan's "national seclusion". Em National Committee of Japanese Historians (Ed.), *Historical studies in Japan (VII) 1983-1987* (pp. 21-58). Tokyo: Yamakawa Shuppansha.

Kawabata, Y. (2003). *Terra de neve*. Lisboa: Dom Quixote.

Kearns, M. S. (1987). *Metaphors of mind in fiction and psychology*. Lexington: University Press of Kentucky.

Keene, D. (1952). *The Japanese discovery of Europe: Honda Toshiaki and other discoverers 1720-1952*. Routledge and K. Paul.

Keltner, D., Ekman, D., Gonzada, G., & Beer, J. (2003). Facial expression of emotion. Em R. J. Davidson., K. R. Scherer., & H. H. Goldsmith (Eds.), *Handbook of affective sciences* (pp. 415-432). New York: Oxford University Press.

Khan, S. (2009). *Imigrantes africanos moçambicanos: Narrativa de imigração e de identidade e estratégias de aculturação em Portugal e na Inglaterra*. Lisboa: Edições Colibri.

Kim, S. (2004). *Strange names of god: The missionary translation of the divine name and the Chinese responses to Matteo Ricci's "Shangti" in late Ming China, 1583-1644*. New York: Peter Lang.

Kim, U., & Park, Y. S. (2006). The scientific foundation of indigenous and cultural psychology: The transactional approach. Em U. Kim., K. S. Yang., & K. K. Hwang (Eds.), *Indigenous and cultural psychology: Understanding people in context* (pp. 27-48). New York: Springer.

Kim, U., Park, Y. S., Park, D. (2000). The challenge of cross-cultural psychology. The role of the indigenous psychologies. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 31, 63-75.

Kim, U., Yang, K. S., & Hwang, K. K. (2006). Contributions to indigenous and cultural psychology: Understanding people in context. Em U. Kim., K. S. Yang., & K. K. Hwang (Eds.), *Indigenous and cultural psychology: Understanding people in context* (pp. 3-25). New York: Springer.

Kim, Y. (1994a). Intercultural personhood: An integration of Eastern and Western perspectives. Em A. Samovar., & R. Porter (Eds.), *Intercultural communication: A reader* (pp. 415-424). Belmont, CA: Wadsworth Publishing.

Kimura, Y. (1988). *Issei: Japanese Americans in Hawaii*. Honolulu: University of Hawaii Press.

King, R., & Connell, J. (1999). *Small worlds, global lives: Islands and migration*. London: Pinter.

Klimt, A. (2000). European spaces: Portuguese migrants. Notions of home and belonging. *Diaspora*, 9/2, 259-285.

Klimt, A. (2005). Performing portugueseness in Germany. *Etnográfica*, 9, 103-121.

Koch, M. W., Bjerregaard, P., & Curtis, C. (2004). Acculturation and mental health – empirical verification of J. W. Berry's model of acculturative stress. *International Journal of Circumpolar Health*, 63, 371-376.

Kouamé, N. (2009). Quatre règles à suivre pour bien comprendre le «siècle chrétien» du Japon. Em N. Kouamé (Dir.), *Histoire & Missions Chrétiennes*, 11, 9-38.

Kramer, E. M. (2000). Cultural fusion and the defense of difference. Em M. K. Asante., & J. E. Min (Eds.), *Socio-cultural conflict between African and Korean Americans* (pp. 182-223). New York: University Press of America.

Kramer, E. M. (2011). Preface. Em S. M. Croucher, & D. Cronn-Mills (Eds.), *Religious misperceptions: The case of Muslims and Christians in France and Britain* (pp. 7-22). Cresskill, NJ: Hampton Press.

Kramer, E. M., & Kim, T. (2009). The global network of players. Em J. M. Choi., & J. W. Murphy (Eds.), *Globalisation and the prospects for critical reflection* (pp. 183-211). Delhi, India: Aakar Books.

Krippendorff, K. (2004). *Content analysis: An introduction to its methodology*. London: Sage Publications.

Kroeber, A. L. (1952). *The nature of culture*. Chicago: University of Chicago Press.

Kroeber, A. L., & Kluckhohn, F. (1952). *Culture: A critical review of concepts and definitions*. Cambridge, MA: Papers of Peabody Museum.

Krosnick, J. A. (2002). The causes of no-opinion responses to attitude measures in surveys: They rarely are what they appear to be. Em R. M. Grove., D. A. Dillman., J. L. Eltinge., & Roderick J. A. (Eds.), *Survey nonresponse* (pp. 88-100). New York: Wiley.

Kuhn, T. (1996). *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press.

Kuhn, T. (2003). On scientific paradigms. Em M. Gergen., & K. J. Gergen (Eds.), *Social construction: A reader* (pp. 7-14). London: Sage Publications.

Kujawski, G. M. (2001). *Idéia do Brasil: A arquitetura imperfeita*. São Paulo: Editora SENAC.

Lach, D. F., & Kley, V. E. J. (1998). *Asia in the making of Europe, Volume III: A century of advance*. Chicago: The University of Chicago Press.

Lacouture, J. (1995). *Jesuits: A multibiography*. Washington: Counterpoint.

Lafcadio, H. (1892). *Japan an attempt at interpretation*. New York: Grosset & Dunlap Publishers.

LaFromboise, T., Coleman, H. L. K., & Gerton, J. (1993). Psychological impact of biculturalism: Evidence and theory. *Psychological Bulletin*, 114, 395-412.

LaFromboise, T., Coleman, H. L. K., & Gerton, J. (1998). Psychological impact of biculturalism: Evidence and theory. Em P. B. Organista., K. M. Chun, & G. Marín (Eds), *Readings in ethnic psychology* (pp. 117-155). New York: Routledge.

Lalonde, R. N., & Giguère, B. (2008). When might the two cultural worlds of second generation biculturals collide? *Canadian Diversity – Diversité canadienne*, 6, 58-62.

Lang, A. B. S. G. (2003). Portugueses em São Paulo: Memória e identidade. Em M. B. Rocha-Trindade., & M. C. S. S. Campos (Eds.), *Olhares lusos e brasileiros* (pp. 273-280). São Paulo: Usina do Livro.

Laplantine, F. (2003). *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense.

Larsen, K. (1998). *Faces of Goa: A journey through the history and cultural revolution of Goa and other communities influenced by the Portuguese*. New Delhi: Gyan Publishing House.

Lasry, J., & Sayegh, L. (1992). Developing an acculturation scale: A bidimensional model. Em N. Grizenko., L. Sayegh., & P. Migneault (Eds.), *Transcultural issues in child psychiatry* (pp. 67-86). Montreal: Editions Douglas.

László, J. (2003). History, identity and narratives. Em J. László., & W. Wagner (Eds.), *Theories and controversies in societal psychology* (pp. 180-192). Budapest: New Mandate Publishers.

László, J. (2008). *The science of stories: An introduction to narrative psychology*. New York: Routledge.

László, J., Ehmann, B., & Imre, O. (2002). Les représentations sociales de l'histoire: La narration populaire historique et l'identité nationale. Em S. Laurens., & N. Roussiau (Eds.), *La mémoire sociale. Identités et représentations sociales* (pp. 187-198). Rennes: Université Rennes.

László, J., & Vincze, O. (2004). Coping with historical tasks: The role of historical novels in transmitting psychological patterns of national identity. *Hungarian Psychological Review*, 59, 397-410.

László, J., Vincze, O., & Somogyvári, K. I. (2003). Representation of national identity in successful historical novels. *Empirical Studies of the Arts*, 21, 69-80.

Lazarus, R. S. (1999). *Stress and emotion: A new synthesis*. New York: Springer Publishing Company.

Lazarus, R. S., Cohen, J., Folkman, S., Kanner, A., & Schnefer, C. (1980). Psychological stress and adaptation: Some unresolved issues. Em H. Selye (Ed.), *Selye's guide to stress research* (pp. 90-117). New York: Van Nostrand Reinhold.

Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress appraisal and coping*. New York: Springer Publishing Company.

Leal, J. (2000a). The making of *saudade*: National identity and ethnic psychology in Portugal. Em T. Dekker., J. Helsloot., & C. Wijers (Eds.), *Roots and rituals: The construction of ethnic identities* (pp. 267-287). Amsterdam: Het Spinhuis.

Leal, J. (2000b). *Etnografias portuguesas (1870-1970). Cultura popular e identidade nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Leal, J. (2011). The past is a foreign country? Acculturation theory and the anthropology of globalization. *Etnográfica*, 15, 313-336.

Leal, J., & Frias, A. (2003). Deuxième génération: Visibilité et invisibilité. *Recherches en anthropologie au Portugal*, 9, 167-174.

Leal, M. (1993). *A grupanálise: Processo dinâmico de aprendizagem*. Lisboa: Fim de Século.

Leal, M. (1999). *A psicoterapia como aprendizagem: Um processo dinâmico de transformações*. Lisboa: Associação dos Psicólogos Portugueses.

Leal, M. (2001). A emergência de significados e o brincar. *Jornal de Psicologia Clínica*, 1, 5-12.

Leal, M. (2004). *Introdução ao estudo dos processos de socialização precoce da criança*. São Paulo: Instituto de Psicologia Aplicada e Formação.

Leandro, M. E. (1987). Alimentação e relações interculturais dos emigrantes portugueses na região parisiense. *Cadernos do Noroeste*, 1, 31-40.

Leandro, M. E. (1993). Portugueses na região parisiense: Reinvenção dos laços sociais. Em N. Silva., I. Baganha., M. J. Maranhão., & M. H. Pereira (Orgs.), *Emigração/imigração em Portugal: Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (séculos XIX e XX)* (pp. 348-361). Lisboa: Fragmentos.

Leandro, M. E. (2000). A construção social da diferença através da acção denominativa, o caso dos jovens portugueses perante as migrações internacionais. *Cadernos do Noroeste*, 13, 5-30.

Leandro, M. E. (2002). Reinserção familiar no centro das antinomias dos processos migratórios internacionais. Um estudo de caso em situação de regresso. *Cadernos do Noroeste*, 18, 25-73.

Leandro, M. E. (2003). Les nouvelles générations sociales de jeunes Portugais en Allemagne et en France. *Recherches en anthropologie au Portugal*, 9, 61-77.

Leandro, M. E. (2004). Dinâmica social familiar dos projectos migratórios: Uma perspectiva analítica. *Análise Social*, 39, 93-118.

Leeds, E. (1983). Industrialização e emigração em Portugal: Sintomas inevitáveis de uma doença estrutural. *Análise Social*, 19, 1045-1081.

Leite, C. (1989). Casa de emigrantes: Gosto de alguns, desgosto de muitos. *Sociedade e Território*, 8, 67-71.

Leite, C. (1998). Eva, depois do paraíso. Modos de habitar e identidade no percurso migratório. Dissertação de doutoramento não publicada, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Leite, J. C. (1987). Emigração portuguesa: A lei e os números (1855-1914). *Análise Social*, 23, 463-480.

Leite, J. C. (1991). O transporte de emigrantes: Da vela ao vapor na rota do Brasil, 1851-1914. *Análise Social*, 26, 741-752.

Leite, J. C. (1996). Os negócios da emigração (1870-1914). *Análise Social*, 31, 381-396.

Lempert, L. B. (2007). Asking questions of the data: Memo writing in the grounded theory tradition. Em A. Bryant., & K. Charmaz (Eds.), *Sage handbook of grounded theory* (pp. 245-264). London: Sage Publications.

Lesser, A. (1933). *The Pawnee ghost dance hand game, a study of cultural change*. New York University Press.

Lesser, J. (2003). *Searching for home abroad Japanese Brazilians and transnationalism*. Durham: Duke University Press.

Lesser, J. (2005). *Negotiating national identity: Immigrants, minorities and the struggle for ethnicity in Brazil*. Durham: Duke University Press.

Lesser, J. (2007). *A discontented diaspora: Japanese Brazilians and the meaning of ethnic militancy, 1960-1980*. Durham: Duke University Press.

Leung, K., & Van de Vijver, F. J. R. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Leung, K., & Van de Vijver, F. J. R. (2008). Strategies for strengthening causal inferences in cross cultural research the consilience approach. *Cross Cultural Management*, 8, 145-169.

Levine, R. A. (2004). *Assimilating immigrants: Why America can and France cannot*. Santa Monica: RAND Corporation.

Lévi-Strauss, C. (1952). *Race and history*. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

Lévi-Strauss, C. (1962). *La pensée sauvage*. Paris: Librairie Pion.

Lévi-Strauss, C. (1998), Préface. Em L. Fróis, *Européens e Japonais: Traité sur les contradictions et différences de moeurs* (pp. 7-11). Paris: Chandeigne.

Liang, B., & Grossman, J. M. (2007). Diversity and youth mentoring relationships. Em T. D. Allen., & L. T. Eby (Eds.), *The blackwell handbook of mentoring: A multiple perspectives approach* (pp. 239-258). Malden, MA: Blackwell.

Lidin, O. G. (2002). *Tanegashima, the arrival of Europe in Japan*. Copenhagen: Nordic Institute of Asian Studies.

Liebkind, K. (2001). Acculturation. Em R. Brown., & S. L. Gaertner (Eds.), *Blackwell handbook of social psychology: Intergroup processes* (pp. 386-406). Oxford, UK: Blackwell.

Liebkind, K. (2006). Ethnic identity and acculturation. Em D. L. Sam., & J. W. Berry (Eds), *The Cambridge handbook of acculturation psychology* (pp. 78-96). Cambridge: Cambridge University Press.

Lima, A. (1974). *A emigração portuguesa em França*. Lisboa: Editorial Estampa.

Lima, M. E. O., & Vala, J. (2002). Individualismo meritocrático, diferenciação cultural e racismo. *Análise Social*, 37, 181-207.

Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 9, 401-411.

Liu, J. H. (2005). *History and identity: A system of checks and balances for Aotearoa/New Zealand*. Em J. H. Liu., T. McCreanor., T. McIntosh., & T. Teaiwa. (Eds), *New Zealand identities: Departures and destinations*. Wellington: Victoria University Press.

Liu, J. H. (2008). The sum of my margins may be greater than your centre: Journey and prospects of a marginal man in the global economy. *New Zealand Population Review*, 33/34, 49-67.

Liu, J. H. (2011). On the limited foundations of Western skepticism towards indigenous psychological thinking: Pragmatics, politics, and philosophy of indigenous psychology. *Social Epistemology: A Journal of Knowledge, Culture and Policy*, 25, 133-140.

Liu, J. H., Goldstein-Hawes, R., Hilton, D. J., Huang, L. L., Gastardo-Conaco, C., Dresler-Hawke, E., Pittolo, F., Hong, Y. Y., Ward, C., Abraham, S., Kashima, Y., Kashima, E., Ohashi, M., Yuki, M., & Hidaka, Y. (2005). Social representations of

events and people in world history across twelve cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36, 171-191.

Liu, J. H., & Hilton, D. (2005). How the past weighs on the present: Towards a social psychology of histories. *British Journal of Social Psychology*, 44, 537-556.

Liu, J. H., & László, J. (2007). A Narrative theory of history and identity: Social identity, social representations, society and the individual. In G. Moloney., & Walker, I. (Eds.), *Social representations and identity: Content process and power* (pp. 85-107). London: Palgrave Macmillan.

Liu, J. H., Lawrence, B., Ward, C., & Abraham, S. (2002). Social representations of history in Malaysia and Singapore: On the relationship between national and ethnic identity. *Asian Journal of Social Psychology*, 5, 3-20.

Liu, J. H., & Ng, S. H. (2007). Connecting Asians in global perspective: Special issue on past contributions, current status, and future prospects of Asian social psychology. *Asian Journal of Social Psychology*, 10, 1-7.

Lonner, W. J., Smith, P. B., Van de Vijver, F. J. R., & Murdock, E. (2010). Entering our fifth decade: An analysis of the influence of the journal of Cross-Cultural psychology during its first forty years of publication. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 41, 301-317.

Lopes, I. C. (2002). Histoire et imaginaire des maisons des immigrés Portugais de France: Une évolution des formes dans le temps. *Recherches en Anthropologie au Portugal*, 8, 59-81.

Lopez, A., & Mota, C. G. (2008). *História do Brasil: Uma interpretação*. São Paulo: Editora SENAC.

Loureiro, R. (1990). *Os Portugueses e o Japão no século XVI, primeira informações sobre o Japão*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Lourenço, E. (1986). Da contra-epopeia à não-epopeia de Fernão Mendes Pinto a Ricardo Reis. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 18/19/20, 27-35.

Lourenço, E. (1988). *O labirinto da saudade: Psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Lourenço, E. (1989a). A peregrinação e a crítica cultural indirecta. Em F. M. Pinto, *Peregrinação e Cartas* (pp. 91-102), Vol. II. Lisboa: Edições Afrodite.

Lourenço, E. (1989b). Fernão Mendes Pinto e os celestes impérios. Em F. M. Pinto, *Peregrinação e Cartas*, Vol. II. Lisboa: Edições Afrodite.

Lourenço, E. (1994). *O canto do signo: Existência e literatura, 1957-1993*. Lisboa: Editorial Presença. Originalmente publicado em 1978.

Lourenço, R. T. (2005). *Contacto linguístico entre o espanhol e o português: Caso de imigrantes portugueses radicados na Venezuela*. Caracas: Universidade Católica Andrés Bello.

Lowndes, V. F. (2009). *Outros orientalismos. A Índia entre Florença e Bombaim 1860-1900*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Lubkemann, S. C. (2002). The moral economy of Portuguese postcolonial return. *Diaspora*, 11, 189-213.

Lucassen, L., & Laarman, C. (2009). Immigration, intermarriage and the changing face of Europe in the post war period. *History of the Family*, 14, 52-68.

Luyten, S. (2000). *Mangá: O poder dos quadradrinhos japoneses*. São Paulo: Editora Hedra.

Lyons, A. C., Madden, H., Chamberlain, K., & Carr, S. (2011). It's not really us discriminating against immigrants, it's more telling people how to fit in': Constructing the nation in immigration talk in New Zealand. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 21, 14-27.

Lyotard, J. F. (2003). From the postmodern condition: A report on knowledge. Em L. E. Cahoone (Ed.), *From modernism to postmodernism: An anthology* (pp. 259-277). Malden, MA: Blackwell Publishing.

Lyotard, J. F. (2006). Pós-modernidade. Em J-F. Dortier (Coord.) *Dicionário de Ciências Humanas* (p. 560). Lisboa: Climepsi Editores.

MacCoun, R. J. (1998). Biases in the interpretation and use of research results. *Annual Review of Psychology*, 49, 259-287.

Machado, A. M. (1983). *O mito do oriente na literatura portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Machado, I. J. R. (2006). Imigração em Portugal. *Estudos Avançados*, 20, 119-135.

Machado, F. L. (1992). Etnicidade em Portugal, contrastes e politização. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 12, 123-136.

Machado, F. L. (1993). Etnicidade em Portugal: O grau zero da politização. Em *Emigração/Imigração em Portugal, Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal* (pp. 407-414). Algés: Fragmentos.

Machado, F. L. (1994a). Luso-Africanos em Portugal: Nas margens da etnicidade. *Sociologia-Problemas e Práticas*, 16, 111-34.

Machado, F. L. (1994b). Imigração, etnicidade e minorias étnicas em Portugal. *Sociologia-Problemas e Práticas*, 16, 187-92.

Machado, F. L. (2003). Imigração e imigrantes em Portugal: Parâmetros de regulação e cenários de exclusão. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 41, 183-188.

Maffia, M. M. (1986). La migracion caboverdeana hacia la Argentina: Análisis de una alternativa. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 26,, 191-207.

Maia, F. P. S. (2007). A emigração para o Brasil no discurso parlamentar oitocentista. *População e Sociedade*, 14, 51-68.

Malheiros, J. (2010). Portugal 2010: O regresso do país de emigração? Notas e reflexões. *Janu s.net – e-Journal of International Relations*, 2, 133-142.

Malheiros, J. M. (1996a). *Imigrantes na região de Lisboa: Os anos de mudança. imigração e processo de integração das comunidades de origem indiana*. Lisboa: Colibri.

Malheiros, J. M. (1996b). Communautés indiennes de Lisbonne. *Revue Européenne de Migrations Internationales*, 12, 141-158.

Malinowski, B. (1932). *Argonauts of the Western Pacific: An account of native enterprise and adventure in the archipelagos of Melanesian New Guinea*. London: George Routledge, & Sons.

Malinowski, B. (1958). *The dynamics of cultural change: An inquiry into race relations in Africa*. New Haven: Yale University Press. Originalmente publicado em 1945.

Manaster, G. J., Rhodes, C., Marcus, M. B., & Chan, J. C. (1998). The role of birth order in the acculturation of Japanese Americans. *Psychologia*, 41, 155-170.

Mancillas, M. A. M. (2001). Acculturation and inequality in power among the Native groups of Baja California. *Pacific Coast Archaeological Society Quarterly*, 37, 11-15.

Manning, P. (2005). *Migration in world history*. New York: Routledge.

Marín, G., & Gamba, J. R. (2003). Acculturation and changes in cultural values. Em K. M. Chun., P. B. Organista., & G. Marín (Eds.), *Acculturation: Advances in theory, measurement and applied research* (pp. 83-93). Washington, DC: American Psychological Association.

Marinho, A. (1973). *A emigração portuguesa desde 1950: Dados e comentários*. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais do Instituto Superior de Economia.

Marks, J. (2007). *Human biodiversity, genes, race, and history*. London: Aldine Transaction.

Marques, J. C., & Góis, P. (2008). Pratiques transnationales des Capverdiens au Portugal et des Portugais en Suisse. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 24, 147-165.

Marques, J. C. (2009). E continuam a partir: As migrações portuguesas contemporâneas. *Ler História*, 56, 27-44.

Marques, J. F. (2007). *Do «não racismo» português aos dois racismos dos portugueses*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Marques, J. C., & Góis, P. (2008). Imigrantes altamente qualificados em Portugal: Uma tipologia. *Revista Migrações*, 2, 73-94.

Marques, M. M., Santos, R., & Araújo, F. (2001). Ariadne's thread: Cape Verdean women in transnational webs. *Global Networks*, 1, 283-206.

Marques, R. M. P. (2003). *Políticas de gestão da diversidade étnico-cultural. (Da assimilação ao multiculturalismo). Breve exercício*. Lisboa: Observatório da Imigração.

Marsella, A. J., Dubanoski, J., Hamada, W. C., & Morse, H. (2000). The measurement of personality across cultures: Historical, conceptual, and methodological issues and consideration. *American Behavioral Scientist*, 44, 41-62.

Martins, O. (1956). *Fomento rural e emigração: Obras completas*. Lisboa: Guimarães Editores. Originalmente publicado em 1887.

Martins, O. (1978). *O Brasil e as colónias portuguesas*. Lisboa: Guimarães Editores. Originalmente publicado em 1880.

Mase-Hasegawa, E. (2008). *Christ in Japanese culture: Theological themes in Shusaku Endo's literary works*. Leiden: Brill Publishers.

Masgoret, A. M., & Gardner, R. C. (2003). Attitudes, motivation and second language learning: A meta-analysis of studies conducted by Gardner and associates. Em Z. Dornyei, (Ed.), *Attitudes, orientation, and motivations in language learning* (pp.167-210). Malden, MA: Blackwell Publishing.

Masgoret, A. M., & Ward, C. (2006). Cultural learning approach to acculturation. Em D. L. Sam., & J. W. Berry (Eds.), *Cambridge handbook of acculturation psychology* (pp. 58-77). Cambridge: Cambridge University Press.

Matias, A. (2010). *Imagens e estereótipos da sociedade portuguesa sobre a comunidade chinesa. Interacção multissecurar via Macau*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Matos, E. D. (2009). Post-colonial Portuguese migration to Mozambique: An examination of causes, effects and future implications for development. *International Migration*, 47, 157-184.

Matsudaira, T (2006). Measures of psychological acculturation: A review. *Transcultural Psychiatry*, 43, 462-487.

Matsumoto, D. (2002a). Culture, psychology and education. Em W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes., & D. N. Sattler (Eds.), *Online readings in psychology and culture* (Unit 2, Chapter 5), Center for Cross-cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Washington USA. Disponível em (<http://www.ac.wvu.edu/~culture/index-cc.htm>).

Matsumoto, D. (2002b). *The new Japan: Debunking seven cultural stereotypes*. London: Nicholas Brealey Publishing.

Matsumoto, D. (2006). Culture and cultural worldviews: Do verbal descriptions about culture reflect anything other than verbal descriptions of culture? *Culture & Psychology*, 12, 33-62.

Matsumoto, D. (2007). Culture, context, and behavior. *Journal of Personality*, 75, 1285-1320.

Matsumoto, D., & Ekman, P. (1989). American Japanese cultural differences in intensity ratings of facial expressions of emotion. *Motivation and emotion*, 13, 143-157.

Matsumoto, D., & Ekman, P. (2004). The relationship among expressions, labels and descriptions of contempt. *Journal of Personality and Social Psychology*, 87, 529-540.

Matsumoto, D., Hirayama, S., & LeRoux, J. A. (2006). Psychological skills related to intercultural adjustment. Em P. T. P. Wong., & L. C. J. Wong (Eds.), *Handbook of multicultural perspectives on stress and coping* (pp. 387-408). New York: Springer.

Matsumoto, D., & Jones, A. L. J. (2009). Ethical issues in cross-cultural psychology. Em D. M. Mertens., & P. E. Ginsberg (Eds.), *Handbook of social research ethics* (pp. 323-336). London: Sage Publications.

Matsumoto, D., Kudoh, T., & Takuchi, S. (1996). Changing patterns of individualist and collectivism in United States and Japan. *Cultural and Psychology*, 2, 77-107.

Matsumoto, D., & Yoo, S. H. (2006). Toward a new generation of cross-cultural research. *Perspectives on Psychological Science*, 1, 234-250.

Matsumoto, D., & Yoo, S. H. (2007). Methodological considerations in the study of emotion across cultures. Em J. A. Coan., & J. J. B. Allen (Eds.), *The handbook of emotion elicitation and assessment*. New York: Oxford University Press.

Mattoso, J. (1998). *A identidade nacional*. Lisboa: Gradiva.

Mauss, M. (2002). *The gift: The form and reason for exchange in archaic societies*. London: Routledge. Originalmente publicado em 1923-4.

McAlister, L. N. (1987). *Spain and Portugal in the new world, 1492-1700*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

- McClelland, D. C. (1961). *The achieving society*. Princeton: Van Nostrand.
- McClelland, D. C. (1987). *Human motivation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- McCrae, R. R., & Allik, K. (2002). *The five-factor model of personality across cultures*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- McGee, W. J. (1898). Piratical acculturation. *American Anthropologist*, 11, 243-249.
- McGuire, W. J. (1973). The yin and yang of progress in social psychology: Seven koan. *Journal of Personality and Social Psychology*, 26, 446-456.
- McGuire, W. J. (1983). A contextualist theory of knowledge: Its implications for innovation and reform in psychological research. Em L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (pp. 1-47). New York: Academic.
- McGuire, W. J. (1997). Creative hypothesis generating in psychology: Some useful heuristic. *Annual Review Psychology*, 48, 1-30.
- McGuire, W. J. (1999). *Constructing social psychology: Creative and critical processes*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Medeiros, O., & Madeira, A. (2003). *Emigração e regresso: No concelho de povoação*. Ponta Delgada: Câmara Municipal de Povoação.
- Mendes, V. M., & Valentim, J. P. (2012). O luso-tropicalismo nos manuais de História e de Português do ensino primário português no período colonial: Um estudo exploratório. *Psicologia e Saber Social*, 1, 221-231.
- Mendonça, D. (2002). *Conversions and citizenry, Goa under Portugal, 1510-1610*. New Delhi: Concept Publishing Company.
- Métraux, G. S. (1956). Introduction: An historical approach. *UNESCO International Social Science Bulletin*, 4, 577-584.
- Michalowski, I. (2010). Immigration to France: The challenge of immigrant integration. Em S. Segal., D. Elliott., & N. S. Mayadas (Eds.), *Immigration worldwide: Policies, practices, and trends* (pp. 76-94). New York: Oxford University Press.
- Minamiki, G. (1985). *The Chinese rites controversy: From its beginning to modern times*. Chicago: Loyola University Press.
- Minga, J. (1985). *La famille dans l'immigration: Étude de la problématique dans le domaine de l'immigration portugaise en Suisse*. Porto: Secretaria de Estado da Emigração.
- Miranda, A. P., & Albuquerque, A. D. (2007). *Luís de Fróis: Um português no Japão no século XVI*. Lisboa: Edições Sílabo.

Miranda, J. (2009). *Mulheres imigrantes em Portugal: Memórias, dificuldades de integração e projectos de vida*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Mirotshnik, V. (2008). *Integração e escola em populações imigrantes da Ex-URSS*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Mishima, Y. (1986a). *Neve de primavera*. Lisboa: Editorial Presença.

Mishima, Y. (1986b). *Confissões de uma máscara*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Mishima, Y. (1987). *Cavalos em fuga*. Lisboa: Presença.

Mishler, E. G. (1979). Meaning in context: Is there any other kind? *Harvard Educational Review*, 49, 1-19.

Mishler, E. G. (1991). *Research interviewing: Context and narrative*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Mishra, R. C., & Dasen, P. R. (2007). The methodological interface of psychology and anthropology. Em J. Wassmann., & K. Stockhaus (Eds.), *The experience of new worlds: Person, space and memory in the contemporary pacific* (pp. 28-54). Oxford: Berghahn.

Moghaddam, F. M. (2002). *The individual and society: A cultural integration*. New York: Worth.

Moghaddam, F. M. (2004). From psychology in literature to psychology is literature: An exploration of boundaries and relationships. *Theory & Psychology*, 14, 505-525.

Moghaddam, F. M., Walker, B. R., & Harré, R. (2003). Cultural distance, levels of abstraction, and the advantages of mixed methods. Em A. Tashakkori., & C. Teddlie (Eds.), *Handbook of mixed methods in social and behavioral research* (pp. 111-134). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Moniz, M. (2006). Identidade transnacional adaptativa e a venda do soccer: O New England revolution e as populações imigrantes lusófonas. *Análise Social*, 41, 371-393.

Moniz, M. (2009). The shadow minority: An ethno-history of Portuguese and Lusophone racial and ethnic identity in New England. Em K. D. Holton., & A. Klimt (Orgs.), *Community, culture and the makings of identity: Portuguese-Americans along the Eastern Seaboard* (pp. 409-430). Dartmouth: University of Massachusetts Dartmouth.

Monteiro, P. F. (1985). *Terra que já foi terra: Análise sociológica de nove lugares agro-pastoris da serra da Lousã*. Lisboa: Edições Salamandra.

Monteiro, P. F. (1993). Migrantes imigrados: De Lousã ao Connecticut, uma investigação em dois tempos. Em M. B. N. da Silva *et al.*, (Eds.), *Emigração/Imigração em Portugal: Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (séc. XIX-XX)* (pp. 323-348). Lisboa: Fragmentos.

Monteiro, P. F. (1994). *Emigração: O eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta Editora.

Montreuil, A., & Bourhis, R. Y. (2001). Majority acculturation orientations toward “valued” and “devalued” immigrants. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 698-719.

Montreuil, A., & Bourhis, R. Y. (2004). Acculturation orientations of competing host communities toward valued and devalued immigrants. *International Journal of Intercultural Relations*, 28, 507-532.

Montreuil, A., Bourhis, R. Y., & Vanbeselaere, N. (2004). Perceived threat and host community acculturation orientations toward immigrants: Comparing Flemings in Belgium and Francophones in Quebec. *Canadian Ethnic Studies*, 36, 113-135.

Montuori, A., & Fahim, U. (2004). Cross-cultural encounter as an opportunity for personal growth. *Journal of Humanistic Psychology*, 44, 243-265.

Morães, W. (1993a). *O culto do chá*. Lisboa: Vega Editora.

Morães, W. (1993b). *Antologia*. Lisboa: Vega Editora.

Morães, W. (2006). *Ó-yone e Ko-Haru*. Lisboa: Instituto Camões.

Moran, J. F. (1993). *The Japanese and the Jesuits: Alessandro Valignano in sixteenth-century Japan*. New York: Routledge.

Morin, E. (1990). *Introduction à la pensée complexe*. Paris: Du Seuil.

Morin, E. (1999). *Seven complex lessons in education for the future*. Paris: UNESCO.

Morin, E. (2002). *Ciência com consciência*. Rio do Janeiro: Bertrand Brasil.

Morrison, M., & James, S. (2009). Portuguese immigrant families: The impact of acculturation. *Family Process*, 48, 151-166.

Morse, J. M. (2003). Principles of mixed methods and multimethod research design. Em A. Tashakkori., & C. Teddlie (Eds.), *Handbook of mixed methods in social & behavioral research* (pp. 198-208). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Morse, J. M. (2007). Sampling in grounded theory. Em A. Bryant., & K. Charmaz (Eds.), *The Sage handbook of grounded theory* (pp. 1-28). London: Sage Publications.

Morse, R. M. (1991). *O espelho de próspero*. São Paulo: Companhia das Letras.

Moscovici, S. (1981). Social representations. Em J. P. Forgas (Ed.), *Social cognition* (pp. 181-209). London: Academic Press.

Moscovici, S. (1986). The Dreyfus affair, Proust and social psychology. *Social Research*, 53, 23-56.

Moscovici, S. (1996). *Psychologie des minorités actives*. Paris: Presses Universitaires de France.

Moscovici, S., & Marková, I. (1998). Presenting social representations: A conversation. *Culture & Psychology*, 4, 371-410.

Munoz, P. F., & Tribalat, M. (1984). Mariages d'étrangers et mariages mixtes en France. Evolution depuis la Première Guerre. *Population*, 39, 427-462.

Murdock, G. P. (1957). World ethnographic sample. *American Anthropologist*, 59, 664-87.

Murray, M. (2008). Narrative psychology. Em J. A. Smith (Ed.), *Qualitative psychology: A practical guide to research methods* (pp. 111-132). London: Sage Publications.

Myrdal, G. (1944). *An American dilemma: The Negro problem and modern democracy*. New York: Harper & Brothers Publishers.

Myrdal, G. (1969). *Objectivity in social research*. New York: Pantheon Books.

Nabuco, J. (1908). The spirit of nationality in the history of Brazil. Em *Address delivered before the Spanish club of Yale University* (pp. 1-14). New Haven: Yale University.

Nakai, A. (2003). Jesuit missionaries and the earliest contact between European and Japanese cultures. Em G. Burger., L. B. Cormack., J. Hart., & N. Pylypiuk (Eds.), *Making contact: Maps, identity, and travel* (pp. 87-114). Edmonton: The University of Alberta Press.

Namora, F. (1981). Uma avaria no automóvel. Em *Cidade solitária: Narrativas* (pp. 189-200). Amadora: Livraria Bertrand.

Namora, F. (1997). *Diálogo em Setembro: Crónica romanceada*. Lisboa: Círculo de Leitores. Originalmente publicado em 1967.

Naroll, R. (1970). Galton's problem. Em R. Naroll., & R. Cohen (Eds.), *Handbook of method in cultural anthropology* (pp. 974-1003). Garden City, NY: Natural History Press.

Nauck, B. (2001). Intercultural contact and intergenerational transmission in immigrant families. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 159-173.

Nauck B. (2007). Immigrant families in Germany. Family change between situational adaptation, acculturation, segregation and remigration. *Zeitschrift für Familienforschung*, 19, 34-54.

Nava, C., & Lauerhass, L. (2006). *Brazil in the making: Facets of national identity*. Oxford, UK: Rowman & Littlefield Publishers.

Navas, M., García, M. C., Sánchez, J., Rojas, A. J., Pumares, P., & Fernández, J. S. (2005). Relative acculturation extended model (RAEM): New contributions with regard to the study of acculturation. *International Journal of Intercultural Relations*, 29, 21-37.

Navas, M., Rojas, A. J., García, M., & Pumares, P. (2007). Acculturation strategies and attitudes according to the relative acculturation extended model (RAEM): The perspectives of natives versus immigrants. *International Journal of Intercultural Relations*, 31, 67-86.

Nazareth, J. M. (1976). O efeito da emigração na estrutura de idades da população portuguesa. *Análise Social*, 12, 315-362.

Neto, F. (1985). *Jovens portugueses em França: Aspectos da sua adaptação psico-social*. Porto: Edições Jornal de Psicologia.

Neto, F. (1986). *A emigração portuguesa vivida e representada: Contribuição para o estudo dos projectos migratórios*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.

Neto, F. (1994). Le stress d'acculturation chez des jeunes d'origine portugaise en France. *Enfance*, 1, 83-94.

Neto, F. (1997). *Estudos de psicologia intercultural: Nós e os outros*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Neto, F. (2010). Re-acculturation attitudes among adolescents from returned Portuguese immigrant families. *International Journal of Intercultural Relations*, 34, 221-232.

Neto, F., Barros, J., & Scmitz, P. G. (2005). Acculturation attitudes and adaptation among portuguese immigrants in Germany. *Psychology & Developing Societies*, 17, 19-32.

Neuendorf, K. A. (2002). *The content analysis: Guidebook*. London: Sage Publications.

Newiit, M. (2005). *A history of Portuguese overseas expansion, 1400-1668*. New York: Routledge.

Nguyen, H. H. (2006). Acculturation in the United States. Em D. L. Sam., & J. W. Berry (Eds.), *Cambridge handbook of acculturation psychology* (pp. 311-330). Cambridge: Cambridge University Press.

Nguyen, A. M. D., & Benet-Martínez, V. (2007). Biculturalism unpacked: Components, measurement, individual differences, and outcomes. *Social and Personality Psychology Compass*, 1, 101-114.

Nitobé, I. (1914). *Bushido the soul of Japan*. Tokyo: Teibi. Originalmente publicado em 1904.

Noivo, E. (2002). Towards a cartography of portugueseness: Challenging the hegemonic centre. *Diaspora*, 11, 255-275.

Norbeck, E., & De Vos, G. (1961). Japan. Em F. L. K. Hsu (Ed.), *Psychological anthropology* (pp. 19-47). Homewood, IL: Dorsey.

Norton, M. I., & Sommers, S. R. (2011). Whites see racism as a zero-sum game that they are now losing. *Perspectives on Psychological Science*, 6, 215-218.

Nunes, A. (2000). *Antologia sociológica*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

Nunes, J. (1997). Boundaries, margins and migrants: An paradigm, shifts, heterogeneity and culture wars. Em M. Baganha (Ed.), *Immigration in Southern Europe* (pp. 89-119). Oeiras: Celta Editora.

Nye, J. S. (2011). *The future of power*. New York: Public Affairs.

Oberg, K. (1960). Culture shock: Adjustment to new cultural environments. *Practical Anthropology*, 7, 177-182.

Ogawa, D. M. (1978). *Kodomo no tame ni – For the sake of the children. The Japanese American experience in Hawaii*. Honolulu: University of Hawaii Press.

Oka, M. (2006). A memorandum by Tçuzu Rodrigues: The office of procurador and trade by Jesuits in Japan. *Bulleting of Portuguese Japanese Studies*, 13, 81-102.

Okazaki, S., David, E. J. R., & Abelmann, N. (2008). Colonialism and psychology of culture. *Social and Personality Psychology Compass*, 2/1, 90-106.

Oliveira, I. T. (2007). Emigração, retorno e reemigração na primeira metade do século XX. *Análise Social*, 42, 837-852.

Oliveira, L. L. (2006). *Nós e eles: Relações culturais entre brasileiros e imigrantes*. Rio do Janeiro: Editora FGV.

Ollé, M. (2008). The Jesuit portrayals of China between 1583-1590. *Bulletin of Portuguese Japanese Studies*, 16, 45-57.

Olof, G. I. (2002). *Tanegashima: The arrival of Europe in Japan*. Copenhagen: Nordic Institute of Asian Studies Press.

O'Malley, J. W. (1993). *The first Jesuits*. Cambridge: Harvard University Press.

O'Malley, J. W. (2000). From the 1599 ratio studiorum to the present: A humanistic tradition? Em V. J. Duminuco (Ed.), *The Jesuit Ratio studiorum: 400th anniversary perspectives* (pp. 127-144). Bronx: Fordham University Press.

O'Neill, B. J. (1984). *Proprietários, lavradores e jornaleiros: Desigualdade social numa aldeia transmontana (1870-1978)*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

O'Neill, B. J. (1999). La triple identité des créoles Portugais de Malaca. *Ethnologie Française*, 29, 237-253.

Operario, D., & Fiske, S. (1998). Racism equals power plus prejudice: A social psychological equation for racial oppression. Em J. L. Eberhardt, & S. T. Fiske (Eds.), *Confronting racism: The problem and the response* (pp. 33-53). Thousand Oaks: Sage Publications.

O'Reilly, K. (2009). *Key concepts in ethnography*. London: Sage Publications.

Oriol, M. (1984). *Les variations de l'identité*. Nice: Institut d'Études et de Recherches Interethniques et Interculturelles.

Oriol, M. (1985). Du navigateur au prolétaire. L'histoire comme ressource identitaire dans la diaspora portugaise. *Peuples Méditerranéens*, 31-32, 203-215.

Oriol, M. (1988). *Les variations de l'identité: Étude de l'évolution de l'identité culturelle des enfants d'émigrés portugais en France et au Portugal*. Nice: FES.

Oriol, M. (1989). Le devenir possible de l'identité des Portugais dans la France et l'Europe de demain. Em B. Lorreyte (Dir.), *Les politiques d'intégration des jeunes issus de l'immigration* (pp. 352-366). Paris: L'Harmattan.

Ortiz, F. (1995). *Cuban counterpoint: Tobacco and sugar*. Durham and London: Duke University Press. Originalmente publicado em 1940.

Osgood, C. E. (1967). Cross-cultural comparability in attitude measurement via multilingual semantic differentials. Em M. Fishbein (Ed.), *Readings in attitude theory and measurement* (pp. 103-116). New York: John Wiley & Sons.

Padilla, A. M. (Ed.). (1995). *Hispanic psychology: Critical issues in theory and research*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Padilla, A. M., & Perez, W. (2003). Acculturation, social identity, and social cognition: A new perspective. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 25, 35-55.

Padilla, B. (2005). Integration of Brazilian immigrants in Portuguese society: Problems and possibilities. *SOCIUS Working Papers*, 1.

Paiva, R. C. S. (2005). *Gaston Bachelard: A imaginação na ciência, na poética e na sociologia*. São-Paulo: Annablume Editora.

Pallares-Burke, M. L. G. (2005). *Gilberto Freire*. São Paulo: Editora UNESP.

Paranjpe, A. C. (1996). The interpretive turn: Implications for cross-cultural psychology. Em H. Grad., A. Blanco., & J. Georgas (Eds.), *Key issues in cross-cultural psychology* (pp. 42-67). Lisse: Swets & Zeitlinger B.V.

Paranjpe, A. C. (1998). *Self and identity in modern psychology and India thought*. New York: Plenum Press.

Paranjpe, A. C. (2002). Indigenous psychology in the post-colonial context: An historical perspective. *Psychology and Developing Societies*, 14, 27-43.

Pargament, K. I. (1997). *The psychology of religion and coping: Theory, research, practice*. New York: Guilford Press.

Park, R. E. (1928). Human migration and the marginal man. *The American Journal of Sociology*, 33, 881-893.

Park, R. E., & Miller, H. (1921). *Old world traits transplanted*. New York: Arno Press.

Pascoaes, T. (1978). *Arte de ser português*. Lisboa: Edições Roger Delvaux. Originalmente publicado em 1915.

Pascoaes, T. (1986). O espírito lusitano ou o saudosismo. Em A. Botelho., & A. B. Teixeira (Eds.), *Filosofia da Saudade* (pp. 21-35). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Originalmente publicado em 1912.

Pasquali, L. (2009). Psicometria. *Revista da Escola de Enfermagem*, 43, 992-999.

Pasquali, L. & Primi, R. (2003). Fundamentos da teoria da resposta ao item – TRI basic theory of item response theory – IRT. *Avaliação Psicológica*, 2, 99-110.

Passos, J. L., & Silva, V. C. (2006). Gilberto Freyre's concept of culture in the masters and the slaves. Em C. Nava., & L. Lauerhass (Eds.), *Brazil in the making: Facets of national identity* (pp. 45-67). Oxford, UK: Rowman, & Littlefield Publishers.

Peixoto, F. A. (2000). *Diálogos brasileiros: Uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Peixoto, J. (2009). A demografia da população imigrante em Portugal. Em M. F. Lages., & A. T. Matos (Coord.), *Portugal: Percursos de interculturalidade* (pp. 7-47). Lisboa: ACIDI/CEPCEP.

Pennebaker, J. W., Páez, D., & Deschamps, J. C. (2006). The social psychology of history, defining the most important event of the last 10, 100, and 1000 years. *Psicologia Política*, 32, 15-32.

Pereira, M. (1981). *A política portuguesa de emigração: 1859-1930*. Lisboa: A Regra do Jogo.

Pereira, M. (1990). Algumas observações complementares sobre a política de emigração portuguesa. *Análise Social*, 25, 735-739.

Pereira, M. (1993). Liberdade e contenção na emigração portuguesa, 1850-1930. Em M. B. N. Silva (Ed.), *Emigração, imigração em Portugal* (pp. 9-17). Algés: Editora Fragmentos.

Pereira, P. T., & Tavares, L. P. (2000). Is schooling of migrants' children more like that of their parents, their cousins, or their neighbors? *Journal of International Migrations and Integration*, 1, 443-459.

Pereira, V. (2009). Emigração e desenvolvimento da previdência social em Portugal. *Análise Social*, 44, 471-510.

Pereira, V. (2012). Os futebolistas invisíveis: Os portugueses em França e o futebol. *Etnográfica*, 16, 97-115.

Pereira, Z. (2000). Os jesuítas em Moçambique aspectos da acção missionária portuguesa em contexto colonial (1941-1974). *Lusotopie*, 81-105.

Personnaz, M., Bourhis, R. Y., Barrette, G., & Personnaz, B. (2002). Étude sur les orientations d'acculturation de Maghrébins et de Français d'origine en région parisienne. Em C. Sabatier., H. Mewska., & F. Tanon *et al.* (Eds.), *Identités, acculturation, altérité* (pp. 123-147). Paris: L'Harmattan.

Pessoa, I. (2010). Cosmopolitan Portuguese youth: The world as home after the Macao migratory experience. Em D. Cairns (Org.), *Youth on the move. European youth and geographical mobility* (pp. 23-34). Morlenbach: VS Verlag.

Petit, V., & Charbit, Y. (1996). Des familles entre France et Portugal. *Espace, Populations, Sociétés*, 2-3, 497-506.

Pettigrew, T. F. (1998a). Prejudice and discrimination on the college campus. Em J. L. Eberhardt., & S. T. Fiske (Eds.), *Confronting racism: The problem and the response* (pp. 263-280). Thousand Oaks: Sage Publications.

Pettigrew, T. F. (1998b). Reactions toward the new minorities of Western Europe. *Annual Review of Sociology*, 24, 77-103.

Pettigrew, T. F., & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25, 57-75.

Phalet, K., & Kasic, A. (2006). Acculturation in European societies. Em D. L. Sam., & J. W. Berry (Eds.), *Cambridge handbook of acculturation psychology* (pp. 331-348). Cambridge: Cambridge University Press.

Phinney, J. S. (2000). Identity formation across cultures: The interaction of personal, societal, and historical change. *Human Development*, 43, 27-31.

Phinney, J. S. (2003). Ethnic identity and acculturation. Em K. M. Chun., P. B. Organista., & G. Marín (Eds.), *Acculturation: Advances in theory, measurement and applied research* (pp. 63-82). Washington: American Psychological Association.

Phinney, J. S., Berry, J. W., Vedder, P., Liebkind, K. (2006). The acculturation experience: Attitudes, identities and behaviors of immigrant youth. Em J. W. Berry., J. S. Phinney., D. L. Sam., & P. Vedder (Eds.), *Immigrant youth in cultural transition: Acculturation identity and adaptation across national context* (pp. 71-116). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Phinney, J. S., Horenczyk, G., Liebkind, K., & Vedder, P. (2001). Ethnic identity, immigration, and well-being: An interactional perspective. *Journal of Social Issues*, 57, 493-510.

Phinney, J. S., & Ong, A. D. (2007). Conceptualization and measurement of ethnic identity: Current status and future directions. *Journal of Counseling Psychology*, 54, 271-281.

Pike, K. L. (1954). *Language in relation to a unified theory of structure of human behavior - Vol. 1*. Glendale, CA: Summer Institute of Linguistics.

Pimentel, I. (1998). O aperfeiçoamento da raça: A eugenia na primeira metade do século XX, *História*, XX, 18-27.

Pina, I. (2001). The Jesuit in Japan and in China: Two distinct realities. Cultural adaptation and the assimilation of native. *Bulletin of Portuguese Japanese Studies*, 2, 59-76.

Pina-Cabral, J. (2003). Semelhança e verossimelhança e horizontes da narrativa etnográfica. *Mana*, 9, 109-122.

Pingault, J. B. (2004). Jeunes issus de l'immigration portugaise: Affirmations identitaires dans les espaces politiques nationaux. *Le Mouvement Social*, 209, 71-89.

Pinto, A. F., & Pires, S. R. (2005). The “resposta que alguns Padres de Japão mandaram perguntar”: A clash of strategies. *Bulleting of Portuguese Japanese Studies*, 10-11, 9-60.

Pinto, F. M. (1974). *Peregrinação e outras obras, Vol. III*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

Pinto, F. M. (1989a). *Peregrinação e Cartas, Vol. I*. Lisboa: Edições Afrodite.

Pinto, F. M. (1989b). *Peregrinação e Cartas, Vol. II*. Lisboa: Edições Afrodite.

Pinto, F. M. (1989c). *The travels of Mendes Pinto* (R. Catz, Ed.). Chicago: The University of Chicago Press.

Piontkowski, U., & Florack, A. (1995). *Attitudes toward acculturation from the dominant group's point of view*. Paper presented at VI European Congress of Psychology. Atenas: Grecia.

Piontkowski, U., Florack, A., Hoelker, P. & Obdrzalek, P. (2000). Predicting acculturation attitudes of dominant and non-dominant groups. *International Journal of Intercultural Relations*, 24, 1-26.

Piontkowski, U., Rohmann, A., & Florack, A. (2002). Concordance of acculturation attitudes and perceived threat. *Group Processes & Intergroup Relations*, 5, 221-232.

Pires, C. A. M. (1985). *A emigração na literatura portuguesa: Uma colectânea de textos*. Porto: Secretaria de Estado da Emigração.

Pires, R. (2003). *Migrações e integração: Teoria e aplicações à sociedade portuguesa*. Oeiras: Celta Editora.

Poinard, M. (1983). Emigrantes retornados de França: A reinserção na sociedade portuguesa. *Análise Social*, 19, 261-296.

Poinard, M., & Hily, M. A. (1983). Réseaux informels et officiels dans la communauté portugaise en France. *Espace, Populations, Sociétés*, 2, 57-68.

Polkinghorne, D. (1988). *Narrative knowing and the human sciences*. Albany, NY: State of New York Press.

Pontes, L. (2004). Mulheres brasileiras na mídia Portuguesa. *Cadernos Pagu*, 23, 229-256.

Poortinga, Y. H. (1997). Towards convergence? Em J. W. Berry., Y. H. Poortinga., J. Pandey (Eds.), *Handbook of cross-cultural psychology: Theory and method*, Vol. I (pp. 347-387). Boston: Allyn & Bacon.

Poortinga, Y. H., & Van de Vijver, F. J. R. (1987). Explaining cross-cultural differences: Bias analysis and beyond. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 18, 259-282.

Poortinga, Y. H., Van de Vijver, F. J. R., Joe, R. C., & Van de Koppel, J. M. H. (1987). Peeling the onion called culture: A synopsis. Em C. Kagitcibasi (Ed.), *Growth and progress in cross-cultural psychology* (pp. 22-34). Berwyn, PA: Swets North America.

Popper, K. (2002). *The logic of scientific discovery*. London: Routledge. Originalmente publicado em 1935.

Portela, J., & Nobre, S. (2002). Entre Pinela e Paris: Emigração e regressos. *Análise Social*, 31, 1105-1146.

Portes, A. P. (2006). *Estudos sobre as migrações contemporâneas: Transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração*. Lisboa: Fim de Século.

Portes, A. P., Fernández-Kelly, & Haller, W. J. (2005). Segmented assimilation on the ground: The new second generation in early adulthood. *Ethnic and Racial Studies*, 28, 1000-1040.

Portes, A. P., Guarnizo, L. E., & Haller, W. J. (2002). Transnational entrepreneurs: An alternative form of immigrant economic adaptation. *American Sociological Review*, 67, 278-298.

Portes, A., Guarnizo, L. E., & Landolt, P. (1999). The study of transnationalism: Pitfalls and promise of an emergent research field. *Ethnic and Racial Studies*, 22, 217-237.

Potter, J., Stringer, P., & Wetherell, M. (1984). *Social texts and context: Literature and social psychology*. London: Routledge.

Pourtois, J. P., & Desmet, H. (1988). *Epistémologie et instrumentation en sciences humaines*. Bruxelles: De Boeck.

Powell, J. W. (1880). *Introduction to the study of Indian languages: With words phrases and sentences to be collected*. Washington: Government Printing Office.

Powell, J. W. (1891). Indian linguistic families of America North of Mexico. *Seventh Annual Report, Bureau of American Ethnology* (pp. 1-142). Washington: Government Printing Office.

Powell, J. W. (1895). Proper training and the future of the Indians. *Forum*, 18, 622-629.

Poyrazli, S., & Lopez, M. D. (2007). An exploratory study of perceived discrimination and homesickness: A comparison of international and American students. *The Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied*, 141, 263-280.

Punch, K. F. (2005). *Introduction to social research: Quantitative and qualitative approaches*. London: Sage Publications.

Pussetti, C. (2010). Ethnographies of new clinical encounters: Immigrant's emotional struggles and transcultural psychiatry in Portugal. *Etnográfica*, 14, 115-133.

Qian, Z., & Lichter, D. T. (2001). Measuring marital assimilation: Intermarriage among natives and immigrants. *Social Science Research*, 30, 289-312.

Qian, Z., & Lichter, D. T. (2007). Social boundaries and marital assimilation: Interpreting trends in racial and ethnic intermarriage. *American Sociological Review*, 72, 68-94.

Queirós, E. (1979). *A emigração como força civilizadora*. Lisboa: Perspectivas e Realidades.

Queirós, J. (2010). Recent economic performance and changing configurations of workforce mobility in Northwest Portugal: Social consequences of unemployment and the rise of youth emigration. Em D. Cairns (Org.), *Youth on the move: European youth and geographical mobility* (pp. 95-106). Wiesbaden: VS Verlag.

Quimby, G. I., & Spoehr, A. (1951). *Acculturation and material culture*. Chicago: Chicago Natural History Museum.

Ramalho, J. (2003). *Desenvolvimento da autonomia e da identidade, nos jovens portugueses com experiência migratória*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ramos, A., Vala, J., Pereira, C (2008). Oposição a políticas anti-racistas na Europa: Factores individuais e sócio-estruturais. Em M. Villaverde., K. Wall., S. Aboim., Silva, F. Carreira (Eds.), *Itinerários: A investigação nos 25 anos do ICS* (pp. 257-281). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Ramos, F. P. (2006). *No tempo das especiarias: O império da pimenta e do açúcar*. São Paulo: Editora Contexto.

Ramos, F. P. (2008). *Por mares nunca dantes navegados: A aventura dos descobrimentos*. São Paulo: Editora Contexto.

Ramos, R. (1997). As origens ideológicas da condenação das descobertas e conquistas em Herculano e Oliveira Martins. *Análise Social*, 32, 113-141.

Raposo, P., & Togni, P. C. (2009). *Os fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portuguesas: Género e imigração*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Ratner, C. (1997). *Cultural psychology and qualitative methodology: Theoretical and empirical considerations*. New York: Plenum Press.

Ratner, C. (2007). Contextualism versus positivism in cross-cultural psychology. Em G. Zheng., K. Leung., & J. Adair (Eds), *Perspectives and progress in contemporary cross-cultural psychology* (pp. 35-48). Beijing: China Light Industry Press.

Redding, R. (2001). Sociopolitical diversity in psychology: The case for pluralism. *American psychologist*, 56, 205-215.

Redfield, R., Linton, R., & Herskovits, M. T., (1936). Memorandum for the study of acculturation. *American Anthropologist*, 38, 149-152.

Reichertz, J. (2007). Abduction: The logic of discovery of grounded theory. Em A. Bryant., & K. Charmaz (Eds.), *Sage handbook of grounded theory* (pp. 214-228). London: Sage Publications.

Rein, J. J. (1998). *Japan: Travels and researches undertaken at the cost of the Prussian government*. London: Curzon Press. Originalmente publicado em 1884.

Reisinger, Y. (2009). *International tourism cultures and behavior*. Oxford, UK: Elsevier.

Reisinger, Y., & Turver, L. W. (2004). *Cross-cultural behavior in tourism concept and analysis*. New York: Elsevier.

Rex, J. (1995). La réponse des sciences sociales en Europe au concept de multiculturalisme. *Anthropologie et Sociétés*, 19, 111-125.

Ribeiro, C. (1986a). *Sinais exteriores de riqueza (contos que a emigração contou)*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.

Ribeiro, C. (1986b). *Emigração portuguesa: Algumas características dominantes dos movimentos no período de 1950-1984*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.

Ribeiro, C. (1986c). *Emigração portuguesa: Aspectos relevantes relativos às políticas adoptadas no domínio da emigração portuguesa, desde a última guerra mundial*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.

Ribeiro, D. (1982). *Os índios e a civilização: A integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Petrópolis: Editora Vozes.

Ribeiro, D. (1995). *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Ribeiro, M. (2007). Gaspar Vilela, Between Kyushu and the Kinai. *Bulletin of Portuguese Japanese Studies*, 15, 9-27.

Robbins, D. (2003). Writing: Understanding Vygotsky non-classical metapsychology. *Jornal de Psicologia Clínica*, 9, 15-22.

Roberts, C. W. (1997). *Text analysis for the social sciences: Methods for drawing statistical inferences from texts and transcripts*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Editor.

Rocha, E. (1982). Colónias e exportação de mão-de-obra como fontes de divisas: Considerações sobre a contribuição dos emigrantes para o subdesenvolvimento económico português. *Análise Social*, 18, 1053-1075.

Rocha, N. (1965). *A imigração dolorosa*. Lisboa: Editora Odisseia.

Rocha-Trindade, M. B. (1970). *Observation psycho-sociologique d'un groupe de Portugais dans la banlieue Parisienne (Orsay)*. Paris: Faculté des Lettres et des Sciences Humaines de Paris.

Rocha-Trindade, M. B. (1973). Sobrevivência e progresso de uma aldeia despovoada. *Geographica*, 35, 4-23.

Rocha-Trindade, M. B. (1976). Comunidades migrantes em situação dipolar: Análise de três casos de emigração especializada para os E. U. A. para o Brasil e para França. *Análise Social*, 12, 983-997.

Rocha-Trindade, M. B. (1984). Regresso imaginado. *Nação e Defesa*, 28, 87-97.

Rocha-Trindade, M. B. (1986). Reflexos culturais da emigração portuguesa para o Brasil. *Análise Social*, 22, 139-156.

Rocha-Trindade, M. B. (1987). As micropátrias do interior português. *Análise Social*, 24, 701-712.

Rocha-Trindade, M. B. (1990). *Portuguese migration to Brazil in the nineteenth and twentieth centuries: An international cultural exchange in Portuguese migration in global perspective*. Toronto: The Multicultural History Society of Ontario.

Rocha-Trindade, M. B. (1992). Desencontros culturais dos descendentes de migrantes regressados. Em F. Pinto (Dir.), *Diálogo entreculturas*. Lisboa: Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural.

Rocha-Trindade, M. B. (1998). Les temps mythiques des migrations. Em M. Rocha-Trindade., & F. Raveau (Org.), *Presence portugaise en France* (pp. 25-38). Lisboa: Universidade Aberta.

Rocha-Trindade, M. B. (2008). Problemas das migrações contemporâneas em Portugal. *Cadernos Ceru*, 19, 81-97.

Rocha-Trindade, M. B. (2010a). Associativismo em contexto migratório. *Revista Migrações*, 6, 39-58.

Rocha-Trindade, M. B. (2010b). Reflexos da filosofia intercultural no sistema de ensino português, *Poiésis*, 3, 85-105.

Rocha-Trindade, M. B., & Fiori, N. (2009). Migrações entre Portugal e Brasil: Reciprocidade de preferências 1908-1945. *Migrações*, 5, 203-219.

Rocha-Trindade, M. B., Mendes, M. L. S., & Albuquerque (1996). A experiência portuguesa do projecto educação Multi/Intercultural. Em M. B. Rocha-Trindade., & M. L. S. Mendes (Eds.), *Educação intercultural de adultos* (pp. 235-257). Lisboa: Universidade Aberta e Departamento da Educação Básica do Ministério da Educação.

Rodrigues, J. N., & Devezas, T. (2009). *Portugal – O pioneiro das descobertas: A herança das descobertas*. V. N. Famalicão: Centro Atlântico.

Rogers, C. (1957). The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change. *Journal of Consulting Psychology*, 21, 95-103.

Rogers, C. (1975). Empathic: An unappreciated way of being. *Counselling Psychologist*, 5, 2-10.

Rogoff, B. (2005). *A natureza cultural do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Rohmann, A., Florack, A., Piontkowski, U. (2006). The role of discordant acculturation attitudes in perceived threat: An analysis of host and immigrant attitudes in Germany. *International Journal of Intercultural relations*, 30, 683-702.

Rohmann, A., Piontkowski, U., & Van Randenborgh, A. (2008). When attitudes do not fit: Discordance of acculturation attitudes as an antecedent of intergroup threat. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 34, 337-352.

Rosas, F. (1997). O Estado Novo, (1926-1974). Em J. Mattoso (Dir.), *História de Portugal*, Vol. 7. Lisboa: Editorial Estampa.

Roth, J. H. (2002). *Brokered homeland, Japanese Brazilian migration in Japan*. New York: Cornell University Press.

Rubiés, J. P. (2002). *Travel and ethnology in the Renaissance: South India through European eyes, 1250-1625*. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge.

Rudmin, F. W. (1991). Seventeen early peace psychologists. *Journal of Humanistic Psychology*, 2, 12-43.

Rudmin, F. W. (1992). Cross-Cultural correlates of the ownership of private property. *Social Science Research*, 21, 57-83.

Rudmin, F. W. (2003a). Critical history of the acculturation psychology of assimilation, separation, integration and marginalization. *Review of General Psychology*, 7, 3-37.

Rudmin, F. W. (2003b). Catalogue of acculturation constructs: Descriptions of 126 taxonomies, 1918-2003. Em W. J. Lonner., D. L. Dinnel., S. A. Hayes., & D. N. Sattler (Eds.), *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 8, Chapter 8). Retirado de <http://www.wvu.edu/~culture>.

Rudmin, F. W. (2003c). Field notes from the quest for the first use of acculturation. *Cross-Cultural Psychology Bulletin*, 37, 24-31.

Rudmin F. W. (2005). Acculturation. Em C. B. Fisher., & R. M. Lerner (Eds.), *Encyclopedia of applied developmental science*, Vol. 1, (pp. 4-6). Thousand Oaks: Sage Publications.

Rudmin, F. W. (2006). Debate in science: The case of acculturation. Em *AnthroGlobe Journal*. Retirado em 20 agosto de 2009, de http://www.anthroglobe.info/docs/rudminf_acculturation_061204.pdf.

Rudmin, F. W. (2009). Constructs, measurements and models of acculturation and acculturative stress. *International Journal of Intercultural Relations*, 33, 106-123.

Rudmin, F. W. (2010). Acculturation measures. Em E. Mpofu., & T. Oakland (Eds), *Rehabilitation and health assessment: Applying ICF guidelines* (pp. 353-380). New York: Springer.

Rudmin, F. W., & Ahmadzadeh, V. (2001). Psychometric critique of acculturation psychology: The case of Iranian migrants in Norway. *Scandinavian Journal of Psychology*, 42, 41-56.

Rumbaut, R. (1997). Assimilation and its discontents: Between rhetoric and reality. *International Migration Review*, 31, 923-960.

Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000a). Intrinsic and extrinsic motivations: Classic definitions and new directions. *Contemporary Educational Psychology*, 25, 54-67.

Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000b). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development and well-being. *American Psychologist*, 55, 68-78.

Ryder, A. G., Alden, L. E., & Paulhus, D. L. (2000). Is acculturation unidimensional or bidimensional? A head-to-head comparison in the prediction of personality, self-identity, and adjustment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 49-65.

Sá, C. P. (2012). A memória histórica numa perspetiva psicossocial. *Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, 14, 94-103.

Sá, C. P., & Oliveira, D. C. (2002). Sur la mémoire sociale de la découverte du Brésil. Em S. Laurens., & N. Roussiau (Eds.), *La mémoire sociale: Identités et représentations sociales* (pp. 107-118). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Sabaratnam, L. (2001). *Ethnic attachments in Sri Lanka: Social change and cultural continuity*. New York: Palgrave Macmillan.

Sabatier, C., & Berry, J. W. (1994). Immigration et acculturation. Em R. Y. Bourhis, & J. P. Leyens (Eds.), *Stéréotypes, discrimination et relations intergroupes* (pp. 261-291). Bruxelles: Mardaga.

Sabatier, C., & Boutry, V. (2006). Acculturation in Francophone European societies. Em D. L. Sam., & J. W. Berry (Eds.), *Cambridge handbook of acculturation psychology* (pp. 349-367). Cambridge: Cambridge University Press.

Safi, M. (2008). The immigrant integration process in France: Inequalities and segmentation. *Revue Française de Sociologie*, 49, 3-44.

Safi, M. (2012). Penser l'intégration des immigrés: Les enseignements de la sociologie américaine. *Sociologie*, 2, 149-164.

Saito, A. (2000). *Bartlett, culture and cognition*. New York: Psychology Press.

Sakamoto, I. (2006). Acculturation or negotiation: What Japanese academic migrants teach us about family processes and gendered experiences of cultural adaptation. Em R. Mahalingam (Ed.), *Cultural psychology of immigrants* (pp. 337-364). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

Salzano, F. M. (2009). A Antropologia no Brasil: É a interdisciplinaridade possível? *Amazônica* 1, 12-27.

Sam, D. L. (2006a). Acculturation: Conceptual background and core components. Em D. L. Sam., & J. W. Berry (Eds.), *The Cambridge handbook of acculturation psychology* (pp. 11-26). Cambridge: Cambridge University Press.

Sam, D. L. (2006b). Acculturation and health. Em D. L. Sam., & J. W. Berry (Eds.), *The Cambridge handbook of acculturation psychology* (pp. 452-468). Cambridge: Cambridge University Press.

Samovar, A., & Porter, R. (1994a). *Intercultural communication: A reader*. Belmont, CA: Wadsworth Publishing Company.

Samovar, A., & Porter, R. (1994b). Introduction to intercultural communication: A reader. Em A. Samovar., & R. Porter (Eds.), *Intercultural communication: A reader* (pp. 3-59). Belmont, CA: Wadsworth Publishing Company.

Sanchis, P. (1983). *Arraial: Festa de um povo. As romarias portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Santos, B. S. (1991). *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento.

Santos, I. S. (2003). Discours d'appartenance, pratiques d'inscriptions sociales et territoriales: Des descendants de migrants portugais de France. *Recherches en anthropologie au Portugal*, 9, 23-35.

Santos, I. S. (2005). Being a part of several "worlds": Sense of belonging and wedding rites among Franco-Portuguese youth. *Nar. Umjet. (Croatian Journal of Ethnology and Folklore Research)*, 42, 25-45.

Santos, J. M. D. L. P. (2011). *A study in cross-cultural transmission of natural philosophy: The kenkon Bensetsu*. Dissertação de doutoramento não publicada, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Saraiva, A. (1971). *Fernão Mendes Pinto*. Lisboa: Publicações Europa-América.

Saraiva, A. (1995). *A tertúlia ocidental: Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queirós e outros*. Lisboa: Gradiva.

Saraiva, A. (1996). *Para a história da cultura em Portugal, Vol. 1*. Lisboa: Gradiva.

Sarbin, T. R. (1986). The narrative as root metaphor for psychology. Em T. R. Sarbin (Ed.), *Narrative psychology: The storied nature of human conduct* (pp. 3-21). New York: Praeger.

Sardinha, J. (2011). Portuguese-Canadian emigrant descendents in multicultural Canada: Ambiguous identity in a sure-footed nation or cultural awareness in an uncertain country? *Journal of International Migration and Integration*, 12, 371-389.

Sarkissian, M. (2000). *D'Albuquerque's children: Performing tradition in Malaysia's Portuguese settlement*. Chicago: The University of Chicago Press.

Sarkissian, M. (2002). Playing Portuguese: Constructing identity in Malaysia's Portuguese community. *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, 11, 215-232.

Sartre, J. P. (1940). *L'Imaginaire*. Éditions Gallimard.

Sayegh, L., & Lasry, J. C. (1993a). Acculturation, stress et santé mentale chez des immigrants libanais à Montréal. *Sante mentale au Québec*, 18, 23-52.

Sayegh, L., & Lasry, J. C. (1993b). Immigrants' adaptation in Canada: Assimilation, acculturation, and orthogonal cultural identification. *Canadian Psychology*, 34, 98-109.

Schalk-Soekar, S. R. G. (2007). *Multiculturalism: A stable concept with many ideological and political aspects*. Dissertação de doutoramento não publicada. Tilburg University, Tilburg, Netherlands.

Schalk-Soekar, S. R., G., & Van de Vijver, F. J. R. (2008). The concept of multiculturalism: A study among Dutch majority members. *Journal of Applied Social Psychology*, 38, 2152-2178.

Scheuer, M. (2002). Avant-Propo. Em E. Ganty., M. Hermans., F. X. Dumortier., & P. Sauvage (Eds.), *Tradition jésuite: Enseignement, spiritualité, mission* (pp. 5-10). Namur & Bruxelles: Presses Universitaire de Namur & Édition Lessius.

Schmitz, P. G. (2001). Psychological aspects of immigration. Em L. L. Adler., & U. P. Gielen (Eds.), *Cross-cultural topics in psychology* (pp. 229-243). Westport, CT: Praeger.

Schönplflug, U. (2002). Acculturation, ethnic identity, and coping. Em W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes., & D. N. Sattler (Eds.), *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 8, Chapter 2), (<http://www.wvu.edu/~culture>), Center for Cross-Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Washington USA.

Schouten, M. J. (2001). Antropologia e colonialismo em Timor português? *Lusotopie*, 157-171.

Schultz, P. W. (2002). Environmental attitudes and behaviors across cultures. Em W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes., & D. N. Sattler (Eds.), *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 8, Chapter 4), (<http://www.ac.wvu.edu/~culture/index-cc.htm>), Center for Cross-Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Washington USA.

Schurhammer, G. (1963). *Orientalia, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos.

Schwarcz, L. K. M. (1997). Le complexe de Zé Carioca notes sur une certaine identité métisse et malandra. *Lusotopie*, 249-266.

Schwartz, S. B. (1998). *Sugar plantations in the formation of Brazilian society: Bahia, 1550-1835*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Schwartz, S. J., & Zamboanga, B. L. (2008). Testing Berry's model of acculturation: A confirmatory latent class approach. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 14, 275-285.

Scott, D. M. (2009). Portuguese Americans' acculturation, socioeconomic integration, and amalgamation. How far have they advanced? *Sociologia, Problemas e Práticas*, 61, 41-64.

Sedikides, C., Wildschut, T., Arndt, J., & Routledge, C. (2008). Nostalgia past, present, and future. *Current Directions in Psychological Science*, 17, 304-307.

Sedikides, C., Wildschut, T., & Baden, D. (2004). Nostalgia: Conceptual issues and existential functions. Em J. Greenberg., S. Koole., & T. Pyszczynski (Eds.), *Handbook of experimental existential psychology* (pp. 200-214). New York: Guilford Press.

Sedikides, C., Wildschut, T., Gaertner, L., Routledge, C., & Arndt, J. (2008). Nostalgia as enabler of self continuity. Em F. Sani (Ed.), *Self-continuity: Individual and collective perspectives* (pp. 227-239). New York: Psychology Press.

Sedikides, C., Wildschut, T., Routledge, C., Arndt, J., & Zhou, X. (2009). Buffering acculturative stress and facilitating cultural adaptation: Nostalgia as a psychological resource. Em R. S. Wyer., C-Y. Chiu., & Y-Y. Hong (Eds.), *Understanding culture: Theory, research and application* (pp. 361-378). New York: Psychology Press.

Segall, M. H. (2002). Why is there still racism if there is no such thing as "race"? Em W. J. Lonner., D. L. Dinnel., S. A. Hayes., & D. N. Sattler (Eds.), *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 15, Chapter 5). Retirado de <http://www.ac.wvu.edu/~culture/index-cc.htm>.

Segall, M. H., Lonner, W. J., & Berry, J. W. (1998). Cross-cultural psychology as scholarly discipline: On the flowering of culture in behavioral research. *American Psychologist*, 53, 1101-1110.

Serrão, J. (1965). Emigração. Em *Dicionário de História de Portugal*, Vol. II (p. 20). Lisboa: Iniciativas Editoriais.

Serrão, J. (1970). Conspecto histórico da emigração à portuguesa. *Análise Social*, 8, 597-617.

Serrão, J. (1976). *Testemunhos sobre a emigração portuguesa. Antologia*. Lisboa: Horizonte Livros.

Serrão, J. (1977). *A emigração portuguesa: Sondagem histórica*. Lisboa: Livros Horizonte.

Serrão, J. (1982). *Temas oitocentistas: Para a história de Portugal no século passado, Vol. 1*. Lisboa: Livros Horizonte.

Serrão, J. (1985). Notas sobre emigração e mudança social no Portugal contemporâneo. *Análise Social*, 21, 995-1004.

Shadish, W. R., Cook, T. D., & Campbell, D. T. (2002). *Experimental and quasi-experimental designs for generalized causal inference*. Boston: Houghton Mifflin.

Shaules, J. (2007a). *Deep culture: The hidden challenges of global living*. Tonawanda, NY: Multilingual Matter.

Shaules, J. (2007b). The debate about cultural difference: Deep culture, cultural identity, and culture's influence on behavior. *Journal of Intercultural Communication*, 10, 115-132.

Sheth, J. N., & Sethi, S. P. (1973). *An approach to developing a theory of cross-cultural buyer behaviour*. Paper presented at the Annual Meeting of the American Psychological Association, Montreal, August, 27-31.

Shotter, J. (2002). *Conversational realities: Constructing life through language*. London: Sage Publications.

Sibley, C., & Liu, J. H. (2004). Attitudes towards biculturalism in New Zealand: Social dominance and Pakeha attitudes towards the general principles and resource-specific aspects of bicultural policy. *New Zealand Journal of Psychology*, 33, 88-99.

Sidanius, J., & Pratto, F. (1999). *Social dominance: An intergroup theory of social hierarchy and oppression*. Cambridge: Cambridge University Press.

Siegel, S. (1957). Nonparametric statistics. *American Statistician*, 11, 13-19.

Silva, A. (2009). *Condições e missão da comunidade luso-brasileira e outros ensaios*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmã.

Silva, L. A. (1995). Le rôle des émigrée dans la transition démocratique aux Iles du Cap-Vert, *Lusotopie*, 315-322.

Silveirinha, M. J., & Cristo, A. T. P. (2004). A construção discursiva dos imigrantes na imprensa. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 69, 117-137.

Simões, M. P. (1985). *O emigrante português. Processos de adaptação, o exemplo da Suíça*. Lisboa: Secretaria de Estado da Emigração.

Simons, S. E. (1901a). Social assimilation. I. *American Journal of Sociology*, 6, 790-822.

Simons, S. E. (1901b). Social assimilation. II. *American Journal of Sociology*, 7, 53-79.

Simons, S. E. (1901c). Social assimilation IV. *American Journal of Sociology*, 7, 386-404.

Simons, S. E. (1901d). Social assimilation III. Assimilation in the Modern World. *American Journal of Sociology*, 7, 234-248.

Simons, S. E. (1902). Social assimilation V. *American Journal of Sociology*, 7, 539-556.

Sinha, D. (1996). Cross-cultural psychology: The Asian scenario. Em J. Pandey., D. Sinha., D. P. S. Bhawuk (Eds.), *Asian contributions to cross-cultural psychology* (pp. 20-41). New Delhi: Sage Publications.

Sinha, D. (1997). Indigenizing psychology. Em J. W. Berry., Y. Poortinga., & J. Pandey (Eds.), *Handbook of cross-cultural psychology. Vol. 1: Theory and method* (pp. 129-169). Boston: Allyn & Bacon.

Simon, J. A., & Smith, L. T. (2001). *A civilizing mission?: Perceptions and representations of the native schools system*. Auckland: Auckland University Press.

Siqueira, E. D. (2007). *Antropologia: Uma introdução*. Universidade Aberta do Brasil.

Skidmore, T. E. (1998). *Black into white: Race and nationality in Brazilian thought*. Durham: Duke University Press.

Smith, C. P. (2000). Content analysis and narrative analysis. Em H. T. Reis., & C. M. Judd (Eds.), *Handbook of research methods in social and personality psychology* (pp. 313-335). Cambridge: Cambridge University Press.

Smith, L. T. (1999). *Decolonizing methodologies: Research and indigenous peoples*. New York: St. Martin's Press.

Smith, M. B. (1956). Cross-cultural education and cultural change. *UNESCO International Social Science Bulletin*, 4, 585-597.

Smith, P. B., Bond, M. H., & Kagitçibasi, Ç. (2006). *Understanding social psychology across cultures*. London: Sage Publications.

Snauwaert, B., Soenens, B., Vanbeselaere, N., & Boen, N. F. (2003). When integration does not necessarily imply integration: Different conceptualizations of acculturation orientations lead to different classifications. *Journal of Cross Cultural Psychology*, 34, 231-239.

Soares, C., & Jesuíno, J. C. (2004). Memória social e representações sobre o descobrimento do Brasil: Análise dos manuais portugueses de história. *Psicologia*, 17, 321-37.

Sokolow, J. A. (2003). *The great encounter: Native peoples and European settlers in the Americas, 1492-1800*. New York: M. E. Sharpe.

Sousa, R. W. (1997). Cannibal, cartographer, soldier, spy: The Peirai of Mendes Pinto's *Peregrinação*. Em E. Fowler., & R. Greene (Eds.), *The project of prose in early modern Europe and the New World* (pp. 15-30). New York: Cambridge University Press.

Souza, T. R. (1985). *Indo Portuguese history: Old issues, new questions*. New Delhi: Concept Publishing Company.

Souza, T. R. (1997). Some contrasting visions of luso-tropicalism in India. *Lusotopie*, 377-387.

Souza, T. R. (2000). *Gilberto Freyre na Índia e o luso-tropicalismo transnacional*. Lisboa: Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático.

Souza, T. R. (2001). *Gilberto Freyre na Índia e o Luso-Tropicalismo transnacional*. Lisboa: Cepesa.

Souza, T. R. (2008). O Padroado português do Oriente visto da Índia instrumentalização política da religião. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, 13/14, 413-430.

Souza, T. R. (2010). O renascimento da historiografia indo-portuguesa. Evocando o historiador John Correia-Afonso S. J. [15 Julho, 1924-7 Novembro 2005]. *Fluxos & riscos*, 1, 233-240.

Souza, T. R. (2012). The economic and racial implications of the globalization of knowledge by catholic missionaries in the Portuguese India (16-18 centuries). *Missionsgeschichtliches Archiv*, 19, 381-387.

Spence, D. P. (1982). *Narrative truth and historical truth: Meaning and interpretation in psychoanalysis*. New York: W.W. Norton & Company.

Spicer, E. H. (1943). Linguistic aspects of Yaqui acculturation. *American Anthropologist*, 45, 410-426.

Spicer, E. H. (1954). Spanish-Indian acculturation in the Southwest. *American Anthropologist*, 56, 663-678.

Spicer, E. H. (1958). Social structure and cultural process in Yaqui religious acculturation. *American Anthropologist*, 60, 433-441.

Spitzberg, B. (1994). A model of intercultural communication competence. Em A. Samovar, & R. Porter (Eds.), *Intercultural communication: A reader* (pp. 347-359). Belmont, CA: Wadsworth Publishing Company.

Spitzberg, B., & Changnon, G. (2009). Conceptualizing intercultural competence. Em D. K. Deardorff (Ed.), *Sage handbook of intercultural competence* (pp. 2-52). Thousand Oaks: Sage Publications.

Stannard D. E. (1992). *American holocaust: The conquest of the new world*. New York: Oxford University Press.

Stead, G. B., & Young, R. A. (2007). Qualitative research methods for a global psychology. Em M. J. Stevens, & U. P. Gielen (Eds.), *Toward a global psychology: Theory, research, intervention, and pedagogy* (pp. 207-232). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Steiner, G. (1992). *No castelo do barba azul: Algumas notas para a redefinição de cultura*. Lisboa: Relógio D'Água.

Strauss, A. L., & Corbin, J. M. (1998). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Stroebe, M., Van Vliet, T., Hewstone, M., & Willes, H. (2002). Homesickness among students in two cultures: Antecedents and consequences. *British Journal of Psychology*, 93, 147-168.

Strudel, S. (2004). La participation des Portugais aux élections européennes et municipales en France. *Cahiers de l'URMIS*, 9, 69-76.

Suanet, I., & Van de Vijver, F. J. R. (2009). Perceived cultural distance and acculturation among exchange students in Russia. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 19, 182-197.

Sue, D. W. (2003). *Overcoming our racism: The journey to liberation*. San Francisco: Jossey-Bass.

Swartz, L., & Rohleder, P. (2008). Cultural psychology. Em C. Willig, & W. Stainton-Rogers (Eds.), *Sage handbook of qualitative research in psychology* (pp. 541-553). London: Sage Publications.

Sykes, K. M. (2005). *Arguing with anthropology: An introduction to critical theories of the gift*. New York: Routledge.

Syrstova, E. (1979). *El mundo imaginario*. Madrid: Akal Editor.

Tadmor, C. T., & Tetlock, P. E. (2006). Biculturalism: A model of the effects of second-culture exposure on acculturation and integrative complexity. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 37, 173-190.

Tadmor, C. T., Tetlock, P. E., & Peng, K. (2009). Acculturation strategies and integrative complexity the cognitive implications of biculturalism. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 40, 105-139.

Tafarodi, R. W., Kang, S. J., & Milne, A. B. (2002). When different becomes similar: Compensatory conformity in bicultural visible minorities. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28, 1131-1142.

Taft, D. R. (1969). *Two Portuguese communities in new England*. New York: Arno Press. Originalmente publicado em 1923.

Taft, R. (1953). The shared frame of reference concept applied to the assimilation of immigrants. *Human Relations*, 6, 45-56.

Taft, R. (1957). A psychological model for the study of social assimilation. *Human Relations*, 10, 141-156.

Taft, R. (1963). The assimilation orientation of immigrants and Australians. *Human Relations*, 16, 279-293.

Taft, R. (1965). *From stranger to citizen: A survey of studies of immigrant assimilation in Western Australia*. Nedlands, WA: University of Western Australia Press.

Taft, R. (1981). The role and personality of the mediator. Em S. Bochner (Ed.), *The mediating person: Bridges between cultures* (pp. 53-88). Boston: G. K. Hall.

Taft, R. (2007). Migration: Problems of adjustment and assimilation in immigrants. Em P. Watson (Ed.), *Psychology and race* (pp. 223-239). New Brunswick, NJ: Aldine Transaction.

Takenoshita, H. (2010). Circular migration and its socioeconomic consequences: The economic marginality among Japanese Brazilian migrants in Japan. Em W. Tai-Chee., & J. Rigg (Eds.), *Asian cities, migrant labour and contested spaces* (pp. 156-174). London: Routledge.

Tamura, E. (1994). *Americanization, acculturation and ethnic identity: The nisei generation*. Chicago: Board of Trustees of University of Illinois.

Tanizaki, J. (2003). *A Chave*. Lisboa: Teorema.

Tanos, F., & Vermes, G. (1993). *L'individu et ses cultures*. Paris: L'Harmattan.

Tarde, G. (1902). *Psychologie économique. Tome premier*. Paris: Félix Alcan.

Tarde, G. (1903). *The laws of imitation*. New York: Henry Holt. Originalmente publicado em 1880.

Taylor, D. M. (1991). The social psychology of racial and cultural diversity: Issues of assimilation and multiculturalism. Em A. G. Reynolds (Ed.), *Bilingualism, multiculturalism, and second language learning* (pp. 1-19). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.

Teddle, C., & Tashakkori, A. (2009). *Foundations of mixed methods research: Integrating quantitative and qualitative approaches in the social and behavioral sciences*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Teixeira, J. C. (2003). *A Presença portuguesa no Canadá. Uma perspectiva de cinco décadas*. Ribeira Grande: Câmara Municipal da Ribeira Grande.

Teske, R. H. C., & Nelson, B. H. (1974). Acculturation and assimilation: A clarification. *American Ethnologist*, 1, 351-367.

Thomaz, O. R. (2001). O bom povo português: Usos e costumes d'aquém e d'além-mar. *Mana*, 7, 55-87.

Thomas, W., & Znaniecki, F. W. (1918). *The polish peasant in Europe and America*. New York: Dover.

Tiesler, N. C. (2000). Muçulmanos na margem: A nova presença islâmica em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 34, 117-144.

Tiesler, N. C. (2005). Novidades no terreno: Muçulmanos na Europa e o caso português. *Análise Social*, 173, 827-849.

Tiesler, N. C. (2012). Diasbola: Futebol e emigração portuguesa. *Etnográfica*, 16, 77-96.

Tiesler, N. C., & Bergano, N. A. (2012). Ligações culturais entre portugueses na Alemanha: O futebol e a gastronomia como espaços sociais para convívios internacionais. *Etnográfica*, 16, 117-142.

Timmer, N. (2010). *Do you feel it too?: The post-postmodern syndrome in American fiction at the turn of the millennium*. Amsterdam: Editions Rodopi B. V.

Timmermans, S., & Tavory, I. (2007). Advancing ethnographic research through grounded theory practice. Em A. Bryant., & K. Charmaz (Eds.), *Sage handbook of grounded theory* (pp. 493-512). London: Sage Publications.

Tiryakian, E. A. (2003). Assessing multiculturalism theoretically: E pluribus unum, sic et non. *International Journal on Multicultural Societies*, 5, 20-39.

Tocqueville, A. (2002). *Democracy in America, Vol I*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University. Originalmente publicado em 1835.

Todorov, T. (1999). *The conquest of America: The question of the other*. New York: Harper & Row.

Tolosana, C. L. (2005). *La fascinación de la diferencia: La adaptación de los jesuitas al Japón de los samuráis, 1549-1592*. Madrid: Ediciones Akal.

Torga, M. (1943). *O senhor Ventura*. Coimbra: Atlântida.

Torga, M. (2003a). *A criação do mundo, Vol. 1*. Lisboa: Planeta De Agostini. Originalmente publicado em 1931.

Torga, M. (2003b). *Novos contos da montanha*. Lisboa: Visão/Publicações Dom Quixote.

Tourangeau, R., & Yan, T. (2007). Sensitive questions in surveys. *Psychological Bulletin*, 5, 859-883.

Triandis, H. C. (1972). *The analysis of subjective culture*. New York: John Wiley.

Triandis, H. C. (2002). Odysseus wandered for 10, I wondered for 50 years. Em W. J. Lonner., D. L. Dinnel., S. A. Hayes., & D. N. Sattler (Eds.), *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 2, Chapter 1). Retirado de <http://www.ac.wvu.edu/~culture/index-cc.htm>.

Triandis, H. C. (2007). Culture and psychology: A history of the study of their relationship. Em S. Kitayama., & D. Cohen (Eds.), *Handbook of cultural psychology* (pp. 59-76). New York: The Guilford Press.

Triandis, H. C. (2008). Culture and conflict. Em L. A. Samovar., R. E. Porter., & R. M. Edwin (Eds.), *Intercultural communication: A reader* (pp. 18-28). Boston, MA: Wadsworth Cengage Learning.

Tribalat, M. (1997). Chronique de l'immigration. Les populations d'origine étrangère en France métropolitaine. *Population*, 52, 163-219.

Trommsdorff, G. (1986). German Cross-Cultural Psychology. *The German Journal of Psychology*, 10, 240-266.

Trommsdorff, G. & Dasen, P. (2001). Cross-cultural study of education. Em N. J. Smelser, & P. B. Baltes (Eds.), *International encyclopedia of the social behavioral sciences* (pp. 3003-3007). Oxford, UK: Elsevier.

Tsuda, T. (2001). When identities become modern: Japanese emigration to Brazil and the global contextualization of identity. *Ethnic and Racial Studies*, 24, 412-432.

Tsuda, T. (2003). *Stranger in the ethnic homeland*. New York: Columbia University Press.

Üçerler, M. A. J. (2004). Alessandro Valignano: Man, missionary, and writer. Em D. Carey (Ed.), *Asian travel in the renaissance* (pp. 12-41). Malden, MA: Blackwell Publishing.

Üçerler, M. A. J. (2008). The Jesuit enterprise in sixteenth - and seventeenth-century Japan. Em T. Worcester (Ed.), *The Cambridge companion to the Jesuits* (pp. 153-168). Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Vakil, A. (2003). Muslims in Portugal: History, historiography, citizenship. *Euroclio Bulletin*, 18, 9-13.

Vala, J. (2000). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. Em J. Vala., & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (pp. 457-501). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vala, J., & Costa-Lopes, R. (2010). Youth attitudes toward difference and diversity: A cross-national analysis. *Análise Social*, 195, 255-275.

Vala, J., & Lima, M. (2002). Individualismo meritocrático, diferenciação cultural e racismo. *Análise Social*, 37, 181-207.

Vala, J., Lopes, D., & Brito, R. (1999). A construção social da diferença: Racialização e etnização das minorias. Em J. Vala (Org.), *Novos racismos: Perspectivas comparativas* (pp. 145-167). Oeiras: Celta.

Vala, J., Lopes, D., & Lima, M. (2008). Black immigrants in Portugal: Luso-Tropicalism and prejudice. *Journal of Social Issues*, 64, 287-302.

Vala, J., Pereira, C., & Ramos, A. (2006). Racial prejudice, threat perception and opposition to immigration: A comparative analysis. *Portuguese Journal of Social Science*, 5, 119-140.

Valdigem, C. (2006a). Brasileiros e ciganos no prime-time português: Estudo de caso. *Comunicação & Cultura*, 1, 99-115.

Valdigem, C. (2006b). Usos dos media e identidade: Brasileiras num salão de beleza. *Media & Jornalismo*, 8, 55-78.

Valentim, J. P. (2003). *Identidade e lusofonia nas representações sociais de portuguesas e de africanos*. Dissertação de doutoramento não publicada, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Vallerand, R. J. (1989). Vers une méthodologie de validation trans-culturelle de questionnaires psychologiques: Implications pour la recherche en langue française. *Psychologie Canadienne*, 30, 662-680.

Valignano, A., Duarte, S., & Loureiro, R. M. (1992). *Um tratado sobre o reino da China dos padres Duarte Sande e Alessandro Valignano (Macau, 1590)*. Macau: Instituto Cultural.

Van de Vijver, F. J. R., Breugelmans, S. M., & Schalk-Soekar, S. R. G. (2008). Multiculturalism: Construct validity and stability. *International Journal of Intercultural Relations*, 32, 93-104.

Van de Vijver, F. J. R., & Leung, K. (2009). Methodological issues in researching intercultural competence. Em D. K. Deardorff (Ed.), *Sage handbook of intercultural competence* (pp. 404-418). Thousand Oaks: Sage Publications.

Van de Vijver, F. J. R., & Poortinga, Y. H. (1997). Towards an integrated analysis of bias in cross-cultural assessment. *European Journal of Psychological Assessment*, 13, 29-37.

Van de Vijver, F. J. R., & Tanaka-Matsumi, J. (2008). Cross-cultural research methods. Em D. McKay (Ed.), *Handbook of research methods in abnormal and clinical psychology* (pp. 463-481). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Van de Vijver, F. J. R., & Tanzer, N. K. (1997). Bias and equivalence in cross-cultural assessment: An overview. *European Review of Applied Psychology*, 47, 263-280.

Van Raaij, W. F. (1978). Cross-cultural research methodology as a case of construct validity. Em K. Hunt., & A. Abor (Eds.), *Advances in consumer research*, Vol. 5 (pp. 693-701). Ann Arbor, MI: Association for Consumer Research.

Van Tilburg, M. A. L. (2006). The psychological context of homesickness. Em M. A. L. Van Tilburg., & A. J. J. M. Vingerhoets (Eds.), *Psychological aspects of geographical moves: Homesickness and acculturation stress* (pp. 35-48). Amsterdam: Amsterdam University Press.

Veblen, T. (2001). *The engineers and the price system*. Kitchener: Batoche Books. Originalmente publicado em 1921.

Vergote, A. (1978). *Dette et désir*. Paris: Seuil.

Veríssimo, J. (1887). As populações indígenas e mestiças da Amazonia. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Tomo L, Parte Primeira, 295-390.

Venâncio, J. C., & Moreira, A. (2000). *Luso-Tropicalismo. Uma teoria social em questão*. Lisboa: Vega.

Venturi, G., & Paulino, M. F. (1995). Pesquisando o preconceito racial. Em C. Turra., & G. Venturi, (Orgs.). *Racismo cordial: A mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil* (pp. 83-95). Editora Ática. São Paulo.

Verkuyten, M. (2003). Discourses and ethnic group (de-)essentialism: Oppressive and progressive aspects. *British Journal of Social Psychology*, 42, 371-391.

Vieira, A. [Alberto] (2007). A emigração portuguesa nos descobrimentos: Do litoral às ilhas. *Portuguese Studies Review*, 15, 63-101.

Vieira, A. [António] (2008). *Padre António Vieira: IV centenário : Sermões, cartas, obras várias*. Lisboa: Tupam.

Vieira, R. (1999a). *Histórias de vida e identidades - professores e interculturalidade*. Porto: Edições Afrontamento.

Vieira, R. (1999b). *Ser igual, ser diferente: Encruzilhadas da identidade*. Porto: Profedições.

Vieira, R. (2009). *Identidades pessoais: Interações, campos de possibilidades e metamorfoses culturais*. Lisboa: Colibri.

Vieira, R., & Mendes, M. (2010). Identity reconfiguration of immigrants in Portugal. *Diversity*, 2, 959-972.

Vieira, R., & Trindade, J. (2008). Migration, culture and identity in Portugal. *Language and Intercultural Communication*, 8, 36-49.

Villanova, R. (1988). Le migrant constructeur - Transferts de pratiques et de savoir faire dans l'habitat au Portugal. *Merides - Revista de Antropologia e de Sociologia Rural da Europa do Sul*, 7-8, 969-993.

Villanova, R. (1989). Trajectoires résidentielles et sociabilités des immigrés portugais en France. *Sociedade e Território*, 8, 72-78.

Villanova, R. (1994). La notion de bipolarité dans la migration, stratégies spatiales et souffrances psychique. Em *Entre la France et le Portugal, les transformations de la famille portugaise depuis trente ans* (pp. 29-39). Paris: Lusophone.

Villanova, R. (1998). Os emigrantes portugueses e a auto-reabilitação na região parisiense. *Sociedade e Território*, 25/26, 21-31.

Villanova, R. (2006). Double residence: A space for intergenerational relations. Portuguese immigrants in France in the twentieth and twenty-first centuries. *Portuguese Studies Review*, 14, 241-261.

Villanova, R., Gaudin, P., Raposo, I., & Leite, C. (1995). *Casas de sonhos: Emigrantes construtores no Norte de Portugal*. Lisboa: Salamandra.

Vitorino, C. (1998). As primeiras cartas do Japão: Tradução e impressão. Em A. P. Laborinho., M. A. Seixo., & M. J. Meira (Eds.), *A vertigem do Oriente: Modalidades discursivas no encontro de culturas* (pp. 95-116). Lisboa: Edições Cosmos & Instituto Português do Oriente.

Voigt, A. F. (2007). Emílio Willems e a invenção do teuto-brasileiro, entre a aculturação e a assimilação (1940-1946). *História, Questões & Debates*, 46, 189-201.

Vygotsky, L. (1996). *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky, L. (1998). *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky, L. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky, L. (2002). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky, L., & Luria, A. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: Símbolos, homem primitivo e criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Waddell, B. (1998). United States immigration: Historical perspective. Em S. Loue (Ed.), *Handbook of immigrant health* (pp. 1-17). New York: Plenun Press.

Wall, K. (1982). *A outra face da emigração: Estudo sobre a situação das mulheres que ficam no país de origem*. Lisboa: Comissão da Condição Feminina.

Ward, C. (2001). The A, B, Cs of acculturation. Em D. Matsumoto (Ed.), *Handbook of culture and psychology* (pp. 411-446). New York: Oxford University Press.

Ward, C. (2004). Psychological theories of culture contact and their implications of intercultural training and interventions. Em D. Landis., J. M. Bennett., & M. J. Bennett (Eds.), *Handbook of intercultural training* (pp. 185-216). London: Sage Publications.

Ward, C. (2008). Thinking outside the Berry boxes: New perspectives on identity, acculturation and intercultural relations. *International Journal of Intercultural Relations*, 32, 105-114.

Ward, C. (2010). Acculturation and social cohesion: Emerging issues for Asian immigrants in New Zealand. Em C-H. Leong., & J. W. Berry (Eds.), *Intercultural relations in Asia: Migration and work effectiveness* (pp. 3-24). Singapore: World Scientific.

Ward, C., Bochner, S., & Furnham, A. (2001). *The psychology of culture shock*. East Sussex: Routledge.

Ward, C., & Fischer, R. (2008). Personality, cultural intelligence, and cross-cultural adaptation: A test of mediation hypothesis. In S. Ang., & L. Dyne (Eds.), *Handbook of cultural intelligence: Theory, measurement, and applications* (pp. 159-173). Armonk: M. E. Sharpe.

Ward, C., & Kennedy, A. (1996). Before and after cross-cultural transition: A study of New Zealand volunteers on field assignments. Em H. Grad., A. Blanco., & J. Georgas (Eds.), *Key issues in cross-cultural psychology* (pp. 138-158). Lisse: Swets & Zeitlinger.

Wateau, F. (1992). Relations familiales et villageoises en période d'irrigation: Essai d'analyse des conduites de sociabilité dans une vallée minhoise. Em M. Belchior, (Dir.). *Ethnologie du Portugal: Unité et diversité* (pp. 213-223). Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian.

Wateau, F. (2000). *Conflito e água de rega: Ensaio sobre a organização social no vale do Minho*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Watt, S. (2010). 'But it's got no tables or graphs in it...': A legacy of scientific dominance in psychology. Em J. S. Jones., & S. Watt (Eds.), *Ethnography in social science practice* (pp. 42-56). New York: Routledge.

Weatherford, J. (1988). *Indian givers: How the Indians of the Americas transformed the world*. New York: Fawcett Columbine.

Weber, R. P. (1990). *Basic content analysis*. London: Sage University paper.

Weisskirch, R. (2005). Ethnicity and perceptions of being a "typical American" in relationship to ethnic identity development. *International Journal of Intercultural Relations*, 29, 355-366.

Werner, C., Brown, B., & Altman, I. (1997). Environmental psychology. Em J. W. Berry., Y. H. Poortinga., J. Pandey., P. R. Dasen., T. S. Saraswathi., M. H Segall., & C. kagitçibasi (Eds.), *Handbook of cross-cultural psychology, social behavior and applications*, Vol. 3. (pp. 255-290) Boston: Allyn and Bacon.

Wertsch, J. V. (1997). Narrative tools of history and identity. *Culture Psychology*, 3, 5-20.

Wertsch, J. V. (2002). *Voices of collective remembering*. Cambridge: Cambridge University Press.

West, M. D. (2001). *Theory, method and practice in computer content analysis*. Westport: Ablex Publishing Westport.

Westin, C., Bastos, J., Dahinden, J., & Góis, P. (2010). *Identity processes and dynamics in multi-ethnic Europe*. Amsterdam: Amsterdam University Press.

Wieviorka, M. (1998). Is multiculturalism the solution? *Ethnic and Racial Studies*, 21, 882-910.

Wieviorka, M. (2011). A World in movement. *Migraciones Internacionales*, 6, 45-60.

Wildschut, T., Sedikides, C., Arndt, J., & Routledge, C. D. (2006). Nostalgia: Content, triggers, functions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 975-993.

Williams, J. E., Satterwhite, R. C., & Saiz, J. L. (1998). *The importance of psychological traits: A cross-cultural study*. New York: Plenum Press.

Wundt, W. (1916). *Elements of folk psychology: Outlines of a psychological history of the development of mankind* (E. L. Schaub, Trans.). London: George Allen & Unwin.

Xavier, F. (1960). Informação. Em A. A. Calado (Ed.), *Livro que trata das cousas da Índia e do Japão, Vol. XXIV* (pp. 88-99). Coimbra: Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Originalmente publicado em 1548.

Yamashiro, J. (1989). *Choque luso no Japão dos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Ibrasa.

Yang, K-S. (2000). Monocultural and cross-cultural indigenous approaches: The royal road to the development of a balanced global psychology. *Asian Journal of Social Psychology*, 3, 241-263.

Yijälä, A., & Jasinskaja-Lahti, I. (2010). Pre-migration acculturation attitudes among potential ethnic migrants from Russia to Finland. *International Journal of Intercultural Relations*, 34, 326-339.

Yin, R. K. (2003). *Applications of case study research*. London: Sage Publications.

Young, R. (1995). *Colonial desire: Hybridity in theory, culture and race*. London: Routledge.

Yum, J. O. (1994). The impact of Confucianism on interpersonal relationships and communication patterns in East Asia. Em A. Samovar., & R. Porter (Eds.), *Intercultural communication: A reader* (pp. 75-94). Belmont, CA: Wadsworth.

Zagefka, H. (2009). The concept of ethnicity in social psychological research: Definitional issues. *International Journal of Intercultural Relations*, 33, 228-241.

Zagefka, H., Brown, R., Broquard, M., & Martin, S. L. (2007). Predictors and consequences of negative attitudes toward immigrants in Belgium and Turkey: The role of acculturation preferences and economic competition. *British Journal of Social Psychology*, 98, 153-169.

Zeidner, M., & Endler, S. N. (1996). *Handbook of coping: Theory, research, applications*. New Jersey: John Wiley & Sons.

Zick, A., & Pettigrew, T. F. (2008). Ethnic prejudice and discrimination in Europe. *Journal of Social Issues*, 64, 233-251.

Zwartjes, O. (2011). *Portuguese missionary grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800*. Amsterdam: John Benjamins.



Joaquim Filipe Peres de Castro

O contexto da aculturação português através do modelo de Rudmin: Do encontro
intercultural com o Japão até ao Luso-Tropicalismo

Vol. II

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2014

Índice anexos

1. Questionário (<i>Portuguese Elementary Acculturation Questionnaire</i>).....	1
2. Tabelas dos resultados do questionário.....	10
Tabela 1: item 2.2 (Os portugueses não causam simpatia em todos os povos).....	10
Tabela 2: item 2.6 (Os portugueses não se adaptam a todas as culturas).....	10
Tabela 3: item 8.1 (Os imigrantes estão a aumentar o desemprego).....	10
Tabela 4: item 8.2 (Os imigrantes estão a diminuir o desemprego).....	10
Tabela 5: item 8.3 (Os imigrantes estão a explorar a segurança social portuguesa).....	11
Tabela 6: item 8.4 (Os imigrantes não estão a explorar a segurança social portuguesa).....	11
Tabela 7: item 8.5 (Os imigrantes não estão a trazer nada de bom para Portugal).....	11
Tabela 8: item 8.6 (Os imigrantes estão a trazer muito de bom para Portugal).....	11
Tabela 9: item 8.7 (Os imigrantes estão a estragar a cultura portuguesa).....	12
Tabela 10: item 8.8 (Os imigrantes estão a melhorar a cultural portuguesa).....	12
Tabela 11: item 8.9 (Os imigrantes são perigosos).....	12
Tabela 12: item 8.10 (Os imigrantes são pacíficos).....	12
3. Testes paramétricos e não paramétricos	
Tabela 13: Questão número 1, acha que, em Portugal, um imigrante.....	13
Tabela 14: Questão número 2, responda às seguintes afirmações.....	14
Tabela 15: Questão número 3, o multiculturalismo implica.....	15
Tabela 16: Questão número 4, acha que um emigrante português?.....	16
Tabela 17: Questão número 5, a palavra multicultural significa?.....	17
Tabela 18: Questão número 6, a aculturação significa?.....	18
Tabela 19: Questão número 7, um grupo étnico é...?.....	19
Tabela 20: Questão número 8, responda às seguintes afirmações?.....	20
4. Testes ANOVA e Bonferroni Post-Hoc Multiple Comparisons	
Tabela 21: Questão número 1, acha que, em Portugal, um imigrante?.....	21
Tabela 22: Questão número 2, responda às seguintes afirmações.....	22
Tabela 23: Questão número 3, o multiculturalismo implica.....	23
Tabela 24: Questão número 4, acha que um emigrante português?.....	24

Tabela 25: Questão número 5, a palavra multicultural significa?.....	25
Tabela 26: Questão número 6, a aculturação significa?.....	26
Tabela 27: Questão número 7, um grupo étnico é...?.....	27
Tabela 28: Questão número 8, responda às seguintes afirmações?.....	28
5. Tabelas dos resultados à base de dados do Observatório da Emigração	
Tabela 29: código temas.....	29
Tabela 30: códigos temas e anos das publicações.....	30
Tabela 31: código temas e língua das publicações.....	31
Tabela 32: código temas e o país de “acolhimento”.....	32
Tabela 33: código anos das publicações.....	33
Tabela 34: código língua das publicações.....	33
Tabela 35: códigos língua e anos das publicações.....	33
Tabela 36: código país de acolhimento.....	34
Tabela 37: código país de acolhimento e anos das publicações.....	35
6. Códigos da análise de conteúdo.....	36
7. Análise de conteúdo a Fernão Mendes Pinto (parte de Tanegashima).....	39
8. As dimensões do construto da aculturação enquanto processo.....	55
Figura 1, a dimensão da interação, posição da maioria.....	55
Figura 1.1, a dimensão da interação, posição da minoria.....	56
Figura 2, a dimensão da direção como processo.....	57
Figura 2.1, a dimensão da direção como processo, posição da maioria.....	58
Figura 2.2, a dimensão da direção como processo, posição da minoria.....	59
Figura 3, a dimensão da aprendizagem como processo, posição da maioria.....	60
Figura 3.1, a dimensão da aprendizagem como processo, posição da minoria.....	61
Figura 4, a dimensão da manutenção como processo, posição da maioria.....	63
Figura 4.1, a dimensão da manutenção como processo, posição da minoria.....	64
Figura 4.2, a manutenção cultural como processo em ambas as culturas.....	64
Figura 4.3, a mudança cultural como processo em ambas as culturas.....	65
Figura 4.4, a mudança cultural como processo, posição da maioria.....	66
Figura 4.5, a mudança cultural como processo, posição da minoria.....	66
Figura 5, a dimensão da mistura como processo, posição da maioria.....	67

Figura 5.1, a dimensão da mistura como processo, posição da minoria.....	68
Figura 6, a dimensão dos domínios como processo, posição da maioria.....	69
Figura, 6.1, a dimensão dos domínios como processo, posição da minoria.....	70
Figura 7, a dimensão da diversidade como processo, posição da maioria.....	71
Figura 7.1, a dimensão da diversidade como processo, posição da minoria.....	72
Figura 8, a dimensão do dinamismo como processo.....	73
Figura 9, a dimensão das apreensões éticas como processo, posição da maioria.....	73

1. Questionário (Portuguese Elementary Acculturation Questionnaire)

Sujeito: ☐ ☐

Instruções

Este questionário é parte integrante duma tese de doutoramento em Ciências Sociais, especialidade em Psicologia Intercultural, na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa. Pretende-se recolher informação acerca das relações interculturais e da aculturação no contexto Português.

Leia com atenção as questões, antes de as responder. Assinale com um X uma só opção, em todas as questões.

Tenha em atenção que **imigrante** é um(a) estrangeiro(a) e que **emigrante** é alguém com nacionalidade portuguesa, vivendo no estrangeiro.

Os resultados dos questionários são anónimos e confidenciais.

A sua participação é muito importante!

Agradeço, antecipadamente, a sua colaboração!

Consentimento informado

Confirmo que estou bem informado e que concordo com o uso das respostas a nível científico ☐

Dados sociodemográficos

1. Idade:

15-30

☐

31-45

☐

46-60

☐

Mais de 60

☐

2. Género:

Feminino

☐

Masculino

☐

3. Nacionalidade:

Portuguesa

☐

Brasileira

☐

Francesa

☐

Cabo Verdiana

☐

4. Está ou já esteve emigrado(a)?

Sim

☐

Não

☐

Você é?

Estrangeiro imigrante em Portugal

☐

Português emigrante

☐

Português não emigrante

☐

5. Como se descreveria em termos de raça:

Branca ☐

Negra ☐

Mestiça ☐

6. Escolaridade:

Não estudou ☐

Primário ☐

Ensino Preparatório ☐

Ensino Secundário ☐

Licenciatura ☐

Pós-Graduação ☐

1. Acha que, em Portugal, um imigrante

Opções de resposta Questões	Discordo totalmente	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo totalmente	Não respondo
1. Deve manter a sua própria cultura?	☐	☐	☐	☐	☐
2. Deve abandonar a sua própria cultura?	☐	☐	☐	☐	☐
3. Deve mudar a sua própria cultura?	☐	☐	☐	☐	☐
4. Deve adaptar-se à nova cultura no trabalho ou na escola?	☐	☐	☐	☐	☐
5. Deve misturar a sua cultura com a do país de acolhimento?	☐	☐	☐	☐	☐
6. Deve manter a sua cultura em casa ou em privado?	☐	☐	☐	☐	☐
7. Deve mudar a cultura do país de acolhimento?	☐	☐	☐	☐	☐
8. Deve adaptar-se à nova cultura?	☐	☐	☐	☐	☐

2. Responda às seguintes afirmações:

Opções de resposta Questões	Discordo totalmente	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo totalmente	Não respondo
1. Os portugueses causam simpatia em todos os povos.	☐	☐	☐	☐	☐
2. Ao misturarem-se os portugueses perdem a sua própria cultura.	☐	☐	☐	☐	☐
3. Os portugueses adaptam-se a todas as culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
4. A cultura portuguesa predomina sobre as outras nas relações interculturais.	☐	☐	☐	☐	☐
5. Os portugueses não causam simpatia em todos os povos.	☐	☐	☐	☐	☐
6. Os portugueses não se adaptam a todas as culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
7. Ao misturarem-se os portugueses mantêm a sua própria cultura.	☐	☐	☐	☐	☐
8. A cultura portuguesa não predomina sobre as outras nas relações interculturais.	☐	☐	☐	☐	☐

3. O multiculturalismo implica:

Opções de resposta Questões	Discordo totalmente	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo totalmente	Não respondo
1. A não mudança da cultura minoritária.	☐	☐	☐	☐	☐
2. A manutenção cultural de todas as culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
3. A mistura das culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
4. A mudança da cultura maioritária.	☐	☐	☐	☐	☐
5. A não adaptação à nova cultura.	☐	☐	☐	☐	☐
6. A interação de todas as culturas apenas na sociedade alargada.	☐	☐	☐	☐	☐
7. A não interação entre as culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
8. A não mudança da cultura maioritária.	☐	☐	☐	☐	☐
9. Uma nova cultura que nasce da interação entre todas as culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
10. A adaptação à nova cultura.	☐	☐	☐	☐	☐
11. A mudança da cultura minoritária.	☐	☐	☐	☐	☐
12. A não mistura entre culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
13. A mudança cultural de todas as culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
14. A interação entre as culturas.	☐	☐	☐	☐	☐

4. Acha que um emigrante português:

Opções de resposta Questões	Discordo totalmente	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo totalmente	Não respondo
1. Deve manter a sua própria cultura?	☐	☐	☐	☐	☐
2. Deve abandonar a sua própria cultura?	☐	☐	☐	☐	☐
3. Deve mudar a sua própria cultura?	☐	☐	☐	☐	☐
4. Deve adaptar-se à nova cultura no trabalho ou na escola?	☐	☐	☐	☐	☐
5. Deve misturar a sua cultura com a do país de acolhimento?	☐	☐	☐	☐	☐
6. Deve manter a sua cultura em casa ou em privado?	☐	☐	☐	☐	☐
7. Deve mudar a cultura do país de acolhimento?	☐	☐	☐	☐	☐
8. Deve adaptar-se à nova cultura?	☐	☐	☐	☐	☐

5. A palavra multicultural significa:

Questões \ Opções de resposta	Discordo totalmente	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo totalmente	Não respondo
1. Diferentes culturas a conviverem no mesmo espaço.	☐	☐	☐	☐	☐
2. Viver e fazer coisas juntos.	☐	☐	☐	☐	☐
3. A aprendizagem mútua entre as culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
4. O financiamento das atividades culturais das minorias pelo Estado.	☐	☐	☐	☐	☐
5. A manutenção das culturas minoritárias.	☐	☐	☐	☐	☐
6. A igualdade entre todas as culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
7. A adaptação à cultura majoritária.	☐	☐	☐	☐	☐
8. A tolerância.	☐	☐	☐	☐	☐
9. Dar direitos legais às minorias.	☐	☐	☐	☐	☐

6. Aculturação significa:

Opções de resposta Questões	Discordo totalmente	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo totalmente	Não respondo
1. Ser-se assimilado por outra cultura.	☐	☐	☐	☐	☐
2. A manutenção de todas as culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
3. A mistura entre as culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
4. A adaptação ao local de trabalho.	☐	☐	☐	☐	☐
5. Que todas as culturas são iguais.	☐	☐	☐	☐	☐
6. A aprendizagem entre as culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
7. O não progresso cultural.	☐	☐	☐	☐	☐
8. A não interação entre as culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
9. A não aprendizagem entre as culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
10. Que há culturas que estão a influenciar outras.	☐	☐	☐	☐	☐
11. Ser funcional na nova cultura.	☐	☐	☐	☐	☐
12. A interação entre todas as culturas.	☐	☐	☐	☐	☐
13. O progresso cultural.	☐	☐	☐	☐	☐
14. O fim da cultura minoritária.	☐	☐	☐	☐	☐

7. Um grupo étnico é...?

Opções de resposta Questões	Discordo totalmente	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo totalmente	Não respondo
1. Um grupo de pessoas com traços físicos comuns	☐	☐	☐	☐	☐
2. Um grupo cultural com traços físicos comuns	☐	☐	☐	☐	☐
3. Um grupo de pessoas que não são consideradas iguais pela maioria	☐	☐	☐	☐	☐
4. Um grupo de pessoas que aprendeu a ser diferente da maioria	☐	☐	☐	☐	☐
5. Um grupo de pessoas da mesma origem geográfica	☐	☐	☐	☐	☐
6. Um grupo de pessoas com os mesmos hábitos e costumes	☐	☐	☐	☐	☐
7. Um grupo de pessoas com a mesma religião	☐	☐	☐	☐	☐
8. Um grupo social que alega ser diferente da maioria	☐	☐	☐	☐	☐
9. Um grupo minoritário	☐	☐	☐	☐	☐
10. Um grupo de pessoas com a mesma cultura	☐	☐	☐	☐	☐

8. Responda às seguintes afirmações:

Opções de resposta Questões	Discordo totalmente	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo totalmente	Não respondo
1. Os imigrantes estão a aumentar o desemprego	☐	☐	☐	☐	☐
2. Os imigrantes não estão a trazer nada de bom para Portugal	☐	☐	☐	☐	☐
3. Os imigrantes são pacíficos	☐	☐	☐	☐	☐
4. Eu sou racista	☐	☐	☐	☐	☐
5. Os imigrantes estão a explorar a segurança social portuguesa	☐	☐	☐	☐	☐
6. Os imigrantes estão a estragar a cultura portuguesa	☐	☐	☐	☐	☐
7. Em Portugal há racismo	☐	☐	☐	☐	☐
8. Os imigrantes não estão a explorar a segurança social portuguesa	☐	☐	☐	☐	☐
9. Os imigrantes estão a melhorar a cultural portuguesa	☐	☐	☐	☐	☐
10. Os imigrantes são perigosos	☐	☐	☐	☐	☐
11. Os imigrantes estão a trazer muito de bom para Portugal	☐	☐	☐	☐	☐
12. Os imigrantes estão a diminuir o desemprego	☐	☐	☐	☐	☐

Obrigado

2. Tabelas dos resultados do questionário

Tabela 1: item 2.2 (Os portugueses não causam simpatia em todos os povos)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	17	30.5	12	21.5	18	32	7	12.5	2	3.5
Imigrante (Cabo-Verde)	2	5.0	12	31.0	14	36	11	28.0	0	0.0
Emigrante portuguesa	8	22.0	29	78.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0
Total	27	20.5	53	40	32	24	18	14	2	1.5

$F(2, 129) = 13.229, p = .000$

Tabela 2: item 2.6 (Os portugueses não se adaptam a todas as culturas)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	16	28	19	34	14	25	5	9.0	2	4.0
Imigrante (Cabo-Verde)	2	5	12	31	22	56	1	3.0	2	5.0
Emigrante portuguesa	14	38	22	59	1	3	0	0.0	0	0.0
Total	32	24	53	40	37	28	6	4.5	4	3

$F(2, 129) = 13.945, p = .000$

Tabela 3: item 8.1 (Os imigrantes estão a aumentar o desemprego)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	4	7	19	34	22	40	8	14	3	5
Imigrante (Cabo-Verde)	12	31	11	28	12	31	3	8	1	2
Emigrante portuguesa	0	0	0	0	32	86	4	11	1	3
Total	16	12	30	23	66	50	15	11	5	4

$F(2, 129) = 10.565, p = .000$

Tabela 4: item 8.2 (Os imigrantes estão a diminuir o desemprego)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	15	27	28	51	5	9	2	4.0	5	9
Imigrante (Cabo-Verde)	7	18	18	46	9	23	0	0.0	5	13
Emigrante portuguesa	7	19	28	76	0	0.0	0	0.0	2	5
Total	29	22	74	56	14	11	2	2	12	9

$F(2, 128) = 1.765, p = .175$

Tabela 5: item 8.3 (Os imigrantes estão a explorar a segurança social portuguesa)

Amostras	Concordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	9	16	12	21.5	23	41	5	9	7	12.5
Imigrante (cabo-verde)	16	41	14	36.0	8	20	0	0	1	3.0
Emigrante portuguesa	0	0	0	0.0	35	95	2	5	0	0.0
Total	25	19	26	20	66	50	7	5	8	6

$F(2, 129) = 17.469, p = .000$

Tabela 6: item 8.4 (Os imigrantes não estão a explorar a segurança social portuguesa)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	5	9	17	30	16	29.0	10	18.0	8	14
Imigrante (Cabo-Verde)	1	3	2	5	24	61.5	10	25.5	2	5
Emigrante portuguesa	4	11	29	78	3	8.0	0	0.0	1	3
Total	10	7.5	48	36	43	32.5	20	15	11	8

$F(2, 129) = 16.952, p = .000$

Tabela 7: item 8.5 (Os imigrantes não estão a trazer nada de bom para Portugal)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	18	33	20	36	11	20	4	7	2	4
Imigrante (Cabo-Verde)	27	69	8	20	1	3	2	5	1	3
Emigrante portuguesa	0	0	1	3	32	86	4	11	0	0
Total	45	34	29	22	44	34	10	8	3	2

$F(2, 129) = 29.568, p = .000$

Tabela 8: item 8.6 (Os imigrantes estão a trazer muito de bom para Portugal)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	7	13	18	33	25	45	1	2.0	4	7.0
Imigrante (Cabo-Verde)	0	0	3	8	25	64	10	25.5	1	2.5
Emigrante portuguesa	7	19	26	70	1	3	0	0.0	3	8.0
Total	14	11	47	36	51	39	11	8	8	6

$F(2, 129) = 15.742, p = .000$

Tabela 9: item 8.7 (Os imigrantes estão a estragar a cultura portuguesa)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	21	38	19	34	11	20	2	4.0	2	4.0
Imigrante (Cabo-Verde)	19	49	14	36	4	10	1	2.5	1	2.5
Emigrante portuguesa	0	0	0	0	34	92	3	8.0	0	0.0
Total	40	30.5	33	25	49	37.5	6	5	3	2

$F(2, 128) = 26.456, p = .000$

Tabela 10: item 8.8 (Os imigrantes estão a melhorar a cultura portuguesa)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	9	16	19	34	16	29	3	5.0	9	16
Imigrante (Cabo-Verde)	2	5	5	13	28	72	3	8.0	1	2
Emigrante portuguesa	4	11	31	84	0	0	0	0.0	2	5
Total	15	11.5	55	42	44	33	6	4.5	12	9

$F(2, 128) = 7.476, p = .000$

Tabela 11: item 8.9 (Os imigrantes são perigosos)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	13	23.5	22	40	13	24	2	3.5	5	9.0
Imigrante (Cabo-Verde)	16	41	19	49	1	2.5	0	0.0	3	7.5
Emigrante portuguesa	2	5	8	22	21	57	2	5.0	4	11.0
Total	31	24	49	37	35	27	4	3	12	9.0

$F(2, 128) = 9.855, p = .000$

Tabela 12: item 8.10 (Os imigrantes são pacíficos)

Amostras	Discordo totalmente		Discordo pouco		Concordo pouco		Concordo totalmente		Não respondo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Maioria portuguesa	5	9	21	38.5	21	38.5	3	5	5	9
Imigrante (Cabo-Verde)	1	3	15	38.0	20	51.0	2	5	1	3
Emigrante portuguesa	4	11	29	78.5	2	5.5	0	0	2	5
Total	10	7	65	50	43	33	5	4	8	6

$F(2, 128) = 5.246, p = .006$

3. Testes paramétricos e não paramétricos

Tabela 13: Questão número 1, acha que, em Portugal, um imigrante?

	3 amostras			Imigrantes vs emigrantes		Imigrantes vs maioria			Emigrante vs maioria		
	ANOVA	Kruskal-Wallis	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	Bonferroni	t Student	Mann Whitney
Item 1.1	.561	.706	.955	.285	.406	1.000	0.849	.777	1.000	.378	.556
Item 1.2	.000	.000	.000	.000	.000	.634	.214	.168	.000	.000	.000
Item 1.3	.075	.016	.081	.023	.006	1.000	.469	.315	.279	.096	.038
Item 1.4	.100	.014	.218	.055	.043	1.000	.970	.606	.144	.060	.004
Item 1.5	.000	.000	.000	.000	.000	1.000	.897	.885	.000	.000	.000
Item 1.6	.334	.407	.822	.242	.451	.461	.194	.213	1.000	.815	.477
Item 1.7	.261	.260	.344	.880	.102	1.000	.656	.523	.641	.209	.255
Item 1.8	.000	.000	.000	.000	.000	1.000	.295	.428	.000	.000	.000

Tabela 14: Questão número 2, resposta às seguintes afirmações

	3 amostras			Imigrantes vs emigrantes			Imigrantes vs maioria			Emigrante vs maioria		
	ANOVA	Kruskal-wallis	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	Bonferroni	t Student	Mann Whitey	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	
Item 2.1	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.178	.075	.127	
Item 2.2	.000	.000	.000	.000	.000	.033	.026	.024	.009	.004	.012	
Item 2.3	.000	.000	.000	.000	.000	.603	.241	.298	.000	.000	.000	
Item 2.4	.049	.042	.045	.008	.006	.793	.295	.290	.356	.122	.132	
Item 2.5	.000	.000	.000	.000	.000	.017	.011	.001	.008	.002	.002	
Item 2.6	.000	.000	.000	.000	.000	.037	.025	.012	.005	.002	.007	
Item 2.7	.006	.001	.737	.223	.175	.154	.073	.060	.005	.001	.000	
Item 2.8	.027	.004	.169	.047	.007	1.000	.554	.515	.025	.010	.002	

Tabela 15: Questão número 3, o multiculturalismo implica

	3 amostras			Imigrantes vs emigrantes			Imigrantes vs maioria			Emigrante vs maioria		
	ANOVA	Kruskal-wallis	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	Bonferroni	t Student	Mann Whitey	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	
Item 1	.000	.000	.000	.000	.000	1.000	.832	.940	.000	.000	.000	
Item 2	.005	.001	.004	.000	.000	.236	.086	.096	.201	.088	.059	
Item 3	.002	.004	.022	.002	.006	1.000	.666	.498	.003	.002	.002	
Item 4	.023	.001	.575	.167	.126	.575	.173	.018	.019	.009	.000	
Item 5	.001	.001	.002	.000	.000	1.000	.567	.754	.006	.002	.001	
Item 6	.000	.000	.000	.000	.000	1.000	.463	.620	.000	.000	.000	
Item 7	.181	.000	.266	.000	.000	1.000	.792	.195	.367	.185	.000	
Item 8	.005	.001	.024	.001	.000	1.000	.848	.548	.006	.003	.001	
Item 9	.000	.000	.000	.000	.000	.084	.050	.083	.000	.000	.000	
Item 10	.076	.106	.165	.037	.054	.119	.050	.067	1.000	.959	.983	
Item 11	.000	.000	.129	.003	.004	.194	.106	.012	.000	.000	.000	
Item 12	.267	.057	.501	.115	.189	1.000	.984	.282	.420	.179	.018	
Item 13	.000	.000	.557	.084	.034	.039	.024	.007	.000	.000	.000	
Item 14	.642	.882	1.000	.314	.778	1.000	.586	.942	1.000	.645	.572	

Tabela 16: Questão número 4, acha que um emigrante português?

	3 amostras			Imigrantes vs emigrantes			Imigrantes vs maioria			Emigrante vs maioria	
	ANOVA	Kruskal-wallis	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	Bonferroni	t Student	Mann Whitney
Item 1	.077	.131	.713	.167	.191	.936	.348	.494	.072 1.000	.029	.047
Item 2	.003	.010	.004	.003	.005	.025	.014	.031		.273	.271
Item 3	.000	.000	.000	.000	.000	1.000	.343	.240	.000	.000	.000
Item 4	.005	.000	.000	.163	.021	1.000	.105	.120	.000	.000	.000
Item 5	.000	.000	.002	.000	.001	.908	.363	.356	.000	.000	.000
Item 6	.000	.000	.000	.000	.000	.003	.003	.003	.028	.007	.018
Item 7	.909	.807	1.000	.811	.899	1.000	.675	.547	1.000	.855	.635
Item 8	.000	.000	.000	.000	.000	.007	.001	.004	.000	.000	.000

Tabela 17: Questão número 5, a palavra multicultural significa?

	3 amostras			Imigrantes vs emigrantes			Imigrantes vs maioria			Emigrante vs maioria	
	ANOVA	Kruskal-Wallis	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	Bonferroni	t Student	Mann Whitney
Item 5.1	.282	.281	.349	.094	.102	.884	.286	.305	1.000	.529	.519
Item 5.2	.061	.008	.256	.084	.029	1.000	.630	.466	.064	.029	.003
Item 5.3	.001	.003	.002	.000	.000	1.000	.641	.654	.004	.003	.001
Item 5.4	.000	.000	.000	.000	.000	1.000	.600	.718	.000	.000	.000
Item 5.5	.000	.000	.000	.000	.000	1.000	.259	.535	.000	.000	.000
Item 5.6	.000	.000	.000	.000	.000	.844	.974	.835	.000	.000	.000
Item 5.7	.000	.000	.000	.000	.000	1.000	.221	.231	.000	.000	.000
Item 5.8	.466	.180	.806	.234	.037	1.000	.900	.691	.853	.299	.228
Item 5.9l	.083	.019	1.00	.401	.145	.585	.198	.242	.087	.028	.004

Tabela 18: Questão número 6, a aculturação significa?

	3 amostras			Imigrantes vs emigrantes			Imigrantes vs maioria			Emigrante vs maioria	
	ANOVA	Kruskal-Wallis	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	Bonferroni	t Student	Mann Whitney
Item 6.1	.001	.007	1.000	.228	.281	.032	.023	.051	.002	.001	.003
Item 6.	.001	.001	.013	.001	.004	1.000	.579	.533	.001	.000	.001
Item 6.3	.000	.000	.000	.000	.000	.782	.291	.265	.000	.000	.000
Item 6.4	.162	.020	1.000	.865	.825	.273	.127	.059	1.000	.120	.005
Item 6.5	.156	.163	.190	.040	.043	.459	.212	.182	1.000	.507	.824
Item 6.6	.696	.449	1.000	.899	.698	1.000	.540	.502	1.000	.430	.191
Item 6.7	.001	.000	.009	.001	.001	1.000	.672	.582	.001	.000	.000
Item 6.8	.001	.001	.002	.000	.000	1.000	.780	.464	.002	.001	.002
Item 6.9	.226	.526	.530	.121	.212	1.000	.870	.975	.304	.099	.398
Item 6.10	.246	.473	1.000	.530	.528	.838	.334	.483	.325	.116	.251
Item 6.11	.001	.001	1.000	.636	.935	.008	.006	.008	.002	.000	.000
Item 6.12	.003	.001	1.000	.492	.547	.038	.025	.018	.005	.001	.000
Item 6.13	.000	.000	.028	.008	.006	.446	.189	.233	.000	.000	.000
Item 6.14	.103	.027	.232	.083	.041	1.000	.949	.881	.145	.042	.008

Tabela 19: Questão número 7, um grupo étnico é...?

Tabela 1. Estatística de teste de hipótese de igualdade de variâncias e de igualdade de médias para os dados de frequência de uso de aplicativos de mensagens instantâneas												
Item	3 amostras			Imigrantes vs emigrantes			Imigrantes vs maioria			Emigrante vs maioria		
	ANOVA	Kruskal-Wallis	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	
Item 7.1	.038	.066	.072	.010	.029	1.000	.869	.862	.070	.022	.047	
Item 7.2	.005	.000	.011	.000	.000	1.000	.841	.983	.011	.006	.001	
Item 7.3	.013	.026	.197	.015	.028	.963	.375	.567	.010	.006	.012	
Item 7.4	.000	.000	.000	.000	.000	.778	.321	.396	.006	.002	.001	
Item 7.5	.000	.000	.011	.000	.001	1.000	.498	.347	.000	.000	.000	
Item 7.6	.000	.000	.002	.000	.000	1.000	.640	.611	.000	.000	.000	
Item 7.7	.000	.000	.000	.000	.000	.158	.086	.131	.002	.001	.001	
Item 7.8	.123	.004	.631	.016	.004	1.000	.950	.947	.124	.026	.002	
Item 7.9	.000	.000	.001	.000	.000	1.000	.571	.497	.000	.000	.000	
Item 7.1	.001	.001	.004	.000	.000	1.000	.927	.872	.002	.001	.001	

Tabela 20: Questão número 8, responda às seguintes afirmações?

	3 amostras			Imigrantes vs emigrantes			Imigrantes vs maioria			Emigrante vs maioria	
	ANOVA	Kruskal-Wallis	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	Bonferroni	t Student	Mann Whitney	Bonferroni	t Student	Mann Whitney
Item 8.1	.000	.000	.000	.000	.000	.013	.012	.014	.115	.023	.008
Item 8.2	.175	.128	.194	.054	.037	.696	.268	.151	1.000	.389	.661
Item 8.3	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.627	.213	.079
Item 8.4	.000	.000	.000	.000	.000	.505	.209	.128	.000	.000	.000
Item 8.5	.000	.000	.000	.000	.000	.004	.005	.001	.000	.000	.000
Item 8.6	.000	.000	.000	.000	.000	.002	.001	.000	.029	.019	.001
Item 8.7	.000	.000	.000	.000	.000	.467	.222	.195	.000	.000	.000
Item 8.8	.001	.000	.001	.000	.000	1.000	.419	.098	.007	.006	.003
Item 8.9	.000	.000	.000	.000	.000	.087	.036	.010	.030	.011	.002
Item 8.10	.006	.000	.022	.002	.000	1.000	.975	.728	.011	.006	.001
Item 8.11	.296	.001	.399	.048	.000	.742	.313	.606	1.000	.628	.004
Item 8.12	.001	.000	.001	.000	.000	1.000	.511	.470	.005	.003	.000

4. Testes ANOVA e Bonferroni Post-Hoc Multiple Comparisons

Tabela 21: Questão número 1, acha que, em Portugal, um imigrante?

	ANOVA 3 amostras	Bonferroni Imigrantes vs emigrantes	Bonferroni Imigrantes vs maioria	Bonferroni Emigrante vs maioria
Item 1.1	.561	.955	1.000	1.000
Item 1.2	.000	.000	.634	.000
Item 1.3	.075	.081	1.000	.279
Item 1.4	.100	.218	1.000	.144
Item 1.5	.000	.000	1.000	.000
Item 1.6	.334	.822	.461	1.000
Item 1.7	.261	.344	1.000	.641
Item 1.8	.000	.000	1.000	.000

Tabela 22: Questão número 2: responda às seguintes afirmações:

	ANOVA 3 amostras	Bonferroni Imigrantes vs emigrantes	Bonferroni Imigrantes vs maioria	Bonferroni Emigrante vs maioria
Item 2.1	.000	.000	.000	.178
Item 2.2	.000	.000	.033	.009
Item 2.3	.000	.000	.603	.000
Item 2.4	.049	.045	.793	.356
Item 2.5	.000	.000	.017	.008
Item 2.6	.000	.000	.037	.005
Item 2.7	.006	.737	.154	.005
Item 2.8	.027	.169	1.000	.025

Tabela 23: Questão número 3, o multiculturalismo implica

	ANOVA 3 amostras	Bonferroni Imigrantes vs emigrantes	Bonferroni Imigrantes vs maioria	Bonferroni Emigrante vs maioria
Item 1	.000	.000	1.000	.000
Item 2	.005	.004	.236	.201
Item 3	.002	.022	1.000	.003
Item 4	.023	.575	.575	.019
Item 5	.001	.002	1.000	.006
Item 6	.000	.000	1.000	.000
Item 7	.181	.266	1.000	.367
Item 8	.005	.024	1.000	.006
Item 9	.000	.000	.084	.000
Item 10	.076	.165	.119	1.000
Item 11	.000	.129	.194	.000
Item 12	.267	.501	1.000	.420
Item 13	.000	.557	.039	.000
Item 14	.642	1.000	1.000	1.000

Tabela 24: Questão número 4, acha que um emigrante português?

	ANOVA 3 amostras	Bonferroni Imigrantes vs emigrantes	Bonferroni Imigrantes vs maioria	Bonferroni Emigrante vs maioria
Item 1	.077	.713	.936	.072
Item 2	.003	.004	.025	1.000
Item 3	.000	.000	1.000	.000
Item 4	.005	.000	1.000	.000
Item 5	.000	.002	.908	.000
Item 6	.000	.000	.003	.028
Item 7	.909	1.000	1.000	1.000
Item 8	.000	.000	.007	.000

Tabela 25: Questão número 5, a palavra multicultural significa?

	ANOVA 3 amostras	Bonferroni Imigrantes vs emigrantes	Bonferroni Imigrantes vs maioria	Bonferroni Emigrante vs maioria
Item 5.1	.282	.349	.884	1.000
Item 5.2	.061	.256	1.000	.064
Item 5.3	.001	.002	1.000	.004
Item 5.4	.000	.000	1.000	.000
Item 5.5	.000	.000	1.000	.000
Item 5.6	.000	.000	.844	.000
Item 5.7	.000	.000	1.000	.000
Item 5.8	.466	.806	1.000	.853
Item 5.9l	.083	1.00	.585	.087

Tabela 26: Questão número 6, a aculturação significa?

	ANOVA 3 amostras	Bonferroni Imigrantes vs emigrantes	Bonferroni Imigrantes vs maioria	Bonferroni Emigrante vs maioria
Item 6.1	.001	1.000	.032	.002
Item 6.2	.001	.013	1.000	.001
Item 6.3	.000	.000	.782	.000
Item 6.4	.162	1.000	.273	1.000
Item 6.5	.156	.190	.459	1.000
Item 6.6	.696	1.000	1.000	1.000
Item 6.7	.001	.009	1.000	.001
Item 6.8	.001	.002	1.000	.002
Item 6.9	.226	.530	1.000	.304
Item 6.10	.246	1.000	.838	.325
Item 6.11	.001	1.000	.008	.002
Item 6.12	.003	1.000	.038	.005
Item 6.13	.000	.028	.446	.000
Item 6.14	.103	.232	1.000	.145

Tabela 27: Questão número 7, um grupo étnico é...?

	ANOVA 3 amostras	Bonferroni Imigrantes vs emigrantes	Bonferroni Imigrantes vs maioria	Bonferroni Emigrante vs maioria
Item 7.1	.038	.072	1.000	.070
Item 7.2	.005	.011	1.000	.011
Item 7.3	.013	.197	.963	.010
Item 7.4	.000	.000	.778	.006
Item 7.5	.000	.011	1.000	.000
Item 7.6	.000	.002	1.000	.000
Item 7.7	.000	.000	.158	.002
Item 7.8	.123	.631	1.000	.124
Item 7.9	.000	.001	1.000	.000
Item 7.1	.001	.004	1.000	.002

Tabela 28: Questão número 8, responda às seguintes afirmações?

	ANOVA 3 amostras	Bonferroni Imigrantes vs emigrantes	Bonferroni Imigrantes vs maioria	Bonferroni Emigrante vs maioria
Item 8.1	.000	.000	.013	.115
Item 8.2	.175	.194	.696	1.000
Item 8.3	.000	.000	.000	.627
Item 8.4	.000	.000	.505	.000
Item 8.5	.000	.000	.004	.000
Item 8.6	.000	.000	.002	.029
Item 8.7	.000	.000	.467	.000
Item 8.8	.001	.001	1.000	.007
Item 8.9	.000	.000	.087	.030
Item 8.10	.006	.022	1.000	.011
Item 8.11	.296	.399	.742	1.000
Item 8.12	.001	.001	1.000	.005

5 Tabelas dos resultados da base de dados do Observatório da Emigração

Tabela 29: código temas

Temas	%
Nenhum ou geral	37.3%
Identidade étnica	10.5%
Político	10.2%
Sociodemográfico	9.7%
Retorno e impacto	7.4%
Transnacional	4.2%
Colonização	4.1%
Redes, associações e casamento	3.2%
Educação, mobilidade social e manutenção	3.2%
Género	2.7%
Economico e laboral	1.9%
Linguagem	1.9%
Saúde	1.6%
Aculturação material (“casa francesa”)	1.6%
Aculturação	0.5%
Totais	100%

Tabela 30: códigos temas e anos das publicações

Temas	Ano da publicação	0- 1974	1975- 1985	1986- 1991	1992- 2000	2001- 2012
Nenhum ou geral		0.5%	9.9%	12.3%	24.1%	3.3%
Político		23%	6.8%	13.6%	6.8%	70.5%
Económico e laboral		5.6%	27.8%	5.6%	22.2%	8.9%
Sociodemográfico		2.8%	15.5%	11.3%	33.8%	36.6%
Redes, associações, casamento		4.5%	0%	13.6%	27.3%	54.5%
Linguagem		0%	11.8%	5.9%	41.2%	41.2%
Identidade étnica		0%	9.1%	11.7%	18.2%	61.0%
Educação, mobilidade social, manutenção		0%	7.1%	3.6%	10.7%	78.6%
Aculturação		40.0%	40.0%	0%	0%	20.0%
Transnacional		0%	0%	3.1%	3.1%	93.8%
Género		0%	0%	5.3%	26.3%	68.4%
Retorno e impacto		0%	10.4%	20.8%	25.0%	43.8%
Colonização		5.9%	5.9%	18%	5.9%	70.6%
Saúde		0%	7.7%	38.5%	23.1%	30.8%
Material aculturação		0%	0%	25.0%	62.5%	12.5%
Totais		1.4%	9.5%	12.0%	22.0%	55.0%

Tabela 31: códigos temas e a língua das publicações

Temas	Línguas			
	Portuguesa	Inglesa	Francesa	Castelhana
Nenhum ou geral	61.0%	21.5%	11.2%	6.3%
Político	52.0%	18.0%	29.0	1.0%
Economico e laboral	89.5%	10.5%	00%	00%
Sociodemográfico	53.7%	25.3%	15.8%	5.3%
Redes, associações e casamento	48.4%	19.4%	25.8%	6.5%
Linguagem	57.9%	36.8%	5.3%	0%
Identidade etnica	48.5%	26.2%	19.4%	5.8%
Educação, mobilidade social, manutenção	29.0%	61.3%	6.5%	3.2%
Aculturação	60.0%	40.0%	0%	0%
Transnacional	29.3%	56.1%	14.6%	0%0%
Género	63.0%	33.3%	3.7%	0%
Retorno e impacto	80.8%	8.2%	9.6%	1.4%
Colonização	42.5%	40.0%	5.0%	12.5%
Saúde	50.0%	37.5%	6.2%	6.2%
Aculturação material (“casa francesa”)	62.5%	0%	37.5%	0%
Totais	56.5%	24.8%	14.1%	4.6%

Tabela 32: código temas e o país de “acolhimento”

Temas	País			
	França	Canadá	USA	Brasil
Nenhum ou geral	17.6%	10.0%	16.7%	27.6%
Político	45.6%	3.5%	15.8%	22.8%
Economico e laboral	22.2%	11.1%	0%	33.3%
Sociodemográfico	42.1%	5.3%	10.5%	14.0%
Redes, associações, casamento	33.3%	3.7%	3.7%	22.2%
Linguagem	22.2%	11.1%	16.7%	11.1%
Identidade étnica	31.1%	7.8%	22.2%	14.4%
Educação, mobilidade social, manutenção	25.9%	18.5%	18.5%	3.7%
Aculturação	0%	66.7%	0%	0%
Transnacional	23.1%	15.4%	42.3%	7.7%
Género	5.9%	41.2%	0%	47.1%
Retorno e impacto	50.0%	5.0%	10.0%	20.0%
Colonização	7.1%	7.1%	7.1%	28.6%
Saúde	72.7%	0%	0%	0%
Aculturação material	100.0%	0%	0%	0%
Totais	28.0%	9.7%	15.8%	20.9%

Tabela 33: código anos das publicações

Anos das publicações	%
0 até 1974	1.5%
1975 até 1985	10.4%
1986 até 1991	11.7%
1992 até 2000	21.4%
2001 até 2012	55.0%
Total	100.0%

Tabela 34: código língua das publicações

Línguas	%
Portuguesa	56.8%
Inglesa	24.7%
Francesa	14.0%
Espanhola	4.5%
Total	100%

Tabela 35: códigos língua e anos das publicações

Ano publicação \ Língua	0-1974	1975 – 1985	1986-1991	1992-2000	2001-2012
Português	2.2%	11.5%	11.5%	19.9%	54.9%
Inglês	0.5%	7.7%	11.9%	16.5%	63.4%
Francês	1.1%	14.9%	16.1%	27.6%	40.2%
Castelhano	0%	0%	0%	57.7%	42.3%
Totais	1.5%	10.4%	11.7%	21.4%	55.0%

Tabela 36: Código país de acolhimento

Países de acolhimento	%
França	27.0%
Brasil	21.8%
EUA	15.9%
Canadá	9.6%
Argentina	5.2%
Espanha	4.3%
Reino Unido	3.1%
Dois ou mais países	3.1%
Africa do Sul	1.9%
Alemanha	1.7%
Suíça	1.7%
Venezuela	1.5%
Luxemburgo	1.2%
Trindade e Tobago	0.9%
Uruguai	0.6%
Austrália	0.5%
Total	100%

Tabela 37: códigos país de acolhimento e anos das publicações

Países	Ano de Publicação					Totais
	0-1974	1975-1985	1986-1991	1992-2000	2001-2012	
França	40.0%	42.1%	54.5%	33.0%	17.8%	26.8%
Canadá	20.0%	21.1%	9.1%	9.3%	8.4%	9.8%
EUA	0%	15.8%	20.5%	17.5%	17.1%	17.2%
Brasil	40.0%	5.3%	6.8%	9.3%	24.4%	18.1%
Alemanha	0%	5.3%	0%	0%	2.9%	2.2%
Reino Unido	0%	0%	0%	0%	6.5%	3.9%
Espanha	0%	0%	0%	12.4%	4.4%	5.2%
Venezuela	0%	2.6%	0%	2.1%	1.5%	1.5%
Trindade e Tobago	0%	0%	4.5%	4.1%	0%	1.3%
Suíça	0%	2.6%	0%	0%	2.9%	2.0%
Luxemburgo	0%	0%	2.3%	1.0%	1.8%	1.5%
África do Sul	0%	0%	0%	1.0%	1.8%	1.3%
Dois ou mais países	0%	5.2%	0%	4.1%	3.6%	3.5%
Argentina	0%	0%	2.3%	5.2%	5.1%	4.4%
Uruguai	0%	0%	0%	1.0%	1.1%	0.9%
Austrália	0%	0%	0%	0%	0.7%	0.4%
Totais	100%	100%	100%	100%	100%	100%

6. Códigos da análise de conteúdo

1. No primeiro estágio do modelo de Rudmin (2009), isto é, das motivações aculturativas encontram-se as atitudes culturais. A investigação pretende saber quais eram as atitudes dos portugueses e dos japoneses, ou seja, pretende-se saber como o modelo de Berry funciona no encontro intercultural entre Portugal e o Japão (Fróis, 1976a, 1976b; Pinto, 1989a, 1989c), tendo em conta as duas principais questões do referido modelo, as estratégias (da minoria) da aculturação e as expectativas (da maioria) em ambas culturas.

As duas principais questões são: é considerado de valor manter a identidade e as características culturais? E a seguinte questão consiste em: é considerado de valor manter relações com outros grupos?

2. O segundo item do modelo de Rudmin (2009) é a decisão de utilidade. O qual foi subdividido em vários itens;

2.1 Pretende-se mostrar o que os grupos sociais sabiam uns dos outros antes do primeiro encontro, na tentativa de esboçar as fronteiras culturais e a sua influência na decisão de utilidade (dos custos e dos benefícios). Após terem estabelecido a relação intercultural, a investigação pretende saber se as avaliações acerca das semelhanças e das diferenças culturais ganharam um valor positivo ou negativo em ambas as culturas. Portanto, pretende-se verificar a importância das decisões de utilidade tendo em conta os custos e os benefícios.

2.2 Mostrar as motivações e as intenções japonesas e portuguesas, as quais estão subjacentes às decisões de utilidade. As motivações estão divididas pelos seus conteúdos e nas suas intenções ou no tipo da orientação, isto é, intrínsecas e extrínsecas. Será importante verificar a relação entre as atitudes culturais (Berry, 1974) e as motivações ou intenções aculturativas.

3. Mostrar que a aculturação pode, inclusivamente, ter lugar mediante relações antagónicas (Fróis, 1976a) tal como McGee aponta desde 1898 (Rudmin, 2003b).
4. No tópico da identidade étnica, a qual é o terceiro item das motivações aculturativas do modelo de Rudmin (2009), a investigação pretende verificar a auto ou a hétero categorização que ambas as culturas atribuem uma à outra. A investigação pretende ainda saber se a lealdade étnica ganha um sentido positivo ou negativo, ou seja, como os indivíduos mudam a sua identidade étnica devido à aprendizagem aculturativa. Finalmente, pretende-se verificar o desenvolvimento da identidade étnica, tendo em conta o comportamento de exploração. Assim sendo;

4.1 Etiqueta ou categoria Japonesa e etiqueta Portuguesa.

4.2 Lealdade étnica (positiva ou negativa)

4.3 Comportamento de exploração:

5. O quarto item das motivações aculturativas do primeiro estágio do modelo de Rudmin (2009) é constituído pelo *distress* versus o *eustress*. Portanto, pela abordagem do *coping*, pretendendo verificar a reação emocional nas situações de aprendizagem.
6. O segundo estágio do modelo de Rudmin (2009) é constituído pela aprendizagem aculturativa. Pretende-se saber como os portugueses e os japoneses aprendiam através do obter informação, da instrução, da imitação e do *mentoring*. Pretende-se ainda saber a relação entre as diferentes formas de aprendizagem intercultural e as motivações ou as intenções aculturativas.
7. Reportar que a descrição do “Outro” e a comparação intercultural foram feitas com o propósito da aprendizagem (Fróis, 1976a, 1976b; Pinto, 1989a, 1993a), pois os livros analisados são artefactos culturais, podendo se constituírem como elementos aculturativos.

8. O último estágio do modelo de Rudmin (2009) tem em conta as mudanças a nível individual. Pretende-se, pois, reportando as mudanças e ambas as culturas em contato intercultural.
9. No item da discriminação, o qual é considerado como uma variável de controlo no modelo de Rudmin (2009), pretende-se saber como os portugueses descreviam os traços fenótipos dos japoneses e vice-versa. Pretende-se ainda verificar se as condições ambientais e as características biológicas ganham um sentido positivo ou negativo para a relação intercultural, isto é, se as características biológicas e ambientais conduzem à discriminação em ambas as culturas em contato intercultural.

9.1 Características biológicas:

9.2 Discriminação direta ou flagrante:

9.2.1 Discriminação indireta ou subtil.

10. A investigação também pretende mostrar como as leis, as regras e as convenções sociais podem influenciar as atitudes culturais, as motivações, as intenções, a decisão de utilidade e ainda o processo de aprendizagem.
11. No estatuto socioeconómico, a investigação pretende verificar como o estatuto socioeconómico foi reportado, na tentativa de influenciar a relação, o processo de aprendizagem, as atitudes culturais, as motivações e as intenções aculturativas.

7. Análise de conteúdo a Fernão Mendes Pinto (parte de Tanegashima)

The Tanegashima island chapters from the chapter CXXXII (132) to the CXXXVII (137) chapter.

On red: coded questions;

On black: content analysis units;

On blue: content analysis descriptions, and abductive considerations until to reach saturation.

(In the printed presentation the pages are not displayed in color)

1. In the cultural attitudes it wants to know which were the Portuguese and the Japanese attitudes reported during the first meeting. It wants to check out how the Berry Model works in the Portuguese and Japanese encounter (Fróis, 1976; Pinto, 1989a, 1989c), taking in account his two main questions, the acculturation strategies, and the acculturation expectations, in both cultural sides.

The two main questions:

Portuguese side: no cultural intention or previous choice is reported, the three Portuguese landed in Japan, after a storm, in a precarious condition into a Chinese junk. Therefore, it was an accidental intercultural encounter. Consequently, the cultural attitudes are not fitting in this intercultural encounter because no cultural concern about the cultural maintenance or about any cultural change was reported as a cultural preference or attitude. It is just possible to check out the mere relationship because both parts were open to the intercultural relationship.

Japanese side: in the cultural preferences or attitudes the relationship is not reported as a cultural concern. They only were open to the relationship as in the Portuguese side. There is just one question from the Berry Model. Therefore, the integration cultural attitude is not an accurate word to describe the relationship.

Abductive considerations: Integration would be the Portuguese cultural attitude, however it does not fit in this intercultural context, as well as the multicultural or the plural cultural choice from the Japanese side.

The junk belonged to the Chinese traders. Therefore, the Portuguese did not want to trade, adventure was the main intention, and afterwards curiosity was the main motivation in order to do further trading expeditions, and to enlarge the Portuguese knowledge about the world.

The relationship works under trading, and curiosity motivations. Therefore, under utility decision in both cultural parts. Consequently, it is needed to add for the Berry Model that the relationship can not fit in any previous choice; it can be also a mere fortuitous encounter. In the beginning of the relationship, the fortuitous encounter is not working as well as under any utility decision. Adventure does not match in the utility decision because it is a intrinsic motivation. Afterwards, the business motivation appears, which is a extrinsic motivation, and is aside from any cultural preference. Therefore, it is aside from like or dislike any of the both cultures, but rather it is an utility decision.

2. Utility decision:

2.1 Display what they knew from each others before the meeting in order to check out the cultural boundaries, and its influence in the utility decision (costs and benefits). After to establish the relationship, employing the cultural borders, it wants to check if the cultural similarities and differences are getting a positive or a negative valence. Therefore, the importance of cultural borders regarding the utility decision under the costs, and the benefits.

Before the intercultural contact:

Cap., CXXXIII, p. 82: - Que me matem se não são estes os Chenchicogis de que está escrito em nossos volumes que «voando por cima das ágoas têm senhareado ao longo delas os habitantes das terras....

Japanese side: They just knew that the Portuguese were travelling.

From the Portuguese side: it is not reported any previous knowledge about Japan, not even as the mythic island (*Cipango*), which was known in Europe since Marco Polo.

Abductive considerations: the cultural boundaries did not have any influence in the previous choice.

During the intercultural contact:

After to establish the relationship; curiosity can be perceived as an attempt to enlarge the cultural boundaries in both cultural sides.

2.2 Display the Portuguese and the Japanese cultural motivations, and intentions, for example, adventure, business. Motivations is divided in its content or intentions, and by its orientation; intrinsic vs extrinsic motivation, before and during the meeting in both main authors (Pinto, 1989a, 1989c; Fróis, 1976). It would be important also to check out the relationship between the cultural attitudes, and the motivations.

Cap., CXXXIII, p. 82: O Nautoquim pareceram tão boas razões do cossairo que entrou logo no junco...se assentou em ua cadeira junto com a tolda, e nos esteve inquirindo de algumas particularidades que desejou saber de nós...mostrando ser homem muito curioso e inclinado a cousas novas.

Cap., CXXXIII, p. 83: . . . amanhã me ide ver a minha casa, e me levai um grande presente de novas desse grande mundo por onde andaste e das terras que tendes visto e como se chamam, Porque afirmo que essa só mercadoria comprarei mais a meu gosto que todas as outras.

Cap., CXXXIII, p. 84: E despedindo o Necodá com toda a sua companhia, nos rogou que quiséssemos ficar aquela noite com ele em terra, porque se não fartava de nos perguntar muitas cousas do mundo, a que era muito inclinado, e que pela menha nos mandaria dar uas casas em que pousássemos junto com as suas...

Portuguese side: the Portuguese intentions were adventure, curiosity and, finally, trading. Therefore, the motivations are intrinsic, and extrinsic.

Japanese are described as curious, and prone about the new things, to get new information was reported as more important than trading in a Japanese noble. To give and to receive back gifts is another way to establish the relationship, besides trading.

Cap. CXXXVII., p. 105: ...e lhe demos conta de toda a nossa viagem e da nova terra de Japão que tínhamos descoberto, e da grande quantidade de prata que nela havia e do muito proveito que se fizera nas fazendas da China.

At the end of the kagoshima meeting, when they came back to Liampoo (China), they reported to reach Japan for the Chinese, and for the Portuguese people, saying that the Japanese were prone to trade. Therefore, that Japanese were able to establish a relationship, and were rich in silver. Consequently, for the Portuguese to travel to Japan is perceived as a benefit under the utility decision.

Abductive considerations: To travel and adventure can work as imitation by social modeling because it conveys a successful expectation about the intercultural behavior.

Japanese side:

Cap., CXXXIV, p. 86: Os japões, vendo aquele novo modo de tiros, que nunca até então tinham visto, deram logo rebate disso ao Nautoquim que, neste tempo, estava vendo correr uns cavalos que lhe tinham trazido de fora; o qual, espantados desta novidade, mandou logo o Zeimoto ao paul onde estava caçando. E quando o vio vir com a espingarda às costas, e dous chins carregados de caça, fez disto tamanho caso que em todas as cousas se lhe enxergava o gosto do que via.

The Japanese intentions were to learn, and to trade with the Chinese due to the curiosity about novelties, which is the predominant motivation. The Japanese curiosity appears as a intrinsic motivation, and also as a extrinsic one.

Abductive considerations: Regardless to be a fortuitous encounter, after to establish the relationship, the costs and the benefits are present in the intercultural meeting. The utility decision (curiosity) guides the Japanese nobles to accept the Portuguese people, and their culture.

Abductive considerations: There is no previous intention or motivation, it was a fortuitous encounter, the predominant way to learn a second culture is getting information in both cultural sides.

The Berry Model does not match in this intercultural encounter because it is ruled by the utility decisions.

2.3 It wants to display that the acculturation can even take place under antagonistic relationships (Fróis, 1976) as McGee pointed out since 1898 (Rudmin, 2003b).

Cap., CXXXVI, p. 98: ... e eu abraçado com ele, ensopados ambos em sangue, assentaram todos totalmente que eu o matara. E arremetendo dous dos que ali estavam a mim c'os treçados nus nas mãos, me quiserem logo matar.

In the Tanegashima meeting there is only a antagonistic situation, but it is not related with cultural preferences or attitudes, but rather with the acculturative learning.

A young noble, after to observe how to fire the harquebus, tried to do it alone. However, he does not knew how to charge it, so he hurts himself falling unconsciously. The Japanese people blamed the Portuguese. Regardless the incident, a learning imitation occurred. Afterwards, the Portuguese taught the Japanese how to use, and to do gunpowder under a stressful situation. Therefore, it displays, at the same time, instruction, and imitation by observation. Still in the same situation, the Portuguese applied in the Japanese noble a medicine, which he learnt in India under observation.

3. In the ethnic identity it will check out firstly the self-categorization or self-label that both sides ascribed to themselves. The ethnic loyalty and the perceived level (positive or negative) in what the individuals are changing or maintaining their identity. In short, how the Japanese and the Portuguese changed their ethnic identities due to the acculturative learning. And, finally, the levels of ethnic identity development, taking in account the exploration behavior.

3.1 Japanese label, Portuguese label:

Cap., CXXXIII, p. 81: ...e vendo-nos aos três portugueses, perguntou que gente éramos, porque na diferença dos rostos e barbas entendia que não éramos Chins. O capitão cossairo lhe respondeo que éramos de ua terra que se chamava Malaca, aonde havia muitos anos que tínhamos vindo de outra, que se dezia Portugal.

The Portuguese call themselves as Portuguese from Malacca, and from Portugal.

Cap., CXXXIII, p. 82: - Que me matem se não são estes os Chenchicogis de que está escrito em nossos volumes que «voando por cima das ágoas têm senhareado ao longo delas os habitantes das terras....

The Japanese labeled the Portuguese as *Chenchicogis*

3.2. Ethnic loyalty (positive or negative):

Cap., CXXXVII, p. 105: Acabada esta tão pia e tão santa obra, começou logo a cobiça de entrar nos corações dos mais dos homens daquela povoação, de tal maneira, por querer cada um deles ser o primeiro que fizesse esta viagem, que vieram uns e outros a se dividirem e porem-se em bandos e, com as armas na mão, atravessar cada um as fazendas todas da terra....

E com esta sede e desejo do interesse, em sós quinze dias se fizeram prestes nove juncos que então no porto estavam...e assi se partiram todos juntos, um domingo pela manhã, contra vento, contra monção, contra maré e contra razão, e sem nenhuma lembrança dos perigos do mar.

Portuguese side: After to came back to China, they spread the new about Japan, and, immediately, the Portuguese, and the Chinese people were motivated by the economic profits (external motivation) but, at the beginning, the motivation was internal (adventure), and they prepared a new expedition. Pinto seems to be critic about the Chinese, and about the Portuguese economic ambitious or materialism (negative appraisal). However, it does not imply any change in the Portuguese or in the European ethnic identity.

Nothing is reported concerning with the ethnic identity, from the Portuguese. And in the Japanese side, the adventure, the curiosity, and the business intentions are reported. Therefore, the intercultural meeting, and the learning process does not change the ethnic identity. Each cultural side perceived the relationship as a great benefit under the utility motivations. Consequently, regardless the acculturative learning occurred in both side, no choice or change in the ethnic identity is reported.

Abductive considerations: intercultural learning can occur without any change in the ethnic identity.

3.3 Exploration behavior,

Japanese and Portuguese were open to the intercultural contact, but they did not display any cultural or social concern about maintenance or cultural change. The curiosity about novelties, and the harquebus were the main exploration behaviors.

4. It wants to check out the emotional reaction in the learning situations, and if it was taken a negative (distress) or a positive (eustress) valence.

Cap., CXXXIII, p. 82: ...De que o nautoquim fez um grande espanto, e disse para os seus que estavam presentes...

Japanese side: Surprise is reported when they met, for the first time, the three Portuguese males.

Cap., CXXXVI, p. 95: -...Mas já que largou os fechos à covardia, vamos adiante com nossas perguntas. E ninguém fale nada, porque eu só quero ser o que lhe pergunte. Que vos afirmo que tenho gosto de falar com ele, em tanto que quiçá comerei daqui a pouco qualquer bocado, porque não sinto agora nenhuma dor em mim.

De que a Rainha e suas filhas, que estavam junto com ele, com grande contentamento e c'os joelhos em terra, levantaram as mãos ao céu e deram a Deos muitas graças por aquela mercê que lhes fizera.

In the Portuguese side is reported fear, when a Portuguese met the king of Bungo because he did not know how to behave under those unknown situation. In the same scene, in the Japanese cultural side, is reported happiness. The noble family was happy because the king improved his mood, and his general health after to meet the Portuguese. Consequently, the curiosity improved the general health conditions, and the emotions got a eustress valence.

Surprise is reported in an anguish situation, when the noble women met the prince unconscious.

Cap., CXXXIV, p. 86: Os japões, vendo aquele novo modo de tiros, que nunca até então tinham visto, deram logo rebate disso ao Nautoquim que, neste tempo, estava vendo correr uns cavalos que lhe tinham trazido de fora; o qual, espantado desta novidade, mandou logo o Zeimoto ao paul onde estava caçando. E quando o viu vir com a espingarda às costas, e dous chins carregados de caça, fez disto tamanho caso que em todas as cousas se lhe enxergava o gosto do que via.

Watching the Portuguese harquebus working, firstly, raises the surprise, and afterwards happiness because the Portuguese provided a new shooting demonstration, which was observed by the Japanese. Consequently, it entails imitation by demonstration, observation, and instruction.

Cap., CXXXIV, p. 86: O Zeimoto, vendo-os tão pasmados, e o Nautoquim tão contente, fez perante eles três tiros, em que matou um milhano e duas rolas....

Cap., CXXXIV, p. 88: E como dali em diante todo o gosto e passatempo do Nautoquim era no exercício desta espingarda, vendo os seus que em nenhuma coisa o podiam contentar, ordenaram de mandaram fazer por aquela outras do mesmo teor, e assi o fizeram logo.

The Japanese noble starts to shoot the harquebus, and it became his favorite activity, displaying happiness. To please the noble Japanese, later, were reproduced the harquebus. Therefore, it entails imitation.

Cap., CXXXVI, p. 98: ...e a rainha a pé, sobraçada em duas mulheres, e ambas as filhas da mesma maneira, em cabelo, cercadas de grande quantidade de senhoras e gente nobre, as quais vinham todas como pasmadas.

Surprise is also reported in the female nobles, when the prince gets wounded after shooting the harquebus.

Abductive considerations: in consequence, the emotions reported in the relationships or the learning situations does not get a negative valence, but, rather a positive one, linked with curiosity, and with the reaction regarding the new things. Curiosity improved even the general health condition, thus the king reported to be better, and hungry.

Surprise can appear in good, and in bad situations. Surprise is triggering the appraisal to the stimulus, gaining a distress or a eustress valence.

Therefore, surprise is the predominant emotion, followed by happiness. Most part of the emotions are reported in the Japanese side, and the eustress is the dominant emotional reaction.

5. How Portuguese and Japanese were learning from acculturative contact: getting information, instructions, imitation, and mentoring.

Getting information:

Cap., CXXXIII, p. 83: cap. Amenhã me ide ver a minha casa, e me levai um grande presente de novas desse grande mundo por onde andaste e das terras que tendes visto e o como se chamam. Porque vos afirmo que essa só mercadoria comprarei mais a meu gosto que todas as outras.

Cap., CXXXIII, p. 84: Isto ordenado, o Nautoquim tornou de novo a praticar connosco e perguntar-nos por muitas cousas muito miudamente, a que respondemos mais conforme ao gosto de que nele víamos que não ao que realmente era verdade.

The Japanese noble was very curious about the novelties. He wanted to know even the details, the Portuguese answered trying to fit in the Japanese wish. Therefore, it is getting information from the Japanese noble, and it can be perceived as providing information from the Portuguese side. To display the reality was not the Portuguese concern, but rather to establish a good relationship in order to avoid the social constrains.

Cap., CXXXV, p. 90: ... me certificaram homens que vieram dessa terra, que tínheis nessa vossa cidade uns três Chenchicogins do cabo do Mundo, gente muito apropriada aos japões, e que vestem seda e cingem espadas, não como mercadores que fazem fazenda, senão como homens de honra...e que de todas as cousas do mundo que lá vão por fora vos têm dado grandes informações, nas quais afirma em sua verdade que há outra terra muito maior que esta nossa, e de gentes pretas e baças, cousas incríveis ao meu juízo... pelo que vos peço muito..., me queirais mandar um desses três que me lá dizem que tendes....

To get information is also reported in the King of Bungo, who was the most important noble in the region. The noble demand from this haunt (kagoshima noble) the presence of the Portuguese, at his place, to observe the Portuguese, and to ask him about novelties. Here, it is possible to get two kinds of acculturative learning, to get and to provide information, and imitation by observation because the Japanese noble wanted to observe the Portuguese.

Abductive considerations: Imitation works under observation, and social modeling.

Cap., CXXXV, p. 95: ...Mas já que largou os fechos à covardia, vamos adiante com nossas perguntas. E ninguém fale nada, porque eu só quero ser o que lhe pergunte. Que vos afirmo que tenho gosto de falar com ele, em tanto que quiçá comerei daqui a pouco qualquer bocado, porque não sinto agora nenhuma dor em mim.

The king of Bungo was so interested about the Portuguese that the court was in silence to listening him.

Cap., CXXXVI, p. 96: Vinte dias contínuos, depois que cheguei a esta cidade de Fucheo, passei muito a meu gosto, ora em responder a várias perguntas que El-rei, a Rainha, o Príncipe e os senhores me faziam, como gente que não tinha noticia de haver mais mundo que Japão e não me detenho em dar relação do que me eles preguntaram e eu respondia....

The Portuguese spent twenty days in Bungo, answering to the noble questions. And the Japanese people are described as curious, and keen about the new things. According to Pinto, the Japanese curiosity was due to the Japanese isolation.

Instruction:

Cap., CXXXVI, pp. 95-96: - Rogo-te que te não enfades de estares junto de mim, porque folgo de ter ver e falar contigo, e que me digas se sabes alguma mezinha lá dessa Terra do Cabo do Mundo para esta infirmitade que me tem tão aleijado ou para o fastio.

Cap., CXXXIV, p. 87: E entendendo assi o Zeimoto que em nenhua cousa podia milhor satisfazer ao Nautoquim alguma parte destas honras que lhe fizera, nem em que lhe desse mais gosto que me lhe dar a espingarda, lha ofereceo um dia que vinha da caça com muita soma de pombas... a qual ele aceitou por peça de muito preço... e lhe mandou dar por ela mil taéis de prata, e lhe rogou muito que lhe ensinasse a fazer pólvora.

Cap., CXXXV, p. 91: ...um de vós ambos ir a Bungo ver este Rei que eu tenho por pai e senhor, porque estoutro a que dei nome e ser de parente não o hei-de apartar de mim até que de todo me ensine a tirar como ele. (Zeimoto)

Instruction is also reported because the noble demanded it from the Portuguese. To teach any medicine to cure the king disease and, another time, to learn how to use, and to be cunning with the harquebus, and how to do gunpowder. Therefore, they are implying instruction. And, at the same time, imitation by observation because they were observing how to shoot. Therefore, instruction can include observation by demonstration, for example, when both parts were learning their languages.

Instruction, and imitation:

Cap., CXXVI, pp. 97-98: ...O segundo filho d'El-Rei, por nome Arichandono, moço de dezasseis até dezassete anos, e a quem ele era muito afeiçoado, me requereo algumas vezes que o quisesse insinar a tirar, de que me eu me escusei sempre, dizendo que havia mister muito tempo para o aprender. Porém, ele, não aceitando esta razão, fez queixume de mim a seu pai, o

qual pelo comprazer me rogou que lhe desse um par de tiros para lhe satisfazer aquele apetite, a que respondi que dous, e quatro, e cento, e quantos Sua Anteza mandasse...

E vendo estar a espingarda pindurada, não me quis acordar, com propósito de tirar primeiro um par de tiros, parecendo-lhe, como ele despois, dezia... E mandando a um dos moços fidalgos que fosse muito caladamente acender o murrão, tirou a espingarga donde estava. E querendo-a carregar, como algumas vezes me tinha visto fazer, como não sabia a quantidade de pólvora que lhe havia de lançar, encheo o cano em comprimento de mais de dous palmos e lhe meteo o pilouro, e a pôs no rosto, e apontou para ua laranjeira que estava defronte. E pondo-lhe o fogo, quis a desventura que arrebentou por três partes e deu nele e lhe dez duas feridas...

Instruction, and imitation appeared connected in the same scene, when the young Japanese noble tried to fire the harquebus under the imitation, and then he demanded instruction from the Portuguese.

Cap., CXXXIV, p. 88: E como dali em diante todo o gosto e passatempo do Nautoquim era no exercício desta espingarga, vendo os seus que em nenhuma cousa o podiam contentar, orderaram de mandaram fazer por aquela outras do mesmo teor, e assi o fizeram logo.

Instruction, and imitation are also reported because Pinto wrote that the Japanese people, in a short period of time, reproduced thousands of harquebuses.

Cap., CXXXIV, p. 86: O Zeimoto, vendo-os tão pasmados, e o Nautoquim tão contente, fez perante eles três tiros, em que matou um milhano e duas rolas.

In the Pinto book imitation appears related with observation, and instruction appears related with demonstration.

Cap., CXXXVII. pp. 103-104: ...E na ferida na testa, por ser pequena, lhe dei cinco somente, e lhe pus em cima duas estopadas de ovos e lhas ateí muito bem, como algumas vezes vira fazer na Índia

From the Portuguese cultural side is also possible to check out imitation, Pinto reported that one Portuguese applied this medical knowledge, which he learnt in India under observation.

Abductive considerations: All kinds of the acculturative learning are present, and they can appear together in different situations. However, getting information is the predominant one.

5.1 How the different motivations and situations can get different ways to learn in the Pinto and in the Fróis works.

On the beginning, the Japanese tried to get information, after to establish the relationship, imitation and, afterwards, instruction appeared. Thus, instruction needs a deeper level of relationship.

5.2 Display that the “Other” description and the social comparison were done by learning purposes (Fróis, 1976).

The last chapter is providing information to do further expeditions, and it can work also as imitation by social modeling.

6. Display the changes in acculturative learning in the majority side, and what was reported in the Portuguese side.

Japanese side: The most visible change was the arquebus reproduction.

Pinto does not provided any cue about what kind of details, and information the Portuguese were giving for the Japanese, it is too vague, besides, the geographic, and the ethnic informations.

Portuguese side: from the Portuguese point of view, to get information and to encounter Japan, which was perceived as rich, was the main change in the sense that they added information about others cultures to do further expeditions.

Mentoring, and social support from the Japanese nobles is implicit, it implies to be open to the intercultural relationship. However, no cultural concern is reported it does not encompass any change in the ethnic identity in both sides.

7. In the discrimination item: It wants to check out if the environment or the biological features achieve a positive or a negative valence in the intercultural relationship. Therefore, if the biological differences conveyed to discrimination perception in both sides.

Cap., CXXXIII, p. 81: ... e vendo-nos aos três portugueses, perguntou que gente éramos, porque na diferença dos rostos e barbas entendia que não éramos Chins. O capitão corsário lhe respondeo que éramos de ua terra que se chamava Malaca, aonde havia muitos anos que tínhamos vinde de outra, que se dezia Portugal.

The Japanese noble ask to the Chinese captain who were the strange people that he was facing. Therefore, the differences in the face features or biological features are reported at the beginning. However, those differences were not conveying to any discrimination behavior or discrimination perception in the Portuguese side.

Face features are also noticed when the Japanese king asked the Portuguese about the black people who they met throughout the navigations. Therefore, it is related with the curiosity intention.

7.1 It also wants to display how the laws, the rules or the social conventions can influence the cultural attitudes, the motivations, the intentions, and the utility decision, and the learning process.

Cap., CXXXII, p. 81: Um dos seus nos respondeo que a licença o nautoquim, senhor dessa ilha Tanixumaa, a daria de boa vontade se lhe pagássemos os direitos que se costumavam pagar em Japão, que era aquela grande terra que defronte de nós aparecia. E com isso nos deu relação de tudo mais que nos convinha, e nos mostrou o porto onde havíamos de ir surgir.

The laws and the social rules appeared since the beginning, shaping the relationship. There was a rule about how to pay, before to land in Japan. In return the Japanese people provided authorization and the correct information about how and where to land, and how to trade.

Abductive consideration: They are related with motivations, and utility decisions.

Cap., CVXXXIII, p. 83: Amenhã me ide ver a minha casa, e me levai um grande presente de novas desse grande mundo por onde andaste e das terras que tendes visto e de como se chamam, Porque vos afirmo que essa só mercadoria comprarei mais a meu gosto que todas as outras.

Another way to establish a relationship is to give, to offer and to receive back products, which is approached in anthropology. So, the relationship is established under the costs

and the benefits under the utility decision. To provide information must be include in exchange things, products, artifacts. Therefore, the cultural elements. Thus, to gather, and to give information is perceived as very important, sometimes, even more important than to trade, which was reported in a Japanese noble. All these forms, can be perceived as a way to establish, and to improve a relationship, and to get acceptance, and social support.

Cap., CVXXIII, p. 82: E chamando então para junto de si ua molher lequia, que era a intérprete por quem se entendia e c'o capitão chim, senhor do junco, lhe disse...

Cap., CXXXVI, p. 99: Com isto mandaram logo a grande pressa chamar o Iurubaca, que era o intérprete por quem me eu entendia com eles, que neste tempo também era fugido com medo, e o trouxeram preso diante d'El-Rei; e perante ele e toda a justiça lhe fizeram um prêmbulo de muitas ameaças se não falasse verdade, a que ele tremendo e chorando respondeo que ele a diria.

Provide information was mediated by translators; a Lequian (Okinawa) woman who sailed with the Chinese, helped the Chinese, and the Portuguese. It can be perceived as a first step to learn a second language. Afterwards, the Portuguese people also employed translators. But, Pinto did not give details about it.

Cap., CXXXIII, p. 81: . . . Quando o Nautoquim, príncipe desta ilha de Tanixumaa, se veio ao nosso junco, acompanhado de muitos mercadores e de gente nobre, com grande soma de caixões cheios de prata para fazer fazenda.

E depois de se fazerem de parte as cortesias costumadas, e ele ter seguro para se poder chegar a nós, se chegou logo.

To be polite, and to do the usual, and the correct greetings are also a way to establish a relationship, and to get social support or social acceptance.

Cap., CXXXIII, p. 84: Isto ordenado, o Nautoquim tornou de novo a praticar connosco e perguntar-nos por muitas cousas muito miudamente, a que respondemos mais conforme ao gosto de que nele víamos que não ao que realmente era verdade.

Flattering was a Portuguese feature in order to get the Japanese acceptance.

Cap., CVXXII, p. 83: O Necedá do junco lhe mandou pelo mensageiro algumas peças ricas e brancos da China em retorno do refresco; e lhe mandou dizer que, como o junco ancorasse no surgidouro onde estive a seguro do tempo, o iria logo ver a terra e levar-lhe as amostras da fazenda que trazia para vender.

Cap., CXXXIV, p. 87: E entendendo assi o Zeimoto que em nenhuma cousa podia melhor satisfazer ao Nautoquim algua parte destas honras que lhe fizera, nem em que lhe desse mais gosto que me lhe dar a espingarda, lha ofereceo um dia que vinha da caça com muita soma de pombas . . . a qual ele aceitou por peça de muito preço . . . e lhe mandou dar por ela mil taéis de prata e lhe rogou muito que lhe ensinasse a fazer pólvora.

The relationship can be thought as a decision under the costs versus the benefits in both cultural sides, exchange products, gifts, offering things like the arquebus to please the noble or to be polite, flattering, to do the correct greetings ... in order to get acceptance. Therefore, to achieve the Portuguese main purpose, and the Japanese one.

Cap., CXXXIV, p. 87: . . . e o levou sempre junto de si até ua casa onde o assentou mesa consigo, na qual também, por lhe fazer a maior honra de todas, quis que dormisse aquela noite. E sempre por dali por diante o favoreceo muito, e nós por seu respeito em algua maneira.

Cap., CXXXIV, p. 87 – O Nautoquim, príncipe desta ilha Tanixumaa e senhor de nossas cabeças, manda e quer que todos vós outros, e assi os mais que habitam a terra dantre ambos mares, honorem e venerem este chenchicogim do Cabo do Mundo, porque de hoje por diante o faz seu parente assi como os facharrões que se assentam junto de sua pessoa...

Not writing social rules: Invited someone to sleep, and to eat at home is perceived as an honor, which was claimed in public in order to spread the news that Portuguese were under the noble protection. This social rule is not a written one, and it happened after to receive the arquebus from the Portuguese.

Cap., CXXXVII, p. 104, Neste tempo, sendo eu avisado por cartas dos dous Portugueses que ficaram em tanixumaa, que o cossairo chim com quem ali viéramos se fazia prestes para se partir para a china, dei conta disso a El-Rei, e lhe pedi licença para me tornar, a qual me ele deo muito levemente e com palavras de muitos agradecimentos pela cura de seu filho.

Another not written rule appears: Portuguese needed the authorization from the Japanese noble to leave the island.

Abductive considerations: Not written rules are shaped by the mere relationship under the costs and the benefits.

8. In the socioeconomic field it wants to check out if the socioeconomic status were reported in order to influence the relationships.

Cap., CXXXIII p. 84: ...ajudarmo-nos de algumas cousas fingidas para não desfazermos no crédito que ele tinha desta nossa pátria.

The Portuguese display themselves as powerful, and very rich in order to get social support, exaggerating or lying about the Portuguese power.

Cap., CXXXV, p. 90: . . . me certificaram homens que vieram dessa terra, que tínheis nessa vossa cidade uns três Chenchicogins do cabo do Mundo, gente muito apropriada aos japões, e que vestem seda e cingem espadas, não como mercadores que fazem fazenda, senão como homens de honra...e que de todas as cousas do mundo que lá vão por fora vos têm dado grandes informações, nas quais afirmam em sua verdade que há outra terra muito maior que esta nossa, e de gentes pretas e baças, cousas incríveis ao meu juízo... pelo que vos peço muito..., me queirais mandar um desses três que me lá dizem que tendes....

The Portuguese were aware that the Japanese nobles did not treat traders with consideration, but, anyway, they introduced themselves as traders. However, the Japanese noble treated the Portuguese as nobles. Hence, they were under the noble protection to satisfy the Japanese curiosity.

8. As dimensões do construto da aculturação enquanto processo

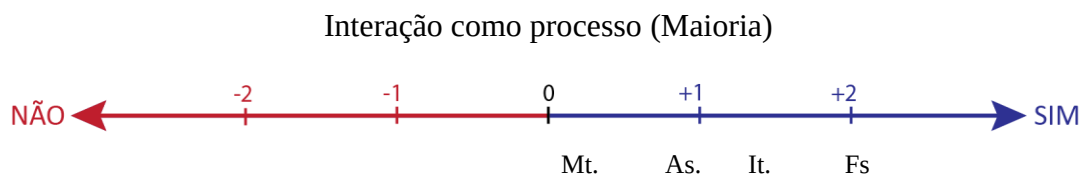


Figura 1, a dimensão da interação, posição da maioria

Modelo da assimilação: na cultura maioritária a interação aparece com um valor positivo no eixo. A maioria terá tendência para aprender características culturais da minoria, devido à persistência da interação cultural, exceto no caso do genocídio ou da total segregação. A interação da maioria enquanto processo é mais elevada do que no eixo enquanto resultado, sendo que no último é quase neutro, estando próximo do zero no eixo. Na Europa, a cultura cristã poderá se constituir como o exemplo do afirmado, tal como a cultura dos EUA, antes dos movimentos dos direitos civis dos anos 50 e dos anos 60 do século XX.

Modelo multicultural: a maioria aparece com um valor positivo no eixo. Contudo, é, talvez, o valor menos elevado de entre os modelos. As diferentes culturas estão apenas a interagir na sociedade alargada, devido à característica de separação cultural da cultura anglo-saxónica. Os EUA e a sua cultura anglo-saxónica podem se constituir como exemplos da interação maioritária.

Modelo de fusão: a cultura da maioria toma o valor mais elevado na dimensão da interação devido à cultura de misturas, sendo que se assiste a interação intercultural em quase todos os domínios aculturativos.

Modelo intercultural: o modelo intercultural permite interação a nível privado ou individual com misturas e mudanças ou manutenção cultural, requerendo da cultura minoritária a adaptação ao nível público (escola ou laboral), uma vez que a minoria deverá fazer adaptação cultural. Assim sendo, é o modelo com o valor de maior interação depois do modelo da fusão na cultura maioritária e mostra mais interação do que o modelo da assimilação ou do que o multicultural. Contudo, ao nível institucional não existe interação cultural da maioria face à

minorias. A interação opera, sobretudo, ao nível público, sendo que ao nível privado a minoria e a maioria poderão misturar características culturais, mas também poderão manter as suas culturas.

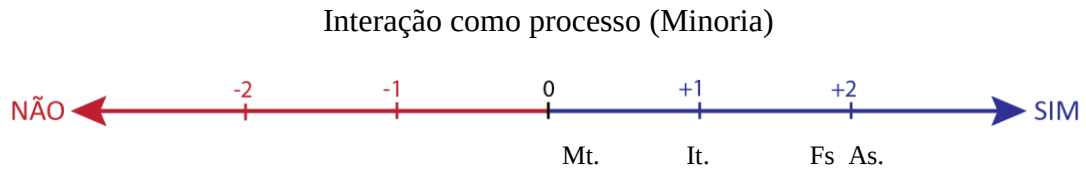


Figura 1.1, a dimensão da interação, posição da minoria

Modelo da assimilação: na cultura minoritária o modelo toma a posição mais elevada de entre os modelos, uma vez que a adaptação e as exigências para aprender a cultura majoritária são muito elevadas. A cultura minoritária deve adaptar-se gradualmente à cultura da maioria até atingir a assimilação, ou seja, até desaparecer, entretanto, enquanto a assimilação não ocorre, a adaptação tem lugar em diferentes domínios culturais mudando a cultura da minoria, a qual não desaparece enquanto processo. As culturas nativas e africana nos EUA se constituem como exemplos do afirmado. A dimensão temporal é importante para separar os imigrantes das minorias que convivem com a maioria no mesmo espaço ao longo de várias gerações.

O modelo multicultural: na cultura da minoria, o modelo multicultural toma a posição menos elevada dos modelos. Contudo, o valor é ainda positivo porque a cultura da minoria apenas se adapta a algumas características culturais da maioria. A minoria mantém a sua cultura, no entanto, irá mudar devido à adaptação cultural. Caberá perguntar, quais os domínios que estão implicados no processo da adaptação?

Modelo de fusão: a minoria não tem que “esquecer” por completo a sua cultura, tal como no modelo da assimilação. A minoria realiza adaptação cultural em vários domínios, sendo o modelo com valor mais elevado de interação, após o modelo da assimilação. O valor é menor do que no modelo da assimilação porque as exigências de adaptação são menores do que naquele modelo. No modelo da fusão há espaço para manter e para misturar as características culturais ou para fazer reinterpretação cultural em vários domínios, em simultâneo. As culturas africanas do Brasil com as suas práticas religiosas poderão se constituir como exemplo do modelo de fusão.

Modelo intercultural: a cultura da minoria encontra-se entre o modelo da fusão e o multicultural porque a aprendizagem não tem lugar em tantos domínios como no modelo da fusão, mas tem lugar em mais domínios do que no modelo multicultural, sobretudo, no domínio público (escola e laboral) e a nível privado e individual é possível realizar misturas culturais, mas também de manter por completo a cultura da minoria.

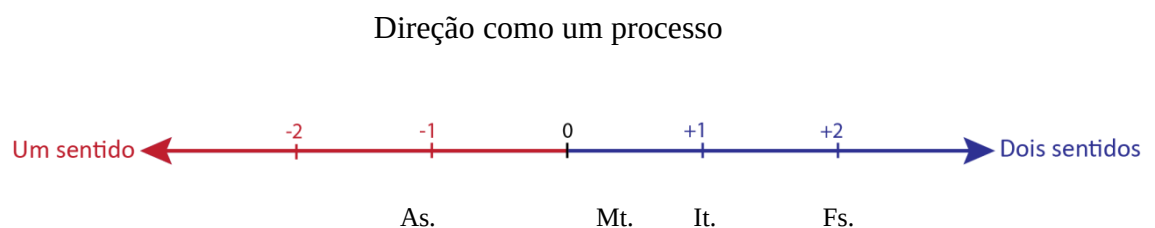


Figura 2, a dimensão da direção como processo

Modelo da assimilação: o seu valor no eixo é negativo. A minoria adapta-se e aprende a cultura da maioria. Contudo, enquanto processo o seu valor não será tão negativo, uma vez que durante o processo da aculturação a maioria adapta-se, mistura e aprende algumas características culturais da minoria, as quais, no entanto, não serão reportadas na cultura maioritária como um resultado, por exemplo, a música jazz nos EUA ou as características pagas na cultura cristã são reportadas como pertencendo à maioria. Contudo, o desequilíbrio entre ambas as culturas é demasiado desigual, fazendo que o valor seja negativo.

Modelo multicultural: a direção como processo toma um valor sensivelmente positivo no eixo devido às potencialidades da sociedade alargada. A sociedade alargada poderá permitir a interação, uma vez que a relação intercultural e o contacto entre ambas as culturas permanecem no tempo, a maioria poderá também mudar, sendo sensivelmente um processo com dois sentidos aculturativos. Como definir a sociedade alargada e quais os domínios que são partilhados pelas culturas serão questões a ter em consideração?

Modelo da fusão: a direção como um processo toma o valor mais positivo e elevado dos modelos porque a aculturação é um processo com dois sentidos aculturativos. Ambas as culturas estão a aprender uma com a outra e a mudarem.

Modelo intercultural: a direção no modelo intercultural toma um valor mais positivo do que no modelo multicultural porque existe adaptação, interação e aprendizagem ao nível do domínio público e misturas ao nível privado e individual.

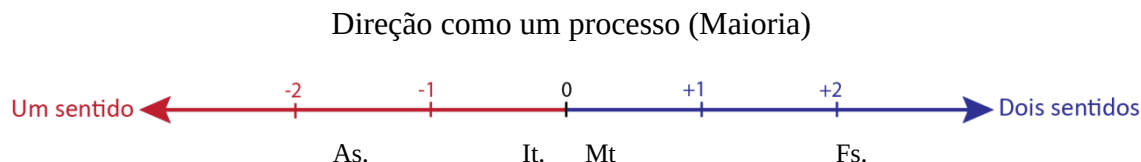


Figura 2.1, a dimensão da direção como processo, posição da maioria

Modelo da assimilação: a dimensão apenas toma uma direção. Contudo, a cultura majoritária poderá aprender algumas características culturais, porém o processo de aprendizagem e as influências culturais têm lugar, sobretudo, na cultura minoritária. Assim sendo, o modelo aparece no eixo com um valor negativo, ainda que menos do que como um resultado.

Modelo multicultural: a direção da maioria no modelo multicultural é quase negativa, uma vez que a separação cultural implica apenas a adaptação cultural da minoria. Contudo, tal como no modelo da assimilação, durante o processo aculturativo a cultura da maioria poderá aprender algumas características culturais da cultura minoritária, porém estas irão ser reportadas como pertencendo à sociedade alargada ou à cultura majoritária. O conceito da sociedade alargada encontra-se próximo da cultura da maioria, de acordo com Berry *et al.* (2011). Assim sendo, a dimensão encontra-se próxima do modelo da assimilação e ainda próxima da adaptação ao nível público e da manutenção da cultural institucional do modelo intercultural.

Modelo de fusão: a direção toma dois sentidos, aparecendo como positivo nos eixos porque a cultura majoritária aprende e se adapta e ainda porque é reportado como tal, apesar da relação de poder entre as culturas ser assimétrica, tal é reportado, por exemplo, na literatura brasileira do século XIX.

Modelo intercultural: o modelo aparece com um valor negativo no eixo porque a maioria a nível institucional não aprende qualquer característica cultural da minoria. As influências culturais da minoria a nível privado não irão ser reportadas no nível institucional, por exemplo, tal como sucede na república francesa. No entanto, a adaptação pública e as misturas da minoria ao nível privado ou individual poderão alterar a cultura institucional, a longo prazo, podendo o processo ganhar dois sentidos.

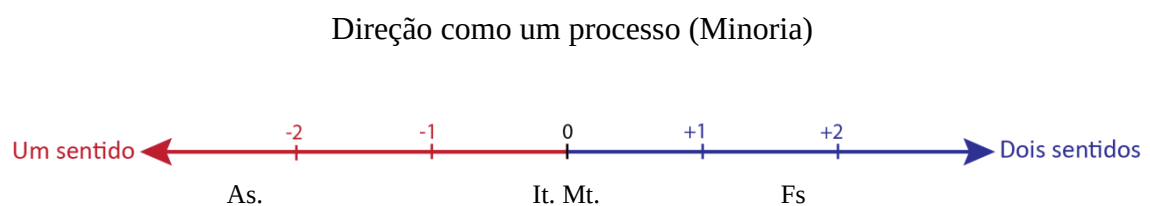


Figura 2.2, a dimensão da direção como processo, posição da minoria

Modelo da assimilação: na cultura minoritária a direção como um processo toma um valor negativo, uma vez que a cultura minoritária realiza um grande esforço de adaptação cultural, aprendendo a cultura majoritária. Assim dispondo, trata-se dum processo com apenas um sentido.

Modelo multicultural: a direção é sensivelmente negativa porque se trata dum processo aculturativo com apenas uma direção. Neste modelo torna-se necessário separar os imigrantes das minorias que previamente residem com a maioria no mesmo espaço ao longo de várias gerações ou até de séculos. No caso das minorias assiste-se a um processo com dois sentidos, inclusivamente, quando a característica cultural da separação se mantém no tempo durante gerações, permitindo interação intercultural e, em consequência, um processo com dois sentidos. A cultura cigana em Portugal ou a afro-americana nos EUA são exemplo do afirmado. Portanto, apenas os imigrantes devem aprender por inteiro a cultura da maioria, sendo que no caso da cultura das minorias se poderá conceptualizar uma fusão, em simultâneo, com a separação cultural em certos domínios no seio da sociedade alargada, faltando, no entanto, definir as características desta última.

Modelo da fusão: a direção aculturativa da minoria ganha dois sentidos porque a minoria está a realizar adaptação cultural e porque a cultura da maioria também aprende algumas características culturais da cultura minoritária, misturando ou permitindo diversidade cultural e, inclusivamente, a existência de subculturas. A cultura sincrética do Brasil se constitui como um exemplo do modelo.

Modelo intercultural: A direção da minoria mostra um processo com apenas um sentido. Contudo, é quase que positivo ou escassamente negativo porque a minoria poderá misturar características culturais ao nível privado ou individual com a maioria, mas também poderá manter a sua cultura. A adaptação cultural da minoria ocorre ao nível público, por exemplo, na escola ou ao nível laboral, podendo permitir um processo com dois sentidos, porém dependerá dos domínios, se os domínios forem institucionalizados o processo terá apenas um sentido. Se a minoria aprender e se adaptar à cultura institucional o modelo estará próximo da assimilação.

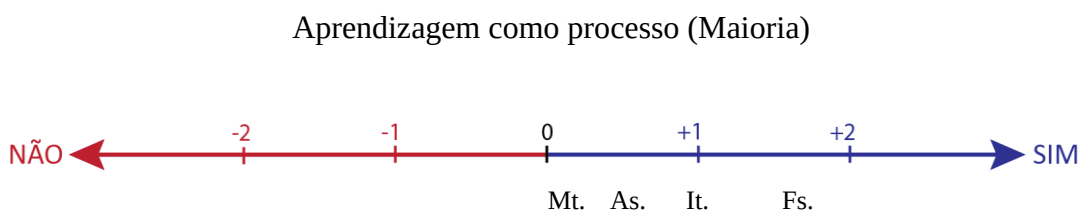


Figura 3, a dimensão da aprendizagem como processo, posição da maioria

Modelo da assimilação: a cultura maioritária está a aprender algumas características culturais da minoria, mais do que no modelo multicultural porque este último suspende a interação intercultural. Na cultura maioritária, as características culturais da minoria poderão sofrer reinterpretação nas suas funções e significados. Contudo, enquanto, resultado as características culturais da minoria irão ser reportados como pertencendo à cultura maioritária.

Modelo multicultural: poderá suceder o mesmo do que no modelo da assimilação, uma vez que a maioria poderá aprender algumas características culturais da minoria, porém estas serão reportadas como pertencendo à cultura da minoria devido à política da separação cultural típica do modelo ou irão ser reportadas como sendo parte da sociedade alargada. Em futuras investigações, a sociedade alargada deverá ser definida: será que o domínio institucional se

encontra separado ou, pelo contrário, permite misturas? Será que a sociedade alargada é apenas a cultura da maioria, por exemplo, a anglo-saxónica? Será a sociedade alargada o domínio institucional, tal como no modelo intercultural?

O modelo de fusão: a maioria está a intervir na cultura da minoria, mas também se encontra a aprender a mesma, sendo que reporta as características culturais da minoria na cultura emergente.

Modelo intercultural: ao nível privado ou individual o modelo intercultural poderá implicar interação intercultural, uma vez que neste nível ou domínio é aplicado o *laissez-faire* liberal. Assim sendo, a minoria poderá também manter a sua cultura. A maioria poderá aprender a cultura da minoria, misturando as culturas, porém isso não ocorre ao nível institucional. A principal questão que se levanta é como o nível privado ou individual poderá afetar o nível institucional, por exemplo, como as misturas culturais ocorridas no nível privado, em França, poderão estar a alterar a cultura da República Francesa.

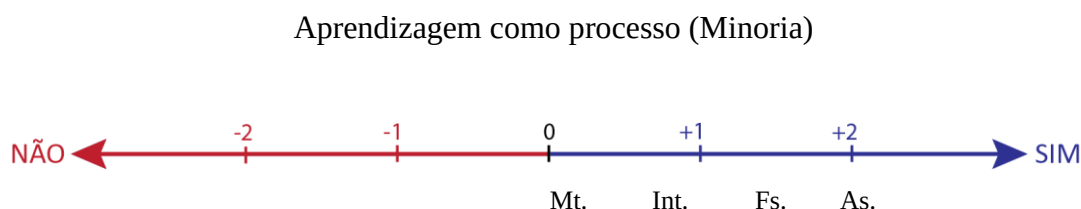


Figura 3.1, a dimensão da aprendizagem como processo, posição da minoria

Modelo da assimilação: no modelo da assimilação o processo de aprendizagem da minoria é muito intenso. O processo da adaptação e as exigências da aprendizagem são muito elevadas no modelo da assimilação. O modelo aparece com um valor positivo no eixo, tendo o valor mais elevado. Contudo, o processo ocorre em diferentes domínios, gradualmente, e com grandes possibilidades de se assistir a reinterpretação cultural. Como a cultura da minoria não desaparece, uma nova cultura emerge e a cultura da minoria poderá estar separada, misturando algumas características culturais. A maioria poderá perceber essas características como apenas pertencendo à cultura minoritária.

Modelo multicultural: a minoria está a aprender algumas características culturais da maioria. Contudo, mantém a sua própria cultura. O afirmado pode ser aplicado aos fluxos migratórios recentes, porém tendo em conta as minorias previamente existentes, os quais estão a viver no mesmo espaço do que a maioria durante gerações, o processo de aprendizagem poderá não ocorrer devido à separação cultural ou a aprendizagem ocorreu há várias gerações passadas, portanto a aprendizagem ocorreu antes. Porém existe espaço para a reinterpretação cultural e para a reação cultural perante as influências externas. A identidade étnica da minoria pode surgir através duma reação afirmativa, o qual poderá conduzir até à aprendizagem, até à recriação da primeira cultura, a qual, em qualquer caso, será uma cultura de misturas. Na literatura dominante existe uma confusão entre aculturação, enculturação (informal) e socialização (formal) face às minorias existentes há várias gerações. Estarão ambas as culturas a partilhar a cultura da separação cultural?

Modelo de fusão: obtém o valor mais elevado devido às misturas culturais, sendo que a interação estão a permitir a aprendizagem da minoria. Contudo, esse grupo cultural pode fazer reinterpretação, o qual poderá não pertencer à nova cultura emergente, mas apenas estar apartada da cultura dominante, a qual poderá, no entanto, ser reportada, por exemplo, a cultura religiosa animista do Brasil. Contudo, é uma cultura de misturas. No eixo apenas o modelo da assimilação obtém níveis mais elevados porque as exigências de aprendizagem são mais elevadas neste modelo e porque o modelo da fusão implica alguma manutenção cultura da minoria no interior da cultura misturada.

Modelo intercultural: o valor da aprendizagem da minoria é mais elevado do que no modelo multicultural, sendo mais baixo do que nos outros dois modelos devido à interação ao nível privado ou individual, mas, sobretudo, porque a minoria deve aprender a cultura da maioria ao nível público. Comparando o modelo intercultural com o modelo multicultural, a minoria é mais recente, não existem minorias prévias que apresentem grandes diferenças e não existe uma cultura de separação cultural prévia.

Manutenção como um processo (Maioria)

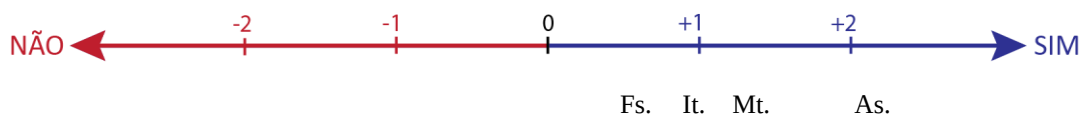


Figura 4, a dimensão da manutenção como processo, posição da maioria

Modelo da assimilação: a manutenção cultural da maioria é a mais elevada do que nos restantes modelos porque a relação é assimétrica. Contudo, a maioria poderá aprender algumas características culturais da minoria, mudando a sua cultura, misturando alguns domínios, os quais não serão reportados porque a minoria é esperada desaparecer. Assim sendo, no eixo irá aparecer como sendo positivo, próximo do valor 2.

Modelo multicultural: a maioria está a manter a sua cultura, mas num valor mais baixo do que no modelo da assimilação e mais elevado do que no intercultural devido à “política” da separação cultural. O valor no eixo deve aparecer com um valor mais baixo do que no eixo enquanto resultado, uma vez que existem algumas mudanças.

Modelo de fusão: a cultura da maioria está a mudar, sendo este o único caso. A maioria poderá prevalecer sobre a minoria, aparecendo como um valor positivo. Contudo, se a relação de poder entre os dois grupos for assimétrica, a maioria estará a manter algumas características ao nível institucional ou na cultura emergente e irá reportar as misturas de forma separada, permitindo, no entanto, a diversidade cultural.

Modelo intercultural: a cultura da maioria está a manter a sua cultura num valor mais baixo do que no modelo multicultural, devido à existência de interação e de misturas aos níveis privado e individual. Portanto, alguns domínios culturais estão a mudar. A dimensão da manutenção cultural como um processo detém um valor mais elevado de manutenção do que enquanto resultado.

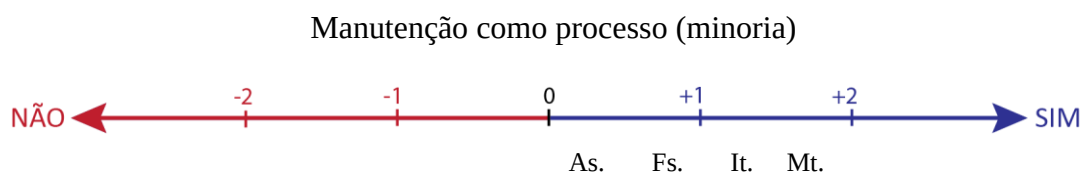


Figura 4.1, a dimensão da manutenção como processo, posição da minoria

Modelo da assimilação: enquanto resultado esperado não existe manutenção cultural. Contudo, enquanto processo as culturas estão a manter a relação intercultural e o valor no eixo está próximo do zero, sendo que a minoria poderá manter algumas características culturais, porém a manutenção cultural da minoria será diferente consoante os domínios.

Modelo multicultural: existe manutenção cultural em ambos os eixos. Contudo, enquanto processo existe menos manutenção cultural do que como resultado porque a cultura da minoria está a mudar devido à adaptação cultural face à cultura maioritária.

Modelo de fusão: enquanto processo existe mais manutenção cultural na cultura minoritária, aparecendo no eixo com um valor positivo, a mistura de características culturais poderá ser entendida como manutenção cultural, aproximando o modelo multicultural do modelo de fusão, contudo a relação entre manutenção, misturas e as consequentes mudanças será distinta consoante os domínios.

Modelo intercultural: existe menos manutenção cultural do que no modelo multicultural. Contudo, o valor no eixo é positivo porque a adaptação cultural apenas é exigida ao nível público e ao nível privado poderá existir manutenção ou misturas culturais, sendo que ao nível institucional a minoria não interage com a maioria.

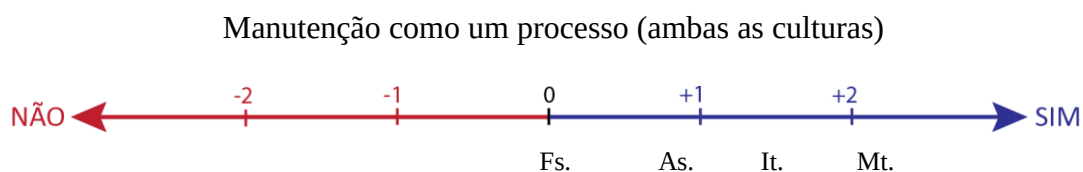


Figura 4.2, a manutenção cultural como processo em ambas as culturas

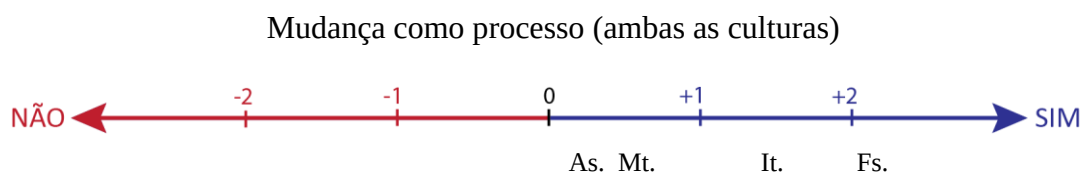


Figura 4.3, a mudança cultural como processo em ambas as culturas

Modelo da assimilação: é o modelo que muda menos. Contudo, ambas as culturas estão a mudar, incluindo a maioria porque esta aprende algumas características culturais da cultura minoritária. Devido à característica cultural da separação cultural, a cultura minoritária poderá manter-se ao longo de várias gerações, acabando por permitir interação cultural, tal como ocorreu nos E.UA. Assim sendo, a maioria poderá aprender algumas características culturais da minoria. Porém, enquanto processo as misturas ou as características culturais da minoria irão ser reportadas como pertencendo à cultura da maioria. Comparando com o eixo enquanto processo com o eixo da dimensão enquanto resultado o primeiro implica mais mudanças.

Modelo multicultural: ambas as culturas estão a mudar mais do que no modelo da assimilação, mas menos do que no modelo intercultural e ainda menos do que na fusão. A diferença face ao modelo de assimilação é pequena porque ambos os modelos estão a partilhar a característica da separação cultural. A maioria é relutante em aprender algumas características culturais da minoria mediante a interação intercultural. Contudo, como a relação intercultural permanece no tempo a interação intercultural faz com que algumas características se misturem. O modelo multicultural como um processo muda imenso, comparando-o com o eixo enquanto resultado.

Modelo de fusão: ambas as culturas estão a mudar, mas a maioria poderá prevalecer em alguns domínios na cultura emergente, conduzindo, no entanto, até à diversidade cultural.

Modelo intercultural: ambos as culturas estão a mudar, mas apenas nos níveis privado e individual. No eixo o valor está colocado antes do modelo de fusão. O modelo é o segundo com mais mudanças em ambas as culturas. Coloca-se a questão de como a interação nos níveis individual e privado poderão mudar o nível institucional, por exemplo, tal como sucede em França.

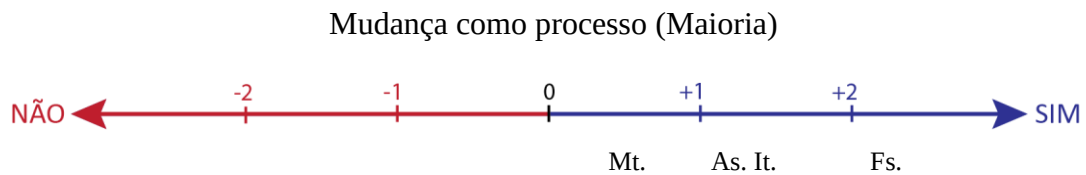


Figura 4.4, a mudança cultural como processo, posição da maioria

Modelo da assimilação: a maioria está a mudar porque aprende, retendo algumas características culturais da cultura minoritária, as quais não irão ser reportadas enquanto resultado.

Multicultural modelo: o modelo multicultural obtém o nível mais baixo de mudanças no processo de aculturação. O modelo muda menos do que o modelo da assimilação porque a política de separação cultural suspende a interação.

Modelo da fusão: a maioria no modelo de fusão ganha os valores mais elevados de mudanças, a qual tem lugar em diversos domínios. Contudo, se a relação for muito assimétrica, a cultura institucional será a mesma ou irá corresponder à cultura da maioria, sendo pois que a cultura emergente estará separada em alguns domínios, tendo em conta a diversidade interna da cultura emergente, por exemplo, na religião, na comida ou nas tradições brasileiras.

Modelo intercultural: a maioria no modelo intercultural está a mudar, tomando o valor mais elevado, após o modelo da fusão. A cultura da maioria poderá mudar a nível individual ou a nível privado. Será interessante verificar como o nível privado ou o individual poderão mudar os domínios públicos e institucionais, por exemplo, em França.

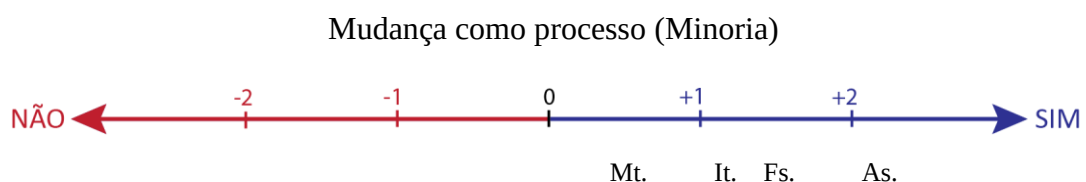


Figura 4.5, a mudança cultural como processo, posição da minoria

Modelo da assimilação: na cultura minoritária, durante o processo de aculturação, assiste-se ao valor mais elevado de mudanças de entre os modelos em quase todos os domínios, mas as mudanças têm lugar em diferentes tempos ou etapas, tal como Gordon afirmou.

Modelo multicultural: toma o valor mais baixo de interação dos modelos porque a separação cultural permite uma interação baixa e implica manter ambas os legados culturais, incluindo a cultura da maioria e não apenas da minoria.

Modelo de fusão: a cultura da minoria ganha um valor de mudanças mais baixo do que no modelo da assimilação porque algumas das características minoritárias estão a ser misturadas na cultura emergente, as quais poderão ser reportadas como estando separadas da cultura majoritária. Assim sendo, a cultura da minoria não está a esquecer a sua própria cultura, tal como sucede no modelo da assimilação, sendo que, talvez, algumas características culturais podem manter-se separadas. Contudo, elas irão misturar-se ou mudar.

Modelo intercultural: A cultura da minoria ganha mais mudanças do que no modelo multicultural devido à possibilidade de interação e às misturas ao nível privado ou individual e porque a minoria deve fazer adaptação cultural face à cultura da maioria ao nível público (nas escolas ou ao nível laboral). Algumas características minoritárias como as normas, a religião poderão, no entanto permanecer inalteradas, sendo que a aprendizagem apenas ocorrerá ao nível privado.

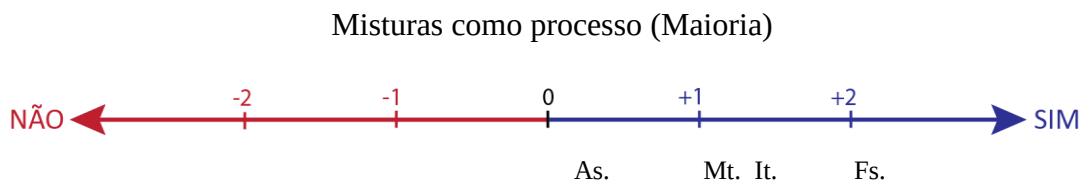


Figura 5, a dimensão das misturas como processo, posição da maioria

Modelo da assimilação: a cultura majoritária está colocada próxima do zero no eixo, sendo, no entanto, positiva. Contudo, no caso do genocídio ou da segregação as misturas poderão não acontecer. Apesar da elevada apreensão acerca da sua mudança cultural, dos constrangimentos sociais impostos e da não preferência cultural pela cultura da minoria, a

maioria poderá tomar características culturais da minoria devido a permanência da interação intercultural com a minoria ao longo de várias gerações.

Modelo multicultural: o modelo intercultural está colocado no eixo após o modelo da assimilação, aparecendo como positivo, porém num nível reduzido. Se a separação cultural não for suficiente para separar ambos os grupos, o contato continuado irá permitir interação e, assim dispondo, algum nível de misturas na cultura da maioria. Tal como no modelo da assimilação, as características culturais da minoria irão ser reportadas como pertencendo à cultura da maioria ou à sociedade alargada. Será a sociedade alargada partilhada por ambas as culturas ou será que corresponde à cultura da maioria?

Modelo de fusão: a maioria toma o valor mais elevado de misturas por entre os modelos. Contudo, a cultura emergente poderá ser dominada pela cultura maioritária. As características da minoria poderão irromper em alguns domínios, misturados com a maioria ou esta poderá permitir a mistura de características culturais, conduzindo até à diversidade cultural.

Modelo intercultural: poderá ser o modelo com o valor mais elevado de misturas, após o modelo de fusão porque a maioria está a manter e é apreensiva com as suas mudanças ao nível institucional. Contudo, ao nível privado ou individual ambas as culturas poderão misturar características culturais porque existe interação ao nível privado ou individual.

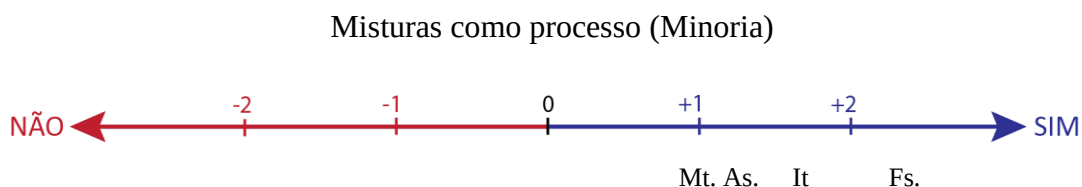


Figura 5.1, a dimensão das misturas como processo, posição da minoria

Modelo da assimilação: o modelo poderá reportar valores mais elevados de misturas do que o modelo multicultural, até porque implica um grande esforço de adaptação da cultura minoritária, sendo que, entretanto, a minoria não alcança a assimilação. A minoria mistura

características culturais em diversos domínios, incluindo nas características centrais, tal como a religião.

Modelo multicultural: é o modelo com o valor mais baixo de misturas na cultura minoritária devido à separação cultural. Contudo, uma vez que existe interação intercultural (diferentes culturas a conviverem no mesmo espaço) algum nível de misturas está a ocorrer ou porque a maioria está a impor características culturais ao nível institucional, sendo ainda que a minoria faz adaptação cultural.

Modelo de fusão: é o modelo com o nível mais elevado de misturas culturais. Contudo, a minoria poderá manter algumas características culturais, misturando-as com a cultura maioritária, fazendo uma nova cultura, a qual poder ser avaliada de modo positivo pela maioria ou estar separada, sendo possível que ambos os fenómenos ocorrerem em simultâneo. A nova cultura poderá demorar gerações a fazer-se e a cultura da maioria poderá prevalecer sobre a minoria.

Modelo intercultural: as misturas ocorrem porque o nível privado ou individual não é abrangido pela adaptação pública e pela manutenção cultural da maioria a nível institucional. No entanto, a minoria devido à política liberal ao nível privado poderá também manter o seu legado cultural. No caso da minoria será interessante notar como a adaptação pública poderá alterar aspetos do domínio privado ou individual.

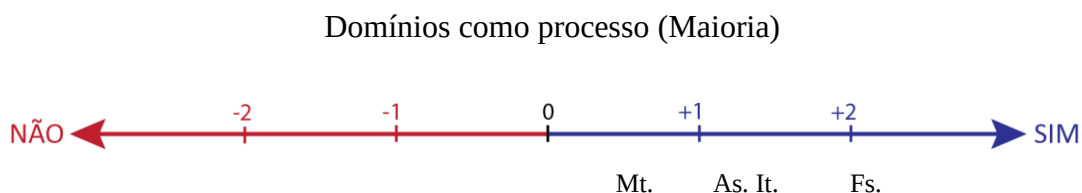


Figura 6, a dimensão dos domínios como processo, posição da maioria

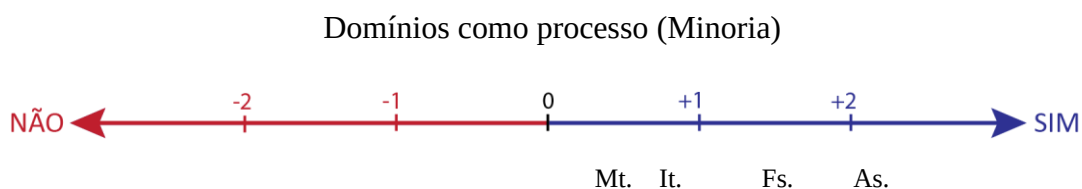
Modelo da assimilação: na maioria dominante, como a interação se mantém ao longo do tempo, ambas as culturas estão a partilhar alguns domínios. Apenas no caso de total não interação ou segregação ou ainda de genocídio a maioria não irá partilhar qualquer domínio

com a minoria. Enquanto resultado o eixo aparece com um valor muito negativo, contudo enquanto processo os domínios estão a mudar e são partilhados.

Modelo multicultural: a maioria ganha o valor mais baixo de domínios partilhados devido à separação cultural e à existência da sociedade alargada. A característica cultural da separação cultural atua como uma condição prévia, não permitindo interação e a partilha de domínios. Torna-se necessário clarificar em que consiste a sociedade alargada: será uma mistura ou as culturas estarão separadas ou será que é apenas um ponto de encontro para as diferentes culturas, ou será ainda que apenas contém as características da cultura dominante. Comparando o eixo enquanto resultado com o do processo, o modelo ganha um valor positivo. Enquanto processo é o modelo que muda menos ou que partilha menos domínios, menos ainda do que o modelo da assimilação.

Modelo de fusão: a maioria poderá mudar em todos os domínios, emergindo uma nova cultura, implicando a não existência de apreensões acerca das mudanças culturais próprias. Contudo, muitas vezes, nos domínios fundamentais a maioria prevalece, não partilhando características com a minoria.

Modelo intercultural: existe interação e misturas ao nível privado ou individual com a minoria. A adaptação pública da minoria e as possíveis de misturas ao nível privado ou individual estão a implicar interação e ainda partilhar características culturais. Contudo, ao nível institucional não há partilha, pois este domínio pertence apenas à maioria. A República Francesa é o exemplo do afirmado.



Figura, 6.1, a dimensão dos domínios como processo, posição da minoria

Modelo da assimilação: a cultura da minoria deve fazer um grande esforço para fazer adaptação cultural face à cultura da maioria, o que implica mudar alguns domínios, ao mesmo tempo, mas em diferentes tempos. No eixo toma o valor mais elevado.

Modelo multicultural: a cultura minoritária toma o valor mais baixo de mudanças e de partilha de demónios aculturativos devido à separação cultural e à cultura da manutenção cultural.

Modelo de fusão: a minoria está a misturar e a partilhar características culturais em quase todos os domínios, mudando a sua própria cultura. No eixo apenas a assimilação ganha um valor mais elevado do que o modelo de fusão, pois a adaptação da minoria não é tão elevada e pode existir alguma manutenção cultural.

Modelo intercultural: a minoria faz adaptação cultural ao nível público e pode misturar características culturais ao nível individual e privado. Contudo, não irá partilhar o nível institucional porque este pertence à cultura da maioria.

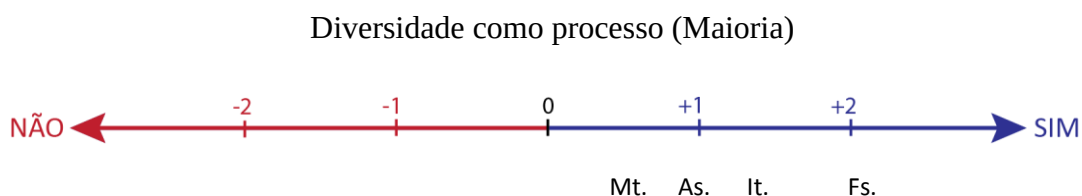


Figura 7, a dimensão da diversidade como processo, posição da maioria

Modelo da assimilação: como a maioria está a aprender algumas características culturais da minoria, a assimilação enquanto processo permite diversos resultados em vários domínios.

Modelo multicultural: obtém o valor mais baixo de resultados diversos no eixo devido à cultura de separação cultural e ainda devido à manutenção cultural da maioria. Torna-se necessário definir o que é a sociedade alargada, no sentido de definir a relação intercultural no modelo multicultural.

Modelo de fusão: a maioria está a mudar em vários domínios, inclusivamente, numa relação assimétrica de poder e está a obter os valores mais elevados de resultados diversos.

Modelo intercultural: a maioria permite diversos resultados no domínio privado ou individual, sendo por isso o modelo com o valor mais elevado, após o modelo da fusão.

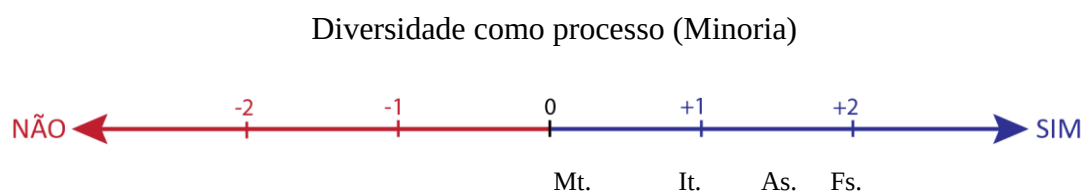


Figura 7.1, a dimensão da diversidade como processo, posição da minoria

Modelo assimilação: a minoria obtém valores mais elevados do que o modelo multicultural e do que o intercultural. A minoria está a mudar em diversos domínios porque necessita de realizar adaptação cultural. Assim sendo, a minoria obtém resultados diversos e diversidade interna.

Modelo multicultural: a minoria obtém o nível mais baixo de resultados diversos devido à separação cultural e devido à escassa interação intercultural. O processo de adaptação apenas funciona no domínio público.

Modelo de fusão: obtém o valor mais elevado, a minoria está a fazer misturas e a acrescentar características culturais.

Modelo intercultural: permite diversidade ao nível individual e privado. A minoria poderá manter a sua cultura ou misturar a mesma.

Dinâmico como processo



Figura 8, a dimensão do dinamismo como processo

Modelo da assimilação: a assimilação da minoria na cultura da maioria implica um processo dinâmico. Assim sendo, no modelo da assimilação a maioria poderá obter características culturais da minoria, contudo, isso não irá ser reportado enquanto resultado esperado no futuro.

Modelo multicultural: é o modelo com o valor mais baixo. A cultura da separação cultural mantém-se ao longo do tempo, permitindo a interação entre os grupos culturais diferentes. O processo poderá ser semelhante ao intercultural porque a sociedade alargada poderá ser semelhante à cultura institucional da maioria.

Modelo fusão: o modelo enquanto processo implica um ponto de vista dinâmico, sendo o único caso em que não se altera enquanto processo quando comparado com o eixo enquanto resultado.

Modelo intercultural: o modelo implica uma característica dinâmica devido à interação e às misturas nos domínios privados e individuais, sendo que existe adaptação cultural no domínio público. Como a cultura institucional da maioria poderá mudar com a interação e as misturas ao nível individual é a questão fundamental a colocar.

Apreensões éticas como processo (Maioria)

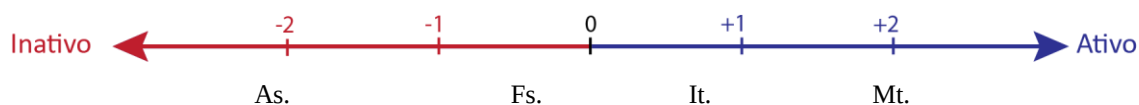


Figura 9, a dimensão das apreensões éticas como processo, posição da maioria

Modelo da assimilação: o modelo ganha o valor mais baixo de apreensões éticas, inclusivamente, se a minoria desejar ser assimilada porque existe imposição cultural e a minoria irá desaparecer durante o processo.

Modelo multicultural: o modelo ganha o valor mais elevado de apreensões éticas. Em termos históricos, o modelo aparece depois do movimento dos direitos civis. Assim sendo, após a atividade da minoria, a qual redefiniu a sua cultura, desafiando a cultura da maioria, a cultura anglo-saxónica desistiu da possibilidade da assimilação, reassumindo, no entanto, a não preferência pela cultura da minoria e a não preferência pela interação ou pelas misturas culturais com a minoria.

Modelo de fusão: o valor da interação e das misturas interculturais é elevado. A relação de poder não é equilibrada. Assim sendo, a cultura da maioria prevalece, mudando quase que por completo a cultura da minoria. A cultura da maioria poderá prevalecer no domínio institucional, tal como sucede no Brasil. A relação dependerá do nível de apreensão com as mudanças culturais da maioria.

Modelo intercultural: a posição do modelo está próxima do modelo multicultural. No modelo intercultural apenas se assiste à separação cultural no domínio institucional. Portanto, as apreensões éticas são mais baixas do que no modelo multicultural. Porém o modelo aparece com um valor positivo no eixo.